TRATADO

DESCRIPTIVO DO BRAZIL

EM 1587,

OBRA DE

GABRIEL SOARES DE SOUZA,

Senhor de engenho da Bahia, n'ella residente dezesete annos, seu vereador da Camara, etc.

Edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brazil, em Portugal, Hespanha e França, e accrescentada de alguns commentarios á obra por Francisco Adolpho de Varnhagen.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B.

Acha-se de venda e admittem-se subscripções unicamente na loja de Paula Brito, Praça da Constituição n.º 64.

1851

Em virtude da resolução da Mesa Administrativa, será considerado fraudulentamente vendido ou adquirido todo o exemplar que, nesta pagina não esteja devidamente carimbado com o timbre do Instituto.

INSTITUTO HISTORICO

AO

INSTITUTO HISTORICO DO BRAZIL.

SENHORES.

Sabeis como a presente obra de Gabriel Soares, talvez a mais admiravel de quantas em portuguez produziu o seculo quinhentista, prestou valiosos auxilios aos escriptos do padre Cazal e dos contemporaneos Southey, Martius e Denis, que d'ella fazem menção com elogios não equivocos.

Sabeis tambem como as *Reflexões criticas* que sobre essa obra escrevi, foram as primicias que offereci ás lettras, por intermedio da Academia das Sciencias de Lisboa que se dignou, ao acolhe-las no corpo de suas memorias, contar-me nos do seu gremio. Sabeis como aquella obra corria espuria, pseudonyma e cor-

rompida no titulo e na data, quando as *Reflexões criticas* lhe restituiram genuinidade de doutrina e legitimidade de autor e de titulo, e lhe fixaram a verdadeira idade. Sabereis, finalmente, como nada tenho poupado para restaurar a obra que por si constitue um monumento levantado pelo colono Gabriel Soares á civilisação, colonisação, lettras e sciencias do Brazil em 1587.

Essa restauração dei-a por em quanto por acabada; e desde que o Sr. Ferdinand Denis a inculcou ao publico europêo, com expressões tão lisongeiras para um de vossos consocios, creio que devemos corresponder a ellas provando nossos bons desejos, embora a realidade do trabalho não vá talvez corresponder á expectativa do illustre escriptor francez quando disse: « Ce beau livre.... a été l'objet d'une.... (permitti-me, senhores, calar o epitheto com que me quiz favorecer).... dissertation de M. Adolfo de Varnhagen. Le.... écrivain que nous venons de nommer a soumis les divers manuscrits de Gabriel Soares à un sérieux examen, il a vu même celui de Paris, et il est le seul qui puisse donner aujourd'hui une édition correcte de cet admirable traité, si précieux pour l'empire du Brésil. »

Sem me desvanecer com as expressões lisongeiras que acabo de transcrever do benevolo e elegante escriptor, não deixo de me reconhecer um tanto habilitado a fazer-vos a proposta que hoje vos faço de imprimirdes o codice que offereço.

Não ha duvida, senhores, que foi o desejo de ver o exemplar da Bibliotheca de Paris o que mais me levou

a essa capital do mundo litterario em 1847. Não ha duvida que, além d'este codice, tive eu occasião de examinar uns vinte mais. Vi tres na Bibliotheca Eborense, mais tres na Portuense, e outros na das Necessidades em Lisboa. Vi mais dous exemplares existentes em Madrid: outro mais que pertenceu ao convento da congregação das Missões e tres da Academia de Lisboa, um dos quaes serviu para o prélo, outro se guarda no seu archivo, e o terceiro na livraria conventual de Jesus. Igualmente vi tres copias de menos valor que ha no Rio de Janeiro (uma das quaes chegou a estar licenciada para a impressão); a avulsa da collecção de Pinheiro na Torre do Tombo, e uma que em Neuwied me mostrou o velho principe Maximiliano, a quem na Bahia fôra dada de presente. Em Inglaterra deve seguramente existir, pelo menos, o codice que possuiu Southey; mas foram inuteis as buscas que ahi fiz após elle, e no Museu Britannico nem se quer encontrei noticia de algum exemplar.

Nenhum d'aquelles codices porém é, a meu ver, o original; e baldados foram todos meus esforços para descobrir este, seguindo as indicações de Nicoláo Antonio, de Barbosa, de Leon Pinelo e de seu addicionador Barcia. Na Bibliotheca de Christovam de Moura, hoje existente em Valencia e pertencente ao Principe Pio, posso assegurar-vos que não existe elle, pois que, graças á bondosa amizade d'este cavalheiro, me foi permittido desenganar-me por meu proprio exame. A livraria do conde de Villa-Umbrosa guarda-se incom-

municavel na ilha de Malhorca, e não ha probabilidade de que quando n'ella se ache ainda o codice que menciona Barcia, possa elle ser o original. A do conde de Vimieiro foi consumida pelas chammas, as quaes póde muito bem ser que devorassem os quadernos originaes do punho do nosso colono.

Graças porém ás muitas copias que nos restam—a uma das de Evora sobretudo, creio poder dar no exemplar que vos offereço o monumento de Gabriel Soares, tão correcto quanto se poderia esperar sem o original, em quanto o trabalho de outros e a discussão não o aperfeiçoem ainda mais, como terá de succeder.

Acerca do autor talvez que o tempo fará descobrir na Bahia mais noticias. Era filho de Portugal, passou á Bahia em 1570, fez-se senhor de engenho e proprietario de roças e fazendas em um sitio entre o Jaguaripe e o Jequiriçá. Voltando á Peninsula dirigiu-se a Madrid, onde estava no 1.° de Março de 1587, em que offertou seu livro a Christovam de Moura por meio da seguinte carta:

« Obrigado de minha curiosidade fiz, por espaço de 17 annos que residí no Estado do Brazil, muitas lembranças por escripto do que me pareceu digno de notar, as quaes tirei a limpo n'esta côrte em este quaderno, emquanto a dilação de meus requerimentos me deu para isso logar; ao que me dispuz entendendo convir ao serviço de El-Rei nosso Senhor, e compadecendo-me da pouca noticia que n'estes reinos se tem das grandezas e estranhezas d'esta provincia, no que

anteparei algumas vezes movido do conhecimento de mim mesmo, e entendendo que as obras que se escrevem tem mais valor que o da reputação dos autores d'ellas.

« Como minha tenção não foi escrever historia que deleitasse com estylo e boa linguagem, não espero tirar louvor d'esta escriptura e breve relação (em que se contém o que pude alcançar da cosmographia e descripção d'este Estado), que a V. S. offereço; e me fará mercê acceital-a, como está merecendo a vontade com que a offereço; passando pelos desconcertos d'ella, pois a confiança disso me fez suave o trabalho e tempo que em a escrever gastei: de cuja substancia se podem fazer muitas lembranças a S. M. para que folgue de as ter d'este seu Estado, a que V. S. faça dar a valia que lhe é devida; para que os moradores d'elle roguem a Nosso Senhor guarde a mui illustre pessoa de V. S. e lhe accrescente a vida por muitos annos. Em Madrid o 1.° de Março de 1587.—*Gabriel Soares de Souza.* »

Para melhor intelligencia das doutrinas do livro acompanho esta copia dos commentos que vão no fim. Preferi este systema ao das notas marginaes inferiores, que talvez seriam para o leitor de mais commodidade; porque não quiz interromper com a minha mesquinha prosa essas paginas venerandas de um escriptor quinhentista. Abstive-me tambem da tarefa, aliás enfadonha para o leitor, de acompanhar o texto com variantes que tenho por não legitimas.

Esta obra, doze annos depois, já existia em Portugal

ou por copia ou em original; e em 1599 a cita e copía Pedro de Mariz na segunda edição de seus *Dialogos*. Mais tarde copiou d'ella Fr. Vicente de Salvador e por conseguinte o seu confrade Fr. Antonio Jaboatão. Simão de Vasconcellos aproveitou do capitulo 40 da 1.ª parte as suas Noticias 51 a 55, e do capitulo 70 a Noticia 66.

Assim, se vós o resolverdes, vai finalmente correr mundo, de um modo condigno, a obra de um escriptor de nota. Apesar dos grandes dotes do autor, que o escripto descobre, apesar de ser a obra tida em conta, como justificam as muitas copias que d'ella se tiraram, mais de dous seculos correram sem que houvesse quem se decidisse a imprimil-a na integra. As mesmas copias por desgraça foram tão mal tiradas que disso proveio que o nome do autor ficasse esgarrado, o titulo se trocasse e até na data se commettessem enganos!

Pêze-nos ver nos tristes azares d'este livro mais um desgraçado exemplo das injustiças ou antes das infelicidades humanas. Se esta obra se houvesse impresso pouco depois de escripta, estaria hoje tão popular o nome de Soares como o de Barros. O nosso autor é singelo, quasi primitivo no estylo, mas era grande observador, e, ao ler o seu livro, vos custa a descobrir se elle, com estudos regulares, seria melhor geographo que historiador, melhor botanico que corographo, melhor ethnographo que zoologo.

Em 1825 realisou a tarefa da primeira edição com-

pleta a Academia de Lisboa; mas o codice de que teve de valer-se foi infelizmente pouco fiel, e o revisor não entendido na nomenclatura das cousas da nossa terra. Ainda assim muito devemos a essa primeira edição: ella deu publicameute importancia ao trabalho de Soares, e sem ella não teriamos tido occasião de fazer sobre a obra os estudos que hoje nos fornecem a edição que proponho, a qual, mais que a mim, a deveis á corporação vossa co-irmãa, a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Madrid, 1.° de Março de 1851.

F. A. de Varnhagen.

PRIMEIRA PARTE.

ROTEIRO GERAL

COM LARGAS INFORMAÇÕES DE TODA A COSTA DO BRAZIL.

PROEMIO.

Como todas as cousas tem fim, convém que tenham principio, e como o de minha pretenção é manifestar a grandeza, fertilidade e outras grandes partes que tem a Bahia de todos os Santos e o demais Estado do Brazil, do que se os Reis passados tanto se descuidaram; a El-Rei nosso Senhor convém, e ao bem do seu serviço, que lhe mostre, por estas lembranças, os grandes merecimentos d'este seu Estado, as qualidades e estranhezas d'elle, etc.; para que lhe ponha os olhos e bafeje com seu poder; o qual se engrandeça e estenda a felicidade, com que se engrandeceram todos os estados que reinam debaixo da sua protecção; porque está muito desamparado depois que El-Rei D. João III passou d'esta vida para a eterna, o qual o principiou com tanto zelo, que para o engrandecer metteu n'isso tanto cabedal, como é notorio, o qual se vivêra mais dez annos, deixára n'elle edificadas muitas cidades, villas e fortalezas mui populosas, o que se não effeituou depois do seu fallecimento, antes se arruinaram algumas povoações que em seu tempo se fizeram. Em reparo e accrescentamento estará bem empregado todo o cuidado que Sua Magestade mandar ter d'este novo reino; pois está capaz para se edificar n'elle um grande imperio, o qual com pouca despeza d'estes reinos se fará tão soberano, que seja um dos estados

do mundo, porque terá de costa mais de mil leguas, como se verá por este Tratado no tocante á cosmographia d'elle, cuja terra é quasi toda muito fertil, mui sadia, fresca e lavada de bons ares, e regada de frescas e frias aguas. Pela qual costa tem muitos, mui seguros e grandes portos, para n'elles entrarem grandes armadas com muita facilidade; para as quaes tem mais quantidade de madeira que nenhuma parte do mundo, e outros muitos apparelhos para se poderem fazer.

E' esta provincia mui abastada de mantimentos de muita substancia e menos trabalhosos que os de Hespanha. Dão-se n'ella roi[illegible] carnes, assim naturaes d'ella, como das de Portugal, e maravilhosos pescados; onde se dão melhores algodões que em outra parte sabida, e muitos assucares tão bons como na ilha da Madeira. Tem muito páo-de que se fazem as tintas. Em algumas partes d'elle se dá trigo, cevada, e vinho muito bom, e em todas todos os fructos e sementes de Hespanha, do que haverá muita quantidade, se Sua Magestade mandar prover n'isso com muita instancia, e no descobrimento dos metaes que n'esta terra ha; porque lhe não falta ferro, aço, cobre, ouro, esmeraldas, cristal e muito salitre, e em cuja costa sahe do mar todos os annos muito e bom ambar; e de todas estas e outras podiam vir todos os annos a estes reinos em tanta abastança, que se escusem os que vem a elles dos estrangeiros, o que se póde facilitar sem Sua Magestade metter mais cabedal n'este Estado que o rendimento d'elle nos primeiros annos; com o que o póde mandar fortificar e prover do necessario a sua defensão; o qual está hoje em tamanho perigo, que se n'isso cahirem os cossarios, com mui pequena armada se senhorearáõ d'esta provincia por razão de não estarem as povoações d'ella fortificadas, nem terem ordem com que possam resistir a qualquer affronta que se offerecer; do que vivem os moradores d'ella tão atemorisados, que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o matto, como fazem com a vista de qualquer náu grande, temendo-se serem corsarios; a cuja affronta Sua Magestade deve mandar acudir com muita brevidade; pois ha Perigo na tardança, o que não convém que haja; porque se os estran-

geiros se apoderarem d'esta terra custará muito lançal-os fóra d'ella, pelo grande apparelho que tem para n'ella se fortificarem, com o que se inquietará toda Hespanha, e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões de ouro em armadas e no apparelho d'ellas, ao que agora se póde atalhar acudindo-lhe com a presteza devida. Não se crê que Sua Magestade não tenha a isto por falta de providencia, pois lhe sobeja para as maiores emprezas do mundo, mas de informação do sobredito, que lhe não tem dado quem d'isso tem obrigação. E como a eu tambem tenho de seu leal vassallo, satisfaço da minha parte com o que se contém n'este Memorial, que ordenei pela maneira seguinte.

CAPITULO I.

Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da provincia do Brazil, e como está arrumada.

A provincia do Brazil está situada além da linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ella a correr junto do rio que se diz das Amazonas; onde se principia o norte da linha da demarcação e repartição; e vai correndo esta linha pelo sertão d'esta provincia até 45 gráos, pouco mais ou menos.

Esta terra se descobriu aos 25 dias do mez de Abril de 1500 annos por Pedro Alvares Cabral, que n'este tempo ia por capitão-mór para a India por mandado de El-Rei D. Manoel, em cujo nome tomou posse d'esta provincia, onde agora é a capitania do Porto Seguro, no logar onde já esteve a ilha de Santa Cruz, que assim se chamou por se aqui arvorar uma muito grande, por mandado de Pedro Alvares Cabral, ao pé da qual mandou dizer, em seu dia, a 3 de Maio, uma solemne missa com muita festa, pelo qual respeito se chama a villa do mesmo nome, e a provincia muitos annos foi nomeada por de Santa Cruz e de muitos Nova Lusitania: e para solemnidade d'esta posse plantou este capitão no mesmo logar um padrão com as armas de Portugal, dos que trazia para o descobrimento da India, para onde levava sua derrota.

A estas partes foi depois mandado por S. A. Gonçalo Coelho com tres caravelas de armada, para que descobrisse esta costa, com as quaes andou por ellas muitos mezes buscando-lhe os portos e rios, em muitos dos quaes entrou, e assentou marcos dos que para este descobrimento levava; no que passou grandes trabalhos pela pouca experiencia e informação que se até então tinha de como a costa corria, e do curso dos ventos com que se navegava. E recolhendo-se Gonçalo Coelho com perda de dous navios, com as informações que pôde alcançar, as veio dar a El-Rei D. João o III, que já n'este tempo reinava, o qual logo ordenou outra armada de caravelas que mandou a estas conquistas, a qual entregou a Christovão Jacques, fidalgo da sua casa que n'ella foi por capitão-mór, o qual foi continuando no descobrimento d'esta costa, e trabalhou um bom pedaço sobre aclarar a navegação d'ella, e plantou em muitas partes padrões que para isso levava.

Contestando com a obrigação do seu regimento, e andando correndo a costa foi dar com a bocca da Bahia, a que pôz o nome de todos os Santos, pela qual entrou dentro, e andou especulando por ella todos os seus reconcavos, em um dos quaes, a que chamam o rio do Paraguassú, achou duas náos francezas que estavam ancoradas resgatando com o gentio, com as quaes se pôz ás bombardas, e as metteu no fundo; com o que se satisfez, e recolheu-se para o reino, onde deu suas informações a S. A., que com ellas, e com as primeiras e outras que lhe tinha dado Pero Lopes de Souza, que por esta costa tambem tinha andado com outra armada, ordenou de fazer povoar esta Provincia, e repartir a terra d'ella por capitães e pessoas que se offereceram a metter n'isso todo o cabedal de suas fazendas, do que faremos particular menção em seu logar.

CAPITULO II.

Em que se declara a repartição que fizeram os Reis catholicos de Castella com El-Rei D. João II de Portugal.

Para se ficar bem entendendo aonde demora, e se estende o Estado do Brazil, convém que em summa declaremos como se avieram os

Reis na repartição de suas conquistas, o que se fez por esta maneira. Os Reis catholicos de Castella, D. Fernando e D. Isabel, sua mulher, tinham começado de entender no descobrimento das Indias occidentaes e algumas ilhas, e porque esperavam de ir este descobrimento em tanto crescimento como foi, por atalharem as differenças que sobre isso se podiam offerecer, concertaram-se com El-Rei D. João o III de Portugal se fizesse uma repartição liquida, para cada um mandar conquistar para a sua parte livremente, sem escrupulo de se prejudicarem. E accordados os Reis d'esta maneira deram conta d'este concerto ao Papa, que além de o approvar, o louvou muito. E como tiveram o consentimento de Sua Santidade, ordenaram a repartição d'esta concordancia, fazendo baliza na ilha das do Cabo Verde, de barlavento mais occidental, que se entende a de Santo Antão, e contando d'ella 21 gráos e meio equinocciaes de dezesete leguas e meia cada gráo, e lançada d'aqui uma linha meridiana de norte sul, que ficassem as terras e ilhas que estavam por descobrir para a parte do oriente, da corôa de Portugal; e lançada esta linha mental como está declarado, fica o Estado do Brazil da dita corôa, o qual se começa além da ponta do rio das Amazonas da banda de oeste, pela terra dos Caribas, d'onde se principia o norte d'esta provincia, e indo correndo esta linha pelo sertão d'ella ao sul parte o Brazil e conquistas d'elle além da bahia de S. Mathias, por 45 gráos pouco mais ou menos, distantes da linha equinocial, e altura do pólo antartico, e por esta conta tem de costa mil e cincoenta leguas, como pelas cartas se póde ver segundo a opinião de Pedro Nunes, que n'esta arte atinou melhor que todos os do seu tempo.

CAPITULO III.

Em que se declara o principio d'onde começa a correr a costa do Estado do Brazil.

Mostra-se claramente, segundo o que se contém n'este capitulo atraz, que se começa a costa do Brazil além do rio das Amazona da banda de oeste pela terra que se diz dos Caribas do rio de Vicente Pinson. D'este rio de Vicente Pinson á ponta do rio

das Amazonas, a que chamam o cabo Corso, são quinze leguas, a qual ponta está debaixo da linha equinocial; d'esta ponta do rio á outra ponta da banda de leste são trinta e seis leguas. E ao mar doze leguas da bocca d'este rio estão ilhas, as quaes demoram em altura de um terço de gráo da banda do sul. Estas ilhas se mostram na carta mais chegadas á terra, o que é erro manifesto. N'estas ilhas ha boas portos para surgirem navios, mas para bem hão se de buscar de baixamar, nordeste-sudoeste, porque n'esta conjuncção se descobre melhor o canal. A este rio chama o gentio Mar doce por ser um dos maiores do mundo, o qual é muito povoado de gentio domestico e bem acondicionado, e segundo a informação que se d'este rio tem, vem do certão mais de mil leguas até o mar; pelo qual ha muitas ilhas grandes e pequenas quasi todas povoadas de gentio de differentes nações e costumes, e muito d'elle costuma pelejar com setas ervadas. Mas toda a gente que por estas ilhas vive, anda despida ao modo do mais gentio do Brazil e usam dos mesmos mantimentos e muita parte dos seus costumes; e na boca d'este rio, e por elle acima algumas leguas, com parte da costa da banda de leste, é povoado de Tapuias, gente branda e mais tratavel e domestica que o mais gentio que ha na costa do Brazil, de cujos costumes diremos ao diante em seu logar.

CAPITULO IV.

Em que se dão em summa algumas informações que se tem deste rio das Amazonas.

Como não ha cousa que se encubra aos homens que querem commetter grandes emprezas, não pôde estar encoberto este rio do mar doce ou das Amazona sao capitão Francisco de Arelhana que, andando na conquista do Perú em companhia do governador Francisco Pissarro, e indo por seu mandado com certa gente de cavallo descobrindo a terra, entrou por ella dentro tanto espaço que se achou perto do nascimento deste rio. E vendo-o tão caudaloso, fez junto d'elle embarcações, segundo o costume d'aquellas partes, em as quaes se embarcou com a gente que trazia e se veio por este rio abaixo em o qual se houveram de perder por levar grande furia e correnteza,

e com muito trabalho tornou a tomar porto em povoado; na qual jornada teve muitos encontros de guerra com o gentio e com um grande exercito de mulheres que com elle pelejaram com arcos e flechas, d'onde o rio tomou o nome das Amazonas. Livrando-se este capitão d'este perigo e dos mais por onde passou, veio tanto por este rio abaixo até que chegou ao mar; e d'elle foi ter a uma ilha que se chama a Margarita, d'onde se passou á Hespanha. Dando suas informações ao Imperador Carlos V, que está em gloria, lhe ordenou uma armada de quatro náos para commetter esta empreza, em a qual partiu do porto de São Lucar com sua mulher para ir povoar a boca d'este rio e o ir conquistando por elle acima, o que não houve effeito por na mesma boca d'este rio fallecer este capitão de sua doença, d'onde sua mulher se tornou com a mesma armada para Hespanha.

N'este tempo pouco mais ou menos andava correndo a costa do Brazil em uma caravella como aventureiro Luiz de Mello, filho do alcaide mór de Elvas, o qual, querendo passar a Pernambuco, desgarrou com o tempo e as aguas por esta costa abaixo, e vindo correndo a ribeira, entrou no rio do Maranhão, e n'este das Amazonas, de cuja grandeza se contentou muito; e tomou lingua do gentio, de cuja facilidade ficou satisfeito, e muito mais das grandes informações que na ilha da Margarita lhe deram alguns soldados, que ali achou, que ficaram da companhia do capitão Francisco de Arelhana, os quaes facilitaram a Luiz de Mello a navegação d'este rio, e que com pouco cabedal e trabalho adquirisse por elle acima muito ouro e prata. Do que movido Luiz de Mello, se veio á Hespanha e alcançou licença de El-Rei D. João III de Portugal para armar á sua custa e commetter esta empreza, para o que se fez prestes na cidade de Lisboa: e partiu do porto della com tres náos e duas caravellas, com as quaes se perdeu nos baixos do Maranhão, com a maior parte da gente que levava; e elle com algumas pessoas escaparam nos bateis e uma caravella em que foi ter ás Antilhas. E depois de este fidalgo ser em Portugal, se passou á India, onde acabou valerosos feitos: e vindo-se para o Reino muito rico e com tenção de tornar a commetter esta jornada, acabou no caminho em a náo S. Francisco que desappareceu sem até hoje se saber novas d'elle.

CAPITULO V.

Que declara a costa da ponta do rio das Amazonas até o do Maranhão.

A ponta de leste do rio das Amazonas está em um gráo da banda do sul; d'esta ponta ao rio da Lama ha 35 leguas, a qual está em altura de um gráo e tres quartos; e ainda que este rio se chame da Lama, podem entrar por elle dentro, e estarem muito seguras de todo o tempo, náos de 200 toneis, o qual rio entra pela terra dentro muitas leguas.

D'este rio á ponta dos baixos são nove leguas, a qual está na mesma altura de um gráo e 3/4. N'esta ponta ha abrigada para os barcos da costa poderem ancorar.

Da ponta dos baixos á ponte do rio do Maranhão são dez leguas, onde chega a Serra Escalvada, e entre ponta e ponta tem a costa algumas abrigadas, onde podem ancorar navios da costa: a qual ponta está em dous gráos da banda do sul.

Até aqui se corre a costa noroeste-sueste e toma da quarta de leste-oeste; e d'esta ponta do rio á outra ponta são 17 leguas, a qual está em altura de dous gráos e tres quartos. Tem este rio do Maranhão na boca, entre ponta e ponta d'ellas para dentro, uma ilha que se chama das Vacas, que será de tres leguas, onde esteve Ayres da Cunha quando se perdeu com sua armada n'estes baixos; e aqui n'esta ilha estiveram tambem os filhos de João de Barros e a tiveram povoada, quando tambem se perderam nos baixos d'este rio; onde fizeram pazes com o gentio Tapuia, que tem povoado parte d'esta costa, e por este rio acima; onde mandavam resgatar mantimentos e outras cousas para remedio de sua mantença.

Por este rio entrou um varão meirinho, piloto da costa, com um caravellão e foi por elle acima algumas vinte leguas, onde achou muitas ilhas cheias de arvoredo e a terra d'ellas alcantilada com soffrivel fundo; e muitos braços em que entram muitos rios que se mettem n'este: o qual affirmou ser toda a terra fresca, cheia de arvoredo e povoada de gentio, e as ilhas tambem. N'este rio entra o de Pindaré que vem de muito longe.

Para se entrar n'este rio do Marãnhão, vindo do mar em fóra, ha de se chegar bem a terra da banda de leste por fugir dos baixos e do aparcellado; e quem entrar por entre ella e a ilha entra seguro.

Quem houver de ir d'este rio do Maranhão para o da Lama ou para o das Amazonas ha de se lançar por fóra dos baixos com a sonda na mão, e não vá por menos de doze braças; porque esta costa até aqui dez leguas ao mar, vasa e enche n'ella a maré muito depressa, e em conjuncção de lua tem grandes macaréos; mas para bem não se ha de commetter o canal de nenhum d'estes rios senão de baixa-mar na costa, o que se póde saber pela lua, o que convém que seja pelos grandes perigos que n'esta entrada se offerecem, assim de macaréos, como por espraiar e esparcelar o mar oito e dez leguas da terra; pelo que é forçado chegar-se a terra de baixa-mar, pois então se descobre o canal mui bem: e n'este rio do Maranhão não podem entrar por este respeito navios grandes.

CAPITULO VI.

Em que se declara a costa do rio do Maranhão até o Rio Grande.

Atraz fica dito como a ponta de sueste do rio do Maranhão, que se chama esparcelada, está em dous gráos e 3/4. D'esta ponta á Bahia dos Santos são treze leguas, a qual está na mesma altura, e esta bahia é muito suja e tem alguns ilhéos; mas tambem entram n'ella muitos navios da costa, onde tem surgidouro e boa abrigada e maneira para se fazer aguada n'ella. D'esta Bahia dos Santos ao Rio de João de Lisboa são quatro leguas, o qual está na mesma altura; onde tambem entram caravellões por terem n'elle grande abrigada. Do Rio de João de Lisboa á Bahia dos Reis são nove leguas; a qual está em dous gráos. N'esta bahia estão algumas ilhas alagadas da maré de aguas vivas por entre as quaes entrão caravellões e surgem á vontade. D'esta bahia ao Rio do Meio são 17 leguas, o qual está na mesma altura de dous gráos, onde tambem entram caravellões. Entre este rio e a Bahia dos Reis

entra outro rio que se chama do Parcel, onde tambem os navios da costa tem boa colheita. D'este Rio do Meio á Bahia de Anno Bom são 11 leguas, a qual costa está na mesma altura de dous gráos, aonde entrão navios da costa e tem muito boa colheita, a qual bahia tem um grande baixo; no meio e dentro n'ella se vem metter no mar o Rio Grande dos Tapuias, e se navega um grande espaço pela terra dentro e vem de muito longe; o qual se chama dos Tapuias por elles virem por elle abaixo em canôas a mariscar ao mar d'esta bahia, da qual á Bahia da Corôa são 10 leguas; e está na mesma altura onde entram e surgem caravellões da costa. Da Bahia da Corôa até o Rio Grande são tres leguas, onde começaremos o capitulo que se segue. E corre-se a costa até aqui léste-oeste.

CAPITULO VII.

Em que se declara a costa do Rio Grande até o de Jagoarive

Como fica dito, o Rio Grande está em dous gráos da parte do sul, o qual vem de muito longe e traz muita agua, por se metterem n'elle muitos rios: e segundo a informação do gentio nasce de uma lagôa em que se affirma acharem-se muitas perolas. Perdendo-se, haverá dezeseis annos, um navio nos baixos do Maranhão, da gente que escapou d'elle que veio por terra, affirmou um Nicoláo de Rezende, d'esta companhia, que a terra toda ao longo do mar até este Rio Grande era escalvada a mór parte d'ella, e outra cheia de palmares bravos, e que achára uma lagôa muito grande que seria de 20 leguas pouco mais ou menos; e que ao longo d'ella era a terra fresca e coberta de arvoredo; e que mais adiante achára outra muito maior a que não víra o fim, mas que a terra que visinhava com ella era fresca e escalvada, e que em uma e em outra havia grandes pescarias de que se aproveitavam os Tapuias que viviam por esta costa até este Rio Grande: dos quaes disse que recebêra com os mais companheiros bom tratamento. Por este Rio Grande entram navios da costa e tem n'elle boa colheita, o qual se navega com barcos algumas

leguas. D'este Rio Grande ao dos Negros são sete leguas, o qual está em altura de dous gráos e um quarto; e do rio dos Negros ás Barreiras Vermelhas são seis leguas, que estão na mesma altura, e em uma parte e outra tem os navios da costa surgidouro e abrigada. Das Barreiras Vermelhas á Ponta dos Fumos são quatro leguas, a qual está em dous gráos e 1/3. D'esta ponta ao Rio da Cruz são sete leguas e está em dous gráos e meio em que tambem tem colheita os navios da costa. Affirma o gentio que nasce este rio de uma lagôa, ou de junto d'ella, onde tambem se criam perolas, e chama-se este Rio da Cruz, porque se mettem n'elle perto do mar dous ríachos, em direito um do outro, com que fica a água em cruz. D'este rio ao do Parcel são oito leguas, o qual está em dous gráos e meio: e faz-se na boca d'este rio uma bahia toda esparcellada.

Do Rio do Parcel á enseada do Macorive são onze leguas, e está na mesma altura, a qual enseada é muito grande e ao longo d'ella navegam navios da costa; mas dentro em toda tem bom surgidouro e abrigo; e no Rio das Ostras, que fica entre esta enseada e a do Parcel, o tem tambem. Da enseada do Macorive ao Monte de Li são quinze leguas e está em altura de dous gráos e dous terços, onde ha porto e abrigada para os navios da costa; e entre este porto e a enseada de Macorive tem os mesmos navios surgidouro e abrigada no porto que se diz dos Parceis. Do Monte de Li ao Rio do Jagoarive são dez leguas, o qual está em dous gráos e 3/4, e junto da barra d'este rio se mette outro n'elle, que se chama o Rio Grande, que é extremo entre os Tapuias e os Pitigoares N'este rio entram navios de honesto porte até onde se corre a costa leste-oeste; a terra d'aqui até o Maranhão é quasi toda escalvada: e quem quizer navegar por ella e entrar em qualquer porto dos nomeados, ha de entrar n'este rio de Jagoarive por entre os baixos e a terra, porque tudo até o Maranhão, defronte da costa são baixos, e póde navegar sempre por entre elles e a terra, por fundo de tres braças e duas e meia, achando tudo limpo, e quanto se chegar mais á terra se achará mais fundo. N'esta boca do Jagoarive está uma enseada onde navios de todo o porte podem ancorar e estar seguros.

CAPITULO VIII.

Em que se declara a costa do Rio de Jagoarive até o cabo de S. Roque.

Do rio de Jagoarive de que se trata acima até á bahia dos Arrecifes são oito leguas, a qual demora em altura de tres gráos. N'esta bahia se descobrem de baixa-mar muitas fontes de agua doce muito boa, onde bebem os peixes bois, de que aqui ha muitos, que se matam arpoando-os, assim o gentio Pitigoar, que aqui vinha, como os caravellões da costa, que por aqui passam desgarrados, onde acham bom surgidouro e abrigada.

D'esta bahia ao rio de S. Miguel são sete leguas, a qual está em tres gráos e 1/4. Na barra d'este rio está um ilhéo de arvoredo que lhe faz duas barras, e na ponta d'elle é o Cabo Corso, em o qual entram e surgem por qualquer d'estas barras os navios da Costa á vontade.

D'este rio á Bahia das Tartarugas são oito leguas, a qual está em altura de tres gráos e 2/3, em a qual os navios da costa surgem por acharem n'ella boa abrigada. D'esta bahia ao Rio Grande são quatro leguas, o qual está em altura de quatro gráos. Este rio tem duas pontas sahidas ao mar, e entre uma e outra ha uma ilhota, que lhe faz duas barras, pelas quaes entram navios da costa. Defronte d'este rio se começam os baixos de S. Roque, e d'este Rio Grande ao Cabo de S. Roque são dez leguas, o qual está em altura de quatro gráos e um seismo: entre este cabo e a ponta do Rio Grande se faz de uma ponta á outra uma grande bahia, cuja terra é boa e cheia de mato, em cuja ribeira ao longo do mar se acha muito sal feito. Defronte d'esta bahia estão os Baixos de S. Roque, os quaes arrebentam em tres ordens, e entra-se n'esta bahia por cinco canaes que vem ter ao canal que está entre um arrecife e outro, pelos quaes se acha fundo de duas, tres, quatro e cinco braças, por onde entram os navios da costa á vontade.

CAPITULO IX.

Em que se declara a costa do Cabo de S. Roque até o porto dos Buzios.

Do Cabo de S. Roque á ponta de Goaripari são seis leguas, a qual está em quatro gráos e 1/4, onde a costa é limpa e a terra escalvada, de pouco arvoredo e sem gentio. De Goaripari á enseada da Itapitanga são sete leguas, a qual está em quatro gráos e 1/4; da ponta d'esta enseada á ponta de Goaripari são tudo arrecifes, e entre elles e a terra entram náos francezas e surgem n'esta enseada á vontade, sobre a qual está um grande médão de arêa; a terra por aqui ao longo do mar está despovoada do gentio por ser esteril e fraca. Da Itapitanga ao Rio Pequeno, a que os Indios chamam Baquipe, são oito leguas, a qual está em cinco gráos e um seismo. N'este rio entram chalupas francezas a resgatar com o gentio e carregar do páo da tinta, as quaes são das náos que se recolhem na enseada da Itapitanga.

Andando os filhos de João de Barros correndo esta costa, depois que se perderam, lhes mataram n'este logar os Pitiguares com favor dos Francezes induzidos d'elles muitos homens. D'este Rio Pequeno ao outro Rio Grande são tres leguas, o qual está em altura de cinco gráos e 1/4; n'este Rio Grande podem entrar muitos navios de todo o porte, porque tem a barra funda de dezoito até seis braças, e entra-se n'elle como pelo arrecife de Pernambuco por ser da mesma feição. Tem este rio um baixo á entrada da banda do norte, onde corre agua muito á vasante e tem dentro algumas ilhas de mangues, pelo qual vão barcos por elle acima quinze ou vinte leguas e vem de muito longe. Esta terra do Rio Grande é muito soffrivel para este rio se haver de povoar, em o qual se mettem muitas ribeiras em que se podem fazer engenhos de assucar pelo sertão. N'este rio ha muito páo de tinta onde os Francezes o vão carregar muitas vezes.

Do Rio Grande ao Porto dos Buzios são dez leguas, e está em

altura de cinco gráos e 2/3: entre este porto e o rio estão uns lençóes de arêa como os de Tapoam junto da Bahia de todos os Santos. N'este rio Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua do gentio, um Castelhano entre os Pitigoares, c'os beiços furados como elles, entre os quaes andava havia muito tempo, o qual se embarcou em uma náo para França porque servia de lingua aos Francezes entre o gentio nos seus resgates. N'este Porto dos Buzios entram caravellões da costa em um riacho que n'este logar se vem metter no mar.

CAPITULO X.

Em que se declara a terra e costa do Porto dos Buzios até a Bahia de Traição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania.

Do Porto dos Buzios á Itacoatajara são nove leguas, e este rio se chama d'este nome por estar em uma ponta d'elle uma pedra de feição de pipa como ilha, a que o gentio por este respeito pôz este nome, que quer dizer Ponta da Pipa; mas o proprio nome do rio é Garatui, o qual está em altura de seis gráos. Entre esta ponta e o porto dos Buzios está a enseada Tabatinga, onde tambem ha surgidouro e abrigada para navios em que detraz da ponta costumavam ancorar náos francezas e fazer sua carga de páo da tinta. De Itacoatajara ao rio de Goaramatai são duas leguas, o qual está em seis gráos esforçados; do Goaramatai ao rio de Caramative são duas leguas, o qual está em seis gráos e 1/4, e entre um e outro rio está a enseada Aratipicaba, onde dos arrecifes para dentro entram náos francezas e fazem sua carga.

D'este porto para baixo, pouco mais ou menos, se estende a capitania de João de Barros, feitor que foi da casa da India, a quem El-Rei D. João III de Portugal fez mercê de cincoenta leguas de costa partindo com a capitania de Pero Lopes de Sousa, de Tamaracá. Desejoso João de Barros de se approveitar d'esta mercê, fez á sua custa uma armada de navios em que embarcou muitos moradores com todo o necessario para se poder povoar esta sua

capitania, e em a qual mandou dous filhos seus que partiram com ella, e proseguindo logo sua viagem em busca da costa do Brazil, foram tomar terra junto do rio do Maranhão, em cujos baixos se perderam. D'este naufragio escapou muita gente com a qual os filhos de João de Barros se recolheram em uma ilha que está na boca d'este rio do Maranhão, aonde passaram muitos trabalhos por se não poderem communicar d'esta ilha com os moradores da capitania de Pernambuco e das mais capitanias, os quaes, depois de gastarem alguns annos, despovoaram e se vieram para este reino. N'esta armada, e em outros navios que João de Barros depois mandou por sua conta em soccorro de seus filhos, gastou muita somma de mil cruzados sem d'esta despesa lhe resultar nenhum proveito, como fica dito atraz. Tambem lhe mataram os Pitagoares muita gente aonde se chama o Rio Pequeno.

CAPITULO XI.

Em que se declara a costa da Bahia da Traição até a Paraiba.

Do rio de Camaratibe até á Bahia da Traição são duas leguas, a qual está em seis gráos e 1/3, onde ancoram náos francezas e entram dos arrecifes para dentro. Chama-se esta bahia pelo gentio Pitagoar Acajutibiro, e os Portuguezes da Traição, por com ella matarem uns poucos de Castelhanos e Portuguezes que n'esta costa se perderam. N'esta bahia fazem cada anno os Francezes muito páo de tinta e carregam d'elle muitas náos. D'esta Bahia da Traição ao rio Magoape são tres leguas, o qual está em seis gráos e meio. Do rio de Magoape ao da Parahiba são cinco leguas, o qual está em seis gráos e tres quartos; a este rio chamam na carta de marear, de São Domingos, onde entram náos de duzentos toneis, e no rio de Magoape entram caravellas da costa; mas o rio de São Domingos se navega muito pela terra dentro, de onde elle vem de bem longe. Tem este rio um ilhéo da boca para dentro que lhe faz duas barras, e pela que está da banda do norte entram caravellões que navegam por entre a terra e os arrecifes até Tamaracá, e pela outra barra entram as náos grandes, e porque

entravam cada anno n'este rio náos francezas a carregar o páo da tinta com que abatia o que ia para o Reino das mais capitanias por conta dos Portuguezes, e porque o gentio Pitagoar andava mui levantado contra os moradores da capitania de Tamaracá e Pernambuco com o favor dos Francezes, com os quaes fizeram n'estas capitanias grandes damnos queimando engenhos e outras muitas fazendas, em que mataram muitos homens brancos e escravos; assentou Sua Magestade de o mandar povoar e fortificar, para o que mandou a isso Fructuozo Barboza com muitos moradores, o que se começou a fazer com mui grande alvoroço dos moradores d'estas duas capitanias, mas foi Deos servido que lhe succedesse mal com lhe matarem os Pitagoares (em cuja companhia andavam muitos Francezes), trinta e seis homens e alguns escravos em uma silada, com o qual successo se descontentaram muito os moradores de Pernambuco; e se desavieram com Fructuoso Barboza de feição que se tornaram para suas casas e elle ficou impossibilitado para poder pôr em effeito o que lhe era encommendado, o que se depois effectuou com o favor e ajuda que para isso deu Diogo Flôres de Baldez, general da armada que foi ao estreito de Magalhães.

CAPITULO XII.

Em que se trata de como se tornou a commetter a povoação do rio da Parahiba.

Na Bahia de todos os Santos soube o general Diogo Flôres, vindo ahi do estreito de Magalhães com seis náos que lhe ficaram da armada que levou, como os moradores de Pernambuco e Tamaracá pediam muito afincadamente ao governador Manoel Telles Barreto, que então era do Estado do Brazil, que os fosse soccorrer contra o gentio Pitagoar que os ia destruindo, com o favor e ajuda dos Francezes, os quaes tinham n'este rio da Parahiba quatro navios para carregar do páo da tinta: e, posto este negocio em conselho, se assentou que o governador n'aquella conjuncção não era bem que sahisse da Bahia, pois não havia mais de seis mezes que era a ella chegado, onde tinha por prover em grandes negocios convenientes ao serviço de Deos e de

El-Rei e do bem commum, mas que, pois n'aquelle porto estava o general Diogo Flores, com aquella armada, e Diogo Vaz da Veiga com duas náos portuguezas da armada em que do reino fôra o governador, das quaes vinha por capitão para o reino, que um capitão e outro fossem fazer este soccorro indo por cabeça principal o capitão Diogo Flôres de Baldez, o qual chegou a Pernambuco com a armada toda junta, com que veio o ouvidor geral Martim Leitão e o provedor mór Martim Carvalho para em Pernambuco, a favorecerem com gente e mantimentos, como o fizeram, a qual gente foi por terra e o general por mar com esta armada, com a qual ancorou fóra da barra e não entrou dentro com mais que com a sua fragata e uma náo das de Diogo Vaz da Veiga, de que era capitão Pedro Corrêa de Lacerda, em a qual o mesmo Diogo Vaz ia, e com todos os bateis das outras náos. Em os Francezes vendo esta armada puzeram fogo ás suas náos e lançaram-se com o gentio, com o qual fizeram mostras de quererem impedir a desembarcação, o que lhe não serviu de nada, que o general desembarcou a pé enxuto sem lh'o poderem impedir, e chegou a gente de Pernambuco e Tamaracá por terra com muitos escravos, e todos juntos ordenaram um forte de terra e faxina onde se recolheram, no qual Diogo Flores deixou cento e tantos homens dos seus soldados com um capitão para os caudilhar, que se chamava Francisco Castrejon, que se amassou tão mal com Fructuoso Barboza, não o querendo conhecer por governador, que foi forçado deixal-o n'este forte só e ir-se para Pernambuco, de onde se queixou a Sua Magestade para que provesse sobre o caso como lhe parecesse mais seu serviço. E sendo ausente Fructuoso Barboza veio o gentio por algumas vezes affrontar este forte e pôl-o em cerco, o qual soffreu mal o capitão Francisco Castrejon, e, apertado dos trabalhos, desamparou este forte e o largou aos contrarios, passando-se por terra á capitania de Tamaracá que é d'ahi dezoito leguas, e pelo caminho lhe matou o gentio alguma gente que lhe ficou atraz, como foram mulheres e outra gente fraca, mas, sabendo os moradores de Pernambuco este destroço, se ajuntaram e tornaram a este rio da Parahiba, com Fructuoso Barboza, e se tornaram a apoderar d'este forte, o qual

Sua Magestade tem agora soccorrido com gente, munições e mantimentos necessarios, a quem se ajuntou uma aldêa de gentio Tupinambá, que se apartou dos Pitagoares, e se veio viver á borda da agua para ajudar a favorecer este forte. Este rio da Parahiba é mui necessario fortificar-se, á uma por tirar esta ladroeira dos Francezes d'elle, á outra por se povoar, pois é a terra capaz para isso, onde se podem fazer muitos engenhos de assucar. E povoado este rio, como convém, ficam seguros os engenhos da capitania de Tamaracá e alguns da de Pernambuco que não lavram com temor dos Pitagoares, e outros se tornaráõ a reformar que elles queimavam e destruiram. Dos quaes Pitagoares é bem que façamos este capitulo, que se segue, antes que saiamos do seu limite.

CAPITULO XIII.

Que trata da vida e costumes do gentio Pitagoar.

Não é bem que passemos já do rio da Parahiba, onde se acaba o limite por onde reside o gentio Pitagoar, que tanto mal tem feito aos moradores das capitanias de Pernambuco e Tamaracá e á gente dos navios que se perderam pela costa da Parahiba até o rio do Maranhão. Este gentio senhorêa esta costa do Rio Grande até o da Parahiba, onde confinaram antigamente com outro gentio, que chamam os Caytés, que são seus contrarios e se faziam cruelissima guerra uns aos outros, e se fazem ainda agora pela banda do sertão onde agora vivem os Caytés, e pela banda do Rio Grande são fronteiros dos Tapuias, que é gente mais domestica, com quem estão ás vezes de guerra e ás vezes de paz, e se ajudam uns aos outros contra os Tabajàras, que visinham com elles pela parte do sertão. Costumam estes Pitagoares não perdoarem a nenhum dos contrarios que captivam, porque os matam e comem logo. Este gentio é de má estatura, baços de côr, como todo o outro gentio, não deixam crescer nenhuns cabellos no corpo senão os da cabeça, porque em elles nascendo os arrancam logo; fallam a lingua dos Tupinambás e Caytés; tem os mesmos costumes e gentilidades, o que declaramos ao diante

no titulo dos Tupinambás. Este gentio é muito bellicoso, guerreiro e atraiçoado, e amigo dos Francezes, a quem faz sempre boa companhia, e industriado d'elles inimigos dos Portuguezes. São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que estão sempre mui providos, e são caçadores bons e taes flecheiros que não erram flechada que atirem. São grandes pescadores de linha, assim no mar como nos rios de agua doce. Cantam, bailam, comem e bebem pela ordem dos Tupinambás, onde se declarará miudamente sua vida e costumes, que é quasi o geral de todo o gentio da costa do Brazil.

CAPITULO XIV.

Em que se declara a costa do rio da Parahiba até Tamaracá, e quem foi o seu primeiro capitão.

Do rio da Parahiba, que se diz tambem o rio de S. Domingos, ao rio de Jagoaripe são duas leguas, em o quol entram barcos. Do rio de Jagoaripe ao da Aramama são duas leguas, o qual está em altura de sete gráos, onde entram caravellões dos que navegam entre a terra e o arrecife. D'este rio ao da Abionabiajá são duas leguas, cuja terra é alagadiça quasi toda, e entre um rio e outro ancoravam os tempos passados náos francezes, e d'aqui entravam para dentro. D'este rio ao da Capivarimirim são seis leguas, o qual está em altura de seis gráos e meio, cuja terra é toda chãa. De Capivarimirim a Tamaracá são seis leguas e está em sete gráos e 1/3. Tamaraquá é uma ilha de duas leguas onde está a cabeça d'esta capitania e a villa de Nossa Senhora da Conceição. Do redor d'esta ilha entram no salgado cinco ribeiras em tres das quaes estão tres engenhos; onde se fizeram mais se não foram os Pitagoares que vem correndo a terra por cima e assolando tudo. Até aqui, como já fica dito, tem o rio de Tamaracá umas barreiras vermelhas na ponta da barra; e quem houver de entrar por ella dentro ponha-se nordeste sudoeste com as barreiras e entrará a barra á vontade, e d'ahi para dentro o rio ensinará por onde hão de ir. Por esta barra entram navios de cem toneis, e mais, a qual fica da banda do sul da ilha, e a outra

barra da banda do norte se entra ao suéste, pela qual se servem caravellões da costa. De Tamaraquá ao rio de Igarosu são duas leguas, aonde se extrema esta capitania da de Pernambuco; d'esta capitania fez El-Rei D. João III de Portugal mercê a Pero Lopes de Sousa, que foi um fidalgo muito honrado, o qual, sendo mancebo, andou por esta costa com armada á sua custa, e em pessoa foi povoar esta capitania com moradores que para isso levou do porto de Lisboa de onde partiu; no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados com muitos trabalhos e perigos em que se viu assim no mar pelejando com algumas náos franccezas que encontrava (do que os Francezes nunca sahiram bem), como em terra em brigas que com elles teve de mistura com os Pitagoares, de quem foi por vezes cercado e offendido, até que os fez affastar d'esta ilha de Tamaracá e visinhança d'ella: e esta capitania não tem de costa mais de vinte e cinco ou trinta leguas, por Pero Lopes de Sousa não tomar as cincoenta leguas de costa que lhe fez mercê S. A. todas juntas, mas tomou aqui a metade e a outra demazia junto á capitania de S. Vicente, onde chamam Santo Amaro.

CAPITULO XV.

Que declara a costa do rio de Igaruçu até Pernambuco.

A villa de Cosmos está junto ao rio de Igaruçu que é marco entre a capitania de Tamaracá e a de Pernambuco, a qual villa será de duzentos visinhos pouco mais ou menos, em cujo termo ha tres engenhos de assucar muito bons. Do rio de Igaruçu ao porto da villa de Olinda são quatro leguas, a qual está em altura de oito gráos. N'este porto de Olinda se entra pela boca de um arrecife de pedra ao susudoéste e depois norte sul, e, entrando para dentro ao longo do arrecife, fica o Rio Morto pelo qual entram até acima navios de cem toneis até duzentos, tomam meia carga em cima e acabam de carregar onde chamam o Poço, defronte da boca do arrecife, onde convém que os navios estejam bem amarrados, porque trabalham aqui muito por andar n'este porto sempre o mar de levadio: por esta boca

entra o salgado pela terra dentro uma legua ao pé da villa e defronte do surgidouro dos navios faz este rio outra volta deixando no meio uma ponta de arêa onde está uma ermida do Corpo Santo. N'este logar vivem alguns pescadores e officiaes da ribeira, e estão alguns armazens em que os mercadores agasalham os assucares e outras mercadorias; e d'esta ponta da arêa da banda de dentro se navega este rio até o varadouro, que está ao pé da villa, com caravellões e barcos, e do varadouro para cima se navega com barcos de navios obra de meia legua, onde se faz aguada fresca para as náos da ribeira que vem do engenho de Jeronymo de Albuquerque: tambem se mettem n'este rio outras ribeiras por onde vão os barcos dos navios a buscar os assucares aos paços onde os trazem encaixados e em carros: este esteiro e limite do arrecife é muito farto de peixe de redes que por aqui pescam e do marisco: perto de uma legua da boca d'este arrecife está outro boqueirão, que chamam a Barreta, por onde podem entrar barcos pequenos estando o mar bonançoso: d'esta Barreta por diante corre este arrecife ao longo da terra duas leguas, e entre ella e elle se navega com barcos pequenos quem vem do mar em fóra, e quem puzer os olhos na terra em que está situada esta villa parecer-lhe-ha que é o cabo de Santo Agostinho por ser muito semelhante a elle.

CAPITULO XVI.

Do tamanho da villa de Olinda e da grandeza de seu termo, e quem foi o primeiro povoador d'ella.

A villa de Olinda é cabeça da capitania de Pernambuco, a qual povoou Duarte Coelho, que foi um fidalgo, de cujo esforço e cavallaria escusaremos tratar aqui em particular por não escurecer o muito que d'elle dizem os livros da India, de cujos feitos estão cheios. Depois que Duarte Coelho veio da India a Portugal a buscar satisfação de seus serviços, pedio a S. A. que lhe fizesse mercê de uma capitania n'esta costa, que logo lhe concedeu, abalisando-lh'a da boca do rio de S. Francisco da banda do noroéste e correndo d'ella pela costa cincoenta leguas contra Tamaraquá que se acabam no rio de Iguaraçú,

como já fica dito; e como a este valeroso capitão sobravam sempre espiritos para commetter grandes feitos, não lhe faltaram para vir em pessoa povoar e conquistar esta sua capitania, onde veio com uma frota de navios que armou á sua custa, em a qual trouxe sua mulher e filhos e muitos parentes de ambos, e outros moradores com a qual tomou este porto que se diz de Pernambuco por uma pedra que junto d'elle está furada no mar, que quer dizer pela lingua do gentio, Mar furado. Chegando Duarte Coelho a este porto desembarcou n'elle e fortificou-se, onde agora está a villa, em um alto livre de padrastos, da melhor maneira que foi possivel, onde fez uma torre de pedra e cal, que ainda agora está na praça da villa, onde muitos annos teve grandes trabalhos de guerra com o gentio e Francezes que em sua companhia andavam, dos quaes foi cercado muitas vezes, mal ferido e mui apertado, onde lhe mataram muita gente; mas elle com a constancia de seu esforço não desistio nunca da sua pretenção; e não tão sómente se defendeu valorosamente, mas offendeu e resistio aos inimigos de maneira que os fez affastar da povoação e despejar as terras visinhas aos moradores d'ellas, de onde depois seu filho, do mesmo nome, lhe fez guerra, maltratando e captivando n'este gentio, que é o que se chama Caité, que o fez despejar a costa toda, como esta o é hoje em dia, e affastar mais de cincoenta leguas pelo sertão. N'estes trabalhos gastou Duarte o velho muitos mil cruzados que adquirio na India, a qual despeza foi bem empregada, pois d'ella resultou ter hoje seu filho Jorge de Albuquerque Coelho dez mil cruzados de renda, que tanto lhe importa a sua redizima e dizima do pescado e os fóros que lhe pagam os engenhos, dos quaes estão feitos em Pernambuco cincoenta, que fazem tanto assucar que estão os dizimos d'elles arrendados em dezenove mil cruzados cada anno. Esta villa de Olinda terá setecentos visinhos pouco mais ou menos, mas tem muitos mais no seu termo, porque em cada um d'estes engenhos vivem vinte e trinta visinhos, fóra os que vivem nas roças afastados d'elles, que é muita gente, de maneira que, quando fôr necessario ajuntar-se esta gente com armas, pôr-se-hão em campo mais de tres mil homens de peleja com os

moradores da villa de Cosmos, entre os quaes haverá quatrocentos homens de cavallo. Esta gente póde trazer de suas fazendas quatro ou cinco mil escravos de Guiné e muitos do gentio da terra. É tão poderosa esta capitania que ha n'ella mais de cem homens que tem de mil até cinco mil cruzados de renda, e alguns de oito, dez mil cruzados. D'esta terra sahiram muitos homens ricos para estes reinos que foram a ella muito pobres, com os quaes entram cada anno d'esta capitania quarenta e cincoenta navios carregados de assucar e páo-brazil, o qual é o mais fino que se acha em toda a costa; e importa tanto este páo a S. Magestade, que o tem agora novamente arrendado por tempo de dez annos por vinte mil cruzados cada anno. E parece que será tão rica e tão poderosa, d'onde sahem tantos provimentos para estes reinos, que se devia de ter mais conta com a fortificação d'ella e não consentir que esteja arriscada a um corsario a saquear e destruir, o que se póde atalhar com pouca despeza e menos trabalho.

CAPITULO XVII.

Em que se declara a terra e costa que ha do porto de Olinda até o Cabo de Santo Agostinho.

Do porto de Olinda á ponta de Pero Cavarim são quatro leguas. Da ponta de Pero Cavarim ao rio de Jaboatão é uma legua, em o qual entram barcos. Do rio de Jaboatão ao Cabo de Santo Agostinho são quatro leguas, o qual cabo está em oito gráos e meio. Ao socairo d'este cabo da banda do norte podem surgir náos grandes quando cumprir, onde tem boa abrigada. Do Cabo até Pernambuco corre-se a costa norte sul.

Quem vem do mar em fóra, para conhecer este Cabo de Santo Agostinho, verá por cima d'elle uma serra sellada, que é boa conhecença; porque por aquella parte não ha outra serra da sua altura e feição, a qual está quasi leste oeste com o cabo, e toma uma quarta de nordeste sudoeste. E para quem vem ao longo da costa bota o Cabo fóra com pouco mato e em manchas; e ver-lhe-hão que tem da banda do sul, cinco leguas afastado d'elle, a Ilha de Santo Aleixo,

que é baixa e pequena. Até este Cabo é a terra povoada de engenhos de assucar, e por junto d'elle passa um rio que se diz do Cabo (onde tambem estão alguns), o qual sahe ao mar duas leguas do Cabo, e mistura-se ao entrar do salgado com o rio de Ipojuca, que está duas leguas da banda do sul; n'este rio entram e sahem caravelões do serviço dos engenhos, que estão nos mesmos rios, onde se recolhem com tempo barcos da costa.

CAPITULO XVIII.

Em que se declara a costa do cabo e rio do Ipojuca até o Rio de S. Francisco.

Já fica dito como se mette o rio de Ipojuca com o do Cabo ao entrar no salgado, agora digamos como d'elle ao porto das Gallinhas são duas leguas. A terra que ha entre este porto e o rio de Ipojuca é toda alagadiça. N'este porto e rio das Gallinhas entram barcos da costa. Do rio das Gallinhas á ilha de Santo Aleixo é uma legua, em a qual ha surgidouro e abrigo para as náos, e está afastada da terra firme uma legua; da ilha de Santo Aleixo ao rio de Maracaípe são seis leguas; onde entram caravelões, o qual tem uns ilhéos na bocca. De Maracaípe ao Rio Formoso são duas leguas, o qual tem um arrecife ao mar defronte de si, que tem um boqueirão por onde entram navios da costa, o qual está em nove gráos, cuja terra é escalvada mas bem provida de caça. Do Rio Formoso ao de Una são tres leguas, o qual tem na bocca uma ilha de mangues da banda do norte, a qual se alaga com a maré, e mais adiante chegadas á terra tem sete ilhetas de mato. D'este rio Una ao porto das Pedras são quatro leguas, o qual está em nove gráos e meio. Entre este e o rio Una se faz uma enseada muito grande, onde podem surgir e balraventar náos que nadem em fundo de cinco até sete braças, porque tanto tem de fundo.

E corre-se a costa do Cabo de Santo Agostinho até este porto das Pedras nornordeste susudoeste. D'este porto ao rio Camaragipe são tres leguas, cuja fronteira é de um banco de arrecifes que tem algumas abertas por onde entram barcos da costa, e ficam seguros de todo o tempo entre

os arrecifes e a terra. N'este rio de Camaragipe entram navios de honesto porte, e na ponta da barra d'elle da banda do sul tem umas barreiras vermelhas, cuja terra ao longo do mar é escalvada até o rio de Santo Antonio Merim, que está d'elle duas leguas, onde tambem entram caravelões da costa. Do rio de Santo Antonio Merim ao Porto Velho dos Francezes são tres leguas, onde elles costumam a ancorar com as suas náos e resgatar com o gentio. Do Porto Velho dos Francezes ao rio de S. Miguel são quatro leguas, que está em dez gráos, em o qual entrão navios da costa, e entre um e outro entra no mar o rio da Alagôa; onde tambem entrão caravelões, o qual se diz da Alagôa por nascer de uma que está afastada da costa, ao qual rio chamam os indios o porto Jaragoá. Do rio de S. Miguel ao Porto Novo dos Francezes são duas legoas, defronte do qual fazem os arrecifes que (vão correndo a costa), uma aberta por onde os Francezes costumam a entrar com suas náos, e ancoravam entre o arrecife e a terra por ter fundo para isso, onde estavam mui seguros, e d'aqui faziam seu resgate com o gentio. Do Porto Novo dos Francezes ao de Sapetiba é uma legoa, do qual ao rio de Currurupe são tres leguas, em o qual entram navios da costa, cuja terra ao longo do mar é fraca, mas para dentro duas leguas é arresoada. D'este rio do Currurupe, até o rio de S. Francisco são seis legoas.

Da ponta da barra de Curururipe, contra o rio de S. Francisco se vai armando uma enseada de duas legoas, em a qual bem chegado a terra estão os arrecifes de D. Rodrigo, onde tambem se chama o Porto dos Francezes, por se elles costumarem recolher aqui com suas náos á abrigada d'esta enseada, e hiam por entre os arrecifes e a terra, com suas lanchas, tomar carga do páo da tinta no rio de Currurupe.

Aqui se perdeu o bispo do Brazil D. Pedro Fernandes Sardinha com sua náo vinda da Bahia para Lisboa, em a qual vinha Antonio Cardozo de Barros, provedor mór, que fôra do Brazil, e dous conegos e duas mulheres honradas e casadas, muitos homens nobres e outra muita gente, que seriam mais de cem pessoas brancas, afóra escravos, a qual escapou toda d'este naufragio, mas

não do gentio Caité, que n'este tempo senhoreava esta costa da boca d'este rio de S. Francisco até o da Parahyba: depois que estes Caités roubaram este bispo e toda esta gente de quanto salvaram, os despiram, e amarraram a bom recado, e pouco a pouco os foram matando e comendo sem escapar mais que dous indios da Bahia com um portuguez que sabia a lingoa, filho do meirinho da correição. A terra que ha por cima d'esta enseada até perto do rio de S. Francisco é toda alagadiça, cuja agua se ajunta toda em uma ribeira, que se d'ella faz, a qual vai entrar no rio de S. Francisco duas legoas da barra para cima; corre-se a costa do rio de S. Francisco até o porto das Pedras nornordeste susudoeste, e toma da quarta de norte sul.

CAPITULO XIX.

Que trata de quem são estes Caités, que foram moradores na costa de Pernambuco.

Parece que não é bem que passemos adiante do rio de S. Francisco sem dizermos que gentio é este Caité, que tanto mal tem feito aos Portuguezes n'esta costa, o que agora cabe dizer d'elles.

Este gentio nos primeiros annos da conquista d'este estado do Brazil senhoreou d'esta costa da boca do rio de S. Francisco até o rio Parahyba, onde sempre teve guerra cruel com os Pitiguares, e se matavam e comiam uns aos outros em vingança de seus odios, para execução da qual entravam muitas vezes pela terra dos Pitiguares, e lhes faziam muito damno. Da banda do rio de S. Francisco guerreavam estes Pitiguares em suas embarcações com os Tupinambás, que viviam da outra parte do rio, em cuja terra entravam a fazer seus saltos, onde captivavam muitos, que comiam sem lhes perdoar.

As embarcações, de que este gentio usava, eram de uma palha comprida como a das esteiras de tabúa, que fazem em Santarem, a que elles chamam periperí, a qual palha fazem em molhos muito apertados com umas varas como vimes, a que elles chamam timbós, que são muito brandas e rijas, e com estes molhos atados em umas varas grossas fazião uma feição de embarcações, em que cabiam dez

a doze indios, que se remavam muito bem, e n'ellas guerreavam com os Tupinambás n'este rio de S. Francisco, e se faziam uns a outros muito damno. E aconteceu por muitas vezes fazerem os Caités d'esta palha tamanhas embarcações, que vinham n'ellas ao longo da costa fazer seus saltos aos Tupinambás junto da Bahia, que são cincoenta legoas. Pela parte do sertão, confinava este gentio com os Tapuias e Tupinaês, e se fazião crueis guerras, para cujas aldêas ordinariamente havia fronteiros, que as corrião e salteavam. E quando os Caités matavam, ou captivavam alguns contrarios d'estes, tinham-no por mór honra, que não quando faziam outro tanto aos Pitiguares nem aos Tupinambás. Este gentio é da mesma côr baça, e tem a vida e costumes dos Pitiguares e a mesma lingoa que é em tudo como a dos Tupinambás, em cujo titulo se dirá muito de suas gentilidades.

São estes Caités mui belicosos e guerreiros, mas mui atreiçoados e sem nenhuma fé nem verdade, o qual fez os damnos, que fica declarado, á gente da náo do bispo, a Duarte Coelho, e a muitos navios e caravelões, que se perderam n'esta costa, dos quaes não escapou pessoa nenhuma, que não matassem e comessem, cujos damnos Deus não permittiu, que durassem mais tempo; mas ordenou de os destruir d'esta maneira. Confederaram-se os Tupinambás seus visinhos com os Tupinaês pelo sertão, e ajuntaram-se uns com os outros pela banda de cima, d'onde os Tapuias tambem apertavam estes Caités, e deram-lhe nas costas, e de tal feição os apertaram, que os fizeram descer todos para baixo, junto do mar, onde os acabaram de desbaratar; e os que não puderam fugir para a serra do Aquetiba não escaparam de mortos ou captivos. D'estes captivos iam comendo os vencedores quando queriam fazer suas festas, e venderam d'elles aos moradores de Pernambuco e aos da Bahia infinidade de escravos a troco de qualquer cousa, ao que iam ordinariamente caravelões de resgate, e todos vinham carregados d'esta gente, a qual Duarte Coelho de Albuquerque por sua parte acabou de desbaratar.

E d'esta maneira se consumiu este gentio, do qual não ha agora

senão o que se lançou muito pela terra dentro, ou se misturou com seus contrarios sendo seus escravos ou se aliaram por ordem de seus casamentos. Por natureza são estes Caités grandes musicos e amigos de bailar, são grandes pescadores de linha e nadadores, tambem são mui crueis uns para os outros para se venderem, o pai aos filhos, os irmãos e parentes uns aos outros: e de maneira são crueis, que aconteceu o anno de 1571 no rio de S. Francisco estando n'elle algumas embarcações da Bahia resgatando com este gentio, em uma de um Rodrigo Martins, estavam alguns escravos resgatados, em que entrava uma india Caité, a qual enfadada de lhe chorar uma criança sua filha a lançou no rio, onde andou debaixo para cima um pedaço sem se afogar, até que de outra embarcação se lançou indio a nado por mandado de seu senhor que a foi tirar: onde a baptisaram e durou depois alguns dias.

E como no titulo dos Tupinambás se conta por extenso a vida e costumes, que toca a mór parte do gentio que vive na costa do Brazil, temos que basta o que está dito até agora dos Caités.

CAPITULO XX.

Que trata da grandeza do rio de S. Francisco e seu nascimento.

Muito havia que dizer do rio de S. Francisco, se lhe coubera faze-lo n'este lugar, do qual se não póde escrever aqui o que se deve dizer d'elle, porque será escurecer tudo o que temos dito, e não se póde cumprir com o que está dito e promettido, que é tratar toda a costa em geral, e em particular da Bahia de Todos os Santos, a quem é necessario satisfazer com o devido. E este rio contente-se por ora de se dizer d'elle em somma o que for possivel n'este capitulo para com brevidade chegarmos a quem está esperando por toda a costa.

Está o rio de S. Francisco em altura de dez gráos e um quarto, a qual tem na boca da barra duas legoas de largo, por onde entra a maré com o salgado para cima duas legoas sómente, e d'aqui para cima é agoa doce, que a maré faz recuar outra duas legoas, não havendo agoa do monte. A este rio chama o gentio o Pará, o qual é

mui nomeado entre todas as nações, das quaes foi sempre muito povoado, e tiveram uns com outras sobre os sitios grandes guerras por ser a terra muito fertil pelas suas ribeiras, e por acharem n'elle grandes pescarias.

Ao longo d'este rio vivem agora alguns Caités, de uma banda e da outra vivem Tupinambás, mais acima vivem os Tapuias de differentes castas, Tupinaês, Amoipiras, Ubirájáras e Amazonas; e além d'ellas vive outro gentio (não tratando dos que communicam com os Portuguezes), que se atavia com joias de ouro, de que ha certas informações. Este genito se affirma viver á vista da Alagôa grande, tão afamada e desejada de descobrir, da qual este rio nasce. E é tão requestado este rio de todo o gentio, por ser muito farto de pescado e caça, e por a terra d'elle ser muito fertil como já fica dito; onde se dão mui bem toda a sorte de mantimentos naturaes da terra.

Quem navega por esta costa conhece este rio quatro e cinco legoas ao mar por as aguagens, que d'elle sahem furiosas e barrentas. Navega-se este rio com caravelões até a cachoeira, que estará da barra vinte legoas, pouco mais ou menos, até onde tem muitas ilhas, que o fazem espraiar muito mais que na barra, por onde entram navios de cincoenta toneis pelo canal do sudoeste, que é mais fundo que o do nordeste. Da barra d'este rio até a primeira cachoeira ha mais de 300 ilhas; no inverno não traz este rio agua do monte, como os outros, nem corre muito; e no verão cresce de dez até quinze palmos. E começa a vir esta agua do monte, de outubro por diante até janeiro, que é força do verão n'estas partes; e n'este tempo se alagam a mór parte d'estas ilhas, pelo que não criam nenhum arvoredo nem mais que canas bravas, de que se fazem flechas.

Por cima d'esta cachoeira, que é de pedra viva, tambem se póde navegar este rio em barcos, se se lá fizerem, até o sumidouro, que póde estar da cachoeira oitenta ou noventa legoas, por onde tambem tem muitas ilhas. Este sumidouro se entende no lugar, onde este rio sahe de debaixo da terra, por onde vem escondido dez ou doze legoas, no cabo das quaes arrebenta até onde se póde navegar e faz seu caminho

até o mar. Por cima d'este sumidouro está a terra cheia de mato, sem se sentir que vai o rio por baixo, e d'este sumidouro para cima se póde tambem navegar em barcos; se os fizerem lá: os indios se servem por elle em canôas, que para isso fazem. Está capaz este rio para se perto da barra d'elle fazer uma povoação valente de uma banda e da outra para segurança dos navios da costa, e dos que o tempo ali faz chegar, onde se perdem muitas vezes, e podem os moradores, que n'elle vivem, fazer grandes fazendas e engenhos até a cachoeira, em derredor da qual ha muito páo brazil, que com pouco trabalho se póde carregar.

Depois que este Estado se descobriu por ordem dos reis passados, se trabalhou muito por se acabar de descobrir este rio, por todo o gentio que n'elle viveu e por elle andou affirmar que pelo seu certão havia serras de ouro e prata; á conta da qual informação se fizeram muitas entradas de todas as capitanias sem poder ninguem chegar ao cabo, com este desengano e sobre esta pretenção veio Duarte Coelho a Portugal da sua capitania de Pernambuco a primeira vez, e da segunda tambem teve desenho; mas desconcertou-se com S. A. pelo não fartar das honras que pedia. E sendo governador d'este estado Luiz de Brito de Almeida mandou entrar por este rio acima a um Bastião Alvares, que se dizia do Porto Seguro, o qual trabalhou por descobrir quanto poude, no que gastou quatro annos e um grande pedaço da fazenda d'El-Rei sem poder chegar ao sumidouro, e por derradeiro veio acabar com quinze ou vinte homens entre o gentio Tupinambá, a cujas mãos foram mortos; o que lhe aconteceu por não ter cabedal de gente para se fazer temer e por querer fazer esta jornada contra agua; o que não aconteceu a João Coelho de Souza, porque chegou acima do sumidouro mais de cem legoas, como se verá do roteiro que se fez da sua jornada. A' boca da barra d'este rio corta o salgado a terra da banda do sudoeste, e faz ficar aquella ponta de arêa e mato em ilha, que será de tres legoas de comprido. E quando este rio enche com agua do monte não entra o salgado com a maré por elle acima, mas até á barra é agoa doce, e traz n'este tempo grande correnteza.

CAPITULO XXI.

Em que se declara a costa do rio de S. Francisco até o de Sergipe.

Do rio de S. Francisco ao de Guaratiba são duas legoas, em o qual entram barcos da costa, e tem este rio na boca uma ilha, que é a que vem da ponta da barra do rio de S. Francisco: este rio se navega pela terra dentro tres legoas, e faz um braço na entrada junto do arrecife, por onde entra o salgado até entrar no rio de S. Francisco uma legoa da barra, por onde vão barcos de um rio ao outro, o qual braço faz a ilha declarada. Do rio de Guaratiba a sete legoas está um riacho a que chamam de Aguaboa, pelo ella ser, o qual, como chega perto do salgado, faz uma volta ao longo d'elle, fazendo uma lingua de terra estreita entre elle e o mar de uma legoa de comprido, e no cabo d'esta legoa se mette o mar: entre um rio e outro é tudo praia de arêa, onde se chama a enseada de Vazabarris, a qual tem diante de si tudo arrecifes de pedra, com alguns boqueirões para barcos pequenos, por onde podem entrar com bonança. D'este riacho de Aguaboa a uma legoa está o rio de Ubirapatiba, por cuja barra podem entrar barcos e caravelões da costa com a prôa ao lesnoroeste. A este rio vem o gentio Tupinambá mariscar, por achar por aquelles arrecifes muitos polvos, lagostins e caranguejos; e a pescar á linha, onde matam muito peixe, o qual se navega pela terra dentro mais de tres legoas. D'este rio Ubirapatiba a sete legoas está o rio de Seregipe em altura de onze gráos e dous terços, por cuja barra com bateis diante costumavam entrar os Francezes com suas náos do porte de cem toneis para baixo, mas não tomavam dentro mais que meia carga, e fóra da barra acabavam de carregar com suas lanchas, em que acabavam de acarretar o páo que ali resgatavam com os Tupinambás, onde tambem resgatavam com os mesmos algodão e pimenta da terra. Tem este rio duas legoas por elle acima a terra fraca, mas d'ahi avante é muito boa para se poder povoar, onde convém muito que se faça uma povoação, assim para atalhar que não entrem ali Francezes, como por segurar aquella costa do gentio que vive pro

este rio acima, o qual todos os annos faz muito damno, assim nos barcos, que entram n'ella e no Rio Real no inverno com tempo, como em homens, que commettem este caminho para Pernambuco fugindo á justiça, e nos que pelo mesmo respeito fogem de Pernambuco para a Bahia; os quaes de maravilha escapam que os não matem e comam. Tem este rio de Seregipe na barra de baixamar tres braças, e dentro cinco e seis braças, cuja barra se entra lessueste e oesnoroeste, e quem quer entrar pelo boqueirão do baixio vai com a prôa ao norte; e como está dentro a loesnoroeste va demandar a ponta do sul, e d'ella para dentro se vai ao norte; e quem vem de mar em fóra verá por cima d'este rio um monte mais alto que os outros, da feição de um ovo, que está afastado da barra algumas seis legoas, pelo qual é a terra bem conhecida. A este monte chamam os indios Manhana, que quer dizer entre elles espia, por se ver de todas as partes de muito longe. E corre-se a costa d'este rio ao de S. Francisco nornordeste susudoeste.

CAPITULO XXII.

Em que se declara a costa do rio Seregipe até o Rio Real.

D'este rio de Seregipe, de que acima dissemos, a quatro legoas está outro rio, qne se diz do Cotigipe, cuja boca é de meia legoa; em meio do qual tem uma ilha, em que tem umas moitas verdes, a qual ilha faz duas barras a este rio; pela do sul podem entrar navios de oitenta toneis, porque no mais debaixo tem de fundo duas braças de baixamar, e mais para dentro tem cinco braças; pela barra do norte entram caravelões da costa. Tem este rio á boca da barra uns bancos de arêa que botam meia legoa ao mar. Por este rio se navega tres legoas, que tantas entra a maré por elle acima, o qual é muito farto de peixe e marisco, cuja terra é sofrivel para se poder povoar, e no sertão d'ella tem grandes matas de páo brazil.

D'este rio de Cotigipe ao rio de Pereira, a que outros chamam de Cannafistula, são quatro legoas. Do qual até Seregipe faz a terra outra enseada, a que tambem chamam de Vazabarris, no seio da qual está

o rio de Cotigipe, de que já fallamos, a que muitos chamam do nome da enseada. Do rio de Pereira a duas legoas está a ponta do Rio Real, donde se corre a costa até Seregipe, nornordeste susudoeste.

CAPITULO XXIII.

Que trata do Rio Real e seus merecimentos.

Parece que quem tem tamanho nome como o Rio Real, que deve de ter merecimentos capazes d'elle, os quaes convém que venham a terreiro, para que cheguem á noticia de todos. E comecemos na altura, em que está, que são doze gráos escaços: a barra d'este rio terá de ponta a ponta meia legoa, em a qual tem dous canaes, por onde entram navios da costa de quarenta toneladas, e pela barra do sudoeste podem entrar navios de sessenta toneis, estando com as balizas necessarias, porque tem dous mares em flôr: da barra para dentro tem o rio muito fundo, onde se faz uma bahia de mais de uma legoa, onde os navios tem grande a brigada com todos tempos, em a qual ha grandes pescarias de peixe boi, e de toda a outra sorte de pescado, e tem muito marisco. Entra a maré por este rio acima seis ou sete legoas, e divide-se em tres ou quatro esteiros onde se vem metter outras ribeiras de agoa doce. Até onde chega o salgado, é a terra fraca e pouca d'ella servirá de mais que de criações de gado: mas d'onde se acaba a maré para cima é a terra muito boa e capaz para dar todas as novidades, do que lhe prantarem, em a qual se podem fazer engenhos de assucar, por se darem n'ella as canas muito bem.

Pelo sertão d'este rio ha muito páo brazil, que com pouco trabalho todo póde vir ao mar, para se poder carregar para estes reinos. E para que esta costa esteja segura do gentio, e os Francezes desenganados de não poderem vir resgatar com elle entre a Bahia e Pernambuco, convém ao serviço de S. Magestade que mande povoar e fortificar este rio, o que se póde fazer com pouca despeza de sua fazenda, do que já El-Rei D. Sebastião, que está em gloria, foi informádo; e mandou mui afincadamente a Luiz de Brito, que n'este tempo gover-

nava este Estado, que ordenasse com muita brevidade como se povoasse este rio, no que elle metteu todo o cabedal, mandando a isso Garcia d'Avila, que é um dos principaes moradores da Bahia, com muitos hemens das ilhas e da terra, para que assentassem uma povoação onde parecesse melhor; o que fez pelo rio acima tres legoas, onde o mesmo governador foi em pessoa com a força da gente que havia na Bahia, quando foi dar guerra ao gentio d'aquella parte, o qual passou por esta nova povoação, de cujo sitio elle e toda a companhia se descontentaram: e com razão; porque estava longe do mar para se valerem da fartura d'elle, e longe da terra boa, que lhe pudesse responder com as novidades costumadas. Donde se afastaram por temerem o gentio que por ali vivia; ao qual Luiz de Brito deu tal castigo n'aquelle tempo, como se não deu n'aquellas partes, por que mandou destruir os mais valorosos e maiores dos corsarios capitães d'aquelle gentio, que nunca houve n'aquella costa, sem lhe custar a vida a mais que a dous escravos, os quaes principaes do gentio foram mortos, e os seus que escaparam com vida ficaram captivos. E quando se o governador recolheu, se despovoou este principio de povoação sem se tornar mais a bulir n'isso; por se entender ser necessario fazer-se uma casa forte á custa de S. A., a qual Luiz de Brito não ordenou por ser chegado o cabo do seu tempo, e succeder-lhe Lourenço da Veiga, que não buliu n'este negocio pelos respeitos, que não são sabidos, para se aqui declararem.

CAPITULO XXIV.

Em que se declara a terra que ha do rio Real, até o rio de Itapocurú.

Do rio Real ao de Itapocurú são quatro legoas; sem de um rio a outro haver na costa por onde entre um barquinho, por tudo serem arrecifes ao longo da costa, cuja terra ao longo d'ella é muita fraca, que não serve se não para criações de gado. A boca d'este rio é muito suja de pedras, mas podem-se quebrar umas pontas de baixamar de

agoas vivas, com que lhe fique canal aberto, para poderem por elle entrar caravelões da costa de meia agoa cheia por diante. Da boca d'este rio para dentro faz-se uma maneira de bahia, onde de baixamar podem nadar náos de duzentos toneis: entra a maré por este rio acima cinco legoas ou seis, as quaes se podem navegar com barcos: e onde se mistura o salgado com agoa doce para cima dez ou doze legoas se póde tambem navegar com barquinhos pequenos, e por aqui acima é a terra muito boa para se poder povoar; porque dá muito bem todos os mantimentos, que lhe plantam, e dará muito bons cannaviaes de assucar; porque quando Luiz de Brito foi dar guerra ao gentio do Rio Real, se acharam pelas roças d'estes indios, que viviam ao longo d'este rio, mui grossas e mui formosas cannas de assucar, pelo que povoando-se este rio, se podem fazer n'elle muitos engenhos de assucar, porque tem ribeiras que se n'elle mettem muito acommodadas para isso; n'este mesmo tempo se achou entre este rio e o Real, cincoenta ou sessenta legoas pelo sertão, uma alagôa de quinhentas braças de comprido e cento de largo, pouco mais ou menos, cuja agoa é mais salgada que a do mar, a qual alagôa estava cercada de um campo todo cheio de perrexil muito mais viçoso que o que nasce ao longo do mar, e tocado por fóra nos beiços era tão salgado como se lhe dera o rocio do mar: n'este mesmo campo afastado d'esta alagôa quinhentas ou seiscentas braças estava outra alagôa, ambas em um andar, cuja agoa era muito doce, e o peixe que ambas tinham era da mesma sorte, e em ambas havia muitos porcos d'agoa, dos quaes o gentio matou muita quantidade d'elles. Este rio perto do mar é muito farto de pescado e marisco, e para cima de peixe de agoa doce, e pela terra ao longo d'elle tem muita caça de toda a sorte, o qual no verão traz mais agoa que o Mondego, e está em doze gráos: cujo nascimento é para a banda de loeste mais de cem legoas do mar, e está povoado do gentio Tupinambá.

CAPITULO XXV.

Em que se declara a terra, que ha do Itapocurú até Tatuapará.

Do rio Itapocurú a Tatuapará são oito ou nove legoas, cuja terra ao longo do mar é muito fresca e baixa, e não serve se não para criação de gado; mas duas legoas pela terra dentro é sofrivel para mantimentos, pela qual atravessam cinco rios e outras muitas ribeiras, que vem sahir ao mar n'estas oito legoas; de que não ha que tratar, por se metterem no mar por cima dos arrecifes sem fazerem barra por onde possa andar um barquinho; porque toda esta costa do rio Real até Tatuapará ao longo do mar é cheia de arrecifes de pedra, que se espraiam muito, por onde não é possivel lançar-se gente em terra, nem chegar nenhum barco senão for no Itapocurú, como fica dito.

Tatuapará é uma enseada, onde se mette um riacho d'este nome, em o qual entram caravelões da costa com preamar: n'esta enseada tem os navios muito boa abrigada e surgidouro, de que se aproveitam os que andam pela costa. Aqui tem Garcia d'Avila, que é um dos principaes e mais ricos moradores da cidade do Salvador, uma povoação com grandes edificios de casas de sua vivenda, e uma igreja de Nossa Senhora, mui ornada, toda de abobada, em a qual tem um capellão que lhe ministra os Sacramentos.

Este Garcia d'Avila tem toda sua fazenda em criações de vaccas e egoas, e terá alguns dez curraes por esta terra adiante: e os padres da companhia tem n'este direito uma aldêa de indios forros Tupinambás, a qual se chama de Santo Antonio, onde haverá mais de trezentos homens de peleja: e perto d'esta aldêa tem os padres tres curraes de vaccas, que grangeam, os quaes tem na aldêa uma formosa igreja de Santo Antonio, e um recolhimento onde estão sempre um padre de missa e um irmão, que doutrinam estes indios na nossa santa fé catholica, no que os padres trabalham todo

o possivel; mas por demais, porque é este gentio tão barbaro que até hoje não ha nenhum que viva como christão tanto que se apartam da conversação dos padres oito dias. Esta enseada de Tatuapará está em altura de doze gráos esforçados, e corre-se a costa d'aqui até o Rio Real nornordeste susudoeste.

CAPITULO XXVI.

Em que se declara a terra e costa de Tatuapará até o rio de Joanne.

De Tatuapará ao rio Jacoipe são quatro legoas, as quaes ao longo do mar estão occupadas com curraes de gado, por serem de terra baixa e fraca; os quaes curraes são de Garcia d'Avila e de outras pessoas chegadas a sua casa. De Tatuapará até este rio não ha onde possa entrar um barco senão n'este rio de Jacoipe, e aqui com bonança ainda com trabalho; mas atraz uma legoa, onde se chama o porto de Braz Affonso, onde os arrecifes, que vem de Tatuapará, fazem uma aberta, podem entrar caravelões, e do arrecife para dentro ficam seguros com todo tempo. Este rio de Jacoipe se passa de baixamar acima da barra uma legoa a váu, ao longo do qual tem o mesmo Garcia d'Avila um curral de vaccas. D'este rio de Jacoipe até o rio de Joanne são cinco legoas, até onde são tudo arrecifes sem haver onde possa entrar um barco, senão onde chamam o porto de Arambepe, onde os arrecifes fazem outra aberta, por onde com bonança podem entrar barcos, e ficarem dentro dos arrecifes seguros. De Jacoipe a Arambepe são duas legoas, onde se perdeu a náo Santa-Clara, qne ia para a India, estando sobre amarra, e foi tanto o tempo que sobreveio, que a fez ir á cacea, que foi forçado cortarem-lhe o mastro grande, o que não bastou para se remediar, e os officiaes da náo desconfiados da salvação sendo meia noite deram a vella do traquete para ancorarem em terra e salvarem as vidas: o que lhe succedeu pelo contrario; porque sendo esta costa toda limpa afastada dos arrecifes foram varar por cima de uma lage não se sabendo outra

de Pernambuco até a Bahia, a qual lage está um tiro de falcão ao mar dos arrecifes, onde se esta náo fez em pedaços, e morreram n'este naufragio passante de trezentos homens, com Luiz de Alter de Andrade, que ia por capitão. Toda esta terra até o rio de Joanne, tres legoas do mar para o sertão, está povoada de curraes de vaccas de pessoas diversas; e n'esta comarca, tres legoas do mar, tem os padres da Companhia duas aldêas de indios forros Tupinambás e de outras nações, em as quaes teram setecentos homens de peleja pelo menos; os quaes os padres doutrinam, como fica dito, da aldeia de Santo Antonio. Est'outras se dizem, uma de Santo Espirito, e a outra de S. João; onde tem grandes igrejas da mesma advocação e recolhimento para os padres, que n'ellas rezidem, e para outros que muitas vezes se lá vão recrear. E á sombra e circuito d'estas aldeias tem quatro ou cinco curraes de vaccas ou mais, que grangeam, de que se ajudam a sustentar. Por onde estas aldeias estão, é a terra boa, onde se dão todos os mantimentos da terra muito bem por ser muito fresca com muitas ribeiras de agoa: n'este limite lança o mar fóra todos os annos muito ambar pelo inverno, que estes indios vão buscar, o qual dão aos padres. E corre-se esta costa de Tatuapará até este rio de Joanne nornordeste susudoeste.

CAPITULO XXVII.

Em que se declara a costa do rio de Joanne até a Bahia.

O rio do Joanne traz tanta agoa, quando se mette no mar, como o Zezere quando se mette no Téjo, o qual entra no mar por cima dos arrecifes, onde espraia muito, o qual se passa de maré vazia a váu por junto da barra; mas não póde entrar por ella nenhuma jangada por ser tudo pedra viva, e de preiamar não tem sobre si tres palmos de agoa, a qual anda ali sempre mui levantada. Este rio está em altura de doze gráos e dous terços. D'este rio até Tapoam são tres legoas, cuja terra é baixa e fraca, e não serve ao longo do mar mais que para gado; e até quatro legoas pela terra dentro está este limite

e a terra d'elle occupada com curraes de vaccas. Esta terra e outra tanta além do rio de Joanne é do concelho da cidade do Salvador. A Tapoam é uma ponta sahida ao mar, com uma pedra no cabo cercada d'elle, a que o gentio chama d'este nome, que quer dizer pedra baixa: defronte, d'esta ponta em um alto, está uma fazenda de Sebastião Luiz, com uma hermida de S. Francisco. Esta ponta, é a que na carta de marear se chama os Lençóes de Arêa, por onde se conhece a entrada da Bahia; e para o sertão duas legoas está uma grossa fazenda de Garcia d'Avila com outra hermida de S. Francisco mui concertada e limpa. D'esta ponta de Tapoam a duas legoas está o rio Vermelho, que é uma ribeira assim chamada, que se aqui vem metter no mar, até onde são tudo arrecifes cerrados sem entrada nenhuma. N'este rio Vermelho póde desembarcar gente com bonança, e estarem barcos da costa ancorados n'esta boca d'elle, não sendo travessia na costa nem ventos mareiros: até aqui está toda a terra ao longe do mar occupada com criações de gado vaccum. E pela terra dentro duas legoas tem os padres da Companhia uma grossa fazenda com dous curraes de vaccas, em a qual tem umas casas de refrigerio, onde se vão recrear e convalescer das enfermidades, e levam a folgar os governadores: onde tem um jardim muito fresco, com um formoso tanque de agoa, e uma hermida muito concertada, onde os padres, quando lá estão, dizem missa. D'este rio Vermelho até a Ponta do Padrão é uma legoa, e corre-se a costa do rio de Joanne á Ponta do Padrão nornordeste sudoeste.

CAPITULO XXVIII.

Em que se declara como Francisco Pereira Coutinho foi povoar a Bahia de todos os Santos e os trabalhos que n'isso teve.

Quem quizer saber quem foi Francisco Pereira Coutinho, lêa os livros da India, e sabe-lo-ha; e verão seu grande valor e heroicos feitos dignos de differente descanço do que teve na conquista do Brazil, onde lhe coube por sorte a capitania da Bahia de todos os

Santos, de que lhe El-Rei D. João III. de gloriosa memoria fez mercê, pela primeira vez, da terra que ha da Ponta do Padrão até o rio de S. Francisco ao longo do mar, e para o sertão de toda a terra que couber na demarcação d'este Estado, e lhe fez mercê da terra da Bahia com seus reconcavos. E como este esforçado capitão tinha animo incansavel não receou de ir povoar a sua capitania em pessoa, e fez-se prestes com muitos moradores casados e outros solteiros, que embarcou em uma armada, que fez á sua custa, com a qual partiu do porto de Lisboa. E com bom vento fez sua viagem até entrar na Bahia e desembarcou da ponta do Padrão d'ella para dentro, e fortificou-se, onde agora chamam a Villa Velha; em o qual sitio fez uma povoação e fortaleza sobre o mar, onde esteve de paz com o gentio os primeiros annos, no qual tempo os moradores fizeram suas roças e lavouras. D'esta povoação para dentro fizeram uns homens poderosos, que com elle foram, dous engenhos de assucar, que depois foram queimados pelo gentio, que se alevantou, e destruiu todas as roças e fazendas, pelas quaes mataram muitos homens, e nos engenhos quando deram n'elles. Poz este alevantamanto a Francisco Pereira em grande aperto; porque lhe cercaram a villa e fortaleza, tomando-lhe a agua e mais mantimentos, os quaes n'este tempo lhe vinham por mar da capitania dos Ilheos, os quaes iam buscar da villa as embarcações, com grande risco dos cercados, que estiveram n'estes trabalhos, ora cercados, ora com tregoas sete ou oito annos, nos quaes passaram grandes fomes, doenças e mil infortunios, a quem este gentio Tupinambá matava gente cada dia, com o que se ia apouquentando muito: onde mataram um seu filho bastardo e alguns parentes e outros homens de nome, com o que a gente, que estava com Francisco Pereira, desesperada de poder resistir tantos annos a tamanha e tão apertada guerra, se determinou com elle apertando-o que ordenasse de os pôr em salvo, entes que se acabasse de consumir em poder de inimigos tão crueis, que ainda não acabavam de matar um homem, quando o espedaçavam e comiam. E vendo este capitão sua gente, que já era mui pouca, tão determinada, ordenou de a pôr em salvo e passou-se por

mar com ella em uns caravelões que tinha, para a capitania dos Ilheos: do que se espantou o gentio muito, e arrependido da ruim visinhança que lhe tinha feito, movido tambem de seu interesse, vendo, que como se foram os Portuguezes lhe ia faltando o sresgates, que lhes elles davam a troco de mantimentos, ordenaram de mandar chamar Francisco Pereira mandando-lhe prometter toda a paz e boa amizade, o qual recado foi d'elle festejado, e embarcou-se logo com alguma gente em um caravelão que tinha, e outro, em que vinha Diogo Alvares de alcunha o Caramurú, grande lingua do gentio, e partiu-se para Bahia, e querendo entrar pela barra dentro lhe sobreveio muito vento e tormentoso, que o lançou sobre os baixos da ilha de Taparica, onde deu á costa; salvou-se a gente toda d'este naufragio, mas não das mãos dos Tupinambás, que viviam n'esta ilha, os quaes se ajuntaram, e á traição mataram a Francisco Pereira e a gente do seu caravelão, do que escapou Diogo Alvares com os seus, com boa linguagem. D'esta maneira acabou ás mãos dos Tupinambás o esforçado cavalleiro Francisco Pereira Coutinho, cujo esforço não poderam render os Rumes e Malabares da India, e foi rendido d'estes barbaros; o qual não sómente gastou a vida n'esta pretenção, mas quanto em muitos annos ganhou na India com tantas lançadas e espingardadas, e o que tinha em Portugal, com o que deixou sua mulher e filhos postos no hospital.

CAPITULO XXIX.

Em que se torna a correr a costa e explicar a terra d'ella da ponta do Padrão até o rio de Camamú.

Não tratamos da Bahia mais particularmente por ora, porque lhe não cabe n'este lugar dizer mais, para no seu se dizer o promettido; pois á sua conta se fez outro memorial, de que pegaremos como acabarmos de correr a costa, e far-lhe-hemos seu officio da melhor maneira que soubermos.

E tornando á Ponta do Padrão d'ella, que está em altura de treze

gráos esforçados: dizemos que d'esta Ponta á do morro de S. Paulo na ilha de Tinharé são nove ou dez leguas, a qual ponta está em treze gráos e meio, e corre-se com a Ponta do Padrão nordeste sudoeste.

Faz esta ilha de Tinharé da banda do sul um morro escalvado, que se diz de S. Paulo, a cuja abrigada ancoram náos de todo o porte, e quem quizer entrar d'esta Ponta para dentro póde ir bem chegado ao morro, e achará fundo de cinco e seis braças. N'esta ilha de Tinharé junto do morro esteve a primeira povoação da capitania dos Ilhéos, d'onde despovoaram logo por não contentar a terra aos primeiros povoadores, a qual ilha está tão chegada á terra firme que no mais estreito não ha mais canal que de um tiro de espingarda de terra a terra.

De Tinharé á ilha de Boipeba são quatro leguas; esta ilha possuem os padres da companhia do collegio da Bahia, a qual e a de Tinharé estam povoadas de Portuguezes, que despejaram a terra firme com medo dos Aimorés, que lhe destruiram as fazendas e mataram muitos escravos. De Boipeba ao rio de Camamú são tres leguas, o qual está em quatorze gráos. Tem este rio de Camamú uma bocca grande e n'ella uma ilha pequena perto da ponta da banda do norte, e tem bom canal para poderem entrar n'elle náos grandes, as quaes hão de entrar chegadas á ponta da banda do sul, onde tem seis e sete braças de fundo. Da barra d'este rio para dentro tem uma formosa bahia com muitas ribeiras que se n'ella mettem, onde se podem fazer muitos engenhos. Este rio é muito grande e notavel e vem de muito longe, o qual se navega do salgado para cima cinco ou seis leguas até á cachoeira, que lhe impede não se navegar muitas leguas, porque pelo sertão se póde navegar; porque traz sempre muita agua: cuja terra com dez leguas de costa possuem os padres da Companhia por lhe fazer d'ella doação Mem de Sá; os quaes padres a começaram a povoar, e alguns outros moradores; mas todos despejaram por mandado dos Aimorés que lhes deram tal trato que os fez passar d'alli para as ilhas de Boipeba e Tinharé. E corre-se a costa d'esta ilha ao Camamú norte sul pouco mais ou menos.

CAPITULO XXX.

Em que se declara a terra que ha do rio de Camamú até os Ilhéos.

Este rio de Camamú está em altura de quatorze gráos; e d'elle ao das Contas são seis leguas, cuja costa se corre norte sul. Tem este rio das Contas, a que os Indios chamam Jussiape, para o conhecer quem vem de mar em fóra, sobre a bocca uns campinhos descubertos do matto, e ao mar uma pedra como ilhéo que está na mesma bocca, pela qual entram navios de honesto porte, porque tem fundo e canal para isso bem chegado a esta pedra. Este rio vem de muito longe, e traz mais agua sempre que o Tejo, o qual se navega da barra para dentro sete ou oito leguas até á cachoeira, e d'ella para cima se póde tambem navegar, por ter fundo para isso. E é muito farto de pescado e marisco e de muita caça, cuja terra é grossa e boa, e tem muitas ribeiras para engenhos que se vem metter n'este rio (os quaes se deixam de fazer por respeito dos Aimorés, pelo que não está povoado) o qual está em quatorze gráos e um quarto. D'este rio das Contas a duas leguas está outro rio que se chama Amemoão, e d'elle a uma legua está outro rio que se chama Japarape, os quaes se passam a váo ao longo do mar, que tambem estam despovoados. De Japarape ao rio de Taype são tres leguas; este rio de Taype vem de muito longe, em o qual se mettem muitas ribeiras que o fazem caudaloso, cujo nascimento é de uma alagôa que tem em si duas ilhas. Da alagôa para baixo e perto do mar tem outra ilha e um engenho mui possante de Luiz Alvares de Espenha, junto do qual engenho está uma alagôa grande de agua doce em que se tomam muitas arraias e outro peixe do mar e muitos peixes bois, cousa que faz grande espanto por se não achar peixe do mar em nenhumas alagôas. De Taype ao rio de S. Jorge, que é o dos Ilhéos, são duas leguas, a qual terra é toda boa e está muita d'ella aproveitada com engenhos de assucar, ainda que estam mui apertados com esta praga dos Aimorés, e para se conhecer

a barra dos Ilhéos ha se de vir correndo a costa á vista da praia para se poderem ver os Ilhéos, porque são pequenos, e tres; e entre a terra e o Ilhéo grande ha bom surgidouro, e os navios que houverem de entrar no rio vão pelo canal que está norte sul como o Ilhéo grande, onde os navios estam seguros com todo o tempo e tambem estam á sombra do Ilhéo grande. Este rio tem alguns braços que se navegam com caravelões e barcas para serviço dos engenhos que tem; cuja terra é muita fertil e grossa e de muita caça, e o rio tem grandes pescarias e muito marisco, o qual está em altura de quinze gráos escassos, e corre-se a costa d'elle ao rio das Contas norte sul.

CAPITULO XXXI.

Em que se contém como se começou de povoar a capitania dos Ilhéos por ordem de Jorge de Figueiredo Corrêa.

Quando el-rei D. João o 3.º repartiu parte da terra da costa do Brazil em capitanias, fez mercê de uma d'ellas, com cincoenta leguas de costa, a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão da sua fazenda; a qual se começa da ponta da Bahia do Salvador da banda do sul, que se entende da ilha de Tinharé (como está julgado por sentença que sobre este caso deu Mem de Sá sendo governador, e Braz Fragoso sendo ouvidor geral e provedor mór do Brazil) e vai correndo ao longo da costa cincoenta leguas. E como Jorge de Figueiredo por respeito de seu cargo não podia ir povoar esta sua capitania em pessoa, ordenou de o mandar fazer por outrem, para o que fez prestes á custa de sua fazenda uma frota de navios com muitos moradores providos do necessario para a nova povoação. E mandou por seu logo-tenente a um Castelhano muito esforçado, experimentado e prudente, que se chamava Francisco Romeiro: o qual partiu do porto de Lisboa com sua frota, e fez sua viagem para esta costa do Brazil, e foi ancorar e desembarcar no porto de Tinharé, e começou a povoar em cima no morro de S. Paulo, do qual sitio se não satisfez. E como foi bem visto e descuberto do rio dos Ilhéos, que assim se cha-

mà pelos que tem defronte da barra, d'onde a capitania tomou o nome, se passou com toda a gente para este rio, onde se fortificou e assentou a villa de S. Jorge, onde agora está, em a qual nos primeiros annos teve muitos trabalhos de guerra com o gentio; mas como eram Tupiniquins, gente melhor acondicionada que o outro gentio, fez pazes com elles, e fez-lhe tal companhia que com seu favor foi a capitania em grande crescimento, onde homens ricos de Lisboa mandaram fazer engenhos de assucar, com que se a terra ennobreceu muito; a qual capitania Jeronymo de Alarcão, filho segundo de Jorge de Figueiredo, com licença de S. A. vendeu a Lucas Giraldes, que n'ella metteu grande cabedal com que a engrandeceu de maneira que veio a ter oito ou nove engenhos. Mas deu n'esta terra esta praga dos Aimorés de feição que não ha ahi já mais que seis engenhos, e estes não fazem assucar, nem ha morador que ouse plantar cannas, porque em indo os escravos ou homens ao campo não escapam a estes alarves, com medo dos quaes foge a gente dos Ilhéos para a Bahia, e tem a terra quasi despovoada, a qual se despovoará de todo se S. Magestade com muita instancia lhe não valer. Esta villa foi muito abastada e rica, e teve quatrocentos ou quinhentos visinhos; em a qual está um mosteiro dos padres da Companhia, e outro que se agora começa, de S. Bento, e não tem nenhuma fortificação nem modo para se defender de quem a quizer afrontar.

CAPITULO XXXII.

Em que se declara quem são os Aimorés, sua vida e costumes.

Parece razão que não passemos avante sem declarar que gentio é este a quem chamam Aimorés, que tanto damno tem feito a esta capitania dos Ilhéos, segundo fica dito, cuja costa era povoada dos Tupiniquins, os quaes a despovoaram com medo d'estes brutos, e se foram viver ao sertão; dos quaes Tupiniquins não ha já n'esta capitania senão duas aldêas, que estam junto dos engenhos de Henrique Luiz, as quaes tem já muito pouca gente.

Descendem estes Aimorés de outros gentios a que chamam Tapuias, dos quaes nos tempos d'atrás se ausentaram certos casaes, e foram-se para umas serras mui asperas fugindo a um desbarate em que os puzeram seus contrarios, onde residiram muitos annos sem verem outra gente; e os que destes descenderam vieram a perder a linguagem, e fizeram outra nova que se não entende de nenhuma outra nação do gentio de todo este estado do Brazil. E são estes Aimorés tão selvagens que dos outros barbaros são havidos por mais que barbaros, e alguns se tomaram já vivos em Porto Seguro e nos Ilhéos, que se deixaram morrer de bravos sem quererem comer. Começou este gentio a sahir ao mar no rio das Caravellas junto de Porto Seguro, e corre estes matos e praias até o rio de Camamú, e d'ahi veio a dar assaltos perto de Tinharé, e não descem á praia senão quando vem dar assaltos. Este gentio tem a côr do outro, mas são de maiores corpos e mais robustos e forçosos, não tem barbas nem mais cabellos no corpo que os da cabeça, porque os arrancam todos; pelejam com arcos e flechas muito grandes, e são tamanhos frecheiros que não erram nunca tiro; são mui ligeiros á maravilha e grandes corredores. Não vivem estes barbaros em aldêas, nem casas, como o outro gentio, nem ha quem lh'as visse, nem saiba, nem désse com ellas pelos matos até hoje; andam sempre de uma parte para a outra pelos campos e matos, dormem no chão sobre folhas; e se lhes chove arrimam-se ao pé de uma arvore, onde engenham as folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se em cocras; e não se lhe achou até-gora outro rastro de gazalhado. Não costumam estes alarves fazer roças, nem plantar alguns mantimentos; mantem-se dos fructos silvestres e da caça que matam, a qual comem crúa ou mal assada, quando tem fogo; machos e femeas todos andam tosquiados, e tosquiam-se com umas cannas que cortam muito; a sua falla é rouca da voz, a qual arrancam da garganta com muita força, e não se poderá escrever, como Vasconço. Vivem estes barbaros de saltear toda a sorte de gentio que encontram, e nunca se viram juntos mais que vinte até trinta frexeiros; não pelejam com ninguem de rosto a rosto; toda a sua briga é atraiçoada, dão assaltos pelas roças e caminhos por onde

andam, esperando o outro gentio e toda a sorte de creatura em ciladas detrás das arvores cada um per si, d'onde não erram tiro, e todas as suas flexas empregam, e se lhe fazem rosto logo fogem cada um para sua parte; mas como vem a gente desmandada fazem parada e buscam aonde fiquem escondidos até que passem os que seguem, e dam-lhe nas costas empregando suas flexadas á vontade. Estes barbaros não sabem nadar, e qualquer rio que se não passa a váu basta para defensão d'elles; mas para o passarem vão buscar o váu muitas leguas pelo rio acima. Comem estes selvagens carne humana por mantimento, o que não tem o outro gentio que a não comê senão por vingança de suas brigas e antiguidade de seus odios. A capitania de Porto Seguro e a dos Ilhéos estam destruidas e quasi despovoadas com o temor d'estes barbaros, cujos engenhos não lavram assucar por lhe terem morto todos os escravos e gente d'elles, e a das mais fazendas, e os que escaparam das suas mãos lhe tomaram tamanho medo que em se dizendo « Aimorés » despejam as fazendas, e cada um trabalha por se pôr em salvo, o que tambem fazem os homens brancos, dos quaes tem morto estes alarves de vinte e cinco annos a esta parte, que esta praga persegue estas duas capitanias, mais de trezentos homens Portuguezes e de tres mil escravos. Costumam-se ordinariamente cartearem-se os moradores da Bahia com os dos Ilhéos, e atravessavam os homens este caminho ao longo da praia como lhe convinha sem haver perigo nenhum, o que estes Aimorés vieram a sentir, e determinaram-se de virem vigiar estas praias e esperar a gente que por ellas passava, onde tem mortos, e com estes muitos homens e muitos mais escravos; e são estes salteadores tamanhos corredores que lhes não escapava ninguem por pés, salvo os que se lhe mettiam no mar, onde se elles não atrevem a entrar: mas andam-nos esperando que saiam á terra até á noite que se recolhem, pelo que este caminho está vedado, e não atravessa ninguem por elle senão com muito risco de sua pessoa; e se senão busca algum remedio para destruirem estes alarves elles destruirão as fazendas da Bahia, para onde vão caminhando de seu vagar. E como elles são tão esquivos inimigos de todo o genero humano, não foi possivel saber mais

de sua vida e costumes, e o que está dito póde bastar por ora: e tornemos a pegar da costa começando dos Ilhéos por diante.

CAPITULO XXXIII.

Em que se declara a costa do rio dos Ilhéos até o Rio Grande.

Para satisfazermos com o promettido convém que digamos que terra corre do rio de S. Jorge dos Ilhéos por diante, do qual a duas leguas está o rio Cururupe. D'este rio a cinco leguas está outro rio que se chama Patipe, e em nenhum d'elles podem entrar barcos, por não terem barra para isso, cuja costa é de praia e limpa, e a terra por dentro baixa ao longo do mar. D'este rio ao Rio Grande são sete leguas, o qual está em quinze gráos e meio, e tem na bocca tres moitas de mato que do mar parecem ilhas, por onde é muito bom de conhecer. Na ponta da barra da banda do norte da parte de fóra tem bom abrigo para ancorarem navios da costa, os quaes entram n'este rio se querem; em cujo canal na barra tem duas braças, depois uma, e d'ahi por diante tres, quatro e cinco braças. Este rio se navega por elle acima em barcos oito ou dez leguas; n'este rio será uma povoação muito proveitosa por ser muito grande e ter grandes pescarias e muito marisco e caça, cuja terra é muito boa, onde se darão todos os mantimentos que lhe plantarem, e corre-se a costa d'este Rio Grande ao dos Ilhéos norte sul.

Este rio vem de muito longe e traz sempre muita agua e grande correnteza, pelo qual vieram abaixo alguns homens dos que foram á serra das esmeraldas com Antonio Dias Adorno, os quaes vieram em suas embarcações a que chamam canôas, que são de um páo, que tem a casca muito dura e o mais muito mole, o qual cavacam com qualquer ferramenta, de maneira que lhe deitam todo o miolo fóra, e fica sómente a casca, e ha d'estas arvores algumas tamanhas que fazem d'ellas canôas que levam de vinte pessoas para cima.

Sebastião Fernandes Tourinho, morador em Porto Seguro, com certos companheiros entrou pelo sertão, onde andou alguns mezes á ventura sem saber por onde caminhava, e metteu-se tanto pela

terra dentro, que se achou em direito do Rio de Janeiro, o que suberam pela altura do sol, que este Sebastião Fernandes sabia muito bem tomar, e por conhecerem a serra dos Orgãos, que cahe sobre o Rio de Janeiro; e chegando ao campo grande acharam alagôas, e riachos, que se mettiam n'este Rio Grande: e indo com rosto ao noroeste, deram em algumas serras de pedra, por onde caminharam obra de trinta legoas, e tornando a leste alguns dias deram em uma aldeia de Tupiniquins junto de um rio, que se chama Razo-Aguipe; e foram por elle abaixo com o rosto ao norte vinte e oito dias em canôas, em as quaes andaram oitenta legoas. Este rio tem grande correnteza, e entram n'elle dous rios, um da banda do leste, e outro da banda do loeste, com os quaes se vem metter este rio Razo-Aguipe no Rio Grande. E depois que entraram n'elle navegaram nas suas canôas por elle abaixo vinte e quatro dias, em os quaes chegaram ao mar, vindo sempre com a proa ao loeste. E fazendo esta gente sua viagem, achou no sertão d'este rio, no mais largo d'elle, que será em meio caminho da mar, vinte ilhas afastadas uma da outra uma legoa, e duas e tres, e mais; e acharam quarenta legoas de barra, pouco mais ou menos um sumidouro, que vai por baixo da terra mais de uma legoa, quando é no verão, que no inverno traz tanta agoa, que alaga tudo. Do sumidouro para cima tem este rio grande fundo, e a partes tem poços que tem seis e sete braças, por onde se póde navegar em grandes embarcações: e quasi toda a terra de longo d'elle é muito boa.

CAPITULO XXXIV.

Em que se declara a costa do Rio Grande até o de Santa Cruz.

Do Rio Grande ao seu Braço são duas legoas, pelo qual Braço entram caravelões, que por elle vam entrar no mesmo Rio Grande, meia legoa da barra para cima. Do Braço do Rio Grande ao rio Boiquisape são tres legoas, e do Boiquisape á ponta dos baixos de Santo Antonio são quatro legoas, e da ponta de Santo Antonio ao seu rio é meia legoa: do rio de Santo Antonio ao de Sernanbitibe são duas

legoas; e d'este rio de Santo Antonio e da sua ponta até o rio de Sernanbitibe estão uns baixos com canal entre elles e a costa, por onde entram barcos pequenos pela ponta de Santo Antonio; e mais ao mar ficam uns arrecifes do mesmo tamanho com canal entre uns e outros. E defronte do rio de Santo Antonio tem estes arrecifes do mar um boqueirão, por onde póde entrar uma náo e ir ancorar pelo canal, que se faz entre um arrecife e o outro, onde estará segura; no mesmo arrecife do mar está outro boqueirão, por onde podem entrar caravelões da costa defronte do rio de Sernanbitibe, pelo qual se póde ir buscar o porto. Do rio de Sernanbitibe ao de Santa Cruz são duas leguas, onde esteve um engenho de assucar. N'este porto de Santa Cruz entram náos da India de todo o porte, as quaes entram com a proa a loeste, e surgem em uma enseada como concha, onde estão muito seguras de todo o tempo. Este Rio de Santa Cruz está em desesseis gráos e meio, e corre-se a costa do Rio Grande até este de Santa Cruz nordeste sudoeste, o que se ha de fazer afastado da terra duas leguas por amor dos baixos. N'este porto de Santa Cruz esteve Pedro Alvares Cabral, quando hia para a India, e descobriu esta terra, e aqui tomou posse d'ella, onde esteve a villa de Santa Cruz, a qual terra estava povoada então de Tupiquinis, que senhoreavam esta costa do Rio de Camamú até o de Cricaré, de cuja vida e feitos diremos ao diante. Esta villa de Santa Cruz se despovoou d'onde esteve, e a passaram para junto do Rio de Sernanbitibe, pela terra ser mais sadía e acommodada para os moradores viverem.

CAPITULO XXXV.

Em que se declara a costa e terra d'ella do Rio de Santa Cruz até o Porto Seguro.

Do Rio de Santa Cruz ao de Itacumirim é meia legua: onde esteve o engenho de João da Rocha. Do Rio de Itacumirim ao de Porto Seguro é meia legua: e entre um e outro está um riacho, que se diz de S. Francisco junto das barreiras vermelhas. Defronte do Rio de

Itacumirim até o de Santa Cruz vai uma ordem de arrecifes, que tem quatro boqueirões, por onde entram barcos pequenos; e faz outra ordem de arrecifes baixos mais ao mar, que se começam defronte do engenho de João da Rocha, e por entre uns arrecifes, e os outros é a barra do Porto Seguro, por onde entram navios de sessenta toneis; e se é navio grande, toma meia carga em Porto Seguro, e vai acabar de carregar em Santa Cruz.

Porto Seguro está em desesseis gráos e dous terços, e quem vem de mar em fóra vá com boa vigia por amor dos baixos. E para conhecer bem a terra, olhe para ao pé da villa, que está em um alto, e verá umas barreiras vermelhas, que é bom alvo, ou balliza, para por elle a conhecer. Entra-se este rio leste oeste com a proa n'estas barreiras vermelhas até entrardentro do arrecife, e como estiver dentro vá com a proa ao sul, e ficará dentro de rio. Da outra banda dos baixos e contra o sul está outra barra, por onde entram navios do mesmo porte: quem entrar por esta barra, como estiver dentro d'ella, descobrirá um riacho, que se diz de S. Francisco; e como o descobrir vá andando para dentro até chegar ao porto. De Porto Seguro á villa de Santo Amaro é uma legua, onde está um pico mui alto em que está uma hermida de Nossa Senhora d'Ajuda, que faz muitos milagres. De Santo Amaro ao Rio de Tororam é uma legua, onde está um engenho, que foi de Manuel Rodrigues Magalhães, e junto a este engenho uma povoação, que se diz de S. Tiago do Alto, em o qual rio entram caravelões. D'este Rio de Tororam ao de Maniape são duas leguas, e antes de chegarem a elle estão as barreiras vermelhas, que parecem, a quem vem do mar, rochas de pedra. Do Rio de Maniape ao de Urubuguape é uma legua, onde está o engenho de Gonçalo Pires. Do Rio de Urubuguape ao Rio do Frade é uma legua, onde entram barcos: e chama-se do Frade por se n'elle afogar um nos tempos atraz. Do Rio do Frade ao de Juhuacema são duas leguas, onde esteve uma villa, que se despovoou o anno de 1564 pela grande guerra, que tinham os moradores d'ella com os Aimorés. N'este lugar esteve um engenho, onde chamam a ponta de Curumbabo.

CAPITULO XXXVI.

Em que se declara, quem povoou a capitania de Porto Seguro.

Não é bem que passemos mais avante sem declararmos cuja é esta capitania do Porto Seguro, e quem foi o povoador d'ella; da qual fez El-Rei D. João III de Portugal mercê a Pedro de Campo Tourinho, que foi um cavalleiro natural da villa de Vianna da foz de Lima, homem nobre, esforçado, prudente, e muito visto na arte do marear; cuja doação foi de cincoenta leguas de costa, como as mais que ficam declaradas.

Para Pedro do Campo poder povoar esta capitania vendeu toda sua fazenda, e ordenou á sua custa uma frota de navios, que fez prestes, em a qual se embarcou com sua mulher Ignez Fernandes Pinto e filhos, e muitos moradores casados, seus parentes e amigos, e outra muita gente, com a qual se partiu do porto de Vianna. E com bom tempo foi demandar a terra do Brazil, e foi tomar porto no rio de Porto Seguro, onde desembarcou com sua gente, e se fortificou no mesmo lugar, onde agora está a villa cabeça d'esta capitania, a qual em tempo de Pedro do Campo floreceu, e foi mui povoada de gente; o qual edificou mais a villa de Santa Cruz, e a de Santo Amaro, de que já fallámos; e em seu tempo se ordenaram alguns engenhos de assucar, no que teve nos primeiros annos muito trabalho com a guerra, que lhe fez o gentio Tupiniquim, que vivia n'aquella terra, o qual lha fez tão cruel, que o teve cercado por muitas vezes, e posto em grande aperto, com o que lhe mataram muita gente; mas como assentaram pazes, ficou o gentio quieto, e d'ahi por diante ajudou aos moradores fazer suas roças, e fazendas, a troco do resgate, que por isso lhe davam. Por morte de Pedro do Campo ficou esta capitania mal governada com seu filho Fernão do C. Tourinho; e apoz elle durou pouco, e se começou logo a desbaratar; a qual herdou uma filha de Pedro do Campo, que se chamou Leonor do Campo que nunca casou. Esta Leonor do

Campo com licença d'El-Rei vendeu esta capitania a D. João de Alencastro, primeiro duque de Aveiro, por cem mil réis de juro, o qual a favoreceu muito com gente e capitão que a governasse, e com navios que a ella todos os annos mandava, e com mercadorias: onde mandou fazer á sua custa engenho de assucar, e provocou a outras pessoas de Lisboa a que fizessem outros engenhos, em cujo tempo os padres da Companhia edificaram na villa de Porto Seguro um mosteiro, onde residem sempre dez ou doze religiosos, que governam ainda agora algumas aldêas de Tupiniquins christãos, que estão n'esta capitania; em a qual houve em tempo do duque sete ou oito engenhos de assucar, onde se lavrava cada anno muito, que se trazia a este reino, e muito páo de tinta, de que na terra ha muito. N'esta capitania se não deu nunca gado vaccum por respeito de certa herva, que lhe faz camaras, de que vem a morrer; mas dá-se a outra criação de egoas, jumentos, e cabras muito bem; e de jumentos ha tanta quantidade na terra, que andam bravos pelo mato em bandos, e fazem nôjo ás novidades; os quaes ficaram no campo dos moradores, que d'esta capitania se passaram para as outras, fugindo dos Aimorés, em o qual tem feito tamanha destruição, que não tem já mais que um engenho que faça assucar, por terem mortos todos os escravos dos outros e muitos Portuguezes, pelo que estão despovoados, e postos por terra, e a villa de Santo Amaro e a de Santa Cruz quasi despovoadas de todo; e a villa de Porto Seguro está mais damnificada, e falta de moradores, em a qual se dão as cannas de assucar muito bem; e muitas uvas, figos, romãs, e todas as fructas de espinho, onde a agua de flôr é finissima, e se leva á Bahia a vender por tal. Esta capitania parte com a dos Ilheos pelo Rio Grande pouco mais ou menos, e pela outra parte com a do Espirito Santo, de Vasco Fernandes Coutinho, para onde imos caminhando.

CAPITULO XXXVII.

Em que se declara a terra, e costa de Porto Seguro, até o Rio das Caravelas.

Da villa de Porto Seguro á ponta Cororumbabo são oito leguas, cuja costa se corre norte sul: esta ponta é baixa, e de arêa, a qual apparece no cabo do arrecife, e demora ao noroeste, e está em altura de dezesete gráos e um quarto. Este arrecife é perigoso e corre afastado da terra legua e meia. Da ponta de Cororumbabo ao cabo das barreiras brancas são seis leguas, até onde corre este arrecife, que começa da ponta de Cororumbabo, porque até ao cabo d'estas barreiras brancas se corre esta costa por aqui, afastado da terra legua e meia. Do cabo das barreiras brancas ao Rio das Caravelas são cinco ou seis leguas, em o qual caminho ha alguns baixos, que arrebentam em frol, de que se hão de guardar com boa vigia os que por aqui passarem. Defronte de Jucurú está uma rodella de baixos, que não arrebentam, que é necessario que sejam bem vigiados: e corre-se a costa de Cororumbabo até o Rio das Caravelas norte sul, o qual está em dezoito gráos.

Tem este rio na boca uma ilha de uma legua, que lhe faz duas barras, a qual está povoada com fazendas, e criações de vaccas, que se dão n'ella muito bem. Por este rio acima entram caravelões da costa, mas tem na boca da barra muitas cabeças ruins, pelo qual entra a maré tres ou quatro leguas, que se navegam com barcos.

A terra por este rio acima é muito boa, em que se dão todos os mantimentos, que lhe plantam, muito bem, e póde-se fazer aqui uma povoação, onde os moradores d'ella estarão muito providos de pescado e mariscos, e muita caça, que por toda aquella terra ha. Este rio vem de muito longe, e pelo sertão é povoado do gentio bem acondicionado, que não faz mal aos homens brancos, que vão por elle acima para o sertão. Aqui n'este rio foi desembarcar Antonio Dias Adorno com a gente que trouxe da Bahia, quando por manda-

do do governador Luiz de Brito de Almeida foi ao sertão no descobrimento das esmeraldas, e foi por este rio acima com cento e cincoenta homens, e quatrocentos Indios de paz e escravos, e todos foram bem ratados e recebidos dos gentios, que acharam pelo sertão d'este rio das Caravelas.

CAPITULO XXXVIII.

Em que se declara a terra que ha do rio das Caravelas até Cricaré.

Do rio das Caravelas até o rio de Peruipe são tres leguas, as quaes se navegam pelo canal indo correndo a costa. N'este rio entram caravelões da costa, junto da qual a terra faz uma ponta grossa ao mar de grande arvoredo, e toda a mais terra é baixa. Do direito d'esta ponta se começam os Abrolhos e seus baixos; mas entre os baixos e a terra ha fundo de seis e sete braças uma legua ao mar sómente, por onde vai o canal.

D'este rio Peruipe ao de Maruipe são cinco leguas, o qual tem na bocca uma barreira branca como lençol, por onde é bom de conhecer; o qual está dezoito gráos e meio. Por este rio Maruipe entram caravelões da costa á vontade, e ha maré por elle acima muito grande espaço, cuja terra é boa e para se fazer conta d'ella para se povoar; porque ha n'ella grandes pescarias, muito marisco e caça.

D'este rio de Maruipe ao de Cricaré são dez leguas, e corre-se a costa do rio das Caravelas até Cricaré norte sul, e toma da quarta nordeste sudoeste, o qual rio Maruipe está em dezoito gráos e tres quartos; pelo qual entram navios de honesto porte, e é muito capaz para se poder povoar, por a terra ser muito boa e de muita caça, e o rio de muito pescado e marisco, onde se podem fazer engenhos de assucar por se metterem n'elle muitas ribeiras de agua, boas para elles. Este rio vem de muito longe, e navega-se quatro ou cinco leguas por elle acima: o qual tem na barra, da banda do sul, quatro abertas, uma legua e mais uma da outra, as quaes estam na terra

firme por cima da costa, que é baixa e sem arvoredo, e de campinas. E quem vem do mar em fóra parecem-lhe estas abertas bocças de rios, por onde a terra é boa de conhecer. Até aqui senhorearam a costa os Tupiniquins, de quem é bem que digamos n'este capitulo que se segue antes que cheguemos á terra dos Goaitacazes.

CAPITULO XXXIX.

Em que se declara quem são os Tupiniquins e sua vida e costumes.

Já fica dito como o gentio Tupiniquim senhoreou e possuiu a terra da costa do Brazil, ao longo do mar, do rio de Camamú até o rio de Cricaré, o qual tem agora despovoado toda esta comarca fugindo dos Tupinambás seus contrarios, que os apertaram por uma banda, e aos Aimorés que os offendiam por outra: pelo que se afastaram do mar, e fugindo ao máo tratamento que lhes alguns homens brancos faziam por serem pouco tementes a Deos. Pelo que não vivem agora junto do mar mais que os christãos de que já fizemos menção. Com este gentio tiveram os primeiros povoadores das capitanias dos Ilhéos e Porto Seguro e dos do Espirito Santo, nos primeiros annos, grandes guerras e trabalhos, de quem receberam muitos damnos; mas pelo tempo adiante vieram a fazer pazes, que se cumpriram e guardaram bem de parte a parte, e de então para agora foram os Tupiniquins muito fieis e verdadeiros aos Portuguezes. Este gentio e os Tupinaês descendem todos de um tronco, e não se tem por contrarios verdadeiros, ainda que muitas vezes tivessem differenças e guerras, os quaes Tupinaês lhe ficavam nas cabeceiras pela banda do sertão, com quem a maior parte dos Tupiniquins agora estam misturados. Este gentio é da mesma côr baça e estatura que o outro gentio de que fallámos, o qual tem a linguagem, vida e costumes e gentilidades dos Tupinambás, ainda que são seus contrarios, em cujo titulo sedeclarará mui particularmente tudo o que se póde alcançar. E ainda que são contrarios os Tupiniquins dos Tupinambás, não ha entre elles

na lingoa e costumes mais differença, da que tem os moradores de Lisboa dos da Beira; mas este gentio é mais domestico, e verdadeiro que todo outro da costa d'este estado. É gente de grande trabalho e serviço, e sempre nas guerras ajudaram aos Portuguezes, contra os Aimorés, Tapuias e Tamoios, como ainda hoje fazem esses poucos que se deixaram ficar junto do mar e das nossas povoações, com quem vizinham muito bem, os quaes são grandes pescadores de linha, caçadores e marinheiros, são valentes homens, caçam, pescam, cantam, bailam, como os Tupinambás, e nas cousas de guerra são mui industriosos, e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio.

CAPITULO XL.

Em que se declara a costa de Cricaré até o Rio Doce, e do que se descobriu por elle acima, e pelo Aceci.

Do Rio de Cricaré até o Rio Doce são dezasete leguas, as quaes se correm pela costa norte sul; o qual Rio Doce está em altura de dezanove gráos.

A terra d'este rio ao longo do mar é baixa e afastada da costa; por ella dentro tem arrumada uma serra, que parece a quem vem do mar em fóra, que é a mesma costa. A boca deste rio é esparcelada bem uma legua e meia ao mar; mas tem seu canal, por onde entram navios de quarenta toneis, o qual rio se navega pela terra dentro algumas leguas, cuja terra ao longo do rio por ali acima é muito boa, que dá todos os mantimentos acostumados muito bem, onde se darão muito bons canaviaes de assucar, se os plantarem, e se podem fazer alguns engenhos, por ter ribeiras mui accommodadas a elles. Este Rio Doce vem de muito longe, e corre até o mar quasi leste oeste, pelo qual Sebastião Fernandes Tourinho, de quem fallámos, fez uma entrada navegando por elle acima, até onde o ajudou a maré, com certos companheiros, e entrando por um braço acima, que se chama Mandi, onde desembarcou, caminhou por terra obra de vinte leguas com o rosto a les-sudoeste, e foi dar com uma lagôa, a que o gentio

chama boca do mar, por ser muito grande e funda, da qual nasce um rio que se mette neste Rio Doce, e leva muita agua. Esta lagôa cresce ás vezes tanto, que faz grande enchente neste Rio Doce. D'esta lagôa corre este rio a leste, e d'ella a quarenta leguas tem uma cachoeira; e andando esta gente ao longo d'este rio, que sahe da lagôa mais de trinta leguas, se detiveram ali alguns dias; tornando a caminhar andaram quarenta dias com o rosto a loeste: e no cabo d'elles chegaram, aonde se mette este rio no Doce, e andaram n'estes quarenta dias setenta leguas pouco mais ou menos. E como esta gente chegou a este Rio Doce, e o acharam tão possante, fizeram nelle canôas de casca, em que se embarcaram, e foram por ali acima, até onde se mette n'este rio outro a que chamam Aceci, pelo qual entraram e foram quatro leguas, e no cabo d'ellas desembarcaram e foram por terra com o rosto ao noroeste onze dias, e atravessaram o Aceci, e andaram cincoenta leguas ao longo d'elle da banda ao sul trinta leguas. Aqui achou esta gente umas pedreiras, umas pedras verdoengas, e tomam de azul, que tem que parecem turquesquas, e affirmou o gentio aqui vizinho que no cimo d'este monte se tiravam pedras muito azues, e que havia outras, que segundo sua informação tem ouro muito descoberto. E quando esta gente passou o Aceci a derradeira vez, d'ali cinco ou seis leguas da banda do norte achou Sebastião Fernandes uma pedreira de esmeraldas e outra de safiras, as quaes estão ao pé de uma serra cheia de arvoredo do tamanho de uma legua; e quando esta gente ia do mar por este Rio Doce acima sessenta ou setenta leguas da barra, acharam umas serras ao longo do Rio de arvoredo, e quasi todas de pedra, em que tambem acharam pedras verdes; e indo mais acima quatro ou cinco leguas da banda do sul está outra serra, em que affirma o gentio haver pedras verdes e vermelhas tão compridas como dedos, e outras azuès todas mui resplandecentes.

D'esta serra para a banda de leste pouco mais de uma legua está uma serra, que é quasi toda de crystal muito fino, a qual cria em si muitas esmeraldas, e outras pedras azues. Com estas informações que Sebastião Fernandes deu a Luiz de Brito, sendo governador, mandou Antonio Dias Adorno, como já fica dito atraz, o qual achou

ao pé desta serra da banda de norte as esmeraldas, e da de leste as safiras. Umas e outras nascem no crystal, donde trouxeram muitas e algumas muito grandes, mas todas baixas: mas presume-se, que debaixo da terra as deve de haver finas, porque estas estavam á flôr da terra. Em muitas partes achou esta gente pedras desacostumadas de grande peso, que affirmam terem ouro e prata, do que não trouxeram amostras, por não poderem trazer mais que as primeiras e com trabalho: a qual gente se tornou para o mar pelo Rio Grande abaixo, como já fica dito. E Antonio Dias Adorno, quando foi a estas pedras, se recolheu por terra atravessando pelos Tupinaês e por entre os Tupinambás, e com uns e outros teve grandes encontros, e com muito trabalho e risco de sua pessoa chegou á Bahia e fazenda de Gabriel Soares de Souza.

CAPITULO XLI.

Em que se declara a costa do Rio Doce até o do Espirito Santo.

Do Rio Doce ao dos Reis Magos são oito leguas; e faz a terra de um rio ao outro uma enseada grande: o qual rio está em dezanove gráos e meio, e corre-se a costa de um a outro nordeste sudoeste. Na boca d'este rio dos Reis Magos estão tres ilhas redondas, por onde é bom de conhecer; em o qual entram navios da costa, cuja terra é muito fertil, e boa para se poder povoar; onde se podem fazer alguns engenhos de assucar, por ter ribeiras, que nelle se mettem, mui accommodadas para isso. Navega-se neste rio da barra para dentro quatro ou cinco leguas, em o qual ha grandes pescarias e muito marisco; e no tempo que estava povoado de gentio, havia nelle muitos mantimentos que aqui iam resgatar os moradores do Espirito Santo, o que causava grande fertilidade.

Da terra dos Reis Magos ao rio das Barreiras são oito leguas, do qual se faz pouca conta; do rio das Barreiras á ponta do Tubarão são quatro leguas, sobre o qual está a serra do Mestre

Alvaro; da ponta do Tubarão á ponta do morro de João Moreno são duas leguas, onde está a villa de Nossa Senhora da Victoria: entre uma ponta e outra está o rio do Espirito Santo, o qual tem defronte da barra meia legua ao mar uma lagôa, de que se hão de guardar. Em direito desta ponta da banda do norte, duas leguas pela terra dentro, está a serra do Mestre Alvaro, que é grande e redonda, a qual está afastada das outras serras: esta serra apparece, a quem vem do mar em fóra, muito longe, que é por onde se conhece a barra: esta barra faz uma enseada grande, a qual tem umas ilhas dentro, e entra-se nordeste sudoeste. A primeira ilha, que está nesta barra, se chama de D. Jorge, e mais para dentro está outra, que se diz de Valentim Nunes. D'esta ilha para a Villa Velha estão quatro penedos grandes descobertos: e mais para cima está a ilha de Anna Vaz: mais avante está o ilheo da Viuva; e no cabo desta bahia fica a ilha de Duarte de Lemos, onde está assentada a villa do Espirito Santo, a qual se edificou no tempo da guerra pelos Goaitacazes, que apertaram muito com os povoadores da Villa Velha. Defronte da villa do Espirito Santo, da banda da Villa Velha está um penedo mui alto a pique sobre o rio, ao pé do qual se não acha fundo; é capaz este penedo para se edificar sobre elle uma fortaleza, o que se póde fazer com pouca despeza, da qual se póde defender este rio ao poder do mundo todo. Este rio do Espirito Santo está em altura de vinte gráos e um terço.

CAPITULO XLII.

Em que se declara como El-Rei fez mercê da capitania do Espirito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, e como elle a foi povoar em pessoa.

Razão tinha Vasco Fernandes Coutinho de se contentar com os grandes e heroicos feitos que tinha com as armas acabado nas partes da India, onde nos primeiros tempos de sua conquista se achou, no que gastou o melhor de sua idade; e passando-se para estes reinos em busca do galardão de seus trabalhos, pediu em satisfação d'elles

a S. A. licença para entrar em outros maiores, pedindo que lhe fizesse mercê de uma capitania na costa do Brazil, porque a queria ir povoar, e conquistar o sertão d'ella, a cujo requerimento El-Rei D. João III de Portugal satisfez, fazendo-lhe mercê de cincoenta leguas de terra ao longo da costa no dito Estado, com toda a terra para o sertão, que coubesse na sua demarcação, começando onde acabasse Pedro de Campo, capitão de Porto Seguro. Contente este fidalgo com a mercê que pediu, para satisfazer á grandeza de seus pensamentos, ordenou á sua custa uma frota de navios, mui provida de moradores e das munições de guerra necessarias, com tudo o que mais convinha a esta empreza, em a qual se embarcaram, entre fidalgos e criados d'el-Rei, sessenta pessoas entre as quaes foi D. Jorge de Menezes, o de Maluco, e D. Simão de Castello Branco, que por mandado de S. A. iam cumprir suas penitencias a estas partes. Embarcado este valoroso capitão, com sua gente na frota que estava prestes, partiu do porto de Lisboa com bom tempo, e fez sua viagem para o Brazil, onde chegou a salvamento á sua capitania; em a qual desembarcou e povoou a villa de Nossa Senhora da Victoria, a que agora chamam a Villa Velha, onde se logo fortificou, a qual em breve tempo se fez uma nobre villa para aquellas partes. De redor d'esta villa se fizeram logo quatro engenhos de assucar mui bem providos e acabados, os quaes começaram de lavrar assucar, como tiveram canas para isso, que se na terra deram muito bem. Nestes primeiros tempos teve Vasco Fernandes Coutinho algumas escaramuças com o gentio seu vizinho, com o qual se houve de feição que, entendendo estes Indios que não podiam ficar bem do partido, se afastaram da vizinhança do mar por aquella parte, por escusarem brigas que da vizinhança se seguiam. A este gentio chamam Guaitacazes, de quem diremos adiante.

Como Vasco Fernandes viu o gentio quieto, e a sua capitania tanto avante, e em termos de florecer de bem em melhor, ordenou de vir para Portugal a se fazer prestes do necessario (para ir conquistando a terra pelo sertão até descobrir ouro e prata) e a outros negocios que lhe convinham; e concertando suas cousas, como relevava, se partiu, e deixou a D. Jorge de Menezes para em sua ausencia a governar:

ao qual os Tupiniquins, de uma banda e os Guaitacazes, da outra, fizeram tão crua guerra que lhe queimaram os engenhos e muitas fazendas, o desbarataram e mataram ás flexadas, o que tambem fizeram depois a D. Simão de Castello Branco, que lhe succedeu na capitania, e a outra muita gente; e puzeram a villa em cerco e em tal aperto que, não podendo os moradores della resistir ao poder do gentio, a despovoaram de todo e se passaram á ilha de Duarte de Lemos, onde ainda estão; a qual ilha se afasta da terra firme um tiro de berço.

Esta villa se povoou de novo com o titulo do Espirito Santo, e muitos dos moradores, não se havendo ali por seguros do gentio, se passaram a outras capitanias. E tornando-se Vasco Fernandes para a sua capitania, vendo-a tão desbaratada, trabalhou todo o possivel por tomar satisfação d'este gentio, o que não foi em sua mão, por estar impossibilidado de gente e munições de guerra, e o gentio mui soberbo com as victorias que tinha alcançado; antes viveu muitos annos afrontado d'elle n'aquella ilha, onde a seu requerimento o mandou soccorrer Mem de Sá, que n'aquelle tempo governava este Estado; o qual ordenou na Bahia uma armada bem fornecida de gente e armas, que era de navios da costa mareaveis, da qual mandou por capitão a seu filho Fernão de Sá; que com ella foi entrar no rio de Cricaré, onde ajuntou com elle a gente do Espirito Santo, que lhe Vasco Fernandes Coutinho mandou; e, sendo a gente toda junta, desembarcou Fernão de Sá em terra, e deu sobre o gentio de maneira que o poz logo em desbarate nos primeiros encontros, o qual gentio se reformou e ajuntou logo, e apertou com Fernão de Sá de maneira, que o fez recolher para o mar, o que fez com tamanha desordem dos seus, que, antes de poder chegar ás embarcações, mataram a Fernão de Sá, com muita da sua gente ao embarcar; mas já agora esta capitania está reformada com duas villas, em uma das quaes está um mosteiro dos padres da Companhia, e tem seus engenhos de assucar e outras muitas fazendas. No povoar d'esta capitania gastou Vasco Fernandes Coutinho muitos mil cruzados que adquiriu na India, e todo o patrimonio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeu, e

qual acabou n'ella tão pobremente, que chegou a darem-lhe de comer por amor de Deos, e não sei se teve um lençol seu, em que o amortalhassem. E seu filho do mesmo nome vive hoje na mesma capitania tão necessitado que não tem mais de seu que o titulo de capitão e governador d'ella.

CAPITULO XLIII.

Em que se vai declarando a costa do Espirito Santo, até o cabo de S. Thomé.

Do Rio do Espirito Santo ao de Goarapari são oito leguas; e faz-se entre um e outro rio uma enseada. Chegado a este rio de Goarapari estão as serras, que dizem de Perocão; e corre-se a costa do morro de João Moreno até este rio norte sul; e defronte do morro de João Moreno está a Ilha Escalvada. Do rio de Goarapari á ponta de Leritibi são sete leguas; e corre-se a costa nordeste sudoeste, cuja terra é muito alta: esta ponta tem, da banda do norte, tres ilhas, obra de duas leguas ao mar, e a primeira está meia legoa da terra firme, as quaes tem bom surgidouro; e estão estas ilhas defronte do rio Goarapari. A terra d'este rio até Leritibe é muito grossa e boa para povoar como a melhor do Brazil, a qual foi povoada dos Guaitacazes. Esta ponta de Leritibe tem um arrecife ao mar, que boja bem uma legua e meia, a qual ponta é de terra baixa, ao longo do mar. De Leritibe até Tapemerim são quatro ou cinco legoas, cuja costa se corre nordeste sudoeste, a qual está em vinte gráos e tres quartos. De Tapemerim a Managé são cinco legoas, a qual está em vinte e um gráos: de Managé ao rio de Parahyba são cinco leguas; e corre-se a costa nordeste sudoeste, e toma da quarta ao norte sul; o qual rio de Parahyba está em vinte um grão e dous terços. Este rio de Parahyba tem barra e fundo por onde entram navios de honesto porte, o qual se póde tornar a povoar, por derredor d'elle e ao longo do mar. Da Parahyba ao cabo de S. Thomé são sete leguas, cuja costa se corre nordeste sudoeste, o qual cabo está em vinte e dous gráos. Pelo nome d'este cabo o tomou a capitania tambem de S. Thomé, até onde corre o limite dos Guaitacazes, de quem diremos em seu logar.

CAPITULO XLIV.

Em que se trata de como Pedro de Goes foi povoar a sua capitania de Parahyba ou de S. Thomé.

Pedro de Goes foi um fidalgo muito honrado, cavalleiro e experimentado, o qual andou na costa do Brazil com Pedro Lopes de Souza, e se perdeu com elle no rio da Prata; e pela affeição que tomou d'este tempo á terra do Brazil, pediu a el-Rei D. João, quando repartiu as capitanias, que lhe fizesse mercê de uma, da qual S. A. lhe fez mercê, dando-lhe trinta leguas de terra ao longo da costa, que se começariam, onde se acabava a capitania de Vasco Fernandes Coutinho, e d'ahi até onde acaba Martim Affonso de Souza; e que, não as havendo entre uma capitania e outra, lhe dava sómente o que houvesse, o que não passaria dos baixos dos Pargos. Da qual capitania foi tomar posse em uma frota de navios, que á sua custa para isso fez, que proveu de moradores, armas, e o mais necessario para tal empreza: com a qual frota se partiu do porto de Lisboa, e fez sua viagem com prospero tempo, e foi tomar terra e porto na sua capitania: e desembarcou no rio Parahyba, onde se fortificou, e fez uma povoação em que esteve pacificamente os primeiros dous annos, com os gentios Guaitacazes seus vizinhos, com quem teve depois guerra cinco ou seis annos, dos quaes se defendeu com muito trabalho e risco de sua pessoa, por lhe armarem cada dia mil traições, fazendo pazes, que lhe logo quebravam; com o que lhe foram matando muita gente, assim n'estas traições como em cercos, que lhe puzeram mui prolongados; com o que padeceu crueis fomes, o que não podendo os moradores soffrer, apertaram com Pedro de Goes rijamente, que a despovoasse, no que elle se determinou obrigado d'estes requerimentos e das necessidades em que o tinham posto os trabalhos, e ver que não era soccorrido do reino como devera. E vendo-se já sem remedio, foi forçado a despejar a terra, e passar-se com toda a gente para a capitania do Espirito Santo, onde estava a esse tempo Vasco Fernandes Coutinho, que lhe mandou para isso algumas embarcações. E como

Pedro de Goes teve embarcação, se tornou para estes reinos mui desbaratado: dos quaes voltou a ir ao Brazil por capitão-mór do mar com Thomé de Souza, que n'este estado foi o primeiro governador geral; com quem ajudou a povoar e fortificar a cidade do Salvador na Bahia de todos os Santos.

N'esta povoação que Pedro de Goes fez na sua capitania gastou toda sua fazenda que tinha no reino, e muitos mil cruzados de Martim Ferreira, que o favoreceu muito com pretenção de fazerem por conta da companhia grandes engenhos, o que não houve effeito pelos respeitos declarados n'este capitulo.

CAPITULO XLV.

Em que se diz quem são os Guaitacazes, e de sua vida e costumes.

Pois que temos declarado quasi toda a costa que senhoreavam os Guaitacazes, não é bem que nos despidamos d'ella, passando por elles, pois temos dito parte dos damnos que fizeram aos povoadores do Espirito Santo e aos da Parahyba, os quaes antigamente partiam pela costa do mar da banda do sul com os Tamoyos, e do norte com os Papanazes, que viviam entre elles e os Tupiniquins, e como eram seus contrarios, vieram a ter com elles tão cruel guerra que os fizeram despejar a ribeira do mar, e irem-se para o sertão; com o que ficaram senhores da costa, até confinar com os Tupiniquins, cujos contrarios tambem são, e se matam e comem uns aos outros; entre os quaes estava por marco o rio de Cricaré.

Este gentio foi o que fez despovoar a Pedro de Goes, e que deu tantos trabalhos a Vasco Fernandes Coutinho. Este gentio tem a côr mais branca que os que dissemos atraz, e tem differente linguagem; é muito barbaro; o qual não grangea muita lavoura de mantimentos; plantam sómente legumes, de que se mantem, e da caça que matam ás flexadas, porque são grandes flexeiros. Não costuma esta gente pelejar no mato, mas em campo descoberto, nem são muito amigos de comer carne humana, como o gentio atraz; não dormem em redes, mas no chão com folhas debaixo

de si. Costumavam estes barbaros, por não terem outro remedio, andarem no mar nadando, esperando os tubarões com um páo muito agudo na mão, e em remettendo o tubarão a elles, lhe davam com o páo, que lhe mettiam pela garganta com tanta força que o afogavam e matavam, e o traziam a terra, não para o comerem, para o que se não punham em tamanho perigo, senão para lhes tirar os dentes, para os engastarem nas pontas das flexas. Tem esse gentio muita parte dos costumes dos Tupinambás assim no cantar, no bailar, tingir-se de genipapo, na feição do cabello da cabeça, e no arrancar os mais cabellos do corpo, e outras gentilidades muitas, que, por escusar proluxidade, as guardamos para se dizerem uma só vez.

CAPITULO XLVI.

Em que se declara em summa quem são os Papanazes e seus costumes.

Parece conveniente este logar para se brevemente dizer quem são os Papanazes, de quem atrás fizemos menção, e porque passámos o limite de sua vivenda nos tempos antigos, não é bem que os guardemos para mais longe.

Este gentio, como fica dito, viveu ao longo do mar, entre a capitania de Porto Seguro e a do Espirito Santo, d'onde foi lançado pelos Tupiniquins seus contrarios, e pelos Guaitacazes, que tambem o eram e são hoje seus inimigos, e uns e outros lhe fizeram tão cruel guerra que os fizeram sahir para o sertão, onde agora tem sua vivenda, cuja linguagem entendem os Tupiniquins e Guaitacazes, ainda que mal. Este gentio dorme no chão sobre folhas, como os Guaitacazes, tambem se não occupa em grandes lavouras; mantem-se estes selvagens de caça e peixe do rio, que matam; os quaes são grandes flexeiros e pelejam com arcos e flexas, andam nús como o mais gentio, não consentem cabello nenhum no corpo senão os da cabeça, pintam-se e enfeitam-se com pennas de côres dos passaros;

cantam e bailam; tem muitas gentilidades, das que usam os Tupinambás; mas entre si tem um costume que não é tão barbaro como todos os outros que todo o gentio costuma, que é, se um Indio d'estes mata outro da mesma geração em alguma briga, ou por desastre, são obrigados os parentes do matador a entregal-o aos parentes do morto, que logo o afogam e o enterram, estando uns e outros presentes, e todos n'este ajuntamento fazem grande pranto, comendo e bebendo todos juntos por muitos dias, e assim ficam todos amigos: e sendo caso que o matador fuja de maneira que os parentes o não possam tomar, lhe tomam um filho ou filha, se o tem, ou irmão, e se não tem um nem outro, entregam pelo matador o parente mais chegado, ao qual não matam; mas fica captivo do mais proximo parente do morto, e com isso ficam todos contentes e amigos como o eram antes do acontecimento do morto.

CAPITULO XLVII.

Em que se torna a dizer de como corre a costa do Cabo de S. Thomé até o Cabo Frio.

Do Cabo de S. Thomé á Ilha de Santa Anna são oito leguas, e corre-se a costa nordeste sudoeste. A terra firme d'esta costa é muito fertil e boa. Esta Ilha de Santa Anna fica em vinte e dous gráos e um terço, a qual está afastada da terra firme duas leguas para o mar, e tem dous ilhéos junto de si. E quem vem do mar em fóra parece-lhe tudo uma cousa. Tem esta ilha da banda da costa bom surgidouro e abrigada por ser limpo tudo, onde tem de fundo cinco e seis braças: e na terra firme defronte da ilha tem boa aguada, e na mesma ilha ha boa agua de uma lagôa. Por aqui não ha de que guardar senão do que virem sobre a agua.

E quem vem do mar em fóra para saber se está tanto avante como esta ilha, olhe para a terra firme, e verá no meio das serras um pico, que parece frade, com capello sobre as costas, o qual demora

a loeste noroeste, e podem os navios entrar por qualquer das bandas da ilha como lhe mais servir o vento, e ancorar defronte entre ella e a terra firme.

Da Ilha de Santa Anna á Bahia do Salvador são tres leguas, e d'esta bahia á Bahia Formosa são sete leguas; da Bahia Formosa ao Cabo Frio são duas leguas. E corre-se a costa norte sul. Até esta Bahia Formosa corriam os Guaitacazes no seu tempo, mas vivem já mais afastados do mar, pelo que não ha que arrecear para se povoar qualquer parte d'esta costa do Espirito Santo até o Cabo Frio.

CAPITULO XLVIII.

Em que se explicam os reconcavos do Cabo Frio.

O Cabo Frio está em vinte e tres gráos; o qual parece, a quem vem do mar em fóra, ilha redonda com uma forcada no meio, porque a terra, que está entre o Cabo e as serras, é muito baixa, e quando se vem chegando a elle apparece uma rocha com riscos brancos, por onde é muito bom de conhecer. E ainda que pelo que se julga do mar a terra do Cabo parece ilha, e o não seja por onde o parece, na verdade o Cabo é ilha; porque o corta o mar por onde na se não enxerga de fóra; mas é de maneira que póde passar um navio por entre elle e a terra firme á vontade. E tem um baixo n'este canal bem no meio, de duas braças de fundo; o mais é alto, que basta para passar uma náo.

Perto do Cabo estão umas ilhas, no meio das quaes é limpo e bom o porto para surgirem náos de todo porte, e não ha senão guardar do que virem. Duas leguas do Cabo da banda do norte está a Bahia Formosa, e defronte d'ella ficam as ilhas, e entre esta Bahia e as ilhas ha bom surgidouro. No fim d'esta bahia para o norte está a Casa de Pedra, perto da qual está um rio pequeno, que tem de fóra bom surgidouro, e de dez até quinze braças de fundo, afastado um pouco de uma ilha que está na bocca da Bahia. E perto d'esta ilha

é alto para ancorar náos, mas perigoso; porque se venta sudoeste e oeste faz aqui damno no primeiro impeto, porque vem com muita furia como trovoada de Guiné, a qual trovoada é de vento secco e claro. Costumavam os Francezes entrar por este rio pequeno a carregar páo brazil, que traziam para as náos que estavam surtas na bahia ao abrigo das ilhas. Por esta bahia entra a maré muito pela terra dentro, que é muito baixa, onde de 20 de Janeiro até todo o Fevereiro se coalha a agua muito depressa, e sem haver marinhas tiram os Indios o sal coalhado e duro, muito alvo, ás mãos cheias, de debaixo da agua, chegando-lhe sempre a maré, sem ficar nunca em secco.

CAPITULO XLIX.

Em que se declara a terra que ha do Cabo Frio até o Rio de Janeiro.

Do Cabo Frio ao Rio de Janeiro são dezoito leguas, que se repartem d'esta maneira: do Cabo Frio ao rio de Sacorema são oito leguas; de Sacorema ás ilhas de Maricá são quatro leguas, e de Maricá ao Rio de Janeiro são seis leguas, cuja costa se corre leste oeste: o qual Rio está em vinte e tres gráos, e tem sobre si umas serras mui altas que se vêem de muito longe, vindo do mar em fóra, a que chamam os Orgãos, e uma d'estas serras parece do mar gavia de náo, por onde se conhece a terra bem. Este Rio tem de bocca, de ponta a ponta, perto de meia legua, e na de lessudoeste tem um pico de pedra muito alto e mui a pique sobre a barra. Na outra ponta tem outro padrasto, mas não é tão alto nem tão aspero, e de um ao outro se defenderá a barra valoresamente. No meio d'esta barra, entre ponta e ponta, creou a natureza uma lagea de cincoenta braças de comprido e vinte e cinco de largo, onde se póde fazer uma fortaleza, que seja uma das melhores do mundo, o que se fará com pouca despeza, com o que se defenderá este Rio a todo o poder que o quizer entrar; porque o fundo da barra é por junto d'esta lagea

a tiro de espingarda d'ella, e forçado as náos que quizerem entrar dentro hão de ir á falla d'ella, e não lhe ficará outro padrasto mais que o do pico de pedra, d'onde lhe podem chegar com artilharia grossa; mas é este pico tão aspero que parece impossivel poder-se levar artilharia grossa acima, e segurando-se este pico ficará a fortaleza da lagea inexpugnavel E uma cousa e outra se póde fortificar com pouca despeza, pela muita pedra que para isso tem ao longo do mar, bem defronte, assim para cantaria como para alvenaria, e grande apparelho para se fazer muita cal de ostras, de que n'este Rio ha infinidade.

CAPITULO L.

Em que se declara a entrada do Rio de Janeiro e as ilhas que tem defronte.

Defronte da barra do Rio de Janeiro, ao sul d'ella, quatro ou cinco leguas, estão duas ilhas baixas, e ao noroeste d'ellas está um porto de arêa bem chegado á terra, onde ha abrigada do vento sul, sueste, leste e noroeste, e como fôr outro vento convém fugir na volta de leste ou do norte, que serve para quem vem para o reino; e quem houver de ancorar aqui, póde-se chegar á terra até quatro ou cinco braças de fundo para ficar bem; e quem houver de entrar no Rio, dando-lhe o vento lugar, entre pela banda de leste, e sendo o vento oeste, vá pela barra de oeste pelo meio do canal, que está entre a ponta de Cara de Cão e a lagea; mas a barra de leste é melhor por ser mais larga; e por cada uma dellas tem fundo oito até doze braças até á ilha da Viragalham: e quanto mais fôrem a loeste, tanto menos fundo acharão, depois que passarem a Ilha, e para a banda de leste acharão mais fundo em passando a ilha de Viragalham, que se chama assim, por ser este o nome do capitão francez, que esteve com uma fortaleza nesta ilha, que é a que Mem de Sá tomou e arrazou.

Defronte da barra deste Rio, ao mar della, está uma ilha, a que

chamam ilha Redonda; e afastado della para a banda de leste está outra ilha, a que chamam a ilha Raza; e defronte desta ilha e a ponta da lagôa estão tres ilhas no meio, e chegando á terra está outro ilhote, a que chamam Jeribátuba, em derredor da qual estão quatro ilhotes.

CAPITULO LI.

Em que particularmente se explica a bahia do Rio de Janeiro da ponta do Pão de Assucar para dentro.

É tamanha cousa o Rio de Janeiro da boca para dentro, que nos obriga a gastar o tempo em o declarar neste lugar, para que se veja como é capaz de se fazer mais conta delle do que se faz. E comecemos do Pão de Assucar, que está da banda de fóra da barra, que é um pico de pedra mui alto, da feição do nome que tem, do qual á ponta da barra que se diz de Cara de cão ha pouco espaço; e a terra, que fica entre esta ponta e o Pão de Assucar, é baixa e chãa; e virando-se desta ponta para dentro da barra se chama Cidade Velha, onde se ella fundou primeiro. Aqui se faz uma enseada, em que podem surgir navios, se quizerem, porque o fundo é de vasa, e tem cinco, seis, e até sete braças. Esta enseada se chama de Francisco Velho, por ter aqui sua vivenda e grangearia, a qual é afeiçoada em compasso até outra ponta adiante, que se chama da Carioca, junto da qual entra uma ribeira, que se chama do mesmo nome, donde bebe a cidade. Da ponta da Cara de cão á cidade póde ser meia legoa; esta ponte de Cara de cão fica quasi em padrasto da lagea, mas não é muito grande por ella não ser muito alta.

A cidade se chama S. Sebastião, a qual edificou Mem de Sá em um alto, em uma ponta de terra que está defronte da ilha de Viragalham, a qual está lançada d'este alto por uma ladeira abaixo; e tem em cima no alto um nobre mosteiro e collegio de padres da Companhia; e ao pé d'ella está uma estancia com artilharia para uma banda e para a outra, um modo de fortaleza em uma ponta, que defende o porto, mas não a barra por lá não chegar bem a artilharia.

Ao pé d'esta cidade defronte da ponta do arrecife d'ella tem bom surgidouro, que tem de fundo cinco e seis braças, e chegando-se mais á terra tem tres e quatro braças, onde os navios tem abrigo para os ventos geraes do inverno, que são sul e susoeste. E quem quizer ir para dentro ha de passar por um banco, que tem de preamar até vinte palmos de agua; e passado este banco virando para detraz da ponta da cidade acharão bom fundo, onde os navios estão seguros de todo tempo, por a terra fazer aqui uma enseada. E quando os navios quizerem sahir d'este porto carregados, hão de botar fóra por entre a ilha e a ponta da terra firme pela banda do norte, e hão de rodear a ilha em redondo para tornarem a surgir defronte da cidade, e surgirem junto da ilha de Viragalham entre ella e a cidade; no qual lugar acharão de fundo tres braças, e tres e meia; onde tem porto morto; e defronte d'este porto é o desembarcadouro da cidade, onde se diz as casas de Manoel de Brito.

CAPITULO LII.

Em que se explica a terra da Bahia do Rio de Janeiro da ponta da cidade para dentro até tornar á barra.

Na ponta d'esta cidade e ancoradouro dos navios, que está detraz da cidade, está uma ilheta, que se diz a da Madeira, por se tirar d'ella muita; a qual serve aos navios que aqui se recolhem de concertar as vellas. E d'esta ponta a uma legua está outra ponta, fazendo a terra em meio uma enseada, onde está o porto que se diz de Martim Affonso, onde entra n'esta bahia um riacho, que se diz Yabubiracica: defronte d'este porto de Martim Affonso estão espalhados seis ilheos de arvoredo. E d'esta ponta por diante se torna a terra a recolher, á maneira de enseada, e d'ali a meia legua faz outra ponta e antes d'ella entra outro riacho no salgado, que se chama Unhauma; e á ponta se chama Braço Pequeno. D'esta ponta que se diz Braço Pequeno por diante foge a terra para traz muito, onde se faz um esteiro, por onde entra a maré tres leguas; e fica a terra na boca d'este

esteiro de ponta a ponta, um tiro de berço: d'onde começa a terra a fazer outra enseada, que de ponta a ponta são duas leguas, a qual terra é alta até á ponta. Defronte d'esta enseada está a ilha de Salvador Corrêa, que se chama Parnápicú, que tem tres leguas de comprido, e uma de largo, em a qual está um engenho de assucar, que lavra com bois, que elle fez. Atravessando esta ilha por mar á cidade são duas leguas, a qual ilha tem de redor de si oito ou nove ilhas, que dão páo brazil. Do cabo d'esta enseada grande, e da ponta da terra alta, se faz outra enseada apertada na boca, em a qual se mette um rio, que nasce ao pé da serra dos Orgãos, que está cinco leguas pela terra dentro, o qual se chama Magipe, e mais adiante legua e meia entra outro riacho n'esta bahia que se chama Sururuy. D'este Rio Sururuy a duas leguas entra outro n'esta bahia, que se chama Macucú, que se navega pela terra dentro quatro leguas, em o qual se mette outro rio, que se chama dos Guaitacazes, que vem de muito longe. Defronte do rio de Macucú está uma ilha, que se chama Caiaiba, e d'esta ilha a uma legua está outra, que se chama Pacatá; e d'esta á de Salvador Corrêa é legua e meia: e estão estas ilhas todas tres em direito leste oeste umas das outras. E d'esta ilha Pacatá direito ao sul estão seis ilheos, e para o sueste estão cinco em duas carreiras. Da ponta do Rio Macucú para a banda de leste se recolhe a terra, e faz uma enseada até outra ponta da terra, sahida ao mar, em que entra um riacho, que se chama Baxindiba, e da ponta d'este riacho á de Macucú é legua e meia. Defronte de Baxindiba, está outra ilha, cheia de arvoredo; de Baxindiba se torna a afastar a terra para dentro fazendo outra enseada, com muitos mangues no meio, em a qual se mette outro rio, que se diz Suaçuna, e haverá de ponta a ponta duas leguas. E no meio bem em direito das pontas está outra ilha cheia de arvoredo, e a outra ponta d'esta enseada se diz Mutungabo. Da ponta de Mutungabo se esconde a terra para dentro bem dous terços de legua, onde se mette um rio, que se chama Páo Doce, e faz uma volta tornando a terra a sahir para fóra bem meia legua, onde faz outra ponta, que se chama Urumaré. D'esta ponta á de Mutungabo é uma legua, e bem em direito d'estas pontas, em meio d'esta enseada,

está outra ilha de arvoredo. D'esta ponta de Mutungabo á de Macucú são quatro leguas; da ponta de Urumaré a dous terços de legua está outra ponta, onde se começam as barreiras vermelhas, que ficam defronte da cidade, onde bate o mar da bahia; e defronte d'esta ponta para o norte está uma ilha, que se diz de João Fernandes, diante da qual está outra mais pequena. Das barreiras vermelhas se vai afeiçoando a terra ao longo da agua como cabeça de cajado, onde se faz uma enseada, que se chama de Piratininga, e a ponta e lingua de terra d'ella vem quasi em direito de Viragalham, a qual ponta se chama de Lery, e o cotovello d'esta lingua de terra faz uma ponta defronte da de Cara de Cão, que fica em padrasto sobre a lagea da barra, na qual ponta está outra lagea, que o salgado aparta de terra qualquer cousa, a qual fica ao pé do pico do padrasto, que está sobre a barra. Entram por esta barra do Rio de Janeiro náos de todo o porte, as quaes podem estar n'este rio seguras, como fica dito; de maneira, que terá esta bahia do Rio de Janeiro em redondo da ponta de Cara de Cão, andando por dentro até o mar, á outra ponta da lagea vinte leguas pouco mais ou menos que se navega em barcos, e pelo mais largo haverá de terra a terra seis leguas.

CAPITULO LIII.

Que trata como o governador Mem de Sá foi ao Rio de Janeiro.

Não é bem que passemos avante sem primeiro se dar conta da muita, que os annos passados se teve com o Rio de Janeiro. E como El-Rei D. João III. de Portugal fosse informado como os Francezes tinham feito n'este rio uma fortaleza na ilha de Viragalham, que foi o capitão que nella residia, que se assim chamava, mandou a D. Duarte da Costa que n'este tempo era governador d'este Estado, que D. Duarte fez com muita deligencia, e avisou d'isso a S. A. a tempo, que tinha eleito para governador geral d'este estado a Mem de Sá, a quem encommendou particularmente, que trabalhasse por pôr esta ladroeira fóra d'este rio. E fallecendo El-Rei n'este conflito, succe-

dendo no governo a Rainha D. Catharina sua mulher, que está em gloria, sabendo da vontade de S. A. escreveu ao mesmo Mem de Sá. que com a brevidade possivel fosse a este Rio e lançasse os Francezes delle, ao que obedecendo o governador fez prestes a armada, que do reino para isso lhe fôra, de que ia por capitão mór Bartholomeu de Vasconcellos; á qual ajuntou outros navios de El-Rei, que na Bahia havia, e dez ou doze caravellões, e feita a frota prestes, mandou embarcar nella as armas e munições de guerra e os mantimentos necessarios, em a qual se embarcou a mór parte da gente nobre da Bahia, e os homens de armas, que se puderam juntar, com muitos escravos e Indios fôrros. E indo o governador com esta armada correndo a costa, de todas as capitanias levou gente que por sua vontade o quizeram acompanhar nesta empreza, e, seguindo sua viagem, chegou ao Rio de Janeiro com toda a armada junta, onde o vieram ajudar muitos moradores de S. Vicente. E foi recebido da fortaleza de Viragalham, que n'este tempo era ido a França, com muitas bombardadas, o que não foi bastante para Mem de Sá deixar de se chegar á fortaleza com os navios de maior porte a varejar com artilharia grossa, e com os navios pequenos mandou desembarcar a gente em uma ponta da ilha, onde mandou assestar artilharia, donde bateram a fortaleza rijamente. E como os francezes se viram apertados despejaram o castello e fortaleza uma noite; e lançaram-se na terra firme com o gentio Tamoyo, que os favorecia muito; e entrada a fortaleza, mandou o governador recolher a artilharia e munições de guerra, que nella havia; e mandou-a desfazer e arrazar por terra, e avisou logo do succedido a Rainha em uma náo franceza, que n'este rio tomou, e como houve monçam se recolheu o governador para a Bahia (visitando as capitanias todas) aonde chegou a salvamento. Mas não alcançou esta victoria tanto a seu salvo que lhe não custasse primeiro a vida de muitos Portuguezes e indios Tupinambás que lhe os francezes mataram ás bombardadas e espingardadas; mas como a Rainha soube d'esta victoria, e entendendo quanto convinha á corôa de Portugal povoar-se e fortificar-se o Rio de Janeiro, estranhou muito a Mem de Sá o arrazar a fortaleza, que tomou aos francezes, e não

deixar gente nella, que a guardasse e defendesse, para se povoar este rio (o que elle não fez por não ter gente que bastasse para poder defender esta fortaleza); e que logo se fizesse prestes e fosse povoar este rio, e o fortificasse edificando nelle uma cidade que se chamasse de S. Sebastião: e para que isto pudesse fazer com mais facilidade, lhe mandou uma armada de tres galeões, de que ia por capitam mór Christovam de Barros, com a qual, e com dous navios de El-Rei que andavam na costa, e outros seis caravellões, se partiu o governador da Bahia com muitos moradores della que levavam muitos escravos comsigo, e partiu-se para o Rio de Janeiro, onde lhe succedeu o que neste capitulo se segue.

CAPITULO LIV.

Que trata de como Mem de Sá foi povoar o Rio de Janeiro.

Partindo Mem de Sá para o Rio de Janeiro foi visitando a capitania dos Ilheos, Porto Seguro e a do Espirito Santo, das quaes levou muitos moradores, que como aventureiros os foram acompanhando com seus escravos nesta jornada; e como chegou ao Rio de Janeiro viu que lhe havia custar mais do que cuidava, como lhe custou; porque o achou fortificado dos francezes na terra firme, onde tinham feito cercas mui grandes e fortes de madeira, com seus baluartes e artilharia, que lhes umas náos que ali foram carregar de páo deixaram, com muitas espingardas. N'estas cercas estavam recolhidos com os francezes os indios Tamoyos, que estavam já tão adestrados delles que pelejavam muito bem com suas espingardas, para o que não lhe faltava polvora nem o necessario, por de tudo estarem bem providos das náos acima ditas. Desembarcando o governador em terra tiveram os Portuguezes grandes escaramuças com os Francezes e Tamoyos; mas uns e outros se recolhêram contra sua vontade para as suas cercas, que logo foram cercadas e postas em grande aperto: mas primeiro que fossem entradas custou a vida a Estacio de Sá, sobrinho do governador, e a Gaspar Barboza, pessoa

de muito principal estima, e a outros muitos homens e escravos, e com tudo foram as cercas entradas e muitos dos contrarios mortos e os mais captivos. E como os Tamoyos não tiveram entre si Francezes, se recolhêram pela terra dentro, donde vinham muitas vezes fazer seus saltos, do que nunca sahiram bem. E como Mem de Sá viu que tinha lançado os inimigos da porta, ordenou de fortificar este Rio, fazendo-lhe uma estancia ao longo d'agua pera defender a barra, a qual depois reedificou Christovam de Barros, sendo capitão d'este rio; e assentou a cidade, que murou com muros de taipas com suas torres, em que pôz artilharia necessaria; onde edificou algumas igrejas com sua casa de misericordia e hospital, e um mosteiro de padres da Companhia, que agora é collegio, em que os padres ensinam latim; para o que lhe faz S. A. mercê cada anno de dous mil cruzados. E acabada de fortificar e povoar essa cidade, ordenou o governador de se tornar para a Bahia, dèixando nella por capitão a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá com muitos moradores e officiaes de justiça e de fazenda convenientes ao serviço d'El-Rei e ao bem da terra: o qual Salvador Corrêa defendeu esta cidade alguns annos mui valorosamente, fazendo guerra ao gentio, de que alcançou grandes victorias, e dos Francezes, que do Cabo Frio os vinham ajudar e favorecer; aos quaes foi tomar dentro no Cabo Frio uma náo, que passava de duzentos toneis, com canôas que levou do Rio de Janeiro, com as quaes a abalroou e tomou á força de armas.

A esta cidade mandou depois El-Rei D. Sebastião por capitão e governador Christovam de Barros, que a accrescentou fazendo nella em seu tempo muitos serviços a S. A., que se não podem particularisar em tão pequeno espaço.

CAPITULO LV.

Em que se trata de como foi governador do Rio de Janeiro Antonio Salema.

Informado El-Rei D. Sebastião, que gloria haja, do Rio de Janeiro, e do muito para que estava disposto, ordenou de partir este Estado do Brazil em duas governanças, e deu uma d'ellas ao Dr. Antonio Salema, que estava na capitania de Pernambuco por mandado de S. A. com alçada, a qual repartição se estendia da capitania de Porto Seguro até S. Vicente. Esta repartição se fez no anno de 1572: começava no limite em que partem as duas capitanias dos Ilheos e do Porto Seguro, e d'alli tudo para o sul; e a outra, do dito limite até tudo que ha para o norte, deu a Luiz de Brito de Almeida. E era cabeça d'esta governança a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, onde o governador assistiu; e começou um engenho, que lhe S. A. mandou fazer, para o que lhe mandou dar quatro mil cruzados, o qual se não acabou; sendo mui necessario para os moradores fazerem suas cazas, e para a terra ir em grande crescimento. No tempo que Antonio Salema governou o Rio de Janeiro, iam cada anno náos francezas resgatar com o gentio ao Cabo Frio, onde ancoravam com suas náos na bahia que atraz fica declarado, e carregavam de páo de tinta á sua vontade: e vendo Antonio Salema tamanho desaforo, determinou de tirar essa ladroeira d'esse lugar, e fez-se prestes para ir fazer guerra ao gentio de Cabo Frio, para o que ajuntou quatrocentos homens brancos e setecentos Indios, com os quaes, por conselho de Chistovam de Barros, foram ambos em pessoa ao Cabo Frio, que está dezoito leguas do Rio, onde acharam os Tamoyos com cercas muito fortes recolhidos n'ellas com alguns Francezes dentro, onde uns e os outros se defendêram valorosamente ás espingardadas e flechadas: e não podendo os Francezes soffrer o aperto em que estavam, se lançaram com o governador, que lhes desse a

vida, com o que os Tamoyos forão entrados, e mortos infinitos, e captivos oito ou dez mil almas. E com esta victoria, que os Portuguezes alcançaram, ficaram os Tamoyos tão atemorisados, que despejaram a ribeira do mar, e se foram para o sertão; pelo que não tornaram mais náos francezas a Cabo Frio a resgatar. E porque d'este successo fez Antonio Salema um tratado, havemos por escusado tratar mais d'este caso n'este capitulo.

CAPITULO LVI.

Em que se conclue com o Rio de Janeiro com a tornada de Salvador Corrêa a elle.

Vendo El-Rei D. Sebastião, que haja gloria, o pouco de que lhe servira dividir o Estado do Brazil em duas governanças, assentou de o tornar a ajuntar, como d'antes andava, e de mandar por capitão e governador ao Rio de Janeiro sómente a Salvador Corrêa de Sá, e que viessem as appellações á Bahia, como d'antes era; onde o dito Salvador Corrêa foi e está hoje em dia, onde tem feito muitos serviços a S. Magestade, do modo como procede no governança e defensão d'esta cidade, e no fazer da guerra ao gentio, de que tem alcançado grandes victorias, e tambem serviu a S. Magestade em pelejar com tres náos Francezas, que queriam entrar pela barra do Rio de Janeiro; o que lhe defendeu ás bombardadas, e não quiz consentir que communicassem com a gente da terra, por se dizer trazerem cartas do Senhor D. Antonio. E foi esta cidade em tanto crescimento em seu tempo, que pela engrandecer ordenou de fazer um engenho de assucar na sua ilha, que faz muito assucar; e favoreceu a Christovam de Barros para mandar fazer outro, que tambem está moente e corrente, com os quaes esta cidade está muito avante, e com um formoso collegio dos padres da Companhia, cujas obras Salvador Corrêa ajudou e favoreceu muito. N'este Rio de Janeiro se podem fazer muitos engenhos por ter terras e aguas para isso, em o qual se dão as vaccas muito bem, e todo o gado de Hespanha: onde se dá trigo, cevada,

vinho, marmelos, romãs, figos e todas as fructas de espinho; e é muito farto de pescado e marisco, e de todos os mantimentos que se dão na costa do Brazil: onde ha muito páo do Brazil, e muito bom.

CAPITULO LVII.

Em que se declara a costa do Rio de Janeiro até S. Vicente.

Da ponta de Cara de Cão do Rio de Janeiro á ponta do rio de Marambaya são nove leguas, onde se faz uma enseada: e defronte d'esta enseada está uma ilha de arvoredo, que se chama a Ilha Grande, a qual faz de cada banda duas barras com a terra firme; porque tem em cada boca um penedo no meio, que lhe faz duas abertas, e navega-se por entre esta ilha e a terra firme com navios grandes e náos de todo o porte. Ao mar d'esta ilha está um ilheo, que se chama de Jorge Grego. Esta Ilha Grande está em vinte e tres gráos, a qual tem sete ou oito leguas de comprido, cuja terra é muito boa, toda cheia de arvoredo, com aguas boas para engenhos. Quem vem do mar em fóra parece-lhe esta ilha cabo de terra firme por estar chegada á terra.

Esta ilha se deu de sesmaria a um desembargador que é fallecido, e não a povoou, sendo ella tanto para se fazer muita conta d'ella; na qual ha muito bom porto para surgirem navios. Defronte d'esta ilha na ponta d'ella da banda de loeste está a Angra dos Reis: e corre-se esta ilha leste oeste: e quem navegar por entre ella e a terra firme não tem que recear; porque tudo é limpo e sem baixo nenhum. Da ponta da Ilha Grande ao morro de Caruçú são nove leguas, o qual morro está em vinte e tres gráos e um quarto, e tem um ilheo na ponta, e entre ella e a Ilha Grande, na enseada junto á terra firme, tem duas ou tres ilhetas de arvoredo. Do morro de Caruçú á ilha das Couves são quatro leguas, a qual está chegada á terra; da ilha das Couves ao porto dos Porcos são duas leguas, o qual porto é muito bom, e tem defronte uma ilha do mesmo nome. Do porto dos Porcos á ilha de S. Sebastião são cinco leguas, a qual está em vinte e quatro gráos, e tem cinco ou seis leguas de comprido; cuja terra é boa para

se poder povoar. E para boa navegação hade se navegar entre esta ilha e a terra firme, mas acostar antes á banda da ilha, por ter mais fundo.

Ao sudoeste d'esta ilha está outra ilha, que se chama dos Alcatrazes, a qual tem tres picos de pedra, e um d'elles muito mais comprido que os outros. Por dentro d'esta ilha de S. Sebastião d'ahi a tres leguas ao sudoeste della estão duas ilhetas: uma se diz da Victoria, e a outra dos Buzios. Da ilha de S. Sebastião ao Monte do Trigo são quatro leguas; do Monte do Trigo á barra de S. Vicente são quatro leguas. E corre-se esta costa da Ilha Grande até S. Vicente lesnordeste e oessudoeste.

CAPITULO LVIII.

Em que se declara quem é o gentio Tamoyo de que tanto fallámos.

Ainda que pareça ser já fóra de seu lugar tratar aqui do gentio Tamoyo, não lhe cabia outro, por a costa da terra que elles senhorearam passar além do Rio de Janeiro até Angra dos Reis; pelo que se não podia dizer delles em outra parte mais accommodada. Estes Tamoyos ao tempo que os Portuguezes descobriram esta provincia do Brazil senhoreavam a costa delle, desde o rio do cabo de S. Thomé até a Angra dos Reis; do qual limite foram lançados para o sertão, onde agora vivem. Este gentio é grande de corpo e mui robusto, são valentes homens e mui bellicosos, e contrarios de todo o gentio senão dos Tupinambás, de quem se fazem parentes, cuja falla se parece muito uma com a outra, e tem as mesmas gentilidades, vida e costumes, e são amigos uns dos outros. São estes Tamoyos mui inimigos dos Guaitacazes, de quem já fallámos, com quem partem, segundo já fica dito, e cada dia se matam e comem uns aos outros. Por est'outra parte de S. Vicente partem com os Guayanazes, com quem tambem tem continua guerra, sem se perdoarem. Pelejam estes Indios com arcos e flechas, no que são muito destros, e grandes caçadores e pescadores de linha, e grandes mergulhadores, e á flecha matam tambem muito peixe, de que se aproveitavam quando não tinham anzoes. As

suas casas são mais fortes que as dos Tupinambás e do outro gentio, e tem as suas aldêas mui fortificadas com grandes cercas de madeira. São havidos estes Tamoyos por grandes musicos e bailadores entre todo o gentio; os quaes são grandes componedores de cantigas de improviso; pelo que são muito estimados do gentio, por onde quer que vão. Trazem os beiços furados e n'elles umas pontas de osso compridas com uma cabeça como prego em que mettem esta ponta, e para que não cáia a tal cabeça lhe fica de dentro do beiço por onde a mettem. Costumam mais em suas festas enfeitarem-se com capas e carapuças de pennas de côres de passaros. Com este gentio tiveram grande entrada os Francezes, de quem foram bem recebidos no Cabo Frio e no Rio de Janeiro, onde os deixaram fortificar e viver até que o governador Mem de Sá os foi lançar fóra; e depois Antonio Salema no Cabo Frio. Nestes dous rios costumavam os Francezes resgatar cada anno muitos mil quintaes de páo brazil, aonde carregavam delle muitas náos que traziam para França.

CAPITULO LIX.

Em que se declara a barra e povoações da capitania de S. Vicente.

Está o rio e barra de S. Vicente em altura de vinte e quatro gráos e meio, o qual rio tem a bocca grande e muito aberta onde se diz a barra de Estevam da Costa. E quem vem do mar em fóra, para conhecer a barra, verá sobre ella uma ilha com um monte, da feição de moela de gallinha, com tres mamilhões. Por esta barra entram náos de todo o porte, as quaes ficam dentro do rio mui seguras de todo o tempo; pelo qual entra a maré cercando a terra de maneira que fica em ilha muito chegada á terra firme, e faz este braço do rio muitas voltas. Na ponta d'esta barra, da banda de leste, está a villa de Nossa Senhora da Conceição; e d'esta ponta á outra, que se diz de Estevam da Costa, se estende a barra de S. Vicente, e entrando por este rio acima está a terra toda povoada de uma banda e da outra de fazendas mui frescas; e antes que cheguem á Villa estam os en-

genhos dos Esquertes de Frandes e o de José Adorno, e no rio está uma ilheta alêm da qual á mão direita está a villa de S. Vicente, que é cabeça d'esta capitania. Pelo sertão d'esta capitania nove leguas está a villa de S. Paulo, onde geralmente se diz O Campo, em a qual villa está um mosteiro dos padres da Companhia, e de redor della quatro ou cinco leguas estão quatro aldêas de Indios fôrros christãos, que os padres doutrinam: e servem-se d'esta villa para o mar pelo esteiro do Ramalho. Tem esta villa mais dous ou tres engenhos de assucar na ilha e terra firme; mas todos fazem pouco assucar por não irem lá navios que o tragam. E aparta-se esta capitania de S. Vicente, de Martim Affonso de Souza com a de S. Amaro de seu irmão Pedro Lopes, pelo esteiro da villa de Santos, d'onde se começa a capitania da villa de S. Amaro.

CAPITULO LX.

Em que se declara cuja é a capitania de S. Vicente.

Parece que é necessario, antes de passar mais adiante, declarar cuja é a capitania de S. Vicente, e quem foi o povoador d'ella, da qual fez El-Rei D. João III de Portugal mercê a Martim Affonso de Souza, cuja fidalguia e esforço é tão notorio a todos, que é escusado bulir neste lugar n'isso, e os que delle não sabem muito vejam os livros da India, e verão os feitos maravilhosos que n'ella acabou, sendo capitão-mór do mar e depois governador. Sendo este fidalgo mancebo, desejoso de commetter grandes emprezas, aceitou esta capitania com cincoenta leguas da costa, como as de que já fizemos menção, a qual determinou de ir povoar em pessoa, para o que fez prestes uma frota de navios, que proveu de mantimentos e munições de guerra como convinha; em a qual embarcou muitos moradores casados que o acompanharam; com os quaes se partiu do porto de Lisboa, donde começou a fazer sua viagem, e com prospero tempo chegou a esta provincia do Brazil, e no cabo da sua capitania tomou porto no rio que se agora chama de S. Vicente, onde se fortificou

e assentou a primeira villa, que se diz do mesmo nome do rio que fez cabeça da capitania. E esta villa foi povoada de muita e honrada gente que n'esta armada foi, a qual assentou em uma ilha, d'onde lançou os Goaianazes, que é o gentio que a possuia e senhoreava aquella costa até contestarem c'os Tamoyos; a qual villa floreceu muito n'estes primeiros annos; por ella ser a primeira em que se fez assucar na costa do Brazil, donde se as outras capitanias provêram de cannas de assucar para plantarem, e de vaccas para criarem, e inda agora florece e tem em si um honrado mosteiro de padres da Companhia, e alguns engenhos de assucar, como fica dito. Com o gentio teve Martim Affonso pouco trabalho, por ser pouco bellicoso e facil de contentar, e como fez pazes com elle, e acabou de fortificar a villa de S. Vicente e a da Conceição, se embarcou em certos navios que tinha, e foi correndo a costa descobrindo-a, e os rios della até chegar ao Rio da Prata, pelo qual navegou muitos dias com muito trabalho, aonde perdeu alguns dos navios pelos baixos do mesmo rio, em que se lhe afogou alguma gente, donde se tornou a recolher para a capinia que acabou de fortificar como pôde. E deixando nella quem a governasse e defendesse, se veio para Portugal, chamado de S. Alteza, que se houve por servido d'elle n'aquellas partes, e o mandou para as da India. E depois de a governar se veio para estes reinos que tambem ajudou a governar com El-Rei D. João, que o fez do seu conselho d'Estado; e o mesmo fez reinando El-Rei D. Sebastião, no tempo que governava a Rainha D. Catharina sua avó, e depois o Cardeal D. Henrique, para o que tinha todas as partes convenientes. N'estes felices annos de Martim Affonso favoreceu muito esta sua capitania com navios e gente que a ella mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fossem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas, como tem até hoje em dia, do que já fizemos menção.

Tem este rio de S. Vicente grande commodidade para se fortificar e defender, ao que é necessario acudir com brevidade, por ser mui importante esta fortificação ao serviço de S. Magestade, porque, se se apoderarem della os inimigos, serão máos de lançar fóra, pelo

commodo que tem na mesma terra, para se fortificarem n'ella, e defenderem de quem os quizer lançar fóra. Por morte de Martim Affonso herdou esta capitania seu filho primogenito Pero Lopes de Souza, por cujo fallecimento a herdou seu filho Lopo de Souza.

CAPITULO LXI.

Em que se declara a capitania de Santo Amaro, e quem povoou.

Está tão mistica a capitania de S. Vicente com a de Santo Amaro, que, se não foram de dous irmãos, amaçaram-se muito mal os moradores d'ellas, as quaes iremos dividindo como podermos. Indo pelo rio de S. Vicente acima, antes que cheguem á ilha que n'elle está, á mão direita d'elle, está a boca do esteiro e porto da villa de Santos, por onde entra a maré, cercando esta terra até se ajuntar com est'outro esteiro de S. Vicente; e entrando por este esteiro de Santos, á mão esquerda d'elle está situada a villa do mesmo nome, a qual fica tambem em ilha cercada de agua toda, que se navega com barcos, e lhe dá jurisdicção da capitania de Santo Amaro; e tornando á ponta de Estevam da Costa que está na boca da barra de S. Vicente, d'ella a tres leguas ao longo da costa, está a villa de Santo Amaro, junto da qual está o engenho de Francisco de Barros. De Santo Amaro fez Pero Lopes de Souza, cabeça d'esta capitania. D'esta villa de Santo Amaro á barra de Britioga são duas leguas; onde está uma forte com artilharia e bombardeiros, que se chama de S. Felippe. Por esta barra entra a maré cercando esta terra até se ajuntar com o esteiro de Santos, por onde fica Santo Amaro tambem em ilha, e da ponta onde está esta fortaleza, estão no rio duas ilhetas. Defronte da fortaleza de S. Felippe faz uma ponta muito chegada a est'outra, onde está outra torre com bombardeiros e artilharia, que se diz de S. Thiago, e por entre uma e outra podem entrar náos grandes por ter fundo para isso, se d'estas fortalezas lho não impedirem; e passando d'estas torres pelo esteiro acima, da banda da terra firme estão os rios seguintes,

que estão povoados com engenhos e outras fazendas, os quaes se vem meter aqui no salgado: rio dos Lagartos, o Piraqué, o de S. João, o de S. Miguel, o da Trindade, o das Cobras, o do engenho de Paulo de Proença, o rio dos Frades, onde está o engenho de Domingos Leitão, que é já da capitania de S. Vicente, o de Santo Amaro, o do engenho de Antonio do Valle, o de Manoel de Oliveira, concluindo é marco entre a capitania de S. Vicente e a de Santo Amaro o esteiro de Santos.

Atraz fica dito como Pero Lopes de Souza não quiz tomar as cincoenta leguas de costa de que lhe El-Rei fez mercê todas juntas, e de que tomou a metade em Tamaracá e a outra em Santo Amaro, de que agora tratamos. Esta capitania foi povoar em pessoa este fidalgo e fez para o poder fazer uma frota de navios em que se embarcou com muitos moradores, com os quaes partiu do porto de Lisboa e se foi á provincia do Brazil, por onde levava sua derrota, e foi tomar porto no de S. Vicente, donde se negociou e fez as povoações e fortalezas acima ditas, no que passou grandes trabalhos e gastou muitos mil cruzados, a qual agora possue uma sua neta, por não ficar d'elle herdeiro barão a quem ella com a de Tamaracá houvesse de vir.

CAPITULO LXII.

Em que se declara parte da fertilidade da terra de S. Vicente.

N'estas capitanias de S. Vicente e Santo Amaro são os ares frios e temperados como em Hespanha, cuja terra é mui sadia e de fresca e delgadas aguas, em as quaes se dá o assucar muito bem, e se dá trigo e cevada, do que se não usa na terra por os mantimentos d'ella serem muito bons e facilissimos de grangear, de que os moradores são mui abastado e de muito pescado e marisco, onde se dão tamanhas ostras que tem a casca maior que um palmo, e algumas muito façanhosas. Do trigo usam sómente para fazerem hostias e alguns mimos. Tem esta

capitania muita caça de porcos e veados, e outras muitas alimarias e aves, e criam-se aqui tantos porcos e tamanhos que os esfolam para fazerem botas, e couros de cadeiras, o que acham os moradores d'estas capitanias mais proveitosos e melhor que de couro das vaccas, de que n'estas capitanias ha muita quantidade por se na terra darem melhor que na Hespanha, onde as carnes são muito gordas e gostosas, e fazem vantajem ás das outras capitanias, por a terra ser mais fria.

Dão-se n'esta terra todas as frutas de espinho que em Hespanha, ás quaes a formiga não faz nojo, nem a outra cousa, por se não criar na terra como nas outras capitanias; dão-se nestas capitanias uvas, figos, romãs, maçãs e marmelos em muita quantidade, e os moradores da villa de S. Paulo tem já muitas vinhas; e ha homens n'ella que colhem já duas pipas de vinho por anno, e por causa das plantas é muito verde, e para senão avinagrar lhe dão uma fervura no fogo; e tambem ha já nesta terra algumas oliveiras que dam fruto, e muitas rosas, e os marmelos são tantos que os fazem de conservas, e tanta marmelada que a levam a vender por as outras capitanias. E não ha duvida senão que ha nestas capitanias outra fruta melhor que é prata, o que se não acaba de descobrir, por não ir á terra quem a saiba tirar das minas e fundir.

CAPITULO LXIII.

Que trata de quem são os Goainazes, e de seus costumes.

Já fica dito como os Tamoyos são fronteiros de outro gentio, que se chamam os Goainazes, os quaes tem sua demarcação ao longo da costa por Angra dos Reis, e d'ahi até o rio de Cananea, onde ficam visinhando com outra casta de gentios, que se chamam os Carijós. Estes Goainazes tem continuamente guerra com os Tamoyos de uma banda, e com os Carijós da outra, e matam-se uns aos outros cruelmente; não são os Goainazes maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados, e facilimos de crer em qualquer cousa. É gente de pouco trabalho, muito mollar, não usam entre si

lavoura, vivem de caça que matam e peixe que tomam nos rios, e das frutas silvestres que o mato dá; são grandes flexeiros e inimigos de carne humana. Não matam aos que cativam, mas aceitam-nos por seus escravos; se encontram com gente branca, não fazem nenhum damno, antes boa companhia, e quem acerta de ter algum escravo Goainá não espera d'elle nenhum serviço, porque é gente folgasã de natureza e não sabe trabalhar. Não costuma este gentio fazer guerra a seus contrarios fóra dos seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas, porque não sabem pelejar entre o mato, se não no campo, aonde vivem, e se defendem com seus arcos e flexas dos Tamoyos, quando lhe vem fazer guerra, com quem pelejam no campo mui valentemente e ás flexadas, as quaes sabem empregar tão bem como seus contrarios. Não vive este gentio em aldeias com casas arrumadas, como os Tamoyos seus visinhos; mas em covas pelo campo debaixo do chão, onde tem fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama e pelles de alimarias que matam. A linguagem d'este gentio é differente da de seus visinhos, mas entende-se com os Carijós; são na côr e proporção do corpo como os Tamoyos, e tem muitas gentilidades, como o mais gentio da costa.

CAPITULO LXIV.

Em que se declara a costa do rio de Santo Amaro até á Cananea.

Atraz fica dito como se divide a capitania de S. Vicente da de Santo Amaro pelo esteiro de Santos, e como a villa de Santo Amaro é cabeça d'esta capitania, da qual ao rio da Cananea são vinte e cinco leguas ou trinta, antes da qual se acaba a capitania de Santo Amaro, e corre-se esta costa de Santo Amaro até a Cananea nordeste sudoeste, e toma da quarta de leste oeste, a qual terra é toda boa para se poder aproveitar, e tem muitos riachos, que se vem metter no mar, entre os quaes é um que está onze leguas, antes que che-

guem á Cananea, a qual faz na boca uma enseada, que tem uma ilha junto ao rio, que se diz a Ilha Branca. Este rio da Cananea está em vinte e cinco gráos e meio, em o qual rio entram navios da costa, e se navega por elle acima algumas leguas, e é mui capaz para se poder povoar, e para se fazer muita conta d'elle, por ser muito abastado de pescado e marisco, e por ter muita caça, cuja terra é muito fertil, em a qual se dão muitos mantimentos dos naturaes, e se dará tudo o que lhe plantarem, e toda a criação de gado que lhe lançarem, por ter grande commodo para isso. Tem o rio da Cananea na boca uma abra grande, no meio da qual bem defronte do rio tem uma ilha, e nesta abra está grande porto e abrigada para os navios, onde podem estar seguras náos de todo o porte, porque tem fundo para isso.

CAPITULO LXV.

Em que se declara a costa da Cananea até o rio de S. Francisco.

Do rio da Cananea até o cabo do Padrão são cinco leguas, junto do qual está uma ilheta chegada a terra, e chama-se este cabo do Padrão, por aqui se assentar um pelos primeiros descobridores d'esta costa. Do cabo do Padrão ao rio de Santo Antonio são oito leguas, o qual está em vinte gráos esforçados e dous terços. N'este rio entram barcos da costa á vontade. Do rio de Santo Antonio ao Alagado são cinco leguas, e entre um e outra está uma ilheta chegada á terra.

Do rio Alagado ao de S. Francisco são cinco leguas, o qual está em vinte seis gráos e dous terços, e tem na boca tres Ilheos. N'este rio entram navios da costa, onde estão seguros de todo o tempo: chama-se este rio de S, Francisco, porque afirmam os povoadores da capitania de S. Vicente, que se informaram do gentio, d'onde vinha este rio, que entra no mar d'esta costa, e que lhe afirmaram ser um braço do Pará, a que os Portuguezes chamam de S. Francisco, que é o que já dissemos, o que não parece possivel, segundo o lugar onde se vai meter no mar tão distante d'este. Por este rio entra a

maré muito, por onde se navega com barcos, em o qual se mettem muitas ribeiras. Este rio tem grandes pescarias e muito marisco, e a terra ao longo tem muita caça, e grande commodo para se poder povoar, por ser muito fertil, e dará tudo o que lhe plantarem. A terra d'este rio é alta e fragosa e povoada de gentio Carijó.

Corre-se esta costa da Cananea até o rio de S. Francisco nordeste sudoeste, e todas estas ilhas que estão por ella, e as que estão á boca do rio de S. Francisco, tem bom porto e surgidouro para os navios ancorarem.

CAPITULO LXVI.

Em que se declara a costa do rio de S. Francisco até a de Jumirim ou Itapucurú.

Do rio de S. Francisco ao dos Dragos são cinco leguas, pelo qual entram caravellões, e tem na boca tres Ilheos. Do rio dos Dragos á bahia das Seis Ilhas são cinco leguas; d'esta bahia ao rio Itapucurú são quatro leguas, o qual está em vinte e oito gráos escassos; e corre-se a costa do Itapucurú até o rio de S. Francisco norte sul. Este rio acima dito, a que outros chamão Jumirim, tem a boca grande e ao mar d'elle tres ilhetas, pela qual entram caravellões; e corre-se por elle acima leste oeste, pelo qual entra a maré muito, onde ha boas pescarias e muito marisco. A terra d'este rio é alta e fragosa, e tem mais arvoredos que a terra atraz, especialmente aguas vertentes ao mar. A terra do sertão é de campinas, como a de Hespanha, e uma e outra é muito fertil e abastada de caça e muito acommodada para se poder povoar, porque se navega muito espaço por ella acima.

Este rio está povoado de Carijós contrarios dos Goainazes, de que fallámos. Já estes Carijós estão de paz com os Portuguezes, que vivem na capitania de S. Vicente e Santo Amaro, os quaes vem por mar resgatar com elles n'este rio, onde se contratam, sem entre uns e outros haver desavença alguma.

CAPITULO LXVII.

Em que se declara a terra que ha de Itapucurú até o rio dos Patos.

Do rio de Itapucurú até o rio dos Patos são quatro legoas, o qual está em vinte e oito gráos. Este rio é muito grande, cuja boca se serra com a ilha de Santa Catharina, por onde entram os navios da costa, e a maré muito espaço, por onde se navega. Mettem-se n'este rio muitas ribeiras, que vem do sertão; o qual é muito acommodado para se poder povoar, por a terra ser muito fertil para tudo o que lhe plantarem, a qual tem muita caça de veados, de porcos e de muitas aves, e o rio é mui provido de marisco, e tem grandes pescarias até onde possuem a terra os Carijós, e d'aqui por diante é a vivenda dos Tapuias, e está por marco entre uns e outros este rio dos Patos.

A' boca d'este rio está situada a ilha de Santa Catharina, que vai fazendo abrigo á terra até junto de Itapucurú, que fica a maneira de enseada. Tem esta ilha de comprido oito leguas, e corre-se norte sul, a qual da banda do mar não tem nenhum surgidouro salvo um ilheo, que está na ponta do sul, e outro que tem na ponta do norte, a qual ilha é coberta de grande arvoredo, e tem muitas ribeiras d'agua dentro, e tem grande commodidade para se poder povoar, por ser a terra grossa muito boa e ter grandes portos, em que podem estar seguras de todo o tempo muitas náos. Mostra esta ilha uma bahia grande, que vai por detraz, entre ella e a terra firme, onde ha grande surgidouro e abrigada para náos de todo porte; n'esta enseada que se faz da ilha para a terra firme estão muitas ilhetas: está esta boca e ponta da ilha da banda do norte em vinte oito gráos de altura.

CAPITULO LXVIII.

Em que se declaram parte dos costumes dos Carijós.

Atraz fica dito como os Carijós são contrarios dos Guaianazes, e como se matam uns aos outros; agora cabe aqui dizer delles o que

se poude alcançar e saber de sua vida e costumes. Este gentio possue esta costa desde o rio da Cananéa onde parte com os Guaianazes; em a qual se fazem uns aos outros mui continua e cruel guerra, pelejando com arcos e flexas, que os Carijós sabem tão bem manear como seus visinhos e contrarios. Este gentio é domestico, pouco bellicoso, de boa razão; segundo seu costume, não come carne humana, nem mata a homens brancos que com elles vão resgatar, sustentam-se de caça e peixe que matam, e de suas lavouras que fazem, onde plantam mandioca e legumes como os Tamoyos e Tupiniquins. Vivem estes Indios em casas bem cobertas e tapadas com cascas de arvores, por amor do frio que ha naquellas partes. Esta gente é de bom corpo, cuja linguagem é differente da de seus visinhos, fazem suas brigas com os contrarios em campo descoberto, especialmente com os Guaianazes com quem tem suas entradas de guerra; e como os desbaratados se acolhem ao mato se tem por seguros, porque nem uns nem outros sabem pelejar por entre elle. Costuma este gentio no inverno lançar sobre si umas pelles da caça que matam, uma por diante, outra por detraz; tem mais muitas gentilidades, manhas e costumes, como os Tupinambás, em cujo titulo se contam mui particularmente.

CAPITULO LXIX.

Em que se declara a costa do rio dos Patos até o da Alagôa.

Do rio dos Patos ao rio de D. Rodrigo são oito leguas; e corre-se a costa norte sul, até onde a terra é algum tanto alta, o qual porto está em vinte e oito gráos e um quarto. Este porto está no cabo da ilha de Santa Catharina, o qual está em uma bahia que a terra faz para dentro, onde ha grande abrigada e surgidouro, para os navios estarem seguros de todos os ventos, tirado o nordeste que cursa no verão e venta igual, com o qual se não encrespa o mar. Do porto de D. Rodrigo ao porto e rio da Alagôa são treze leguas, o qual nome tomou por o porto ser uma calheta grande e redonda e fechada na boca que parece alagôa,

onde tambem entram navios da costa e estão mui seguros. Do rio dos Patos atéqui, é esta terra á vista do mar sem mato, mas está vestida de herva verde, como a de Hespanha, onde se dão muito bem todos os fructos que lhe plantam; em a qual se dará maravilhosamente a criação das vaccas e todo o mais gado que lhe lançarem; por ser a terra fria e ter muitas aguas para o gado beber. Esta terra é possuida dos Tapuias, ainda que vivem algum tanto afastados do mar por ser a terra desabrigada dos ventos: mas o porto de D. Rodrigo é sufficiente para se poder povoar, pela fertilidade da terra e pela commodidade que tem ao longo do mar de pescarias e muito marisco, e por a terra ter muita caça. E o porto da Alagôa, com que concluimos este capitulo, tem um ilhéo junto da boca da barra.

CAPITULO LXX.

Em que se declara a costa do porto da Alagôa até o rio de Martim Affonso.

Do porto da Alagôa ao porto e rio de Martim Affonso são vinte e duas leguas, as quaes se correm pela costa nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. Este rio está em trinta gráos e um quarto; e chama-se de Martim Affonso por elle o descobrir quando andou correndo esta costa de S. Vicente até o rio da Prata. Este rio tem muito bom porto de fóra para navios grandes e dentro para os da costa, cuja terra é baixa e da qualidade da de atraz. Tem este rio duas leguas ao mar uma ilha aonde ha bom porto e abrigada para surgirem navios de todo o porte; entra a maré por este rio muito, aonde ha muito marisco, cuja terra é de campinas que estão sempre cheias de herva verde com algumas reboleiras de mato, onde se dará tudo o que lhe plantarem, e se criará todo o gado que lhe lançarem; por ser terra fria, e ter muitas aguas de alagôas e ribeiras para o gado poder beber, pelo que este rio se póde povoar, onde os moradores que nelle viverem estarão mui descançados, o qual é povoado de Tapuias,

como a mais terra atraz. Entre o porto da Alagôa e o de Martim Affonso está o porto que se diz de Santa Maria e o que se diz da Terra Alta, e em um e em outro podem surgir os caravelões da costa.

CAPITULO LXXI.

Em que se declara a costa do rio de Martim Affonso até o porto de S. Pedro.

Do rio de Martim Affonso á bahia dos Arrecifes são dez leguas, e da bahia ao rio do porto de S. Pedro são quinze leguas, o qual rio está em altura de trinta e um gráo e meio; cuja costa se corre nordeste sudoeste: da banda do sudoeste d'este porto de S. Pedro se faz uma ponta de area, que boja ao mar bem legua e meia. N'este porto ha um bom surgidouro e abrigada para os navios estarem seguros sobre amarra, em o qual se vem metter no salgado um rio de agua doce.

Esta terra é muito baixa e não se vê de mar em fóra senão de muito perto, e toda é de campos coberta de herva verde, muito boa para mantença de criação de gado vaccum e de toda a sorte, por onde ha muitas lagôas e ribeiras de agua para o gado beber. E tem esta terra algumas reboleiras de mato á vista uma das outras, onde ha muita caça de veados e porcos que andam em bandos, e muitas outras alimarias e aves, e ao longo da costa ha grandes pescarias e sitios accommodados para povoações com seus portos, onde entram caravelões, em a qual terra se darão todos os frutos que lhe plantarem, assim naturaes como de Hespanha: e dos mantimentos de terra se aproveita o gentio Tapuia, em suas roças e lavouras, que fazem afastadas do mar tres ou quatro leguas, por estarem lá mais abrigadas dos ventos do mar, que cursam no inverno, onde ao longo d'elle não tem nenhum abrigo, e porque lhe fica a lenha muito longe.

CAPITULO LXXII.

Em que se conta como corre a costa do rio de S. Pedro até o cabo de Santa Maria.

Do porto de S. Pedro ao cabo de Santa Maria são quarenta e duas leguas, as quaes se correm pela costa nordeste sudoeste, o qual está em trinta e quatro gráos; e tem da banda do sueste duas leguas ao mar tres ilheos altos, que se dizem os Castilhos, entre os quaes e a terra firme ha boa abrigada e surgidouro para náos de todo o porte.

Toda esta terra é baixa sem arvoredo, mas cheia de herva verde em todo o anno, e ha partes que tem algumas reboleiras de mato; a herva d'estes campos é muito boa para criações de gado de toda sorte, onde se dará muito bem por ser a terra muito temperada no inverno, e no verão lavada de bons ares frescos e sadios, pela qual ha muitas aguas frescas para os gados beberem assim de lagôas como de ribeiras, onde se darão todos os fructos de Hespanha muito bem, como em S. Vicente, e pelo rio da Prata acima nas povoações dos Castelhanos, onde se dá tanto trigo, que aconteceu o anno de 83 vir ao rio de Janeiro uma das náos em que passou D. Alonso, Vizorei da provincia de Chile, que desembarcou em Buenos-Ayres, a qual carregou n'este porto de trigo, que se vendeu no Rio de Janeiro a tres reales a fanega, o qual se dará muito bem do Rio de Janeiro por diante, donde se póde prover toda a costa do Brazil.

Esta costa desde o Rio dos Patos até a boca do Rio da Prata é povoada de Tapuias, gente domestica e bem acondicionada, que não como carne humana, nem faz mal a gente branca que os communica, como são os moradores da capitania de S. Vicente, que vão em caravelões resgatar por esta costa com este gentio alguns escravos, cera da terra, porcos, galinhas e outras cousas, com quem não tem nunca desavença; e porque a terra é muito raza e descoberta aos ventos, e não tem matos nem abrigadas, não vivem estes

Tapuias ao longo do mar, e tem suas povoações afastadas para o sertão ao abrigo da terra, e vem pescar e mariscar pela costa.

Não tratamos aqui da vida e costumes d'este gentio, porque se declara ao diante no titulo dos Tapuias, que vivem no sertão da Bahia, e ainda que vivam tão afastados d'estes, são todos uns e tem quasi uma vida e costumes.

CAPITULO LXXIII.

Em que se declara a costa do cabo de Santa Maria até á boca do Rio da Prata.

Do cabo de Santa Maria á ilha dos Lobos são quinze leguas, cuja costa se corre nornordeste susudoeste, a qual está em trinta e quatro gráos e dous terços, cuja terra firme faz defronte da ilha á maneira de ponta. Entre esta ponta e a ilha ha boa abrigada e porto para navios.

D'esta ponta se vai recolhendo a terra para dentro até outra ponta, onde está outra ilha, que se diz das Flôres, que está legua e meia afastada d'esta ponta, que se chama do Arrecife, pelo haver d'ahi para dentro até o Monte de Santo Ovidio, que está na boca de um rio, que se vem metter aqui no salgado.

D'esta ponta da ilha dos Lobos, que está na boca do Rio da Prata, á outra banda do rio, que se diz a ponta de Santo Antonio, são trinta e quatro leguas. Está o meio da boca do Rio da Prata em trinta e cinco gráos e dous terços; e ao mar quarenta leguas, bem em direito d'esta bocca do Rio está um ilhéo, cercado de baixos de redor d'elle obra de duas leguas, onde se chama os baixos de Castelhanos, porque aqui se perdeu uma náo sua, o qual ilhéo está na mesma altura de trinta e cinco gráos e dous terços.

A terra junto da boca d'este rio é da qualidade da outra terra do cabo de Santa Maria, onde se dará tambem grandemente o gado vaccum e tudo o mais que lhe lançarem.

D'este Rio da Prata, nem de sua grandeza não temos que dizer

n'este lugar, porque é tão nomeado que se não póde tratar d'elle sem grandes informações, do muito que se póde dizer dos seus reconcavos, ilhas, rios que se n'elle mettem, fertilidade, da terra e povoações que por elle acima tem feito os Castelhanos, que escaparam da armada que se n'elle perdeu ha muitos annos, os quaes se casaram com as indias da terra, de que nascêrão grande multidão de mistiços que agora tem povoado muitos lugares, o qual Rio da Prata é povoado muitas leguas por elle acima dos Tapuias atraz declarados.

CAPITULO LXXIV.

Em que se declara a terra e costa, da ponta do Rio da Prata da banda do sul até além da bahia de S. Mathias.

A ponta do Rio da Prata que se diz de Santo Antonio, que está da banda do sul, demora em trinta e seis gráos e meio, defronte da qual são baixos uma legua ao mar. Da ponta de Santo Antonio ao Cabo Branco são vinte e duas leguas, e fica-lhe em meio uma enseada, que se diz de Santa Apollonia, a qual é cheia de baixos, e toda a costa de ponta a ponta uma e duas leguas ao mar são tudo baixos. Este Cabo Branco está em trinta e sete gráos e dous terços, e corre-se a costa nornordeste susudoeste. Do Cabo Branco ao Cabo das Correntes são vinte e cinco leguas, e fica entre um cabo e o outro a Angra das Arêas, ao mar da qual sete ou oito legoas são tudo baixos. Este cabo está em trinta e nove gráos, cuja costa se corre nornordeste susudoeste. Do Cabo dos Correntes ao Cabo Aparcellado são oitenta e seis leguas, e corre-se a costa de ponta a ponta lesnordeste oessudoeste, o qual Cabo Aparcellado está em quarenta e um gráos, cuja costa é cheia de baixos, e a partes os tem cinco e seis legoas ao mar; é toda de arêa, e a terra muito baixa, por onde se mettem alguns esteiros no salgado, onde se podem recolher caravelões da costa, que são navios de uma só coberta que andão em seis e sete palmos de agua, D'este Cabo Aparcellado se torna a recolher a terra para dentro leste

oeste, até a ponta da habia de S. Mathias, que está na mesma altura de quarenta e um gráos, que serão vinte e sete leguas; e da Ponta Aparcellada a quatro leguas, em uma enseada que faz a terra, está uma ilheta, e na ponta d'esta enseada da banda de loeste está outra ilha uma legua do mar.

Da ponta da bahia de S. Mathias até a ponta de terra do Marco são trinta e oito leguas, cuja costa se corre norte sul, a qual é toda aparcellada, e antes de se chegar a esta ponta do Marco está outra ilha. A terra aqui é baixa e pouco proveitosa. N'esta ponta do Marco se acaba a demarcação da corôa de Portugal n'esta costa do Brazil, que está em quarenta e quatro gráos pouco mais ou menos, segundo a opinião do Dr. Pedro Nunes, Cosmographo d'El-Rei D. Sebastião, que está em gloria, que n'esta arte foi em seu tempo o maior homem de Hespanha.

SEGUNDA PARTE.

MEMORIAL E DECLARAÇÃO

DAS GRANDEZAS DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS, DE SUA FERTILIDADE E DAS NOTAVEIS PARTES QUE TEM.

CAPITULO I.

Atraz fica dito, passando pela Bahia de Todos os Santos, que se não soffria naquelle lugar tratar-se das grandezas della, pois não cabiam alí; o que se faria ao diante mui largamente, depois que se acabasse de correr a costa com que temos já concluido. Da qual podemos agora tratar e explicar o que se della não sabe para que venham á noticia de todos os occultos d'esta illustre terra, por cujos merecimentos deve de ser mais estimada e reverenciada do que agora é, ao que queremos satisfazer com singelo estilo pois o não temos grave, mas fundado tudo na verdade.

Como El-Rei D. João III. de Portugal soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, sabendo já das grandes partes da Bahia, da fertilidade da terra, bons ares, maravilhosas aguas e da bondade dos mantimentos della, ordenou de a tomar á sua conta para a fazer povoar, como meio e coração de toda esta costa, e mandar edificar nella uma cidade, donde se pudessem ajudar e soccorrer todas as mais capitanias e povoações della como a membros seus; e pondo S. Alteza em effeito esta determinação tão acertada, mandou fazer prestes uma armada e prove-la de todo o necessario para esta empreza, em a qual mandou embarcar Thomé de Souza do seu conselho, e o elegeu para edificar esta nova cidade, de que o fez capitão, e governador geral de todo o estado do Brazil: ao qual deu grande alçada e poderes em seu regimento, com que quebrou as doações aos capitães

proprietarios por terem demasiada alçada, assim no crime como no civel; de que se elles aggravaram a S. Alteza, que no caso os não proveu, entendendo convir a si a seu serviço. E como a dita armada esteve prestes, partiu Thomé de Souza do porto de Lisboa aos 2 dias de Fevereiro de 1549 annos; e levando prospero vento chegou á Bahia de Todos os Santos, para onde levava sua derrota, aos vinte e nove dias de Março do dito anno, e desembarcou no porto de Villa Velha, povoação que Francisco Pereira edificou; onde pôz mil homens, convêm a saber: seiscentos soldados e quatrocentos degradados, e alguns moradores casados, que comsigo levou, e outros creados d'El-Rei que iam providos de cargos, que pelo tempo em diante servirão.

CAPITULO II.

Em que se contêm quem foi Thomé de Souza e de suas qualidades.

Thomé de Souza foi um fidalgo honrado, ainda que bastardo, homem avisado, prudente e mui experimentado na guerra de Africa e da India, onde se mostrou mui valoroso cavalleiro em todos os encontros em que se achou; pelos quaes serviços e grande experiencia que tinha, mereceu fiar d'elle El-Rei tamanha empreza como esta que lhe encarregou, confiando de seus merecimentos e grandes qualidades que daria a conta della que se delle esperava; a quem deu por ajudadores ao Dr. Pedro Borges, para com elle servir de ouvidor geral, pôr o governo da justiça em ordem em todas as capitanias; e a Antonio Cardozo de Barros para tambem ordenar neste Estado o tocante á fazenda de S. Alteza, porque até então não havia ordem em uma cousa nem em outra, e cada um vivia ao som da sua vontade. O qual Thomé de Souza tambem levou em sua companhia Padres da de Jesus, para doutrinarem e converterem o gentio na nossa santa fé catholica, e a outros sacerdotes, para ministrarem os sacramentos nos tempos devidos. E no tempo que Thomé de Souza desembarcou achou na Villa Velha a um Diogo Alvares, de alcunha o Caramurú, grande lingua

do gentio, o qual depois da morte de Francisco Pereira fez pazes com o gentio; e, com ellas feitas, se veio dos Ilheos a povoar o assento das casas em que d'antes vivia, que era afastado da povoação; onde se fortificou e recolheu com cinco genros que tinha, e outros homens, que o acompanharam, dos que escaparam da desaventura de Francisco Pereira, os quaes, ora com armas, ora com boas razões, se foram defendendo e sustentando até á chegada de Thomé de Souza, por cujo mandado Diogo Alvares quietou o gentio e o fez dar obediencia ao governador, e offerecer-se a o servir: o qual gentio em seu tempo viveu muito quieto e recolhido, andando ordinariamente trabalhando na fortificação da cidade a troco do resgate que lhe por isso davam.

CAPITULO III.

Em que se declara como se edificou a cidade do Salvador.

Como Thomé de Souza acabou de desembarcar a gente d'armada e a assentou na Villa Velha, mandou descobrir a bahia, e que lhe buscassem mais para dentro alguma abrigada melhor que a em que estava a armada, para a tirarem d'aquelle porto da Villa Velha, onde não estava segura, por ser muito desabrigado; e por se achar logo o porto e ancoradouro, que agora está defronte da cidade, mandou passar a frota para lá por ser muito limpo e abrigado; e como teve a armada segura mandou descobrir a terra bem, e achou que defronte do mesmo porto era o melhor sitio que por ali havia para edificar a cidade, e por respeito do porto assentou que não convinha fortificar-se no porto de Villa Velha, por defronte d'este porto estar uma grande fonte bem á borda da agua que servia para aguada dos navios e serviço da cidade, o que pareceu bem a todas as pessoas do conselho que nisso assignaram. E tomada esta resolução se pôz em ordem para este edificio, fazendo primeiro uma cerca muito forte de páo a pique, para os trabalhadores e soldados poderem estar seguros do gentio. Como foi acabada, arrumou a cidade d'ella para dentro, arruando-a por

boa ordem com as casas cobertas de palma ao modo de gentio, em as quaes por entretanto se agazalharam os mancebos e soldados que vieram na armada. E como todos foram agazalhados, ordenou de cercar esta cidade de muros de taipa grossa, o que fez com muita brevidade, com dous baluartes ao longo do mar e quatro da banda da terra, em cada um d'elles assentou muito formosa artilharia que para isso levava, com o que a cidade ficou muito bem fortificada para se segurar do gentio; em a qual o governador fundou logo um collegio dos padres da Companhia, e outras igrejas e grandes casas, para viverem os governadores, casas da camara, cadeia, alfandega, contos, fazenda, armazens, e outras officinas convenientes ao serviço de S. Alteza.

CAPITULO IV.

Em que se contem como El-Rei mandou outra armada em favor de Thomé de Souza.

Logo no anno seguinte de 1550 se ordenou outra armada, com gente e mantimentos, em soccorro d'esta nova cidade, da qual foi por capitão Simão da Gama de Andrade com o galeão velho muito afamado e outros navios marchantes, em a qual foi o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, pessoa de muita autoridade, grande exemplo e estremado pregador, o qual levou toda a clerezia, ornamentos, sinos, peças de prata e outras alfaias do serviço da igreja, e todo o mais conveniente ao serviço do culto divino: e sommou a despeza que se fez no sobredito, e no cabedal que se metteu na artilharia, munições de guerra, soldos, mantimentos, ordenados dos officiaes, passante de trezentos mil cruzados.

E logo no anno seguinte mandou S. Alteza em favor d'esta cidade outra armada, e por capitão d'ella Antonio de Oliveira com outros moradores casados e alguns forçados, em a qual mandou a Rainha D. Catharina, que está em gloria, algumas donzellas de nobre geração, das que mandou criar e recolher em Lisboa no mosteiro das

orphãas, aś quaes encommendou muito ao governador por suas cartas, para que as cazasse com pessoas principaes d'aquelle tempo; a quem mandava dar em casamento os officios do governo da fazenda e justiça, com o que a cidade se foi enobrecendo, e com os escravos de Guiné, vaccas e egoas que S. Alteza mandou a esta nova cidade, para que se repartissem pelos moradores d'ella, e que pagassem o custo por seus soldos e ordenados, e o mais lhe mandava pagar em mercadorias pelo preço que custavam em Lisboa, por a esse tempo não irem a essas partes mercadores, nem havia para que, por na terra não haver ainda em que pudessem fazer seus empregos; pelo qual respeito S. Alteza mandava cada anno em soccorro dos moradores d'esta cidade uma armada com degradados moços orphãos, e muita fazenda, com o que a foi enobrecendo e povoando com muita presteza, do que as mais capitanias se foram tambem ajudando, as quaes foram visitadas pelo governador e postas na ordem conveniente ao serviço d'El-Rei, e ao bem de sua justiça e fazenda.

CAPITULO V.

Em que se trata como D. Duarte da Costa foi governar o Brazil.

Como Thomé de Souza acabou o seu tempo de governador, que gastou tão bem gastado n'este novo Estado do Brazil, requereu a S. Alteza que o mandasse tornar para o reino, a cuja petição El-Rei satisfez com mandar por governador a D. Duarte da Costa, do seu conselho; ao qual deu a armada conveniente a tal pessoa, em que passou a este Estado, com a qual chegou a salvamento á Bahia de Todos os Santos; e desembarcou na cidade do Salvador, nome que lhe S. A. mandou pôr; e lhe deu por armas uma pomba branca em campo verde, com um rollo á roda branco, com letras de ouro que dizem

Sic illa ad Arcam reversa est,

e a pomba tem tres folhas de oliva no bico; onde lhe foi dada posse da governança por Thomé de Souza, que se logo embarcou na dita

armada e se veio para o reino, onde serviu a El-Rei D. João e a seu neto El-Rei D. Sebastião, de veador, e no mesmo cargo serviu depois á Rainha D. Catharina em quanto viveu.

E tornando a D. Duarte, como tomou a posse da governança, trabalhou quanto foi possivel, por fortificar e defender esta cidade do gentio que em seu tempo se alevantou e cometteu grandes insultos, os quaes elle emendou dissimulando alguns com muita prudencia, e castigando outras com as armas, fazendo-lhe crua guerra, a qual caudilhava seu filho D. Alvaro da Costa que n'estes trabalhos o acompanhou, e se mostrou n'elles mui valoroso capitão.

Em todo o tempo que D. Duarte governou o Brazil, foi todos os annos favorecido e ajudado com armadas que do reino lhe mandavam, e em que lhe foram muitos moradores e gente forçada com todo o necessario, ao qual succedeu Mem de Sá, em cujos feitos já tocámos, o qual foi tambem governar este Estado por mandado d'El-Rei D. João o III, a quem a fortuna favoreceu de feição em quartorze annos, que foi governador do Brazil, que subjugou e desbaratou todo o gentio Tupinambá da comarca da Bahia e a todo o mais até o Rio de Janeiro, de cujos feitos se póde fazer um notavel tratado; o qual Mem de Sá foi pouco favorecido d'estes reinos, por lhe fallecer logo El-Rei D. João que com tanto fervor trabalhava por acrescentar e engrandecer este seu Estado, a quem a Rainha D. Catharina, no tempo que governou estes reinos, foi imitando; mas como ella desistiu da governança d'elles, foram esfriando os favores e soccorros, que cada anno esta nova cidade recebia, para a qual não mandaram d'ali por diante mais que um galeão d'armada, em que iam os governadores que depois a foram governar, pelo que este Estado tornou atraz de como ia florecendo. E se esta cidade do Salvador cresceu em gente, edificios e fazenda como agora tem, nasceu-lhe da grande fertilidade da terra que ajudou aos moradores d'ella, de maneira que tem hoje no seu termo, da bahia para dentro, quarenta engenhos de assucar, mui prosperos de edificios, escravaria e outra muita fabrica, dos quaes houvera muitos mais, se os moradores foram favorecidos como convinha, e como elles estão merecendo por seus serviços, com os quaes o

governador Mem de Sá destruiu e desbaratou o gentio que vivia de redor da Bahia, a quem queimou e assolou mais de trinta aldeias, e os que escaparam de mortos ou cativos, fugiram para o sertão e se afastaram do mar mais de quarenta leguas, e com os mesmos moradores soccorreu e ajudou o dito Mem de Sá as capitanias dos Ilheos, Porto Seguro e a do Espirito Santo, as quaes estavam mui apertadas do gentio d'aquellas partes e com elles foi lançar por duas vezes os Francezes fóra do Rio de Janeiro e a povoa-lo, onde acabaram muitos d'estes moradores sem até hoje ser dada nenhuma satisfação a seus filhos. E todos foram fazer estes e outros muitos serviços á sua custa, sem lhe darem soldo nem mantimentos, como se costuma na India e nas outras partes, e a troco d'estes serviços e despezas dos moradores d'esta cidade, não se fez até hoje nenhuma honra nem mercê a nenhum d'elles, do que vivem mui escandalisados e descontentes.

CAPITULO VI.

Em que se declara o clima da Bahia, como cruzam os ventos na sua costa, e correm as aguas.

A Bahia de Todos os Santos está arrumada em treze gráos e um terço, como fica dito atraz; onde os dias em todo o anno são quasi iguaes com as noites e a differença que tem os dias do verão aos do inverno é uma hora até hora e meia. E começa-se o inverno d'esta provincia no mez de Abril, e acaba-se por todo o julho, em o qual tempo não faz frio que obrigue aos homens se chegarem ao fogo, senão ao gentio, porque andam despidos. Em todo este tempo do inverno correm as aguas ao longo da costa a cem leguas ao mar d'ella, das partes do sul para os rumos do norte, por quatro e cinco mezes, e ás vezes cursam os ventos do sul, sudoeste e lessueste, que ha travessia na costa de Porto Seguro até o cabo Santo Agostinho.

Começa-se o verão em agosto como em Portugal em março, e dura até todo o mez de março, em o qual tempo reinam os ventos nordestes

e lesnordestes, e correm as aguas na costa ao som dos ventos da parte do norte para o sul, pela qual razão se não navega ao longo d'esta costa senão com as monções ordinarias. Em todo o tempo do anno, quando chove, fazem os céos da Bahia as mais formosas mostras de nuvens de mil côres e grande resplandor, que se nunca viram em outra parte, o que causa grande admiração. E ha-se de notar que, n'esta comarca da Bahia, em rompendo a luz da manhã, nasce com ella juntamente o sol, assim no inverno como no verão. E em se recolhendo o sol á tarde, escurece juntamente o dia e cerra-se a noite lôgo; a que mathematicos dêem razões sufficientes que satisfaçam a quem quizer saber este segredo, porque os mareantes e philosophos que a esta terra foram, nem outros homens de bom juizo não tem atinado até agora com a causa porque isso assim seja.

CAPITULO VII.

Em que se declara o sitio da cidade do Salvador.

A cidade do Salvador está situada na Bahia de Todos os Santos uma legua da barra para dentro em um alto, com o rosto ao poente, sobre o mar da mesma Bahia, a qual cidade foi murada e torreada em tempo do governador Thomé de Souza, que a edificou, como atraz fica dito, cujos muros se vieram ao chão por serem de taipa e se não repararem nunca, em o que se descuidaram os governadores, pelo que elles sabem, ou por se a cidade ir estendendo muito por fóra dos muros; e, seja pelo que for, agora não ha memoria aonde elles estiveram. Terá esta cidade oitocentos visinhos, pouco mais ou menos, e por fóra d'ella, em todos os reconcavos da bahia, haverá mais de dous mil visinhos, d'entre os quaes e os da cidade, se póde ajuntar, quando cumprir, quinhentos homens de cavallo e mais de dous mil de pé, a fóra a gente dos navios que estão sempre no porto. Está no meio d'esta cidade uma honesta praça, em que se correm touros quando convem, em a qual estão da banda do sul umas nobres casas, em que se aga-

zalham os governadores, e da banda do norte tem as casas do negocio da fazenda, alfandega e armazens, e da parte de leste tem a casa da camara, cadêa e outras casas de moradores, com que fica esta praça em quadro e o pelourinho no meio d'ella, a qual da banda do poente está desabafada com grande vista sobre o mar; onde estão assentadas algumas peças de artilharia grossa, donde a terra vai muito apique sobre o mar; ao longo do qual é tudo rochedo mui aspero, e d'esta mesma banda da praça, dos cantos d'ella, decem dous caminhos em voltas para a praia, um da banda do norte que é serventia da fonte que se diz do Pereira, e do desembarcadouro da gente dos navios; o caminho que está da parte do sul é serventia para Nossa Senhora da Conceição, aonde está o desembarcadouro geral das mercadorias, ao qual desembarcadouro vai ter outro caminho de carro, por onde se estas mercadorias e outras cousas que aqui se desembarcam levam em carros para a cidade. E tornando á praça, correndo d'ella para o norte vai uma formosa rua de mercadores até a sé, no cabo da qual, da banda do mar, está situada a casa da misericordia e hospital, cuja igreja não é grande; mas mui bem acabada e ornamentada, e se esta casa não tem grandes officinas e enfermarias, é por ser muito pobre e não ter nenhuma renda de S. Magestade, nem de pessoas particulares, e sustenta-se sómente de esmolas que lhe fazem os moradores da terra que são muitas, mas são as necessidades mais, por a muita gente do mar e degradados que d'estes reinos vão muito pobres, os quaes em suas necessidades não tem outro remedio que o que lhe esta casa dá, cujas esmolas importam cada anno tres mil cruzados pouco mais ou menos, que se gastam com muita ordem na cura dos enfermos e remedio dos necessitados.

CAPITULO VIII.

Em que se declara o sitio da cidade, da Sé por diante.

A Sé da cidade do Salvador está situada com o rosto sobre o mar da Bahia, defronte do ancoradouro das náos, com um taboleiro de-

fronte da porta principal, bem a pique sobre o desembarcadouro, donde tem grande vista.

A igreja é de tres naves, de honesta grandeza, alta e bem assombrada, a qual tem cinco capellas muito bem feitas e ornamentadas, e dous altares nas hombreiras da capella mór. Está esta Sé em redondo cercada de terreiro, mas não está acabada da torre dos sinos e da do relogio, o que lhe falta, e outras officinas muito necessarias, por ser muito pobre e não ter para fabrica mais do que cem mil réis, cada anno, e estes muito mal pagos. Serve-se n'esta igreja o culto divino com cinco dignidades, seis conegos, dous meios conegos, quatro capellães, um cura e coadjutor, quatro moços de coro e mestre da capella; e muitos d'estes ministros não são sacerdotes; e ainda que são tão poucos, fazem-se n'ella os officios divinos com muita solemnidade, o que custa ao bispo um grande pedaço da sua casa; por contentar os sacerdotes que prestam para isso, com lhe dar a cada um um tanto com que queiram servir de conegos e dignidades, do que os clerigos fogem por não ter cada conego mais de trinta mil réis, e as dignidades a trinta e cinco, tirado o deão que tem quarenta mil rêis, o que lhes não basta para se vestirem. Pelo que querem antes ser capellães da misericordia ou dos engenhos; onde tem de partido sessenta mil réis, casas em que vivam e de comer: e n'estes logares rendem-lhe suas ordens e pé de altar outro tanto. Está esta Sé muito necessitada de ornamentos e os de que se serve estão mui damnificados; e de maneira que nas festas principaes se aproveita o cabido dos das confrarias, onde os pedem emprestados, de que S. Magestade não deve estar informado, que se o estivera, tivera já mandado prover esta necessidade, em que está o culto divino, pois manda receber os dizimos d'este seu Estado, cuja cabeça está tão damnificada que convém acudir-lhe com remedio devido com muita presteza.

CAPITULO IX.

Em que se declara como corre a cidade do Salvador da Sé por diante.

Passando além da Sé pelo mesmo rumo do norte, corre outra rua mui larga, tambem occupada com lojas de mercadores, a qual vai dar comsigo em um terreiro mui bem assentado e grande, aonde se representam as festas a cavallo por ser maior que a praça, o qual está cercado em quadro de nobres casas. E occupa este terreiro e parte da rua da banda do mar um sumptuoso collegio dos padres da Companhia de Jesus, com uma formosa e alegre igreja, onde se serve o culto divino com mui ricos ornamentos, a qual os padres tem sempre mui limpa e cheirosa.

Tem este collegio grandes dormitorios e muito bem acabados, parte dos quaes ficam sobre o mar com grande vista; cuja obra é de pedra e cal, com todas as escadas, portas e janellas de pedrarias, com varandas, e cubiculos mui bem forrados, e por baixo lageadas com muita perfeição, o qual collegio tem grandes cercas até o mar, com agua muito boa dentro, e ao longo do mar tem umas terracenas, onde recolhem o que lhe vem embarcado de fóra. Tem este collegio ordinariamente oitenta religiosos, que se occupam em prégar e confessar alguma parte d'elles, outros ensinam latim, artes, theologia e casos de consciencia, com o que tem feito muito fruto na terra; o qual está muito rico, porque tem de S. M. cada anno quatro mil cruzados e davantagem, e importar-lhe-ha a outra renda que tem na terra outro tanto; porque tem muitos curraes de vaccas, onde se affirma que trazem mais de duas mil vaccas de ventre, que nesta terra parem todos os annos, e tem outra muita grangearia de suas roças e fazendas onde tem todas as novidades dos mantimentos, que se na terra dão em muita abastança.

CAPITULO X.

Em que se declara como corre a cidade por este rumo até o cabo

Passando avante do collegio, vai outra rua muito comprida pelo mesmo rumo do norte, muito larga e povoada de casas e moradores, além da qual no arrebalde da cidade, em um alto, está um mosteiro de Capuchinhos de Santo Antonio, que ha pouco tempo se começou de esmolas do povo que lhes comprou este assento, e outros devotos lhe deram outros chãos juntos d'elle, em que lhe os moradores fizeram uma igreja, com a qual e o mais recolhimento que está feito, se podem acommodar até vinte religiosos, e pelo tempo adiante lhe farão outro recolhimento como os padres quizerem, os quaes tem neste recolhimento sua cerca com agua dentro, a qual cerca vem correndo de cima onde está o mosteiro até o mar. E tornando d'este mosteiro para a praça pelo banda da terra vai a cidade muito bem arruada, com casas de moradores com seus quintaes, os quaes estão povoados de palmeiras carregadas de cocos e outras de tamaras, e de larangeiras e outras arvores de espinho, figueiras, romeiras e parreiras, com o que fica muito fresca; a qual cidade por esta banda da terra está toda cercada com uma ribeira de agua, que serve de lavagem e de se regarem algumas hortas, que ao longo d'ella estão.

CAPITULO XI.

Em que se declara como corre a cidade da praça para a banda do sul.

Tornados á praça, pondo o rosto no sul, corre outra rua muito formosa povoada de moradores, no cabo da qual está uma hermida de Santa Luzia, onde está uma estancia com artilharia. E ao longo

d'esta rua lhe fica outra muito bem assentada, tambem toda povoada de lojas de mercadores, e no topo d'ella está uma formosa igreja de Nossa Senhora d'Ajuda com sua capella de abobada; no qual sitio, no principio d'esta cidade esteve á Sé.

Passando mais avante com o rosto ao sul, no outro arrebalde da cidade, em um alto e campo largo, está situado um mosteiro de S. Bento, com sua claustra, e largas officinas e seus dormitorios, onde se agasalham vinte religiosos que n'aquelle mosteiro ha, os quaes tem sua cerca e horta com uma ribeira de agua, que lhe nasce dentro, que é a que rodea toda a cidade, como fica atraz dito. Este mosteiro de S. Bento é muito pobre, o qual se mantem de esmolas que pedem os frades pelas fazendas dos moradores, e não tem nenhuma renda de S. Magestade, em quem será bem empregada pelas necessidades que tem, cujos religiosos vivem santa e honesta vida, dando de si grande exemplo, e estão bemquistos e mui bem recebidos do povo, os quaes haverá tres annos, que foram a esta cidade com licença de S. Magestade fundar este mosteiro, que lhes os moradores d'ella fizeram á sua custa com grande fervor e alvoroço.

E não se faz aqui particular menção das outras ruas da cidade, porque são muitas, e fôra nunca acabar quere-las particularisar.

CAPITULO XII.

Em que se declaram outras partes que a cidade tem para notar.

Tem esta cidade grandes desembarcadouros com tres fontes na praia ao pé d'ella, em as quaes os mareantes fazem sua aguada bem á borda do mar, das quaes se serve tambem muita parte da cidade, por serem estas fontes de muito boa agua. No principal desembarcadouro está uma fraca hermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi a primeira casa de oração e obra em que se Thomé de Souza occupou.

A vista d'esta cidade é mui aprazivel ao longe, por estarem as casas com os quintaes cheios de arvores, a saber: de palmeiras que apparecem por cima dos telhados, e de laranjeiras que todo o anno estão carregadas de laranjas, cuja vista de longe é mui alegre, especialmente do mar, por a cidade se estender muito ao longo d'elle, n'este alto. Não tem a cidade nenhum padrasto, d'onde a possam offender, se a cercarem como ella merece, o que se póde fazer com lhe ficar dentro uma ribeira de agua, que nasce junto d'ella, que a vai cercando toda, a qual se não bebe agora, por estar o nascimento d'ella pizado dos bois, que vão beber, e porcos; mas limpa é muito boa agua; da qual se não aproveitam os moradores por haver outras muitas fontes de que bebe cada um, segundo a affeição, que lhe tomam. e da que lhe fica mais perto se ajuda por serem todas de boa agua.

A terra que esta cidade tem, uma e duas leguas á roda, está quasi toda occupada com roças, que são como os casaes de Portugal, onde se lavram muitos mantimentos, fructas e hortaliças, d'onde se remedea toda a gente da cidade que o não tem de sua lavra, a cuja praça se vai vender, do que está sempre mui provida, e o mais do tempo o está do pão que se faz das farinhas que levam do reino a vender ordinariamente á Bahia, onde tambem levam mmitos vinhos da ilha da Madeira, e das Canarias, onde são mais brandos, e de melhor cheiro e côr e suave sabor, que nas mesmas ilhas d'onde os levam; os quaes se vendem em lojas abertas, e outros mantimentos de Hespanha, e todas as drogas, sedas e pannos de toda a sorte, e as mais mercadorias acostumadas.

CAPITULO XIII.

Em que se declara o como se tratam os moradores da cidade do Salvador, e algumas qualidades suas.

Na cidade do Salvador e seu termo ha muitos moradores ricos de fazendas de raiz, peças de prata e ouro, jaezes de cavallos, e alfaias de casa, em tanto que ha muitos homens que tem dous e tres mil

cruzados em joias de ouro e prata lavrada. Ha na Bahia mais de cem moradores que tem cada anno de mil cruzados até cinco mil de renda, e outros que tem mais; cujas fazendas valem vinte mil até cincoenta e sessenta mil cruzados, e davantagem, os quaes tratam suas pessoas mui honradamente com muitos cavallos, creados e escravos, e com vestidos demasiados, especialmente as mulheres, porque não vestem senão sedas, por a terra não ser fria, no que fazem grandes despezas, mórmente entre a gente de menor condição; por que qualquer peão anda com calções e gibão de setim ou damasco, e trazem as mulheres com vasquinhas e gibões do mesmo, os quaes, como tem qualquer possibilidade, tem suas casas mui bem concertadas e na sua mesa serviço de prata, e trazem suas mulheres mui bem ataviadas de joias de ouro.

Tem esta cidade quatorze peças de artilharia grossa, e quarenta, pouco mais ou menos, de artilharia miuda: a artilharia grossa está assestada nas estancias atraz declaradas, e em outra que está na ponta do Padrão, para defender a entrada da barra aos navios dos corsarios, se a commetterem, d'onde lhe não póde fazer mais damno que afasta-los da carreira, para que não possam tomar o porto do primeiro bordo, porque é a barra muito grande e podem passar as náos que quizerem, sem lhes a artilharia fazer nôjo.

CAPITULO XIV.

Que trata de como se póde defender a Bahia com mais facilidade.

Não parece desproposito dizer n'este lugar, que tem El-Rei Nosso Senhor obrigação de com muita instancia mandar acudir ao desamparo em que esta cidade está, mandando-a cercar de muros e fortificar, como convém ao seu serviço e segurança dos moradores d'ella; porque está arriscada a ser saqueada de quatro corsarios, que a forem commetter, por ser a gente espalhada por fóra, e a da cidade não ter onde se possa defender, até que a gente das fazendas e engenhos a

possa vir soccorrer. Mas emquanto não fôr cercada, não tem remedio mais facil para se poder defender dos corsarios que na bahia entrarem, que pelo mar com quatro galeotas que com pouca despeza se podem fazer, e estarem sempre armadas, á sombra das quaes podem pelejar muitas barcas dos engenhos, e outros barcos, em que se póde cavalgar artilharia, para poderem pelejar, e esta armada se pode favorecer com as náos do reino, que de continuo estão no porto oito e dez, e d'aqui para cima até quinze e vinte, que estão tomando carga de assucar e algodão, em as quaes se póde metter gente da terra para a defender, e alguma artilharia com que offender aos contrarios, os quaes se não levarem a cidade do primeiro encontro, não a entram depois, porque póde ser soccorrida por mar e por terra de muita gente portugueza até a quantia de dous mil homens, de entre os quaes podem sahir dez mil escravos de peleja, a saber: quatro mil pretos de Guiné, e seis mil indios da terra, mui bons flexeiros, que juntos com a gente da cidade se fará mui arrazoado exercito, com o qual corpo de gente, sendo bem caudilhada, se póde fazer muito damno a muitos homens de armas, que sahirem em terra, aonde se hão de achar mui embaraçados, e pesados por entre o matto que é mui cego, e ser-lhe-ha forçado recolher-se com muita pressa, o que Deos não permitta que aconteça, pelo desapercebimento que esta cidade tem; do que sabem a certeza os Inglezes, que a ella foram já, d'onde podem tirar grande presa, da maneira que agora está, se a commetterem com qualquer armada, porque acharão no porto muitos navios carregados de assucar e algodão, e muita somma d'elle recolhido pelas terracenas que estão na praia dos mercadores, tanto das mercadorias como de muito dinheiro de contado, muitas peças de ouro e prata, e muitas alfaias de casa.

CAPITULO XV.

Em que se declaram as grandes qualidades que tem a Bahia de Todos os Santos.

El-Rei D. João III de Portugal, que está em gloria, estava tão afeiçoado ao Estado do Brazil, especialmente á Bahia de Todos os

Santos, que se vivera mais alguns annos, edificára n'elle um dos mais notaveis reinos do mundo, e engrandecêra a cidade do Salvador de feição que se podéra contar entre as mais notaveis de seus reinos: para o que ella estava mui capaz, e agora o está ainda mais em poder e apparelho para isso, porque é senhora d'esta Bahia, que é a maior e mais formosa que se sabe pelo mundo; assim em grandeza como em fertilidade e riqueza. Porque esta Bahia é grande, de bons ares, mui delgados e sadios, de muito frescas e delgadas aguas, e mui abastada de mantimentos naturaes da terra, de muita caça, e muitos e mui saborosos pescados e frutas, a qual está arrumada pela maneira seguinte.

A Bahia se entende da ponta do Padrão ao morro de Tinharé que demora um do outro nove ou dez leguas, ainda que o capitão da capitania dos Ilheos não quer consentir que se entenda senão da ponta da ilha de Taparica á do Padrão: mas está já averiguado por sentença, que se entende a Bahia da ponta do Padrão até Tinharé, como já fica dito; a qual sentença se deu por haver duvida entre os rendeiros da capitania dos Ilheos e da Bahia, sobre a quem pertenciam os dizimos do pescado, que se pescava junto a este morro de Tinharé, o qual dizimo se sentenciou ao rendeiro da Bahia, por se averiguar entender-se a Bahia do morro para dentro, como na verdade se deve de entender.

CAPITULO XVI.

Em que se declaram as barras que tem a Bahia de Todos os Santos, e como está arrumada a ilha de Taparica, entre uma barra e a outra.

Acima fica dito como dista a ponta de Tinharé da do Padrão nove ou dez leguas, entre as quaes pontas da banda de dentro d'ellas está lançada uma ilha de sete leguas de comprido que se chama Itaparica, a qual Thomé de Souza, sendo governador geral do Estado do Brazil, deu de sesmaria a D. Antonio de Ataide, primeiro conde de Castanheira, o que lhe S. Alteza depois confirmou, e lhe fez nova doação

d'ella, com titulo de capitão e governador; ao que veiu com embargos a camara da cidade do Salvador, sobre o que contendem ha mais de trinta annos, e lhe impediu sempre a jurisdicção, sem atégora se averiguar esta causa. Deixa esta ilha entre si e o morro de Tinharé outra bahia mui grande, com fundo e porto, em que podem entrar náos de todo o porte, e tem grande ancoradouro e abrigada á sombra do morro, de que se aproveitam muitas vezes as náos que vem do reino, quando lhe escacea o vento, e não podem entrar na bahia da ilha para dentro. Da ponta d'esta ilha de Itaparica á ponta do Padrão está a barra de leste, e entre a outra ponta da ilha e a ponta de Jaguaripe está a barra de loeste, por cada uma d'estas barras se entra na bahia com a proa ao norte. A barra de loeste se chama de Jaguaripe por se metter n'ella um rio do mesmo nome. Haverá da terra firme a esta ponta da ilha perto de uma legua de terra a terra, a qual barra é aparcellada por ser cheia de baixos de arêa, mas tem um canal estreito, por onde navegam, pelo qual entram caravellões da costa e barcas dos engenhos; mas ha de ser com tempos bonançosos, porque com marulho não se enxerga o canal. E corre grande perigo quem se aventura a commetter esta barra de Jaguaripe com tempo fresco e tormentoso.

CAPITULO XVII.

Em que se declara como se navega pela barra de Santo Antonio para entrar na Bahia.

A barra principal da Bahia é a da banda de leste, a que uns chamam a barra da cidade e outros de Santo Antonio, por estar junto d'ella da banda de dentro em um alto uma sua hermida; a qual barra tem de terra a terra duas leguas, e tanto dista da ponta do Padrão á terra de Taparica como á ponta, onde está o curral de Cosme Garção, que é mais sahida ao mar. Da banda da ilha tem esta barra uma legua de baixos de pedra, onde o mar anda o mais do tempo em flôr. Por entre estes baixos ha um canal por onde entram com bonança navios de quarenta toneis, e fica a barra por onde as náos costumam

entrar e sahir da parte do Padrão, a qual tem uma legua de largo, que toda tem fundo, por onde entram náos da India de todo o porte, em o qual espaço não ha baixo nenhum. Por esta barra podem entrar as náos de noite e dia com todo o tempo, sem haver de que se guardar, e os pilotos, que sabem bem esta costa, se não podem alcançar esta barra com de dia, e conhecem a terra, quando a veem de mar em fóra, mareamse com a ponta do Padrão, e como ficam a barlavento d'ella, navegam com a prôa ao norte e vão dar comsigo no ancoradouro da cidade, onde ficam seguros sobre amarra de todos os ventos tirado o sudoeste, que, quando venta, ainda que é muito rijo, no inverno, nunca passa a sua tormenta de vinte e quatro horas, em as quaes se amarram os navios muito bem, e ficam seguros d'esta tormenta, que de maravilha acontece; em o qual tempo se ajudam os navios uns aos outros de maneira que não corre perigo, e d'este porto da cidade, onde os navios ancoram, á ponta do Padrão póde ser uma legua.

CAPITULO XVIII.

Em que se declara o tamanho do mar da Bahia em que podem andar náos á vella, e de algumas ilhas.

Da banda da cidade á terra firme da outra banda, que chamam do Paraguaçú, são nove ou dez leguas de travessía, e fica n'este meio uma ilha, que chamam a dos Frades, que tem duas leguas de comprido, e uma de largo. Ao norte d'esta ilha está outra, que chamam de Maré, que tem uma legua de comprido e meia de largo; e dista uma ilha da outra tres leguas. Da ilha de Maré á terra firme da banda do poente haverá espaço de meia legua. Da ilha dos Frades á de Taparica são quatro leguas. Da cidade á ilha de Maré são seis leguas, e haverá outro tanto da mesma cidade á ilha dos Frades. De maneira que da ponta da ilha de Taparica até á dos Frades, e á ilha de Maré, e d'ella á terra firme contra o rio de Matoim, e d'esta corda para a cidade, por todo este mar até á boca da barra, se póde balraventear com náos de todo o porte sem acharem baixos nenhuns, como se afastarem

da terra um tiro de berço. Esta ilha dos Frades é de um João Nogueira, lavrador, o qual está de assento n'ella, com seis ou sete lavradores, que n'ella tem da sua mão, onde tem suas grangearias de roças de mantimentos, com criações de vaccas e porcos; a qual ilha tem muitas aguas mas pequenas para engenhos, cuja terra é fraca para canaveaes de assucar. A ilha de Maré é muito boa terra para canaveaes, e algodões, e todos os mantimentos, onde está um engenho de assucar que lavra com bois, que é de Bartholomeu Pires, mestre da capella da Sé, aonde estão assentados de sua mão passante de vinte moradores, os quaes tem aqui uma igreja de Nossa Senhora das Neves, muito bem concertada, com seu cura que administra os Sacramentos a estes moradores.

CAPITULO XIX.

Em que se declara a terra da Bahia, da cidade até á ponta de Tapagipe, e a suas ilhas.

Atraz fica dito como da cidade até á ponta do Padrão ha uma legua: agora convem que vamos correndo toda a redondeza da Bahia e reconcavos d'ella, para se mostrar o muito que tem para ver, e que notar.

Começando da cidade para a ponta de Tapagipe, que é uma legua, no meio d'este caminho se faz um engenho de agua em uma ribeira chamada agua dos Meninos, o qual não será muito proveitoso por ser tão perto da cidade. Este engenho faz um morador dos principaes da terra, que se chama Christovam de Aguiar de Alto, e nesta ponta de Tapagipe estão umas olarias de Garcia de Avila e um curral de vaccas do mesmo, a qual ponta bem chegada ao cabo d'ella tem uma aberta pelos arrecifes, por onde entram caravellões, que com tempo se recolhem aqui, e da boca da barra para dentro tem uma calheta onde estes caravellões e barcos estão seguros. N'esta ponta, quando se fundou a cidade, houve pareceres que ella se edificasse, por ficar mais segura e melhor assentada e muito forte, a qual está norte e sul com a ponta do Padrão.

Virando d'esta ponta sobre a mão direita está um esteiro mui fundo, por onde entram náos de quatrocentos toneis, ao qual chamam Pirajá. Este esteiro faz para dentro grandes voltas; em uma d'ellas tem uma praia onde se põe os navios a monte muito á vontade, e se calafetam muito bem ás mares, porque com as aguas vivas descobrem até a quilha, aonde se queimam e calafeteam bem.

D'este esteiro para dentro ao longo d'esta ponta estão tres ilhetas povoadas e lavradas com canaveaes e roças, e na terra d'esta ponta estão outras duas olarias de muita fabrica, por haver aqui muito e bom barro, d'onde se provêm d'elle os mais dos engenhos, pois se purga o assucar com este barro.

CAPITULO XX.

Em que se declaram os engenhos de assucar que ha n'este rio de Pirajá.

Entrando por este esteiro, pondo os olhos na terra firme, tem uma formosa vista de tres engenhos de assucar, e outras muitas fazendas mui formosas da vista do mar, e no cabo do salgado se mette n'elle uma formosa ribeira de agua, com que móe um engenho de assucar de S. Magestade, que ali está feito com uma igreja de S. Bartholomeu, freguezia d'aquelle limite, o qual engenho anda arrendado em seissentas e cincoenta arrobas de assucar branco cada anno. Pelo sertão d'este engenho, meia legua d'elle, está outro de Diogo da Rocha de Sá, que móe com outra ribeira, o qual está muito ornado de edificios com uma igreja de S. Sebastião muito bem concertada. A' mão esquerda d'este engenho de S. Magestade esta outro de João de Barros Cardozo, meia legua para a banda da cidade até onde este esteiro faz um braço, por onde se serve com suas barcas; o qual engenho tem grande aferida e fabrica de escravos, grandes edificios e outra muita grangearia de roças, canaveaes e curraes de vaccas, onde tambem está uma hermida de Nossa Senhora da En-

carnação muito bem concertada de todo o necessario. E entre um engenho e outro está uma casa de cozer meles com muita fabrica, a qual é de Antonio Nunes Reimão. A' mão direita d'este engenho de S. Magestade está outro de D. Leonor Soares, mulher que foi de Simão da Gama de Andrade, o qual móe com uma ribeira de agua com grande aferida e está bem fabricado. Este rio de Pirajá é mui farto de pescado e marisco, de que se mantem a cidade e fazendas de sua visinhança, em o qual andam sempre sete ou oito barcos de pescar com redes, onde se toma muito peixe, e no inverno em tempo de tormenta pescam dentro n'elle os pescadores de jangadas dos moradores da cidade e os das fazendas duas leguas á roda, e sempre tem peixe de que se todos remedeiam.

CAPITULO XXI.

Em que se declara a terra e sitio das fazendas que ha da boca de Pirajá até o rio de Matoim.

Por este rio de Pirajá abaixo, e da boca d'elle para fóra ao longo do mar da Bahia, por ella acima, vai tudo povoado de formosas fazendas e tão alegres da vista do mar, que não cansam os olhos de olhar para ellas.

E no principio está uma de Antonio de Oliveira de Carvalhal, que foi alcaide mór de Villa Velha, com uma hermida de S. Braz; e vai correndo esta ribeira do mar da Bahia com esta formosura até Nossa Senhora da Escada, que é uma formosa igreja dos padres da Companhia, que a tem muito bem concertada; onde ás vezes vão convalescer alguns padres de suas enfermidades, por ser o logar para isso; a qual igreja está uma legua do Rio de Pirajá e duas da cidade. De Nossa Senhora da Escada para cima se recolhe a terra para dentro até o porto de Paripe, que é d'ahi uma legua, cujo espaço se chama a Praia Grande, pelo ella ser e muito formosa, ao longo da qual está tudo povoado de mui alegres fazendas, e de um engenho de assucar que móe com bois, e está muito bem acabado, cujo senhorio se chama Fran-

cisco de Aguilar, homem principal, castelhano de nação. D'este porto de Paripe obra de quinhentas braças pela terra dentro, está outro engenho de bois que foi de Vasco Rodrigues Lobato, todo cercado de canaveaes de assucar, de que se faz muitas arrobas.

Do porto de Paripe se vai a terra afeiçoando á maneira de ponta lançada ao mar, e corre assim obra de uma legua, onde está uma hermida de S. Thomé em um alto, ao pé do qual ao longo do mar estão uma pégadas assignaladas em uma lagea, que diz o gentio, que diziam seus antepassados que andára por ali havia muito tempo um santo, que fizera aquelles signaes com os pés. Toda a terra por aqui é mui fresca, povoada de canaveaes e pomares de arvores de espinho, e outras frutas de Hespanha e da terra; donde se ella torna a recolher para dentro, fazendo outra praia mui formosa e povoada de mui frescas fazendas, por cima das quaes apparece a igreja de Nossa Senhora do O, freguezia da povoação de Paripe, que está junto d'ella, arruada e povoada de moradores, que é a mais antiga povoação e julgado da Bahia.

D'esta praia se torna a terra a afeiçoar á maneira de ponta para o mar, e na mais sahida a elle se chama a ponta do Toquetoque, d'onde a terra torna a recuar para traz até á boca do rio de Matoim, tudo povoado de alegres fazendas. Do porto de Paripe ao rio de Matoim são duas leguas, e de Matoim á cidade são cinco leguas.

CAPITULO XXII.

Em que se declara o tamanho do rio de Matoim e os engenhos que tem.

Entra a maré pelo rio de Matoim acima quatro leguas, o qual tem da boca, de terra a terra, um tiro de berço uma da outra, e entrando por elle acima mais de uma legua vai povoado de muitas e mui frescas fazendas, fazendo algumas voltas, esteiros e enseadas, e no cabo d'esta legua se alarga o rio muito de terra a terra; e á mão direita por um

braço acima está o famoso engenho de Paripe, que foi de Affonso de Torres e agora é de Balthazar Pereira, mercador. A este engenho pagam fôro todas as fazendas que ha no porto de Paripe, a que tambem chamam do Tubarão, até a boca de Matoim, e pelo rio acima duas leguas.

E virando d'este engenho para cima sobre a mão direita, vai tudo povoado de fazendas, e em uma de Francisco Barbuda, está uma hermida de S. Bento, e mais adiante, em outra fazenda de Christovam de Aguiar, está outra hermida de Nossa Senhora: e assim vai correndo esta terra até o cabo do salgado, mui povoada de nobres fazendas, mui ornadas de aposentos: e no cabo d'este está um engenho de bois de duas moendas de Gaspar Dias Barboza, peça de muito preço, o qual tem n'elle uma igreja de Santa Catharina. Junto d'este engenho está uma ribeira em que se pode fazer um engenho d'agua mui bom, o qual se não faz por haver demanda sobre esta agua, entre partes que a pretendem.

Da outra banda d'este engenho está assentado outro, que se diz de Sebastião da Ponte, que móe com uma ribeira que chamam Cotigipe, o qual engenho está muito adornado de edificios mui aperfeiçoados; e tornando por este rio abaixo, sobre a mão direita obra de meia legua, está uma ilha de Jorge de Magalhães, mui formosa por estar toda lavrada de canaveaes, e no meio d'ella em um alto tem umas nobres casas cercadas de larangeiras arruadas, e outras arvores, cousa muito para ver; e descendo uma legua abaixo do engenho de Cotigipe está uma ribeira que se chama de Aratú, em a qual Sebastião de Faria tem feito um soberbo engenho de agua, com grandes edificios de casas de purgar e de vivenda, e uma igreja de S. Jeronymo, tudo de pedra e cal, no que gastou mais de doze mil cruzados.

Meia legua d'este eugenho pelo rio abaixo está uma ribeira a que chamam de Carnaibuçú, onde não está engenho feito por haver letigio sobre esta agua. Na boca d'esta ribeira está uma ilha muito fresca, que é de Nuno Fernandes; a uma legua está um engenho de bois, de que é senhorio Jorge Antunes, o qual está mui petrechado

de edificios de casas, e tem uma igreja de Nossa Senhora do Rozario.

D'este engenho até a boca do rio será uma legua pouco mais ou menos, o qual está povoada de mui grandes fazendas, cujos edificios e canaveaes estão á vista d'este rio, que é mui formoso e largo de alto até abaixo.

Defronte da boca d'este rio de Matoim está a ilha de Maré, que começa a correr d'elle para cima, no comprimento d'ella, da qual fica dito atraz o que se podia dizer.

CAPITULO XXIII.

Em que se declara a feição da terra da boca de Matoim até o esteiro de Mataripe, e os engenhos que tem em si.

Sahindo pela boca de Matoim fóra, virando sobre a mão direita, vai a terra fabricada com fazendas e canaveaes d'ali a meia legua, onde está outro engenho de Sebastião de Faria, de duas moendas que lavram com bois, o qual tem grandes edificios assim do engenho, como de casas de purgar, de vivenda e de outras officinas, e tem uma formosa igreja de Nossa Senhora da Piedade, que é freguezia d'este limite; a qual fazenda mostra tanto apparato da vista do mar, que parece uma villa.

E indo correndo a ribeira do salgado, d'este engenho a meia legua, está tudo povoado de fazendas, e no cabo está uma que foi do Deão da Sé, com uma hermida de Nossa Senhora muito concertada, a qual está em uma ponta da terra. Defronte d'esta ponta bem chegada á terra firme está uma ilha, que se diz de Pedro Fernandes, onde elle vive com sua familia, e tem sua grangearia de canaveaes e roças com agua dentro.

Da fazenda do Deão se começa de ir armando a enseada que dizem de Jacarecanga, no meio da qual está um formoso engenho de bois de Christovam de Barros, até onde está tudo povoado de fazendas e lavrado de canaveaes: este engenho tem mui grandes edificios e uma igreja de Santo Antonio. Esta enseada está em feição de meia lua, e terá segundo a feição da terra duas leguas, em a qual está uma ribeira

de agua, em que se póde fazer um engenho, o qual se deixa de fundar por se não averiguar o letigio que sobre ella ha; e toda esta enseada a roda, sobre a vista da agua, está povoada de fazendas e formosos canaveaes.

E sahindo d'esta enseada, virando sobre a ponta da mão direita, vai correndo a terra fazendo um canto em espaço de meia legua, em a qual estão dous engenhos de bois, um de Tristão Rodrigo junto da ponta da enseada, defronte da qual á ilha de Maré está um Ilheo que se chama de Pacé, donde tomou o nome a terra firme d'este limite. Este engenho de Tristão Rodrigo tem uma fresca hermida de Santa Anna. O outro engenho está no cabo d'esta terra, que é de Luiz Gonçalves Varejão, em o qual tem outra igreja de Nossa Senhora do Rosario, que é freguezia d'esse limite.

D'este engenho se torna a afeiçoar a terra fazendo ponta para o mar, que terá comprimento de meia legua, e no cabo d'ella se chama a ponta de Thomaz Alegre, até onde está tudo povoado de fazendas e canaveaes, em que entra uma casa de meles de Marcos da Costa. Defronte d'esta ponta está o fim da ilha de Maré, e daqui torna a fugir a terra para dentro, fazendo um modo de enseada em espaço de uma legua, que toda está povoada de nobres fazendas e grandes canaveaes, no cabo da qual está um formoso engenho de agua de Thomaz Alegre, que tem uma hermide de Santo Antonio mui bem concertada. D'este engenho a uma legua é o cabo de um esteiro, que se diz a Petinga, até onde está tudo povoado e plantado de canaveaes mui formosos. Esta Petinga é uma ribeira assim chamada, onde se póde fazer um formoso engenho de agua, o que se não faz por haver contenda sobre a dita ribeira.

Por aqui se serve o engenho de Miguel Baptista, que está pela terra dentro meia legua, o qual tem mui ornados edificios, e uma hermida de Nossa Senhora mui concertada. E tornando atraz ao esteiro e porto de Petinga, torna a terra a correr para o mar obra de meia legua, onde faz uma ponta em redondo, onde está uma formosa fazenda de André Monteiro, da qual torna a terra recuar para traz outra meia legua por um esteiro acima, que se diz de Mataripe, onde está uma casa de meles de João Adrião mercador; por este esteiro

se serve a igreja, e julgado do logar de Tayaçupina (?), que está meia legua pela terra dentro em um alto á vista do mar, povoação em que vivem muitos moradores que lavram n'este sertão algodões e mantimentos, e a igreja é da invocação de Nossa Senhora do O.

CAPITULO XXIV.

Em que se declara o sitio da terra da boca do esteiro de Mataripe até á ponta de Marapé, e dos engenhos que em si tem.

D'este esteiro de Mataripe ao de Caípe será meia legua, ou menos, a qual está toda lavrada e aproveitada de muitos canaveaes que os moradores, que por esta terra vivem, tem feito. N'este esteiro de Caîpe está um engenho de bois de duas moendas, peça de muita estima, o qual é de Martim Carvalho, onde tem uma hermida da Santissima Trindade mui concertada com as mais officinas necessarias.

Defronte d'este esteiro de Caîpe está um ilheo de pedra, meia legua ao mar, que se diz Itapitanga, do qual esteiro corre a terra quasi direita obra de uma legua ou mais, no cabo da qual está outro engenho de bois, fazenda muito grossa de escravos e canaveaes, com nobres edificios de casas, com uma fresca igreja de Nossa Senhora das Neves muito bem acabada; o qual engenho é de André Fernandes Margalho, que o herdou de seu pai com muita fazenda. Ao longo d'esta terra, um tiro de berço, está estendida a ilha de Cururupeba, que é de meia legua de comprido, a qual é dos padres da Companhia, que a tem arrendada a sete ou oito moradores, que n'ella vivem.

Entre esta ilha e a dos Frades estão duas ilhetas, em cada uma das quaes está um morador, que a lavra, e são de Antonio da Costa. D'este engenho de André Fernandes para cima vai fazendo a terra uma enseada de uma legua, no cabo da qual está o esteiro de Parnamirim; e defronte d'esta enseada bem chegadas á terra firme estão tres ilhas:

a primeira defronte do engenho, que é do mesmo André Fernandes, que tem perto de meia legua, onde tem alguns moradores que lavram cannas e mantimentos; e junto d'esta ilha está outra mais pequena, que é do mesmo, d'onde tira lenha para o engenho; e mais avante de Parnamirim está outra ilha, que se diz a das Fontes, que é de João Nogueira, a qual é de meia legua, onde tambem vivem sete ou oito moradores. A terra de todas estas tres ilhas é alta e muito boa. Na boca do esteiro de Parnamirim está um engenho de bois de Belchior Dias Porcalho, que tem uma hermida de Santa Catharina. Por este esteiro de Parnamirim entra a maré uma legua, no cabo da qual está outro engenho de bois de Antonio da Costa, que está mui bem acabado. Este esteiro de uma parte e da outra está todo lavrado de canaveaes, e povoado de formosas fazendas, no meio do qual está uma ilha de Vicente Monteiro, toda lavrada com uma formosa fazenda. E tornando á boca d'este esteiro, andando sobre a mão direita d'ahi a uma legua, está tudo povoado de moradores, onde tem muito boas fazendas de canaveaes e algodões, a qual terra se chama Tamararí, no meio da qual está uma igreja de Nossa Senhora, que é freguezia d'este limite. Esta terra faz no cabo uma ponta; e virando d'ella sobre a mão direita vai fugindo a terra para traz, até dar em outro esteiro que chamam Marapé, onde se começam as terras de Mem de Sá, que agora são de seu genro o conde de Linhares.

CAPITULO XXV.

Em que se declara o rio de Seregipe, e terra d'elle á boca do Paraguaçú.

Partindo com a terra da Tamarari começa a do engenho do conde de Linhares, a qual está muito mettida para dentro fazendo uma maneira de enseada, a que chamam Marapé, a qual vai correndo até á boca do rio de Seregipe, e terá a grandura de duas leguas, que estão povoadas de mui grossas fazendas. Entra a maré por este rio

de Seregipe passante de tres leguas, onde se mette uma ribeira, que se diz Farreirey, onde esteve já um engenho, que fez Antonio Dias Adorno, o qual se despovoou por lhe arrebentar um açude, que lhe custou muito a fazer; pelo que está em mortuorio; mas não estará assim muito tempo por ser a terra muito boa e para se metter n'ella muito cabedal.

Descendo por este esteiro abaixo, legua e meia sobre a mão direita, está situado o afamado engenho de Mem de Sá, que agora é do conde de Linhares seu genro, o qual está mui fabricado de casa forte e de purgar; com grande machina de escravos e outras bemfeitorias, com uma igreja de Nossa Senhora da Piedade. D'esta banda do engenho até á barra do rio, que podem ser duas leguas, não vive nenhum morador, por ser necessaria a terra para o meneo do engenho, e por ter perto da barra uma ribeira, onde se póde fazer outro engenho muito bom; mas da outra banda do rio, de cima até abaixo, está tudo povoado de muitas fazendas, com mui formosos canaveaes, entre os quaes está uma, que foi de um Gonçalo Annes que se metteu frade de S. Bento, onde os frades tem feito uma igreja do mesmo Santo com seu recolhimento, onde dizem missa aos vizinhos. Na boca d'este rio, fóra da barra d'elle, está uma ilha que chamam Cajaíba, que será de uma legua de comprido e meia de largo, onde estão assentados dez ou doze moradores, que n'ella tem bons canaveaes e roças de mantimentos, a qual é do conde de Linhares. Junto d'esta ilha está outra pequena despovoada, de muito boa terra. E bem chegado á terra firme, no cabo do rio da banda do engenho está outra ilha, de meia legua em quadro, por entre a qual e a terra firme escassamente póde passar um barco, a qual tambem com as duas atraz são do conde de Linhares. Da boca d'este rio de Seregipe, virando ao sahir d'ella sobre a mão direita, vai fazendo a terra grandes enseadas, em espaço de quatro leguas, até onde chamam o Acúm, por ter o mesmo nome uma ribeira, que ali se vem metter no salgado, em a qual se podem fazer dous engenhos, os quaes não estão feitos por ser esta terra do engenho do conde de Linhares e não a querer vender nem aforar, pelo que vivem poucos moradores n'ella, onde o

conde tem um formoso curral de vaccas. Do cabo d'esta terra do conde á boca do rio Paraguaçú, são tres ou quatro leguas, despovoadas de fazendas, por a terra ser fraca e não servir para mais que para criação de vaccas, onde estão alguns curraes d'ellas.

Esta terra foi dada a Braz Fragoso de sesmaria, e pelo rio de Paraguaçú acima quatro leguas; a qual se vendeu a Francisco de Araujo, que agora a possue com algumas fazendas que n'ella fez onde a terra é boa, que é pelo rio acima.

CAPITULO XXVI.

Em que se declara a grandeza do Rio Paraguaçú, e os seus engenhos na terra d'El-Rei.

Este rio de Paraguaçú é mui caudaloso, e terá na boca de terra a terra um tiro de falcão, por o qual entra a maré, que sóbe por elle acima seis leguas; e de uma banda e da outra até á ilha dos Francezes, que são duas leguas, é a terra alta e fraca e mal povoada, salvo de alguns curraes de vaccas. Da barra d'este rio para dentro está uma ilha de meia legua de comprido, e de quinhentas braças de largo e a partes de menos, a qual se chama de Gaspar Dias Barboza, cuja terra é baixa e fraca. E tornando acima no cabo d'estas duas leguas está uma ilha, que chamam dos Francezes, mui alterosa, que terá em roda seiscentas braças, onde elles em tempo atraz chegavam com suas náos por ter fundo para isso, e estavam n'esta ilha seguros do gentio, com o qual faziam d'ella seus resgates á vontade. D'esta ilha para cima se abre uma formosa bahia, até a boca do rio da Agua Doce, que serão duas leguas; e defronte d'esta ilha dos Francezes está uma casa de meles de Antonio Peneda. E sahindo d'esta ilha para fóra, pondo a vista sobre a mão direita, faz este rio um reconcavo de tres leguas, cousa mui formosa, a que chamam Uguape; e olhando pela mão esquerda se estende perto de duas leguas, parte das quaes estão occupadas com tres ilheos despovoados, mas cheios de arvoredo

que se podem povoar, e de uma ilha de Antonio de Paiva, que está aproveitada com canaveaes, onde a terra firme se vai apertando, que ficará acima d'esta ilha o rio de terra a terra uma meia legua. Mas tornando á casa de meles de Antonio Peneda, virando d'ella para a enseada de Uguape, sobre a mão direita, d'aqui a duas leguas, é a terra fraca e não serve senão para curraes de vaccas. No meio d'este caminho está uma ilha rasa, que Antonio Dias Adorno teve já cheia de mantimentos; além da qual está outra ilha, que chamam da Ostra; d'onde se tem tirado tanta quantidade que se fizeram de ostras mais de dez mil moios de cal, e vai-se cada dia tirando tanta que faz espanto, sem se acabar. No cabo d'estas duas leguas começa a terra boa que está povoada até o engenho de Antotonio Lopes Ulhoa, de muitos canaveaes e formosas fazendas, no que haverá espaço de uma legua. Este engenho móe com grande ferida, e está mui ornado com edificios de pedra e cal, e a ribeira com que móe se chama Ubirapitanga. E indo d'este engenho para cima, sobre a mão direita ao longo do salgado, vai povoada a terra de fazendas e canaveaes, em que entra uma casa de meles de Antonio Rodrigues, e andando assim até junto do rio da Agua Doce do Paraguaçú, que podem ser duas leguas, vão dar com o notavel e bem assentado engenho de João de Brito de Almeida, que está senhoreando esta bahia com a vista, o qual engenho é de pedra e cal, e tem grandes edificios de casas, e muito formosa igreja de S. João, de pedra e cal; o qual engenho tem mui grande aferida, e móe com uma ribeira que vem a este sitio por uma levada de uma legua, feita toda por pedra viva ao picão com suas açudadas, com muros e botareos de pedra e cal, cousa muito forte. E antes de se chegar a este engenho, junto da terra d'elle, estão tres ilheos de arêa pequenos cheios de mangues, onde se vai mariscar. Acima d'este engenho, um tiro de berço d'elle, entra n'esta bahia, que este rio aqui faz, o rio da Agua Doce do Paraguaçú, o qual terá na boca de terra a terra um tiro de falcão de espaço, e navega-se por elle acima até á cachoeira, que póde ser a tres leguas, com barcos grandes; e indo por elle acima sobre a mão direita tem poucas fazendas, por ser a terra do engenho de João de Brito. E antes

de chegarem á cachoeira, á vista d'ella, está outro engenho de agua mui bem acabado, o qual fez um Rodrigo Martins, mameluco, por sua conta, e de Luiz de Brito de Almeida, junto do qual vivem muitos mamelucos com suas fazendas.

CAPITULO XXVII.

Em que se declara a terra do rio de Paraguaçú, tocante á capitania de D. Alvaro.

Até agora tratámos n'este capitulo atraz da grandeza do rio de Paraguaçú, no tocante á terra d'El-Rei, e d'aqui por diante convém tratar do mesmo rio, e declarar a terra da outra banda, que é da capitania de D. Alvaro da Costa, que tem da boca da barra d'este rio por elle acima dez leguas de terra, e ao longo do mar da bahia até o rio de Jagoaripe, e por elle acima outras dez leguas; de que lhe El-Rei D. João lhe fez mercê, com titulo de capitão e governador d'esta terra, de que diremos n'este capitulo.

Começando da cachoeira d'este rio de Paraguaçú para baixo, descendo sobre a mão direita, o qual rio está povoado de muitos moradores por onde faz muitos esteiros, em que se mettem outras ribeiras, sem haver ainda nenhum engenho; e sahindo pela boca fóra d'este rio á bahia que o salgado n'elle faz, e virando sobre a mão direita, obra de uma legua, ao longo das ilhas de que já dissemos, se vai dar no braço que se diz de Igaraçú: e por elle acima espaço de duas leguas vai o rio mui largo, cuja terra da parte esquerda é fraca, de campinas, e mal povoada de fazendas, e da banda direita é a terra boa, mas muito fragosa e povoada de fazendas. No cabo d'estas duas leguas se aparta este rio em tres braços, por onde entra a maré. E no braço da mão direita está o engenho de Lopo Fernandes, obra mui forte, e de pedra e cal assim o engenho como os mais edificios, e a igreja, que é de Nossa Senhora da Graça, obra mui bem acabada, com seus canaveaes ao redor do engenho, de que faz muito assucar.

Pelo braço do meio vai subindo a maré duas leguas, no cabo das quaes se mette n'elle uma formosa ribeira de agua, que se diz Igaruçú, onde se póde fazer um engenho, e de uma banda e da outra é tudo povoado de roças e canaveaes. Na ponta d'esta terra entre um esteiro e outro está uma hermida de S. João, e pelo outro esteiro que está a mão esquerda está um prospero engenho de pedra e cal, com grandes edificios de casas de vivenda e de purgar, e uma formosa igreja. Este engenho é copioso como os mais do rio, o qual edificou Antonio Aderno, cujos herdeiros o possuem agora.

N'este rio de Paraguaçú e em todos os seus reconcavos, por onde entra o salgado, ha muito marisco de toda a sorte, especialmente ostras muito grandes, onde em uma maré vasia quatro negros carregam um barco dellas, e tem grandes pescarias, assim de rede como de linha, especialmente na bahia que faz abaixo; porque por uma banda tem duas leguas de comprido, e por outra duas de largo, pouco mais ou menos, e em toda a terra d'este rio ha muita caça.

CAPITULO XXVIII.

Em que se declara o como corre a terra do Rio de Paraguaçú ao longo do mar da Bahia, até a boca de Jaguaripe e por este rio acima.

Do cabo do rio Paraguaçú, onde se elle mette na bahia grande, vai fazendo a terra umas enseadas de arêa obra de duas leguas, que estam povoadas de curraes de vaccas e de pescadores, e no cabo d'estas duas leguas faz a terra uma ponta de arêa muito sahida ao mar da bahia, a qual corta a maré a passos; e quando é cheia fica parte d'esta ponta em ilha; e passada da outra banda tem sete ou oito ilheos de arêa cheios de mangues; e tornando a correr a costa contra Jaguaripe, se vai armando em enseadas obra de tres leguas que estam povoadas, até em direito da ilha da Pedra, de curraes de vaccas e

fazendas de gente pobre, que não plantam mais que mantimentos, de que se mantem. Esta ilha da Pedra é de pouco mais de meia legua de comprido e tem muito menos de largura; e mais avante está outra ilha que tem mais de legua de comprido, que se diz a de Fernão Vaz. Por detraz d'esta ilha vai correndo a costa da terra firme mui chegada a ellas, a qual costa por detraz d'estas ilhas terá tres leguas de espaço até chegar ao rio de Jaguaripe, tudo terra despovoada por ser fraca de campinas, onde se mette no salgado uma ribeira, que se chama Pujuca, que servirá para um engenho, ainda que junto do porto vem a agua baixa, e será necessario fazer o engenho um pedaço pela terra dentro, por amor da aferida. E virando da boca de Jaguaripe para cima, d'ahi a duas leguas, é a terra mui fraca, que não serve senão para vaccas e roças de mantimentos; e do cabo d'estas duas leguas até á cachoeira é a terra soffrivel e tem cinco ribeiras, que se vem metter a este rio, em que se podem fazer cinco engenhos, os quaes não são já feitos por o capitão desta terra não querer dar as aguas menos de a dous por cento de fôro, que no cabo do anno vem a montar oitenta a cem arrobas de assucar, que valem a oitocentos réis cada arroba.

Este rio de Jaguaripe é tamanho como o Douro, mas mais aprazivel na frescura: navega-se até a cachoeira que está cinco leguas da barra, e duas leguas abaixo da cachoeira é a agua doce, a qual o salgado com a força da maré faz recuar até á cachoeira. Junto da cachoeira, virando sobre a mão direita, para baixo está um engenho de agua de Fernão Cabral de Ataide, obra mui formosa e ornada de nobres edificios de casas de vivenda e de outras officinas, e de uma igreja de S. Bento mui bem acabada, o qual engenho está feito nas terras de El-Rei, que estão livres de todo o fôro, que costumam pôr os capitães. D'este engenho para baixo vivem alguns moradores que tem suas roças e canaveaes ao longo do rio, que o aformoseam muito, em o qual se vem metter tres ribeiras por esta mesma banda, capazes de tres engenhos, que se n'ellas podem mui bem fazer, duas leguas abaixo do Fernão Cabral; mas aterra d'esta banda é raza e de arêa, que não serve para mais que para lenha dos mesmos engenhos, a qual terra fica no cabo em lingua

estreita defronte da ilha de Fernão Vaz, a qual ponta tem uma ilhota no cabo, onde se vem ajuntar o rio de Irajuhí com o de Jáguàripe.

CAPITULO XXIX.

Em que se explica o tamanho e formosura do rio Irajuhí e seus reconcavos.

Correndo por esta ponta de entre ambos os rios acima, com a mão direita ao longo da terra, da ponta duas leguas pelo rio acima, é a terra fraca que não serve senão para lenha dos engenhos; daqui para cima uma legua da cachoeira d'este rio, é tudo povoado de canaveaes e fazenda de moradores, até onde a agua salgada se mette por dous esteiros acima, onde se ajuntam com elle duas ribeiras de agua em as quaes estão dous engenhos, os quaes deixemos estar para dizermos primeiro do rio de Irajuhí, que vai por este meio um quarto de legua para cima, povoado de canaveaes e fazendas em que entra uma casa de meles de muita fabrica de Gaspar de Freitas, alem da qual junto á cachoeira está situado o engenho de Diogo Corrêa de Sande, que é uma das melhores peças da Bahia, por que está mui bem acabado, com grandes aposentos e outras officinas, e uma fresca igreja de Vera Cruz.

E tornando abaixo ao esteiro da mão direita, que se chama Caîpe; indo por elle acima, está um soberbo engenho com grandes casas de purgar e de vivenda, e muitas outras officinas, com grande e formosa igreja de S. Lourenço, onde vivem muitos visinhos em uma povoação que se diz a Graciosa. Esta terra é muito fertil e abastada de todos os mantimentos e de muitos canaveaes de assucar, a qual é de Gabriel Soares de Souza; e d'este engenho ao de Diogo Corrêa não ha mais distancia que quatrocentas braças de caminho de carro, e para visinharem se servem os carros de um engenho ao outro por cima de duas pontes, e atravessam estes rios, e ficam os engenhos á vista um do outro.

E tornando ao outro esteiro que fica da outra banda do rio de Irajuhí, onde se mette a ribeira que se diz de Jacerú, com a qual móe outro engenho que agora novamente fez o mesmo Diogo Corrêa, o qual está mui bem acabado e aperfeiçoado com as officinas necessarias, todo este esteiro está povoado de fazendas de moradores com formosos canaveaes; e descendo por este rio abaixo, ao longo da terra, da mão direita, andando mais de uma legua, vai a terra povoada da mesma maneira, onde este rio é como o Téjo de Villa Franca para cima.

E d'aqui até em direito da ponta que divide o esteiro de Jaguaripe é a terra fraca, onde ha tres esteiros que entram por ella dentro duas leguas, em os quaes se mettem ribeiras com que se podem moer engenhos; mas a terra não é capaz para dar muitos annos canas. E abaixo d'estes esteiros está uma ilheta que chamam do Sal, porque o gentio, quando vivia mais perto do mar, costumava-o vir fazer ali, defronte do qual está outra ilheta no cabo da ponta de ambos os rios. D'esta ilha até á ponta da barra haverá uma legua, tudo terra de pouca substancia.

D'esta terra á ilha de Fernão Vaz é perto de uma legua, e entre esta ilha e a de Taparica e a terra firme, fica quasi em quadra uma bahia de uma legua, onde se mette a barra que se chama de Jaguaripe, de que se fez já menção.

CAPITULO XXX.

Em que se declara a terra que ha da boca dá barra de Jaguaripe até Juquirijape, e d'ahi até o rio de Una.

Da ponta da barra de Jaguaripe ao rio de Juquirijape são quatro leguas, ao longo do mar, á feição de enseadas quasi pelo rumo de norte e sul, cuja terra é baixa e fraca com pouco mato, pelo qual atravessam das campinas quatro ribeiras de pouco cabedal, a qual terra não serve para mais que para criações de vaccas. Este rio de Juquirijape

tem a barra pequena e baixa, por onde não podem entrar mais que caravellões da costa por ter uma lagea na boca que a toma toda; da barra para dentro até a cachoeira é muito fundo, por onde podem navegar navios de cem toneis e de mais, e de uma parte á outra póde haver quatro leguas. Este rio é tão formoso como o do Guadiana, mas tem muito mais fundo; e tem indo por elle acima, de uma banda e da outra até duas leguas, a terra fraca, e pela mór parte de campinas com muitos alagadiços, terra boa para vaccas; e tem indo por elle acima mais avante dous esteiros, em os quaes se podem fazer dous engenhos.

Do esteiro mais do cabo, para a banda da cachoeira uma legua toda de vargea, é terra muito grossa para canaveaes; da outra banda é a terra mais somenos, e junto d'esta cachoeira se vem metter uma ribeira com grande aferida, onde Gabriel Torres tem começado um engenho, em o qual tem feito grandes bemfeitorias, e assentado uma aldeia de escravos com um feitor que os manda. Na barra d'este rio tem uma roça com mantimentos, e gente com que se grangea. Este rio é muito provido de pescado, marisco e muita caça, e frutas silvestres.

Da barra de Juquirijape ao curral de Sebastião da Ponte serão cinco leguas ao longo do mar, tudo despovoado em feição de enseada, onde se mettem tres ribeiras que nascem nas campinas desta terra, que não servem para mais que para criação de vaccas. Toda esta praia e costa no inverno é mui desabrigada até á barra de Jaguaripe, onde o tempo leste e lessueste é travessia, e se toma aqui os caravellões da costa que se mettem por esta barra, e elles não acertam com a boca de Juquirijape para se recolherem dentro, não tem outro remedio se não varar em terra, onde não ha perigo das pessoas por ser tudo arêa. Este curral de Sebastião da Ponte está em uma ponta sahida ao mar com o rosto no morro de Tinharé, da qual vai fugindo a terra para dentro fazendo uma enseada até o rio Una, que será tres leguas todas de praia. Por este rio entra a maré mais de duas leguas, no cabo das quaes está situado o engenho de Sebastião da Ponte, que tem duas moendas de agua em uma casa que móe ambas com uma ribeira, o

qual engenho é mui grande e forte, está mui bem fabricado de casas de vivenda, de purgar e outras officinas, com uma formosa igreja de S. Gens com tres capellas de abobada: e por este rio Una vivem alguns moradores que n'elle tem feito grandes fazendas de canaveaes e mantimentos.

CAPITULO XXXI.

Em que se explica a terra do Rio Una até Tinharé, e da ilha de Taparica com outras ilhas.

Da boca do Rio Una a uma legua se mette no mar outro rio, que se diz Tairirí; pelo qual entra a maré duas ou tres leguas, onde Fernão Rodrigues de Souza fez uma populosa fazenda com um engenho mui bem acabado e aperfeiçoado, com as officinas acostumadas e uma igreja de Nossa Senhora do Rosario muito bem concertada, onde tem muitos homens de soldo para se defenderem da praga dos Aimorés, que lhe fizeram já muito damno. E tornando á boca d'este rio, que está mui visinho da ilha de Tinharé, d'onde vai correndo até o morro, fazendo uma enseada de obra de tres leguas até a ponta do morro, onde se acaba o que se entende a Bahia de Todos os Santos. Esta ilha faz abrigada a esta terra até á ponta do curral, por a sua terra ser alta, a qual é fraca para canaveaes, onde vivem alguns moradores, que n'ella estão assentados da mão de Domingos Saraiva, que é senhor d'esta ilha, o qual vivia n'ella e tem ahi sua fazenda com grandes criações e uma hermida onde lhe dizem missa. Da boca d'este rio de Tairirí a esta ilha póde ser um tiro de falcão. No mar que ha entre esta ilha e a terra firme, ha grandes pescarias e muito marisco, onde por muitas vezes no inverno lança o mar fóra n'esta ilha e nas praias de defronte até o Juquirijape ambar gris muito bom.

Tornando á ilha de Taparica, de que atraz se faz menção, pela banda de Tinharé não tem porto aonde se possa desembarcar por ser cercada de baixos de pedra, aonde o mar quebra ordinariamente, a qual pela banda de dentro da bahia tem muitos portos, onde os

barcos podem desembarcar com todo o tempo. Tem esta ilha pela banda de dentro grandes pontas e enseadas, aonde com tormenta se recolhem as embarcações, que vem das outras partes da bahia para a cidade.

Na ponta d'esta ilha de Taparica defronte da barra de Jagearipe está uma ilheta junto a ella, que se diz de Lopo Rebello, que está cheia de arvoredo, d'onde se tira muita madeira. E d'aqui para dentro é povoada Taparica de alguns moradores, que vivem junto ao mar, que lavram cannas e mantimentos, e criam vaccas, e d'aqui até Tamarãtiba serão duas leguas da costa d'esta ilha, entre a qual e a ilha de Tamarãtiba haverá espaço de um tiro de falcão. Esta ilha Tamarãtiba tem uma legua de comprido, e meia de largo, cuja terra não serve para mais que para mantimentos, onde vivem seis ou sete moradores, a qual é do conde de Castanheira. Junto da Tamarãtiba da banda da terra firme está uma ilheta S. Gonçalo, cheia de arvoredo, muito raza, cuja terra é fraca e de arêa, onde o mais do tempo estão differentes pescadores de rede, por haver ali muitos lanços; e diante d'ella estão tres ilheos razos, fazendo uma ponta ao mar contra a outra que vem da banda do Paraguaçú, e póde haver de uns aos outros uma legua; do mar contra a ponta de Taparica está outro ilheo razo com arvoredo que não serve senão a pescadores de redes. No cabo da ilha Tamarãtiba entre ella e a de Taparica estão tres ilheos de arêa pequenos, e junto d'elles está uma ilheta, que chamam dos Porcos, que será de seiscentas braças em quadro. Mais avante junto da terra de Taparica está outra ilheta, que se diz de João Fidalgo, onde vive um morador. Avante d'esta ilheta, em uma enseada grande que Taparica faz, está um engenho de assucar que lavra com bois, o qual é de Gaspar Pacheco, por cujo porto se servem os moradores que vivem pelo sertão da ilha, onde tem uma igreja de Santa Cruz: e d'este engenho a duas leguas está a ponta de Taparica, que é mais sahida ao mar, que se chama ponta da Cruz até onde está povoada a ilha de moradores, que lavram mantimentos e algumas canas. D'esta ponta uma legua ao norte está uma ilha que se diz a do Mêdo, cuja terra é raza e despovoada por ser de arêa e não ter agua.

Da ponta de Taparica se torna a recolher a terra fazendo rosto para a cidade, a qual está toda povoada de moradores que lavram muitos mantimentos e canaveaes. E na fazenda de Fernão de Souza está uma igreja mui bem concertada da advocação de Nossa Senhora, onde os visinhos d'esta banda tem missa aos domingos e dias santos.

E por aqui temos concluido com a redondeza da Bahia e suas ilhas, que são trinta e nove, a saber vinte e duas ilhas e dezasete ilheos; fóra as ilhas que ha dentro nos rios, que são dezaseis entre grandes e pequenas, que junto todas fazem a somma de cincoenta e cinco; e tem a Bahia da ponta do Padrão, andando-a por dentro sem entrar nos rios, até chegar a ponta do Tinharé, cincoenta e tres leguas.

CAPITULO XXXII.

Em que se contém quantas igrejas, engenhos e embarcações tem a Bahia.

Pois que acabamos de explicar a grandeza da Bahia e seus reconcavos, convém que lhe juntemos o seu poder, não tratando da gente, pois o fizemos atraz.

Mas comecemos nos engenhos, nomeando-os em summa, ainda que particularmente se dissesse de cada um seu pouco, havendo que dizer d'elles e de sua machina muito, os quaes são moentes e correntes trinta e seis, convém a saber: vinte e um que moem com agua e quinze que moem com bois, e quatro que se andam fazendo. Tem mais oito casas de cozer meles, de muita fabrica e mui proveitosas. Sahem da Bahia cada anno d'estes engenhos passante de cento e vinte mil arrobas de assucar, e muitas conservas. Tem a Bahia, com seus reconcavos sessenta e duas igrejas, em que entra a Sé, e tres mosteiros de religiosos, das quaes são dezaseis freguezias curadas, convém a saber: nove vigararias que paga S. Alteza, e outras sete pagam aos curas os freguezes, e a mór parte das outras igrejas tem

capellães e suas confrarias como em Lisboa, e todas estas igrejas estão mui concertadas, limpas e providas de ornamentos, em as quaes nos dias dos oragos se lhe faz muita festa. Todas as vezes que cumprir ao serviço de S. Magestade, se ajuntaráõ na Bahia mil e quatrocentas embarcações: de quarenta e cinco para setenta palmos de quilha, cem embarcações mui fortes, em cada uma das quaes podem jogar dous falcões por prôa e dous berços por banda; e de quarenta e quatro palmos de quilha até trinta e cinco se ajuntaráõ oitocentas embarcações, nas quaes póde jogar pelo menos um berço por prôa; e se, cumprir ajuntarem-se as mais pequenas embarcações, ajuntar-se-hão trezentos barcos de trinta e quatro palmos de quilha para baixo, e mais de duzentas conôas, e todas estas embarcações mui bem remadas. E são tantas as embarcações na Bahia, porque se servem todas as fazendas por mar; e não ha pessoa que não tenha seu barco ou canôa pelo menos, e não ha engenho que não tenha de quatro embarcações para cima; e ainda com ellas não são bem servidos.

CAPITULO XXXIII.

Em que se começa a declarar a fertilidade da Bahia e como se n'ella dá o gado da Hespanha.

Pois se tem dado conta tão particular da grandura da Bahia de Todos os Santos e do seu poder, é bem que digamos a fertilidade d'ella um pedaço, e como produz em si as criações das aves e alimarias de Hespanha e os frutos d'ella, que n'esta terra se plantam.

Tratando em summa da fertilidade da terra, digo que acontece muitas vezes valer mais a novidade de uma fazenda que a propriedade; pelo que os homens se mantem honradamente com pouco cabedal, se se querem acommodar com a terra e remediar com os mantimentos della, do que é muito abastada e provida.

As primeiras vaccas que foram á Bahia, levaram-nas de Cabo Verde e depois de Pernambuco, as quaes se dão de feição que

parem cada anno e não deixam nunca de parir por velhas; as novilhas como são de anno esperam o touro, e aos dous annos vem paridas, pelo que acontece muitas vezes mamar o bezerro na novilha e a novilha na vacca juntamente, o que se tambem vê nas eguas, cabras, ovelhas e porcas; e porque as novilhas esperam o touro de tão tenra idade, se não consentem nos curraes os touros velhos, porque são pezados e derream as novilhas, quando as tomam; as vaccas são muito gordas e dão muito leite, de que se faz muita manteiga e as mais cousas de leite que se fazem em Hespanha; e depois de velhas criam algumas no buxo umas maçãs tamanhas como uma péllа e maiores, e quando são ainda novas tem o carão de fóra como o couro da banda do carnaz; as pellas das mais velhas são pretas e lisas que parecem vidradas no resplandor e brandura, umas e outras são muito leves e duras, e dizem que tem virtude.

As egoas foram á Bahia de Cabo Verde, das quaes se inçou a terra de modo que custando em principio a sessenta mil réis e a mais, pelo que levavam lá muitas todos os annos e cavallos, multiplicaram de uma tal maneira que valem agora a dez e a doze mil réis; e ha homens que tem em suas grangearias quarenta e cincoenta, as quaes parem cada anno; e esperam o cavallo poldras de um anno, como as vaccas, e algumas vezes parem duas crianças juntas. São tão formosas as egoas da Bahia, como as melhores de Hespanha, das quaes nascem formosos cavallos e grandes corredores, os quaes até a idade de cinco annos são bem acondicionados, e pela maior parte como passam d'aqui criam malicia, e fazem-se mui desassocegados, mal arrendados e ciosos, assim elles como as egoas andam desferrados, mas não faltam por isso em nada por serem mui duros de cascos. Da Bahia levam os cavallos a Pernambuco por mercadoria, onde valem a duzentos e a trezentos cruzados e mais.

Os jumentos se dão da mesma maneira que as egoas, mas são de casta pequena; os cavallos não querem tomar as burras por nenhum caso; mas os asnos tomam as egoas por invenção e artificio, por ellas serem grandes e elles pequenos, que lhe não podem chegar, e as egoas esperam-nos bem, pelo que ha poucas mulas, mas estas que ha, ainda que são pequenas, são muito formosas, bem feitas e de muito trabalho.

As ovelhas e as cabras foram de Portugal e de Cabo Verde, as quaes se dão muito bem, umas e outras parem, tirada a primeira paridura, duas crianças e muitas vezes tres, as quaes emprenham como são de quatro mezes, e parem cada anno pelo menos duas vezes, cuja carne é sempre muito gorda, mui sadia e saborosa; e quanto mais velha é melhor, e umas e outras dão muito e bom leite, de que se fazem queijos e manteiga.

Os cordeiros e cabritos são sempre muitos gordos e saborosos; a carne dos bodes é gorda e muito dura; a dos carneiros é magra, em quanto são novos e depois de velhos não tem preço; e criam sobre o cacho uma carne como ubre de vacca de tres dedos de grosso.

A porca pare infinidade de leitões, os quaes são muito tenros e saborosos, e como a leitoa é de quatro mezes espera o macho, pelo que multiplicam cousa de espanto, porque ordinariamente andam prenhes, de feição que parem tres vezes no anno, se lhes não falta o macho. A carne dos porcos é muito sadia e saborosa, a qual se dá aos doentes como gallinha, e come-se todo o anno, por em nenhum tempo ser prejudical, mas não fazem os toucinhos tão gordos como em Portugal, salvo os que se criam nas capitanias de S. Vicente e na do Rio de Janeiro.

As gallinhas da Bahia são maiores e mais gordas que as de Portugal, e grandes poedeiras e muito saborosas; mas é de espantar, que como são de tres mezes, esperam o gallo, e os frangãos da mesma idade tomam as femeas, os quaes são feitos gallos e tão tenros, saborosos e gordos como se não viu em outra parte.

As pombas de Hespanha se dão na Bahia, mas fazem-lhe muito nôjo as cobras que lhe comem os ovos e os filhos, pelo que se não podem criar em pombaes.

Os gallipavos se criam, e tambem fazem tão formosos como em Hespanha, e davantagem, cuja carne é muito gorda e saborosa; os quaes se criam sem mais ceremonias que as gallinhas. E tambem se dão muito bem os patos e ganços de Hespanha, cuja carne é muito gorda e soborosa.

CAPITULO XXXIV.

Em que se declara as arvores de Hespanha que se dão na Bahia, e como se criam n'ella.

Parece razão que se ponha em capitulo particular os frutos de Hespanha e de outras partes, que se dão na Bahia de todos os Santos.

E comecemos nas canas de assucar, cuja planta levaram á capitania dos Ilheos das ilhas da Madeira e de Cabo Verde, as quaes recebeu esta terra de maneira em si que as dá maiores e melhores que nas ilhas e partes d'onde vieram a ella e que em nenhuma outra parte que se saiba que crie canas de assucar, porque na ilha da Madeira, Cabo Verde, S. Thomé, Trudente, Canarias, Valencia e na India não se dão as canas se se não regam os canaveaes como as hortas e se lhes não estercam as terras, e na Bahia plantam-se pelos altos e pelos baixos, sem se estercar a terra, nem se regar; e como as canas são de seis mezes, logo acamam e é forçoso corta-las para plantar em outra parte, porque aqui se dão tão compridas como lanças; e na terra baixa não se faz assucar da primeira novidade que preste para nada, porque acamam as canas e estam tão viçosas que não coalha o summo d'ellas, se as não misturam com canas velhas, e como são de quinze mezes logo fiam novidade ás canas de prantas; e as de soca como são de anno logo se cortam. Na ilha da Madeira e nas mais partes aonde se faz assucar cortam as canas de pranta de dous annos por diante e a soca de tres annos, e ainda assim são canas mui curtas, onde a terra não dá mais que duas novidades. E na Bahia ha muitos canaveaes que ha trinta annos que dão canas: e ordinariamente as terras baixas nunca cançam e as altas dão quatro e cinco novidades e mais.

Das arvores a principal é a parreira, a qual se dá de maneira n'esta terra que nunca lhe cahe a folha, se não quando a podam que lh'a lançam fóra; e quantas vezes a podam, tantas dá fruto; e porque

duram poucos annos com a fertilidade, se as podam muitas vezes no anno, é a poda ordinaria duas vezes para darem duas novidades, o que se faz em qualquer tempo do anno conforme ao tempo que cada um quer as uvas, porque em todo o anno madurecem e são muito doces e saborosas, e não amadurecem todas juntas; e ha curiosos que tem nos seus jardins pé de parreira que tem uns braços com uvas maduras, outros com agraços, outros com fruto em flôr e outros podados de novo, e assim em todo o anno tem uvas maduras, em uma só parreira; mas não ha n'aquella terra mais planta que de uvas ferraes e outras uvas pretas, e se não ha n'esta terra muitas vinhas é por respeito das formigas que em uma noite que dão em uma parreira, lhe cortam a folha e fruto e o lançam no chão; pelo que não ha na Bahia tanto vinho como na ilha da Madeira, e como se dá na capitania de S. Vicente, porque não tem formiga que lhe faça nojo, onde ha homens que colhem já a tres e quatro pipas de vinho cada anno, ao qual dão uma fervura no fogo por se lhe não azedar, o que deve de nascer das plantas.

As figueiras se dão de maneira que no primeiro anno que as plantam vem com novidade, e d'ahi por diante, dão figos em todo o anno, ás quaes nunca cahe folha; e as que dão logo novidade e figos em todo o anno são figueiras pretas, que dão mui grandes e saborosos figos pretos, e as arvores não são muito grandes, nem duram muito tempo, porque como são de cinco, seis annos, logo se enchem de uns carrapatos que as comem, e lhes faz cahir a folha e ensoar o fruto, os quaes figos pretos não criam bichos como os de Portugal. Tambem ha outras figueiras pretas que dão figos bebaras mui saborosos, as quaes são maiores arvores e duram perfeitas mais annos que as outras, mas não dão a novidade tão depressa como ella.

As romeiras se plantam de quaesquer raminhos, os quaes pegam e logo dão fruto aos dous annos; as arvores não são nunca grandes, mas dão romãs em todo o anno, e não lhes cahe nunca a folha de todo; o fruto d'ellas é maravilhoso no gosto e de bom tamanho, mas não dão muitas romãs por pecarem muito, e cahirem no chão estando em flôr, com as quaes arvores tem as formigas grande guerra, e não se

defendem d'ellas senão com testos de agua ao pé que fica no meio; e se se atravessa uma palha por cima, por ella lhe dão logo tal assalto que lhe lançam a folha toda no chão; pelo que se sustentam com trabalho estas arvores e as parreiras, que á figueira não faz a formiga nojo.

As larangeiras se plantam de pevide, e faz-lhe a terra tal companhia, que em tres annos se fazem arvores mais altas que um homem, e n'este terceiro anno dão fruto, o qual é o mais formoso e grande que ha no mundo; e as laranjas doces tem mui suave sabor, e é o seu doce mui doce, e a camiza branca com que se vestem os gomos é tambem muito doce. As laranjeiras se fazem muito grandes e formosas, e tomam muita flôr, de que se faz agua muito fina e de mais suave cheiro que a de Portugal; e, como as laranjeiras doces são velhas, dão as laranjas com uma ponta de azedo muito galante, ás quaes arvores as formigas em algumas partes fazem nojo, mas com pouco trabalho se defendem d'ellas. Tomam estas arvores a flôr em Agosto, em que se começa n'aquellas partes a primavera.

As limeiras se dão da mesma maneira, onde ha poucas que dem fruto azedo, por se não usar d'elle na terra. As limas doces são muito grandes, formosas e muito saborosas, as quaes fazem muita vantagem ás de Portugal, assim no grandor, como no sabor. As arvores das limas são tamanhas como as laranjeiras, a quem a formiga faz o mesmo damno, se lhe póde chegar, e plantam-se de pevide tambem.

As cidreiras se plantam de estaca, mas de pevide se dão melhor; porque dão fruto ao segundo anno; e as cidras são grandissimas e saborosas, as quaes fazem muita vantagem ás de Portugal, assim no grandor, como no sabor; e faz-se d'ellas muita conserva. Algumas tem o amago doce, outras azedo, e em todo o anno as cidreiras estão de vez para dar fruto, porque tem cidras maduras, verdes, outras pequenas e muita flôr; a quem as formigas não fazem nojo, porque tem o pé da folha muito duro.

Dão-se na Bahia limões francezes tamanho, como cidras de Portugal, e são mui saborosos; e outros limões de perdiz e os galegos; uns e outros se plantam de pevide, e todos aos dous annos vem com

novidade, os quaes muito depressa se fazem arvores mui formosas e tomam muito fruto, o qual dão em todo o anno, como está dito das cidreiras; e alguns d'estes limoeiros se fazem muito grandes, especialmente os galegos.

Tambem se dão na Bahia outras arvores de espinho que chamam azambôas, de que não ha muitas na terra, por se não aproveitarem n'ella d'este fruto.

As palmeiras que dão os cocos, se dão na Bahia melhor que na India, porque, mettido um coco debaixo da terra, a palmeira que d'elle nasce dá coco em cinco e seis annos, e na India não dão estas palmas fruto em vinte annos. Foram os primeiros cocos á Bahia de Cabo Verde, donde se encheu a terra, e houvera infinidade d'elles se não se secaram, como são de oito e dez annos para cima; dizem que lhes nasce um bicho no olho que os faz seccar. Os cocos são maiores e melhores que os das outras partes, mas não ha quem lhes saiba matar este bicho, e aproveitar-se do muito proveito que na India se faz dos palmares, pelo que não se faz n'esta terra conta d'estas arvores.

Tamareiras se dão na Bahia muito formosas, que dão tamaras mui perfeitas; as primeiras nascêram dos caroços que foram do Reino e depois de semeadas e nascidas, d'ahi a oito annos, deram fruto e dos caroços d'este fruto ha outras arvores que dão já, mas não faz ninguem conta d'ellas; e pode-se contar por estranheza esta brevidade; porque se tem que quem semeia estas tamaras, elle nem seus filhos lhe comem o fruto senão seus netos. Estas tamareiras não dão fruto senão houver macho entre ellas, e a arvore que é macho não dá fruto e é mui ramalhuda do meio para cima, e as folhas são de côr verde escuro; as femeas tem uma copa em cima, e a côr dos ramos é de um verde claro.

CAPITULO XXXV.

Em que se conta de outros frutos estrangeiros que se dão na Bahia.

Da ilha de S. Thomé levaram á Bahia gengibre, e começou-se de plantar obra de meia arroba d'elle, repartindo por muitas pessoas, o

qual se deu na terra de maneira que d'ahi a quatro annos se colhêram mais de quatro mil arrobas, a qual é com muita vantagem do que vem da India, em grandeza e fineza; porque se colheu d'elle penca que pezava dez e doze arrateis, mas não o sabiam curar bem, como o da India, por que ficava denegrido, do qual se fazia muita e boa conserva, do que se não usa já na terra por El-Rei defender que o não tirem para fóra. Como se isto soube o deixaram os homens pelo, campos, sem o quererem recolher, e por não terem nenhuma sahida para fóra apodrecêram na terra muitas logeas cheias d'elle.

Arroz se dá na Bahia melhor que em outra nenhuma parte sabida, porque o semeam em brejos e em terra enxuta; como for terra baixa é sem duvida que o anno dê novidade; de cada alqueire de semeadura se recolhe de quarenta para sessenta alqueires, o qual é tão grado e formoso como o de Valencia: e a terra em que se semea se a tornam alimpar dá outra novidade, sem lhe lançarem semente nova, senão a que lhe cahiu ao colher da novidade. Levaram a semente do arroz ao Brazil de Cabo Verde, cuja palha se a comem os cavallos lhe faz muito mormo, e, se comem muito d'ella, morrem disso.

Da ilha de Cabo Verde e da de S. Thomé foram á Bahia inhames que se plantaram na terra logo, onde se deram de maneira que passmam os negros de Guiné, que são os que usam mais d'elle; e colhem inhames que não póde um negro fazer mais que tomar um ás costas: o gentio da terra não usa d'elles, porque os seus, a que chamam carazes, são mais saborosos, de quem diremos em seu logar.

CAPITULO XXXVI.

Em que se diz as sementes de Hespanha que se dão na Bahia, e o como se procede com ellas.

Não é razão que deixemos de tratar das sementes de Hespanha que se dão na Bahia, e de como frutificaram. E peguemos logo dos melões que se dão em algumas partes muito bem, e são mui arrazoados, mas

não chegam todos a maduros, porque lhes corta um bicho o pé, cujas pevides tornam a nascer se as semeam.

Pepinos se dão melhor que nas hortas de Lisboa, e duram quatro e cinco mezes os pepineiros, e dão novidade que é infinita, sem serem regados, nem estercados.

Aboboras das de conservas se dão mais e maiores que nas hortas de Alvalade, das quaes se faz muita conserva e as abobreiras duram todo um anno, sem se seccarem, dando sempre novidade mui perfeitas.

Melancias se dão maiores e melhores que onde se podem dar bem em Hespanha, das quaes se fazem latadas que duram todo o verão verdes, dando sempre novidade; e faz-se d'ellas conserva mui substancial.

Abobaras de quaresma, a que se chamam de Guiné, se dão na Bahia façanhosas de grandes, muitas e mui gostosas; cujas pevides e das outras aboboras, melancias e pepinos, se tornam a semear, e nada se rega.

Mostarda se semea ao redor das casas das fazendas uma só vez, da qual ordinariamente nascem mostardeiras, e colhe-se cada anno muita e boa mostarda.

Nabos e rabãos se dão melhores que entre Douro e Minho; os rabãos queimam muito, e dão alguns tão grossos como a perna de um homem, mas uns nem outros não dão semente senão fallida e pouca e que não torna a servir.

As couves tronchudas e murcianas se dão tão boas como em Alvalade, mas não dão sementes; como as colhem cortam-nas pelo pé, onde lhes arrebentam muitos filhos, que como são do tamanho da couvinha, as tiram e plantam como couvinham, as quaes pegam todos sem seccar uma, e crião-se delles melhores couves que da couvinha, com o que se escusa semente de couve.

Alfaces se dão a maravilha de grandes e doces, as quaes espigam e dão semente muito boa.

Coentros se dão tamanhos que cobrem um homem, os quaes espigam e dão muita semente.

Endros se dão tão altos que parecem funcho, e onde os semeam uma

vez, ainda que seccam, outros tornam a nascer, se lhe alimpam a terra, ainda que lh'a não cavem.

Funcho se dá com vara tamanha, que parece uma cana de roca muito grossa, e dá muita semente como os endros, e não ha quem os desince da terra onde se semeam uma vez.

A salsa se dá muito formosa, e se no verão tem conta com ella, deitando-lhe uma pouca de agua, nunca se secca, mas não dá semente, nem espiga.

A hortelã tem na Bahia por praga nas hortas, porque onde a plantam lavra toda a terra e arrebenta por entre a outra hortaliça.

A semente de cebolinho nasce mui bem, e d'elles se dão muito boas cebolas, as quaes espigam, mas não secca aquella maçaroca em que criam a semente, a qual está em flôr e com o pezo que tem, faz vergar o grelo até dar com esta maçaroca no chão, cujas flores se não seccam, mas quantas são tantas pegam no chão, e nasce de cada uma um cebolinho, a cujo pé chegam uma pequena de terra, e cortam o grelo da cebola, para que não abale o cebolinho, o qual se cria assim e cresce até ter disposição para se transpôr.

Alhos não dão cabeça na Bahia, por mais que os deixem estar na terra, mas na capitania de S. Vicente se faz cada dente que plantam tamanho como uma cebola em uma só peça, e corta-se em talhadas para se pizarem.

Bringelas se dão na Bahia maiores e melhores que em nenhuma parte, as quaes fazem grandes arvores, e torna a nascer a sua semente muito bem.

Tanchagem se semea uma só vez, a qual dá muita semente que se espalha pela terra que se toda inça d'ella.

Poejos se dão muito e bem aonde quer que os plantam, lavram a terra toda como a hortelã, mas não espigam nem florescem.

Agriões nascem pelas ruas onde acertou de cahir alguma semente, e pelos quintaes quando chove, a qual semente vai ás vezes misturada com a da hortaliça, e fazem-se muito formosos, e dão tanta semente que não ha quem os desince, e tambem os ha naturaes da terra pelas ribeiras sombrias.

Mangericão se dá muito bem de semente, mas não se usa d'ella na terra, porque com um só pé se enche todo um jardim, dispondo raminhos sem raiz e por pequenos que sejam, todos prendem, sem seccar nenhum como se tivessem raizes, a qual se faz mais alto e forte que em Portugal. e dura todo o anno não o deixando espigar, e espiga com muita semente se lh'a querem apanhar, o que se não usa.

Alfavaca se planta da mesma maneira, a qual se dá pelos matos tão alta que cobre um homem, a quem a formiga não faz damno como ao mangericão.

Beldros nem beldroegas se não semeam, porque nascem infinidade de uns e de outros, sem os semearem, nas hortas e quintaes e em qualquer terra que está limpa de mato; são naturaes da mesma terra.

As chicorias e os maturços se dão muito bem e dão muita semente e boa para tornar a semear.

As senouras, selgas, espinafres se dão muito bem, mas não espigam, nem dão semente; nem os cardos: vai muita semente de Portugal, de que os moradores aproveitam.

CAPITULO XXXVII.

Em que se declara que cousa é a mandioca.

Até agora se disse da fertilidade da terra da Bahia tocante ás arvores de fructo de Hespanha, e ás outras sementes, que se nella dão. E já que se sabe como n'esta provincia fructificam as alheias, saibamos dos seus mantimentos naturaes: e peguemos primeiro da mandioca, que é o principal mantimento e de mais substancia, a que em Portugal chamão farinha de páu.

Mandioca é uma raiz da feição dos inhames e batatas, e tem a grandura conforme a bondade da terra, e a criação que tem. Ha casta de mandioca, cuja rama é delgada e da côr como ramos de sabugueiro, e fôfos por dentro; a folha é de feição e da brandura da da

parra, mas tem a côr do verde mais escura, os pés d'estas folhas são compridos e vermelhos, como os das mesmas folhas das parreiras. Planta-se a mandioca em covas redondas como melões muito bem cavadas, e em cada cova se mettem tres quatro páuzinhos da rama, de palmo cada um, e não entram pela terra mais que dous dedos, os quaes páus quebram á mão, ou os cortam com faca ao tempo que os plantam, porque em fresco deitam leite pelo córte, donde nascem e se geram as raizes; e fazem-se estas plantadas mui ordenadas seis palmos de uma cova a outra. Arrebenta a rama d'esta mandioca dos nós d'estes páusinhos aos tres dias até os oito, segundo a fresquidão do tempo, os quaes ramos são muito tenros e muito cheios de nós, que se fazem ao pé de cada folha, por onde quebram muito; quando a planta rebenta é por estes nós, e quando os olhos nascem delles são como de parreira. A grandura da raiz e da rama da mandioca é conforme a terra em que a plantam, e a criação que tem: mas ordinariamente é a rama mais alta que um homem, e a partes cobre um homem a cavallo; mas ha uma casta, que de sua natureza dá pequenos ramos, a qual plantam em lugares sujeitos aos tempos tormentosos, porque a não arranque e quebre o vento. Ha casta de mandioca, que se a deixam criar, dá raizes de cinco seis palmos de comprido, e tão grossos como a perna de um homem: querem-se as roças da mandioca limpas de herva, até que tenha disposição para criar boa raiz.

Ha uma casta de mandioca, que se diz manipocamirim, e outra que chamam manaibussú, que se quer com esta de anno e meio por diante; e ha outras castas, que chamão taiaçú e manaibarú, que se querem comestas de um anno por diante, e duram estas raizes debaixo da terra sem apodrecerem tres, quatros annos.

Ha outras castas, que se dizem manaitinga e parati, que se começam a comer de oito mezes por diante, e se passa de anno apodrecem muito; esta mandioca manaitinga e parati se quer plantada em terras fracas e de arêa.

Planta-se a mandioca em todo o anno não sendo no inverno, e quer mais tempo secco que invernoso; se o inverno é grande, apo-

drece a raiz da mandioca nos lugares baixos. Lança a rama da mandioca na entrada do verão, umas flores brancas como de jasmins, que não tem nenhum cheiro, e por onde quer que quebram a folha lança leite, a qual folha o gentio come cozida em tempo de necessidade, com pimenta da terra. A formiga faz muito damno á mandioca, e se lhe come a folha, mais de uma vez, fa-la seccar; a qual como é comesta della nunca dá boa raiz, e para se defenderem as roças d'esta praga da formiga, buscam-lhe os formigueiros donde as arrancam com enchadas e as queimam; outros costumam ás tardes, antes que se recolham, pizarem a terra dos olhos dos formigeiros com picões muito bem, para que de noite, em que ellas dão os seus assaltos, se detenham em tornar a furar a terra para sahirem fóra, e lançam-lhe de redor folhas de arvores, que ellas comem, e das da mandioca velha, com o que, quando sahem acima se embaraçam até pela manhãa, que se recolhem aos formigueiros; e se as formigas vem de fóra das roças a comer a ellas, lançam-lhes d'esta folha no caminho, antes que entrem na roça, o qual caminho fazem muito limpo, por onde vão e vem a vontade, e cortam-lhe a herva com o dente, e desviam-na do caminho. N'este trabalho andam os lavradores até que a mandioca é de seis mezes, que cobre bem a terra com a rama, que então não lhe faz a formiga nojo, porque acha sempre pelo chão as folhas, que cahem de cima, com o que se contentam, e nas terras novas não ha formiga que faça nojo a nada.

CAPITULO XXXVIII.

Que trata das raizes da mandioca e do para que servem.

As raizes da mandioca comem-nas as vaccas, egoas, ovelhas, cabras, porcos e a caça do mato, e todos engordam com ellas comendo-as cruas, e se as comem os Indios, ainda que sejam assadas, morrem disso por serem muito peçonhentas; e para se aproveitarem os Indios e mais gente destas raizes depois de arrancadas, rapam-nas muito bem

até ficarem alvissimas, o que fazem com cascas de ostrás, e depois de lavadas, ralam-nas em uma pedra ou ralo que para isso tem, e depois de bem raladas, espremem esta maça em um engenho de palma, a que chamam tapitim, que lhe faz lançar a agua que tem toda fóra, e fica esta maça toda muito enxuta, da qual se faz a farinha que se come, que cozem em um alguidar para isso feito, em o qual deitam esta maça e a enxugam sobre o fogo, onde uma india a meche com um meio cabaço, como quem faz confeitos, até que fica enxuta e sem nenhuma humidade, e fica como cuscuz; mas mais branca, e desta maneira se come, é muito doce e saborosa. Fazem mais d'esta maça, depois de espremida, umas filhós, a que chamam beijús, estendendo-a no alguidar sobre o fogo, de maneira que ficam tão delgadas como filhós mouriscas, que se fazem de maça de trigo, mas ficam tão ignaes como obreas, as quaes se cozem n'este alguidar até que ficam muito seccas e torradas.

D'estes beijús são mui saborosos, sadios e de boa digestão, que é o mantimento que se usa entre gente de primor, o que foi inventado pelas mulheres portuguezas, que o gentio não usava d'elles. Fazem mais d'esta mesma maça tapiocas, as quaes são grossas como filhós de polme e moles, e fazem-se no mesmo alguidar como os beijús, mas não são de tão boa digestão, nem tão sadios; e querem-se comidas quentes, com leite tem muita graça; e com assucar clarificado tambem.

CAPITULO XXXIX.

Em que se declara quão terrivel peçonha é a da agua da mandioca.

Antes de passarmos avante, convém que declaremos a natural estranheza da agua da mandioca que ella de si deita quando a espremem depois de ralada, porque é a mais terrivel peçonha que ha nas partes do Brazil, e quem quer que a bebe não escapa por mais contrapeçonha que lhe dem; a qual é de qualidade que as gallinhas em

lhe tocando com o bico, e levando uma só gota para baixo, cahem todas da outra banda mortas, e o mesmo acontece aos patos, perús, papagaios e a todas as aves; pois os porcos, cabras, ovelhas, em bebendo o primeiro bocado dão tres e quatro voltas em redondo e cahem mortas; cuja carne se faz logo negra e nojenta; e o mesmo acontece a todo genero de alimaria que a bebe; e por esta razão se espreme esta mandioca por curtir em covas cobertas, e em outras partes, aonde não faça nojo ás criações, e se estas alimarias comem a mesma mandioca por espremer, engordam com ella e não lhes faz damno. Tem esta agua tal qualidade que se metem n'ella uma espada ou coçolete, espingarda ou outra qualquer cousa cheia de ferrugem, lhá come em vinte e quatro horas, de maneira que ficam limpas como quando sahem da mó, do que se aproveitam algumas pessoas para limparem algumas peças de armas da ferrugem que na mó se não podem alimpar sem entrar pelo são. Nos logares onde se esta mandioca espreme, se criam da agua d'ella uns bichos brancos como vermes grandes que são peçonhentissimos, com os quaes muitas indias matáram seus maridos e senhores, e matam a quem querem, do que tambem se aproveitavam, segundo dizem, algumas mulheres brancas contra seus maridos; e basta lançar-se um d'estes bichos no comer para uma pessoa não escapar, sem lhe aproveitar alguma contrapeçonha, porque não mata com tanta presteza como a agua de que se crião, e não se sente este mal senão quando não tem remedio nenhum.

CAPITULO XL.

Que trata da farinha fresca que se faz da mandioca.

O mantimento de mais estima e proveito que se faz da mandioca é a farinha fresca, a qual se faz d'estas raizes, que se lançam primeiro a curtir, de que se aproveita o gentio; e os Portuguezes, que não fazem a farinha da mandioca crua, de que atraz temos dito, senão por necessidade.

Costumam as indias lançar cada dia d'estas raizes na agua corrente ou na enchareada, quando não tem perto a corrente, onde está a curtir até que lança a casca de si; e como está d'esta maneira, está curtida; da qual traz para casa outra tanta como lança na agua para curtir, as quaes raizes escaseadas ficam muito alvas e brandas sem nenhuma peçonha, que toda se gastou na agua, as quaes se comem assadas e são muito boas.

E para se fazer a farinha d'estas raizes se lavam primeiro muito bem, e depois desfeitas á mão, se espremem no tapetí, cuja agua não faz mal; depois de bem espremidas desmancham esta massa sobre uma urupema, que é como joeira, por onde se côa o melhor, e ficam os caroços em cima, e o pó que se coou lançam-no em um alguidar que está sobre o fogo, aonde se enxuga e coze da maneira que fica dito, e fica como cuscuz, a qual em quente e em fria é muito boa e assim no sabor, como em ser sadia e de boa digestão. Os Indios usam d'estas raizes tão curtidas que ficam denegridas e a farinha azeda. Os Portuguezes não a querem curtida mais que até dar a casca, á qual mandam misturar algumas raizes de mandioca crua, com o que fica a farinha mais alva e doce; e d'esta maneira se aproveitam da mandioca, a qual farinha fresca dura sem se damnar cinco a seis dias, mas faz-se secca; e quem é bem servido em sua casa, come-a sempre fresca e quente.

Estas raizes da mandioca curtida tem grande virtude para curar postemas, as quaes se pizam muito bem sem se espremerem; e feito da massa um emplasto, posto sobre a postema a molefica de maneira que a faz arrebentar por si, se a não querem furar.

CAPITULO XLI.

Que trata do muito para que prestam as raizes da carimã.

Muito é para notar que de uma mesma cousa sáia peçonha e contrapeçonha, como da mandioca, cuja agua é cruelissima peçonha, e a mesma raiz secca é contrapeçonha, a qual se chama carimá que se faz

d'esta maneira. Depois que as raizes da mandioca estão curtidas na agua, se põe a enxugar sobre o fogo em cima de umas varas, alevantadas tres e quatro palmos do chão, e como estão bem seccas, ficam muito duras, as quaes raizes servem para mil cousas, e tem outras tantas virtudes: a principal serve de contrapeçonha para os mordidos das cobras, e que comem bichos peçonhentos, e para os que comem a mesma mandioca por curtir assada, cuidando que são outras raizes, que chamam nipis, bons de comer, que se parecem com ella; a qual carimá se dá d'esta feição: tomam estas raizes seccas, e rapam-lhe o defumado da parte de fóra e ficam alvissimas e pizam-nas muito bem, e depois peneiram-as e fica o pó dellas tão delgado e mimoso como de farinha muito boa; e tomada uma pouca d'esta farinha e delida em agua fria, que fique como amendoada, e dada a beber ao tocado da peçonha, faz-lhe arrevoçar quanto tem no bucho, com o que a peçonha que tem no corpo não vai por diante. E tambem serve esta carimá para os meninos que tem lombrigas, aos quaes se dá a beber desfeita na agua, como fica dito, e mata-lhes as lombrigas todas; e uma cousa e outra está muito experimentada, assim pelos Indios, como pelos Portuguezes.

Da mesma farinha da carimá se faz uma massa que posta sobre feridas velhas que tem carne podre lh'a come toda, até que deixa a ferida limpa; e como os Indios estão doentes, a sua dieta é fazerem d'este pó da carimá uns caldinhos no fogo (como os de poejos) que bebem, com que se acham mui bem por ser muito leve, e o mesmo usam os brancos no matto lançando-lhe mel ou assucar, com o que se acham bem; e outras muitas cousas de comer se fazem d'esta carimá que se apontam no capitulo que se segue.

CAPITULO XLII.

Em que se declara que cousa é farinha de guerra, e como se faz da carimá, e outras cousas.

Farinha de guerra se diz, porque o gentio do Brazil costuma chamar-lhe assim pela sua lingua; porque quando determinam de á

ir fazer a seus contrarios algumas jornadas fóra de sua casa, se provê d'esta farinha, que levam ás costas ensacada em uns fardos de folhas, que para isso fazem, da feição de uns de couro, em que da India trazem especiaria e arroz; mas são muito mais pequenos, onde levam esta farinha muito calcada e enfolhada, de maneira que ainda que lhe caia em um rio e que lhe chova em cima, não se molha. Para se fazer esta farinha se faz prestes muita somma de carimá, a qual depois de rapada a pisam em um pilão, que para isso tem, e como é bem pizada a peneiram muito bem, como no capitulo antes fica dito. E como tem esta carimá prestes, tomam as raizes da mandioca por curtir, e ralam como convém uma somma d'ellas, e depois de espremidas como se faz á primeira farinha que dissemos atraz, lançam uma pouca d'esta massa em um alguidar, que está sobre o fogo, e por cima d'ella uma pouca de farinha da carimá, e embrulhada uma com outra a vão mechendo sobre o fogo, e assim como se vai cozendo lhe vão lançando do pó da carimá, e trazem-na sobre o fogo, até que fica muito enxuta e torrada, que a tiram fóra.

D'esta farinha de guerra usam os Portuguezes que não tem roças, e os que estão fóra d'ellas na cidade, com que sustentam seus creados e escravos, e nos engenhos se provêm d'ella para sustentarem a gente em tempo de necessidade, e os navios, que vem do Brazil para estes reinos, não tem outro remedio de matalotajem, para se sustentar a gente até Portugal, senão o da farinha de guerra; e um alqueire d'ella da medida da Bahia, que tem dous de Portugal, se dá de regra a cada homem para um mez, a qual farinha de guerra é muito sadía e desenfastiada, e molhada no caldo da carne ou do peixe fica branda e tão saborosa como cuscuz. Tambem costumam levar para o mar matalotagem de beijús grossos muito torrados, que dura um anno, e mais sem se danarem como a farinha de guerra. D'esta carimá e pó d'ella bem peneirado fazem os Portuguezes muito bom pão, e bolos amassadas com leite e gemmas de ovos, e d'esta mesma massa fazem mil invenções de beilhós, mais saborosos que de farinha de trigo, com os mesmos materiaes, e pelas festas fazem as fructas doces com a massa d'esta carimá, em lugar da farinha de trigo, e se a que

vai á Bahia do reino não é muito alva e fresca, querem as mulheres antes a farinha de carimá, que é alvissima e lavra-se melhor, com a qual fazem tudo muito primo.

CAPITULO XLIII.

Em que se declara a qualidade dos Aipins.

Dá-se n'esta terra outra casta de mandioca, a que o gentio chama aipins, cujas raizes são da feição da mesma mandioca, a rama e a folha são da mesma maneira, sem haver nenhuma differença, e planta-se de mistura com a mesma mandioca, e para se recolherem estas raizes as conhecem os indios pela côr dos ramos, no que atinam poucos Portuguezes. E estas raizes dos aipins são alvissimas; como estão cruas sabem ás castanhas cruas d'Hespanha; assadas são muito doces, e tem o sabor das mesmas castanhas assadas, e d'avantagem, as quaes se comem tambem cozidas, e são muito saborosas; e de uma maneira e da outra são ventosas como as castanhas. D'estes aipins se aproveitam nas povoações novas; porque como são de cinco mezes se começam a comer assados, e como passam de seis mezes, fazem-se duros, e não se assam bem; mas servem então para beijús e para farinha fresca, que é mais doce que a da mandioca, as quaes raizes duram pouco debaixo da terra, e como passam de oito mezes apodrecem muito.

D'estes aipins ha sete ou oito castas; mas os que mais se estimam, por serem mais saborosos, são uns que chamam gerumús. Os indios se valem dos aipins para nas suas festas fazerem d'elles cozidos seus vinhos, para o que os plantam mais que para os comerem assados, como fazem os Portuguezes.

E porque tudo é mandioca, concluamos que o mantimento d'ella é o melhor que se sabe, tirado o do bom trigo, porque pão de trigo do mar, de milho, de centeio, de cevada, não presta a par da mandioca, arroz, inhames e cocos.

Milho de Guiné se dá na Bahia, como ao diante se verá; mas não se tem lá por mantimento, e ainda digo que a mandioca é mais sadía e proveitosa que o bom trigo, por ser de melhor digestão. E por se averiguar por tal, os governadores Thomé de Souza, D. Duarte e Mem de Sá não comiam no Brazil pão de trigo, por se não acharem bem com elle, e assim o fazem outras muitas pessoas.

CAPITULO XLIV.

Em que se apontam alguns mantimentos de raizes que se criam debaixo da terra na Bahia.

Como fica dito da mandioca o que em breve se póde dizer d'ella, convém que declaremos d'aqui por diante outros mantimentos que se dão na Bahía debaíxo da terra.

E peguemos logo nas batatas, que são naturaes da terra e se dão n'ella, de maneira que onde se plantam uma vez nunca mais se desinçam, as quaes tornam a nascer das pontas das raizes, que ficaram na terra, quando se colheu a novidade d'ellas. As batatas não se plantam da rama como nas Ilhas, mas de talhadas das mesmas raizes, e em cada enxadada, que dão na terra sem ser mais cavada, mettem uma talhada de batata; as quaes se plantam em Abril, e começam a colher a novidade em Agosto, donde tem que tirar até todo o Março, porque colhem umas batatas grandes, e ficam outras pequenas, que se vão criando em quinze e vinte dias.

Ha umas batatas grandes, e brancas e compridas como as das Ilhas; ha outras pequenas e redondas como tubaras da terra, e mui saborosas; ha outras batatas que são rôxas ao longo da casca e brancas por dentro; ha outras que são todas encarnadas e mui gostosas; ha outras que são côr azul anilada muito fina, as quaes tingem as mãos; ha outras verdoengas muito doces e saborosas; e ha outra casta, de côr almecegada, mui saborosas; e outras todas amarellas, de côr muito tostada, as quaes são todas humidas e ventosas, de que se não faz muita conta entre gente de primor, senão entre lavradores.

Dão-se na Bahia outras raizes maiores que batatas, a que os indios chamam carazes, que se plantam da mesma maneira que as batatas, e como nascem, poem-lhe ao pé uns páos, por onde atrepam os ramos que lançam, como herva. Estes carazes se plantam em Março e colhem-se em Agosto, os quaes se comem cozidos e assados, como os inhames, mas tem melhor sabor: os mais d'elles são brancos, outros rôxos, outros brancos por dentro e roxos por fóra junto á casca, que são os melhores, e de mór sabor; outros são todos negros como pós; e uns e outros se curam no fumo, e duram de um anno para o outro. Da massa d'estes carazes fazem as Portuguezas muitos manjares com assucar, e cozidos com carne tem muita graça.

Dão-se n'esta terra outras raizes tamanhas como nozes e avelãas, que se chamam mangarazes; e quando se colhem arrancam-nos debaixo da terra em touças como junça, e tira-se de cada pé duzentos e trezentos juntos; e o que está no meio é como um ovo, e como um punho, que é a planta donde nascêram os outros; o qual se guarda para se tornar a plantar: e quando o plantam se faz em talhadas, como as batatas e carazes; mas plantam-se tão juntos e pela ordem com que se dispõe a couvinha, e não se cava a terra toda, mas limpa do mato a cada enchadada mettem uma talhada. As folhas d'estes mangarazes nascem em moutas como os espinafres, e são da mesma côr e feição, mas muito maiores, e assim molles como as dos espinafres, as quaes se chamam taiaobas, que se comem esperregadas como elles; e são mui medicinaes, e tambem servem cozidas com o peixe. As raizes d'estes mangarazes se comem cozidas com agua e sal, e dão a casca como tremoços, e molhados em azeite e vinagre, são mui gostosos; com assucar fazem as mulheres d'elles mil manjares; e colhem-se duas novidades no anno; os que se plantam em Março se colhem em Agosto; e os que se plantam em Setembro se colhem em Janeiro.

Dão-se n'esta terra outras raizes, que se chamam taiázes, que se plantam como os mangarazes, e são de feição de maçarocas, mas cintadas com uns perfilos com barbas, como raizes de cannas de roça, as quaes se comem cozidas na agua, mas sempre ficam tezas. As

folhas são grandes, de feição e côr das dos platanos que se acham nos jardins de Hespanha, aos quaes chamam taiaobuçú; comem-se estas folhas cozidas com peixe em lugar dos espinafres, e com favas verdes em lugar das alfaces, e tem mui avantajado sabor: os indios as comem cozidas na agua e sal, e com muita somma de pimenta.

CAPITULO XLV.

Em que se contém o milho que se dá na Bahia, e o para que serve.

Dá-se outro mantimento, em todo o Brazil, natural da mesma terra, a que os indios chamam ubatim, que é o milho de Guiné, que em Portugal chamam zaburro. As espigas, que este milho dá, são de mais de palmo; cuja arvore é mais alta que um homem, e da grossura das cannas da roça, com nós e vãs por dentro; e dá tres, quatro, e mais espigas destas em cada vara. Este milho se planta por entre a mandioca e por entre as cannas novas de assucar, e colhe-se a novidade aos tres mezes, uma em Agosto, e outra em Janeiro. Este milho come o gentio assado por fruta, e fazem seus vinhos com elle cozido, com o qual se embebedam, e os Portuguezes que communicam com o gentio, e os mestiços não se desprezam delle, e bebem-no mui valentemente. Costuma este gentio dar suadouros com este milho cozido aos doentes de boubas, os quaes tomam com o bafo delle, com o que se acham bem; dos quaes suadouros se acham sãos alguns homens brancos e mestiços que se valem delles; o que parece mysterio, porque este milho por natureza é frio. Plantam os portuguezes este milho para mantença dos cavallos, e criação das gallinhas e cabras, ovelhas e porcos; e aos negros de Guiné o dão por fruta, os quaes o não querem por mantimento sendo o melhor da sua terra: a côr geral deste milho é branca; ha outro almecegada, outro da preto, outro vermelho, e todo se planta á mão, e tem uma muita qualidade.

Ha outra casta de milho, que sempre é molle, do qual fazem os Portuguezes muito bom pão e bolos com ovos e assucar. O mesmo milho quebrado e pizado no pilão é bom para se cozer com caldo de carne, ou pescado, e de gallinha, o qual é mais saboroso que o arroz, e de uma casta e outra se curam ao fumo, onde se conserva para se não danar; e dura de um anno para outro.

CAPITULO XLVI.

Em que se apontam os legumes que se dão na Bahia.

Pois que até aqui tratámos dos mantimentos naturaes da terra da Bahia, é bem que digamos dos legumes, que se nella criam. E comecemos pelas favas, que os indios chamam comendá, as quaes são muito alvas, e do tamanho e maiores que as de Evora em Portugal; mas são delgadas e amassadas, como os figos passados.

Ha outras favas meias brancas e meias pretas, mas são pequenas; e estas favas se plantam á mão na entrada do inverno, e como nascem põe-se ao pé de cada uma um páo por onde atrepam, como fazem em Portugal ás ervilhas; e se tem por onde atrepar fazem grande ramada: a folha é como a dos feijões de Hespanha, mas maior; a flor é branca: começam a dar a novidade no fim do inverno e dura mais de tres mezes. Estas favas são em verdes mui saborosas, e cozem-se com as ceremonias que se costumam em Portugal, e são reimosas como as do Reino; e dão em cada bainha quatro e cinco favas, e depois de seccas se cozem muito bem, e não criam bichos, como as de Hespanha, e são muito melhores de cozer; e de uma maneira e de outra fazem muita vantagem no sabor ás de Portugal, assim as declaradas como a outra casta de favas, que são brancas e pintadas todas de pontos negros.

Dão-se nesta terra infinidade de feijões naturaes della, uns são brancos, outros pretos, outros vermelhos, e outros pintados de branco e preto, os quaes se plantam á mão, e como nascem põe-se-lhe a cada pé um páo, por onde atrepam como se faz ás ervilhas, e sobem de

maneira para cima que fazem delles latadas nos quintaes, e cada pé dá infinidade de feijões, os quaes são da mesma feição que os de Hespanha, mas tem mais compridas bainhas, e a folha e flor como as ervilhas; cozem-se estes feijões sendo seccos como em Portugal, e são mui saborosos, e em quanto são verdes cozem-se com a casca como fazem ás ervilhas, e são mui desenfastiados.

Chamam os indios gerumús as abobras da quaresma, que são naturaes d'esta terra, das quaes ha dez ou doze castas, cada uma de sua feição; e plantam-nas duas vezes no anno, em terra humida e solta, as quaes se estendem muito pelo chão, e dá cada abobreira muita somma; mas não são tamanhas como as da casta de Portugal. Costuma o gentio cozer e assar estas abobras inteiras por lhe não entrar agua dentro, e depois de cozidas as cortam como melões, e lhes deitam as pevides fóra, e são assim mais saborosas que cozidas em talhadas, e curam-se no fumo para durarem todo o anno.

As que em Portugal chamamos cabaços, chama o gentio pela sua lingua gerumuyê, das quaes tem entre si muitas castas de differentes feições, tirando as abobras compridas, de que dissemos atraz. Estas abobras ou cabaços semeia o gentio para fazer d'ellas vasilhas para seu uso, as quaes não costuma comer, mas deixam-nas estar nas abobreiras até se fazerem duras, e como estam de vez curam-nas no fumo, de que fazem depois vasilhas para acarretarem agua, por outras pequenas bebem, outras meias levam ás costas cheias de agua quando caminham; e ha alguns d'estes cabaços tamanhos que levam dous almudes e mais, em os quaes guardam as sementes que hão de plantar; e costumam tambem cortar estes cabaços em verdes, como estão duros, pelo meio, e depois de curadas estas metades servem-lhes de gamelas, e outros despejos, e as ametades dos pequenos servem-lhes de escudelas, e dão-lhes por dentro uma tinta preta, por fóra outra amarella, que se não tira nunca; e estas são as suas porcelanas.

CAPITULO XLVII.

Em que se declara a natureza dos amendoîs, e o para que servem.

Dos amendoîs temos que dar conta particular, porque é cousa, que se não sabe haver senão no Brazil, os quaes nascem debaixo da terra, onde se plantam á mão, um palmo um do outro; as suas folhas são como as dos feijões de Hespanha, e tem os ramos ao longo do chão. E cada pé dá um grande prato d'estes amendoîs, que nascem nas pontas das raizes, os quaes são tamanhos como bolotas, e tem a casca da mesma grossura e dureza, mas é branca e crespa, e tem dentro de cada bainha tres e quatro amendoîs, que são da feição dos pinhões com casca, e ainda mais grossos. Tem uma tona parda, que se lhes sahe logo como a do miolo dos pinhões, o qual miolo é alvo. Comestos crus tem sabor de gravanços crus, mas comem-se assados e cozidos com a casca, como as castanhas, e são muito saborosos, e torrados fóra da casca são melhores. De uma maneira e d'outra é esta fruta muito quente em demazia, e cauzam dor de cabeça, a quem como muitos, se é doente della. Plantam-se estes amendoîs em terra solta e humida, em a qual planta e beneficio della não entra homem macho; só as indias os costumam plantar, e as mestiças; e n'esta lavoura não entendem os maridos, e tem para si que se elles ou seus escravos os plantarem, que não hão de nascer. E as femeas os vão apanhar, e segundo seu uso hão de ser as mesmas que os plantem; e para durarem todo o anno curam-nos no fumo, onde os tem até vir outra novidade.

D'esta fruta fazem as mulheres portuguezas todas as cousas doces, que fazem das amendoas, e cortados os fazem cobertos de assucar de mistura como os confeitos. E tambem os curam em peças delgadas e compridas, de que fazem pinhoadas; e quem os não conhece, por tal a come se lh'a dão. O proprio tempo em que se os

amendoîs plantam é em Fevereiro, e não estão debaixo da terra mais que até Maio, que é o tempo em que se lhes colhe a novidade, o que as femeas vão fazer com grande festa.

CAPITULO XLVIII.

Em que se declara quantas castas de pimenta ha na Bahia.

A' sombra d'estes legumes, e na sua visinhança, podemos ajuntar quantas castas de pimenta ha na Bahia, segundo nossa noticia: e digamos logo da que chamam cuihem, que são tamanhas como cerejas, as quaes se comem em verdes, e depois de maduras cozidas inteiras com o pescado e com os legumes, e de uma maneira e d'outra queimam muito, e o gentio come-a inteira misturada com a farinha.

Costumam os Portuguezes, imitando o costume dos indios, seccarem esta pimenta, e depois de estar bem secca a pizam de mistura com sal, ao que chamam juquiray, em a qual molham o peixe e a carne, e entre os brancos se traz no saleiro, e não descontenta a ninguem. Os indios a comem misturada com a farinha, quando não tem que comer com ella. Estas pimenteiras fazem arvores de quatro e de cinco palmos de alto, e duram muitos annos sem se seccar.

Ha outra pimenta, a que pela lingua dos negros se chama cuihemoçu; esta é grande e comprida, e depois de madura faz-se vermelha; e usam d'ella como da de cima; e faz arvores de altura de um homem, e todo o anno dá novidade; sempre tem pimentas vermelhas, verdes, e flôr, e dura muitos annos sem se seccar.

Ha outra casta que chamam cuiepiá, a qual tem bico, feição, e tamanho de gravanços; come-se em verde crua e cozida como a de cima, e como é madura faz-se vermelha, a qual queima muito; a quem as gallinhas e passaros tem grande affeição; e faz arvore meã que em todo o anno dá novidade.

Ha outra casta, que chamam sabãa, que é comprida e delgada, em verde não queima tanto como quando é madura, que é vermelha;

cuja arvore é pequena, dá fruta todo o anno, e tambem se usa d'ella como da mais.

Ha outra casta que se chama cuibejurimu, por ser da feição de abobra, assim amassada; esta quando é verde tem a côr azulada, e como é madura se faz vermelha; da qual se usa como das mais de que temos dito, cuja arvore é pequena e em todo o anno dá novidade.

Ha outra casta que chamam cumari, que é bravia e nasce pelos matos, campos e pelas roças, a qual nasce do feitio dos passaros que a comem muito, por ser mais pequena que gravanços; mas queima mais que todas as que dissemos, e é mais gostosa que todas; e quando é madura faz-se vermelha, e quando se acha d'esta não se come da outra; faz-se arvore pequena, tem as flôres brancas como as mais, e dá novidade em todo o anno.

CAPITULO XLIX.

D'aqui por diante se dirá das arvores de fruto, começando nos cajús e cajuîs.

Convém tratar d'aqui por diante das arvores de fruto naturaes da Bahia, aguas vertentes ao mar e á vista d'elle; e demos o primeiro logar e capitulo por si aos cajueiros, pois é uma arvore de muita estima, e ha tantos ao longo do mar e na vista d'elle. Estas arvores são como figueiras grandes, tem a casca da mesma côr, e a madeira branca e mole como figueira, cujas folhas são da feição da cidreira e mais macias. As folhas dos olhos novos são vermelhas, muito brandas e frescas, a flôr é como a do sabugueiro, de bom cheiro, mas muito breve. A sombra d'estas arvores é muito fria e fresca, o fruto é formosissimo; algumas arvores dão fruto vermelho e comprido, outras o dão da mesma côr e redondo.

Ha outra casta que dá o fruto da mesma feição, mas a partes vermelho e n'outras de côr almecegada; ha outras arvores que dão o fruto amarello e comprido como peros d'El-Rei, mas são em tudo maiores que os peros e da mesma côr.

Ha outras arvores que dão este fruto redondo, e uns e outros são muito gostosos, sumarentos e de suave cheiro, os quaes se desfazem todos em agua.

A natureza d'estes cajús é fria, e são medicinaes para doentes de febres, e para quem tem fastio, os quaes fazem bom estomago, e muitas pessoas lhes tomam o sumo pelas manhãs em jejum, para conservação do estomago, e fazem bom bafo a quem os come pela manhã, e por mais que se coma d'elles não fazem mal a nenhuma hora do dia, e são de tal digestão que em dous credos se esmoem.

Os cajús silvestres travam junto do olho que se lhes bota fóra, mas os que se criam nas roças e nos quintaes comem-se todos sem terem que lançar fóra por não travarem. Fazem-se estes cajús de conserva, que é muito suave, e para se comerem logo cozidos no assucar cobertos de canella não tem preço. Do sumo d'esta fruta faz o gentio vinho, com que se embebeda, que é de bom cheiro e saboroso.

E' para notar que no olho d'este pomo tão formoso cria a natureza outra fructa parda, a que chamamos castanha, que é da feição e tamanho de um rim de cabrito, a qual castanha tem a casca muito dura e de natureza quentissima e o miolo que tem dentro; deita esta casca um oleo tão forte, que aonde toca na carne faz empola, o qual oleo é da côr de azeite e tem o cheiro mui forte. Tem esta castanha o miolo branco, tamanho como o de uma amendoa grande, a qual é muito saborosa, e quer arremedar no sabor aos pinhões, mas é de muita vantagem. D'estas castanhas fazem as mulheres todas as conservas doces que costumam fazer com as amendoas, o que tem graça na suavidade do sabor; o miolo d'estas castanhas, se está muitos dias fóra da casca, cria ranço do azeite que tem em si; quando se quebram estas castanhas para lhes tirarem o miolo, faz o azeite que tem a casca pellar as mãos a quem as quebra.

Estas arvores se dão em arêa e terras fracas, e se as cortam tornam logo a rebentar, o que fazem poucas arvores n'estas partes. Cria-se n'estas arvores uma resina muito alva, da qual as mulheres se aproveitam para fazerem alcorce de assucar em logar de alquitira. Nascem estas arvores das castanhas, e em dous annos se fazem mais altas que

um homem, e no mesmo tempo dão fruto, o qual, emquanto as arvores são novas, é avantajado no cheiro e sabor.

Ha outra casta d'esta fruta, que os Indios chamão cajuî, cuja arvore é nem mais nem menos que a dos cajús, senão quanto é muito mais pequena, que lhe chega um homem do chão ao mais alto d'ella a colher-lhe o fruto, que é amarello, mas não é maior que as cerejas grandes, e tem maravilhoso sabor com pontinha de azedo, e criam tambem sua castanha na ponta, as quaes arvores se não dão ao longo do mar, mas nas campinas do sertão alem da Cátinga.

CAPITULO L.

Em que se declara a natureza das pacobas e bananas.

Pacoba é uma fruta natural d'esta terra, a qual se dá em uma arvore muito molle e facil de cortar, cujas folhas são de doze e quinze palmos de comprido e de tres e quatro de largo; as de junto ao olho são menores, muito verdes umas e outras, e a arvore da mesma côr, mas mais escura; na India chamam a estas pacobeiras figueiras e ao fructo figos.

Cada arvore d'estas não dá mais que um só cacho que pelo menos tem passante de duzentas pacobas, e como este cacho está de vez, cortam a arvore pelo pé, e de um só golpe que lhe dão com uma fouce a cortam cercea, como se fôra um nabo, do qual corte corre logo agua em fio, e dentro em vinte e quatro horas torna a lançar do meio do corte um olho mui grosso d'onde se gera outra arvore; de redor d'este pé arrebentam muitos filhos que aos seis mezes dão fructo, e o mesmo faz á mesma arvore. E como se corta esta pacobeira, tiram-lhe o cacho que tem o fruto verde e muito tezo, e dependuram-no em parte onde amadureça, e se façam amarellas as pacobas; e na casa onde se fizer fogo amadurecem mais depressa com a quentura; e como esta fruta está madura, cheira muito bem. Cada pacoba d'estas tem um palmo de comprido e a grossura de um pe-

pino, ás quaes tiram as cascas, que são de grossura das das favas; e fica-lhe o miolo inteiro almecegado, muito saboroso. Dão-se estas pacobas assadas aos doentes em logar de maçãs, das quaes se faz marmelada muito soffrivel, e tambem as concertam como beringelas, e são muito gostosas; e cozidas no assucar com cannella são estremadas, e passadas ao sol sabem a pecegos passados. Basta que de toda a maneira são muito boas, e dão-se em todo o anno; mas no inverno não ha tantas como no verão, e a estas pacobas chama o gentio pacobuçú, que quer dizer pacoba grande.

Ha outra casta que não são tamanhas, mas muito melhores no sabor, e vermelhaças por dentro quando as cortam, e se dão e criam da mesmo maneira das grandes.

Ha outra casta, que os Indios chamam pacobamirim, que quer dizer pacoba pequena, que são do comprimento de um dedo, mas mais grossas; estas são tão doces como tamaras, em tudo mui excellentes.

As bananeiras tem as arvores, folhas e criação como as pacobeiras, e não ha nas arvores de umas ás outras nenhuma differença, as quaes oram ao Brazil de S. Thomé, aonde ao seu fruto chamam bananas e na India chamam a estas figos de horta, as quaes são mais curtas que as pacobas, mas mais grossas e de tres quinas; tem a casca da mesma côr e grossura da das pacobas, e o miolo mais molle e cheiram melhor como são de vez, ás quaes arregoa a casca como vão amadurecendo e fazendo algumas fendas ao alto, o que fazem na arvore; e não são tão sadias como as pacobas.

Os negros de Guiné são mais affeiçoados a estas bananas que ás pacobas, e d'ellas usam nas suas roças; e umas e outras se querem plantadas em valles perto da agua, ou ao menos em terra que seja muito humida para se darem bem, e tambem se dão em terras seccas e de arêa; quem cortar atravessadas as pacobas ou bananas, ver-lhes-ha no meio uma feição de crucifixo, sobre o que os contemplativos tem muito que dizer.

CAPITULO LI.

Em que se diz que fruto é o que se chama mamões e jacarateás.

De Pernambuco veio á Bahia a semente de uma fructa, a que chamam mamões; os quaes são do tamanho e da feição e côr de grandes peros camoezes, e tem muito bom cheiro como são de vez, que se fazem nas arvores, e em casa acabam de amadurecer; e como são maduros se fazem molles como melão; e para se comerem cortam-se em talhadas como maçã, e tiram-lhe as pevides que tem envoltas em tripas como as de melão, mas são crespas e pretas como grãos de pimenta da India, ás quaes talhadas se apara a casca, como á maçã, e o que se come é da côr e brandura do melão, o sabor é doce e muito gostoso. Estas sementes se semearam na Bahia, e nascêram logo; e tal agazalhado lhe fez a terra que no primeiro anno se fizeram as arvores mais altas que um homem, e ao segundo começaram de dar fruto, e se fizeram as arvores de mais de vinte palmos de alto, e pelo pé tão grossas como um homem pela cinta; os seus ramos são as mesmas folhas arrumadas como as das palmeiras; e cria-se o fruto no tronco entre as folhas.

Entre estas arvores ha machos, que não dão fruto como as tamareiras, e umas e outras em poucos annos se fazem pelo pé tão grossas como uma pipa, e d'avantagem.

N'esta terra da Bahia se cria outra fruta natural d'ella, que em tudo se parece com estes mamões de cima, senão que são mais pequenos, á qual os indios chamam jaracateá, mas tem a arvore delgada, de cuja madeira se não usa. Esta arvore dá a flôr branca, o fruto é amarello por fóra, da feição e tamanho dos figos bêberas ou longaes brancos, que tem a casca dura e grossa, a que chamam em Portugal longaes; d'esta maneira tem esta fruta a casca, que se lhe apara quando se come, tem bom cheiro, e o sabor toca de azedo, e tem umas sementes pretas que se lançam fóra.

CAPITULO LII.

Em que se diz de algumas arvores de fruto que se dão na visinhança do mar da Bahia.

Na visinhança do mar da Bahia se dão umas arvores nas campinas e terras fracas, que se chamam mangabeiras, que são do tamanho de pecegueiros. Tem os troncos delgados, e a folha miuda, e a flôr como a do marmeleiro; o fruto é amarello córado de vermelho, como pecegos calvos, ao qual chamam mangabas; que são tamanhas como ameixas e outras maiores, as quaes em verdes são todas cheias de leite, e colhem-se inchadas para amadurecerem em casa, o que fazem de um dia para o outro, porque se amadurecem na arvore cahem no chão. Esta fruta se come toda sem se deitar nada fóra como figos, cuja casca é tão delgada que se lhe pella se as enxovalham, a qual cheira muito bem e tem suave sabor, é de boa digestão e faz bom estomago, ainda que comam muitas; cuja natureza é fria, pelo que é muito boa para os doentes de febres por ser muito leve. Quando estas mangabas não estão bem maduras, travam na boca como as sorvas verdes em Portugal, e quando estão inchadas são boas para conserva de assucar, que é muito medicinal e gostosa.

Engá é arvore desaffeiçoada que se não dá senão em terra boa, de cuja lenha se faz boa decoada para os engenhos. E dá uma fruta da feição das alfarrobas de Hespanha, e tem dentro umas pevides como as das alfarrobas, e não se lhe come senão um doce que tem derredor das pevides, que é muito saboroso.

Cajá é uma arvore comprida, com copa como pinheiro; tem a casca grossa e aspera, e se a picam deita um oleo branco como leite em fio, que é muito pegajoso. A madeira é muito molle e serve para fazer decoada para os engenhos; dá a flôr branca como de maceira, e o fructo é amarello do tamanho das ameixas, tem grande caroço e pouco que comer, a casca é como a das ameixas. Esta fruta arregoa,

se lhe chove, como é madura, a qual cahe com o vento no chão, e cheiram muito bem o fruto e as flôres, que são brancas e formosas; o sabor é precioso, com ponta de azedo, cuja natureza é fria e sadía; dão esta fruta aos doentes de febres, por ser fria e appetitosa, e chama-se como a arvore, que se dá ao longo do mar.

Bacoropary é outra arvore de honesta grandura, que se dá perto do mar, e quando a cortam corre-lhe um oleo grosso d'entre a madeira e a casca, muito amarello e pegajoso como visco. Dá esta arvore um fruto tamanho como fruta nova, que é amarello e cheira muito bem; e tem a casca grossa como laranja, a qual se lhe tira muito bem, e tem dentro dous caroços juntos, sobre os quaes tem o que se lhe come, que é de maravilhoso sabor.

Piquihi é uma arvore real, de cuja madeira se dirá adiante, a qual arvore dá fruta como castanhas, cuja casca é parda e teza, e tirada, ficam umas castanhas alvissimas, que sabem como pinhões crus, e cada arvore dá d'isto muito.

CAPITULO LIII.

Que trata da arvore dos ambús, que se dá pelo sertão da Bahia.

Ambú é uma arvore pouco alegre á vista, aspera da madeira, e com espinhos como romeira, e do seu tamanho, a qual tem a folha miuda. Dá esta arvore umas flôres brancas, e o fruto, do mesmo nome, do tamanho e feição das ameixas brancas, e tem a mesma côr e sabor, e o caroço maior. Dá-se esta fruta ordinariamente pelo sertão, no matto que se chama a Cátinga, que está pelo menos afastado vinte leguas do mar, que é terra secca, de pouca agua, onde a natureza criou a estas arvores para remedio da sêde que os indios por alli passam. Esta arvore lança das raizes naturaes outras raizes tamanhas e da feição das botijas, outras maiores e menores, redondas e compridas como batatas, e acham-se algumas afastadas da arvore

cincoenta e sessenta passos, e outras mais ao perto. E para o gentio saber onde estas raizes estão, anda batendo com um páo pelo chão. por cujo tom o conhece, onde cava e tira as raizes de tres e quatro palmos de alto, e outras se acham á flôr da terra, ás quaes se tira uma casca parda que tem, como a dos inhames, e ficam alvissimas e brandas como maçãs de coco; cujo sabor é mui doce, e tão sumarento que se desfaz na boca tudo em agua frigidissima e mui desencalmada; com o que a gente que anda pelo sertão mata a sêde onde não acha agua para beber, e mata a fome comendo esta raiz, que é mui sadia, e não fez nunca mal a ninguem que comesse muita d'ella. D'estas arvores ha já algumas nas fazendas dos Portuguezes, que nasceram dos caroços dos ambús, onde dão o mesmo fruto e raizes

CAPITULO LIV.

Em que se diz de algumas arvores de fruto afastadas do mar.

Afastado do mar da Bahia e perto d'elle se dão umas arvores que chamam Sabucai, que são muito grandes, de cujo fructo tratamos aqui sómente. Esta arvore toma tanta flôr amarella, que se lhe não enxerga a folha ao longe, a qual flôr é muito formosa, mas não tem nenhum cheiro. Nasce d'esta flôr uma bola de páo tão dura como ferro, que está por dentro cheia de fructo. Terá esta bola uma polegada de grosso, e tem a boca tapada com uma tapadoura tão justa que se não enxerga a junta d'ella, a qual se não despega senão como a fructa que está dentro é de vez, que esta bola cahe no chão, a qual tem por dentro dez ou doze repartimentos, e em cada um uma fruta tamanha como uma castanha de Hespanha, ou mais comprida; as quaes castanhas são muito alvas e saborosas, assim assadas como cruas; e despegadas estas bolas das castanhas e bem limpas por dentro, servem de graes ao gentio, onde pizam o sal e a pimenta.

Piquiá é uma arvore de honesta grandura, tem a madeira amarella e boa de lavrar, a qual dá um fruto tamanho como

marmelos que tem o nome da arvore; este fruto tem a casca dura e grossa como cabaço, de côr parda por fóra, e por dentro é todo cheio de um mel branco muito doce; e tem misturado umas pevides como de maçãs, o qual mel se lhe come em sôrvos, e refresca muito no verão.

Macugé é uma arvore comprida, delgada e muito quebradiça, e dá-se em arêas junto dos rios, perto do salgado, e pela terra dentro dez ou doze leguas. Quando cortam esta arvore, lança de si um leite muito alvo e pegajoso, que lhe corre em fio; a qual dá umas frutas do mesmo nome, redondas, com os pés compridos e côr verdoenga, e são tamanhas como maçãs pequenas; e quando são verdes travam muito, e são todas cheias de leite. Colhem-se inchadas para amadurecerem em casa, e como são maduras tomam a côr almecegada; comem-se todas como figos, cujo sabor é mui suave, e tal que lhe não ganha nenhuma fruta de Hespanha, nem de outra nenhuma parte; e tem muito bom cheiro.

Geripapo é uma arvore que se dá ao longo do mar e pelo sertão, de cujo fruto aqui tratamos sómente. A sua folha é como de castanheiro, a flôr é branca, da qual lhe nasce muita fruta, de que toma cada anno muita quantidade; as quaes são tamanhas como limas, e da sua feição; são de côr verdoenga, e como são maduras se fazem de côr pardaça, e molles, e tem honesto sabor e muito que comer, com algumas pevides dentro, de que estas arvores nascem. Quando esta fruta é pequena, faz-se d'ella conserva, e como é grande antes de amadurecer tinge o sumo d'ella muito, com a qual tinta se tinge toda a nação do gentio em lavores pelo corpo; e quando põe esta tinta é branca como agua, e como se enxuga se faz preta como azeviche; e quanto mais a lavam, mais preta se faz; e dura nove dias, no cabo dos quaes se vai tirando. Tem virtude esta tinta para fazer seccar as bustelas das boubas aos indios, e a quem se cura com ella.

Pela terra dentro ha outra arvore, a que chamam guti que é de honesta grandura; dá uma fruta do mesmo nome, do tamanho e côr das peras pardas, cuja casca se lhe apara; mas tem grande caroço, e o que se lhe come se tira em talhadas, como ás peras,

e é muito saboroso; e lançadas estas talhadas em vinho não tem preço. Faz-se desta fruta marmelada muito gostosa, a qual tem grande virtude para estancar cambras de sangue.

Nas campinas ha outra arvore a que chamam ubucaba, cuja madeira é molle, e dá umas frutas pretas e miudas como murtinhos, que se comem, e tem sabor mui soffrivel.

Mondururú é outra arvore que dá umas frutas pretas, tamanhas como avelãs, que se comem todas, lançando-lhe fóra umas pevides brancas que tem, a qual fruta é muito saborosa.

Ha outra arvore como larangeira que se chama comichã, a qual carrega todos os annos de umas frutas vermelhas, tamanhas e de feição de murtinhos, que se comem todas lançando-lhes fóra uma pevide preta que tem, que é a semente d'estas arvores, a qual fruta é muito gostosa.

Mandiba é uma arvore grande que dá fruto do mesmo nome tamanho como cerejas, de côr vermelha, e muito doce; come-se como sorva lançando-lhe o caroço fóra e uma pevide que tem dentro, que é a sua semente.

Cambuy é uma arvore delgada de cuja madeira se não usa, a qual dá uma flôr branca, e o fruto amarello do mesmo nome; do tamanho, feição e côr das maçãs d'anafega. Esta fruta é mui saborosa, e tem ponta de azedo; lança-se-lhe fóra um carocinho que tem dentro como coentro.

Dá-se no mato perto do mar e afastado d'elle uma fruta que se chama curuanhas, cuja arvore é como vides, e trepa por outra arvore qualquer, a qual tem pouca folha; o fruto que dá é de uns oito dedos de comprido e de tres a quatro de largo, de feição da fava, o qual se parte pelo meio como fava e fica em duas metades, que tem dentro tres e quatro caroços, da feição das colas de Guiné, da mesma côr e sabor, os quaes caroços tem virtude para o figado. Estas metades tem a casquinha muito delgada como maçãs, e o mais que se come é da grossura de uma casca de laranja; tem estremado sabor; comendo-se esta fruta crua, sabe e cheira a camoezas, e assada tem o mesmo sabor d'ellas assadas; faz-se d'esta fruta marmelada muito

boa, a qual por sua natureza envolta no assucar cheira a almiscar, e tem o sabor de perada almiscarada; e quem a não conhece entende e affirma que é perada.

Os araçazeiros são outras arvores que pela maior parte se dão em terra fraca na visinhança do mar, as quaes são como macieiras na grandura, na côr da casca, no cheiro da folha e na côr e feição d'ella. A flôr é branca, da feição da de murta, e cheira muito bem. Ao fruto chamam araçazes, que são da feição das nesperas, mas alguns muito maiores. Quando são verdes tem a côr verde, e como são maduros tem a côr das peras; tem o olho como nesperas, e por dentro caroços como ellas, mas muito mais pequenos. Esta fruta se come toda, e tem ponta de azedo mui saboroso, da qual se faz marmelada, que é muito boa e melhor para doentes de cambras.

Perto do salgado ha outra casta de araçazeiros, cujas arvores são grandes, e o fruto como laranja, mas mui saboroso, ao qual aparam a casca por ser muito grossa.

Araticú é uma arvore do tamanho de uma amoreira, cuja folha é muito verde escura, da feição da da larangeira mas maior; a casca da arvore é como de loureiro, a madeira é muito molle, a flôr é fresca, grossa e pouco vistosa, mas o fructo é tamanho como uma pinha, e em verde é lavrado como pinha, mas o lavor é lizo e branco. Como este fructo é maduro, arregoa todo pelos lavores que ficam então brancos, e o pomo é muito molle e cheira muito bem, e tamanho é o seu cheiro que, estando em cima da arvore, se conhece debaixo que está maduro pelo cheiro. Este fruto por natureza é frio e sadio; para se comer corta-se em quartos, lançando-lhe fóra umas pevides que tem amarellas e compridas, como de cabaços, das quaes nascem estas arvores; e aparam-lhe a casca de fóra que é muito delgada, e todo mais se come, que tem muito bom sabor com ponta de azedo, a qual fruta é para a calma mui desenfastiada.

Pino é uma arvore comprida, delgada, esfarrapada da folha, a qual é do tamanho e feição da folha da parra. O seu fruto nasce em ouriço cheio de espinhos como os das castanhas, e tirado este ouriço fóra fica uma cousa do tamanho do uma noz, e da mesma côr, feição

e dureza, o qual lhe quebram, e tiram-lhe de dentro dez ou doze pevides do tamanho de amendoas sem casca, mas mais delgadas, ás quaes tiram uma camisa parda que tem como as amendoas, e fica-lhe o miolo alvissimo, que tem o sabor como as amendoas; de que se fazem todas as frutas doces que se costumam fazer das amendoas, os quaes pinos, lançados em agua fria, incham e ficam muito desenfastiados para comer, e são bons para dôr de cabeça, de que se fazem amendoados. Dão-se estas arvores em ladeira sobre o mar e á vista d'elle, em terras dependuradas.

Abajerú é uma arvore baixa como carrasco, natural donde lhe chegue o rocio do mar, pelo que se não dão estas arvores senão ao longo das praias, cuja folha é aspera, e dá uma flôr branca e pequena. O fruto é do mesmo nome e da feição e tamanho das ameixas de cá, e de côr roxa; come-se como ameixas, mas tem maior caroço; o sabor é doce e saboroso.

Amaytim é uma arvore muito direita, comprida e delgada; tem a folha como figueira, dá uns cachos maiores que os das uvas ferraes; tem os bagos redondos, tamanhos como os das uvas mouriscas, e muito esfarrapados, cuja côr é roxa, e cobertos de um pello tão macio como velludo; mettem-se estes bagos na boca e tiram-lhe fóra um caroço como de cereja, e a pelle que tem o pello, entre a qual e o caroço tem um doce mui saboroso como o sumo das boas uvas.

Apé é uma arvore do tamanho e feição das oliveiras, mas tem a madeira aspera e espinhosa como romeira, a folha é da feição de pecegueiro e da mesma côr. Esta arvore dá um fruto do mesmo nome, da feição das amoras, mas nunca são pretas, e tem a côr brancacenta; come-se como as amoras; tem bom sabor, com ponta de azedo, mui appetitoso para quem tem fastio; as quaes arvores se dão ao longo do mar e á vista d'elle.

Muricî é uma arvore pequena, muito secca da casca e da folha, cuja madeira não serve para nada; dá umas frutas amarellas, mais pequenas que cerejas, que nascem em pinhas como ellas, com os pés compridos; a qual fruta é molle e come-se toda; cheira e sabe a queijo do Alemtejo que requeima. Estas arvores se dão nas campinas perto do mar em terras fracas.

Copiuba é uma arvore da feição do loureiro, assim na côr da casca do tronco como na folha, a qual carrega por todos os ramos de uma fruta preta do mesmo nome, maior que murtinhos, e toma tantos ordinariamente que negrejam ao longe. Esta fruta se come como uvas, e tem o sabor d'ellas quando as vendimam, que estão muito maduras, e tem uma pevide preta que se lhe lança fóra. Dão-se estas arvores ao longo do mar e dos rios por onde entra a maré.

Maçarandiba é uma arvore real de cuja madeira se dirá ao diante. Só lhe cabe aqui dizer do seu fructo, que é da côr dos medronhos e do seu tamanho, cuja casca é teza e tem duas pevides dentro, que se lhe lançam fóra com a casca; o mais se lhe come, que é doce e muito saboroso; e quem come muita d'esta fruta que se chama como a arvore, pegam-se-lhe os bigodes com o sumo d'ella, que é muito doce e pegajoso; e para os indios lhe colherem esta fruta cortam as arvores pelo pé como fazem a todas que são altas. Estas se dão ao longo do mar ou á vista d'elle.

Mocury é uma arvore grande que se dá perto do mar, a qual dá umas frutas amarellas, tamanhas como abricoques, que cheiram muito bem, e tem grande caroço; o que se lhe come é de maravilhoso sabor, e aparam-lhe a casca de fóra.

Cambucá é outra arvore de honesta grandura, que dá umas fructas amarellas do mesmo nome, tamanhas como abricoques, mas tem maior caroço e pouco que comer; é muito doce e de honesto sabor.

CAPITULO LV.

Em que se contém muitas castas de palmeiras que dão fruto pela terra da Bahia no sertão, e algumas junto do mar.

Como ha tanta diversidade de palmeiras que dão fructo na terra da Bahia, convém que as arrumemos todas neste capitulo, começando logo em umas a que os indios chamam pindoba, que são muito altas e grossas, que dão flôr como as tamareiras, e o fructo em

cachos grandes como os coqueiros, cada um dos quaes é tamanho que não póde um negro mais fazer que leva-lo ás costas; em os quaes cachos tem os cocos tamanhos como peras pardas grandes, e tem a casca de fóra como coco, e outra dentro de um dedo de grosso, muito dura, e dentro d'ella um miolo massiço com esta casca, d'onde se tira com trabalho, o qual é tamanho como uma bolota, e mui alvo e duro para quem tem ruins dentes; e se não é de vez, é muito tenro e saboroso; e de uma maneira e outra é bom mantimento para o gentio quando não tem mandioca, o qual faz d'estes cocos azeite para suas mézinhas. Do olho d'estas palmeiras se tiram palmitos façanhosos de cinco a seis palmos de comprido, e tão grossos como a perna de um homem. De junto do olho d'estas palmeiras tira o gentio tres e quatro folhas cerradas, que se depois abrem á mão, com as quaes cobrem as casas, a que chamam pindobuçú, com o que fica uma casa por dentro, depois de coberta, muito formosa; a qual palma no verão é fria, e no inverno quente; e se não fôra o perigo do fogo, é muito melhor e mais sadia cobertura que a da telha.

Anajámirim é outra casta de palmeiras bravas que dão muito formosos palmitos, e o fructo como as palmeiras acima; mas são os cocos mais pequenos, e as palmas que se lhe tiram de junto dos olhos tem a folha mais miuda, com que tambem cobrem as casas onde se não acham as palmeiras acima. Os cachos d'estas palmeiras e das outras acima nascem em uma maçaroca parda de dous a tres palmos de comprido, e como este cacho quer lançar a flôr arrebenta esta maçaroca ao comprido e sahe o cacho para fóra, e a maçaroca fica muito liza por dentro e dura como páo; da qual se servem os indios como de gamellas, e ficam da feição de almadia.

Ha outras palmeiras bravas que chamam japeraçaba, que tambem são grandes arvores; mas não serve a folha para cobrir casas, porque é muito rara e não cobre bem, mas serve para remedio de quem caminha pelo mato cobrir com ella as choupanas, as quaes palmeiras dão tambem palmito no olho e seus cachos de cocos, tamanhos como um punho, com o miolo como as mais, que tambem serve de manti-

mento ao gentio, e de fazerem azeite; o qual e o de cima tem o cheiro muito fortum.

Paty é outra casta de palmeiras bravas muito compridas e delgadas; as mais grossas são pelo pé como a coxa de um homem, tem a rama pequena, molle e verde-escura. Os palmitos que dão são pequenos, e os cocos tamanhos como nozes, com o seu miolo pequeno que se come. D'estas arvores se usa muito, porque tem a casca muito dura, que se fende ao machado muito bem, da qual se faz ripa para as casas, a que chamam pataíba, que é tão dura que com trabalho a passa um prego; e por dentro é estopenta, a qual ripa quando se lavra por dentro cheira a maçãs maduras.

Ha outras palmeiras que chamam bory, que tem muitos nós, que tambem dão cocos em cachos, mas são miudos; estas tem a folha da parte de fóra verde e da de dentro branca, com pello como marmelos, as quaes tambem dão palmitos muito bons.

Piçandós são umas palmeiras bravas e baixas que se dão em terras fracas; e dão uns cachos de cocos pequenos e amarellos por fóra, que é mantimento, para quem anda pelo sertão, muito bom, porque tem o miolo muito saboroso como avelãs, e tambem dão palmitos.

As principaes palmeiras bravas da Bahia são as que chamam ururucurí, que não são muito altas, e dão uns cachos de cocos muito miudos do tamanho e côr dos abricoques, aos quaes se come o de fóra, como os abricoques, por ser brando e de soffrivel sabor; e quebrando-lhe o caroço, d'onde se lhe tira um miolo como o das avelãs, que é alvo e tenro e muito saboroso, os quaes coquinhos são mui estimados de todos. Estas palmeiras tem o tronco fôfo, cheio de um miolo alvo e solto como cuscuz, e molle; e quem anda pelo sertão tira este miolo e coze-o em um alguidar ou tacho, sobre o fogo, onde se lhe gasta a humidade, e é mantimento muito sadio, substancial e proveitoso aos que andam pelo sertão, a que chamam farinha de páo.

Patioba é como palmeira nova no tronco e olho, e dá umas folhas de cinco e seis palmos de comprido e dous e tres ds largo; é de côr

verde e teza como pergaminho, e serve para cobrir as casas no logar onde se não acha outra, e para as choupanas dos que caminham; quando se estas folhas seccam, fazem-se em pregas tão lindas como de leques da India; e quando nascem, sahem feitas em pregas, como está um leque estando fechado; dá palmitos pequenos, mas mui gostosos.

CAPITULO LVI.

Em que se declaram as hervas que dão fruto na Bahia, que não são arvores.

Como na Bahia se criam algumas frutas que se comem, em hervas que não fazem arvores, pareceu decente arruma-las n'este capitulo apartadas das outras arvores. E comecemos logo a dizer dos maracujás, que é uma rama como hera e tem a folha da mesma feição, a qual atrepa pelas arvores e as cobre todas, do que se fazem nos quintaes ramadas muito frescas, porque duram, sem se seccar, muitos annos. A folha da herva é muito fria e boa para desafogar, pondo-se em cima de qualquer nascida ou chaga, e tem outras muitas virtudes; e dá uma flôr branca muito formosa e grande que cheira muito bem, d'onde nascem umas fructas como laranjas pequenas, muito lizas por fóra; a casca é da grossura da das laranjas de côr verde-clara, e tudo o que tem dentro se come, que além de ter bom cheiro tem suave sabor. Esta fructa é fria de sua natureza e boa para doentes de febres, tem ponta de azedo e é mui desenfastiada; e em quanto é nova, faz-se d'ella boa conserva; e em quanto não é bem madura, é muito azeda.

Canapú é uma herva que se parece com herva moura, e dá uma fruta como bagos de uvas brancas coradas do sol e molles, a qual se come, mas não tem bom sabor senão para os indios.

Modurucú é nem mais nem menos que uma figueira das que se plantam nos jardins de Portugal, que tem as folhas grossas, a que chamam figueiras da India; estas tem as folhas de um palmo de

comprido e quatro dedos de largo e um de grosso, e nascem as folhas nas pontas umas das outras, as quaes são todas cheias de espinhos tamanhos e tão duros como agulhas, e tão agudas como ellas, e dão o fruto nas pontas e nas ilhargas das folhas, que são uns figos tamanhos como os lamparos, vermelhos por fóra, com a casca grossa que se não come; o miolo é de malhas brancas e pretas; o branco é alvissimo, e o preto como azeviche, cujo sabor é mui apetitoso e fresco; o que se cria nas arêas ao longo do mar.

Marujaiba são uns ramos espinhosos, mas limpos dos espinhos ficam umas canas pretas que servem de bordões como canas de rota, cujos espinhos são pretos, e tão agudos como agulhas. Nos pés d'este ramos se dão uns cachos como os das tamareiras, feitos os fios em cordões cheios de bagos como os de uvas ferraes, e do mesmo tamanho; os quaes tem a casca dura e roxa por fóra, e o caroço dentro como cerejas, o qual com a casca se lhe lança fóra; e gosta-se de um sumo que tem dentro doce e suave.

Ao longo do mar se criam umas folhas largas, que dão um fruto a que chamam carauatá, que é da feição de maçaroca, e amarello por fora; tem bom cheiro, a casca grossa e teza, a qual se lança fóra para se comer o miolo, que é mui doce; mas empola-se a boca a quem come muita fruta d'esta.

Ha uma herva que se chama nhamby, que se parece na folha com coentro, e queima como mastruços, a qual comem os Indios e os mistiços crua, e temperam as panellas dos seus manjares com ella, de quem é mui estimada.

CAPITULO LVII.

Em que se declara a propriedade dos ananazes tão nomeados.

Não foi descuido deixar os ananazes para este logar por esquecimento; mas deixamo-los para elle, por que se lhe deramos o primeiro, que é o seu, não se pozeram os olhos nas frutas declaradas no

capitulo atraz; e para o pôrmos só, pois se lhe não podia dar companhia conveniente a seus merecimentos.

Ananaz é uma fruta do tamanho de uma cidra grande, mas mais comprido; tem olho da feição dos alcachofres, e o corpo lavrado como alcachofre molar, e com uma ponta e bico em cada signal das pencas, mas é todo maciço; e muitos ananazes lançam o olho e ao pé do fruto muitos olhos tamanhos como alcachofres. A herva em que se criam os ananazes é da feição da que em Portugal chamam herva babosa, e tem as folhas armadas, e do tamanho da herva babosa, mas não são tão grossas; a qual herva ou ananazeiro espiga cada anno no meio como o cardo, e lança um grelo da mesma maneira, e em cima d'elle lhe nasce o fruto tamanho como alcachofre, muito vermelho, o qual assim como vai crescendo, vai perdendo a côr e fazendo-se verde; e como vai amadurecendo, se vai fazendo amarello acataçolado de verde, e como é maduro conhece-se pelo cheiro como o melão. Os ananazeiros se transpõe de uma parte para a outra, e pegam sem se seccar nenhum; ainda que estejam com as raizes para o ar fóra da terra ao sol mais de um mez; os quaes dão novidade d'ahi a seis mezes: e além dos filhos, que lançam ao pé do fruto e no olho, lançam outros ao pé do ananazeiro, que tambem espigam e dão seu ananaz, como a mãi donde nascêram, os quaes se transpõem, e os olhos que nascem no pé e no olho do ananaz.

Os ananazeiros duram na terra, sem se seccarem, toda a vida; e se andam limpos de herva, que entre elles nasce, quanto mais velhos são dão mais novidade; os quaes não dão o fructo todos juntamente; mas em todo o anno uns mais temporãos que os outros, e no inverno dão menos fruto que no verão, em que vem a força da novidade, que dura oito mezes. Para se comerem os ananazes hão de se aparar muito bem, lançando-lhe a casca toda fóra, e a ponta de junto do olho por não ser tão doce, e depois de aparado este fruto, o cortam em talhadas redondas, como de laranja ou ao comprido, ficando-lhe o grelo que tem dentro, que vai correndo do pé até o olho; e quando se corta fica o prato cheio de sumo que d'elle sahe, e o que se lhe come é da côr dos gomos de laranja, e alguns ha de côr mais amarella; e desfaz-

se tudo em sumo na boca, como o gomo de laranja, mas é muito mais sumarento; o sabor dos ananazes é muito doce, e tão suave que nenhuma fruta de Hespanha lhe chega na formosura, no sabor e no cheiro; porque uns cheiram a melão muito fino, outros a comoezas: mas no cheiro e no sabor não ha quem se saiba afirmar em nada; porque, ora sabe e cheira a uma cousa, ora a outra. A natureza d'este fruto é quente e humido, e muito damnoso para quem tem ferida ou chaga aberta: os quaes ananazes sendo verdes são proveitosos para curar chagas com elles, cujo sumo come todo o cancere, e carne podre, do que se aproveita o gentio: e em tanta maneira come esta fruta, que alimpam com as suas cascas a ferrugem das espadas e facas, e tiram com ellas as nodoas da roupa ao lavar; de cujo sumo, quando são maduras, os Indios fazem vinho, com que se embebedam; para que os colhem mal maduros, para ser mais azedo, do qual vinho todos os mestiços e muitos Portuguezes são mui afeiçoados. D'esta fruta se faz muita conserva, aparada da casca, a qual é muito formosa e saborosa, e não tem a quentura e humidade de quando se come em fresco.

CAPITULO LVIII.

Daqui por diante se vão arrumando as arvores e hervas de virtudes que ha na Bahia.

Não se podiam arrumar em outra parte que melhor estivessem as arvores de virtude que apoz das que dão fruto; e seja a primeira arvore do balsamo que se chama caburcîba; que são arvores mui grandes de que se fazem eixos para engenhos, cuja madeira é pardaça e incorruptivel. Quando lavram esta madeira cheira a rua toda a balsamo, e todas as vezes que se queima cheira muito bem. D'esta arvore se tira o balsamo suavissimo, dando-lhe piques até um certo logar, donde começa de chorar este suavissimo licor na mesma hora, o qual se recolhe em algodões, que lhe mettem nos golpes; e como

estão bem molhados do balsamo, os espremem em uma prensa, onde lhe tiram este licor, que é grosso e da côr do arrobe; o qual é milagroso para curar feridas frescas, e para tirar os sinaes d'ellas no rosto. O caruncho d'este páo, que se cria no logar donde sahiu o balsamo, é preciosissimo no cheiro; e amassa-se com o mesmo balsamo, e fazem d'esta massa contas, que depois de seccas ficam de maravilhoso cheiro.

De tão santa arvore como a do balsamo merece ser companheira e visinha a que chamam copaîba que é arvore grande, cuja madeira não é muito dura, e tem a côr pardaça; e faz se d'ella taboado; a qual não dá fruto que se coma, mas um oleo santissimo em virtudes, o qual é da côr e clareza de azeite sem sal; e antes de se saber de sua virtude servia de noute nas candeias. Para se tirar este oleo das arvores lhes dão um talho com um machado acima do pé, atê que lhe chegam á veia, e como lhe chegam corre este oleo em fio, e lança tanta quantidade cada arvore que ha algumas que dão duas botijas cheias, que tem cada uma quatro canadas. Este oleo tem muito bom cheiro, e é excellente para curar feridas frescas, e as que levam pontos da primeira cura soldam se as queimam com elle, e as estocadas ou feridas que não levam pontos se curam com elle, sem outras mézinhas; com o qual se cria a carne até encourar, e não deixa criar nenhuma corrupção nem materia. Para frialdades, dores de barriga e pontadas de frio é este oleo santissimo, e é tão subtil que se vai de todas as vazilhas, se não são vidradas; e algumas pessoas querem afirmar que até no vidro mingoa; e quem se untar com este oleo ha-se de guardar do ar, porque é prejudicial.

CAPITULO LIX.

Em que trata da virtude da embaiba e caraobuçú e caraobamirim.

Embaiba é uma arvore comprida e delgada, que faz uma copa em cima de pouca rama; a folha é como de figueira, mas tão aspera

que os indios cepilham com ellas os seus arcos e hastes de dardos, com a qual se põe a madeira melhor que com a pelle de lixa. O fruto d'esta arvore são umas candeias e cachos como as dos castanheiros, e como amadurecem as comem os passarinhos e os indios, cujo saibo é adocicado, e tem dentro uns grãos de milho, como os figos passados, que é a semente de que estas arvores nascem; as quaes se não dão em mato virgem, senão na terra que foi já aproveitada; e assim no tronco como nos ramos é toda oca por dentro, onde se criam infinidade de formigas miudas. Tem o olho d'esta arvore grandes virtudes para com elle curarem feridas, o qual depois de pisado se põe sobre feridas mortaes, e se curam com elle com muita brevidade, sem outros unguentos; e o entrecasco d'este olho tem ainda mais virtude, com o que tambem se curam feridas e chagas velhas; e taes curas se fazem com o olho d'esta arvore, e com o oleo do copaìba, que se não occupam na Bahia cirurgiões, porque cada um o é em sua casa.

Caraobuçu é uma arvore como pecegueiro, mas tem a madeira muito seca e a folha miuda, como a da amendoeira: esta madeira é muito dura e de côr almecegada, a qual se parece com o páo das Antilhas; cuja casca é delgada: da folha se aproveitam os indios, e com ella pisada curam as boubas, pondo-a com o sumo em cima das bostellas ou chagas, com o que se secam muito depressa: e quando isto não basta, queimam em uma telha estas folhas, e com o pó d'ellas, feitas em carvão, seccam estas bostellas; do que tambem se aproveitam os Portuguezes, que tem necessidade d'este remedio para curarem seus males, de que muitos tem muitos.

Caraobamirim é outra arvore da mesma casta, senão quanto é mais pequena, e tem a folha mais miuda, da qual se aproveitam como da caraoba de cima, e dizem que tem mais virtude; com as folhas d'esta arvore cozidas, tomam os Portuguezes doentes d'estes males suadouros, tomando o bafo d'esta agua, estando muito quente, de que acham muito bem; e lhes faz sahir todo o humor para fóra e secar as bostellas, tomando d'estes nove suadouros, e o sumo da mesma folha bebido por xarope.

CAPITULO LX.

Que trata da arvore da almecega e de outras arvores de virtude.

Ha outras arvores de muita estima, a que os indios chamam ubiracica; tem honesta grandura, de cuja madeira se não aproveitam, mas valem-se da sua resina, de que lança grande quantidade, e quando a deita é muito molle e pegajosa; a qual é maravilhosa almecega, que faz muita vantagem á que se vende nas boticas, e para uma arvore lançar muita picam-na ao longo da casca com muitos piques, e logo começa a lançar por elles esta almecega, que lhe os indios vão apanhando com umas folhas, aonde a vão ajuntando e fazem em pães.

Esta almecega é muito quente por natureza, da qual fazem emplastos para defensivo da frialdade, e para soldar carne quebrada, e para fazer vir a furo postemas, os quaes faz arrebentar por si, e lhes chupa de dentro os carnegões, e derretida é boa para escaldar feridas frescas, e faz muita vantagem á trebentina de beta; com a qual almecega se fazem muitos unguentos e emplastos para quebraduras de pernas, á qual os indios chamam icica.

Corneîba é uma arvore, que na folha, na flôr, na baga e no cheiro é a aroeira de Hespanha, e tem a mesma virtude para os dentes, e é differente na grandura das arvores, que são tamanhas como oliveiras, de cuja madeira se faz boa cinza para decoada dos engenhos. Naturalmente se dão estas arvores em terra de areia, debaixo de cujas raizes se acha muito anime, que é no cheiro, na vista, e na virtude como o de Guiné, pelo que se entende, que o estila de si, pelo baixo do tronco da arvore, porque se não acha junto de outras arvores.

Em algumas partes do sertão da Bahia se acham arvores de canafistula, a que o gentio chama geneùna, mas de agrestes dão a

canafistula muito grossa e comprida; e tem a codea aspera, mas quebrada, e da mesma feição, assim nas pevides que tem como no preto; que se come e tem o mesmo saibo, da qual não usa o gentio, porque não sabe o para que ella presta. Em algumas fazendas ha algumas arvores de canafistula, que nascêram das sementes que foram de S. Thomé, que dão o fruto mui perfeito como o das Indias.

Cuipeûna é uma arvore pontualmente como a murta de Portugal, e não tem outra differença que fazer maior arvore e ter a folha maior do viço da terra; a qual se dá pelos campos da Bahia, cuja flor e o cheiro della é da murta, mas não dá murtinhos; da qual murta se usa na Misericordia para a cura dos penitentes e para todos os lavatorios, para que ella serve, porque tem a mesma virtude desecativa.

Ao longo do mar da Bahia nascem umas arvores que tem o pé como parras, as quaes atrepam por outras arvores grandes, por onde lançam muitos ramos como vides, as quaes se chamam mucunás, cujo fruto são umas favas redondas e aleonadas na côr, e do tamanho de um tostão, as quaes tem um circulo preto, e na cabeça um olho branco. Estas favas para comer são peçonhentas, mas tem grande virtude, para curar com ellas feridas velhas, d'esta maneira. Depois de serem estas favas bem seccas, hão-se de pizar muito bem, e cobrir as chagas com os pós dellas, as quaes comem todo o cancere e carne podre.

Criam-se nesta terra outras arvores semelhantes ás de cima, que atrepam por outras maiores, que se chamam o cipó das feridas, as quaes dão umas favas aleonadas pequenas, da feição das de Portugal, cuja folha pizada e posta nas feridas, sem outros unguentos, as cura muito bem.

Ha uns mangues, ao longo do mar, a que o gentio chama apareîba, que tem a madeira vermelha e rija, de que se faz carvão; cuja casca é muito aspera, e tem tal virtude que serve aos curtidores para curtir toda a sorte de pelles, em lugar de sumagre, com o que fazem tão bom curtume como com elle. Estes mangues fazem as arvores muito direitas, e dão umas candeias verdes compridas, que tem dentro uma semente como lentilhas, de que elles nascem.

CAPITULO LXI.

Daqui por diante se vai relatando as qualidades das hervas de virtude que se criam na Bahia, e comecemos logo a dizer da herva santa e outras hervas semelhantes.

Petume é a herva a que em Portugal chamam santa; onde ha muita della pelas hortas e quintaes, pelas grandes mostras que tem dado da sua virtude, com a qual se tem feito curas estranhas; pelo que não diremos d'esta herva senão o que não é notorio a todos, como é matarem com o seu summo os vermes que se criam em feridas e chagas de gente descuidada; com a qual se curam tambem as chagas e feridas das vaccas e das egoas sem outra couza, e com o sumo d'esta herva lhe encouram. Deu na costa do Brazil uma praga no gentio, como foi adoecerem do sêsso, e criarem bichos nelle, da qual doença morreu muita somma d'esta gente, sem se entender de que; e depois que se soube o seu mal, se curaram com esta herva santa, e se curam hoje em dia os tocados d'este mal, sem terem necessidade de outra mézinha.

A folha d'esta herva, como é seca e curada, é muito estimada dos indios e mamelucos e dos Portuguezes, que bebem o fumo d'ella, ajuntando muitas folhas d'estas, torcidas umas com as outras, e mettidas em um canudo de folha de palma, e põe-lhe o fogo por uma banda, e como faz braza, mettem este canudo pela outra banda na boca, e sorvem-lhe o fumo para dentro até que lhe sahe pelas ventas fóra. Todo o homem que se toma do vinho, bebe muito deste fumo, e dizem que lhe faz esmoer o vinho. Afirmam os indios que quando andam pelo mato e lhes falta o mantimento, matam a fome e sêde com este fumo; pelo que o trazem sempre comsigo; e não ha duvida senão que este fumo tem virtude contra a asma, e os que são doentes della se acham bem com elle, cuja natureza é muito quente.

Pino é pontualmente na folha, como as que em Portugal chamam

figueira do inferno. Esta herva dá o fruto em cachos cheios de bagos, tamanhos como avelãs, todos cheios de bicos, cada um d'estes bagos tem dentro um grão pardo, tamanho como um feijão, o qual pizado se desfaz todo em azeite, que serve na candeia; bebido serve tanto como purga de canafistola; e para os doentes de colica, bebido este azeite, se lhe passa o accidente logo: as folhas d'esta herva são muito boas para desafogarem chagas e postemas.

Jeticuçú é uma herva, que nasce pelos campos, e lança por cima da terra uns ramos como as batatas, os quaes dão umas sementes pretas como ervilhacas grandes; deitam estas hervas umas raizes por baixo da terra como batatas, que são maravilhosas para purgar; do que se usa muito na Bahia; as quaes raizes se cortam em talhadas em verdes, que são por dentro alvissimas, e seccam-nas muito bem ao sol; e tomam d'estas talhadas, depois de seccas, para cada purga o pezo de dous reales de prata, e lançando em vinho ou em agua muito bem pizado se dá a beber ao doente de madrugada, e faz maravilhas. D'estas raizes se faz conserva em assucar raladas muito bem, como cidrada, e tomada pela manhã uma colher d'esta conserva faz-se com ella mais obra, que com assucar rozado de Alexandria.

Pecacuem são uns ramos que atrepam como parra, cuja folha é pequena, redonda e brancacenta; as suas raizes são como de junça brava, mas mais grossas, as quaes tem grande virtude para estancar cameras; do que se usa tomando uma pequena d'esta raiz pizada e lançada em agua; posta a serenar e dada a beber ao doente de cameras de sangue lh'as faz estancar logo.

CAPITULO LXII.

Em que se declara o modo com que se cria o algodão, e de sua virtude, e de outras hervas que fazem arvore.

Maniim chamam os indios ao algodão, cujas arvores parecem marmeleiros arruados em pomares, mas a madeira delle é como de

sabugueiro, molé e oca por dentro; a folha parece de parreira, com o pé comprido e vermelho, com o sumo da qual se curam feridas espremido nellas. A flôr do algodão é uma campainha amarella muito formosa, donde nasce um capulho, que ao longe parece uma noz verde, o qual se fecha com tres folhas grossas e duras, da feição das com que se fecham os botões das rozas; e como o algodão está de vez, que é de Agosto por diante, abrem-se estas folhas, com que se fecham estes capulhos, e vão-se seccando e mostrando o algodão que tem dentro muito alvo, e se não o apanhám logo, cahe no chão; e em cada capulho d'estes estam quatro de algodão, cada um do tamanho de um capulho de seda; e cada capulho d'estes tem dentro um caroço preto, com quatro ordens de carocinhos pretos, e cada carocinho é tamanho e da feição do feitio dos ratos, que é a semente donde o algodão nasce, o qual no mesmo anno que se semea dá novidade.

Estes caroços do algodão come o gentio pizados e depois cozidos, que se fáz em papas que chamam mingáu.

As arvores d'estes algodoeiros duram sete e oito annos e mais, quebrando lhe cada anno as pontas grandes á mão, porque se seccam; para que lancem outros filhos novos, em que tomam mais novidade; os quaes algodões se alimpam á enchada, duas e tres vezes cada anno, para que a herva os não acanhe.

Camará é uma herva que nasce pelos campos, que cheira a herva cidreira; a qual faz arvore, com muitos ramos como de roseira de Alexandria; cuja madeira é seca e quebradiça, a folha é como da herva cidreira; as flôres são como cravos de Tunes, amarellos, e da mesma feição, mas de feitio mais arteficioso. Cozidas as folhas e flôres d'esta herva, tem a sua agua muito bom cheiro e virtude para sarar sarna e comichão, e para seccar chagas de boubas, lavando-as com esta agua quente; do que se usa muito naquellas partes.

Ha outra casta d'este camará, que dá flôres brancas da mesma feição, a qual tem a mesma virtude; e como lhe cahe a flôr, assim a uma como a outra, ficam-lhe umas camarinhas denegridas, que comem os meninos e os passarinhos, que é a semente, de que esta herva nasce.

Nas campinas da Bahia se dão urzes de Portugal, da mesma feição,

assim nos ramos como na flôr, mas não dão camarinhas; dos quaes ramos cozidos na agua se aproveitam os indios para seccar qualquer humor ruim.

Ás cannas da Bahia chama o gentio ubá, as quaes tem folhas como as de Hespanha, e as raizes da mesma maneira, que lavram a terra muito; as quaes cozidas em agua tem a mesma virtude desecativa que as de Hespanha. Estas cannas são compridas, cheias de nós por fóra e maciças por dentro, ainda que tem o miolo molle e estopento. Espigam estas cannas cada anno, cujas espigas são de quinze e vinte palmos de comprido; de que os indios fazem as flexas com que atiram. E tambem se dão na Bahia as cannas de Hespanha, mas não crescem tanto como as da terra.

Jaborandi é uma herva, que faz arvore de altura de um homem, e lança umas varas em nós como cannas, por onde estalam muito como as apertam; a folha será de palmo de comprido, e da largura da folha da cidreira, a qual cheira a hortelã franceza, e tem a aspereza da hortelã ordinaria; a agua cozida com estas folhas é loura e muito cheirosa e boa para lavar o rosto, ao barbear; quem tem a boca damnada, ou chagas nella, mastigando as folhas d'esta herva, duas ou tres vezes cada dia, e trazendo-a na boca, a cura muito depressa; queimadas estas folhas, os pós dellas alimpam o cancere das feridas, sem dar nenhuma pena, e tem outras muitas virtudes. Esta herva dá umas candeias como castanheiro, onde se cria a semente de que nasce.

Nascem outras hervas pelo campo, a que chamam os indios caapiam, que tem as flores brancas da feição dos bemmequeres, onde ha umas sementes como gravanços; das quaes e das flores se faz tinta amarella como açafrão muito fino, do que usam os indios no seu modo de tintas. A arvore que faz esta herva é como a do alecrim, e tem a folha molle, e a côr de verde claro como alface.

Dão-se ao longo da ribeira da Bahia umas hervas, a que os indios chamam jaborandiba; e dão o mesmo nome da de cima, por se parecer nos ramos com ella; e os homens que andaram na India lhe chamam bétele, por se parecer em tudo com elle. A folha d'esta herva mettida

na boca requeima como folhas de louro, a qual é muito macia, e tem o verde muito escuro. A arvore que faz esta herva é tão alta como um homem, os ramos tem muitos nós, por onde estala muito. Quem se lava com ella cozida nas partes eivadas do figado, lh'as cura em poucos dias; e cozidos os olhos e comestos, são sanissimos para este mal do figado; e mastigadas estas folhas e trazidas na boca, tiram a dôr de dentes.

CAPITULO LXIII.

Em que se declara a virtude de outras hervas menores.

Ha outras hervas menores, pelos campos, de muita virtude, de que se aproveitam os indios e os Portuguezes, das quaes faremos menção brevemente neste capitulo, começando na que o gentio chama tararucu, e os Portuguezes fedegosos. Esta herva faz arvore do tamanho das mostardeiras, e tem as folhas em ramos arrumadas como folhas de arvores, as quaes são muito macias, da feição das folhas de pecegueiro, mas tem o verde muito escuro, e o cheiro da fortidão da arruda; estas folhas deitam muito sumo, se as pizam; o qual de natureza é muito frio, e serve para desafogar chagas: com este sumo curam o sesso dos indios e das galinhas; porque criam nelle muitas vezes bichos de que morrem, se lhe não acodem com tempo. Estas hervas dão umas flores amarellas como as da pascoa, das quaes lhe nascem umas bainhas com semente como ervilhacas.

Pelos campos da Bahia se dão algumas hervas que lançam grande braços como meloeiros, que atrepam se acham por onde, as quaes dão umas flôres brancas que se parecem até no cheiro com a flôr do legacão em Portugal; cujos olhos comem os indios doentes de boubas, e outras pessoas; e dizem acharem-se bem com elles, e afirma-se que esta é a salsaparrilha das Antilhas.

Cápeba é uma herva que nasce em boa terra perto da agua, e faz arvore como couve espigada; mas tem a folha redonda muito grande com o pé comprido, a qual é muito macia; a arvore faz um grelo

oco por dentro, e muito tenro; e depois de bem espigado, lança umas candeias crespas em que dá a semente, de que nasce. Esta herva é de natureza frigidissima, com cujas folhas passadas pelo ar do fogo, se desafoga toda a chaga e inchação, que está esquentada, pondo-lhe estas folhas em cima; e se a fogagem é grande, seca-se esta folha de maneira que fica aspera, e como está sêca se lhe põe outras até que o fogo abrande.

Criam-se outras hervas pelos campos da Bahia, que se chama guaxima, da feição de tanchagem; mas tem as folhas mais pequenas, da feição de escudete, e tem o pé comprido; as quaes são brancas da banda debaixo, cuja natureza é fria; e posta sobre chagas e coçaduras das pernas que tem fogagem, as desafoga, e encouram com ellas, sem outros unguentos.

Pelos mesmos campos se criam outras hervas, a que o gentio chama caapiá, e os Portuguezes malvaisco; porque não tem outra differença do de Portugal que ser muito viçoso; mas tem a mesma virtude; da qual usam os medicos da Bahia, quando é necessario, para fazerem vir a furo as postemas e inchações.

Peipeçaba é uma herva que se parece com belverde, que se dá nos jardins de Portugal, da qual fazem as vassouras na Bahia, com que varrem as casas; cuja natureza é fria, a qual pizam os indios e curam com ella feridas frescas; e tambem entre os Portuguezes se cura com o sumo d'esta herva o mal do sesso, para o que tem grande virtude; a qual não dá flôr, mas semente muito miuda, de que nasce.

Por estes campos se cria outra herva, a que os indios chamam campuava, que são mentrastos, nem mais nem menos que os de Hespanha, e tem a mesma virtude, cuja agua cozida é boa para lavar os pés; e são tantos que juncam com elles as igrejas pelas endoenças, em logar de rosmaninhos.

Nas campinas da Bahia se cria outra herva, a que o gentio chama caamcuam, que tem as folhas de tres em tres juntas, e são da côr da salva; e dá a flôr roxa, de que nasce uma bainha como de tremoços, que tem dentro umas sementes como lentilhas grandes; a qual herva tem o cheiro muito fortum, que causa dôr de cabeça a

quem a colhe: o gado que come esta herva engorda muito no primeiro anno com ella, e depois dá-lhe como cameras de que morre: pelo qual respeito houve quem quiz desinçar esta herva de sua fazenda, e poz um dia mais de duzentos escravos a arranca-la do campo, os quaes não poderam aturar o trabalho mais que até o meio dia; porque todos adoecêram com o cheiro d'ella de dôr de cabeça, o que fez espanto; e os homens que tem conhecimento da herva bésteira de Hespanha, e a viram n'esta terra, afirmam que é esta mesma herva a bésteira.

CAPITULO LXIV.

Daqui por diante se vai dizendo das arvores reaes e o para que servem, começando n'este capitulo 64, que trata do vinhatico e cedro.

Como temos dito das arvores de fruto, e das que tem virtude para curar enfermidades, convém que se declare as arvores reaes, que se dão na Bahia, de que se fazem os engenhos de assucar e outras obras, de cuja grandeza ha tanta fama.

E parece razão que se dê o primeiro logar ao vinhatico, a que o gentio chama sabigejuba, cuja madeira é amarella e doce de lavrar, a qual é incorruptivel, assim sobre a terra como debaixo d'ella, e serve para as rodas dos engenhos, para outras obras d'elles, e para casas e outras obras primas. Ha tambem façanhosos páos d'esta casta, que se acham muitos de cem palmos de roda, e outros daqui para baixo, mui grandes; mas os muito grandes pela maior parte são ocos por dentro, dos quaes se fazem canôas tão compridas como galeotas; e acham-se muitos páos maciços, de que se tira taboado de tres, quatro e cinco palmos de largo. Esta madeira não se dá senão em terra boa e afastada do mar.

Os cedros da Bahia não tem differença dos das Ilhas senão na folha, que a côr da madeira e o cheiro, e brandura ao lavrar é todo um: a esta arvore chama o gentio acajacatinga, cuja madeira se não

corrompe nunca; da qual se acham mui grandes páos que pela maior parte são ocos, mas acham-se alguns maciços, de que se tira taboado de tres e quatro palmos de largo.

Pelo rio dos Ilheos trouxe a cheia um páo de cedro ao mar, tamanho que se tirou d'elle a madeira e taboado com que se madeirou e forrou a igreja da Misericordia, e sobejou madeira; a qual é branda de lavrar e proveitosa para obras primas e outras obras dos engenhos, de que se faz muito taboado pare o forro das casas e para barcos; e fez uma vantagem o cedro da Bahia ao das Ilhas, que logo perde a fortidão do cheiro, e o fato que se mette nas caixas de cedro não toma nenhum cheiro d'ellas, e as obras do cedro das Ilhas nunca jámais perderam o cheiro, e damnam com elle o fato que se nellas agazalha.

CAPITULO LXV.

Que trata das qualidades do pequihi e de outras madeiras reaes.

Pequihi é uma arvore grande, que se dá perto do mar, em terras baixas, humidas e fracas; acham-se muitas d'estas arvores de quarenta a cincoenta palmos de roda; cuja madeira é parda, estopenta, muito pesada, de que se fazem gangorras, mezas, virgens e esteios para engenhos, a qual dura sem apodrecer para fim dos fins, ainda que esteja lançada sobre a terra ao sol e á chuva. Quando lavram esta madeira cheira a vinagre, e sempre que se tiram d'ella os cavacos molhados, ainda que esteja cortada de cem annos; e já se viu metter um prego por uma gangorra, que havia dezeseis annos que estava debaixo da telha de um engenho, e tanto que o prego começou a entrar para dentro, começou a rebentar pelo mesmo furo um torno de agua em fio que correu até o chão, o qual cheirava a vinagre; e se mettem os cavacos d'esta madeira no fogo, em quatro horas não pega n'elles, e já quando pega não fazem braza, nem levantam lavareda. E' esta madeira tão pesada que em a deitando na agua se vai ao fundo, da

qual se fazem bons liames e outras obras para barcas grandes e navios.

Quaparaiva e outra arvore real muito grande, de que se acham muitas de trinta e quarenta palmos de roda, cuja madeira é vermelha e mui fixa, que nunca se viu podre; de que se fazem gangorras, mesas, virgens e esteios para engenhos e outras obras; e acham-se muitas arvores tão compridas d'esta casta, que cortadas direito, o grosso dá vigas de oitenta a cem palmos de comprido, fóra o delgado, que fica no mato, de que se fazem frexaes e tirantes dos engenhos. Estas arvores são naturaes de vargeas de arêa visinhas do salgado; e são tão pesadas que em lançando a madeira na agua se vai logo ao fundo.

Ha outras arvores tambem naturaes de vargeas de arêa, a que o gentio chama jutaypeba, cuja madeira é vermelhaça e muito fixa, que nunca apodrece; e é mui dura ao lavrar; acham-se muitas arvores d'esta casta de cincoenta a sessenta palmos de roda; e pela maior parte estas grandes são ocas por dentro; mas ha outras de honesta grandeza maciças, de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteios e outras obras de engenhos, como são os eixos. Não são estas arvores muito altas, por se desordenarem pelo alto, lançando grandes troncos; mas tiram-se d'ellas gangorras de cincoenta a sessenta palmos de comprido, e a madeira é boa de lavrar, ainda que é muito dura e tão pesada que se vai na agua ao fundo.

Sabucai é outra arvore real que nunca apodreceu, assim debaixo da terra como sobre ella, de cujo fructo tratamos atraz, cuja madeira é vermelhaça, dura e tão pesada que se vai ao fundo; da qual se acham grandes arvores, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos. Quando se cortam estas arvores, tinem n'ellas os machados como se dessem por ferro, onde se quebram muito.

CAPITULO LXVI.

Em que se acaba de concluir a informação das arvores reaes que se criam na Bahia.

Maçarandiba é outra arvore real, de cujo fructo já fica dito atraz: são naturaes estas arvores da visinhança do mar; e acham-se muitas de trinta a quarenta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos, cuja madeira é de côr de carne de presunto, e tão dura de lavrar que não ha ferramenta que lhe espere, e é tão pesada que se vai ao fundo. Estas arvores são tão compridas e direitas que se aproveitam do grosso d'ella de cem palmos para cima, e nunca se corrompem.

Ha outra arvore real que se chama jataymondé, que não é tamanha como as de cima, mas de honesta grandura; de que se fazem eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos; cuja madeira é amarella de côr formosa muito rija e doce de lavrar e incorruptivel; e é tão pesada que se vai ao fundo; e não se dá em ruim terra.

Nas varzeas de arêa se dão outras arvores reaes, a que os Indios chamam curuà, as quaes se parecem na feição, na folha, na côr da madeira, com carvalhos; e acham-se alguns de vinte e cinco a trinta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, virgens, esteios e outras obras miudas; mas não é muito fixo ao longo da terra; o qual tambem serve para liames de navios e barcos, e para taboado; e de pesado se vai ao fundo.

Ha outras arvores reaes, a que os Portuguezes chamam angelim, e os indios andurababapari, as quaes são muito grandes e acham-se muitas de mais de vinte palmos de roda de que fazem gangorras, mezas, eixos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos e das cazas de vivenda, e boas caixas por ser madeira leve e boa de lavrar, e honesta côr.

Juquitibá é outra arvore real, façanhosa na grossura e compri-

mento, de que se fazem gangorras, mesas dos engenhos e outras obras, e muito taboado; e já se cortou arvore destas tão comprida e grossa, que deu no comprimento e grossura duas gangorras, que cada uma pelo menos ha de ter cincoenta palmos de comprido, quatro de assento e cinco de alto. Esta madeira tem a côr brancacenta, é leve e pouco duravel onde lhe chove; não se dão estas arvores em ruim terra.

Ubiraem é outra arvore real, de que se acham muitas de vinte palmos de roda para cima, de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteios dos engenhos, e taboado para navios, e outras obras, cuja côr é amarellaça; não muito pesada, e boa de lavrar.

Pelas campinas e terra fraca se criam muitas arvores, que se chamam sepepiras, que em certo tempo se enchem de flôr como de pecegueiro; não são arvores muito façanhosas na grandura, por serem desordenadas nos troncos, mas tiram-se d'ellas virgens, esteios e fuzos para os engenhos, a madeira é parda e muito rija, e tão liada que nunca fende; e para liação de navios e barcos é a melhor que ha no mundo, que soffre melhor o prego e nunca apodrece; de que se tambem fazem carros muito bons; e é tão pesada esta madeira que se vai ao fundo.

Putumujú é uma arvore real, e não se dá senão em terra muito boa; não são arvores muito grandes, mas dão tres palmos de testa. Esta é das mais fixas madeiras que ha no Brazil; porque nunca se corrompe, da qual se fazem eixos, virgens, fuzos, esteios para os engenhos, e toda a obra de casas e de primor: a côr desta madeira é amarella com umas veias vermelhas; é pesada e dura, mas muito doce de lavrar.

Ha outras arvores, que se chamam urucuranas, que são muito compridas e de grossura, que fazem dellas virgens e esteios para os engenhos, e outras muitas obras de casas, e taboado para navios, a quem o gusano não faz mal; a qual madeira é pesada, e vai-se ao fundo; tem a côr de carne de fumo, e é boa de lavrar e serrar.

CAPITULO LXVII.

Daqui por diante se trata das madeiras meãs.

Madeiras meãs, e de toda a sorte, ha tantas na Bahia, que se não pódem contar, das quaes diremos alguma parte das que chegáram á nossa noticia.

E comecemos no camaçari que são arvores naturaes de arêa e terras fracas. São estas arvores muito compridas e direitas, das quaes se tiram frechaes e tirantes para engenhos de cem palmos, e de cento e vinte de comprido e dous de largo, e palmo e meio afóra o delgado da ponta, que serve para outras cousas; a qual madeira serve para toda a obra das casas, do que se faz muito taboado para ellas e para os navios. Esta madeira tem a côr vermelhaça, boa de lavrar, e melhor de serrar. D'estas arvores se fazem mastros para os navios, e se foram mais leves eram melhores que os de pinho, por serem mais fortes; as quaes arvores são tão roliças, que parecem torneadas. Cria-se entre a casca e o amago d'esta arvore uma materia grossa e alva, que pega como termentina; e é da mesma côr, ainda que mais alva; o que lança dando-lhe piques na casca em fio, e o mesmo lança ao lavrar e ao serrar, e lança muita quantidade; e se toca nas mãos, não se tira senão com azeite; e se isto não é termentina, parece que fazendo-lhe algum cozimento, que engrossará e coalhará como rezina, que servirá para brear os navios, de que se fará muita quantidade, por haver muita somma d'estas arvores á borda d'agua, e cada uma deita muita materia d'esta.

Guanandî é uma arvore comprida, e não muito grossa, cuja madeira é amarellaça, que serve para obra de casas em parte aonde lhe não toque a agua: a casca d'esta arvore é muito amarella por dentro, e entre ella e o páo lança um leite grosso, e de côr amarella muito fina, o qual pega como visco; e com elle armam os moços aos

passaros; da qual madeira se não faz conta, nem se aproveitam della senão em obras de pouca dura; as quaes arvores são muito compridas, direitas e roliças, de que se fazem mastros para navios.

CAPITULO LXVIII.

Que trata das arvores que dão a envira, de que se fazem cordas e estopa para calafetar navios.

Acham-se pelos matos muitas arvores de que se tira a envira para calafetar: e comecemos a dizer das que se chamam enviroçú, que são arvores grandes, cuja madeira é mole, e não se faz conta della senão para o fogo; as quaes tem a casca aspera por fóra, a qual se esfolla das arvores, e se pisam muito bem, faz-se branda como estopa, que serve para calafetar. Dão estas arvores umas flôres brancas como cebola cecem muito formosas, e da mesma feição, que estão fechadas da mesma maneira, as quaes se abrem como se põe o sol, e estão abertas até pela manhã, emquanto lhe não dá o sol: e como lhe chega se tornam a fechar, e as que são mais velhas cahem no chão; cujo cheiro é suave, mas muito mimoso; e como apertam com ellas não cheiram.

Ha outra arvore meã, que se chama ibiriba, de que se fazem esteios para os engenhos, tirantes e frechaes, e outra obra de casas, tirando taboado por ser má de serrar. Esta madeira é muito dura e má de lavrar, é muito forte para todo o trabalho, e não ha machado com que se possa cortar, que não quebre ou se trate mal, é muito boa de fender; a qual os indios fazem em fios para fachos com que vão mariscar, e para andarem de noute; e ainda que seja verde cortada d'aquella hora, pega o fogo n'ella como em alcatrão; e não apaga o vento os fachos d'ella; e em casa servem-se os indios das achas d'esta madeira, como de candeias, com que se servem de noute á falta d'ellas. Estas arvores se esfollam e abrem-se á mão, as quaes

se fazem todas em fios muitos compridos, que se fiam como canhamo, de que se fazem amarras e toda a sorte de cordoalha, que é tão forte como de cairo; e pisada esta casca muito bem, se faz tão branda e mais que estopa, com o que se calafetam os navios e barcos; e para debaixo d'agua é muito melhor que estopa, porque não apodrece n'agua, e incha muito.

Embiriti é outra arvore meã, cuja madeira é molle, e do entrecasco d'ella se tira envira branca, com que se fazem cordas tão alvas como de algodão, e morrões de espingarda muito bons, que se não apagam nunca, e fazem muito boa braza; o qual entrecasco se tira tão facilmente, que fazem os negros de Guiné d'elle pannos de cinco a seis palmos de largo, e do comprimento que querem; os quaes amassam e pisam com uns páos com que os fazem estender, e ficam tão delgados como lona, mas muito macios, com os quaes se cingem e cobrem.

Goayaimbira é uma arvore pequena, que não é mais grossa que a perna de um homem; cortam-n'a os indios em rolos de dez, doze palmos, e esfolam-na inteira para baixo como coelho, e sahem os entrecascos inteiros; de que os indios fazem aljavas, em que mettem os arcos e flechas, a qual envira é muito alva; de que fazem cordas e murrões de espingarda.

CAPITULO LXIX.

Que trata de algumas arvores muito duras.

O condurú é arvore de honesta grossura, e acham-se algumas que tem tres palmos de testa, e não dão um palmo de amago vermelho, que todo o mais é branco que apodrece logo, e o vermelho é incorrutivel; de que se fazem leitos, cadeiras e outras obras delicadas. D'estes condurús novos se fazem espeques para os engenhos, porque não quebram, por darem muito de si quando lhe fazem força.

Suaçucanga é uma arvore pequena, cujo tronco não é mais grosso que a perna de um homem, a madeira é alvissima como marfim, e com as mesmas aguas, a qual é muito dura; e serve para marchetar em lugar de marfim.

Ha outras arvores grandes de que se fazem esteios para os engenhos, a que os indios chamam ubiraetá, e os Portuguezes páo-ferro, por serem muito duras e trabalhosas de cortar, cuja madeira é pardaça e incorruptivel; as quaes arvores se dão em terra de pedras e lugares asperos.

Ubirapariba é arvore grande, muito dura, de que os indios fazem os seus arcos, a madeira tem a côr parda, e é muito dura de lavrar e de cortar; que pelo ser se não aproveitam d'estas arvores, por quebrarem os machados n'ellas; cuja madeira se não corrompe, nem estallam os arcos, que se d'ella fazem; em os quaes se faz aleonada depois de cortada: e é tão pesada que, em tocando n'agua, se vai logo ao fundo.

Ubirauna são arvores grandes de que se fazem esteios para os engenhos, por se não corromper nunca; cuja madeira é preta, muito dura de lavrar, e tão pesada que se vai ao fundo se a lançam n'agua.

Mandiocahi é uma arvore assim chamada pelo gentio, de honesta grossura e comprimento, de que se fazem esteios dos engenhos e virgens, por ser madeira de muita dura, a qual é pesada e boa de lavrar, e de côr amarellaça.

Ha outras arvores, a que o gentio chama ubirapiroca: são arvores compridas, muito direitas, de que se tira grossura até palmo e meio de testa, de que se fazem tirantes e frechaes de casas. Esta madeira é pesada e vai-se ao fundo, e é muito rija e boa de lavrar; tem estas arvores a casca lisa, a qual pella cada anno, e vem criando outra casca nova por baixo d'aquella pelle.

CAPITULO LXX.

Que trata das arvores que se dão ao longo do mar.

Ao longo do mar se criam umas arvores, a que os Portuguezes chamam espinheiros, e os indios tatagiba, que tem as folhas como

romeira; e os ramos cheios de espinhos; a madeira por fóra é muito aspera e por dentro amarella de côr fina; a qual se lavra muito bem, sem embargo de ser dura; e é tão fixa que não ha quem visse nunca um páo d'estes podre, de que se fazem muitas obras boas.

Pelo salgado ha uma casta de mangues, a que os indios chamam sereîba, que se criam onde descobre a maré, os quaes lançam muitos filhos ao pé todos de uma grossura, delgados, direitos, de grossura que servem para encaibrar as casas de mato, e os mais grossos servem para as casas dos engenhos, por serem muitos compridos e rijos, e de grossura bastante. D'estes mangues se faz tambem lenha para os engenhos, aos quaes cahem algumas folhas, que se fazem amarellas, de que se mantém os caranguejos, que por entre elles se criam; e dão estas arvores umas espigas de um palmo, de feição das dos feijões, e tem dentro um fruto, á maneira de favas, de que tornam a nascer ao pé da mesma arvore, e por derredor d'ella.

Canapaúba é outra casta de mangues, cujas arvores são muito tortas e desordenadas, muito asperas da casca, cujas pontas tornam para baixo em ramos muito lisos, em quanto novos e direitos, e vem assim crescendo para baixo, até que chegam a maré; e como esta chega a elles logo criam ostras, com o pezo das quaes vem obedecendo ao chão até que pega d'elle, e como pega logo lança ramos para cima, que vão crescendo mui desafeiçoados, e lançam mil filhos ao longo d'agua, que tem tão juntos que se afogam uns aos outros.

CAPITULO LXXI.

Em que se trata de algumas arvores moles.

Ha umas arvores muito grandes, a que o gentio chama copaubuçú, cuja madeira é molle, e não serve senão para cinza, para os engenhos fazerem decoada. Estas arvores tem umas raizes sobre a terra, feitas por tal artificio, que parecem taboas postas ali á mão, as quaes lhe cortam ao machado; de que se tiram taboões, de que se fazem

gamellas de cinco, seis palmos de largo, e sete e oito de comprido, d'onde se fazem tambem muitas rodellas, que são como as de adargoeiro, e da vantagem na levidão, cuja madeira é estopenta e muito branda, que não fende.

Paraparaiba é uma arvore, que se dá em boa terra que foi já lavrada, a qual em poucos annos se faz muito alta e grossa, e tem a casca brancacenta, a qual ao longe parece na brancura e grandura o alamo. Tem esta arvore a folha como figueira, mas os pés mais compridos, a madeira é muito mole e oca por dentro; de que fazem bombas aos caravelões da costa; e por dentro tem muitas infindas formigas.

Apeyba é uma arvore comprida muito direita, tem a casca muito verde e lisa, a qual arvore se corta de dous golpes de machado, por ser muito mole; cuja madeira é muito branca, e a que se esfolla a casca muito bem; e é tão leve esta madeira, que traz um indio do mato ás costas tres páos d'estes de vinte e cinco palmos de comprido e da grossura da sua coxa, para fazer d'elles uma jangada para pescar no mar á linha; as quaes arvores se não dão senão em terra muito boa.

Penaiba é uma arvore comprida e delgada, muito direita, cuja madeira é leve e de côr de pinho, que serve para mastros e vergas das embarcações da terra, a qual dá de si muito e não estala; mas não dura muitos annos, porque a corrompe a chuva.

Geremari é outra arvore, que se dá pela terra dentro, a qual é delgada no pé, e muito grossa em cima; e dá umas favas brancas; cuja madeira não serve mais, que para o fogo.

Dão-se nas campinas perto do mar umas arvores, que se parecem com os cajueiros, de que já fallamos, que não dão fruto, que se chama cajupeba, tem estas arvores a folha brancacenta, crespa e aspera como de amoreira, a casca d'estas arvores é secca como de sobreiro. A madeira é leve, mas muito liada, que não fende, de que se tiram curvas para barcos, e se fazem vasos de sellas, e d'estas folhas podem manter bichos de seda, se os levarem a estas partes.

Pelo sertão da Bahia se criam umas arvores muito grandes em

comprimento e grossura, a que os indios chamam ubiragara, das quaes fazem umas embarcações para pescarem pelo rio e navegárem, de sessenta e setenta palmos de comprido, que são facilissimas de fazer; e porque se cortam estas arvores muito depressa por não ter dura mais; que a casca e o amago é muito molle e tanto que dous indios em tres dias tiram com suas fouces o miolo todo a estas arvores, e fica a casca só, que lhe serve de canoas, tapadas as cabeças, em que se embarcam vinte e trinta pessoas.

CAPITULO LXXII.

Em que se apontam algumas arvores de cheiro.

Entre as arvores de cheiro, que se acham na Bahia, ha uma a que os indios chamam carunje, que se parece na folha, na casca e no cheiro aos loureiros de Hespanha, mas não na baga; cuja madeira é sobre o molle, que se gasta no fogo dos engenhos.

Anhaybatãa é uma arvore que se dá em varzeas humidas e de area a qual na grandeza e feição é como o louro, cuja madeira é muito molle e de côr almecegada; o entre casco d'esta arvore é da côr de canella; e cheira, queima, e sabe como canella; mas tem a quentura mais branda, e sem duvida que parece canella, e parece que se a beneficiarem, que será muito fina, porque o entrecasco dos ramos queima mais do que o do tronco da arvore.

Jacarandá é uma arvore de bom tamanho, que se dá nas campinas em terras fracas, cuja madeira é preta com algumas aguas; e é muito dura, e boa de lavrar para obras primas; e é muito pezada, e não se corrompe nunca sobre a terra, ainda que lhe dê o sol e chuva, a qual tem muito bom cheiro.

Jucuriaçu é uma arvore que se dá em terras fracas, e não é demasiada na grandeza, mas com tudo se acham algumas, que dão tres palmos de testa: a madeira d'esta arvore não se corrompe nunca, é

dura, pezada, e muito boa de lavrar para obras primas. Ha uma casta de côr parda, com aguas pretas, e outra vermelhaça, com aguas tambem pretas, umas e outras da feição do chamalote; e umas e outras tem o cheiro suavissimo, e na casa onde se lavra sahe o cheiro por toda a rua, e os seus cavacos no fogo cheiram muito bem; a qual madeira é muito estimada em toda a parte pelo cheiro e formosura.

Mucetayba é uma arvore que se dá em terras boas e não é de demaziada grandeza, a que chamam em Pernambuco páo santo; cuja madeira é de honesta grossura, muito rija e pezada, mas boa de lavrar e melhor de tornear, e tem boas aguas, para se della fazer obras de estima; nunca se corrompe do tempo, e cheira muito bem.

Ubirataya é outra arvore que não é grande, cuja madeira é mole, de côr parda, que cheira muito bem; e na casa onde se queima recende o cheiro por toda a rua.

Entagapena é uma arvore que tem a madeira dura, com agua sobre alconado, cheira muito bem, de que se fazem contas muito cortezãs, e o gentio as suas espadas.

CAPITULO LXXIII.

Em que se trata de arvores de que se fazem remos e hastes de lanças.

Atraz tratamos do genipapo no tocante ao fruto, agora lhe cabe tratar no tocante á madeira; cujas arvores são altas, e de honesta grossura, tem a folha como castanheiro; a madeira é de côr branca, como buxo, de que se fazem muitos e bons remos, que duram mais que os de faia; em quanto verdes são pezados, mas depois de secos são muito leves; esta madeira não fende nem estalla, de que se faz tambem toda a sorte de poleame, por ser doce de lavrar; e cabos e cepos para toda a ferramenta de toda a sorte.

Huacã é outra arvore de que se fazem remos para os barcos, a qual se dá em terras humidas e de arêa São estas arvores de meã

grossura, e quando se lavram fazem um rôxo claro muito formoso, mas dura-lhe pouco a côr; as quaes, depois de derrubadas, as fendem os indios de alto a baixo em quartos, para fazerem os remos, que não duram tanto como os do genipapo.

Ha outras arvores, a que os indios chamam ubiratinga, que não são grossas, mas compridas e direitas, e tem a casca aspera; a côr da madeira é açafroada e boa de fender; o que se lhe faz para fazerem hastes de lança e arremeções, que se fazem muito formosos, e de dardos que são mais pesadas que as de Biscaia; mas mais duras e formosas. Dão-se estas arvores em terras baixas e humidas perto do salgado.

CAPITULO LXXIV.

Em que se diz de algumas arvores que tem ruim cheiro.

N'estes matos se acham umas arvores meãs e direitas, de que se fazem obras de casas, a sua madeira por fôra é almecegada e o amago por dentro muito preto; mas quando a lavram não ha quem lhe sofra o fedor, porque é peor que o de umas necessarias, e chegar os cavacos aos narizes é morrer, que tão terrivel fedor tem: e mettendo-se no fogo se refina mais o fedor; a estas arvores chamam os indios ubirarema, que quer dizer madeira que fede muito.

Ha outra casta de ubirarema, cujas arvores são grandes e desordenadas nos troncos, como as oliveiras; cujos ramos, folhas, cascas e madeira fedem a alhos, de feição que quem os aperta com as mãos lhe ficam fedendo de maneira que se lhe não tira em todo o dia o cheiro, e tem estas arvores as folhas da feição das ameixeiras.

Ao pé de algumas arvores se criam uns ramos como parreiras, da grossura e da feição de uma corda meã, a que os indios chamam cipós, os quaes atrepam pelas arvores acima como as videiras; os quaes cipós cheiram a alhos, e quem pega d'elles não se lhe tira o cheiro, em todo aquelle dia, por mais que se lave.

CAPITULO LXXV.

Em que se apontam algumas arvores que dão frutos silvestres que se não comem.

Nos matos se criam umas arvores de honesta grandura, a que os indios chamam comedoy, de cuja madeira se não faz conta. Esta arvore dá umas bainhas como feijões, meios vermelhos e meios pretos, mui duros, de finas cores, que é a semente de que as arvores nascem, os quaes servem para tentos, e são para isso mui estimados.

Araticurana é uma arvore do tamanho e feição do marmeleiro; as quaes se criam nos alagadiços, onde se ajunta a agua doce com a salgada, cuja madeira é mole e liza que se esfola toda em lhe puxando pela casca. Dão estas arvores um fruto tamanho como marmelos, lavrado pela casca, como pinha, e muito lizo, o qual arregoa como é maduro, e cheira muito bem. Este fruto comem os indios a medo, por que tem para si que quando os caranguejos da terra fazem mal, que é por comerem esta fruto naquelle tempo.

Anhangáquiabo quer dizer pente do diabo; é arvore de bom tamanho, cujo fruto são umas bainhas grandes; tem dentro em si uma cousa branca e dura, affeiçoada como pente, do que os gentios se aproveitavam antes de communicarem com os Portuguezes e se valerem dos seus pentes.

Cuiêyba é uma arvore tamanha como nogueira, e tem a folha como nogueira, a qual se não cria em ruim terra, e dá umas flores brancas grandes. Da madeira se não trata, porque as não cortam os indios: por estimarem muito o seu fruto, que é como melões, maiores e menores de feição redonda e comprida, o qual fruto se não dá entre as folhas como as outras arvores, senão pelo tronco da arvore e pelos braços d'ella, cada um por si: estando esta fruta na arvore, é da côr dos cabaços verdes, e como os colhem, cortam-nos pelo meio ao comprido e lançam-lhe fóra o miolo, que é como o dos cabaços; e vão curando estas

peças até se fazerem duas, dando-lhe por dentro uma tinta preta e por fóra amarella que se não tira nunca; ao que os indios chamam cuias, que lhe servem de pratos, escudelas, pucaros, taças e de outras cousas.

Ha outras arvores meãs, a que os indios chamam jatuaîba, cuja madeira é muito pezada, ás quaes cahe a folha cada anno, e torna a rebentar de novo. Esta arvore dá umas frutas brancas do tamanho e feição de azeitonas cordovezas.

Pelo certão se criam umas arvores aque os indios chamam beribebas, que dão um fruto do tamanho e feição de noz moscada, o qual amaruja e requeima como ella.

CAPITULO LXXVI.

Que trata dos cipós e o para que servem.

Deu a natureza no Brazil, por entre os seus arvoredos, umas cordas muito rijas e muitas, que nascem aos pés das arvores e atrepam por ellas acima, a que chamam cipós, com que os indios atam a madeira das suas casas, e os brancos que não podem mais; com que escusam pregadura: e em outras partes servem em logar de cordas, e fazem d'elles cestos melhores que de vimes, e serão da mesma grossura, mas tem comprimento de cinco e seis braças.

N'estes mesmos matos se criam outras cordas mais delgadas e primas, que os indios chamam timbós; que são mais rijos que os cipós acima, servem do mesmo, aos quaes fendem tambem em quatro partes, e ficam uns fios mui lindos como de rota da India em cadeiras, e com estes fios atam a palma das casas quando as cobrem com ella, do que fazem tambem cestos finos; e fazer-se-ha d'elles tudo que se faz da rota da India.

Ha outra casta, que os indios chamam timborana, que é da mesma feição dos timbós, mas não são tão rijos, do que se aproveitam os indios, quando não acham os timbós.

Criam-se tambem n'estes matos uns cipós muito grossos, a que os indios chamam cipó-embé, cujo nascimento é tambem ao pé das arvores, por onde atrepam; e são tão rijos que tiram com elles as gangorras dos engenhos do mato e as madeiras grossas; pelos quaes puxam cem e duzentas Indios, sem quebrarem, e se acertam de quebrar, tornam-se logo a atar, e com elles varam as barcas em terra, e as deitam ao mar, e acham-nos tão grossos como são necessarios; com os quaes se escusam calabretes de linho.

CAPITULO LXXVII.

Que trata de algumas folhas proveitosas que se criam no mato.

Cáeté é uma folha que se dá em terra boa e humida, que é da feição das folhas das alfaces estendidas, mas de quatro e cinco palmos de comprido, e são muito tezas; as quaes nascem em touças muito juntas, e tem o pé de quatro e cinco palmos de comprido, e não fazem arvore. Servem estas folhas aos indios para fazerem d'ellas uns vasos, em que metem a farinha, quando vão a guerra, ou algum outro caminho, onde a farinha vai de feição que ainda que chova muito não lhe entra agua dentro.

Capara é outra folha, que nasce como a de cima, mas em cada pé estão pegadas quatro folhas como as atraz, pegadas umas nas outras; com estas folhas arma o gentio em umas varas uma feição como esteira muito tecida, e fica cada esteira de trinta palmos de comprimento e tres de largo, e assentam-nas sobre o emmadeiramento das casas, com o que ficam muito bem cobertas; e dura uma cobertura d'estas sete, oito annos e mais.

Tocum é uma herva, cujas folhas são como de cannas do reino, mas mais curtas e brandas; a vara onde se criam é cheia de espinhos pretos, e limpa d'elles fica como rota da India. Estas folhas quebram os indios ás mãos, e tiram d'ella o mais fino linho do mundo, que

parece seda, de que fazem linhas de pescar torcidas á mão, e são tão rijas que não quebram com peixe nenhum. Este tocum, ou seda que d'elle sahe, é pontualmente do toque da herva da India, e assim o parece; do qual se farão obras mui delicadas, se quizerem.

E porque se não póde aqui escrever a infinidade das arvores e hervas que ha pelos matos e campos da Bahia, nem as notaveis qualidades e virtudes que tem, achamos que bastava para o proposito d'este compendio dizer o que se contém em seu titulo; mas ha-se de notar que aos arvoredos d'esta provincia lhe não cahe nunca a folha, e em todo o anno estão verdes e formosos.

CAPITULO LXXVIII.

Summario das aves que se criam na terra da Bahia de Todos os Santos do Estado do Brazil.

Já que temos satisfação com o que está dito no tocante ao arvoredo que ha na Bahia de Todos os Santos, e com os frutos, grandeza e estranhezas d'ella, e ainda que o que se disse é o menos que se póde dizer, por haver muitas mais arvores, convém que se dê conta quaes aves se criam entra estes arvoredos, e se mantem de seus frutos e frescura d'elle.

E peguemos logo da aguia como da principal ave de todas as criadas. A aguia, a que o gentio chama cabureaçû, é tamanha como as aguias de Hespanha, tem o corpo pardaço e as azas pretas; tem o bico revolto, as pernas compridas, as unhas grandes e muito voltadas, de que se fazem apitos; criam em montes altos, onde fazem seus ninho e põem dous ovos sómente; e sustentam os filhos da caça que tomam, de que se mantêm.

Criam-se n'estes matos emas muito grandes, a que o gentio chama nhandú, as quaes se criam pela terra dentro em campinas, e são tamanhas como as da Africa, e eu vi um quarto de uma depennada tamanho de um carneiro grande. São estas aves brancas, outras cinzentas, e outras malhadas de preto, as quaes tem as pennas muito

grandes, mas não tem n'ellas tanta penugem como as da Alemanha; os seus ovos não são redondos, nem tamanhos como os das da Africa. Estas aves fazem os ninhos no chão, onde criam; e mantem os filhos com cobras, e outros bichos que tomam, e com frutas do campo; as quaes não voam levantadas do chão, correm em pulos, com as azas abertas: tomam-nas os indios a coço; e tanto as seguem, até que as cançam, e de cançadas as tomam. Tem estas aves as pernas e pescoço compridos, cuja carne é dura, mas muito gostosa: das pennas se aproveita o gentio, e fazem d'ellas uma roda de penachos, que pelas suas festas trazem nas costas, que tem em muita estima.

Tabuiaiá é uma ave muito maior que pato; tem as pernas altas, os pés grossos, a côr parda, o bico grosso e grande; tem sobre o bico, que é branco, uma maneira de crista vermelha, e sobre a cabeça umas pennas levantadas, como poupa. Criam em arvores altas, os ovos são como de patos, mantem-se de frutas do mato; cuja carne é dura, mas boa para comer.

CAPITULO LXXIX.

Em que se declara a propriedade do macucagoá, motum e das gallinhas do mato.

Macuagoá é uma ave grande de côr cinzenta, do tamanho de um grande pato, mas tem no peito mais titellas que dous galipavos, as quaes são tenras como de perdiz, e da mesma côr; a mais carne é sobre dura, sendo assada, mas cozida é muito boa. Tem estas aves as pernas compridas, cheias de escamas verdoengas; tem o bico pardaço da feição da gallinha; voam pouco e ao longo do chão, por onde correm muito; e as tomam com cães a coço, e ás vezes as matam as flexadas; criam no chão, onde põe muitos ovos, em ninhos como de gallinhas; mas tem a casca verde de côr muito fina, e mantem-se das frutas do mato.

Motúm são umas aves pretas nas costas, azas e barriga branca; são do tamanho dos gallipavos, tem as pernas compridas e pretas, e sobre a

cabeça umas pennas levantadas como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde os matam a flexadas e as tomam a coço com cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e a clara d'elles é como mateiga de porco derretida, a qual enfastia muito. Tem estas aves o bico preto como de corvo, e tocado ao redor de vermelho, á maneira de crista; a carne d'estas aves é muito boa, pontualmente como a de gallipavos, e tem no peito muitas mais titellas.

Jacús são umas aves a que os Portuguezes chamam gallinhas do mato, e são do tamanho das gallinhas e pretas; mas tem as pernas mais compridas, a cabeça e pés como gallinha, o bico preto, cacaream como perdizes, criam no chão, e têem o vôo muito curto; mantêm-se de fructas, matam-nas os indios ás flexadas; cuja carne é muito boa, e tem o peito cheio de titellas como perdiz da mesma côr, e muito tenras; a mais carne é dura para assada, e cozida é muito boa.

Tuyuyú é uma ave grande de altura de cinco palmos, tem as azas pretas, e papo vermelho, e o mais branco; tem o pescoço muito grande, e o bico de dous palmos de comprido: fazem os ninhos no chão, em montes muito altos, onde fazem grande ninho, em que põem dous ovos, cada um como um grande punho: mantem os filhos com peixe dos rios, o qual comem primeiro, e recozem-o no papo, e depois arreveçam-o, e repartem-no pelos filhos.

CAPITULO LXXX.

Em que se declara a natureza dos canindés, aráras e tucanos.

Canindé é um passaro tamanho como um grande gallo; tem as pennas das pernas, barriga e collo amarellas, de côr muito fina, e as costas acatasoladas de azul e verde, e as das azas e rabo azues, o qual tem muito comprido, e a cabeça por cima azul, e ao redor do bico amarello; tem o bico preto, grande e grosso; e as pennas do rabo e

as das azas são vermelhas pela banda debaixo. Criam em arvores altas, onde os indios os tomam novos nos ninhos, para se criarem nas casas; porque fallam e gritam muito, com voz alta e grossa: os quaes mordem mui valentemente, e comem fructas das arvores, e em caza tudo quanto lhe dão; cuja carne é dura, mas aproveitam-se della os que andam pelo mato. Os indios se aproveitam das suas pennas amarellas para as suas carapuças, e as do rabo, que são de tres e quatro palmos, para as embagaduras das suas espadas.

Arára é outro passaro do mesmo tamanho e feição do canindé, mas tem as pennas do collo, pernas e barriga vermelhas, e as das costas, das azas, e do rabo azues, e algumas verdes, e a cabeça e pescoço vermelho, e o bico branco e muito grande, e tão duro que quebram com elle uma cadeia de ferro, os quaes mordem muito e gritam mais. Criam estas aves em arvores altas, comem fructas do mato e milho pelas roças, e a mandioca quando está a curtir. Os indios tomam estes passaros quando são novos nos ninhos, para os criarem; os quaes depois de grandes cortam com o bico por qualquer páo, como se fosse uma inxó. A sua carne é como a dos canindés, de cujas pennas se aproveitam os indios.

Tucanos são outras aves do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas azulada, a das azas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxel muito miudo de finissimo amarello, o qual os indios esfolam para forro de carapuças. Tem a cabeça pequena, o bico branco e amarello, muito grosso, e alguns são tão compridos como um palmo, e tão pesados que não podem com elle quando comem, porque tomam grande bocado, com o que viram o bico para cima, porque não póde o pescoço com tamanho pezo, como têem. Criam estes passaros em arvores altas, e tomam-nos novos para se criarem em casa; os bravos matam os indios á flexa, para lhe esfolarem o peito, cuja carne é muito dura e magra.

CAPITULO LXXXI.

Em que se diz das aves que se criam nos rios e lagoas da agua doce.

Ao longo dos rios da agua doce se criam mui formosas garças, a que o gentio chama uratinga, as quaes são brancas, e tamanhas como as de Hespanha. Tem as pernas longas, pescoço e bico mui comprido, pernas e pés amarellos, e tem entre os encontros um molho de plumas, que lhe chegam á ponta do rabo, que são mui alvas e formosas, e para estimar; e são estas garças muito magras, e criam no chão junto da agua; mantem-se do peixe, que tomam nos rios, e esperam mal que lhe atirem.

Criam-se mais ao longo d'estes rios e nas alagôas muitas adens, a que o gentio chama upeca, que são da feição das de Hespanha, mas muito maiores, as quaes dormem em arvores altas, e criam no chão perto da agua. Comem peixe, e da mandioca que está a curtir nas ribeiras; tomam os indios estas adens, quando são novas, e criam-nas em casa, onde se fazem muito domesticas.

Aguapeaçoca é uma ave do tamanho de um frangão; tem as pernas muito compridas, e o pescoço e o vestido de penna aleonada, e derredor do bico uma rosa muito amarella; e tem nos encontros das azas dous esporões de osso amarello, e nas pontas dellas outros dous, com que offendem aos passaros com que pelejam. Andam estas aves nas alagôas, e criam nas junqueiras junto dellas, onde põem tres ovos não mais, e mantem-se de caracóes que buscam.

Jabacatim é um passaro tamanho como um pintão, tem o bico comprido, o peito vermelho, a barriga branca, as costas azues, criam em buracos, que fazem nas barreiras sobre os rios, ao longo dos quaes andam sempre com os pés pela agua a tomar peixinhos, de que se mantem.

E ha outros mais pequenos da mesma feição e costumes, a que o gentio chama garirama.

Jacuaçu são outras aves da feição das garças grandes, e do seu tamanho; são pardas e pintadas de branco, andam nos rios e lagôas, criam ao longo dellas e dos rios, no chão; mantem-se do peixe que tomam.

CAPITULO LXXXII.

Das aves que se parecem com perdizes, rolas e pombas.

Picaçu é como pomba brava, mais pequena alguma cousa; tem a côr cinzenta, os pés vermelhos; cria no chão, onde põem dous ovos; tem o peito e carne mui saborosa.

Payrary é uma ave do tamanho, côr e feição das rolas, as quaes criam no chão em ninhos, em que põem dous ovos, e tomam-nos em redes, e amançam-nas em casa de maneira que criam como pombas, as quaes tem o peito muito cheio, e boa carne.

Jurutis é outra casta de rolas do mesmo tamanho, mas são alconadas, e tem o bico pardo; tambem criam no chão, onde põem dous ovos, e tomam-nas em redes; cuja carne é muito tenra e boa.

Nambú é uma ave da côr e tamanho da perdiz, tem os pés e bico vermelho, voam ao longo do chão, por onde correm muito, e criam em ninhos que fazem no chão, onde põem muitos ovos. Estas aves tem grande peito cheio de titellas muito tenras e saborosas.

Ha outras aves, a que os indios chamam piquepebas, que são da feição das rolas, e da mesma côr, mas são mais pequenas, e tem as pernas vermelhas e o bico preto; estas andam sempre pelo chão, onde criam, e põem dous ovos; as quaes o mais do tempo andam esgaravatando a terra com o bico, buscando umas pedrinhas brancas de que se mantem.

CAPITULO LXXXIII.

Em que se relata a diversidade que ha de papagaios.

Ageruaçu são uns papagaios grandes todos verdes, que tem tamanho corpo como uma adem, os quaes se fazem mui domesticos em casa, onde fallam muito bem: estes no mato criam em ninhos, em arvores altas; são muito gordos e de boa carne, e muito saborosos; mas hão de ser cozidos.

Ageruété são uns papagaios verdadeiros que se levam a Hespanha, os quaes são verdes, e tem os encontros das azas vermelhos, e o toucado da cabeça amarello; criam nas arvores em ninhos, e comem a fructa dellas, de que se mantem; cuja carne se come; e para se amançarem tomam-nos novos.

Ha outros papagaios a que chamam coricas, que são todos verdes, e não tem mais que o só queixo amarello, e algumas pennas nas azas encarnadas; os quaes criam em ninhos nas arvores, donde fazem grande damno nas searas do milho; tomam-nos novos para se amançarem em casa, onde fallam muito bem; cuja carne comem os que andam pelo mato, mas é dura.

Marcaná é um passaro verde todo, como papagaio, tem a cabeça toucada de amarello, o bico grosso e sobre o grande, e voltado para baixo, o rabo comprido e vermelho: criam-se em arvores altas, em ninhos; e amançam-se alguns por que fallam, cuja carne é dura, mas come-a quem não tem outra melhor.

Ha uns passarinhos todos verdes, que tem os pés e bico branco, a que os indios chamam tuim; tem o bico revolto para baixo, e criam em arvores, em ninhos de palha, perto do mar e não os ha pelo sertão; os quaes andam em bandos: tomam-nos em novos para se criarem em casa, onde fallam muito claro e bem, e tem muita graça no que dizem.

Ha outros passaros todos verdes, maiores que os tuins, que tem o bico branco voltado, toucado de amarello e azul, que criam em arvores,

em ninhos, d'onde se tomam em novos, para se criarem em casa, aonde fallam tambem: estes andam em bandos destruindo as milharadas.

CAPITULO LXXXIV.

Em que se conta a natureza de algumas aves da agua salgada.

Na Bahia ao longo da agua salgada, nas ilhas que ella tem, se criam garcetas pequenas, a que os indios chamam carabuçú: algumas são brancas e outras pardas, as quaes dão umas plumas cinzentas pequenas, muito fidalgas para gorro; todas criam ao longo do mar, onde tomam peixe, de que se mantem, e caranguejos novos; e esperam bem a espingarda.

Ha outros passaros, a que os indios chamam uîrateonteon, que se criam perto do salgado, que são pardos, e tem o pescoço branco, o bico verde, e são tamanhos como adens, e tem os pés da sua feição. Estes passaros andam no mar perto da terra, e voam ao longo d'agua tanto sem descançar, até que cahem como mortos; e assim descançam até que se tornam levantar, e voam.

Carapirá é uma ave, a que os mareantes chamam rabiforcado, os quaes se vão cincoenta e sessenta leguas ao mar, d'onde se recolhem para a Bahia, diante de algum navio do reino, ou do vento sul que lhe vem nas costas ventando, d'onde tornam logo fazer volta ao mar; mas criam em terra ao longo d'elle.

Jaború é outra ave tamanha como um grou, tem a côr cinzenta, as pernas compridas, o bico delgado e mais que de palmo de comprido; estas aves criam em terra ao longo do salgado, e comem o peixe que tomam no mar, perto da terra por onde andam.

Ao longo do salgado se criam uns passaros, a que os indios chamam urateon: são pardos, tamanhos como frangàos, tem as pernas vermelhas, o bico preto e comprido; são mui ligeiros, e andam sempre

sobre a agua salgada, saltando em pulos, espreitando os peixinhos de que se mantem.

Ao longo do mar se criam outros passaros, a que os indios chamam aty; tem o corpo branco, as azas pretas, o bico de peralto, com que cortam o peixe como com tesoura; tem as pernas curtas e brancas; andam sempre nas barras do rio buscando peixe, do que comem.

Matuim-açú são uns passaros, que andam sempre sobre os mangues, tamanhos como franganitos, de côr pardaça; tem as pernas e bico preto, e mantem-se de peixe que tomam.

Matuimirim são outros passaros de feição dos de cima, mas mais pequenos e brancacentos; mantem-se do peixe que tomam; e uns e outros criam no chão ao longo do salgado.

Pitaoão são passarinhos do tamanho e côr dos canarios, e tem uma corôa branca na cabeça; fazem grandes ninhos nos mangues, ao longo dos rios salgados, onde poem dous ovos; e mantem-se dos peixinhos que alcançam por sua lança.

Ha umas aves como garcetas, a que os indios chamam socóry, que tem as pernas compridas e amarellas, o pescoço longo, o peito pintado de branco e pardo, e todo o mais pardo; criam em terra no chão, perto da agua salgada, aonde se mantem do peixe que n'elle tomam, e de caranguejos dos mangues.

Margui é um passaro pequeno e pardo, tem as pernas mui compridas, o bico e pescoço longo; e está sempre olhando para o chão e como vê gente foge dando um grande grito. Estas aves se criam ao longo do salgado, e mantem-se do peixe que tomam no mar.

CAPITULO LXXXV.

Em que se trata de algumas aves de rapina que se criam na Bahia.

Urubús são uns passaros pretos, tamanhos como corvos, mas tem o bico mais grosso, e a cabeça como gallinha cucurutada, e as pernas pretas, mas tão sajos que fazem seu feitio pelas pernas aboixo, e

tornam-no logo a comer. Estas aves tem grande fáro de cousas mortas, que é o que andam sempre buscando para sua mantença, as quaes criam em arvores altas: algumas ha manças em poder dos indios que fomaram nos ninhos.

Tôató é um passaro, que é na feição, na côr e no tamanho um gavião, e vive de rapina no mato; e em povoado não lhe escapa pintão que não tome, e criam em arvores altas.

Uraoaçú são como os minhotos de Portugal, sem terem nenhuma differença; são pretos e tem grandes azas, cujas pennas os indios aproveitam para empenarem as flexas, os quaes vivem de rapina no mato, e em povoado destroem uma fazenda de gallinhas e pintãos.

Sabiápitanga são uns passaros pardos como pardaes, que andam pelos monturos, e correm pelo chão com muita ligeireza, e mantem-se da mandioca que furtam dos indios quando está a curtir; os quaes criam em ninhos em arvores.

Carácará são uns passaros tamanhos como gavíões, tem as costas pretas, as azas pintadas de branco e o rabo, o bico revolto para baixo, os quaes se mantem de carrapatos, que trazem as alimarias, e de lagartixas que tomam; e quando as levam no bico vão apoz elles uns passarinhos, que chamam suiriri, para que as larguem; e vão-nos picando, até que de perseguidos se poem no chão, com a lagartixa debaixo dos pés, para a defender.

Oacaoam são passaros tamanhos como gallinhas, tem a cabeça grande, o bico preto voltado para baixo, a barriga branca, o peito vermelho, o pescoço branco, as costas pardas, o rabo e azas pretas e brancas. Estes passaros comem cobras que tomam, e quando fallam se nomeam pelo seu nome; em os ouvindo, as cobras lhes fogem, por que lhe não escapam; com as quaes mantem os filhos. E quando o gentio vai de noite pelo mato que se teme das cobras vai arremedando estes passaros para as cobras fugirem.

Pela terra dentro se criam umas aves, a que os indios chamam urubutinga, que são do tamanho dos gallipavos; e são todos brancos, e tem crista como os gallipavos. Estas aves comem carne que acham pelo campo morta, e ratos que tomam; as quaes poem um só ovo,

que mettem em um buraco, onde o tiram; e mantem n'elle o filho com ratos que lhe trazem para comer.

CAPITULO LXXXVI.

Em que se contém a natureza de algumas aves nocturnas.

Urucuream é uma ave, pontualmente como as corujas de Hespanha; umas são cinzentas e outras brancas; gritam de noite como corujas; as quaes criam no mato em troncos de arvores grossas, e em povoado nas igrejas, de cujas alampadas comem o azeite.

Jucurutú é uma ave tamanha como um franga, que em povoado anda de noite pelos telhados; e no mato cria em tocas de arvores grandes, e anda ao longo dos caminhos; e aonde quer que está, toda noite está gritando pelo seu nome. Esta ave é de côr brancacenta, tem as pernas curtas, a cabeça grande com tres listas pardas por ella que parecem cutiladas, e duas pennas n'ella de feição de orelhas.

Ha outros passaros, a que os indios chamam ubujaús, que são tamanhos como pintãos, tem a cabeça grande, o rabo comprido; e são todos pardos e muito cheios de penujem, os quaes andam de noite gritando cuxaiguigui.

Ha outros passaros do mesmo nome mais pequenos, que são pintados, os quaes andam de madrugada dando os mesmos gritos e uns e outros criam no chão, onde poem dous ovos somente; e mantem-se das frutas do mato.

Ha outros passaros pardos, a que os indios chamam oitibó, com que tem grande agouro; os quaes andam ordinariamente gritando oitibó, e de dia não os vê ninguem; e mantem-se das frutas e folhas de arvores, onde lhe amanhece.

Aos morcegos chamam os indios andura; e ha alguns muito grandes, que tem tamanhos dentes como gatos, com que mordem; criam nos concavos das arvores, e nas casas e logares escuros; ás

femeas parem quatro filhos e trazem-os pendurados ao pescoço com as cabeças para baixo, e pegados com as unhas ao pescoço da mãi; quando estes morcegos mordem alguem que está dormindo de noite, fazem-no tão subtilmente que se não sente; mas a sua mordedura é mui peçonhenta. Nas casas de purgar assucar se criam infinidade d'elles, onde fazem muito damno, sujando o assucar com o seu feitio, que é como de ratos; e comem muito d'elle.

CAPITULO LXXXVII.

Em que se declara de alguns passaros de diversas côres e costumes.

Uranhengatá é uma ave do tamanho de um estorninho, que tem o peito, pescoço, barriga e coxas de fino amarello, e as costas, azas e rabo de côr preta mui fina, e a cabeça e de redor do bico um só queixo amarello, e as pernas e pés como flouba: os quaes criam em ninhos, em arvores altas, onde os tomam em novos e os criam em casa, onde se fazem tão domesticos, que vão comer ao mato e tornam para casa.

Sabiátinga são uns passarinhos brancos, que tem as pontas das azas pretas, e as do rabo que tem compridas, os quaes criam em ninhos que fazem nas arvores, mantem-se das pimentas que buscam; de cujo feitio se criam pelo campo muitas pimenteiras.

Tiépiranga são passaros vermelhos do corpo, que tem as azas pretas, e são tamanhos como pintarroxos; criam em arvores, onde fazem seus ninhos; aos quaes os indios esfolam os peitos para forrarem as carapuças, por serem muito formosos.

Gainambì são uns passarinhos muito pequenos, de côr apavonada, que tem os bicos maiores que o corpo, e tão delgados como alfinetes: comem aranhas pequenas e fazem os seus ninhos das suas têas; tem as azas pequenas e andam sempre bailando no ar, espreitando as aranhas; criam em tocas de arvores.

Ha outra ave, a que os indios chamam ayayá, que é do tamanho de uma franga toda vermelha, tem o bico verde, os pés pretos e o cabo do bico amaçado como pata; fazem seus ninhos em arvores altas, e mantem-se da fruta d'ellas.

Jaçanã são uns passaros pequenos todos encarnados e os pés vermelhos: criam-se em arvores altas, onde fazem os ninhos, e mantem-se das frutas do mato.

Ha outros passarinhos pequenos todos vestidos de azul, côr muito subida, aos quaes os indios chamam sayubui, que tem o bico preto, e crião em arvores, e mantem-se dos bichinhos da terra.

Tupiana são uns passarinhos que tem o peito vermelho, a barriga branca e o mais azul; e tem os bicos compridos, muito delgados; e criam nas arvores, em ninhos, e mantem-se de bichinhos.

Tiéjuba são passarinhos pequenos que tem o corpo amarello, as azas verdes, o bico preto; criam em tocas de arvores, e mantem-se de pedrinhas que apanham pelo chão.

Macacica é um passaro pequeno que tem as azas verdes, a barriga amarella, as costas e o rabo pardo, e o bico preto; fazem estes passaros os ninhos nas pontas das arvores, dependurados por um fio da mesma arvore; e os ninhos são de barro e palha, com curucheos por cima muito agudos, e servem-se por uma portinha, onde poem dous ovos: e fazem os ninhos d'esta feição por fugirem as cobras que lhes comem os ovos, se os acham em outra parte.

Ha outros passaros que os indios chamam sijá, que são tamanhos como papagaios todos verdes, e o bico revolto para baixo, os quaes criam em tocas de arvores, de cuja fruta se mantem.

CAPITULO LXXXVIII.

Em que se trata de alguns passarinhos que cantam.

Suiriri são uns passarinhos como chamarizes, que criam em ninhos nas arvores, os quaes se mantem com bichinhos e formigas, das que

tem azas, a que em Portugal chamam agudes; estes se criam em gaiolas, onde cantam muito bem, mas não dobram muito quando cantam.

Ha outros passaros pretos, com os encontros amarellos, a que os indios chamam urandi, que criam em ninhos de palha, onde poem dous ovos, os quaes cantam muito bem.

Ha outros passarinhos, a que os indios chamam uraenhangatá, que são quasi todos amarellos, que criam em ninhos de palha que fazem nas arvores, os quaes cantam nas gaiolas muito bem.

Criam-se em arvores baixas em ninhos outros passaros, a que o gentio chama sabiá coca, que são todos aleonados muito formosos, os quaes cantam muito bem.

Pexarorem são uns passarinhos todos pretos tamanhos como calhandros, que andam sempre por cima das arvores, mas comem no chão bichinhos e cantam muito bem.

Querejuá são uns passarinhos todos azues de côr finissima, que andam sempre por cima das arvores, onde criam e se mantem com o fruto d'ellas, e cantam muito bem.

Muiepereru são uns passarinhos pardos tamanhos como carriças; criam nos buracos das arvores e das pedras, poem muito ovos, comem aranhas e minhocas, cantam como roxinões, mas não dobram tanto como elles.

CAPITULO LXXXIX.

Que trata de outros passaros diversos.

Nhapupé é uma ave do tamanho de uma franga, de côr aleonada, tem os pés como gallinha, a qual anda sempre pelo chão, onde cria e poem muitos ovos de fina côr aleonada, cuja carne é dura, e come-se cozida.

Saracura é uma ave tamanha como gallinha, de côr aleonada, que tem as pernas muito compridas, e o pescoço e bico comprido; cria no chão, onde chega a maré de aguas vivas, que se mistura com

agua doce; as quaes não andam pelo salgado, nem pelo mato grande, mas ao longo d'elle: de noite carcarea como perdiz; e tem o peito cheio de titellas tenras, e a mais carne é boa tambem.

Orús são umas aves tamanhas como papagaios, de côr preta e o bico revolto; criam em arvores altas, e quando tem filhos nos ninhos remettem aos indios, que lh'os querem tomar; estas aves tem grande peito cheio de titellas, as quaes e a mais carne são muito tenras e saborosas como gallinha.

Anú é outra ave preta, do tamanho e feição de gralha; e andam sempre em bandos, voando de arvore em arvore ao longo do chão; criam em arvores baixas em ninhos, e mantem-se de uma baga preta como murtinhos, e de outras frutinhas que buscam.

Magoari é outra ave de côr branca, que faz tamanho vulto como uma garça, e tem as pernas e pés mais compridos que as garças, e o pescoço tão longo que quando vôa o faz em voltas; e tem o bico curto e o peito muito agudo e nenhuma carne, porque tudo é penna; e vôa muito ao longe, e corre pelo chão por entre o mato, que faz espanto.

Aracoâ é outro passaro tamanho como um frangão, de côr parda; tem as pernas como de frangãos, mas os dedos muito compridos e o rabo longo; e tem duas goelas, ambas por uma banda, que leva ao longo do peito até abaixo onde se juntam; criam-se estas aves em arvores, e comem fruta d'ellas.

Sabiáuna são uns passarinhos pretos, que andam sempre entre arvoredo; comem frutas e bichinhos, criam nas arvores em ninhos de palha.

Atiaçú é um passaro tamanho como um estorninho, tem as costas pardas, o peito e a barriga branca, o rabo comprido, as pernas verdoengas, os olhos vermelhos; criam em arvores, comem o fruto dellas, e cantam em assobios.

Ha uns passarinhos pequenos todos pretos, a que os indios chamam timuna, que criam em ninhos de palha, mantem-se de frutas e minhocas.

Uanandi é um passaro pequeno pardo, pintado de preto pelas

costas e branco na barriga; e tem o bico curto, e cria em ninhos de palha que faz nas arvores.

Ha outros passaros, a que o gentio chama uapicú, tamanhos como tordos, têem o corpo preto e as azas pintadas de branco, e o bico comprido, tão duro e agudo que fura com elle as arvores que tem abelheiras até que chega ao mel, de que se mantem; e quando dão as picadas no páo, soa a pancada a oitenta passos e mais; os quaes passaros tem na cabeça um cucuruto vermelho alevantado, e criam nas tocas das arvores.

CAPITULO XC.

Que trata de alguns bichos menores que tem azas e tem alguma semelhança de aves.

Como foi forçado dizer-se de todas as aves como fica dito, convém que junto d'ellas se diga de outros bichos que tem azas e mais aparencia de aves que de alimarias, ainda que sejam immundicias, e pouco proveitosas ao serviço dos homens.

Comecemos logo dos gafanhotos, a que o gentio chama tacura, os quaes se criam na Bahia muito grandes, e andam muita vezes em bandos, os quaes são da côr dos que ha em Hespanha, e ha outros pintados, outros verdes e de differentes cores, e tem maiores azas que os de Hespanha, e quando voam abrem-nas como passaros e não são muito daninhos.

Ha outros bichos a que os indios chamam tacuranda, e em Portugal saudes, os quaes são muito formosos, pintados e grandes, mas não fazem mal a nada.

Nas tocas das arvores se criam uns bichinhos como formigas, com azas brancas, que não sahem do ninho senão depois que chove muito, e o primeiro dia de sol, a que os indios chamam arará; e quando sahem fóra é voando; e sahe tanta multidão que cobre o ar, e não torna ao lugar donde sahiu, e perde-se com o vento.

Ás borboletas o que chamam mariposa, chamão os indios sarará;

as quaes andam de noite de redor das candeias, maiormente em casas palhoças do mato, e em noites de escuro; e são tão perluxas ás vezes que não ha quem se valha com ellas, porque se vem ao rosto e dão enfadamento ás ceas, porque se põem no comer, e não deixam as candeias dar seu lume, o que acontece em povoado.

Ha outra casta de borboletas grandes, umas brancas, e outras amarellas, e outras pintadas, muito formosas á vista, a que os indios chamam panamá, as quaes vem ás vezes de passagem no verão em tanta multidão, que cobrem o ar, e põem logo todo um dia em passar por cima da cidade do Salvador á outra banda da Bahia, que são nove ou dez legoas de passagem. Estas borboletas fazem muito damno nos algodões quando estam em flôr.

CAPITULO XCI.

Em que conta a propriedade das abelhas da Bahia.

Na Bahia ha muitas castas de abelhas. Primeiramente ha umas a que o gentio chama herú, que são grandes e pardas; estas fazem o ninho no ar, por amor das cobras, como os passaros de que dissemos atraz; onde fazem seu favo e criam mel muito bom e alvo, que lhe os indios tiram com fogo, do que ellas fogem muito; as quaes mordem valentemente.

Ha outra casta de abelhas, a que os indios chamam tapiuja, que tambem são grandes, e criam em ninhos que fazem nas pontas dos ramos das arvores com barro, cuja abobada é tão subtil que não é mais grossa que papel. Estas abelheiras crestam tambem com fogo, a quem os indios comem as crianças, e ellas mordem muito.

Ha outra casta de abelhas, maiores que as de Hespanha, a que os indios chamam taturama; estas criam nas arvores altas, fazendo seu ninho de barro ao longo do tronco dellas, e dentro criam seu mel em favos, o qual é baço, e ellas são pretas e mui crueis.

Ha outra casta de abelhas a que o gentio chama cabecé, que mordem muito, que tambem fazem o ninho em arvores, onde criam mel muito alvo e bom; as quaes são louras, e mordem muito.

Ha outra casta de abelhas, a que os indios chamam caapoam, que são pequenas, e mordem muito a quem lhe vai bolir no seu ninho, que fazem no chão, de barro sobre um torrão; o qual é redondo, do tamanho de uma panella, e tem serventia ao longo do chão, onde criam seu mel, que não é bom.

Cabatan são outras abelhas que não são grandes, que fazem seu ninho no ar, dependurado por um fio, que desce da ponta de um raminho: e são tão bravas que, em sentindo gente, remettem logo aos beiços, olhos e orelhas, onde mordem cruelmente; e nestes ninhos armam seus favos, onde criam mel branco e bom.

Saracoma são outras abelhas pequenas que fazem seu gazalhado entre folhas das arvores, onde não criam mais que sete ou oito juntas; e fazem alli seu favo, em que criam mel muito bom e alvo; estas mordem rijamente, e dobram umas folhas sobre outras, que tecem com uns fios como aranhas, onde tem os favos.

Ha outra casta de abelhas, a que o gentio chama cabaojuba, que são amarellas, e criam nas tocas das arvores, e são mais crueis que todas; e em sentindo gente remettem logo a ella; e convem levar aparelho de fogo prestes, com o qual lhe tiram os favos cheios de mel muito bom.

Capueruçú é outra casta de abelhas grandes: criam seus favos em ninhos, que fazem no mais alto das arvores, do tamanho de uma panella, os quaes são de barro; os indios os crestam com fogo, e lhes comem os filhos, que lhe acham; as quaes tambem mordem onde chegam a quem lhes vai bolir.

CAPITULO XCII.

Que trata das vespas e moscas.

Criam-se na Bahia muitas vespas, que mordem muito; em especial umas, a que chamam os indios terigoá, que se criam em ramos de

arvores poucas juntas, e cobrem-se com uma capa que parece têa de aranha, donde fazem seu officio em sentindo gente.

Amisagoa é outra casta de vespas, que são á maneira de moscas, que se criam em um ninho, que fazem nas paredes, e nas barreiras da terra, tamanhos como uma castanha com um olho no meio, por onde entram, o qual ninho é de barro, e ellas mordem a quem lhe vai bulir nelle.

E porque as moscas se não queixem, convem que digamos de sua pouca virtude: e comecemos nas que se chamam mutuca, que são as moscas geraes e enfadonhas que ha em Hespanha; as quaes adivinham a chuva, começando a morder onde chegam, de maneira que, se se sente sua picada, é que ha boa novidade.

Ha outra casta de moscas, a que os indios chamam muruanja, que são mais miudas que as de cima e azuladas; estas seguem sempre os cães e comem-lhe as orelhas; e se tocam em sangue ou chaga, logo lançam varejas.

Merús, são outras moscas grandes e azuladas que mordem muito, onde chegam, tanto que por cima de rede passam o gibam a quem está lançado nella, e logo fazem arrebentar o sangue pela mordedura: aconteceu muitas vezes pôrem ellas varejas a homens que estavam dormindo, nas orelhas, nas ventas e no céo da boca, e lavrarem de feição por dentro as varejas, sem se saber o que era, que morrêram alguns disso.

Tambem ha outras como as de cavallo, mas mais pequenas e muito negras, que tambem mordem onde chegam.

CAPITULO XCIII.

Que trata dos mosquitos, grillos, bizouros e broca que ha na Bahia.

Digamos logo dos mosquitos, a que chamam nhitinga; e são muito pequenos e da feição das moscas; os quaes não mordem, mas são

muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes; e não deixam dormir de dia no campo, se não faz vento. Estes são amigos de chagas, e chupam-lhe a peçonha que tem; e se se vão pôr em qualquer cossadura de pessoa sã, deixam-lhe a peçonha nella, do que se vem muitas pessoas a encher de boubas. Estes mosquitos seguem sempre em bandos as indias, que andam nuas, mormente quando andam sujas do seu costume.

Marguîs são uns mosquitos que se criam ao longo do salgado, e outros na terra perto d'agua, e apparecem quando não ha vento; e são tamanhos como um pontinho de penna, os quaes onde chegam são fogo de tamanha comichão e ardor que fazem perder a paciencia, mormente quando as aguas são vivas; e crescem em partes despovoadas; e se lhe põem a mão, desfazem-se logo em pó.

Ha outra casta que se cria entre os mangues, a que os indios chamam inhatiúm, que tem as pernas compridas, e zunem de noite, e mordem a quem anda onde os ha, que é ao longo do mar; mas se faz vento não apparece nenhum.

Pium é outra casta de mosquitos tamanhos como pulgas grandes com azas; e em chegando estes á carne, logo sangram sem se sentir, e em lhe tocando com a mão se esborracham; os quaes estão cheios de sangue; cuja mordedura causa muita comichão depois, e quer-se espremida do sangue por não fazer guadelhão na carne.

Ha outra casta de mosquitos, a que os indios chamam nhatium-açú; estes são de pernas compridas, e mordem e zunem pontualmente como os que ha em Hespanha, que entram nas casas onde não ha fogo; de que todos são inimigos.

Tambem se cria na Bahia outra immundicia, a que chamamos brocas, que são como pulgas, e voam sem lhe enxergarem azas; as quaes furam as pipas do vinho e do vinagre, de maneira que fazem muita perda, se as não vigiam; e furam todas as pipas e barris vazios, salvo se tiveram azeite; e nas terras povoadas de pouco fazem mais damno.

Ha tambem grande copia de grillos na Bahia, que se criam pelo mato e campos; que andam em bandos, como gafanhotos; e se criam tambem nas casas de palha, em quanto são novas; nas quaes se reco-

lhem muitos entre a palma que vem do mato; os quaes são muito daninhos; porque roem muito os vestidos, a que podem chegar; e mettem-se muitas vezes nas caixas, onde fazem destruição no fato que acham no chão, o qual cortam de maneira que parece cortado á tesoura; mas como as casas são defumadas recolhem-se todos para o mato: estes são grandes e pequenos, e tem azinhas; e saltam como gafanhotos.

Tambem se criam n'estas partes muitos bisouros, a que os indios chamam unauna; mas não fazem tão ruim feitio com as maçãs que fazem os de Hespanha; andam por logares sujos, tem azas, e são negros; com a cabeça, pescoço e pernas muito resplandecentes, e tudo muito duro, mas são muito maiores que os de Hespanha; e tem dous cornos virados com as pontas uns para os outros; e parecem de azeviche.

CAPITULO XCIV.

Em que se declara a natureza das antas do Brazil. Apontamentos das alimarias, que se criam na Bahia e da condição e natureza d'ellas.

Bem podemos dizer n'este logar que alimarias se mantêm e criam com a fertilidade da Bahia, para se acabar de crer e entender o muito que se diz de suas grandezas.

E comecemos das antas (a que os indios chamam tapiruçú) por ser a maior alimaria que esta terra cria; as quaes são pardas, com o cabello assentado, do tamanho de uma mulla, mas mais baixas das pernas; e tem as unhas fendidas como vacca, e o rabo muito curto, sem mais cabello que nas ancas; e tem o focinho como mulla, e o beiço de cima mais comprido que o debaixo, em que tem muita força. Não correm muito, e são pezadas para saltar: defendem-se estas alimarias no mato, com as mãos, das outras alimarias, com o que fazem damno aonde chegam; comem frutas silvestres e hervas; parem uma só criança; e emquanto são pequenas são raiadas de preto e amarello tostado ao

comprido do corpo, e são muito formosas; mas depois de grandes tornam se pardas; e emquanto os filhos não andam, estão os machos por elles emquanto a femea vai buscar de comer. Matam-nas em fojos, em que cahem, ás flexadas. A carne é muito gostosa, como a de vacca, mas não tem sebo; e quer-se bem cozida, porque é dura; e tem o cacho como maçã do peito da vacca; e no peito não tem nada. Os ossos d'estas alimarias queimados e dados a beber são bons para estancar camaras; as suas pelles são muito rijas, e em muitas partes as não passa flexa ainda que seja de bom braço, as quaes os Indios comem cozidas pegadas com a carne. D'estas pelles, se são bem cortidas, se fazem mui boas couraças, que as não passa estocada.

Se tomam estas antas pequenas, criam-se em casa, onde se fazem muito domesticas, e tão mansas que comem as espinhas, e os ossos com os cachorros e gatos de mistura; e brincam todos juntos.

CAPITULO XCV.

Em que se trata de uma alimaria que se chama jaguareté.

Tem para si os Portuguezes que jaguareté é onça, e outros dizem que é tigre; cuja grandura é como um bezerro de seis mezes; fallo dos machos, porque as femeas são maiores. A maior parte d'estas alimarias são ruivas, cheias de pintas pretas; e algumas femeas são todas pretas; e todos tem o cabello nedio, e o rosto a modo de cão, e as mãos e unhas muito grandes, o rabo comprido; e o cabello n'elle como nas ancas. Tem prezas nos dentes como libréo, os olhos como gato, que lhe luzem de noite tanto que se conhecem por isso a meia legua; tem os braços e pernas muito grossos; parem as femeas uma e duas crianças; se lhes matam algum filho andam tão bravas que dão nas roças dos indios, onde matam todos quantos podem alcançar; comem a caça que matam, para o que são mui ligeiras, e tanto que lhes não escapa nenhuma alimaria grande por pés; e saltam por cima a-pique altura de dez, doze palmos; e trepam pelas arvores apóz os indios,

quando o tronco é grosso; salteam o gentio de noite pelos caminhos, onde os matam e comem; e quando andam esfaimadas entram-lhe nas casas das roças, se lhes não sentem fogo, ao que tem grande medo. E na visinhança das povoações dos Portuguezes fazem muito damno nas vaccas, e como se começam a encarniçar n'ellas destroem um curral: e tem tanta força que com uma unhada que dão em uma vacca lhe derrubam a anca no chão.

Armam os indios a estas alimarias em mondéos, que é uma tapagem de páo a-pique, muito alta e forte, com uma só porta; onde lhe armam com uma arvore alta e grande levantada do chão, onde lhe poém um cachorro ou outra alimaria preza; e indo para a tomar cahe esta arvore que está deitada sobre esta alimaria, onde dá grandes bramidos; ao que os indios acodem e a matam ás flexadas; e comem-lhe a carne, que é muito dura, e não tem nenhum sebo.

CAPITULO XCVI.

Que trata de outra casta de tigres e alimaria daninhas.

Criam-se no rio de S. Francisco umas alimarias tamanhas como poldros, ás quaes os indios chamam jaguaruçú, que são pintadas de ruivo e preto e malhas grandes; e tem as quatro prezas dos dentes do tamanho de um palmo: criam-se na agua d'este rio, no sertão; donde sahem a terra fazer suas prezas em antas; e ajuntam-se tres e quatro d'estas alimarias, para levarem nos dentes a anta ao rio, onde a comem á sua vontade, e a outras alimarias; e tambem aos indios que podem apanhar.

Jaguaracangoçú é outra alimaria e casta de tigre ou onça da que tratamos já: e são muito maiores, cuja cabeça é tão grande como de um bom novilho. Criam-se estas alimarias pelo sertão longe do mar, e tem as feições e mais condições dos tigres, de que primeiro fallamos. Quando estas alimarias matam algum indio que se encarniçam n'elle, fazem despovoar toda uma aldeia, porque em sahindo alguma pessoa d'ella fóra de casa, não escapa que a não matem e comam.

Ha outra alimaria, a que o gentio chama suçuarana, que é do tamanho de um rafeiro, tem o cabello comprido e macio, o rabo como cão, o rosto carrancudo, as mãos como rafeiro, mas tem maiores unhas e mui agudas e voltadas; vivem de rapina, tem muita ligeireza para correr e saltar; e são semelhantes na rapina ao lobo, e matam os indios se os podem alcançar, e pela terra dentro as ha muito maiores que na visinhança do mar. Para os indios matarem estas alimarias esperam-nas em cima das arvores, donde as flexam, e lhe comem a carne; as quaes não tem mais que uma só tripa.

CAPITULO XCVII.

Em que se declaram as castas dos veados que esta terra cria.

Criam-se nos matos d'esta Bahia muitos veados, a que os Indios chamam suaçú, que são ruivos e tamanhos como cabras; os quaes não tem cornos nem sebo, como os de Hespanha. Correm muito; as femeas parem uma só criança. Tomam-nos em armadilhas, e com cães; cuja carne é sobre o duro, mas saborosa: as pelles são muito boas para botas, as quaes se curtem com casca de mangues; e fazem-se mais brandas que as dos veados de Hespanha.

Mais pela terra dentro pelas campinas se criam outros veados brancos que tem cornos, que não são tamanhos como os de Hespanha; mas são muito maiores que os primeiros: os quaes andam em bandos como cabras, e tem a mesma qualidade das que se criam perto do mar,

Entrando pelo mato além das campinas, na terra dos Tabajáras, se criam uns veados ruivaços, maiores que os de Hespanha, e de maior cornadura, dos quaes se acha armação pelo mato de cinco e seis palmos de alto, e de muitos galhos: os quaes mudam os cornos como os de Hespanha, e tem as pelles muito grossas, e não tem nenhum sebo: as femeas parem uma só criança, ás quaes os indios chamam suaçupára, cuja carne é muito boa; os quaes matam em armadilhas, em que os tomam, ás flexadas.

CAPITULO XCVIII.

Em que se trata de algumas alimarias que se mantem de rapina.

Tamandoá é um animal do tamanho de uma raposa, que tem o rosto como furão; a côr é preta, o rabo delgado na arreigada, e com o cabello curto; e d'ahi para a ponta é muito felpudo, e tem n'ella os cabellos grossos como cavallo, e tamanhos e tantos que se cobre todo com elles quando dorme; tem as mãos como cão, com grandes unhas e muito voltadas, de que se fazem apitos. Este bicho se mantem de formigas que toma da maneira seguinte: chega-se a um formigueiro; deita-se ao longo d'elle como morto, e lança-lhe a lingua fóra, que tem muito comprida, ao que acodem as formigas com muita pressa: e cobrem-lhe a lingua umas sobre outras; e como a sente bem cheia recolhe-a para dentro, e engole-as; o que faz até que não póde comer mais; cuja carne comem os indios velhos, que os mancebos tem nojo d'ella.

Jaguapitanga é uma alimaria do tamanho de um cachorro, de côr preta, e tem o rosto de cordeiro; tem pouca carne, as unhas agudas, e é tão ligeira que se mantem no mato de aves que andam pelo chão, que toma a coço, e em povoado faz officio de raposa, e despovoa uma fazenda de gallinhas que furta.

Coaty é um bicho tamanho como gato, tem o focinho como furão e mais comprido. São pretos, e alguns ruivos; tem os pés como gato, o rabo grande e felpudo, o qual trazem sempre levantado para o ar; são mui ligeiros, andam pelas arvores, de cujas frutas se mantem, e de passaros que n'ellas tomam. Tomam-nos os cães quando os acham fóra do mato, a que ferem com as unhas mui valentemente: os novos se amançam em casa, onde tomam as gallinhas que podem alcançar; as femeas parem tres e quatro.

Maracajás são uns gatos bravos tamanhos como cabritos de seis mezes; são muito gordos, e na feição pontualmente como os outros

gatos, mas pintados de amarello e preto em raias, cousa muito formosa; e são felpudos, mas tem o cabo muito macio, e as unhas grandes e muito agudas; parem muitos filhos; e mantem-se das aves que tomam pelas arvores, por onde andam como bogios. Os que se tomam pequenos fazem-se em casa muito domesticos, mas não lhe escapa gallinha nem papagaio, que não matem.

Serigoé é um bicho do tamanho de um gato grande, de côr preta e alguns ruivaços; tem o focinho comprido, e o rabo, em o qual, nem na cabeça, não tem cabello; as femeas tem na barriga um bolso em que trazem os filhos metidos, emquanto são pequenos, e parem quatro e cinco; tem as tetas junto do bolso, onde os filhos mamam; e quando emprenham geram os filhos n'este bolso, que está fechado; e se abre quando parem; onde trazem os filhos até que podem andar com a mãi, que se lhe fecha o bolso. Vivem estes de rapina, e andam pelo chão, escondidos espreitando as aves, e em povoado as gallinhas; e são tão ligeiros que lhes não escapam.

CAPITULO XCIX.

Que trata da natureza e estranheza do jaguarecaca.

Jaguarecaca é um animal do tamanho de um gato grande; tem a côr pardaça e o cabello comprido; e os pés e mãos da feição dos bogios; o rosto como cão, e o rabo comprido, o qual se mantem das frutas do mato. Anda sempre pelo chão, onde pare uma só criança; o qual é tão estranho e fedorento, que por onde quer que passa deixa tamanho fedor que, um tiro de pedra afastado de uma banda e d'outra, não ha quem o possa soffrer, e não ha quem por ali possa passar mais de dous mezes, por ficar tudo tão empeçonhentado com o máo cheiro que se não pode soffrer. D'este animal pegam os cães quando vão á caça, mas vão-se logo lançar na agua, e esfregam-se com a terra por tirarem o fedor de si, o que fazem par muitos dias sem lhes aproveitar, e o caçador fica de maneira que por mais que se lave fica sempre com

este terrivel cheiro, que lhe dura tres e quatro mezes: e como este bicho se vê em pressa perseguido dos cães, lança de si tanta ventosidade, e tão peçonhenta que perfuma d'esta maneira a quem lhe fica perto; e com estas armas se defende das onças e de outros animaes, quando se vê perseguido d'elles, cuja artilharia tem tanta força que a onça e os outros inimigos que o buscam se tornam, e o deixam; e vão-se logo lavar e esfregar pela terra, por tirar de si tão terrivel cheiro. E aconteceu a um Portuguez, que encontrando com um d'estes bichos, que trazia o seu caçador do mato morto para mézinhas, ficou tão fedorento que não podendo soffrer-se a si se fez mui amarello, e se foi para casa doente do cheiro que em si trazia, que lhe durou muitos dias. A carne d'este bicho é boa para estancar camaras de sangue; mas a casa aonde está fede toda a vida, pelo que as indias a tem assada muito embrulhada em folhas, depois de bem sêca ao ar do fogo; e a tem no fumo para se conservar; mas nem isso basta para deixar de feder na rua, emquanto está na casa.

CAPITULO C.

Em que se declara a natureza dos porcos do mato que ha na Bahia.

Criam-se nos matos da Bahia porcos montezes, a que os indios chamam tajaçú, que são de côr parda e pequenos; tudo tem semelhante com o porco, senão o rabo, que não tem mais comprido que uma polegada; e tem embigo nas costas; as femeas parem muitos no mato, por onde andam em bandos, comendo as frutas d'elle; onde os matam com cachorros e armadilhas, e ás flexadas; os quaes não tem banha, nem toucinho, senão uma pelle viscosa; a carne é toda magra, mas saborosa, e carregada para quem não tem boa disposição.

Tajaçutirica é outra casta de porcos montezes maiores que os primeiros, que tem os dentes como os montezes de Hespanha; e os

indios que os flexam, hão de ter prestes aonde se acolham, porque se se não poem em salvo com muita presteza, não lhes escapam; os quaes são muito ligeiros e bravos, e tem tambem o embigo nas costas; e não tem banha, nem toucinho, mas a carne mais gostosa que os outros; e em tudo mais são como elles.

Tajaçuété é outra casta de porcos montezes que são maiores que os de que fica dito, e tem toucinho como os montezes de Hespanha, e grandes prezas e o embigo nas costas, mas não são tão bravos e perigosos para os caçadores; os quaes os fazem levantar com os cachorros para os flexarem; e estes e os mais andam em bandos pelo mato, onde as femeas parem muitos filhos: e no tempo das frutas entram pelas aldêas dos indios e pelas casas; os quaes fazem muito damno nas roças e nos canaveaes de assucar. A estes porcos cheira o embigo muito mal; e se quando os matam lh'o não cortam logo, cheira-lhe a carne muito ao mato; e se lho cortam é muito saborosa.

CAPITULO CI.

Dos porcos e outros bichos que se criam na agua doce.

Nos rios de agua doce e nas lagôas tambem se criam muitos porcos, a que os indios chamam capibaras, que não são tamanhos como os porcos do mato; os quaes tem pouco cabello, e a côr cinzenta, e o rabo como os outros; e não tem na boca mais que dous dentes grandes, ambos debaixo na dianteira, que são do comprimento e grossura de um dedo; e cada um é fendido pelo meio e fica de duas peças, e tem mais outros dous queixaes, todos no queixo debaixo, que no de cima não tem nada; os quaes parem e criam os filhos debaixo da agua, onde tomam peixinhos e camarões que comem; tambem comem herva ao longo da agua, donde sahem em terra, e fazem muito damno nos canaveaes de assucar, e roças que estão perto da agua, onde os matam em armadilhas: cuja carne é molle, e o toucinho pegajoso:

mas salpreza é boa de toda a maneira, mas carregada para quem não tem saude.

Criam-se nos rios de agua doce outros bichos, que se parecem com lontras de Portugal, a que o gentio chama jagoarapeba, que tem o cabello preto, e tão macio como velludo. São do tamanho de um gozo, tem a cabeça como de gato, e a boca muito rasgada e vermelha por dentro e nos dentes grandes prezas, as pernas curtas. Andam sempre n'agua, onde criam e parem muitos filhos e onde se mantem dos peixes que tomam e de camarões: não sahem nunca fóra da agua, onde gritam quando vem gente ou outro bicho.

Arerá é outro bicho da agua doce, tamanho como um grande rafeiro, de côr parda, e outros pretos. Tem a feição de cão, e ladram como cão, e remettem a gente com muita braveza: as femeas parem muitos filhos juntos; e se os tomam novos, criam-se em casa, onde se fazem domesticos. Mantem-se do peixe e dos camarões que tomam na agua; cuja carne comem os indios.

Nos mesmos rios se criam outros bichos, a que os indios chamam vivia, que são do tamanho dos gozos, felpudos do cabello, e de côr cinzenta; tem o focinho comprido e agudo, as orelhas pequeninas e redondas, do tamanho de uma casca de tramoço; tem o rabo muito comprido e grosso pela arreigada, como carneiro; quando gritam no rio, nomeam-se pelo seu nome; tem as mãos e unhas de cão, andam sempre na agua, onde as femeas parem muitos filhos; mantem-se do peixe e camarões que tomam, cuja carne comem os indios.

CAPITULO CII.

De uns animaes a que chamam tatús.

Tatuaçú é um animal estranho, cujo corpo é como um bacoro, tem as pernas curtas cheias de escamas, o focinho comprido cheio de conchas, as orelhas pequenas, e a cabeça, que é toda cheia de

conchinhas; os olhos pequeninos, o rabo comprido cheio de laminas em redondo, que cavalga uma sobre outra; e tem o corpo todo coberto de conchas feitas em laminas, que atravessam o corpo todo, de que tem armado uma formosa coberta; e quando se este animal teme de outro, mette-se todo debaixo d'estas armas, sem lhe ficar nada de fóra, as quaes são muito fortes; tem as unhas grandes, com que fazem covas debaixo do chão, onde criam; e parem duas crianças. Mantem-se de frutas silvestres e minhocas, andam de vagar, e se cahem de costas, tem trabalho para se virar; e tem a barriga vermelhaça toda cheia de verrugas. Matam-nos os indios em armadilhas onde cahem; tiram-lhe o corpo inteiro fóra d'estas armas, que estendidas são tamanhas como uma adarga; cuja carne é muito gorda e saborosa, assim cozidás, como assada.

Ha uma casta de tatús pequenos da feição dos grandes, os quaes tem as mesmas manhas e condição; mas quando se temem de lhe fazerem mal, fazem-se em uma bola toda coberta em redondo com suas armas, onde ficam mettidos sem lhes apparecer cousa alguma; cuja carne é muito boa; comem e criam como os grandes. A estes chamam tatúmerim.

Ha outros tatús meãos, que não são tamanhos como os primeiros, de que se acham muitos no mato, cujo corpo não é maior que de um leitão; tem as pernas curtas cobertas de conchas, a cabeça comprida cheia de conchas, os dentes de gato, as unhas de cão, o rabo comprido e muito agudo coberto de conchas até a ponta, e por cima sua coberta de laminas como os grandes que são muito rijas, e na barriga não tem nada; cuja carne quando estam gordos é boa, mas cheira ao mato; mantem-se de frutas e minhocas, criam debaixo do chão em covas, e tem as mais manhas e condições dos outros.

Tatúpeba é outra casta de tatús maiores que os communs, que ficam nesta addição acima, os quaes tem as conchas mais grossas, e são muito baixos das mãos e pernas, e tem-nas muito grossas, e são muito carrancudos; e andam sempre debaixo do chão como toupeiras, e não comem mais que minhocas; e em tudo o mais são semelhantes aos de cima: e matam-nos os indios quando vêem bolir a terra; cuja carne é muito boa.

CAPITULO CIII.

Em que se relata a propriedade das pacas e cotias.

Criam-se nestes matos uns animaes, a que os indios chamam pacas, que são do tamanho de leitões de seis mezes, tem a barriga grande, e os pés e mãos curtos, as unhas como cachorros, a cabeça como lebre, o pello muito macio, raiado de preto e branco ao comprido do corpo; tem o rabo muito comprido, correm pouco. As femeas parem duas e tres crianças, comem frutas e herva, criam em covas. Tomam-se com cães, e com armadilhas, a que chamam mondeos; são algumas vezes muito gordos, e tem a banha como porco; cuja carne é muito sadia e gostosa, assim assada, como cozida: pella-se como leitão sem se esfolar, e assada faz couros como leitão, e de toda a maneira é muito boa carne.

Cotias são uns bichos tamanhos como coelhos grandes, mas são muito barrigudos; tem o cabello como lebre, a cabeça com o focinho agudo, e os dentes mui agudos, os dous dianteiros são compridos e agudissimos, com o que os indios se sarjam como com uma lanceta; tem os pés e mãos como coelhos, as unhas como cão, criam em covas, em que parem duas e tres crianças; mantem-se com frutas; quando correm fazem na anca uma roda de cabellos, que alli tem compridos. são muito ligeiras, em tanto que não há cão que as tome, senão nas covas, onde se defendem com os dentes; tambem se tomam em laços; se as tomam em pequenas, fazem-se tão domesticas como coelhos; mas são damninhas, porque roem muito o fato; cuja carne se não esfola, mas pellam-nas, como leitão; cozida e assada é muito boa.

Cotimerim é outra casta de cotias do tamanho de um laparo; tem o focinho comprido, e são muito felpudas, de côr parda; e tem o rabo muito felpudo, o qual viram para cima e passa-lhe a felpa por cima da cabeça, com que se cobrem: e trepam muito pelas arvores; onde

matam outros bichos, que chamam saguins; do que se mantem, criam em covas debaixo do chão, e tem os dentes muito agudos.

CAPITULO CIV.

Que trata das castas dos bogios e suas condições.

Nos matos da Bahia se criam muitos bogios de diversas maneiras: a uns chamam guigós, que andam em bandos pelas arvores, e como sentem gente, dão uns assobios com que se avisam uns aos outros, de maneira que em um momento corre a nova em espaço de uma legoa, com que entendem que é entrada gente, para se pôrem em salvo. E se atiram alguma flexada a algum, e o não acertam, matam-se todos de rizo; estes bogios criam em tocas de arvores, de cujos frutos e da caça se mantem.

Guaribas é outra casta de bogios que são grandes e mui entendidos; estes tem barbas como um homem, e o rabo muito comprido; os quaes como se sentem flexados dos indios, se não cahem da flexada, fogem pela arvore acima, mastigando folhas, e mettendo-as pela flexada, com que tomam o sangue e se curam; e aconteceu muitas vezes tomarem a flexa que tem em si, e atirarem com ella ao indio que lhe atirou, e ferirem-no com ella; e outras vezes deixam-se cahir com a flexa na mão sobre o indio, que os flexou. Estes bogios criam tambem nos troncos das arvores, de cujas frutas se mantem, e de passaros que tomam; e as femeas parem uma só criança.

Saguins são bogios pequeninos muito felpudos e de cabello macio, raiados de pardo e preto e branco; tem o rabo comprido e muita felpa no pescoço, a qual trazem sempre arrepiada, o que os faz muito formosos; e criam-se em casa, se os tomam novos, onde se fazem muito domesticos; os quaes criam nas tocas das arvores, e mantem-se do fruto dellas, e das aranhas que tomam.

Do Rio de Janeiro vem outros saguins da feição d'estes de cima, que tem o pello amarello muito macio, que cheiram muito bem; os

quaes e os de traz são muito mimosos, e morrem em casa, de qualquer frio, e das aranhas de casa; que são mais peçonhentas que as das arvores, onde andam sempre saltando de ramo em ramo.

Ha nos matos da Bahia outros bogios, a que os indios chamam saîanhangá, que quer dizer bogio diabo, que são muito grandes, e não andam senão de noite; são da feição dos outros, e criam em concavos de arvores; mantem-se de frutas silvestres; e o gentio tem agouro nelles, e como os ouvem gritar, dizem que hade morrer algum.

CAPITULO CV.

Que trata da diversidade dos ratos que se comem, e coelhos e outros ratos de casa.

Pelo sertão ha uns bichos a que os indios chamam saviá, e são tamanhos como laparos; tem o rabo comprido o cabello como lebre; criam em covas no chão; mantem-se das frutas silvestres; tomam-nos em armadilhas, cuja carne é muito estimada de toda a pessoa, por ser muito saborosa, e parece-se com a dos coelhos.

Aperiás são outros bichos tamanhos como laparos, que não tem rabo; e tem o rosto da feição de leitão, as orelhas como coelho, e o cabello como lebre; criam em covas, comem frutas e cannas de assucar, a que fazem muito damno, cuja carne é muito saborosa. Mais pela terra dentro ha outros bichos da feição de ratos, mas tamanhos como coelhos, com o cabello branco, a que os indios chamam saviátinga, os quaes criam em covas, e comem frutas; cuja carne é muito boa, sadia e saborosa.

No mesmo sertão ha outros bichos da feição de ratos, tamanhos como coelhos, a que os indios chamam saviácoca, que tem o cabello vermelho; criam em covas, e mantem-se da fruta do mato; cuja carne é como de coelhos.

Em toda a parte dos matos da Bahia se criam coelhos como os de Hespanha, mas não são tamanhos, a que os indios chamam tapotim; e

todas as feições tem de coelhos, senão o rabo, porque o não tem; os quaes criam em covas, e as femeas parem muitos; cuja carne é como a dos coelhos, e muito saborosa.

Em algumas partes dos matos da Bahia se criam uns bichos, sobre o grande, com todas as feições e parecer de ratos, a que os gentios chamam jupati, que se não comem, os quaes criam em os troncos das arvores velhas; e as femeas tem um bolso na barriga em que trazem sete e oito filhos, até que são criados, que tantos parem.

Aos ratos das casas chamam os indios saviá, onde se criam infinidade delles, os quaes são muito damninhos, e de dia andam pelo mato, e de noite vem-se meter nas casas.

CAPITULO CVI.

Que trata dos cágados da Bahia.

Em qualquer parte dos matos da Bahia se acham muitos cágados, que se criam pelos pés das arvores, sem irem á agua, a que os indios chamam jabuty; ha uns que são muito maiores que os de Hespanha, mais altos e de mais carne, e tem as conchas lavradas em compartimentos oitavados de muito notavel feitio; os lavores dos compartimentos são pretos, e o meio de cada um é branco e almecegado. Estes cágados tem as mãos, pés, pernas, pescoço e cabeça, cheios de verrugas tamanhas, como chicharos, muito vermelhas, e agudas nas pontas; estes põem infinidade de ovos, de que nascem em terra humida, onde criam debaixo de arvoredo; mantem-se de frutas, que caem pelo chão; e metidos em casa comem tudo quanto acham pelo chão; cuja carne é muito gorda, saborosa e sadia para doentes.

Ha outros cágados, que tambem se criam no mato, sem irem á agua, a que os indios chamam jabutiapeba; os quaes tem os mesmos lavores nas conchas, mas são muito amassados, e tem as costas muito chãs, e não tem verrugas; tem pouca carne e mui saborosa: criam e mantem-se pela ordem dos de cima.

Ha outras castas de cágados da feição dos de Hespanha, a que os indios chamam jabutemirim, que se criam e andam sempre na agua, que tambem são mui saborosos e medicinaes; e dos que se criam na agua ha muitas castas de diversas feições, que tem as mesmas manhas, e natureza, mas mui diferentes na grandura. E pareceu-me decente arrumar neste capitulo os cágados por serem animaes que se criam na terra, e se mantem de frutas della.

CAPITULO CVII.

Em que se declara que bicho é o que se chama preguiça.

Nestes matos se cria um animal mui estranho, a que os indios chamam ahy, e os portuguezes preguiça, nome certo mui acommodado a este animal, pois não ha fome, calma, frio, agua, fogo, nem outro nenhum perigo que veja diante, que o faça mover uma hora mais que outra; o qual é felpudo como cão d'agua, e do mesmo tamanho; e tem a côr cinzenta, os braços e pernas grandes, com pouca carne, e muita lã; tem as unhas como cão e muito voltadas; a cabeça como gato, mas coberta de gadelhas, que lhe cobrem os olhos; os dentes como gato. As femeas parem uma só criança, e tral-a des que a pare, ao pescoço dependurada pelas mãos, até que é criada e póde andar por si; e parem em cima das arvores, de cujas folhas se mantem, e não se desce nunca ao chão, nem bebem; e são estes animaes tão vagarosos que posto um ao pé de uma arvore, não chega ao meio della desde pela manhã até ás vesperas, ainda que esteja morta de fome e sinta ladrar os cães que a querem tomar; e andando sempre, mas muda uma mão só muito de vagar, e depois a outra, e faz espaço entre uma e a outra, e da mesma maneira faz aos pés, e depois á cabeça; e tem sempre a barriga chegada á arvore, sem se pôr nunca sobre os pés e mãos; e se não faz vento, por nenhum caso se move do lugar onde está encolhida até que o vento lhe chegue: os quaes dão uns assobios, quando estam comendo de tarde em tarde, e não remetem

a nada, nem fazem resistencia a quem quer pegar d'elles, mais que pegarem-se com as unhas á arvore onde estam, com o que fazem grande preza; e acontece muitas vezes tomarem os indios um d'estes animaes, e levarem-no para casa, onde o tem quinze e vinte dias, sem comer couza alguma, até que de piedade o tornam a largar; cuja carne não comem por terem nojo della.

CAPITULO CVIII.

Que trata de outros animaes diversos.

Nestes matos se cria um animal, a que os gentios chamam jupará, que quer dizer noite, que é do tamanho de um bogio, e anda de arvore em arvore como bogio, por ser muito ligeiro; cria no concavo das arvores, onde pare um só filho, e mantem-se dos frutos silvestres. Este animal tem a boca por dentro até as goelas, e lingua tão negra, que faz espanto, pelo que lhe chamam noite, cuja carne os indios não comem por terem nojo della.

Ha outro bicho que no mato se cria a que chamam os indios coandú, que é do tamanho de um gato; não corre muito, por ser pezado no andar; cria no tronco das arvores onde está metido de dia; e de noite sahe da cova ou ninho a andar pela arvore, onde faz sua morada a buscar uma casta de formigas que se cria nella, a que chamam copy, de que se mantem. Este bicho pare uma só criança, e tem a côr pardaça, o qual dorme todo o dia, e anda de noite. E no lugar onde pariu ahi vive sempre, e os filhos, e toda a sua geração que delle procede; e não buscam outro lugar senão quando não cabem no primeiro.

Cuim é outro bicho assim chamado dos indios, que é tamanho de um laparo, tem os pés muito curtos, o rabo comprido, o focinho como doninha; e é todo cheio de cabellos brancos e tezos, e por entre o cabello é todo cheio de espinhos até o rabo, cabeça, pés, os quaes são tamanhos como alfinetes; com os quaes se defende de quem lhe

quer fazer mal, sacodindo-os de si com muita furia, com o que fere os outros animaes; os quaes espinhos são amarellos, e tem as pontas pretas e mui agudas; e por onde estam pegados no couro são farpados. Estes bichos correm pouco, criam debaixo do chão, onde parem uma só criança, e mantem-se de minhocas e frutas, que acham pelo chão.

Acham-se outros bichos pelo mato a que os indios chamam queiroá, que são, nem mais nem menos, como ouriços cacheiros de Portugal, da mesma feição, e com os mesmos espinhos; e criam em covas debaixo do chão; mantem-se de minhocas e de frutas que cahem das arvores, cuja carne os indios não comem.

CAPITULO CIX.

Em que se declara a qualidade das cobras, lagartos e outros bichos.

Agora cabe aqui dizermos que cobras são estas do Brazil, de que tanto se falla em Portugal, e com razão; porque tantas e tão estranhas, não se sabe onde as haja.

Comecemos logo a dizer das cobras a que os indios chamam giboias, das quaes ha muitas de cincoenta e sessenta palmos de comprido, e d'aqui para baixo. Estas andam nos rios e alagôas, onde tomam muitos porcos d'agua, que comem; e dormem em terra, onde tomam muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem espedaçar; e não ha duvida senão que engolem uma anta inteira, e um indio; o que fazem porque não tem dentes, e entre os queixos lhe moem os ossos para o poderem engolir. E para matar uma anta ou um indio, ou outra qualquer caça, cingem-se com ella muito bem, e como tem segura a preza, buscam-lhe o sesso com a ponta do rabo, por onde o metem até que matam o que tem abarcado; e como tem morta a caça, moem-na entre os queixos para a poder melhor engolir. E como tem a anta, ou outra couza grande que não póde digirir, empanturra de maneira

que não póde andar. E como se sente pezada, lança-se ao sol como morta, até que lhe apodrece a barriga, e o que tem nella; do que dá o faro logo a uns passaros que se chamam urubús, e dão sobre ella, comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo o mais, por estar podre; e não lhe deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro; e como isto fica limpo da carne toda, vão-se os passaros; e torna-lhe a crescer a carne nova, até que fica cobra em sua perfeição; e assim como lhe vai crescendo a carne, começa a bolir com o rabo, e torna a reviver, ficando como d'antes: o que se tem por verdade, por se ter tomado disto muitas informações dos indios e dos lingoas que andam por entre elles no sertão, os quaes o afirmam assim.

E um Jorge Lopes, almoxarife da capitania de S. Vicente, grande lingua, e homem de verdade, affirmava que indo para uma aldeia do gentio no sertão, achára uma cobra d'estas. no caminho, que tinha liado tres indios para os matar, os quaes livrára d'este perigo ferindo a cobra com a espada por junto da cabeça e do rabo, com o que ficou sem força para os apertar, e que os largára; e que acabando de matar esta cobra, lhe achára dentro quatro porcos, a qual tinha mais de sessenta palmos de comprido; e junto do curral de Garcia de Avila, na Bahia, andavam duas cobras que lhe matavam e comiam as vaccas, o qual affirmou que adiante d'elle lhe sahira um dia uma, que remetteu a um touro, e que lho levou para dentro de uma lagôa; a que acudiu um grande libreo, ao qual a cobra arremetteu e engoliu logo; e não pôde levar o touro para baixo pelo impedimento que lhe tinha feito o libreo; o qual touro sahiu acima da agua depois de afogado; e affirmou que n'este mesmo logar mataram seus vaqueiros outra cobra que tinha noventa e tres palmos, e pesava mais de oito arrobas; e eu vi uma pelle de uma cobra d'estas que tinha quatro palmos de largo. Estas cobras tem as pelles cheias de escamas verdes, amarellas e azues, das quaes tiram logo uma arroba de banha da barriga, cuja carne os indios tem em muita estima, e os mamelucos, pela acharem muito saborosa.

CAPITULO CX.

Que trata de algumas cobras grandes que se criam nos rios da Bahia.

Sucuriú é outra casta de cobras, que andam sempre na agua, e não sahem a terra; são muito grandes, tem as escamas pardas e brancas, das quaes matam os indios muitas de quarenta e cincoenta palmos de comprido. Estas engolem um porco d'agua, cuja carne os indios e alguns Portuguezes comem, e dizem ser muito gostosa.

Boiuna é outra casta de cobras, que se criam na agua, nos rios do sertão, as quaes são descompassadas de grandes e grossas, cheias de escamas pretas, e tem tamanha garganta que engolem um negro sem o tomarem, em tanto que quando o engolem ou alguma alimaria, se mettem na agua para o afogarem dentro, e não sahem da agua senão para remetterem a uma pessoa ou caça, que anda junto do rio; e se com a pressa com que engolem a preza se embaraça e peja, com o que não póde tornar para a agua donde sahiu, morre em terra, e sahe-se a pessoa ou alimaria de dentro viva; e affirmam os linguas, que houve indios, que estas cobras engoliram, que estando dentro da sua barriga tiveram acordo de as matar com a faca que levavam dependurada ao pescoço, como costumam.

Nos rios e lagôas se criam umas cobras, a que os indios chamam araboya; que são mui grandes, e tem o corpo verde e a cabeça preta, as quaes não sahem nunca a terra, e mantem-se dos peixes e bichos, que tomam na agua; cuja carne os indios comem.

Ha outra casta de cobras que se criam nos rios, sem sahirem á terra, a que os indios chamam taraiboia, que são amarellas e muito compridas e grossas; as quaes se mantem do peixe que tomam nos rios, e são muito gordas e boas para comer.

CAPITULO CXI.

Que trata das cobras de coral e das gereracas.

Pelos matos e ao redor das casas se criam umas cobras, a que os indios chamam gereracas; as maiores são de sete e oito palmos de comprido, e são pardas e brancacentas nas costas, as quaes se poem ás tardes ao longo dos caminhos esperando a gente que passa, e em lhe tocando com o pé lhe dão tal picada, que se lhe não acodem logo com algum defensivo, não dura o mordido vinte e quatro horas. Estas cobras se poem tambem em ramos de arvores junto dos caminhos para morderem a gente, o que fazem muitas vezes aos indios, e quando mordem pela manhã, tem a peçonha mais força, como a vibora; as quaes mordem tambem as egoas e vaccas, do que morrem algumas, sem se sentir de que, senão depois que não tem remedio. Tem estas cobras nos dentes prezas, as quaes mordem de ilharga; e aconteceu na capitania dos Ilheos morder uma d'estas cobras um homem por cima da bota, e não sentir cousa que lhe doesse, e zombou da cobra, mas elle morreu ao outro dia; e vendendo-se o seu fato em leilão comprou outro homem as botas e morreu em vinte quatro horas com lhe inchar as pernas; pelo que se buscaram as botas, e acharam n'ellas a ponta do dente, como de uma agulha, que estava mettida na bota; no que se viu claro, que estas gereracas tem a peçonha nos dentes; estas cobras se criam entre pedras e páos podres, e mudam a pelle cada anno; cuja carne os indios comem.

Ububocas são outras cobras assim chamadas do tamanho das gereracas, mas mais delgadas, a que os Portuguezes chamam de coral, porque tem cobertos as pelles de escamas grandes vermelhas e quadradas, que parecem coral; e entre uma escama e outra vermelha, tem uma preta pequena. Estas cobras não remettem á gente, mas se lhe tocam, picam logo com os dentes dianteiros, e são as suas mordeduras mais peçonhentas que as das gereracas, e de maravilha escapa

pessoa mordida d'ellas. E quando estão enroscadas no chão parecem um ramal de coraes; e houve homem que tomou uma que estava dormindo, e meteu-a no seio, cuidando serem coraes, e não lhe fez mal; as quaes criam debaixo de penhascos e da rama secca.

CAPITULO CXII.

Em que se declara que cobras são as de cascavel, e as dos formigueiros, e as que chamam boitiapóia.

Boicininga quer dizer cobra que tange, pela lingua do gentio; as quaes são pequenas e muito peçonhentas quando mordem; chamam-lhe os Portuguezes cobras de cascavel, porque tem sobre o rabo uma pelle dura, ao modo de reclamo, tamanha como uma bainha de gravanço, mas é muito aguda na ponta que tem para cima, onde tem dous dentes com que mordem, que são agudos. Esta bainha lhe retine muito, quando andam, pelo que são logo sentidas, e não fazem tanto damno. E affirmam os indios, que as cobras d'esta casta não mordem com a boca, mas com aquelle aguilhão farpado que tem n'este cascavel, o qual tambem retine fóra da cobra: e tem tantos reclamos, como a cobra tem de annos; e cada anno lhe nasce um; as quaes cobras mordem ou picam com esta ponta de cascavel de salto.

Nos formigueiros velhos se criam outras cobras, que se chamam ubojára, que são de tres até cinco palmos, e tem o rabo rombo na ponta, da feição da cabeça; e não tem outra differença um do outro que ter a cabeça boca, em a qual não tem olhos e são cegas; e sahem dos formigueiros, quando se elles enchem com a agua da chuva; e como se sahem fóra, ficam perdidas sem saberem por onde andam; e se chegam a morder, são tambem mui peçonhentas. Estas cobras não são ligeiras como as outras, e andam muito de vagar, tem a pelle de côr acatasolada pela banda de cima, e pela de baixo são brancas; mantem-se nos formigueiros das formigas quando as podem alcançar, e do seu mantimento, donde tambem se sahem apertadas da fome.

Boitiapoias são cobras de cincoenta e sessenta palmos de comprido e muito delgadas, que não mordem a nada; porque tem o focinho muito comprido, e o queixo debaixo muito curto; onde tem a boca muito pequena e não podem chegar com os dentes a quem querem fazer mal, por que lho impede o focinho; mas para matarem uma pessoa ou alimaria enroscam-se com ella, e apertam-na rijamente, e buscam-lhe com a ponta do rabo os ouvidos, pelos quaes lha mettem com muita presteza, por que a tem muito dura e aguda; e por este lugar matam a preza, em que se depois desenfadam á vontade.

CAPITULO CXIII.

Em que se declara a natureza de cobras diversas.

Surucucú são umas cobras muito grandes e brancas na côr, que andam pelas arvores, donde remettem á gente, e á caça que passa por junto d'ellas, as quaes tem os dentes tamanhos que quando mordem levam logo bocado de carne fóra. D'estas cobras são os indios muito amigos, e tomam-nas em umas armadilhas, que chamam mondeos; e se o macho acha ali a femea preza e morta, espera ali o armador, com quem se cinge, e não o larga até que o mata: e torna a esperar ali até que venha outra pessoa, a quem morde sómente, e com esta vingança se vai d'aquelle lugar.

Ha outra casta de cobras, a que os indios chamam tiopurana, que são de quarenta e cincoenta palmos de comprido, que não mordem nem fazem mal a gente nenhuma, e mantem-se da caça que tomam. Estas tomam os indios ás mãos, quando são novas, e prendem-nas em casa, aonde as criam, e se fazem tão domesticas que vão buscar comer ao mato e tornam-se para casa, cuja carne é muito saborosa.

Caninam são outras cobras meãs na grandura, com a pelle preta nas costas e amarella na barriga, as quaes criam em os concavos dos páos podres, e são muito peçonhentas, e os mordidos d'ellas morrem muito de pressa, se lhes não acodem logo.

Boiubú quer dizer cobra verde, que não são grandes, e criam-se no campo, onde se mantem com ratos que tomam. Estas tambem mordem gente se podem, mas são muito peçonhentas, as quaes se enroscam com as lagartixas, ratos e com outros bichos com que se atrevem, que tambem matam para comerem.

Ha outra casta de cobras a que os indios chamam ubiracoá, que são pequenas e de côr ruivaça, as quaes andam sempre pelas arvores, donde mordem no rosto e pelos lugares altos das pessoas, e não se decem nunca ao chão; e se não acodem á mordedura d'estas com brevidade, é a sua peçonha tão fina que faz arrebentar o sangue em tres horas por todas as partes, de que o mordido morre logo.

Urapiagáras são outras cobras, que andam pelas arvores salteando passaros, e a comer-lhes os ovos nos ninhos, do que se mantem; as quaes não são grandes, mas muito ligeiras.

CAPITULO CXIV.

Que trata dos lagartos e dos cameleões.

Nas lagôas e rios de agua doce se criam uns lagartos a que os indios chamam jacaré, dos quaes ha alguns tamanhos como um homem, e que tem a cabeça como um grande libreo; estes lagartos são todos cobertos de conchas muito rijas, os quaes não remetem á gente, antes fogem d'ella; e mantem-se do peixe que tomam, e da herva que comem ao longo da agua; e ha alguns negros que lhes tem perdido o medo, e se vão a elles, chamando-os pelo seu nome; e vão-se chegando a elles até que os tomam ás mãos e os matam para os comerem; cuja carne é algum tanto adocicada, e tão gorda que tem na barriga banha como porco, a qual é alva e saborosa e cheira bem. Os testiculos dos machos cheiram como os dos gatos de algalea, e ás femeas cheira-lhes a carne de junto do vaso muito bem.

No mato se criam outros lagartos, a que os indios chamam senembús, que tambem são muito grandes, mas não tamanhos como os

jacarés; estes remetem a gente, e criam-se nos troncos das arvores; cuja carne é muito boa e saborosa.

Criam-se no mato outros lagartos tamanhos como os de cima, a que os indios chamam tijuaçú, os quaes são mansos, e criam em covas na terra, mantem-se das frutas que buscam pelo mato; cuja carne é havida por muito boa e saborosa.

Pelos matos se criam outros lagartos pequenos pintados como os de Hespanha, a que os indios chamam jacarépinima, os quaes criam por entre as pedras, e em tocas de arvores, com os quaes tem as cobras grandes brigas.

Anijuacangas são outros bichos que não tem nenhuma differença dos camaleões, mas são muito maiores que os de Africa, cuja côr naturalmente é verde, a qual mudam como fazem os de Africa, e estão logo presos a uma janella um mez sem comerem nem beberem; e estão sempre virados com o rosto para o vento, de que se mantem; e não querem comer cousa, que lhes deem, do que comem os outros animaes; são muito pezados no andar, e tomam-nos ás mãos, sem se defenderem; os quaes tem o rabo muito comprido, e tem um modo de prepatanas n'elle como os cações.

CAPITULO CXV.

Que trata da diversidade das rãs e sapos que ha no Brazil.

Chamam os indios cururús aos sapos de Hespanha, do que não tem nenhuma differença, mas não mordem, nem fazem mal, estando vivos, mortos sim, porque o seu fel é peçonha mui cruel, e os figados e a pelle, da qual o gentio usa quando quer matar alguem. Estes sapos se criam pelos telhados, e em tocas de arvores e buracos das paredes, os quaes tem um bolso na barriga em que trazem os ovos, que são tamanhos como avellãs e amarellos como gemmas de ovos, do que se geram os filhos, onde os trazem metidos até que são para

buscar sua vida; estes sapos buscam de comer de noite, a quem os indios comem, como ás rãs; mas tiram-lhe as tripas e forçura fóra, de maneira que lhe não arrebente o fel; porque se arrebenta fica a carne toda peçonhenta, e não escapa quem a come, ou alguma cousa da pelle e forçura.

E porque as rãs são de differentes feições e costumes, digamos logo de umas a que os indios chamam juiponga, que são grandes, e quando cantam parecem caldeireiros que malham nas caldeiras; e estas são pardas, e criam-se nos rios onde desovam cada lua; as quaes se comem, e são muito alvas e gostosas.

D'esta mesma casta se criam nas lagôas, onde desovam emquanto tem agua, mas como se secca, recolhem-se para o mato nos troncos das arvores, onde estão até que chove, e como as lagôas tem qualquer agua, logo se tornam para ellas, onde desovam; e os seus ovos são pretos, e de cada um nasce um bichinho com prepatanas e rabo, e as prepatanas se lhes convertem nos braços, e o rabo se lhes converte nas pernas. Emquanto são bichinhos lhes chamam os indios juins, do que ha sempre infinidade d'elles, assim nas lagoas como no remanso dos rios; do que se enchem balaios quando os tomam, e para os alimparem apertam-nos entre os dedos, e lançam-lhes as tripas fóra, e embrulham-nos ás mãos cheias em folhas, e assam-nos no borralho; o qual manjar gabam muito os linguas que tratam com o gentio, e os mistiços.

Juigiá é outra casta de rãs, que são brancacentas, e andam sempre na agua, e quando chove muito fallam de maneira que parecem crianças que choram, as quaes se comem esfoladas, como as mais; e são muito alvas e gostosas.

Ha outra casta de rãs, a que os indios chamam juihi; e são muito grandes, e de côr pretaça, e desovam na agua como as outras, as quaes, depois de esfoladas, tem tamanho corpo como um honesto coelho.

Cria-se na agua outra casta de rãs, a que os indios chamam juiperega, que saltam muito, em tanto que dão saltos do chão em cima dos telhados, onde andam no inverno, e cantam de cima como chove;

as quaes são verdes, e desovam tambem na agua em logares humidos; e esfoladas comem-se como as outras.

Ha outra casta de rãs, a que os indios chamam juigoaraigarai, que são pequenas, e no inverno quando ha de fazer sol e bom tempo, cantam toda noite no alagadiço, onde se criam, o qual signal é muito certo; estas são verdes, e desovam na agua que corre entre junco ou rama, e tambem esfoladas se comem e são muito boas.

Como não ha ouro sem fezes, nem tudo é á vontade dos homens, ordenou Deus que entre tantas cousas proveitosas para o serviço d'elles, como fez na Bahia, houvesse algumas immundicias que os enfadasse muito, para que não cuidassem que estavam em outro paraizo terreal, de que diremos d'aqui por diante; começando no capitulo que se segue das lagartas.

CAPITULO CXVI.

Que trata das lagartas que se criam na Bahia.

Soca chamam os indios á lagarta, que é tamanha como bichos de seda, quando querem morrer que estão gordos, a qual se cria de borboletas grandes que vão de passagem. A's vezes se cria essa lagarta com muita agua e morre como faz sol, outras vezes se cria com grande secca e morre como chove. Uma e outra destroe as novidades de mandioca, algodão, arroz; e faz mal á cana nova de assucar, e ás vezes é tanta esta lagarta que vão as estradas cheias dellas, e deixam o caminho varrido da herva, e escaldado. E quando dão nas roças da mandioca chascam de maneira que se ouve um tiro de pedra, ás quaes comem os olhinhos novos, e depois as outras folhas; e muitas vezes é tanta que comem a casca dos ramos da mandioca; e se se não muda o tempo, destroem as novidades de maneira que causa haver fome na terra, e o chão por onde esta praga passa, ainda que seja mato, fica escaldado de maneira que não cria herva em dous annos.

Imbuá é outra casta de lagartas verdes pintadas de preto e a cabeça

branca, e outras pintadas de vermelho e preto, e todas são tão grossas como um dedo, e de meio palmo de comprido, com muitas pernas, as quaes crestam a terra e arvores por onde passam.

Ha outras mais pequenas que as de traz, que são pretas, de côr muito fina, todas cheias de pello tão macio como veludo, e tão peçonhento, que faz inchar a carne se lhe tocam, com cujo pello os indios fazem crescer a natura; e chamam a estas socauna.

Nos limoeiros e em outras arvores naturaes da terra se criam outras lagartas verdes, todas cobertas de esgalhos verdes, muito sutis e de estranho feitio, tão delgados como cabellos da cabeça, o que é impossivel poder-se contrafazer com pintura; estas tem os indios por mais peçonhentas que todas, e fogem muito dellas; e afirmam que fazem secar os ramos das arvores por onde passam com lhes morderem os olhos.

Em outras arvores que se chamam cajuzeiros, se criam umas lagartas ruivaças, tamanhas como as das couves em Portugal, todas cobertas de pello, as quaes como sentem gente debaixo, sacodem este pello de si, e na carne onde chega, se levanta logo tamanha comichão que é peior que a das ortigas, o que dura todo um dia: e criam-se estas nos ramos velhos.

CAPITULO CXVII.

Que trata das lucernas e de outro bicho estranho.

Na Bahia se criam uns bichos, a que os indios chamam mamoás, aos quaes chamam em Portugal lucernas, e outros cagalume, que andam em noites escuras, assim em Portugal como na Bahia, em cujos matos os ha muito grandes; os quaes entram de noite nas casas ás escuras, onde parecem candeias muito claras, porque alumiam uma casa toda, em tanto que ás vezes acorda uma pessoa de supito vendo a casa clara, deitando-se ás escuras, do que se espanta cuidando ser outra cousa: dos quaes bichos ha muita quantidade em lugares mal povoados.

Tambem se criam outros bichos na Bahia mui estranhos, a que os indios chamam buijeja, que são do tamanho de uma lagarta de couve, o qual é muito resplandecente, em tanto que estando de noite em qualquer casa, ou lugar fóra della, parece uma candeia aceza, e quando anda é ainda mais resplandecente. Tem este bicho uma natureza tão estranha que parece encantamento, e tomando-o na mão parece um rubim, mui resplandecente, e se o fazem em pedaços, se torna logo a juntar e andar como d'antes; e sobre assinte se viu por vezes em differentes partes cortar-se um d'estes bichos com uma faca em muitos pedaços, e se tornarem logo a juntar; e depois o embrulharam em um papel durante oito dias, e cada dia o espedaçavam em migalhas, e tornava-se logo a juntar e reviver, até que enfadava, e o largavam.

CAPITULO CXVIII.

Que trata da diversidade e estranheza das aranhas e dos lacráos.

Na Bahia se cria muita diversidade de aranhas, e tão estranhas que convem declarar a natureza de algumas. E peguemos logo nas a que chamam nhanduaçú, as quaes são tamanhas como grandes carangueijos, e muito cabelludas e peçonhentas; remetem á gente de salto, e tem os dentes tamanhos como ratos, cujas mordeduras são mui perigozas; e criam-se em páos podres, no concavo delles, e no povoado em paredes velhas.

Ha outra casta de aranhas, a que os indios chamam nhandui, que são as acostumadas em toda a parte de que se criam tantas no Brazil, com a humidade da terra que, se não alimpam as cazas muitas vezes, não ha quem se defenda dellas. Estas fazem um bolso na barriga muito alvo, que parece de longe algodão, que é do tamanho de dous reales, e de quatro, e de oito reales, em o qual bolso criam mais de duzentas aranhas; e como podem viver sem a mãi largam o bolso de si com ellas, e cada uma vai fazer seu ninho; e como esta sevandija é tão nojenta, escusamos de dizer mais della.

Surajú chamam os indios a um bicho como os lacráos de Portugal, mas são tamanhos como camarões, e tem duas bocas compridas; e se mordem uma pessoa, está atormentada com ardor vinte quatro horas, mas não periga.

Criam-se na Bahia outros bichos da feição dos lacráos, a que os indios chamam nhanduabijú, os quaes tem o corpo tamanho como um rato, e duas bocas tamanhas como de lagosta; os quaes são todos cheios de pello, e muito peçonhentos, cujas mordeduras são mui perigosas; e criam-se em tocas de arvores velhas no podre dellas.

Não são para lembrar as immundicias de que até aqui tratamos, porque são pouco damnosas, e ao que se póde atalhar com alguns remedios; mas á praga das formigas não se póde compadecer, porque se ellas não foram, a Bahia se podéra chamar outra terra de promissão; das quaes começaremos a dizer d'aqui por diante.

CAPITULO CXIX.

Que trata das formigas que mais damno fazem, que se chamam saúba.

Muito havia que dizer das formigas do Brazil, o que se deixa de fazer tão copiosamente como se podera fazer, por se escusar prolixidade; mas diremos em breve de algumas, começando nas que mais damno fazem na terra, a que o gentio chama ussaúba, que é a praga do Brazil, as quaes são como as grandes de Portugal, mas mordem muito, e onde chegam destroem as roças da mandioca, as hortas das arvores de Hespanha, as laranjeiras, romeiras e parreiras. Se estas formigas não foram, houvera na Bahia muitas vinhas e uvas de Portugal; as quaes formigas vem de muito longe de noite buscar uma roça de mandioca, e trilham o caminho por onde passam, como se fosse gente por elle muitos dias, e não salteam senão de noite; e por atalharem a não comerem as arvores a que fazem nojo, põem-lhe um testo de barro ao redor do pé, cheio de agua, e se de dia se lhe secou a agua,

ou lhe cahiu uma palha de noite que a atravesse, trazem taes espias que são logo disso avisadas; e passa logo por aquella palha tamanha multidão dellas que antes que seja manhã, lhe dão com toda a folha no chão; e se as roças e arvores estão cheias de mato de redor não lhes fazem mal, mas tanto que as vêem limpas, como quem entende que tem gosto a gente disso, saltam nellas de noite, e dão-lhe com a folha no chão, para a levarem para os formigueiros; e não ha duvida senão que trazem espias pelo campo, que levam avizo aos formigueiros; porque se viu muitas vezes irem tres e quatro formigas para os formigueiros, e encontrarem outras no caminho e virarem com ellas, e tornarem todas carregadas, e entrarem assim no formigueiro, e sahirem-se logo delle infinidade dellas a buscarem de comer á roça, onde foram as primeiras; e tem tantos ardís que fazem espanto. E como se d'estas formigas não diz o muito que dellas ha que dizer, é melhor não dizer mais senão que se ellas não foram que se despovoára muita parte de Hespanha para irem povoar o Brazil; pois se dá nelle tudo o que se póde desejar, o que esta maldição impede de maneira que tira o gosto aos homens de plantarem senão aquillo sem o que não podem viver na terra.

CAPITULO CXX.

Em que se trata da natureza das formigas de passagem.

Temos que dizer de outra casta de formigas mui estranha, a que os indios chamam goajugoajú, as quaes são pequenas e ruivas, e mordem muito; estas de tempos em tempos se sahem da cova, maiormente depois que chove muito, e torna a fazer bom tempo que se lhe enche a cova de agua; e dão em uma casa onde lhe não fica caixa em que não entrem, nem buraco, nem greta pelo chão e pelas paredes, onde matam as baratas, as aranhas e os ratos, e todos os bichos que acham; e são tantas que os cobrem de improviso, e entram-lhes pelos olhos, orelhas e narizes, e pelas partes baixas, e assim os levam para

os seus aposentos, e a tudo o que matam; e como correm uma casa toda passam por diante a outra, onde fazem o mesmo e a toda uma aldêa; e são tantas estas formigas, quando passam, que não ha fogo que baste para as queimar, e põem em passar por um lugar toda uma noite, e se entram de dia todo um dia; as quaes vão andando em ala de mil em cada fileira; e se as casas em que entram são terreas, e acham a roupa da cama no chão, por onde ellas subam, fazem alevantar mui depressa a quem nella jaz, e andar por cima das caixas e cadeiras, sapateando, lançando-as fóra, e cossando; porque ellas, em chegando, cobrem uma pessoa toda, e se acham cachorros e gatos dormindo, dão nelles de feição, e em outros animaes, que os fazem voar; e matam tambem as cobras que acham descuidadas; e viu-se por muitas vezes levarem-nas estas formigas a rastões infinidade dellas; e matam-nas primeiro entrando-lhe pelos olhos e ouvidos, por onde as tratam e mordem tão mal, e de feição que as acabam.

CAPITULO CXXI.

Que trata da natureza de certas formigas grandes.

Nesta terra se criam umas formigas grandes, a que os indios chamam guibuquibura; que são as que em Portugal chamam agudes, mas são maiores. Estas sahem dos formigueiros depois que chove muito, e vão diversas voando por lugares onde enxameam grande somma de formigas, e como lhes toca qualquer cousa, ou lhes dá o vento logo lhes cahem as azas e morrem; e não póde ser menos d'estas enxamearem de vôo, porque em hortas cercadas de agua que ficam em ilha, lhes arrebentam formigueiros dentro, estando antes a terra limpa dellas, e não podem passar por respeito da agua que cerca estas hortas.

Criam-se na mesma terra outras formigas, a que os indios chamam içans, as quaes tem o corpo tamanho como passas de Alicante, e são da mesma côr, as quaes tem azas como os agudes, e tambem se saem

dos formigueiros depois que chove muito, a enxugar-se ao sol; e tem grande boca, e tão aguda, que cortam com ella como tezoura o fato a que chegam, e quando pegam na carne de alguma pessoa se aferram de maneira que não se podem tirar senão cortando-lhe a cabeça com as unhas; as quaes se mantem das folhas das arvores e de minhocas, e de outros bichinhos que tomam pelo chão; a estas formigas comem os indios torradas sobre o fogo, e fazem-lhe muita festa; e alguns homens brancos que andam entre elles, e os mistiços as tem por bom jantar, e o gabam de saboroso, dizendo que sabem a passas de Alicante; e torradas são brancas por dentro.

Ha outras formigas a que os indios chamam tarusãn, que são ruivas, e tem o corpo tamanho com grão de trigo, e grande boca; as quaes são amigas das caixas, onde roem o fato que está nellas, e o que acham pelo chão; em o qual fazem lavores, que parecem feitos á tesoura, e succedeu muitas vezes terem os sapateiros o calçado feito, e ficar nas encospeas no chão, onde lhe chegaram de noite, e quando veio pela manhã as acharam todas lavradas pela banda da flor, e a tinham toda abocanhada.

CAPITULO CXXII.

Que trata de diversas castas de formigas.

Ubiraipú é outra casta de formigas, que se criam nos pés das arvores; são pardas e pequenas, mas mordem muito; as quaes se mantem das folhas das arvores, e da podridão do concavo dellas.

Ha outra casta, a que os indios chamam tacicema, que se criam nos mangues que estam com a maré cobertos de agua até o meio; as quaes são pequenas, e fazem ninhos na terra nestas arvores, obrados como favo de mel, onde criam; a qual terra vão buscar enxuta, quando a maré está vazia; e mantem-se dos olhos dos mangues e de ostrinhas que se nelles criam, e de uns caramujos que se criam nas folhas d'estes mangues, que são da feição e natureza dos caracoes.

Tacibura é outra casta de formigas, que são pequenas do corpo e

tem grande cabeça, com dous corninhos nella; são pretas, e mordem muito, e criam-se nos páos podres que estam no chão, e mantem-se delles e da humidade que estes páos tem em si.

Tacipitanga é outra casta de formigas pequenas, as quaes não mordem. mas não ha quem possa defender dellas as cousas doces, nem outras de comer. Estas se criam pelas casas em lugares ocultos que se não podem achar, mas como as cousas doces entram em casa, logo lhes dão assalto, com o que enfadam muito; e são muito certas em casas velhas, que tem as paredes de terra.

Outras formigas chamam os indios taciahî, que são grandes e pretas, e criam-se debaixo do chão; tambem mordem muito, mas não se afastam muito do seu formigueiro.

CAPITULO CXXIII.

Em que se trata que cousa é o copî, que ha na Bahia, e dos carrapatos.

Copî são uns bichos que são tão prejudiciaes como as formigas, os quaes arremedam na feição ás formigas, mas são mais curtos, redondos e muito nojentos, e se lhe tocam com as mãos logo se esborracham, e ficam fedendo a percevejos; e são brancacentos. Estes bichos se criam nas arvores e na madeira das casas, onde não ha quem se defenda delles; os quaes vem do mato por baixo do chão a entrar nas casas, e trepam pelas paredes aos fórros e emmadeiramento dellas; e fazem de barro um caminho muito para ver, que vai todo coberto com uma abobada de barro de volta de berço, cousa subtilissima e tão delgada a parede della como casca de castanha, e servem-se por dentro por onde sempre caminham, uns para cima e outros para baixo; e fazem nas partes mais altas das casas seus aposentos, pelas juntas de madeira em redondo; uns tamanhos como bollas, outros como botijas, e tamanhos como pótes; e, se se não tem muito tento nisto, destroem umas casas, e comem-lhe a madeira, e apodrentam-na

toda; e o mesmo feitio fazem nas arvores, com que as fazem secar: e é necessario que se alimpem as casas delle, de quando em quando; e quando lhe tiram fóra estes aposentos, estam todos lavrados por dentro como favo de mel, mas tem as casas mais miudas, e todas estas cheias d'este copî; o qual lançam ás gallinhas com o que engordam muito.

Pelas arvores se cria outra casta de copî preto, e do tamanho e feição do gorgulho, que em Hespanha se cria no trigo; este morde muito, e é mais ligeiro que o de cima, e faz seus ninhos pelos ramos das arvores secas; e lavram-nos todas por dentro.

Ha na Bahia muitos carrapatos, dos quaes se cria infinidade delles no mato, nas folhas das arvores, e com o vento caem no chão; e quem anda por baixo d'estas arvores leva logo seu quinhão; dos quaes nasce grande comichão; mas como se untam com qualquer azeite, logo morrem. D'estes carrapatos se pegam muitos na caça grande, e nas vaccas, onde se fazem muito grandes; mas ha uns passaros de que dissemos atraz, que os matam ás alimarias e ás vaccas, que os esperam muito bem, e mantem-se disto.

Tambem se criam nas palmeiras uns caracoes do tamanho de oito reales, que são baixos e enroscada a casca em voltas como a postura de uma cobra quando está enroscada, os quaes fazem mal aos indios, se comem muitos. Dos caracoes de Hespanha se criam muitos nas arvores e nas hervas.

CAPITULO CXXIV.

Que trata das pulgas e piolhos, e dos bichos, que se criam nos pés.

Pulgas ha poucas no Brazil, a que os indios chamam tungaçú, e nenhuns piolhos do corpo entre a gente branca; entre os indios se criam alguns nas redes em que dormem, como estam sujas, os quaes são compridos com feição de pernas, como os piolhos ladros, e fazem grande comichão no corpo.

Para se arrematar esta parte das informações dos bichos prejudiciaes, e de nenhum proveito que se criam na Bahia, convem que se diga

que são estes bichos tão temidos em Portugal, que se metem nos pés da gente, a que os indios chamam tungas, os quaes são pretinhos, pouco maiores que ouções. Criam-se em casas despovoadas, como as pulgas em Portugal, e em casas sujas de negros que as não alimpam, e dos brancos que fazem o mesmo, mórmente se estam em terra solta e de muito pó, em os quaes lugares estes bichos saltam como pulgas nas pernas descalças; mas nos pés é a morada a que elles são mais inclinados, mórmente junto das unhas; e como estes bichos entram na carne, logo se sentem como picada de agulha. Ha alguns que doem ao entrar na carne, e outros que fazem comichão como de frieiras; e não andam nas casas sobradadas, nem nas terreas que andam limpas, nem fazem mal a quem anda calçado: aos preguiçosos e sujos fazem estes bichos mal, que aos outros homens não; porque em os sentindo os tiram logo com a ponta de um alfinete como quem tira um oução; e os que estam entre as unhas, doem muito ao tirar; porque estam metidos pela carne, os quaes se tiram em menos espaço de uma Ave Maria; e donde saem fica uma covinha, em que põem-lhe uns pós de cinza ou nada, e não se sente mais dôr nenhuma; mas os preguiçosos e sujos que nunca lavam os pés, deixam estar os bichos nelles, onde vem a crescer, e fazerem-se tamanhos como camarinhas e daquella côr; porque estam por dentro todos cheios de lendeas, e como arrebentam vão estas lendeas lavrando os pés, do que se vem a fazer grandes chagas.

No principio da povoação do Brazil, vieram alguns homens a perder os pés, e outros a encherem-se de boubas, o que não acontece agora; por que todos os sabem tirar, e não se descuidam tanto de si, como faziam os primeiros povoadores.

D'aqui por diante vão arrumados os peixes que se criam no mar da Bahia e nos rios d'ella.

Pois queremos manifestar as grandezas da Bahia de Todos os Santos, a fertilidade da terra, e abastança dos mantimentos, frutos e caça d'ella, convem que se saiba se tem o mar tão abundoso de pescado

e marisco como tem a terra do muito que se se nella cria, como já fica dito; e porque havemos de satisfazer a esta obrigação, gastando um pedaço em relatar a diversidade de peixes que este mar e os rios que n'elle entram criam, começemos logo no capitulo seguinte.

CAPITULO CXXV.

Que trata das baleas que se entram no mar da Bahia.

Entendo que cabe a este primeiro capitulo dizermos das baleas que entram na Bahia, (como do maior peixe do mar d'ella) a que os indios chamam pirapuã; das quaes entram na Bahia muitas em o mez de Maio, que é o primeiro do inverno n'aquellas partes, onde andam até o fim de Dezembro que se vão: e n'este tempo de inverno, que reina até o mez de Agosto, parem as femeas á abrigada da terra da Bahia, pela tormenta que faz no mar largo, e trazem aqui os filhos, depois que parem, tres e quatro mezes, que elles tem disposição para seguirem as mãis pelo mar largo; e n'este tempo tornam as femeas a emprenhar, em a qual obra fazem grandes estrondos no mar. E em quanto as baleas andam na Bahia, foge o peixe do meio d'ella para os baixos e reconcavos onde ellas não podem andar, as quaes ás vezes pelo irem seguindo dão em secco, como aconteceu no rio de Pirajá o anno de 1580, que ficaram n'este rio duas em secco, macho e femea, as quaes foi ver quem quiz; e eu mandei medir a femea, que estava inteira, e tinha do rabo até a cabeça setenta e tres palmos de comprido, e dezasete de alto, fóra o que tinha mettido pela vasa, em que estava assentada; o macho era sem comparação maior, o que se não pôde medir, por a este tempo estar já despido da carne, que lhe tinham levado para azeite; a femea tinha a boca tamanha que vi estar um negro mettido entre um queixo e outro, cortando com um machado no beiço debaixo com ambas as mãos, sem tocar no beiço de cima; e a borda do beiço era tão grossa como um barril de seis almudes; e o beiço debaixo sahia para fóra mais que o de cima,

tanto que se podia arrumar de cada banda n'elle um quarto de meação; a qual balêa estava prenhe, e tiraram-lhe de dentro um filho tamanho com oum barco de trinta palmos de quilha; e se fez em ambas de duas tanto azeite que fartaram a terra d'elle dous annos. Quando estas balêas andam na Bahia acompanham-se em bandos de dez, doze juntas, e fazem grande temor aos que navegam por ella em barcos, porque andam urrando, e em saltos, lançando a agua mui alta para cima; e já aconteceu por vezes espedaçarem barcos, em que deram com o rabo, e matarem a gente d'elles.

CAPITULO CXXVI.

Que trata do espardate e de outro peixe não conhecido que deu á costa.

Entram na Bahia, no tempo das balêas, outros peixes muito grandes, a que os indios chamam pirapicú, e os Portuguezes espadartes, os quaes tem grandes brigas com as balêas, e fazem tamanho estrondo quando pelejam, levantando sobre a agua tamanho vulto e tanta d'ella para cima, que parece de longe um navio á vella; o que se vê de tres e quatro leguas de espaço, e com esta revolta, em que andam, fazem grande espanto ao outro peixe miudo; com o que foge para os rios e reconcavos da Bahia.

Aconteceu na Bahia, em o verão do anno de 1584, onde chamam Tapoam, vir um grande vulto do mar fazendo grande marulho de diante apóz o peixe miudo que lhe vinha fugindo para a terra, até dar em secco; e como vinha com muita força, varou em terra pela praia, donde se não pôde tornar ao mar por vazar a maré e lhe faltar a agua para nadar; ao que acodiram os vizinhos d'aquella comarca a desfazer este peixe, que se desfez todo em azeite, como faz a balêa; o qual tinha trinta e sete palmos de comprido, e não tinha escama, mas couro muito grosso e gordo como toucinho, de côr verdoenga; o qual peixe era tão alto e grosso que tolhia a vista do mar, a quem se punha de

traz d'elle; cuja cabeça era grandissima, e tinha por natureza um só olho no meio da frontaria do rosto; as espinhas e ossos eram verdoengas: ao qual peixe não soube ninguem o nome, por não haver entre os indios nem portuguezes quem soubesse dizer que visse nem ouvisse que o mar lançasse outro peixe como este fóra, de que se admiraram muito.

CAPITULO CXXVII.

Que trata dos homens marinhos.

Não ha duvida senão que se encontram na Bahia e nos reconcavos d'ella, muitos homens marinhos, a que os indios chamam pela sua lingua upupiara, os quaes andam pelo rio d'agua doce pelo tempo do verão, onde fazem muito damno aos indios pescadores e mariscadores que andam em jangadas, onde os tomam, e aos que andam pela borda da agua, metidos n'ella; a uns e outros apanham, e mettem-nos debaixo d'agua onde os afogam: os quaes sahem a terra com a maré vazia afogados e mordidos na boca, narizes e na sua natura; e dizem outros indios pescadores que viram tomar a estes mortos que viram sobre agua uma cabeça de homem lançar um braço fóra d'ella e levar o morto; e os que isso viram se recolhèram fugindo á terra assombrados, do que ficaram tão atemorizados que não quizeram tornar a pescar d'ahi a muitos dias; o que tambem aconteceu a alguns negros de Guiné; as quaes fantasmas ou homens marinhos mataram por vezes cinco indios meus; e já aconteceu tomar um monstro destes dous indios pescadores de uma jangada e levarem um, e salvar-se outro tão assombrado que esteve para morrer; e alguns morrem disto. E um mestre de assucar do meu engenho afirmou que olhando da janella do engenho que está sobre o rio, e que gritavam umas negras, uma noite, que estavam lavando umas fôrmas de assucar, víu um vulto maior que um homem á borda d'agua, mas que se lançou logo n'ella; ao qual mestre de assucar as negras disseram que aquella fantasma vinha para pegar n'ellas, e que aquelle era o homem

marinho, as quaes estiveram assombradas muitos dias; e d'estes acontecimentos acontecem muitos no verão, que no inverno não falta nunca nenhum negro.

CAPITULO CXXVIII.

Que trata do peixe serra, tubarões, toninhas, e lixas.

Aragoagoay é chamado pelos indios o peixe a que os Portuguezes chamam peixe serra; os quaes tem o couro e feição dos tubarões, mas tem no focinho uma espinha de osso muito dura, com dentes de ambas as bandas mui grandes, uns de meio palmo, e outros de mais, e de menos; segundo o peixe, é a espinha de seis, sete palmos de comprido, os quaes se defendem com ellas dos tubarões e de outros peixes. Estes se tomam com anzoes de cadêa com arpoeiras compridas, que lhe largam para quebrar a furia e se vazar do sangue. Este peixe naturalmente é secco, e fazem-no em tassalhos para se seccar, que serve para a gente do serviço; e tem tamanhos figados, que se tomam muitos de cujos figados se tiram trinta a quarenta canadas de azeite, que serve para a candeia e para concertar o breo para os barcos.

Uperu é o peixe a que os Portuguezes chamam tubarão, de que ha muita somma no mar da Bahia; estes comem gente, se lhe chegam a lanço, e andam sempre á caça do peixe miudo; aos quaes matam com anzoes de cadêa com grandes arpoeiras, como o peixe serra, em os quaes acham pegados os peixes romeiros, como nos do mar largo; cuja carne comem os indios, e em tassalhos seccos se gasta com a gente dos engenhos, os quaes tem tamanhos figados que se tira d'elles vinte, e vinte quatro canadas de azeite; cujos dentes aproveitam os indios, que os engastam nas pontas das flexas; e os que os tem são muito estimados d'elles.

Por tempo de calma apparecem no mar da Bahia toninhas, a que os indios chamam pojujî, das quaes tambem foge o peixe miudo para

os reconcavos; mas não se faz conta d'ellas para as matarem, em nenhum tempo.

No mar da Bahia se criam muitas lixas maiores que as de Hespanha, que apparecem em certa monsão do anno, as quaes tem tamanhos figados que se tira delles quinze e vinte canadas de azeite, as quaes andam ao longo da arêa onde ha pouco fundo, e tomam-nas com arpeos, o que esperam bem; e seccas e escaladas servem para a gente dos engenhos, e para matalotagem da gente que ha de passar o mar.

CAPITULO CXXIX.

Que trata da propriedade do peixe boi.

Goarágoá é o peixe a que os portuguezes chamam boi, que anda na agua salgada e nos rios junto da agua doce, de que elles bebem; e comem de uma herva miuda como milhã, que se dá ao longo da agua; o qual peixe tem o corpo tamanho como um novilho de dous annos, e tem dous cotos como braços, e n'elles umas mãos sem dedos; não tem pés, mas tem o rabo á feição de peixe e a cabeça e focinho como boi; tem o corpo muito maciço, e duas goellas, e uma só tripa; o qual tem os figados e bofes e a mais forçura como boi, e tudo muito bom; não tem escama, mas pelle parda e grossa. A estes peixes se mata com arpões muito grandes, atados a grandes arpoeiras mui fortes, e no cabo d'ellas atado um barril ou outra boia, porque lhe largam com o arpão a arpoeira, e o arpador vai em uma jangada seguindo o rasto do barril ou boia, que o peixe leva atraz de si com muita furia, até que o peixe se vasa todo do sangue, e se vem acima da agua morto; o qual levam atado a terra ou ao barco, onde o esfolam como novilho, cuja carne é muito gorda e saborosa: e tem o rabo como toucinho sem ter n'elle nenhuma carne magra, o qual derretem como banha de porco, e se desfaz todo em manteiga, que serve para tudo o para que presta a de porco, e tem muito melhor sabor: a carne d'este peixe em fresco cozida com couves sabe a carne de vacca, e salpreza

melhor, e adubada parece e tem o sabor de carne de porco; e feita em tassalhos, posta de fumo faz-se muito vermelha, e parece e tem o sabor, cozida, de carne de porco muito boa; a qual se faz muito vermelha e é feita toda em fevras com sua gordura misturada; e em fresca e salpreza, e de vinha d'alhos, assada parece lombo de porco, e faz-lhe vantagem no sabor; as mãos cozidas d'este peixe são como as de porco, mas tem mais que comer; o qual tem os dentes como boi, e na cabeça entre os miolos tem uma pedra tamanha como um ovo de pata, feita em tres peças, a qual é muito alva e dura como marfim, e tem grandes virtudes contra a dôr de pedra: as femeas parem uma só criança, e tem o seu sexo como outra alimaria; e os machos tem os testiculos e vergalho como boi; na pelle não tem cabello nem escama.

CAPITULO CXXX.

Que trata dos peixes pesados e grandes.

Beijupirá é o mais estimado peixe do Brazil, tamanho e da feição do solho, e pardo na côr: tem a cabeça grande e gorda como toucinho, cujas escamas são grandes: quando este peixe é grande, é-o muito, e tem saborosissimo sabor: a sua cabeça é quasi massiça, cujos ossos são muito tenros, e desfazem-se na boca em manteiga todos; as femeas tem as ovas amarellas, e cada uma enche um prato grande, as quaes são muito saborosas. Andam estes peixes pelos baixos ao longo da arêa, aonde esperam bem que os arpoem; tambem morrem á linha, mas hão lhe ir andando com a linha para comerem a isca, e assim a vão seguindo até que cahem no anzol, onde não bolem comsigo; e por que ha poucos indios que os saibam tomar, morrem poucos.

Tapyrsiçá é outro peixe assim chamado pelos indios, em cuja lingua quer dizer olho de boi, pelo qual nome o nomeam os Portuguezes; este peixe é quasi da feição do beijupirá, senão quanto é mais barri-

gudo, o qual tem tambem grandes ovas e muito boas; e morre á linha, e é muito saboroso e de grande estima.

Camuropi é outro peixe muito prezado e saboroso, tamanho como uma pescada muito grande e da mesma feição, mas cheio de escamas grossas do tamanho da palma da mão, e outras mais pequenas; e cortado em postas, está arrumado um eito de espinhas grandes, e outro de carne, e no cabo tem muitas juntas como o savel; as femeas tem ovas tamanhas que enchem um grande prato cada uma d'ellas; e quando este peixe é gordo é mui saboroso; o qual morre á linha no verão; e são muitos d'elles tamanhos que dous indios não podem com um ás costas atado em um páo.

Ha outro peixe a que os indios chamam piraquiroâ, que são como os corcovados de Portugal, que se tomam á linha, os quaes são muito estimados; porque, como são gordos, são muito saborosos em extremo.

Carapitanga são uns peixes que pela lingua do gentio querem dizer vermelhos, porque o são na côr: os grandes são como pargos; e os pequenos como gorazes, mas mais vermelhos uns e outros, e mais saborosos; os quaes morrem em todo o anno; e quando estão gordos não tem preço, e são mui sadios. Estes peixes morrem á linha em honesto fundo, e ordinariamente em todo o anno morre muita somma delles, os quaes a seu tempo tem ovas grandes, e muito gostosas, e salprezo é estimado

CAPITULO CXXXI

Que trata das propriedades dos meros, cavallas, pescadas e xareos.

Cunapú são uns peixes, a que chamam em Portugal méros, os quaes são mui grandes, e muitos morrem tamanhos que lhe caberia na boca um grande leitão de seis mezes; e por façanha se meteu já um negrinho de tres annos dentro na boca de um d'estes peixes, os quaes

tem tamanhos figados como um carneiro, e salpimentados são muito bons; e tem o bucho tamanho como uma grande cidra, o qual cozido e recheado dos figados tem muito bom sabor; o couro d'este peixe é tão grosso como um dedo e muito gordo, o qual se toma com qualquer anzol e linha, sem trabalharem por se soltar d'elle, e no tempo das aguas vivas se tomam em umas tapages de pedras e de páos, a que os indios chamam camboas onde morrem muitos, os quaes salprezos são muito bons.

Cupá são uns peixes a que os Portuguezes chamam pescadas bicudas que são pontualmente da feição das das ilhas Terceiras, mas muito maiores e mais gostosas, as quaes se tomam á linha; e salprezas de um dia para outro, fazem as postas folhas como as boas pescadas de Lisboa e em extremo são saborosas.

Guarapicú são uns peixes a que os Portuguezes chamam cavallas, das quaes ha muitas que começam a entrar na Bahia no verão com os nordestes, e recolhem-se com elles, com a criação que desovaram na Bahia. São estes peixes maiores que grandes pescadas, mas da feição e côr dos saveis, os quaes não comem a isca estando queda; pelo que os pescadores vão andando sempre com as jangadas; e acodem então á isca, e pegam do anzol, que é grande, por trabalhar muito como se sente prezo. Este peixe é muito saboroso, e quando está gordo sabem as suas ventrechas a savel, cujo rabo é gordissimo, e tem grandes ovas em extremo saborosas; os seus ossos dos focinhos se desfazem todos entre os dentes em manteiga; e salprezo este peixe é muito gostoso, e se faz todo em folhas como pescada; mas é muito avantajado no sabor e levidão.

Chamam os indios guiará, ao que os Portuguezes chamam charéo, que é peixe largo, branco, prateado e tezo, o qual quando é gordo é em extremo saboroso; e tem nas pontas das espinhas, nas costas, uns ossos alvos atoncladas, tão grossos no meio como avelãs, mas compridos; o qual peixe morre á linha e em redes em todo o anno; e além de ser gostoso é muito sadio.

CAPITULO CXXXII.

Em que se trata dos peixes de couro que ha na Bahia.

Panapaná é uma casta de cações, que em tudo o parecem, se não quanto tem na ponta do focinho uma roda de meio compasso, de palmo e meio e de dous palmos, o qual peixe tem grandes figados como tubarões; e os grandes tomam-se com anzoes de cadêa, os pequenos á linha e em redes de mistura com o outro peixe; comem-se os grandes seccos em tassalhos, e os pequenos frescos; e são muito gostosos e leves, frescos e seccos.

Aos cações chamam os indios socorî, do que ha muitos na Bahia, que se tomam á linha e com redes; e os pequenos são mui leves e saborosos; e uns e outros não tem na feição nenhuma differença dos que andam e se tomam em Hespanha.

Ha outro peixe, a que os indios chamam guris e os Portuguezes bagres: tem o couro prateado sem escama, tomam-se á linha, tem a cabeça como enxarroco, mas muito dura; e tem o miolo d'ella duas pedrinhas brancas muito lindas; este peixe se toma em todo o anno, e é muito leve e gostoso.

Ha outra casta de bagres, que tem a mesma feição, mas tem o couro amarello, a que os indios chamam urutús, que tambem morrem em todo o anno á linha, da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, cujas pelles se pegam muito nos dedos; e não são tão saborosos como os bagres brancos.

Chamam os indios ás moréas caramurú, das quaes ha muitas, mui grandes e mui pintadas como as de Hespanha, as quaes mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas e saborosas; não as ha senão junto das pedras, onde as tomam ás mãos.

Arraias ha na Bahia muitas, as quaes chamam os indios jabubirá e são de muitas castas como as de Lisboa, e morrem á linha e em redes;

ha umas muito grandes e outras pequenas, que são muito saborosas e sadias.

CAPITULO CXXXIII.

Que trata da natureza das albacoras, bonitos, dourados, corvinas e outros.

Tacupapirema é um peixe que arremeda as corvinas de Hespanha, o qual morre no verão, da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, e tem uma côr amarellaça em fresco, e tem a carne molle, e salprezo, faz-se em folhas como pescada, e é muito gostoso. Este peixe tem na cabeça metidas nos miolos duas pedras muito alvas do tamanho de um vintem, e morre á linha; do que ha muito por estes rios.

Bonitos entram tambem na Bahia no verão muita somma, que morrem á linha: são como os do mar largo, e tem-se em pouca estima. Tambem entram na Bahia no verão muitas douradas, que são da feição das do mar largo, mas mais seccas; morrem á linha, e não é havido por bom peixe, e tem a espinha verde.

No mesmo tempo entram na Bahia muitas albacoras, a que os indios chamam caraoatá, que são como as que seguem os navios, mas tem bichos nas ventrechas que se lhes tiram, que são como os que se criam na carne; o qual peixe é secco e toma-se á linha.

Piracuca chamam os indios as garoupas, que são como as das Ilhas, mas muito maiores; tomam-se á linha, tem o peixe molle, mas em fresco é saboroso e sadio, e secco tambem.

Camurîs são uns peixes, assim chamados pelos indios, que se parecem com os roballos de Portugal, os quaes são poucas vezes gordos e nenhumas estimadas; morrem á linha das bocas dos rios para dentro até onde chega a maré.

Abróteas morrem na Bahia, que são pontualmente como as das Ilhas Terceiras; pescam-se onde o fundo seja de pedra; é peixe molle, mas muito sadio e saboroso.

Ha outros peixes na Bahia, a que os indios chamam ubaranas, que se parecem com tainhas, os quaes morrem em todo o anno á linha, tem muitas espinhas farpadas como as do savel, e é peixe muito saboroso e sadio.

Goaivicoára são uns peixes a que os Portuguezes chamam roncadores; porque roncam debaixo d'agua, dos quaes morrem em todo o anno muitos á linha; e é peixe leve e pouco estimado.

Sororocas são outros peixes da feição e tamanho dos chicharros, que vem no verão d'arribação á Bahia, e apoz elles as cavallas de que dissemos atraz; morrem á linha e são de pouca estima. Chamam os indios ao peixe agulha timuçú, que morrem á linha no verão; e ha alguns de cinco, seis palmos de comprido: são muito gordos e de muitas espinhas, as quaes são muito verdes; e ha d'esta casta muitos peixes pequenos, de que fazem a isca para as cavallas.

Maracuguara é um peixe a que os Portuguezes chamam porco, porque roncam no mar como porco; são do tamanho e feição dos sargos, mas muito carnudos e tezos e de bom sabor, e tem grandes figados e muito gordos e saborosos, e em todo o anno se toma este peixe á linha.

Chamam os indios ás tartarugas girucóa; e tomam-se muitas na costa brava tamanhas que as suas cascas são do tamanho de adargas, as quaes poem nas arêas infinidade de ovos, dos quaes se comem sómente as gemmas, por que as claras, ainda que estejam no fogo oito dias a cozer ou assar, não se hão de coalhar nunca; e sempre estão como as dos ovos crus de gallinhas.

CAPITULO CXXXIV.

Em que se contém diversas castas de peixes que se tomam em redes.

Além dos peixes que morrem nas redes, de que fica dito atraz, se toma nellas o que se contem neste capitulo, que não morre á linha. E comecemos logo do principal, que são as tainhas, a que os indios

chamam paratîs, do que ha infinidade dellas na Bahia; com as quaes sêcas se mantem os engenhos, e a gente dos navios do Reino, de que fazem matalotagem para o mar. Estas tainhas se tomam em redes, porque andam sempre em cardumes; e andam na Bahia ordinariamente a ellas mais de cincoenta redes de pescar; e são estas tainhas, nem mais nem menos, como as de Hespanha, mas muito mais gostosas e gordas, das quaes sahem logo em um lanço tres, quatro mil tainhas, que tambem tem boas ovas. E de noite, com aguas vivas, as tomam os indios com umas redinhas de mão, que chamam puçás, que vão atadas em uma vara arcada; e ajuntam-se muitos indios, e tapam a boca de um esteiro com varas e rama, e como a maré está cheia tapam-lhe a porta; e põem-lhe as redinhas ao longo da tapagem, quando a maré vaza, e outros batem na agua no cabo do esteiro, para que se venham todas abaixo a meter nas redes: e d'esta maneira carregam uma canoa de tainhas, e de outro peixe que entra no esteiro.

Ha outro peixe que morre nas redes, a que os indios chamam zabucai, e os Portuguezes gallo, o qual é alvacento, muito delgado e largo, com uma boca pequenina; e faz na cabeça uma feição como crista, e nada de peralto; este peixe é muito leve e saboroso.

Tareîra quer dizer enxada, que é o nome que tem outro peixe que morre nas redes, que é quasi quadrado, muito delgado pela banda da barriga e grosso pelo lombo, o qual tambem nada de peralto, e é muito saboroso e leve.

Chamam os indios coirimás a outros peixes da feição das tainhas, que morrem nas redes e que tem o mesmo sabor, mas são muito maiores; e quando estão gordas, estão cheias de banhas, e são muito gostosas, e tem grandes ovas; as quaes morrem nas enseadas.

Arabori é um peixe de arribação, da feição das savelhas de Lisboa, e assim cheias de espinhas, as quaes salprezas arremedam ás sardinhas de Portugal no sabor; e tomam-se em redes.

Carapebas são uns peixes, que morrem nas redes em todo o anno, que são baixos e largos, do tamanho dos sarguetes, e em todo o anno são gordos, saborosos e leves.

CAPITULO CXXXV.

Que trata de algumas castas de peixe medicinal.

Jagoaraçá é um peixe que morre á linha, tamanho como cachuchos, e tem a côr de peixe cabra, e feição de salmonete; tem os figados vermelhos como lacre; a carne d'este peixe é muito teza, muito saborosa; e são tão leves que se dão aos doentes.

Tomam-se na Bahia outros peixes que são pontualmente na feição, na côr, no sabor os salmonetes de Hespanha, os quaes morrem á linha junto das pedras; e são tão leves que se dão aos doentes.

Piraçaquem é um peixe da feição dos safios de Portugal, o qual não tem escama; morre á linha em todo o anno; é peixe saboroso, e muito leve para doentes.

Bodiaens é um peixe de linha, que se dá na costa das Ilhas, dos quaes ha muitos na Bahia, é peixe molle, mas muito gostoso e leve.

Atucupa são uns peixes pequenos, e largos como choupas, que morrem a linha: e quando é gordo, é muito saboroso; estes peixes nascem no inverno com agua do monte; no ceo da boca tem uns carrapatos, que lhe comem todo o ceo da boca, os quaes lhe morrem no verão em que lhe torna a encourar a chaga, que lhe os bichos fazem; este peixe se dá aos doentes.

Goayibicoati são uns peixes azulados pequenos, que se tomam á canna, nas pedras, que são em todo o anno muito gordos e saborosos, e leves para doentes; e outros muitos peixes ha, muito medicinaes para doentes e de muita substancia, que por não enfadar não digo delles.

CAPITULO CXXXVI.

Que trata da natureza de alguns peixes que se criam na lama e andam sempre no fundo.

Uramaçâ é uma casta de peixe da feição de lingoados de Portugal, o qual se toma debaixo da vasa ou com redes, cujo sabor não é muito bom; e se o cozem ou assam, sem o açoutarem, faz-se em pedaços.

Nos arrecifes se tomam muitos polvos, e são como os de Hespanha sem nenhuma differença, a que os indios chamam caiacanga, os quaes não andam nunca em cima d'agua; e tomam-se na baixamar de maré de aguas vivas, nas concavidades que tem os arrecifes, onde ficam com pouca agua; e de noite se tomam melhor com fachos de fogo.

Aimoré é um peixe que se cria na vasa dos rios da agua salgada, onde se tomam nas covas da vasa, os quaes são da feição e côr dos enxarrocos: e tão escorregadios como elles, e tem a cabeça da mesma maneira; são sobre o molle, mas muito gostosos cozidos e fritos, e mui leves; as suas ovas são pequenas e gostosas, mas são tão peçonhentas que de improviso fazem mal a quem as come; e fazem arvoar a cabeça, e dôr de estomago, e vomitar, e grande fraqueza, mas passa este mal logo.

Chama o gentio aimoréoçús a outros peixes, que se criam na vasa dos mesmos rios do salgado, que são da feição dos eirós de Lisboa, mas mais curtos e assim escorregadios. Estes quando estão ovados, tem as ovas tão compridas que quasi lhe chegam á ponta do rabo, e são muito saborosas, e o mesmo peixe; mas as ovas são peçonhentas, e de improviso se acha mal quem as come como as dos aimorés; mas o peixe é muito gostoso e sadio.

Baiacú é um peixe que quer dizer sapo, da mesma côr e feição, e mui peçonhento, mormente a pelle, os figados e o fel, ao qual os indios com fome esfolam, e tiram-lhe o peçonhento fóra, e comem-nos;

mas se lhes derrama o fel, ou lhes fica alguma pelle, incha quem o come até rebentar; com os quaes peixes assados os indios matam os ratos; os quaes andam sempre no fundo da agua.

Piraquiroâ é um peixe da feição de um ouriço cacheiro, todos cheios de espinhos tamanhos como alfinetes grandes, os quaes tem pegados na pelle por duas pontas com que estam arreigados; tomam-se em redes; os quaes andam sempre ao longo da arêa no fundo; a quem os indios esfolam, e comem-lhe a carne.

Bacupuá é um peixe da feição do enxarroco nos hombros e na cabeça, mas tem a boca muito pequena e redonda; e é dos hombros para baixo muito estreito, delgado e duro como nervo, e as perpatanas do rabo são duras e grossas; e na despedida do rabo tem duas pernas como rãs, e no fim dellas duas perpatanas duras como as do rabo; e debaixo na barriga tem dous bracinhos curtos, e nelles maneira de dedos; e tem as costas cheias de sarna como ostrinhas, e da cabeça lhe sahe um corno de comprimento de um dedo, mas delgado e duro como osso e muito preto, e o mais é côr vermelhaça; e tem na barriga, debaixo das mãos, dous buracos. Este peixe não nada, mas anda sempre pela arêa sobre as mãos, onde ha pouca agua; ao qual os indios comem esfolado, quando não tem outra cousa.

CAPITULO CXXXVII.

Que trata da qualidade de alguns peixinhos e dos camarões.

Mirocaia é um peixe, assim chamado dos indios, da feição de choupinhas, que se tomam á canna nos rios do salgado: são tezos e de fraco sabor; em cujas bocas se criam no inverno, com as cheias, uns bichos como minhocas, que lhes morrem no verão.

Piraquiras são uns peixinhos como os peixes reis de Portugal, e como as ruivacas de agua doce, os quaes se tomam na agua salgada em camboas, que são umas cercas de pedra ensoça onde se estes peixinhos vem recolher fugindo do peixe grande, e ficam com a maré

vazia dentro nas poças, onde se enchem balaios delles: e em certo tempo trazem os indios d'estes lugares sacos cheios d'estes peixinhos.

Pequitinins são uns peixinhos muito pequininos que se tomam em poças d'agua, onde ficam como a maré vazia, e são tamaninos que os indios assam mil juntos, embrulhados em umas folhas debaixo do burralho, e ficam depois de assados todos pegados á feição de uma maçaroca.

Carapiaçaba são uns peixinhos que se tomam á canna, os quaes são redondos como choupinhas, e pintados de pardo e amarello, e são sempre gordos e muito bons para doentes. E afóra estes peixinhos ha mil castas de outros de que se não faz menção, por escuzar prolixidade, mas está entendido que onde ha tanta diversidade de peixes grandes, haverá muito mais dos pequenos.

Potipemas chamam os indios aos camarões, que são como os de villa Franca, os quaes tem as unhas curtas, as barbas compridas, e são esborrachados na feição; tem a casca branda e são mui saborosos; criam-se estes nos esteiros d'agua salgada, e tomam-se em redinhas de mão, e nas redes grandes de pescar vem de mistura com o outro peixe.

CAPITULO CXXXVIII.

Que trata da natureza dos lagostins e ussás.

Aos lagostins chama o gentio potiquequiâ; os quaes são da maneira das lagostas, mas mais pequenos alguma cousa, e em tudo o mais tem a mesma feição e feitio; e criam-se nas concavidades dos arrecifes, onde se tomam em conjunção das aguas vivas muitos; e em seu tempo, que é nas marés da lua nova, estão melhores que na lua cheia, em a qual estão cheios de coraes muito grandes as femeas, e os machos muito gordos; e para se tomarem bem estes lagostins, ha de ser de noite com fachos de fogo.

O marisco mais proveitoso á gente da Bahia são uns caranguejos

a que os indios chamam ussás, os quaes são grandes e tem muito que comer; e são mui sadios para mantensa dos escravos e gente do serviço; estes caranguejos se criam na vasa entre os mangues, de cuja folha se mantêm, e tem coraes uma só vez no anno; e como desovam pellam a casca, assim os machos como as femeas, e nasce-lhes outra casca por baixo; e emquanto a tem molle estão por dentro cheios de leite, e fazem dor de barriga aos que os comem; e quando as femeas estão com coraes, os machos estão mui gordos, tanto que parece o seu casco estar cheio de manteiga; e quando assim estão são mui gostosos, os quaes se querem antes assados que cozidos. Tem estes caranguejos no casco um fél grande, e bucho junto á boca com que come, o qual amarga muito, e é necessario tiral-o a tento; porque não faça amargar o mais. Estes ussás são infinitos, e faz espanto a quem atenta por isso, e é não haver quem visse nunca carangueijos d'esta casta quando são pequenos, que todos apparecem e sahem das covas da lama, onde fazem sua morada, do tamanho que hão de ser; das quaes covas os tiram os indios mariscadores com o braço nú; e como tiram as femeas fóra as tornam logo a largar para que não acabem, e façam criação. Estes carangueijos tem as pernas grandes, e duas bocas muito maiores com que mordem muito, em as quaes tem tanto que comer como as das lagostas; e o que se dellas come e o mais do carangueijo, é muito gostoso. E não ha morador nas fazendas da Bahia que não mande cada dia um indio a mariscar d'estes carangueijos; e de cada engenho vão quatro e cinco d'estes mariscadores, com os quaes dão de comer a toda a gente de serviço; e não ha indio d'estes que não tome cada dia trezentos e quatrocentos carangueijos, que trazem vivos em um cesto serrado feito de verga delgada, a que os indios chamam samurá; e recolhem em cada samurá d'estes um cento, pouco mais ou menos.

CAPITULO CXXXIX.

Que trata de diversas castas de caranguejos.

Ha outros caranguejos, a que os indios chamam serizes, que tem outra feição mais natural com os caranguejos de Portugal, mas são muito maiores, e tem as duas bocas muito compridas e grandes, e os braços dellas quadradas, em o que tem muito que comer. Estes desovam em cada lua nova, em a qual as femeas tem grandes coraes vermelhos, e os machos os tem brancos, e estão muito gordos; os quaes, uns e outros, tem muito que comer, e em todo o tempo são muito gostosos e sadios: criam-se na praia d'arêa dentro na agua, onde os tomam ás mãos, quando a maré enche, e não tem fel como os ussás.

Criam-se outros caranguejos na agua salgada, a que os indios chamam goaiá: estes são compridos, e tem as pernas curtas e pequenas bocas: são muito poucos, mas muito bons.

Aratús são outros caranguejos pequenos, como os de Portugal, que se tomam no rio de Sacavem em Lisboa; criam-se entre os mangues, de cuja folha e casca se mantêm, e sempre lhe estão roendo nos pés; dos quaes ha infinidade, mas tem a casca molle; e em seu tempo, uma vez no anno, tem as femeas coraes, e os machos estão muito gordos; e uns e outros são sadios e gostosos.

Ha outros caranguejos, a que os indios chamam goaiarara, que se criam nos rios, onde a agua doce se mistura com a salgada, os quaes são mui lizos e de côr apavonada, e tem o casco redondo, as pernas curtas, e são poucos e gostosos.

Goaiaussá são outros caranguejos que se criam dentro d'arêa, que se descobre na vasante da maré, os quaes são pequenos e brancos, e tem as covas mui fundas; e andam sempre pelas praias, em quanto não vêem gente, e como a sentem se mettem logo nas covas: e aconteceu já fazer um indio tamanha cova, para tirar um d'estes caranguejos, que

lhe cahiu arêa em cima, de maneira que não pôde tirar a cabeça e afogou-se; no que os indios tomam tanto trabalho, porque lhes serve este goaiaussá de isca, que o peixe come bem; os quaes tem a casca muito molle ordinariamente, e não se comem por pequenos.

CAPITULO CXL.

Que trata das qualidades das ostras que ha na Bahia.

As mais formozas ostras que se viram são as do Brazil; e ha infinidade d'ellas; como se vê na Bahia, onde lhe os indios chamam lerîuçú, as quaes estão sempre cheias, e tem ordinariamente grandes miolos; e em algumas partes os tem tamanhos que se não podem comer senão cortadas em talhadas, as quaes cruas, assadas e fritas são muito gostosas; as boas se dão dentro da vasa no salgado, e pelos rios onde se junta a agua doce ao salgado se criam muitas na vasa, e muito grandes; mas quando ha agua do monte, estão mui doces e sem sabores. E ha tantas ostras na Bahia e em outras partes que se carregam barcos d'ellas muito grandes para fazerem cal das cascas, de que se faz muita e muito boa para as obras, a qual é muito alva; e ha engenho que se gastou nas obras d'elle mais de tres mil moios de cal d'estas ostras: as quaes são muito mais sadias que as de Hespanha.

Nos mangues se criam outras ostras pequenas, a que os indios chamam lerîmerim, e criam-se nas raizes e ramos d'elles até onde lhes chega a maré de preamar; as quaes raizes e ramos estão tão cobertos d'estas ostras, que se não enxerga o páo, e estão umas sobre outras; as quaes são pequenas, mas muito gostosas; e nunca se acabam, porque tiradas umas, logo lhe nascem outras; e em todo o tempo são muito boas e muito leves.

Ha outras ostras, a que os indios chamam lerîpebas, que se criam em baixos de arêa de pouca agua, as quaes são como as salmoninas, que se criam no rio de Lisboa, defronte do Barreiro, da feição de vieiras. Estas lerîpebas são um marisco de muito gosto, e estão na con-

juncção da lua nova muito cheias, cujo miolo é sobre o tezo e muito excellente; em as quaes se acham grãos de aljofar pequenos, e criam-se logo serras d'estas leripebas umas sobre as outras, muito grandes: e já aconteceu descer com a maré serra d'ellas até defronte da cidade, com que a gente d'ella e do seu limite teve que comer mais de dous annos.

CAPITULO CXLI.

Que trata de outros mariscos que ha na Bahia.

Na Bahia se criam outras sortes de marisco miudo debãixo da arêa. Primeiramente sernambis é marisco que se cria na vasa, que são como as ameijoas grandes de Lisboa; mas tem a casca muito redonda e grossa, e tem dentro grande miolo de côr pardaça, que se come assado e cozido, mas o melhor d'este marisco é frito; porque se lhe gasta no fogo a muita reima que tem, e um cheiro fortum que assado e cozido tem; e de toda a maneira este marisco é prezado.

Em os baixos da arêa que tem a Bahia se cria outro marisco, a que os indios chamam tarcobas, que são da feição e tamanho das ameijoas de Lisboa, e tem o mesmo gosto e sabor, assim cruas como abertas no fogo: as quaes se tiram de debaixo da arêa, e tem-se em casa na agua salgada vivas, quinze e vinte dias, as quaes, além de serem maravilhosas no sabor, são muito leves.

Criam-se na vasa da Bahia infinidade de mexilhões, a que os indios chamam sururús, que são da mesma feição e tamanho e sabor dos mexilhões de Lisboa, os quaes tem caranguejinhos dentro, e o mais que tem os de Lisboa; e com a minguante da lua estão muito cheios.

Dos berbigões ha grande multidão na Bahia, nas praias da area, a que os indios chamam sarnambitinga, que são da mesma feição dos de Lisboa, mas tem a casca mais grossa, e são mais pequenos;

comem-se abertos no fogo, e são mui gostosos, e tambem crus; mas tem um certo sabor, que requeima algum tanto na lingoa.

Nas enseadas da Bahia, na vasa dellas, se cria outro marisco, a que os indios chamam goaripoapem, a que os Portuguezes dizem lingoeirões, os quaes são tão compridos como um dedo e mais, e da mesma grossura, e tem um miolo grande e mui gostoso, que se come aberto no fogo; e a casca se abre como a das ameijoas.

CAPITULO CXLII.

Que trata da diversidade de buzios que se criam na Bahia.

Tapuçú são uns buzios tamanhos de palmo e meio, que tem uma borda estendida para fóra no comprimento do buzio de um coto de largo, os quaes são algum tanto baixos, e tem grande miolo; que os indios comem, mas é muito tezo; os quaes buzios servem aos indios de buzinas, e criam-se na arêa; e no miolo tem uma tripa cheia della, que se lhe tira facilmente.

Ha outros buzios, a que os indios chamam oatapú, que são tamanhos como uma grande cidra, e pontagudos no fundo, e roliços com grande boca; estes tem grande miolo bom para comer, e algum tanto tezo, o qual tem uma tripa cheia de arêa, que se lhe tira bem. A estes buzios furam os indios pelo pé por tangerem com elles, e não ha barco que não tenha um, nem casa de indios onde não haja tres e quatro, com que tangem, os quaes soam muito mais que as buzinas; e criam-se estes buzios na area.

Tambem se criam na arêa outros buzios de tres quinas, a que os indios chamam oapuaçú, que são tamanhos como uma pinha e maiores; e no que a boca abre para fóra são mui formosos, cujo miolo é grande e saboroso, sobre o tezo, onde tem uma tripa cheia de arêa; tambem servem de buzinas aos indios.

Perigoas são outros buzios, que se criam na arêa, tamanhos como nozes e maiores; são brancos, cheios de bichos muito bem afei-

çoados, os quaes tem um miolo dentro, que cozidos e assados, se lhes tira com a mão muito bem; e tem uma tripa cheia de arêa facil de tirar. Este marisco é de muito gosto e leve, de que ha muita somma, e com tormenta lança-os o mar fóra nas enseadas.

Ha outros buzios, a que os indios chamam ticoarapuâ, tamanhos como um ovo, com um grande bico no fundo, e são muito alvos, lavrados em caracol por fóra: tem miolo grande com tripa como est'outros, que se lhes tira, o qual é muito saboroso; e se criam tambem na arêa; do que ha muita quantidade.

Sacurauna é outra casta de buzios, que se criam na arêa, tamanhos como peras pardas, que são asperos por fóra, e tem grande miolo, mas sobre o duro, e tambem tem tripa de arêa.

Ha outros buzios, que se criam na arêa, a que os indios chamam oacaré, que são muito lizos, e pintados por fóra, os quaes tem grande miolo, e sobre o tezo. Estes buzios são os com que as mulheres burnem e assentam as costuras.

Ticoerauna são uns buzios pequenos da feição de caramujos, pintados por fóra, outros compridos, tambem pintados, que servem de tentos, os quaes se criam nas folhas dos mangues como caracoes; e cozidos tiram-se com alfinetes como caramujos, e são muito bons e saborosos. Outras muitas castas ha d'estes buzios pequenos, que por atalhar prolixidade se não diz aqui delles.

CAPITULO CXLIII.

Em que contém algumas estranhezas que o mar cria na Bahia.

Assim como se na terra criam mil immundicias de bichos prejudiciaes ao remedio da vida humana, como atraz no titulo das alimarias fica declarado, da mesma maneira se criam no mar, como se verá pelo que neste capitulo se contém.

Pindá chamam os indios aos ouriços que se criam no mar da Bahia, que são como os da costa de Portugal, os quaes se criam em pedras;

e não usa ninguem delles para se comerem, nem para outra cousa alguma que aproveite para nada.

Lança este mar fóra muitas vezes, com tormenta, umas estrellas da mesma feição e tamanho das que lança o mar de Hespanha, as quaes não servem para nada, a que os indios chamam jacî.

Tambem este mar lança fóra pelas praias alforrecas ou coroas de frades, como aquellas que sahem no rio de Lisboa na praia de Belem e em outras partes; e na Bahia sahem ás vezes juntas duas, e tres mil dellas, a que os indios chamam muciquî.

Muitas vezes se acha pelas praias da Bahia uma cousa preta, mui liada como figado de vacca, com o que se enganáram muitos homens cuidando ser ambar, e é uma agua morta, segundo a opinião dos mareantes.

Tambem deita o mar por estas praias muitas vezes esponjas, a que os indios chamam itamanbeca, as quaes se criam no fundo do mar, donde umas sahem delgadas e molles, e outras tezas e aperfeiçoadas.

Aos guzanos chamam os indios ubiraçoca, do qual não é de espantar furar a madeira dos navios, pois fura as pedras, onde não acha páos, as quaes se acham cada hora lavradas delles, e furadas de uma banda e outra; este guzano, é um bicho molle e comprido como minhoca, e da mesma feição; e tem a cabeça e boca dura, o qual se cria em uma casca roliça, retorcida, alva e dura, como buzio, e com ella faz as obras e damno tão sabido; e para roer não lança fóra d'esta casca mais que a boca, com que faz o caminho diante d'esta sua camisa, que o corpo do bicho de dentro manda para onde quer; e para este guzano não fazer tanto damno nas embarcações, permitiu a natureza que o que se cria na agua salgada morra entrando na agua doce, e o que se cria na doce morra na salgada. Na Bahia houve já muito, mas já agora não ha tanto que faça mal aos navios e outras embarcações.

Nas redes de pescar sahem ás vezes umas pedras brancas, que fizeram já aos homens terem pensamentos que era coral branco, por se criarem no fundo do mar, soltas, feitas em castelletes alvissimos, que são tão delicados, lindos, e de tanto artificio, que é cousa estranha, os quaes são muito duros e resplandecentes; e dizem alguns

contemplativos que se criam dos limos do mar, porque se acham alguns muitas vezes enfarinhados de arêa congelada e dura, e elles mui brancos, mas não ainda aperfeiçoados, como cousa que se vai criando.

CAPITULO CXLIV.

Que trata da natureza e feições do peixe de agua doce.

Não menos são de notar os pescados, que se criam nos rios de agua doce da Bahia, que os que se criam no mar della; do que é bem que digamos d'aqui por diante.

E comecemos das eirós, que ha nestes rios, que se criam debaixo das pedras, a que os indios chamam mocim, as quaes são da feição e sabor das de Portugal.

Tareîras são peixes tamanhos como mugens, e maiores; mas são pretos, da côr dos enxarrocos, e tem muitas espinhas, os quaes se tomam á linha nos rios de agua doce: tem boas ovas e nenhuma escama: do que ha grandes pescarias.

Juquiás chamam os indios a outros peixes da feição dos safios de Hespanha, mas mais pequenos; os quaes se tomam ás mãos, entre as pedras; o qual peixe não tem escama, e é mui saboroso.

Tamoatás são outro peixe d'estes rios que se não escamam, por terem a casca mui grossa e dura, e que se lhe tira fóra inteira depois de assados ou cozidos, os quaes se tomam á linha; e é peixe miudo, muito gostoso e sadio.

Piranha quer dizer tesoura: é peixe de rios grandes, e onde o ha, é muito; e é da feição dos sargos, e maior, de côr mui prateada; este peixe é muito gordo e gostoso, e toma-se á linha; mas tem taes dentes que corta o anzol cerceo; pelo que os indios se não atrevem a meter n'agua onde ha este peixe; porque remete a elles muito e morde-os cruelmente; se lhes alcançam os genitaes, leva-lhos

cerceos, e o mesmo faz á caça que atravessa os rios onde este peixe anda.

Querico é um outro peixe de agua doce da feição das savelhas, e tem as mesmas espinhas e muitas, e é muito estimado e soboroso, o qual peixe se toma á linha.

Cria-se nestes rios outro peixe, a que os indios chamam oaquari, que são tamanho e feição das choupas de Portugal, mas tem o rabo agudo, a cabeça mettida nos hombros e duas pontas como cornos; e tem a pelle grossa, a qual os indios tem por contrapeçonha para mordeduras de cobras e outros bichos, o qual se toma á cana.

Tomam-se n'estes rios outros peixes, a que os indios chamam piábâ, que são pequenos, da feição dos pachões do rio de Lisboa, o qual é peixe saboroso e de poucas espinhas.

Tambem se tomam n'estes rios á cana outros peixes a que os indios chamam maturaqué, que são pequenos, largos e muito saborosos.

Ha outros peixes nos rios a que os indios chamam goarara, que são como ruivacas, e tem a barriga grande, os quaes se tomam á cana.

Acaras são outros peixes do rio, tamanhos como bezugos, mas tem o focinho mais comprido, que é peixe muito saboroso, o qual se toma á cana.

Ha outras muitas castas de peixes nos rios da agua doce, que para se escrever houvera-se de tomar muito de proposito mui largas informações, mas por ora deve de bastar o que está dito para que possamos dizer de algum marisco que se cria na agua doce.

CAPITULO CXLV.

Que trata do marisco que se cria na agua doce.

Assim como a natureza criou tanta diversidade de marisco na agua salgada, fez o mesmo nos rios e alagôas da agua doce, como se verá pelos mexilhões que se criam nas pedras d'estes rios e no

fundo das lagoas, que são da feição e tamanho dos do mar, os quaes não são tão gostosos por serem doces.

Tambem se criam na pedras d'estes rios caramujos maiores que os do mar e compridos, a que os indios chamam sapicaretá.

No fundo das lagôas, na lamas d'ellas, se criam ameijoas redondas que tem grande miolo, a que os indios chamam como as do mar, as quaes são, pelo lugar onde nascem, muito ensoças.

Mais pelo sertão se criam, nos rios grandes, uns mexilhões de palmo de comprido e quatro dedos de largo, que são pela banda de dentro da côr e lustro da madre perola, que servem de colheres aos indios, os quaes tem grandes miolos, que por serem de agua doce não são mui gostosos como os do mar.

Tambem se criam n'estes rios muitos e mui diversos camarões, dos quaes diremos o que foi possivel chegar á nossa noticia; começando primeiro dos mais geraes, que os indios chamam potim, que são muitos, do tamanho dos grandes de Lisboa, mas são mais grossos e tem as barbas curtas, os quaes se criam entre as pedras das ribeiras e entre as raizes das arvores, que vizinham com a agua, e em quaesquer hervas que se criam na agua; de que os indios se aproveitam tomando-os ás mãos; e são muito saborosos.

Ha outra casta de camarões, a que os indios chamam aratúem, que são da mesma maneira dos primeiros, mas mais pretos na côr, e tem a casca mais dura, que se criam e tomam da maneira dos de cima, os quaes cozidos são muito bons.

N'estas ribeiras se criam outros camarões a que os indios chamam arature, que tem pequeno corpo e duas bocas como alacráos e a cabeça de cada uma é tamanha como o corpo, os quaes se criam em pedras no concavo d'ellas, e da terra das ribeiras, que são muito gostosos e tomam-se ás mãos.

Potiuaçú são uns camarões que se criam nas cavidades das ribeiras, e tem tamanho corpo como os lagostins, e o pescoço da mesma maneira; tem a casca nedia e as pernas curtas, os quaes criam coraes em certo tempo, e em outro tem o casco gordo como lagostas, que se tambem tomam ás mãos, e são muito saborosos; e estes e os mais não são nada carregados.

CAPITULO CXLVI.

Em que se declara a natureza dos caranguejos do mato.

Andei buscando até agora onde agazalhar os caranguejos do mato, sem lhe achar lugar commodo, porque para os arrumar com os caranguejos do mar parecia desproposito, pois se elles criam na terra, sem verem nem tocarem agua do mar; e para os contar com os animaes tambem parece que lhe não cabia esse lugar, pois se parecem com o marisco do mar; e por não ficarem sem gazalhado n'estas lembranças, os apozentei na vizinhança do marisco da terra, ainda que se não criam n'agua estes caranguejos, mas em lugares humidos por todas as ribeiras.

A estes caranguejos da terra chamam os indios guoanhamú, os quaes se criam em vargeas humidas, não muito longe do mar, mas na visinhança da agua doce, os quaes são muito grandes e azues, com o casco e pernas mui luzentes; os machos são muito maiores que as femeas, e tamanhos que tem os braços grandes, onde tem as bocas com tamanhos bicos n'ellas, e tão compridos e voltados que faz com elles tamanha apparencia como faz o dedo demonstrativo da mão de um homem com o pollegar, o que é tão duro como ferro, e onde pegam com esta boca não largam até os não matarem. Criam-se estes caranguejos em covas debaixo da terra, tão fundas que com trabalho se lhe póde chegar com o braço e hombro de um indio metidos n'ella, onde os mordem mui valentemente. No mez de Fevereiro estão as femeas, e até meado de Março, todas cheias de coral mui vermelho, e tem tanto no casco como uma lagosta, o qual e tudo o mais é muito gostoso; tiram-lhe o fel ou bucho que tem, cheio de tinta preta muito amargosa; porque se se derrama faz amargar tudo o por onde elle chegou.

No mez de Agosto, que é no cabo do inverno, se sahem os machos e femeas ao sol, com o que anda a terra coberta d'elles; em o qual

tempo se sahem ao sol passeando de uma parte para outra, e são então bons de tomar; e n'esta conjuncção andam os machos tão gordos que tem os cascos cheios de uma amarellidão como gemas de ovos, os quaes são mui gostosos a maravilha, mas são carregados; e para os indios os tirarem das covas sem trabalho, tapam-lh'as com um mólho de hervas, com o que elles abafam nas covas, e se vêem para tomar ar, e por não acharem caminho desempedido morrem á boca da cova abafados. Algumas vezes morrêrão pessoas de comerem este guanhamú, e dizem os indios que no tempo em que fazem mal comem uma fruta, a que chamam ariticurana, de que já fizemos menção, a qual é peçonhenta.

Daqui por diante se trata da vida e costumes do gentio da terra da Bahia.

Já era tempo de dizermos quem foram os povoadores e possuidores d'esta terra da Bahia, de que se tem dito tantas maravilhas, e quem são estes Tupinambás tão nomeados, cuja vida e costumes temos prometido por tantas vezes n'este tratado, ao que começamos satisfazer d'aqui por diante.

CAPITULO CXLVII.

Que trata de quaes foram os primeiros povoadores da Bahia.

Os primeiros povoadores que vivêram na Bahia de Todos os Santos e sua comarca, segundo as informações que se tem tomado dos indios muito antigos, foram os Tapuias, que é uma casta de gentio muito antigo, de quem diremos ao diante em seu lugar. Estes Tapuias foram lançados fóra da terra da Bahia e da vizinhança do mar d'ella, por outro gentio seu contrario, que desceu do sertão, á fama da fartura da terra e mar d'esta provincia, que se chamam Tupinaês,

e fizeram guerra um gentio a outro, tanto tempo quanto gastou para os Tupinaês vencerem e desbaratarem aos Tapuias, e lh'os fazerem despejar a ribeira do mar, e irem-se para o sertão, sem poderem tornar a possuir mais esta terra de que eram senhores, a qual os Tupinaès possuiram e senhorearam muitos annos, tendo guerra ordinariamente pela banda do sertão com os Tapuias, primeiros possuidores das faldas do mar; e chegando á noticia dos Tupinambás a grossura e fertilidade d'esta terra, se ajuntaram e vieram d'além do rio de S. Francisco descendo sobre a terra da Bahia, que vinham senhoreando, fazendo guerra aos Tupinaès que a possuiam, destruindo-lhe suas aldêas e roças, matando aos que lhe faziam rosto, sem perdoarem a ninguem, até que os lançaram fóra das vizinhanças do mar; os quaes se foram para o sertão e despejaram a terra aos Tupinambás, que a ficaram senhoreando. E estas Tupinaès se foram pôr em frontaria com os Tapuias seus contrarios, aos quaes faziam crua guerra com força, da qual os faziam recuar pela terra dentro, por se afastarem dos Tupinambás que os apertavam da banda do mar, de que estavam senhores, e assim foram possuidores desta provincia da Bahia muitos annos, fazendo guerra a seus contrarios com muito esforço, até á vinda dos Portuguezes a ella: dos quaes Tupinambás e Tupinaès se tem tomado esta informação, em cuja memoria andam estas historias de geração em geração.

CAPITULO CXLVIII.

Em que se declara a proporção e feição dos Tupinambás, e como se dividiram logo.

Os Tupinambás são homens de meã estatura, de côr muito baça, bem feitos e bem dispostos, muito alegres do rosto, e bem assombrados; todos tem bons dentes, alvos, miudos, sem lhe nunca apodrecerem; tem as pernas bem feitas, os pés pequenos; trazem o cabello da cabeça sempre aparado, em todas as outras partes do corpo os não consentem

e os arrancam como lhes nascem : são homens de grandes forças e de muito trabalho ; são muito belicosos, e em sua maneira esforçados, e para muito, ainda que atraiçoados : são muito amigos de novidades, e demasiadamente luxuriosos, e grandes caçadores e pescadores, e amigos de lavouras.

Como se este gentio viu senhor da terra da Bahia, dividiu-se em bandos por certas differenças que tiveram uns com os outros, e assentaram suas aldêas apartadas, com o que se inimizaram : os que se apozentaram entre o rio de S. Francisco e o rio Real se declaram por inimigos dos que se apozentaram do rio Real até á Bahia, e faziam-se cada dia cruel guerra, e comiam-se uns aos outros; e os que cativavam, e a que davam vida, ficavam escravos dos vencedores.

E os moradores da Bahia da banda da cidade se declararam por inimigos dos outros Tupinambás moradores da outra banda da Bahia, no limite do rio de Paraguassú e do de Seregipe, e faziam-se cruel guerra uns aos outros por mar; onde se davam batalhas navaes em canôas, com as quaes faziam ciladas uns aos outros, por entre as ilhas, onde havia grande mortandade de parte a parte, e se comiam, e faziam escravos uns aos outros, no que continuaram até o tempo dos Portuguezes.

CAPITULO CXLIX.

Que trata de como se dividiram os Tupinambás, e se passaram á ilha de Taparica e d'ella a Jaguaripe.

Entre os Tupinambás moradores da banda da cidade armaram desavenças uns com os outros, sobre uma moça que um tomou a seu pai por força, sem lh'a querer tornar; com a qual desavença se apartou toda a parentella do pai da moça, que eram indios principaes, com a gente das suas aldêas, e passaram-se a ilha de Taparica, que está no meio da Bahia, com os quaes se lançou outra muita gente, e encorporaram-se com os vizinhos do rio Paraguassú, e fizeram guerra aos da cidade, a cujo limite chamavam Caramurê; e salteavam-

se uns aos outros cada dia, e ainda hoje em dia ha memoria de uma ilheta, que se chama a do Medo, por se esconderem detraz d'ella; onde faziam ciladas uns aos outros com canôas, em que se matavam cada dia muitos d'elles.

D'estes Tupinambás, que se passaram á ilha de Taparica, se povoou o rio de Jaguaripe, Tinharé e a costa dos Ilheos; e tamanho odio se criou entre esta gente, sendo toda uma por sua avoenga, que ainda hoje, entre esses poucos que ha, se querem tamanho mal que se matam uns aos outros, se o podem fazer, em tanto que se encontram alguma sepultura antiga dos contrarios, lhe desenterram a caveira, e lh'a quebram, com o que tomam nome novo, e de novo se tornam a inimizar.

E em tempo que os Portuguezes tinham já povoado este rio de Jaguaripe, houve na sua povoação grandes ajuntamentos das aldêas dos indios ali vizinhos, para quebrarem caveiras em terreiros, com grandes festas, para os quebradores das cabeças tomarem novos nomes, as quaes caveiras foram desenterrar a uma aldêa despovoadas para vingança de morte dos pais ou parentes dos quebradores d'ellas, para o que as enfeitavam com pennas de passaros ao seu modo; em as quaes festas houve grandes bebedices, o que ordenaram os Portuguezes ali moradores para se escandilizarem os parentes dos defuntos, e se quererem de novo mal; por que se temiam que se viessem a confederar uns com os outros para lhe virem fazer guerra, o que foi bastante para o não fazerem, e se assegurarem com isto os Portuguezes que viviam n'este rio.

CAPITULO CL.

Em que se declara o modo e linguagem dos Tupinambás.

Ainda que os Tupinambás se dividiram em bandos, e se inimizaram uns com outros, todos fallam uma lingua que é quasi geral pela costa do Brazil, e todos tem uns costumes em seu modo de viver e gentilidades; os quaes não adoram nenhuma cousa, nem tem nenhum

conhecimento da verdade, nem sabem mais que ha morrer e viver; e qualquer cousa que lhe digam, se lhes mette na cabeça, e são mais barbaros que quantas creaturas Deus creou. Tem muita graça quando fallam, mórmente as mulheres; são mui compendiosas na fórma da linguagem, e muito copiosos no seu orar; mas falta-lhe tres letras da do *A B C*, que são *F, L, R* grande ou dobrado, cousa muito para se notar; porque senão tem F, é porque não tem fé em nenhuma cousa que adorem; nem os nascidos entre os christãos e doutrinados pelos padres da Companhia tem fé em Deus Nosso Senhor, nem tem verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa, que lhe faça bem. E se nao tem L na sua pronunciação, é porque não tem lei nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som da sua vontade; sem haver entre elles leis com que se governem; nem tem lei uns com os outros. E se não tem esta letra R na sua pronunciação, é por que não tem rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguem, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade: para dizerem Francisco dizem Pancico, e para dizerem Lourenço dizem Rorenço, para dizerem Rodrigo dizem Rodigo; e por este modo pronunciam todos os vocabulos em que entram estas tres letras.

CAPITULO CLI.

Que trata do sitio e arrumação das aldêas, e as quantidades dos principaes d'ellas.

Em cada aldêa dos Tupinambás ha um principal, a que seguem sómente na guerra, onde lhe dão alguma obediencia, pela confiança que tem em seu esforço e experiencia. que no tempo de paz cada um faz o a que o obriga seu apetite. Este principal ha de ser valente homem para o conhecerem por tal, e aparentado e bemquisto, para ter quem ajude a fazer suas roças, mas quando as faz com ajuda de seus parentes e chegados, elle lança primeiro mão do serviço que

todos. Quando este principal assenta a sua aldêa, busca sempre um sitio alto e desabafado dos ventos, para que lhe lave as casas, e que tenha a agua muito perto, e que a terra tenha disposição para de redor da aldêa fazerem suas roças e grangearias; e como escolhe o sitio a contentamento dos mais antigos, faz o principal sua casa muito comprida, coberta da palma, a que os indios chamam pindoba, e as outras casas da aldêa se fazem tambem muito compridas, e arrumadas de maneira que lhe fica no meio um terreiro quadradro, onde fazem bailes e os seus ajuntamentos; e em cada aldêa ha um cabeça, que ha de ser indio antigo e aparentado, para lhe os outros que virem n'estas casas terem respeito; e não vivem mais n'esta aldêa, que em quanto lhes não apodrece a palma das casas, que lhes dura tres, quatro annos. E como lhe chove muito n'ellas passam a aldêa para outra parte. E n'estas casas não ha nenhuns repartimentos, mais que os tirantes; e entre um e outro é um rancho onde se agazalha cada parentella, e o principal toma o seu rancho primeiro, onde se elle arruma com sua mulher e filhos, mancebas, creados solteiros, e algumas velhas, que o servem, e pela mesma ordem vai arrumando a gente da sua casa, cada parentella em seu lanço; donde se não poderáõ mudar, salvo se fôr algum mancebo solteiro, e casar, porque em tal caso se irá para o lanço onde está sua mulher; e por cima d'estes tirantes das casas lançam umas varas arrumadas bem juntas, a que chamam juráos, em que guardam suas alfaias e seus legumes, que se aqui curam ao fumo, para não apodrecerem; e da mesma maneira se arrumam e ordenam nas outras casas; e em umas e outras a gente que se agazalha em cada lanço d'estes. Quando comem é no chão em cocras, e todos juntos, e os principaes deitados nas redes. Em estas casas tem este gentio ajuntamento, sem se pejarem uns dos outros, mas sempre o macho com femea. Se estas aldêas estão em frontaria de seus contrarios, e em lugares de guerra, faz este gentio de roda da aldêa uma cerca de páo a pique muito forte, com suas portas e seteiras, e afastado da cerca, vinte e trinta palmos, fazem de redor della uma rede de madeira, com suas entradas de fóra para entre ella e a cêrca; para que se lhe os contrarios entrarem dentro, lhe sahirem: e ao recolher se

embaraçarem de maneira que os possam flexar e desbaratar, como acontece muitas vezes.

CAPITULO CLII.

Que trata da maneira dos casamentos dos Tupinambás e seus amores.

A mulher verdadeira dos Tupinambás é a primeira que o homem teve e conversou, e não tem em seus casamentos outra ceremonia mais que dar o pai a filha a seu genro, e como tem ajuntamento natural, ficam casados: e os indios principaes tem mais de uma mulher, e o que mais mulheres tem, se tem por mais honrado e estimado; mas ellas dão todas a obediencia á mais antiga, e todas a servem, a qual tem armado sua rede junto da do marido, e entre uma e outra tem sempre fogo acezo; e as outras mulheres tem as suas redes, em que dormem, mais afastadas, e fogo entre cada duas redes; e quando o marido se quer ajuntar com qualquer dellas, vai-se lançar com ella na rede, onde se detem só aquelle espaço d'este contentamento, e torna-se para o seu lugar; e sempre ha entre estas mulheres ciumes, mormente a mulher primeira; porque pela mór parte são mais velhas que as outras, e de menos gentileza, o qual ajuntamento é publico diante de todos. E quando o principal não é o maior da aldêa dos indios das outras casas, o que tem mais filhas é mais rico e mais estimado, e mais honrado de todos, porque são as filhas mui requestadas dos mancebos que as namoram; os quaes servem os pais das damas dous e tres annos primeiro que lhas dêm por mulheres; e não as dão senão aos que melhor os servem, a quem os namoradores fazem a roça, e vão pescar e caçar para os sogros, que dezejam de ter, e lhe trazem a lenha do mato; e como os sogros lhes entregam as damas, elles se vão agazalhar no lanço dos sogros com as mulheres, e apartam-se dos pais, mãis e irmãos, e mais parentella com quem d'antes estavam; e por nenhum caso se entrega a dama a seu marido em quanto lhe não vem seu costume; e como

lhe vem é obrigada a moça a trazer atado pela cinta um fio de algodão, e em cada bucho dos braços outro, para que venha á noticia de todos. E como o marido lhe leva a flôr, é obrigada a noiva a quebrar estes fios, para que seja notorio que é feita dona; e ainda que uma moça d'estas seja deflorada por quem não seja seu marido, ainda que seja em segredo, ha de romper os fios da sua virgindade, que de outra maneira cuidará que a leva logo o diabo, os quaes desastres lhes acontecem muitas vezes; mas o pai não se enoja por isso; porque não falta quem lha peça por mulher com essa falta; e se algum principal da aldêa pede a outro indio a filha por mulher, o pai lh'a dá sendo menina; e aqui senão entende o preceito acima, porque elle a leva para o seu lanço, e a vai criando até que lhe venha seu costume, e antes disso por nenhum caso lhe toca.

CAPITULO CLIII.

Que trata dos afeites deste gentio.

Costumam os mancebos Tupinambás se depenarem os cabellos de todo o corpo, e não deixar mais que os da cabeça, que trazem tosquiados de muitas feições, o que faziam, antes que tivessem tezouras, com umas cannas, que por natureza cortam muito; e alguns o trazem cortado por cima das orelhas, e muito bem aparado; os quaes cobrem os membros genitaes com alguma cousa por galantaria, e não pelo cobrir; e pintam-se de lavores pretos, que fazem com tinta de genipapo, e se tem damas, ellas tem cuidado de os pintar: tambem trazem na cabeça umas pennas amarellas, pegadas pelos pés com cêra, e arrecadas de osso nas orelhas, e grandes contas brancas, que fazem de buzios, lançadas ao pescoço; aos quaes as mesmas damas rapam a testa com umas canninhas, e lhe arrancam os cabellos da barba, pestanas, sobrancelhas, e os mais cabellos de todo corpo, como já fica dito. E quando se estes mancebos querem fazer bizarros, arrepiam o cabello para cima com almecega, onde lhe pegam umas

penninhas amarellas pegadas nelle, e sobraçam outras contas brancas. E põem nas pernas, e nos braços umas manilhas de pennas amarellas, e sua diadema das mesmas pennas na cabeça. As moças tambem se pintam de tinta de genipapo, com muitos lavores, a seu modo, mui louçãos; e põem grandes ramaes de contas de toda a sorte ao pescoço e nos braços; e põem nas pernas por baixo do joelho umas tapacurás, que são do fio de algodão, tinto de vermelho, tecido de maneira que lh'as não podem tirar, o que tem tres dedos de largo; o que lhe põem as mãis em quanto são cachopas, para que lhe engrossem as pernas pelas barrigas, em quanto crescem, as quaes as trazem nas pernas em quanto são namoradas, mas de maneira que as possam tirar, ainda que com trabalho; e em quanto são solteiras pintam-nas as mãis; e depois de casadas os maridos, se lhes querem bem; as quaes moças são barbeadas, de todos os cabellos que os mancebos tiram, por outras mulheres. Estas indias tambem curam os cabellos para que sejam compridos, grossos e pretos, os quaes para terem isto os untam muitas vezes com oleo de cocos bravos.

CAPITULO CLIV.

Que trata da criação que os Tupinambás dão aos filhos, e o que fazem quando lhe nascem.

Quando estas indias entram em dores de parir, não buscam parteiras, não se guardam do ar, nem fazem outras ceremonias, parem pelos campos e em qualquer outra parte como uma alimaria; e em acabando de parir, se vão ao rio ou fonte, onde se lavam, e as crianças que pariram; e vêm-se para casa, onde o marido se deita logo na rede, onde está muito coberto, até que séca o embigo da criança; em o qual lugar o visitam seus parentes e amigos, e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lhe faz muitos mimos, em quanto o marido está assim parido, o qual está muito empanado para que lhe não dê o ar; e dizem que se lhe der o ar que fará muito nojo á criança, e

que se se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morreráõ os filhos, e elles que serão doentes da barriga; e não ha quem lhes tire da cabeça que da parte da mãi não ha perigo, senão da sua; porque o filho lhe sahio dos lombos, e que ellas não põem da sua parte mais que terem guardada a semente no ventre onde se cria a criança.

Como nascem os filhos aos Tupinambás, logo lhe põem o nome que lhe parece; os quaes nomes que usam entre si são de alimarias, peixes, aves, arvores, mantimentos, peças de armas, e d'outras couzas diversas; aos quaes furam logo o beiço debaixo, onde lhe põem, depois que são maiores, pedras por gentileza.

Não dão os Tupinambás a seus filhos nenhum castigo, nem os doutrinam, nem os reprehendem por cousa que façam; aos machos ensinam-nos a atirar com arcos e flexas ao alvo, e depois aos passaros; e trazem-nos sempre ás costas até a idade de sete e oito annos, e o mesmo ás femeas; e uns e outros mamam na mãi até que torna a parir outra vez; pelo que mamam muitas vezes seis e sete annos; ás femeas ensinam as mãis a enfeitar-se, como fazem as Portuguezas, e a fiar algodão, e a fazer o mais serviço de suas casas conforme a seu costume.

CAPITULO CLV.

Em que se declara o com que se os Tupinambás fazem bizarros.

Para se os Tupinambás fazerem bizarros uzam de muitas bestialidades mui estranhas, como é fazerem depois de homens tres e quatro buracos nos beiços debaixo, onde metem pedras, com grandes pontas para fóra; e outros furam os beiços de cima, tambem como os debaixo, onde tambem metem pedras redondas, verdes e pardas, que ficam ingeridas nas faces, como espelhos de borracha; em as quaes ha alguns que tem nas faces dous e tres buracos, em que metem pedras, com pontas para fóra; e ha alguns que tem todos estes buracos, que, com as pedras nelles, parecem os demonios; os quaes sofrem estas dores por parecerem temerosos a seus contrarios.

Usam tambem entre si umas carapuças de pennas amarellas e vermelhas, que põem na cabeça, que lh'a cobre até ás orelhas; os quaes fazem colares para o pescoço de dentes dos contrarios, onde trazem logo juntos dous, tres mil dentes, e nos pés uns cascaveis de certas hervas da feição da castanha, cujo tenido se ouve muito longe. Ornam-se mais estes indios, para suas bizarrices, de uma roda de pennas de ema, que atam sobre as ancas, que lhe faz tamanho vulto que lhe cobre as costas todas de alto abaixo; e para se fazerem mais feios se tingem todos de genipapo, que parecem negros de Guiné, e tingem os pés de uma tinta vermelha muito fina, e as faces; e põem sobraçadas muitas contas de buzios, e outras pequenas de pennas nos braços; e quando se ataviam com todas estas peças, levam uma espada de páo marchetada com casca de ovos de passaros de côres diversas, e na empunhadura umas pennas grandes de passaros, e certas campainhas de pennas amarellas, a qual espada lançam, atada ao pescoço, por detraz; e levam na mão esquerda seu arco e flexas, com dentes de tubarão; e na direita um maracá, que é um cabaço cheio de pedrinhas, com seu cabo, com que vai tangendo e cantando; e fazem estas bizarrices para quando na sua aldêa ha grandes vinhos, ou em outra, onde vão folgar; pelas quaes andam cantando e tangendo sós, e depois misturados com outros; com os quaes atavios se fazem temidos e estimados.

CAPITULO CLVI.

Que trata da luxuria d'estes barbaros.

São os Tupinambás tão luxuriosos que não ha peccado de luxuria que não cometam; os quaes sendo de muito pouca idade tem conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, grangeam estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, e ensinam-lhes a fazer o que elles não sabem, e não os deixam de dia, nem de noite. É este gentio tão luxurioso que poucas vezes tem respeito ás irmãs e tias, e porque este peccado é

contra seus costumes, dormem com ellas pelos matos, e alguns com suas proprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas teem muitas, como já fica dito, pelo que morrem muitos de esfalfados. E em conversação não sabem fallar senão nestas sujidades, que cometem cada hora; os quaes são tão amigos da carne que se não contentam, para seguirem seus apetites, com o membro genital como a natureza o formou; mas ha muitos que lhe costumam pôr o pello de um bicho tão peçonhento, que lh'o faz logo inchar, com o que tem grandes dores, mais de seis mezes, que se lhe vão gastando por espaço de tempo; com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer: e não contentes estes salvagens de andarem tão encarniçados neste peccado, naturalmente cometido, são mui afeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes se não tem por afronta; e o que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldêas pelo certão ha alguns que tem tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas.

Como os pais e as mãis vêem os filhos com meneos para conhecer mulher, elles lh'a buscam, e os ensinam como a saberão servir: as femeas muito meninas esperam o macho, mórmente as que vivem entre os Portuguezes. Os machos d'estes Tupinambás não são ciozos; e ainda que achem outrem com as mulheres, não matam a ninguem por isso, e quando muito espancam as mulheres pelo caso. E as que querem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-lhe moças com que elles se desenfadem, as quaes lhe levam a rede onde dormem, onde lhe pedem muito que se queira deitar com os maridos, e as peitam para isso; cousa que não faz nenhuma nação de gente, senão estes barbaros.

CAPITULO CLVII.

Que trata das ceremonias que usam os Tupinambás nos seus parentescos.

Costumam os Tupinambás que quando algum morre que é casado, é obrigado o irmão mais velho a casar com sua mulher, e quando

não tem irmão, o parente mais chegado pela parte masculina; e o irmão da viuva é obrigado a casar com sua filha se a tem; e quando a mãi da moça não tem irmão, pertence-lhe por marido o parente mais chegado da parte de sua mãi; e se não quer casar com esta sua sobrinha, não tolherá a ninguem dormir com ella, e depois lhe dá o marido que lhe vem á vontade.

O tio, irmão do pai da moça, não casa com a sobrinha, nem lhe toca quando fazem o que devem, mas tem-na em lugar de filha, e ella como a pai lhe obedece, depois da morte do pai, e pai lhe chama: e quando estas moças não tem tio, irmão de seu pai, tomam em seu lugar o parente mais chegado; e a todos os parentes da parte do pai em todo o gráo chamam pai, e elles a ella filha; mas ella obedece ao mais chegado parente, sempre; e da mesma maneira chamam os netso ao irmão e primo de seu avô, avô, e elles a elles netos, e aos filhos dos netos, e netas de seus irmãos e primos; e da parte da mãi tambem os irmãos e primos dellas chamam aos sobrinhos filhos, e elles aos tios pais; mas não lhe tem tamanho acatamento como aos tios da parte do pai; e preza-se este gentio de seus parentes, e o que mais parentes e parentas tem, é mais honrado e temido, e trabalha muito pelos chegar para si, e fazer corpo com elles em qualquer parte em que vivem; e quando qualquer indio aparentado tem agazalhado seus parentes em sua casa e lanço, quando ha de comer, deita-se na sua rede, onde lhe põem o que ha de comer em uma vasilha; e assentam-se em cocoras, suas mulheres e filhos, e todos seus parentes, grandes e pequenos; e todos comem juntos do que tem na vasilha, que está no meio de todos.

CAPITULO CLVIII.

Que trata do modo de comer e do beber dos Tupinambás.

Já fica dito como os principaes dos Tupinambás quando comem, estão deitados na rede, e como comem com elles os parentes, e os agazalha comsigo; entre os quaes comem tambem os seus criados e escravos,

sem lhe terem nenhum respeito; antes quando o peixe ou carne não é que sobeje, o principal o reparte por quinhões iguaes, e muitas vezes fica elle sem nada, os quaes estão tados em cocoras, com a vasilha em que comem todos no chão no meio delles, e em quanto comem não bebem vinho, nem agua, o que fazem depois de comer. Quando os Tupinambás comem á noite, é no chão como está dito, e virados com as costas para o fogo, e ficam todos ás escuras; e não praticam em cousa alguma, quando comem; senão depois de comer; e quando tem que, toda a noite não fazem outra cousa, até que os vence o somno; e por outra parte mantem-se este gentio com nada, e anda logo dous e tres dias sem comer, pelo que os que são escravos dão pouco trabalho a seus senhores pelo mantimento, antes elles mantem os senhores fazendo-lhes suas roças, e caçando, e pescando-lhes ordinariamente.

Este gentio não come carne de porco, dos que se criam em casa, senão são os escravos criados entre os brancos; mas comem a carne dos porcos do mato e da agua: os quaes tambem não comem azeite, se não os ladinos: toda a caça, que este gentio come, não a esfola, e chamuscam-na toda ou pellam-na na agua quente, a qual comem assada ou cozida, e as tripas mal lavadas; ao peixe não escamam, nem lhe tiram as tripas, e assim como vem do mar ou rios, assim o cozem ou assam: o sal de que usam, com que temperam o seu comer, e em que molham o peixe e carne, fazem-no da agua salgada que cozem tanto em uma vazilha sobre o fogo até que se coalha e endurece, com o que se remedeam; mas é sobre o preto, e requeima.

Este gentio é muito amigo de vinho, assim machos, como femeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem; mas o seu vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim, que se coze, e depois pizam-na e tornam-na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldêa para expremer estes aipins com as mãos, e algum mastigado com a boca, e depois espremido na vasilha, que é o que dizem que lhe põem a virtude, segundo a sua gentilidade; a esta agua e sumo d'estas raizes lançam em grandes potes, que para isso tem, onde este vinho se coze, e está até que se faz azedo; e como o está bem, o bebem com grandes cantares, e

cantam e bailam toda uma noite ás vesperas do vinho, e ao outro dia pela manhã começam a beber, bailar e cantar: e as moças solteiras da casa andam dando o vinho em uns meios cabaços, a que chamam cuias, aos que andam cantando, os quaes não comem nada em quanto bebem, o que fazem de maneira, que vem a cahir de bebados por esse chão; e o que faz mais desatinos nestas bebedices, esse é mais estimado dos outros, em os quaes se fazem sempre brigas; porque aqui se lembram de seus ciumes, e castigam por isso as mulheres, ao que acodem os amigos, e jogam as ticoadas uns com os outros. São costumados a almoçar primeiro que se vão ás suas roças a trabalhar, onde não comem em quanto andam no trabalho, senão depois que se vem para casa.

CAPITULO CLIX.

Em que se declara o modo da grangearia dos Tupinambás e de suas habilidades.

Quando os Tupinambás vão ás suas roças, não trabalham senão das sete horas da manhã até ao meio dia, e os muito diligentes até horas de vespera; e não comem n'este tempo senão depois d'estas horas, que se vem para suas casas: os machos costumam a roçar os matos, e os queimam e alimpam a terra d'elles; e as femeas plantam o mantimento e o alimpam: os machos vão buscar a lenha com que se aquentam e se servem, porque não dormem sem fogo ao longo das redes, que é a sua cama; as femeas vão buscar a agua á fonte e fazem de comer; e os machos costumam ir lavar as redes aos rios, quando estão sujas.

Não fazem os Tupinambás entre si outras obras primas que balaios de folha da palma, e outras vasilhas da mesma folha a seu modo, e do seu uso: fazem arcos e flexas, e alguns empalhados e lavrados de branco e preto, feitio de muito artificio: fazem cestos de varas, a que chamam samburá, e outras vasilhas em lavores, como as de rota da India: fazem carapuças e capas de pennas de passaros, e outras obras de penna do seu uso, e sabem dar tinta de vermelho e amarello ás

pennas brancas; e tambem contrafazem as pennas dos papagaios com sangue de rãs, arrancando-lhe as verdes, e fazem-lhe nascer outras amarellas: fazem mais estes indios, os que são principaes, redes lavradas de lavores de esteiras, e de outros laços, e umas cordas tecidas, a que chamam muçuranas, de algodão, que tem o feitio dos cabos de cabresto que vem de Fez.

Quando este gentio quer tomar muito peixe nos rios d'agua doce e nos esteiros d'agua salgada, os atravessam com uma tapagem de varas, e batem o peixe de cima para baixo; onde lhe lançam muita somma de umas certas hervas pizadas, a que chamam timbó, com o que se embebeda o peixe de maneira que se vem acima d'agua como morto; onde tomam ás mãos muita somma d'elle.

As mulheres d'este gentio não cozem, nem lavram; sómente fiam algodão, de que não fazem têas, como poderam; porque não sabem tecer: fazem d'este fiado as redes em que dormem, que não são lavradas, e umas fitas como passamanes, e algumas mais largas, com que ennastram os cabellos. As mulheres já de idade tem cuidado de fazerem a farinha de que se mantém, e de trazerem a mandioca das roças ás costas para casa; e as que são muito velhas tem cuidado de fazerem vasilhas de barro á mão; como são os potes em que fazem os vinhos, e fazem alguns tamanhos que levam tanto como uma pipa, em os quaes e em outros menores fervem os vinhos, que bebem: fazem mais estas velhas panellas, pucaros e alguidares a seu uso, em que cozem a farinha, e outros em que a deitam e em que comem, lavrados de tintas de côres; a qual louça cozem em uma cova que fazem no chão, e poem-lhe a lenha por cima; e tem e crêm estas indias que se cozer esta louça outra pessoa, que não seja a que a fez, que ha de arrebentar no fogo; as quaes velhas ajudam tambem a fazer afarinha que se faz no seu lanço. As femeas d'estes gentios são muito afeiçoadas a criar cachorros para os maridos levarem á caça, e quando ellas vão fóra levam-nos ás costas; as quaes tambem folgam de criar gallinhas e outros passaros em suas casas. As quaes, quando com seu costume, alimpam-se com um bordão que tem sempre junto de si, que levam na mão quando vão fóra de casa; e não se pejam de se alimparem

diante de gente, nem de as verem comer piolhos, o que fazem quando se catam nas cabeças umas ás outras; e como os encontra a que os busca, os dá á que os trazia na cabeça, que logo os trinca entre os dentes; o que não fazem pelos comer, mas em vingança de os morderem.

CAPITULO CLX.

Que trata de algumas habilidades e costumes dos Tupinambás.

São os Tupinambás grandes flexeiros, assim para as aves como para a caça dos porcos, veados e outras alimarias; e ha muitos que matam no mar e nos rios da agua doce o peixe á flexa; e d'esta maneira matam mais peixe que outros á linha; os quaes não arreceam arremeter grandes cobras, que matam, e a lagartos que andam na agua, tamanhos como elles, que tomam vivos a braços.

Costumam mais estes indios, quando vem de caçar ou pescar, partirem sempre do que trazem com a principal da casa em que vivem, e o mais entregam a suas mulheres, ou a quem tem o cuidado de os agazalhar no seu lanço.

Tem estes indios mais que são homens enxutos, mui ligeiros para saltar e trepar, grandes corredores e estremados marinheiros, como os metem nos barcos e navios, onde com todo o tempo ninguem toma as velas como elles; e são grandes remadores, assim nas suas canôas, que fazem de um só páo, que remam em pé vinte e trinta indios, com o que as fazem voar: são tambem muito engenhosos para tomarem quanto lhes ensinam os brancos, como não fôr cousa de conta, nem de sentido; porque são para isso muito barbaros; mas para carpinteiros de machado, serradores, oleiros, carreiros e para todos os officios de engenhos de assucar, tem grande destinto, para saberem logo estes officios; e para criarem vaccas tem grande mão e cuidado. Tem estes Tupinambás uma condição muito boa para frades franciscanos, porque o seu facto, e quanto tem, é commum a todos os da sua casa que querem usar d'elle; assim das ferramentas, que é o que mais estimam, como

das suas roupas, se as tem, e do seu mantimento; os quaes, quando estão comendo, póde comer com elles quem quizer, ainda que seja contrario, sem lh'o impedirem nem fazerem por isso carranca.

Tambem as moças d'este gentio, que se criam e doutrinam com as mulheres portuguezas, tomam muito bem o cozer e lavrar, e fazem todas as obras de agulha que lhe ensinam, para o que tem muita habilidade, e para fazerem cousas doces, e fazem-se estremadas cozinheiras; mas são muito namoradas e amigas de terem amores com os homens brancos.

São os Tupinambás grandes nadadores e mergulhadores, e quando lhes releva, nadam tres e quatro leguas; e são taes que se de noite não tem com que pescar, se deitam na agua, e como sentem o peixe comsigo, o tomam as mãos de mergulho; e da mesma maneira tiram polvos e lagostins das concavidades do fundo do mar, ao longo da costa.

CAPITULO CLXI.

Que trata dos feiticeiros dos que comem terra para se matarem.

Entre este gentio Tupinambá ha grandes feiticeiros, que tem este nome entre elles, por lhe metterem em cabeça mil mentiras; os quaes feiticeiros vivem em casa apartada cada um por si, a qual é muito escura e tem a porta muito pequena, pela qual não ousa ninguem de entrar em sua casa, nem de lhe tocar em cousa d'ella; os quaes pela maior parte não sabem nada, e para se fazerem estimar e temer tomam este officio, por entenderem com quanta facilidade se mette em cabeça a esta gente qualquer cousa: mas ha alguns que fallam com os diabos, que os espançam muitas vezes, os quaes os fazem muitas vezes ficar em falta com o que dizem; pelo que não são tão cridos dos indios como temidos. A estes feiticeiros chamam os Tupinambás pagés, os quaes se se escandalisam de algum indio por lhe não dar sua filha ou outra cousa que lhe pedem, lhe dizem, — vai que has de morrer; ao que

chamam lançar a morte; e são tão barbaros que se vão deitar nas redes pasmados, sem quererem comer ; e de pasmo se deixam morrer, sem haver quem lhe posssa tirar da cabeça que podem escapar do mandado dos feiticeiros, aos quaes dão alguns indios suas filhas por mulheres, com medo d'elles, por se assegurarem suas vidas. Muitas vezes acontece apparecer o diabo a este gentio, em lugares escuros, e os espanca, de que morrem de pasmo; mas a outros não faz mal, e lhe dá novas de cousas não sabidas.

Tem este gentio outra barbaria muito grande, que se tomam qualquer desgosto, se anojam de maneira que determinam de morrer; e põem-se a comer terra, cada dia uma pouca, até que vem a difinhar e inchar do rosto e olhos, e a morrer d'isso, sem lhe ninguem poder valer, nem desviar de se quererem matar; o que afirmam que lhe ensinou o diabo, e que lhes apparece, como se determinam a comer a terra.

CAPITULO CLXII.

Que trata das saudades dos Tupinambás, e como choram e cantam.

Costumam os Tupinambás que vindo qualquer d'elles de fóra, em entrando pela porta, se vai logo deitar na sua rede, ao qual se vai logo uma velha ou velhas, e põem-se em cocaras diante d'elle a chora-lo em altas vozes; em o qual pranto lhe dizem as saudades, que delle tinham, com sua auzencia, os trabalhos que uns e outros passaram; a que os machos lhe respondem chorando em altas vozes, e sem pronunciarem nada, até que se enfadam, e mandam ás velhas que se calem, ao que estas obedecem; e se o chorado vem de longe, o vem chorar d'esta maneira todas as femeas mulheres d'aquella casa, e as parentas, que vivem nas outras, e como acabam de chorar, lhe dão as boas vindas, e trazem-lhe de comer, em um alguidar, peixe, carne e farinha, tudo junto posto no chão, o que elle assim deitado come; e como acaba de comer lhe vem dar as boas vindas todos os da

aldêa em e um, e lhe perguntam como lhe foi pelas partes por onde andou; e quando algum principal vem de fóra, ainda que seja da sua roça, o vem chorar todas as mulheres de sua casa, uma e uma, ou duas em duas, e lhe trazem presentes para comer, fazendo-lhe as ceremonias acima ditas.

Quando morre algum indio, a mulher, mãi e parentas, o choram com um tom mui lastimoso, o que fazem muitos dias; em o qual chôro dizem muitas lastimas, e magoam a quem as entende bem; mas os machos não choram, nem se costuma entre elles chorar por ninguem que lhes morra.

Os Tupinambás se prezam de grandes musicos, e, ao seu modo, cantam com soffrivel tom, os quaes teem boas vozes; mas todos cantam por um tom, e os musicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote; um só diz a cantiga, e os outros respondem com o fim do mote, os quaes cantam e bailam juntamente em uma roda, em a qual um tange um tamboril, em que não dobra as pancadas; outros trazem um maracá na mão, que é um cabaço, com umas pedrinhas dentro, com seu cabo, por onde pegam; e nos seus bailos não fazem mais mudanças, nem mais continencias que bater no chão com um só pé ao som do tamboril; e assim andam todos juntos á roda, e entram pelas casas uns dos outros; onde tem prestes vinho, com que os convidar; e ás vezes andam um par de moças cantando entre elles, entre as quaes ha tambem mui grandes musicas, e por isso mui estimadas.

Entre este gentio são os musicos mui estimados, e por onde quer que vão, são bem agazalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrarios, sem lhe fazerem mal.

CAPITULO CLXIII.

Que trata como os Tupinambás agazalham os hospedes.

Quando entra algum hospede em casa dos Tupinambás, logo o dono do lanço da casa, onde elle chega, lhe dá a sua rede, e a mulher lhe poe de comer diante, sem lhe perguntarem quem é, nem

d'ondevem, nem o que quer; e como o hospede come, lhe perguntam pela sua lingua: Vieste já? e elle responde sim: as quaes boas vindas lhe vem dar todos os que o querem fazer, e depois d'isso praticam muito de vagar. E quando algum hospede estrangeiro entra em alguma d'estas aldêas, vem prégando, e assim anda correndo toda a aldêa até que dá com a casa do principal, e sem fallar a ninguem deita-se em uma rede qualquer que acha mais á mão, onde lhe põem logo de comer, e como acaba de comer, lhe manda o principal armar uma rede junto da porta do seu lanço de uma banda, e elle arma a sua da outra banda, ficando a porta no meio para-caminho de quem quizer entrar, e assim os da aldêa lhe vem dar as boas vindas, como acima está declarado; e neste lugar se põem a praticar o principal com o hospede muito de vagar, de redor dos quaes se vem assentar os indios da aldêa, que querem ouvir novas, onde ninguem não responde, nem pergunta cousa alguma, até que o principal acabe de fallar, e como dá fim ás suas praticas, lhe diz que descance de seu vagar; e depois que se o principal despede do hospede, vem outros a fallar com elle, para saberem novas d'aquellas partes d'onde o hospede vem; e ao outro dia se ajunta este principal em outra casa, onde se ajuntam os anciãos da aldêa, e praticam sobre a vinda do indio estrangeiro, e sobre as cousas que contou d'onde vinha; e lançam suas contas, se vem de bom titulo ou não; e se é seu contrario, de maravilha escapa que o não matem, e lhe façam seu officio com muita festa e regozijo; ao qual hospede choram as velhas, tambem antes que coma, como atraz fica declarado.

CAPITULO CLXIV.

Que trata do uso que os Tupinambás tem em seus concelhos e das ceremonias que n'elles usam.

Quando o principal da aldêa quer praticar algum negocio de importancia, manda recado aos indios de mais conta, os quaes se ajuntam no meio do terreiro da aldêa, onde em estacas, que tem para

isso mettidas no chão, armam suas redes de redor da do principal, onde tambem se chegam os que querem ouvir estas praticas, porque entre elles não ha segredo; os quaes se assentam todos em cocaras, e como tudo está quieto, propõe o principal sua pratica, a que todos estam mui attentos; e como acaba sua oração, respondem os mais antigos cada um por si; e quando um falla, callam-se todos os outros, até que vem a concluir no que hão de fazer; sobre o que tem suas altercações muitas vezes. E alguns dos principaes, que estam n'este conselho, levam algumas cangoeiras de fumo, de que bebem; o que começa de fazer o principal primeiro; e para isso leva um moço, que lhe dá a cangoeira accesa, e como lhe toma a salva, manda a cangoeira a outro que a não tem, e assim se revezam todos os que a não tem, com ella; o que estes indios fazem por authoridade, como os da India comem o bétele, em semelhantes ajuntamentos; o que tambem fazem muitos homens brancos. e todos os mamalucos; porque tomam este fumo por mantença, e não podem andar sem elle na boca, aos quaes dana o bafo e os dentes, e lhe faz mui ruins côres. Esta cangoeira de fumo é um canudo que se faz de uma folha de palma sêcca, e tem dentro tres quatro folhas sêccas da herva santa, a que os indios chamam petume, a qual cangoeira atam pela banda mais apertada com um fio, onde estão as folhas do petume, e accendem esta cangoeira pela parte das folhas do petume, e como tem brazá, a mettem na bocca, e sorvem para dentro o fumo, que logo lhe entra pelas cachagens, mui grosso, e pelas goelas, e sahe-lhe pelas ventas fóra com muita furia, ; como não podem soffrer este fumo, tiram a cangoeira fóra da boca.

CAPITULO CLXV.

Que trata de como se este gentio cura em suas enfermidades.

São os Tupinambás mui sujeitos á doença das boubas, que se pegam de uns aos outros, mórmente emquanto são meninos; porque se não guardam de nada: e tem para si que as hão de ter tarde ou cedo, e

que o bom é terem-nas emquanto são meninos, aos quaes não fazem outro remedio senão fazer-lh'as seccar, quando lhe sahem para fóra, o que fazem com as tingirem com ginipapo; e quando isto não basta, curam-lhe estas bustellas das boubas com a folha da caraoba, de cuja virtude temos já feito menção, e como se estas bustellas seccam, tem para si que estão sãos d'este máo humor, e na verdade não tem dôres nas juntas como se ellas seccam. Em alguns tempos e lugares, mais que outros, são estes indios doentes de terçãs e quartãs, que lhe nasce de andarem pela calma, sem nada na cabeça, e de quando estão mais suados se banharem com agua fria, metendo-se nos rios e nas fontes, muitas vezes ao dia pelo tempo da calma; ou quando trabalham, que estão cansados e suados; ás quaes febres não fazem nenhuma cura senão comendo uns mingáos, que são uns caldos de farinha de carimã, como já fica dito, que são muito leves e sadios; e untam-se com agua do genipapo, com o que ficam todos tintos de preto, ao que tem grande devoção.

Curam estes indios algumas postemas e bexigas com sumo de hervas de virtude, que ha entre elles, com que fazem muitas curas mui notaveis, como já fica dito atraz; e quando se sentem carregados da cabeça, sarjam nas fontes, e aos meninos sarjam-nos nas pernas, quando tem febre, mas em sêcco; o que fazem as velhas com um dente de cotia muito agudo, que tem para isso.

Curam as grandes feridas e flexadas com umas hervas, que chamam cabureiba, que é milagrosa, e com outras hervas, de cujas virtudes fica dito atraz no seu titulo; com as quaes curam o cano, que se lhes enche muitas vezes de cancere; e as flexadas penetrantes e outras feridas, de que se vêm em perigo, curam por um estranho modo, fazendo em cima do fogo um leito de varas largas umas das outras, sobre as quaes deitam os feridos, com as feridas boca abaixo em cima d'este fogo, pelas quaes com a quentura se lhes sahe todo o sangue que tem dentro e a humidade; e ficam as feridas sem nenhuma humidade; as quaes depois curam com oleo e balsamo, ou hervas, de que já fizemos menção, com o que tem saude em poucos dias; e não ha entre este gentio medicos assignalados, mas são-no muito bons os

recochilhados. D'estes indios andarem sempre nús, e das fregueirices que fazem dormindo no chão, são muitas vezes doentes de corrimentos a que elles chamam caiváras, de que lhes dóe as juntas; das quaes são os feiticeiros grandes medicos, chupando-lhe com a boca o logar onde lhe dóe, onde as vezes lhe mette os dentes, e tira da boca algum pedaço de ferro, páo ou outra cousa, que lhes mete na cabeça tirar d'aquelle logar onde chupava, e que quando lhe doía lhe sahira fóra, onde lhe tinge com genipapo, com que dizem que se acha bem logo.

CAPITULO CLXVI.

Que trata do grande conhecimento que os Tupinambás tem da terra.

Tem os Tupinambás grande conhecimento da terra por onde andam, pondo o rosto no sol, por onde se governam; com o que atinam grandes caminhos pelo deserto, por onde nunca andaram; como se verá pelo que aconteceu já na Bahia, d'onde mandaram dous indios d'estes Tupinambás degradados pela justiça, por seus delictos, para o Rio de Janeiro, onde foram levados por mar; os quaes se vieram de lá, cada um por sua vez, fugidos, afastando-se sempre do povoado, por não ser sentidos por seus contrarios; e vinham sempre caminhando pelos matos; e d'esta maneira atinaram com a Bahia, e chegaram á sua aldêa, d'onde eram naturaes, a salvamento, sendo caminho mais de trezentas leguas.

Costuma este gentio, quando anda pelo mato sem saber novas do logar povoado, deitar-se no chão, e cheirar o ar, para ver se lhe cheira a fogo, o qual conhecem pelo faro a mais de meia legua, segundo a informação de quem com elles trata mui familiarmente; e como lhe cheira a fogo, se sobem as mais altas arvores que acham, em busca do fumo, o que alcançam com a vista de muito longe, o qual vão seguindo, se lhes vem bem ir aonde elle está; e se lhe convem desviar-se d'elle, o fazem antes que sejam sentidos; e por os Tupinam-

bás terem este conhecimento da terra e do fogo, se faz muita conta d'elles, quando se offerece irem os Portuguezes á guerra a qualquer parte, onde os Tupinambás vão sempre diante, correndo a terra por serem de recado, e mostrando á mais gente o caminho por onde hão de caminhar, e o logar onde se hão de aposentar cada noite.

CAPITULO CLXVII.

Que trata de como os Tupinambás se apercebem para irem á guerra.

Como os Tupinambás são muito belicosos, todos os seus fundamentos são como farão guerra aos seus contrarios; para o que se ajuntam no terreiro da sua aldêa as pessoas mais principaes, e fazem seus concelhos, como fica declarado; onde assentam a que parte hão de ir dar a dita guerra, e em que tempo; para o que se notifica a todos que se façam prestes de arcos e flexas e alguns pavezes, que fazem de um páo molle e muito leve, e as mulheres entendem em lhes fazerem a farinha que hão de levar, a que chamam de guerra; porque dura muito, para se fazer a dita guerra, d'onde tomou o nome; e como todos estão prestes de suas armas e mantimentos, as noites antes da partida anda o principal prégando ao redor das cásas, e n'esta prégação lhe diz onde vão, e a obrigação que tem de ir tomar vingança de seus contrarios, pondo-lhes diante a obrigação que tem para o fazerem e para pelejarem valorosamente; promettendo-lhe victoria contra seus inimigos, sem nenhum perigo da sua parte, de que ficará d'elles memoria para os que apoz elles vierem cantarem seus louvores; e que pela manhã comecem de caminhar. E em amanhecendo, depois de almoçarem, toma cada um seu quinhão de farinha ás costas, e a rede em que ha de dormir, seu pavez e arco e flexas na mão; e outros levam além d'isto uma espada de páo a tiracollo. Os roncadores levam tamboril, outros levam buzinas, que vão tangendo pelo caminho, com que fazem grande estrondo, como chegam á vista dos contrarios. E os principaes d'este gentio levam comsigo as mulheres carregadas de

mantimentos, e elles não levam mais que a sua rede e armas ás costas, e arco e flexas na mão. E antes que se abalem, faz o principal capitão da dianteira, que elles tem por grande honra, o qual vai mostrando o caminho e logar onde hão de dormir cada noite. E a ordenança com que se põe a caminho, é um diante do outro, por que não sabem andar de outra maneira; e como sabem fóra dos seus limites, e entram pela terra dos contrarios, levam ordinariamente suas espias diante, que são sempre mancebos muito ligeiros, que sabem muito bem este officio; e com muito cuidado, os quaes não caminham cada dia mais de legua e meia até duas leguas, que é o que se póde andar até ás nove horas do dia; que é o tempo em que apozentam seu arraial, o que fazem perto d'agua, fazendo suas chopanas, a que chamam tajupares, as quaes fazem arruadas, deixando um caminho pelo meio d'ellas; e d'esta maneira vão fazendo suas jornadas, fazendo fogos nos tajupares.

CAPITULO CLXVIII.

Que trata de como os Tupinambás dão em seus contrarios.

Tanto que os Tupinambás chegam duas jornadas da aldêa de seus contrarios, não fazem fogo de dia, por não serem sentidos d'elles pelos fumos que se vêm de longe; e ordenam-se de maneira que possam dar nos contrarios de madrugada, e em conjunção de lua cheia para andarem a derradeira jornada de noite pelo luar, e tomarem seus contrarios desapercebidos e descuidados; e em chegando á aldêa dão todos juntos tamanho urro, gritando, que fazem com isso e com suas buzinas e tamborîs grande espanto; e d'esta maneira dão o seu salto nos contrarios: e do primeiro encontro não perdoam a grande, nem a pequeno; para o que vão apercebidos de uns páos a feição de arrochos, com uma quina por uma ponta, com o que da primeira pancada que dão na cabeça ao contrario, lh'a fazem em pedaços. E ha alguns d'estes barbaros tão carniceiros que cortam aos vencidos, depois de mortos, suas naturas, assim aos machos como ás

femeas, as quaes levam para darem a suas mulheres, que as guardam depois de mirradas no fogo, para nas suas festas as darem a comer aos maridos por reliquias, o que lhes dura muito tempo; e levam os contrarios, que não mataram na briga, cativos, para depois os matarem em terreiro com as festas costumadas.

No despojo d'esta guerra não tem o principal cousa certa, e cada um leva o que póde apanhar, e, quando os vencedores se recolhem, põem fogo ás casas da aldêa em que deram, que são cobertas de palmas até o chão. E recolhem-se logo, andando todo o que lhe resta do dia, e toda a noite pelo luar com o passo mais apressado, trazendo suas espias detraz, por se arrecearem de se ajuntarem muitos dos contrarios, e virem tomar vingança do acontecido a seus visinhos, como cada dia lhes acontece. E sendo caso que os Tupinambás achem seus contrarios apercebidos com a sua cêrca feita, e elles se atrevem aos cercar, fazem-lhe por de redor outra contracerca de rama e espinhos muito liada com madeira que metem no chão, a que chamam caiçá, pela qual, emquanto verde não ha cousa que os rompa, e ficam com ella seguros das flexas dos contrarios, a qual caiçá fazem bem chegada á cerca dos contrarios, e de noite fallam mil roncarias, e jogam as pulhas de parte a parte, até que os Tupinambás abalroam a cerca ou levantam cerco, se se não atrevem com elle, ou por lhes faltar o mantimento.

CAPITULO CLXIX.

Que trata de como os contrarios dos Tupinambás dão sobre elles quando se recolhem.

Acontece muitas vezes aos Tupinambás, quando se vem recolhendo para suas casas, dos assaltos que deram em seus contrarios, ajuntar-se grande somma d'elles, e virem-lhe no alcance até lhe não poderem fugir; e ser-lhe necessario espera-los, o que fazem ao longo d'agua, onde se fortificam fazendo sua cerca de caiçá; o que fazem com muita pressa para dormirem ali seguros de seus contrarios, mas com boa

vigia; onde muitas vezes são cercados e apertados dos contrarios: mas os cercados vêem por detraz d'esta cerca a quem está de fóra, para empregarem todas as suas flexas á vontade, e os de fóra não vêem quem lhes atira; e se não vem apercebidos para os abalroarem, ou de mantimentos para continuarem com o cerco, se tornam a recolher, por não poderem abalroar aos Tupinambás como queriam.

E estes assaltos, que os Tupinambás vão dar nos Tupinaes e outros contrarios seus, lhes acontece tambem a elles por muitas vezes, do que ficam muito mal tratados, se não são avisados primeiro, e apercebidos; mas as mais das vezes elles são os que offendem a seus inimigos, e são mais prevenidos, quando se vêem n'estas afrontas de mandar pedir soccorro a seus vizinhos, e lh'o vem logo dar com muita presteza.

Quando os Tupinambás estão cercados de seus contrarios, as pessoas de mais authoridade d'entre elles lhes andam prégando de noite que se esforcem e pelejem como bons cavalleiros, e que não temam seus contrarios; porque muito depressa se verão vingados d'elles, porque lhes não tardará o soccorro muito; e as mesmas prégações costumam fazer quando elles tem cercado seus contrarios, e os querem abalroar; e antes que dêm o assalto, estando juntos todos á noite atraz, passêa o principal de redor dos seus, e lhes diz em altas vozes o que hão de fazer, e os avisa para que se apercebam e estejam álerta: e as mesmas prégações lhe faz, quando andam fazendo as cercas de caiçá, para que se animem, e façam aquella obra com muita pressa; e quando os Tupinambás pelejam no campo, andam saltando de uma banda para a outra, sem estarem nunca quedos, assobiando, dando com a mão no peito, guardando-se das flexas que lhe lançam seus contrarios, e lançando-lhe as suas com muita furia.

CAPITULO CLXX.

Em que se declara como o Tupinambá que matou o contrario, toma logo nome, e as ceremonias que nisso fazem.

Costuma-se entre os Tupinambás, que todo aquelle que mata contrario, toma logo nome entre si, mas não o diz senão a seu tempo, que manda fazer grandes vinhos; e como estão para se poderem beber, tingem-se á vespera á tarde de genipapo, e começam á tarde a cantar, e toda a noite, e depois que tem cantado um grande pedaço, anda toda a gente da aldêa rogando ao matador, que diga o nome que tomou, ao que se faz de rogar, e tanto que o diz, se ordenam logo novas cantigas fundadas sobre a morte d'aquelle que morreu, e em louvores do que matou, o qual, como se acabam aquellas festas e vinhos, se recolhe para a sua rede, como anojado por certos dias, e não come n'elles certas cousas, que tem por agouro se as comer dentro d'aquelle tempo.

Todo o Tupinambá que matou na guerra ou em outra qualquer parte algum contrario, tanto que vem para sua casa, e é notorio aos moradores d'ella da tal morte do contrario, costumam, em o matador entrando em casa, arremeçarem-se todos ao seu lanço, e tomarem-lhe as armas e todas as suas alfaias de seu uso, ao que elle não ha de resistir por nenhum caso, e ha de deixar levar tudo sem fallar palavra: e como o matador faz estas festas deixa crescer o cabello por dó alguns dias, e como é grande, ordena outros vinhos para tirar o dó; ao que faz suas vesperas cantadas, e ao dia que se hão de beber os vinhos se tosquia o matador, e tira o dó, tornando-se a encher e tingir de genipapo, o qual tambem se risca em algumas partes do corpo com o dente de cotia, em lavores; e dão por estas sarjaduras uma tinta com que ficam vivas, e em quanto o riscado vive, o tem por grande bizarria; e ha alguns indios que tomaram tantos nomes, e se riscaram tantas vezes que não tem parte onde não esteja o corpo riscado.

Costumam tambem as irmãs dos matadores fazerem as mesmas ceremonias que fizeram seus irmãos, tosquiando-se, e tingindo-se do genipapo, e dando alguns riscos em si; e fazem o mesmo pelos primos, a que tambem chamam irmãos, e fazem tambem suas festas com seus vinhos como elles; e para se não sentir a dôr do riscar, se lavam primeiro muito espaço com agua muito quente, com que lhe enteza a carne, e não sentem as sarjaduras; mas muitos ficam d'ellas tão mal tratados que se põem em perigo de morte.

CAPITULO CLXXI.

Que trata do tratamento que os Tupinambás fazem aos que cativam, e a mulher que lhe dão.

Os contrarios que os Tupinambás cativam na guerra, ou de outra qualquer maneira, metem-nos em prisões, as quaes são cordas de algodão grossas, que para isso tem mui louçãs, a que chamam muçuranas, as quaes são tecidas como os cabos dos cabrestos de Africa; e com ellas os atam pela cinta e pelo pescoço, onde lhe dão muito bem de comer, e lhe fazem bom tratamento, até que engordam, e estam estes cativos para se poderem comer, que é o fim para que os engordam; e como os Tupinambás tem estes contrarios quietos e bem seguros nas prisões, dão a cada um por mulher a mais formosa moça, que ha na sua casa, com quem se elle agazalha, todas as vezes que quer, a qual moça tem cuidado de o servir, e de lhe dar o necessario para comer e beber, com o que o cevam cada hora, e lhe fazem muitos regalos. E se esta moça emprenha do que está preso, como acontece muitas vezes, como pare, cria a criança até idade que se póde comer, que a offerece para isso ao parente mais chegado, que lh'o agradece muito, o qual lhe quebra a cabeça em terreiro com as ceremonias, que se adiante seguem, onde toma o nome; e como a criança é morta, a comem assada e com grande festa, e a mãi é a primeira que come d'esta carne, o que tem por grande honra, pelo

que de maravilha escapa nenhuma criança que nasça d'estes ajuntamentos, que não matem; e a mãi que não come seu proprio filho, a que estes indios chamam cunhambira, que quer dizer filho do contrario, tem-na em ruim conta, e em peor, se o não entregam seus irmãos, ou parentes com muito contentamento. Mas tambem ha algumas, que tomaram tamanho amor aos cativos que ás tomaram por mulheres, que lhe deram muito geito para se acolherem e fugirem das prisões, que elles cortam com alguma ferramenta, que ellas ás escondidas lhes deram, e lhe foram pôr no mato, antes de fugir, mantimentos para o caminho; e estas taes criaram seus filhos com muito amor, e não os entregaram a seus parentes para os matarem, antes os guardaram e defenderam d'elles até serem moços grandes, que como chegam a essa idade logo escapam da furia dos seus contrarios. Muitas vezes deixam os Tupinambás de matar alguns contrarios que cativaram por serem moços, e se quererem servir d'elles, aos quaes criam e fazem tão bom tratamento que andam de maneira que podem fugir, o que elles não fazem por estarem á sua vontade; mas depois que este gentio teve commercio com os Portuguezes, folgam de terem escravos para lh'os venderem; e ás vezes depois de os criarem, os matam por fazerem uma festa d'estas.

CAPITULO CLXXII.

Que trata da festa e apparato que os Tupinambás fazem para matarem em terreiro seus contrarios.

Como os Tupinambás vêem que os contrarios, que tem cativos, estão já bons para matar, ordenam de fazer grandes festas a cada um, para as quaes ha grandes ajuntamentos de parentes e amigos, que para isso são chamados de trinta e quarenta leguas, para a vinda dos quaes fazem grandes vinhos, que bebem com grandes festas; mas fazem-nas muito maiores para o dia do sacrificio do que ha de padecer, com grandes cantares, e a vespera em todo dia cantam e bailam, e ao dia

se bebem muitos vinhos pela manhã, com motes que dizem sobre a cabeça do que ha de padecer, que tambem bebe com elles. E os que cantam fundam nesta festa suas cantigas vituperando o que ha de padecer e exalçando o matador, dizendo suas proezas e louvores; e antes que bebam os vinhos, untam o cativo todo com mel de abelhas, e por cima d'este mel o empenam todo com pennas de côres, e pintam-no a lugares de genipapo, e os pés com uma tinta vermelha, e metem-lhe uma espada de páo nas mãos para que se defenda de quem o quer matar com ella, como puder; e como estes cativos vêem chegada a hora em que hão de padecer, começam a prégar e dizer grandes louvores de sua pessoa, dizendo que já está vingado de quem o ha de matar, contando grandes façanhas suas e mortes que deu aos parentes do matador, ao qual ameaça e a toda a gente da aldêa, dizendo que seus parentes o vingarão. E começam a levar este preso a um terreiro fóra da aldêa, que para esta execução está preparado, e metem-no entre dous mourões, que estão metidos no chão, afastados um do outro vinte palmos, pouco mais ou menos, os quaes estão furados, e por cada furo metem as pontas das cordas com que o contrario vem preso, onde fica preso como touro de cordas, onde lhe as velhas dizem que se farte de ver o sol, pois tem o fim tão chegado; ao que o cativo responde com grande coragem, que pois elle tem a vingança da sua morte tão certa, que acceita o morrer com muito esforço. E antes de lhe chegar a execução, contemos como se prepara o matador.

CAPITULO CLXXIII.

Que trata de como se enfeita e apparata o matador.

Costumam os Tupinambás, primeiro que o matador saia ao terreiro, enfeita-lo muito bem, pinta-lo com lavores de genipapo todo o corpo, e põem-lhe na cabeça uma carapuça de pennas amarellas e uma diadema, manilhas nos braços e nas pernas, das mesmas pennas, grandes ramaes de contas brancas sobraçadas, e seu rabo de pennas

de ema nas ancas, e uma espada de páo de ambas as mãos muito pesada, marchetada com continhas brancas de buzios, e pintada com cascas de ovos de côres, assentado tudo, em lavores ao seu modo, sobre cera, o que fica mui igualado e bem feito; e no cabo d'esta espada tem grandes penachos de pennas de passaros feitas em molho e dependuradas da empunhadura, a que elles chamam embagadura; e como o matador está prestes para receber esta honra, que entre o gentio é a maior que póde ser, ajuntam-se seus parentes e amigos, e vão-no buscar á sua casa; d'onde o vem acompanhando com grandes cantares e tangeres dos seus buzios, gaitas e tambores, chamando-lhe bemaventurado; pois chegou a ganhar tamanha honra, como é vingar a morte de seus antepassados e de seus irmãos e parentes; e com este estrondo entra no terreiro da execução, onde está o que ha de padecer, que o está esperando com grande coragem com uma espada de páo na mão, diante de quem chega o matador, e lhe diz que se defenda, porque vem para o matar, a quem responde o preso com mil roncarias; mas o solto remette a elle com a sua espada de ambas as mãos, da qual se se quer desviar o preso para alguma banda, mas os que tem cuidado das cordas pucham por ellas de feição que o fazem esperar a pancada; e acontece muitas vezes que o preso primeiro que morra, chega com a sua espada ao matador e o trata muito mal, sem embargo de lhe não deixarem as cordas chegar a elle; por mais que o pobre trabalha, não lhe aproveita; porque tudo é dilatar a vida mais dous credos, onde a rende nas mãos do seu inimigo, que lhe faz a cabeça em pedaços com sua espada; e como se acaba esta execução, tiram-no das cordas, e levam-no onde se costuma repartir esta carne; e acabado o matador de executar sua ira no cativo, toma logo entre si algum nome, o qual declara depois com as ceremonias que ficam ditas atraz; e vai-se do terreiro recolher para o seu lanço, onde tira as armas e petrechos com que se enfeitou; e a mesma honra ficam recebendo aquelles que primeiro pegaram dos cativos na guerra, do que tomam tambem novo nome, com as mesmas festas e ceremonias que já ficam ditas; o que se não faz com menos alvoroço que aos proprios matadores.

CAPITULO CLXXIV.

Em que se declara o que os Tupinambás fazem do contrario que mataram.

Acabado de morrer este preso, o espedaçam logo os velhos da aldêa, e tiram-lhe as tripas e freçura, que, mal lavadas, cozem e assam para comer; e reparte-se a carne por todas as casas da aldêa e pelos hospedes que vieram de fóra a ver estas festas e matanças, a qual carne se coze logo para se comer nos mesmos dias de festas, e outra assam muito afastada do fogo de maneira que fica muito mirrada, a que este gentio chama moquem, a qual se não come por mantimento senão por vingança; e os homens mancebos e mulheres moças provam-na sómente, e os velhos e velhas são os que se metem n'esta carniça muito, e guardam alguma da assada do moquem por reliquias, para com ella de novo tornarem a fazer festa, se se não offerecer tão cedo matarem outro contrario. E os hospedes que vieram de fóra a ver esta festa levam o seu quinhão de carne, que lhe deram do morto, assada do moquem para as suas aldêas, onde como chegam fazem grandes vinhos para com grandes festas, segundo sua gentilidade, os beberem sobre esta carne humana que levam, a qual repartem por todos os da aldêa, para a provarem e se alegrarem em vingança de seu contrario que padeceu, como fica dito.

Acontece muitas vezes cativar um Tupinambá a um contrario na guerra, onde o não quiz matar para o trazer cativo para a sua aldêa, onde o faz engordar com as ceremonias já declaradas para o deixar matar a seu filho quando é moço e não tem idade para ir á guerra, o qual mata em terreiro, como fica dito, com as mesmas ceremonias; mas atam as mãos ao que ha de padecer, para com isso o filho tomar nome novo e ficar armado cavalleiro, e mui estimado de todos. E se este moço matador, ou outro algum, se não quer riscar quando tomam novo nome, contentam-se com se tingir de genipapo,

e deixar crescer o cabello e tosquia-lo, com as ceremonias atraz declaradas; e os que se riscam, quando tomam nome novo, a cada nome que tomam fazem sua feição de lavor, que para elles é grande bizarria, para que se veja quantos nomes tem.

CAPITULO CLXXV.

Que trata das ceremonias que os Tupinambás, fazem quando morre algum, e como os enterram.

E' costume entre os Tupinambás que, quando morre qualquer d'elles, o leva a enterrar embrulhado na sua rede em que dormia, e o parente mais chegado lhe ha de fazer a cova; e quando o levam a enterrar vão-no acompanhando mulher, filhas e parentes, se as tem, as quaes vão pranteando até a cova, com os cabellos soltos sobre o rosto, e estão-no pranteando até que fica bem coberto de terra; d'onde se tornam para sua casa, onde a viuva chora o marido por muitos dias; e se morrem as mulheres d'estes Tupinambás, é costume que os maridos lhe façam a cova, e ajudem a levar ás costas a defunta, e se não tem já marido, o irmão ou parente mais chegado lhe faz a cova.

E quando morre algum principal da aldêa em que vive, e depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem fazem as ceremonias seguintes. Primeiramente o untam com mel todo, e por cima do mel o empennam com pennas de passaros de côres, e põe-lhe uma carapuça de penna na cabeça, e todos os mais enfeites que elles costumam trazer nas suas festas; e tem-lhe feito na mesma casa e lanço onde elle vivia, uma cova muito funda e grande, com sua estacada por de redor, para que tenha a terra que não caia sobre o defunto, e armam-lhe sua rede em baixo de maneira que não toque o morto no chão; em a qual rede o metem assim enfeitado, e põem-lhe junto da rede seu arco e flexas, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rede para se aquentar, e põem-lhe de

comer em um alguidar, e agua em um cabaço, como gallinha; e como esta matalotagem está feita, e lhe põem tambem sua cangoeira de fumo na mão, lançam-lhe muita somma de madeira igual no andar da rede de maneira que não toque no corpo, e sobre esta madeira muita somma de terra, com rama debaixo primeiro, para que não caia terra sobre o defunto; sobre a qual sepultura vive a mulher, como d'antes. E quando morre algum moço, filho de algum principal, que não tem muita idade, metem-no em cocaras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que elle caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão, onde o filho e o pai, se é morto, são chorados muitos dias.

CAPITULO CLXXVI.

Que trata do successor ao principal que morreu, e das ceremonias que faz sua mulher, e as que se fazem por morte d'ella tambem.

Costumam os Tupinambás quando morre o principal da aldêa, elegerem entre si quem succeda em seu logar, e se o defunto tem filho que lhe possa succeder, a elle aceitam por sua cabeça; e quando não é para isso, ou o não tem, aceitam um seu irmão em seu logar; e não os tendo que tenham partes para isso, elegem um parente seu, se é capaz de tal cargo, e tem as partes atraz declaradas.

É costume entre as mulheres dos principaes Tupinambás, ou de outro qualquer indio, a mulher cortar os cabellos por dó, e tingir-se toda de genipapo. As quaes choram seus maridos muitos dias, e são visitadas de suas parentas e amigas; e todas as vezes que o fazem, tornam com a viuva a prantear de novo o defunto, as quaes deixam crescer o cabello, até que lhe dá pelos olhos, e se não casa com outro; logo faz sua festa com vinhos, e torna-se a tosquiar para tirar o dó, e tinge-se de novo do genipapo.

Costumam os indios, quando lhe morrem as mulheres, deixarem

crescer o cabello, no que não tem tempo certo, e tingem-se dó genipapo por dó; e quando se querem tosquiar, se tornam a tingir de preto á vespera da festa dos vinhos, que fazem a seu modo, cantando toda a noite, para a qual se ajunta muita gente para estes cantares, e o viuvo tosquia-se á vespera a tarde, e ao outro dia ha grandes revoltas de cantar e bailar, e beber muito; e o que n'este dia mais bebeu fez mór valentia, ainda que vomite e perca o juizo. N'estas festas se cantam as proezas do defunto ou defunta, e do que tira o dó, e o mesmo dó tomam os irmãos, filhos, pai e mãi do defunto, e cada um por si faz sua festa, quando tira o dó apartado, ainda que o tragam por uma mesma pessoa; mas este sentimento houveram de ter os vivos dos mortos, quando estavam doentes; mas são tão desamoraveis os Tupinambás, que quando algum está doente, e a doença é comprida, logo aborrece a todos os seus, e curam d'elle muito pouco; e como o doente chega a estar mal, é logo julgado por morto; e não trabalham os seus mais chegados por lhe dar a vida, antes o desamparam, dizendo que pois ha de morrer, e não tem remedio, que para que é dar-lhe de comer, nem curar d'elle; e tanto é isto assim que morrem muitos ao desamparo, e levam a enterrar outros ainda vivos, porque como chega a perder a falla dão-no logo por morto; e entre os Portuguezes aconteceu muitas vezes fazerem trazer de junto da cova escravos seus para casa, por as mulheres os julgarem por mortos, muitos dos quaes tiveram saude e viveram depois muitos annos.

CAPITULO CLXXVII.

Que trata de como entre os Tupinambás ha muitos mamelucos que descendem dos Francezes, e de um indio que se achou muito alvo.

Ainda que pareça fóra de proposito o que se contém n'este capitulo, pareceu decente escrever aqui o que n'elle se contém, para se melhor entender a natureza e condição dos Tupinambás, com os quaes os

Francezes, alguns annos antes que se povoasse a Bahia, tinham commercio; e quando se iam para França com suas náos carregadas de páo de tinta, algodão, e pimenta, deixavam entre os gentios alguns mancebos para aprenderem a lingoa e poderem servir na terra, quando tornassem de França, para lhes fazer seu regate; os quaes se amancebaram na terra, onde morreram, sem se quererem tornar para França, e viveram como gentios com muitas mulheres, dos quaes, e dos que vinham todos os annos á Bahia e ao rio de Segeripe em náos de França, se inçou a terra de mamelucos, que nasceram, viveram, e morreram como gentios; dos quaes ha hoje muitos seus descendentes, que são louros, alvos e sardos, e havidos por indios Tupinambás, e são mais barbaros que elles. E não é de espantar serem estes descendentes dos Francezes alvos e louros, pois que sahem a seus avós; mas é de maravilhar trazerem do sertão, entre outros Tupinambás, um menino de idade de dez annos para doze, no anno de 1586, que era tão alvo, que de o ser muito não podia olhar para a claridade; e tinha os cabellos da cabeça, pestanas e sobrancelhas tão alvas como algodão, com o qual vinha seu pai, com quem era tão natural, que toda a pessoa que o via, o julgava por esse sem o conhecer; e não era muito preto, e a mãi que vinha na companhia, era muito preta; e pelas informações que se então tomaram dos outros Tupinambás da companhia, achou-se que o pai d'este indio branco não descendia dos Francezes, nem elles foram áquellas partes, d'onde esta gente vinha, nunca; e ainda que este menino era assim branco, era muito feio.

N'esta povoação onde este indio branco veio ter, que é de Gabriel Soares, aconteceu um caso estranho a uma india Tupinambá, que havia pouco que viera do sertão, a qual ia para uma roça a buscar mandioca, levando um filho de um anno ás costas, que ia chorando, do qual se enfadou a mãi de maneira que lhe fez uma cova com um páo no chão, e o enterrou vivo: e foi-se a india com as outras á roça, que seria d'alli distancia de um bom tiro de bombarda; e arrancou a mandioca, que ia buscar; e tornou-se com ella para casa, que seria d'onde a criança ficava enterrada, outro tiro de bombarda; sobre o que as outras indias, que viram esta crueldade de mãi, estando fazendo a

farinha, se puzeram a praticar, maravilhando-se do caso acontecido, o que ouviram outras indias da mesma casa ladinas, e foram-no contar á sua senhora, que logo se informou do caso como acontecêra, a sabendo a verdade d'elle mandou a toda a pressa desenterrar a criança, que ainda acharam viva, e por ser pagã a fez baptisar logo, a qual viveu depois seis mezes.

Daqui por diante se vai continuando com a vida e costumes dos Tupinaês e outras castas de gentio da Bahia que vive pela terra dentro de seu sertão, dos quaes diremos o que podemos alcançar d'elles; e começando logo nos Tupinaês.

CAPITULO CLXXVIII.

Que trata de quem são os Tupinaês.

Tupinaês é umâ gente do Brazil semelhante no parecer, vida e costumes dos Tupinambás, e na lingoagem não tem mais differença uns dos outros, do que tem os moradores de Lisboa dos de Entre Douro e Minho; mas a dos Tupinambás é mais pulida; e pelo nome tão semelhante d'estas duas castas de gentio se parece bem claro que antigamente foi esta gente toda uma, como dizem os indios antigos d'esta nação; mas tem-se por tão contrarios uns dos outros que se comem aos bocados, e não cançam de se matarem em guerras, que continuamente tem, e não tão sómente são inimigos os Tupinaês dos Tupinambás, mas são-no de todas as outras nações do gentio do Brazil, e entre todas ellas lhe chamam Taburas, que quer dizer contrarios. Os quaes Tupinaês nos tempos antigos viveram ao longo do mar, como fica dito no titulo dos Tupinambás, que os lançaram d'elle para o sertão, onde agora vivem, e terão occupado uma corda de terra de mais de duzentas leguas: mas ficam entres achados com elles, em algumas partes, alguns Tapuias, com quem tem tambem continua guerra.

São os Tupinaês mais atraiçoados que os Tupinambás, e mais amigos

de comer carne humana, em tanto, que se lhes não acha nunca escravo dos contrarios que cativam; porque todos matam e comem, sem perdoarem a ninguem. E quando as femeas emprenham dos contrarios, em parindo, lhe comem logo a criança, a que tambem chamam cunhãembira; e a mesma mãi ajuda logo a comer o filho que pariu.

CAPITULO CLXXIX.

Que trata de alguns costumes e trages dos Tupinaés.

Costumam entre os Tupinaês trazerem os homens os cabellos da cabeça compridos até lhe cobrirem as orelhas, muito aparados sobre ellas, e desafogado por diante; e outros o trazem copado sobre as orelhas, como crenchas; e alguns tosquiam a dianteira até as orelhas sobre pentem, e por detraz o cabello comprido; e a seu modo, de uma maneira e outra fica muito affeiçoado,

São os Tupinaês mais fracos de animo que os Tupinambás, de menos trabalho, de menos fé e verdade; são musicos de natureza, e grandes cantores de chacotas, quasi pelo modo dos Tupinambás; bailam, caçam e pescam, como elles, e pelejam em saltos, como elles; mas não são pescadores no mar, como se acham n'elle, pelo não haverem em costume, por ser gente do sertão, e esmorecerem; e não pescam senão nos rios d'agua doce.

Estes Tupinaês andaram antigamente correndo toda a costa do Brazil, d'onde foram sempre lançados do outro gentio, com quem ficavam visinhando, por suas ruins condições; do que ficaram mui odiados de todas as outras nações do gentio.

Traz este gentio os beiços furados, e pedras n'elles e no rosto, como os Tupinambás; e ainda, se fazem mais furos n'elle, se fazem mais bizarros; e quando se enfeitam o fazem na fórma dos Tupinambás, e trazem ao pescoço colares de dentes dos contrarios como elles, e na guerra usam dos mesmos tambores, trombetas, buzinas que costumam trazer os Tupinambás; os quaes são muito mais sujeitos ao peccado

nefando, do que são os Tupinambás, e os que servem de machos se prezam muito d'isso, e o tratam, quando se dizem seus louvores.

Quando este gentio anda algum caminho, ou se acha em parte onde lhe falta fogo, esfregando um páo rijo que para isso trazem, com flexas fendidas, fazem acender esfregando muito com as mãos até que levanta labareda, o qual fogo pega nas flexas, e d'esta maneira se remedeam; do que tambem se aproveitam os Tupinambás, quando tem necessidade de fogo.

Estes Tupinaês são os fronteiros dos Tupinambás, com os quaes foram sempre apertando até que os fizeram ir visinhar com os Tapuias, com quem tem sempre guerra sem entenderem em outra cousa, da qual sabem como lhe ordena a fortuna. D'este gentio Tupinaês ha já muito pouco, em comparação do muito que houve, o qual se consumiu com fomes e guerras que tiveram com seus visinhos, de uma parte e da outra. Costumam estes indios nos seus cantares tangerem com um canudo de uma cana de seis a sete palmos de comprido, e tão grosso que cabe um braço, por grosso que seja, por dentro d'elle; o qual canudo é aberto pela banda de cima, e quando o tangem vão tocando com o fundo do canudo no chão, e tòa tanto como os seus tambores, da maneira que os elles tangem.

CAPITULO CLXXX.

Em que se declara quem são os Amoipiras e onde vivem.

Convém arrumarmos aqui os Amoipiras, por que descendem dos Tupinambás, e por estarem na fronteira dos Tupinaês, além do rio de S. Francisco: e passamos pelos Tupuias, que ficam em meio para uma das bandas, por estarem espalhados por toda a terra, de quem temos muito que dizer ao diante, no cabo d'esta historia da vida e costumes do gentio.

Quando os Tupinaês viviam ao longo do mar, residiam os Tupinambás no sertão, onde certas aldêas d'elles foram fazendo guerra aos

Tapuias que tinham por visinhos, a quem foram perseguindo por espaço de annos tão rijamente que entraram tanto pela terra dentro, que foram visinhar com o rio de S. Francisco. E n'este tempo outros Tupinambás fizeram despejar aos Tupinaês de junto do mar da Bahia, como já fica dito, os quaes os metteram tanto pela terra dentro, afastando-se dos Tupinambás, que tomaram os caminhos áquelles que iam seguindo os Tapuias, pelo que não poderam tornar para o mar por terem diante os Tupinaês, que, como se sentiram desapressados dos Tupinambás, que os lançaram fóra da ribeira do mar, e souberam dest'outros Tupinambás que seguiram os Tapuias, deram-lhe nas costas e apertaram com elles rijamente, o que tambem fizeram da sua parte os Tapuias fazendo-lhe crua guerra, ao que os Tupinambás não podiam resistir; e vendo-se tão apertados de seus contrarios, assentaram de se passarem da outra banda do rio de S. Francisco, onde se contentaram da terra, e assentaram ali sua vivenda, chamando-se Amoipiras, por o seu principal se chamar Amoipira: onde esta gente multiplicou de maneira que tem senhoreado ao longo d'este rio de S. Francisco, a que o gentio chama o Pará, mais de cem leguas, onde agora vivem: e ficam-lhe em frontaria d'est'outra parte do rio, de um lado os Tapuias, e do outro os Tupinaês, que se fazem cruel guerra uns aos outros, passando com embarcações ao seu modo á outra banda, dando grandes assaltos nos contrarios, os Amoipiras aos Tapuias, que atravessam o rio em almadias, que fazem da casta de arvores grandes, cujo feitio fica atraz declarado.

CAPITULO CLXXXI.

Que trata da vida e costumes dos Amoipiras.

Tem os Amoipiras a mesma linguagem dos Tupinambás; e a differença que tem é em alguns nomes proprios, que no mais entendem-se muito bem; e tem os mesmos costumes e gentilidade; mas são mais atraiçoados e de nenhuma fé, nem verdade.

Na terra onde este gentio vive estão mui faltos de ferramentas, por não terem commercio com os Portuguezes; e apertados da necessidade cortam as arvores com umas ferramentas de pedra, que para isso fazem; com o que ainda que com muito trabalho roçam o mato para fazerem suas roças; do que tambem se aproveitava antigamente todo o outro gentio, antes que communicasse com gente branca.

E para plantarem na terra a sua mandioca e legumes, cavam n'ella com uns páos tostados agudos, que lhes servem de enxadas. Os quaes Amoipiras trazem o cabello da cabeça copado e aparado ao longo das orelhas, e as mulheres trazem os cabellos compridos como as Tupinambás. Pesca este gentio com uns espinhos tortos que lhe servem de anzoes, com que matam muito peixe, e á flexa, para o que são mui certeiros, e para matarem muita caça.

Trazem os Amoipiras os beiços furados e pedras n'elles como os Tupinambás; pintam-se de genipapo, e enfeitam-se como elles; e usam na guerra tambores que fazem de um só páo que cavam por dentro com fogo tanto até que ficam mui delgados, os quaes toam muito bem; na mesma guerra usam de trombetas que fazem de uns buzios grandes furados, ou da canna da perna das alimarias que matam, a qual lavram e engastam em um páo. Em tudo o mais seguem os costumes dos Tupinambás, assim na guerra como na paz, dos quaes fica dito largamente no seu titulo. Estes Amoipiras tem por vizinhos no sertão detraz de si outro gentio, a que chamam Ubirajaras, com quem tem guerra ordinariamente, e se matam e comem uns aos outros com muita crueldade, sem perdoarem as vidas, quando se cativam.

CAPITULO CLXXXII.

Que trata brevemente da vivenda dos Ubirajaras e seus costumes.

Pelo sertão da Bahia além do rio de S. Francisco, partindo com os Amoipiras da outra banda do sertão, vive uma certa nação de gente

barbara, a que chamam Ubirajaras, que quer dizer senhores dos páos, os quaes se não entendem na linguagem com outra nenhuma nação do gentio: tem contínua guerra com os Amoipiras, e cativam-se, matam-se, e comem-se uns aos outros sem nenhuma piedade.

Estes Ubirajaras não viram nunca gente branca, nem tem noticia d'ella, e é gente muito barbara, da estatura e côr do outro gentio, e trazem os cabellos muito compridos, assim os machos como as femeas, e não consentem em seu corpo nenhuns cabellos que, em lhes nascendo, não arranquem.

Fazem estes Ubirajaras suas lavouras, como fica dito dos Amoipiras, e pescam nos rios com os mesmos espinhos, e com outras armadilhas que fazem com hervas; e matam muita caça com certas armadilhas que fazem, em que lhe facilmante cae.

A peleja dos Ubirajaras é a mais notavel do mundo, como fica dito, porque a fazem com uns páos tostados muito agudos, de comprimento de tres palmos, pouco mais ou menos cada um, e são agudos de ambas as pontas, com os quaes atiram a seus contrarios como com punhaes; e são tão certos com elles que não erram tiro, com o que tem grande chegada; e d'esta maneira matam tambem a caça, que, se lhe espera o tiro, não lhe escapa, os quaes com estas armas se defendem de seus contrarios tão valorosamente como seus visinhos com arcos e flexas; e quando vão á guerra, leva cada um seu feixe d'estes páos com que peleja, e com estas armas são muito temidos dos Amoipiras, com os quaes tem sempre guerra por uma banda, e pela outra com umas mulheres, que dizem ter uma só teta, que pelejam com arco e flexa, e se governam e regem sem maridos, como se diz das Amazonas; dos quaes não podemos alcançar mais informações, nem da vida e costumes d'estas mulheres.

Começa a vida e costumes dos Tapuias.

Como a tenção com que nos occupamos n'estas lembranças foi para mostrar bem o muito que ha que dizer da Bahia de Todos os Santos, cabeça do Estado do Brazil, é necessario que não fique por

declarar a vida e costumes dos Tapuias, primeiros possuidores d'esta provincia da Bahia, de quem começamos a dizer o que se póde alcançar d'elles, começando no capitulo que se segue.

CAPITULO CLXXXIII.

Que trata da terra que os Tapuias possuiram e possuem hoje em dia.

Até agora tratámos de todas as castas de gentio que vivia ao largo do mar da costa do Brazil, e de algumas nações que vivem pelo sertão, de que tivemos noticia, e deixamos de fallar dos Tapuias, que é o mais antigo gentio que vive n'esta costa, do qual ella foi toda senhoreada desde a boca do rio da Prata até á do rio das Amazonas, como se vê do que está hoje povoado e senhoreado d'elles; porque da banda do rio da Prata senhoream ao longo da costa mais de cento e cincoenta leguas, e da parte do rio das Amazonas senhoream para contra o sul mais de duzentas leguas, e pelo sertão vem povoando por uma corda de terra por cima de todas as nações do gentio nomeadas, desde o rio da Prata até o das Amazonas, e toda a mais costa senhorearam nos tempos atraz, d'onde por espaço de tempo foram lançados de seus contrarios; por se elles dividirem e inimizarem uns com os outros, por onde se não favoreceram, e os contrarios tiveram forças para pouco a pouco os irem lançando da ribeira do mar de que elles eram possuidores.

Atraz fica dito como foram lançados os Tapuias da Bahia e seu limite pelos Tupinaés, os quaes se foram recolhendo para o sertão por espaço de tempo, onde atégora vivem divididos em bandos, não se acommodando uns com os outros, antes tem cada dia differenças e brigas, e se matam muitas vezes em campo; por onde se diminuem em poder, para não poderem resistir a seus contrarios com as forças necessarias; por se fiarem muito em seu esforço e animo, não entendendo o que está tão entendido, que o esforço dos poucos não póde resistir ao poder dos muitos.

CAPITULO CLXXXIV.

Que trata de quem são os Tapuias, que são os Maracás.

Como os Tapuias são tantos e estão tão divididos em bandos, costumes e linguagem, para se poder dizer delles muito, era necessario de proposito e de vagar tomar grandes informações de suas divisões, vida e costumes; mas pois ao presente não é possivel, trataremos de dizer dos que vizinham com a Bahia, sobre quem se fundaram todas estas informações que neste caderno estão relatadas: começando logo que os mais chegados Tapuias aos povoadores da Bahia são uns que se chamam de alcunha os Maracás, os quaes são homens robustos e bem acondicionados, trazem o cabello crescido até ás orelhas e copado, e as mulheres os cabellos compridos atados detraz, o qual gentio falla sempre de papo tremendo com a falla, e não se entende com outro nenhum gentio que não seja Tapuia.

Quando estes Tapuias cantam, não pronunciam nada, por ser tudo garganteado, mas a seu modo; são entoados e prezam-se de grandes musicos, a quem o outro gentio folga muito de ouvir cantar. São estes Tapuias grandes flexeiros, assim para a caça como para seus contrarios, e são muito ligeiros e grandes corredores, e grandes homens de pelejarem em campo descoberto, mas pouco amigos de abalroar cercas; e quando dão em seus contrarios, se se elles recolhem em alguma cerca, não se detem muito em os cercar, antes se recolhem logo para suas casas, as quaes tem em aldêas ordenadas, como costumam os Tupinambás.

Estes Tapuias não comem carne humana, e se tomam na guerra alguns contrarios, não os matam; mas servem-se delles como de seus escravos, e por taes os vendem agora aos Portuguezes que com elles tratam e communicam.

São estes Tapuias muito folgazões, e não trabalham nas roças, como os Tupinambás, nem plantam mandioca, nem comem senão legumes, que lhe as mulheres plantam, e grangeam em terras sem mato grande,

a que põem o fogo para fazerem suas sementeiras: os homens occupam-se em caçar, a que são muito afeiçoados.

Costuma este gentio não matar a ninguem dentro em suas casas, e se seus contrarios, fugindo-lhe da briga, se colhem a ellas, não os hão de matar dentro, nem fazer-lhe nenhum aggravo, por mais irados que estejam; e esperam que se saiam para fóra, ou se lhe passa a ira e acceitam-nos por escravos, ao que são mais afeiçoados que a mata-los, como lhe fazem a elles.

São os Tapuias contrarios de todas as outras nações do gentio, por terem guerra com elles ao tempo que viviam junto do mar, donde por força de armas foram lançados: os quaes são homens de grandes forças, andam nus como o mais gentio, e não consentem em si mais cabellos que os da cabeça, e trazem os beiços furados e pedras nelles, como os Tupinambás.

Estes Tapuias são conquistados, pela banda do rio de Seregipe, dos Tupinambás que vivem por aquellas partes; e por outra parte os vem saltear os Tupinaês, que vivem da banda do poente: e vigiam-se ordinariamente de uns e dos outros; e está povoado d'este gentio por esta banda cincoenta ou sessenta leguas de terra; entre os quaes ha umas serras, onde ha muito salitre e pedras verdes, de que elles fazem as que trazem metidas nos beiços por bizarria.

CAPITULO CLXXXV.

Em que se declara o sitio em que vivem outros Tapuias, e de parte de seus costumes.

Pelo sertão da mesma Bahia, para a banda do poente oitenta leguas do mar, pouco mais ou menos, estão umas serras que se estendem por uma banda e para a outra, e para o sertão mais de duzentas leguas, tudo povoado de Tapuias contrarios d'estes de que até agora tratamos que se dizem os Maracás, mas todos fallam, cantam e bailam de uma mesma feição, e tem os mesmos costumes no proceder da sua vida e gentilidades, como muito pouca differença.

Estes Tapuias tem guerra por uma banda com os Tupinaês, que lhe ficam a um lado muito vizinhos, e por outra parte a tem com os Amoipiras, que lhe ficam em fronteira da outra banda do rio de S. Francisco, e matam-se uns aos outros cruelmente, dos quaes se vigiam de continuo, contra quem pelejam com arcos e flexas, o que sabem tão bem manejar como todo o gentio do Brazil. São estes Tapuias grandes homens de fazer guerra a seus contrarios, e são mais esforçados que conquistadores, e mais fieis que os Tupinaês.

Vivem estes Tapuias em suas aldêas em casas bem tapadas pelas paredes, e armadas de páo a pique a seu modo, muito fortes, por amor dos contrarios os não entrarem e tomarem de subito, em as quaes dormem em redes, como os Tupinambás, com fogo á ilharga, como faz todo o gentio d'esta comarca.

Não costuma este gentio plantar mandioca, nem fazer lavouras senão de milho e outros legumes; porque não tem ferramentas com que roçar o mato e cavar a terra, e por falta d'ella quebram o mato pequeno ás mãos, e ás arvores grandes põem fogo ao pé d'onde está lavrando até que as derruba, e cavam a terra com páos agudos, para plantarem suas sementeiras, e o mais do tempo se mantém com frutas silvestres e com caça, a que são muito afeiçoados.

Costume d'este gentio Tapuia é trazerem os machos os cabellos da cabeça tão compridos que lhe dão pela cinta, e ás vezes os trazem entrançados ou emnastrados com fitas de fio de algodão, que são como passamanes, mas muito largas; e as femeas andam tosquiadas, e trazem cingidas de redor de si umas franjas de fio de algodão, que tem os cadilhos tão compridos que bastam para lhe cobrirem suas vergonhas, o que não trazem nenhumas mulheres do gentio d'estas partes.

CAPITULO CLXXXVI.

Em que se declaram alguns costumes dos Tapuias d'estas partes.

Estes Tapuias que vivem nesta comarca são muito musicos, e cantam pela maneira dos primeiros; trazem os beiços debaixo furados,

e nelles umas pedras verdes roliças e compridas, que lavram de vagar, roçando-as com outras pedras tanto até que as aperfeiçoam á sua vontade.

Não pescam estes indios nos rios á linha, porque não tem anzoes; mas para matarem peixe, colhem uns ramos de umas hervas como vides, mas mui compridos e brandos, e tecem-nos como rede, os quaes deitam no rio, e tapam-no de uma parte á outra; e uns tem mão n'esta rede e outros batem á agua em cima, d'onde o peixe foge e vem-se decendo até dar n'ella, onde se ajunta; e tomam ás mãos o peixe pequeno, e o grande matam ás flexadas sem errarem um.

Costumam estes Tapuias, para fazerem sal, queimarem uma serra de salitre, que está entre elles, d'onde tomam aquella cinza; e a terra queimada, lançam-na na agua do rio em vasilhas; a qual fica logo salgada, e põem-na ao fogo onde a cozem e ferve tanto até que se coalha, e fica feito o sal em um pão; e com este sal temperam seus manjares; mas o salitre torna logo acrescer na serra para cima, mas não é tão alvo como o que não foi queimado.

Entre estes Tapuias ha outros mais chegados ao rio de S. Francisco, que estão com elles desavindos, que são mais agrestes e não vivem em casas, e fazem sua vivenda em furnas onde se recolhem; e tem uma d'estas serras mui aspera onde fazem sua habitação, os quaes tem os mesmos costumes que os de cima.

Corre esta corda dos Tapuias toda esta terra do Brazil pelas cabeceiras do outro gentio, e ha entre elles differentes castas, com mui differentes costumes, e são contrarios uns dos outros; entre os quaes ha grandes discordias, por onde se fazem guerra muitas vezes e se matam sem nenhuma piedade.

D'aqui por diante se declara o grande commodo que a Bahia tem para se fortificar, e os metaes que se n'ella dão.

Não parece desproposito arrumar á sombra do que está dito da Bahia de Todos os Santos, os grandes apparelhos e commodos que tem para se fortificar, como convém ao serviço de El-Rei Nosso Se-

nhor e ao bem da terra, para se poder resistir a quem a quizer offender; o que começamos a declarar pelo capitulo que se segue.

CAPITULO CLXXXVII.

Em que se declara a pedra que tem a Bahia para se poder fortificar.

A primeira cousa que convém para se fortificar a Bahia é que tem pedra de alvenaria e cantaria, de que ha em todo o seu circuito muita commodidade, e grande quantidade para se poder fazer grandes muros, fortalezas e outros edificios; por que de redor da cidade ha muita pedra preta, assim ao longo do mar, como pela terra, a qual é de pedreiras boas de quebrar, com a qual se fazem paredes mui bem liadas; e pelos limites d'esta cidade ha muita pedra molar, como a de alvenaria de Lisboa, com que se faz boa obra: e ao longo do mar, meia legua da cidade, e em muitos logares mais afastados, ha muitas lagôas de pedra molle como tufo, de que se fazem cunhaes em obra de alvenaria, com os quaes se liam os edificios que se na terra fazem, e se affeiçoam os cunhaes d'estas lages com pouco trabalho, por estarem cortados pela natureza conforme o para que são necessarios.

Quando se edificou a cidade do Salvador, se aproveitaram os edificadores e povoadores d'ella de uma pedra cinzenta boa de lavrar, que iam buscar por mar ao porto de Itapitanga, que está sete leguas da cidade na mesma Bahia, da qual fizeram as columnas da Sé, portaes e cunhaes e outras obras de meio relevo, e muitas campas e outras obras proveitosas; mas depois se descobriu outra pedreira melhor, que se arranca dos arrecifes que se cobrem com a preiamar da maré de aguas vivas ao longo do mar, a qual pedra é alva e dura, que o tempo nunca gasta, mas trabalhosa de lavrar que gasta as ferramentas muito; de que se fazem obras mui primas e formosas, e campas de sepulturas mui grandes; e parece a quem isto tem attentado que esta

pedra se fez da arêa congelada; porque ao longo dos mesmos arrecifes, bem chegado a elles, é tudo rochedo de pedra preta, e est'outra é muito branca, depois de lavrada; mas não é muito macia, a qual quando a lavram faz sempre uma grã areenta, e acham-se muitas vezes no amago d'estas pedras cascas de ostras e de outro marisco, e uns seixinhos de arêa; pelo que se tem que esta pedra se formou de arêa e que se congelou com a frialdade da agua do mar, o que é facil de crer; porque se acham por estas praias limos emfarinhados de arêa, que está congelada e dura como pedra, e alguns páos de ramos de arvores tambem cobertos d'esta massa tão dura como se foram de pedra.

CAPITULO CLXXXVIII.

Em que se declara o commodo que tem a Bahia para se poder fazer muita cal, como se faz.

A mor parte da cal que se faz na Bahia é das cascas das ostras, de que ha tanta quantidade que se faz d'ella muita cal, a qual é alvissima, e lisa tambem, como a de Alcantara; e fazem-se d'ella guarnições de estuque mui alvas e primas; e a cal que se faz das ostras é mais facil de fazer que de pedras; porque gasta pouca lenha e com lhe fazerem fogo que dure dez, doze horas, fica muito bem cozida, e é tão forte que se quer caldeada, e ao caldear ferve em pulos como a cal de pedra de Lisboa. Quanto mais que, quando não houvera este remedio tão facil, na ilha de Taparica que está defronte da cidade estão tres fórnos de cal, onde se faz muita, que se vende a cruzado o moio; a qual cal é mui estranha, porque se faz de umas pedras que se criam no mar n'este sitio d'esta ilha e em outras partes, as quaes são muito crespas e artificiosas para outras curiosidades, e não nascem em pedreiras, mas acham-se soltas em muita quantidade. Estas pedras são sobre o leve, por serem por dentro organisadas com alfebas. Esta pedra se enfórna em fórnos de arcos, como os em que cozem a louça, com sua abobada fechada por cima da mesma pedra,

mas sobre os arcos está o forno todo cheio de pedra, e o fogo mette-se-lhe por baixo dos arcos com lenha grossa, e coze em uma noite e um dia, e coze muito bem; cuja cal é muito alva, e lia a obra que se d'ella faz como a de Portugal, e caldeam-na da mesma maneira; mas não leva tanta arêa como a cal que se faz das ostras e de outro qualquer marisco, de que tambem se faz muito alva e boa para todas as obras. Quanto mais que, quando não houvera remedio tão facil para se fazer infinidade de cal como o que está dito, com pouco trabalho se podia fazer muita cal, porque na Bahia, no rio de Jaguaripe, e em outras partes ha muita pedra lioz, como a de Alcantara, com umas veias vermelhas, a qual pedra é muito dura, de que se fará toda a obra prima, quanto mais cal, para o que se tem já experimentado e coze muito bem; e se se não vale d'ella para fazerem cal é porque acham est'outro remedio muito perto e muito facil; e para as mesmas obras e edificios que forem necessarios, tem a Bahia muito barro de que se faz muita e boa telha, e muito tijolo de toda a sorte; do que ha em cada engenho um forno da tijollo e telha, em os quaes se coze tambem muito boa louça e formas que se faz do mesmo barro.

CAPITULO CLXXXIX.

Em que se declara os grandes apparelhos que ha na Bahia para se n'ella fazerem grandes armadas.

Pois sobejam apparelhos á Bahia para se poder fortificar, entenda-se que lhe não faltam para se poder fazer grandes armadas com que se possa defender e offender a quem contra o sabor de S. Magestade se quizer apoderar d'ella, para o que tem tantas e tão maravilhosas e formosas madeiras, para se fazerem muitas náos, galeões e galés, para quem não faltarão remos, com que se elles possam remar, muito estremados, como já fica dito atraz; pois para se fazer muito taboado para estas embarcações sobeja commodo para isso, porque ha muitas castas de madeiras, que se serram muito bem, como em seu logar fica dito; para as quaes o que falta são serradores, de que ha tantos

na Bahia escravos de diversas pessoas, que convindo ao serviço de S. Magestade trabalharem todos e fazer taboado, ajuntar-se-hão pelo menos quatro centos serradores escravos muito destros, e duzentos escravos carpinteiros de machado; e ajuntar-se-hão mais quarenta carpinteiros da ribeira, Portuguezes e mistiços, para ajudarem a fazer as embarcações, os quaes se occupam em fazer navios que na terra fazem, caravellões, barcas de engenho e barcos de toda a sorte. O que resta agora de madeira para fazerem estas náos e galés são mastros e vergas; disto ha mais apparelho na Bahia que nas provincias de Flandes; porque ha muitos mastros inteiros para se emmastrearem náos de toda a sorte, e muitas vergas, o que tudo é mais forte que os de pinho e de mais dura (mas são mais pesados), o que tudo se achará á borda da agua. Bem sei que me estão já perguntando pela pregadura para estas armadas, ao que respondo que na terra ha muito ferro de veas para se poder lavrar, mas que em quanto se não lavra será necessario ir de outra parte; mas se a necessidade for muita, ha tantas ferramentas na terra de trabalho, tantos ferragens dos engenhos que se poderão juntar mais de cem mil quintaes de ferro; e por que tardo já em lhe dar ferreiro, digo que em cada engenho ha um ferreiro com sua tenda, e com os mais que tem tenda na cidade e em outras partes se póde juntar cincoenta tendas de ferreiros, com seus mestres obreiros.

CAPITULO CXC.

Em que se apontam os mais apparelhos que ha para se fazerem estas armadas.

Parecerá impossivel achar-se na Bahia apparelho de estopa para se calafetarem as náos, galeões e galés que se podem fazer n'ella, para o que tem facillissimo remedio; porque ha nos matos d'esta provincia infinidade de arvores que dão envira, como temos dito, quando fallamos da propriedade d'ellas, a qual envira lhe sahe da casca que é tão grossa como um dedo; como está pisada é muito branda, e

d'esta envira se calafetam as náos que se fazem no Brazil, e todas as embarcações; de que ha tanta quantidade como já dissemos atraz, a qual para debaixo da agua é muito melhor que estopa, por que não apodrece tanto, e incha muito na agua, e as costuras que se calafetam com a envira ficam muito mais fixas que as que se calafetam com estopa, do que ha muita quantidade na terra. E se cuidar quem ler estes apontamentos que não haverá officiaes que calafetem estas embarcações, afirmo-lhe que ha estantes na Bahia mais de duas duzias, e achar-se-hão nos navios, que sempre estão no porto, dez ou doze, que são calafates das mesmas náos, e ha muitos escravos tambem na terra que são calafates por si sós, e á sombra de quem, o sabem bem fazer.

Breu para se brearem estas embarcações não temos na terra, mas é por falta de se não dar remedio a isto; porque ao longo do mar, em terras baixas de arêa, é tudo povoado de umas arvores, que se chamam camaçarî, que entre a casca e o amago lançam infinidade de resina branca, grossa como termentina de Beta, a qual é tão pegajosa, que se não tira das mãos senão com azeite quente, a qual, se houver quem lhe saiba fazer algum cozimento, será muito boa para brearem com ella os navios, e far-se-ha tanta quantidade que poderão carregar náos d'esta resina; e porque se não podem brear as náos sem se misturar com a resina graxa, na Bahia se faz muita de tubarões, fixa e outros peixes, com que se alumiam os engenhos e se bream os barcos que ha na terra, o que é bastante para se adubar o breu para muitas náos, quanto mais que se á Bahia forem Biscainhos ou outros homens que saibam armar ás balêas, em nenhuma parte entram tantas como nella, onde residem seis mezes do anno e mais, de que se fará tanta graxa que não haja embarcações que a possam trazer á Hespanha.

CAPITULO CXCI.

Em que se apontam os mais aparelhos que faltam para as embarcações.

Pois que temos aparelhos para lançar as embarcações que se podem fazer na Bahia ao mar, convém que lhe demos os aparelhos com que

estas embarcações possam navegar: e demos-lhe primeiro as bombas, que se fazem na terra muito boas de duas peças, porque tem estremadas madeiras para ellas; e para navios pequenos ha umas arvores que a natureza furou por dentro, que servem de bombas nos navios da costa, as quaes são muito boas.

Pois os poleames se fazem de uma arvore que chamam genipapo, que é muito bom de lavrar, e nunca fende como está secco, de que se farão de toda a sorte. Ensarcea para as embarcações tem a Bahia em muita abastança, porque se faz da mesma envira com que calafetam, antes de se amassar, aberta em febres á mão, a qual se fia tão bem como o linho, e é mais duravel e mais rija que a de esparto, e tão boa como a do Cairo; e d'esta mesma envira se fazem amarras muito fortes e grossas e de muita dura; e ha na terra envira em abastança para se poder fazer muita quantidade de ensarcea e amarras: e para amarras tem a terra outro remedio das barbas de umas palmeiras brabas que lhes nascem ao pé, de comprimento de quinze e vinte palmos, de que se fazem amarras muito fortes e que nunca apodrecem, de que ha muita quantidade pelos matos para se fazerem muitas quando cumprir. Pelo que não falta mais agora para estas armadas que as vélas, para o que ha facilissimo remedio, quando as não houver de lonas e panno de treu; pois em todos os annos se fazem grandes carregações de algodão, de que se dá muito na terra; do qual podem fazer grandes teaes de panno grosso, que é muito bom para vélas, de muita dura e muito leves, de que andam velejados os navios e barcos da costa; e dentro na Bahia trazem muitos barcos as vélas de panno de algodão que se fia na terra, para o que ha muitas tecedeiras, que se occupam em tecer teaes de algodão, que se gastam em vestidos dos indios, escravos de Guiné, e outra muita gente branca de trabalho.

CAPITULO CXCII.

Em que se aponta o aparelho que a Bahia tem para se fazer polvora, e muita picaria e armas de algodão.

Pois temos dito o aparelho que a Bahia tem para se fortificar e defender de corsarios, se a forem commeter, saibamos se tem alguns

aparelhos naturaes da terra com que possam offender seus inimigos, não fallando nos arcos e flexas do gentio, com o que os escravos de Guiné, mamelucos, e outros muitos homens brabos naturaes da terra sabem pelejar, do que ha tanta quantidade nesta provincia; mas digamos das maravilhosas armas de algodão que se fazem na Bahia, geralmente por todas as casas dos moradores, as quaes não passa bésta, nem flexa nenhuma; do que se os Portuguezes querem antes armar que de coçoletes, nem couraças; porque a flexada que dá nestas armas resvala por ellas e faz damno aos companheiros; e deste estofado de algodão armam os Portuguezes os corpos, e fazem do mesmo estofado celladas para a cabeça, e muito boas adargas. Fazem tambem na Bahia pavezes e rodellas de copaiba, de que fizemos menção quando fallamos da natureza d'esta arvore, as quaes rodellas são tão boas como as do adargoeiro, e davantagem por serem mais leves e estopentas, do que se farão infinidade d'ellas muito grandes e boas.

Dão-se na Bahia muitas hastes de lanças do comprimento que quizerem, as quaes são mais pesadas que as de faia, mas são muito mais fortes e formosas; e das arvores de que se estas hastes tiram, ha muitas de que se póde fazer muita picaria, e infinidade de dardos de arremeço, que os Tupinambás sabem muito bem fazer.

E chegando ao principal, que é a polvora, em todo o mundo se não sabe que haja tão bom aparelho para ella como na Bahia; porque tem muitas serras que não tem outra cousa senão salitre, o qual está em pedra alvissima sobre a terra, tão fino que assim péga o fogo d'elle como de polvora mui refinada; pelo que se póde fazer na Bahia tanta quantidade d'ella que se possa d'ella trazer tanta para Hespanha, com que se forneçam todos os estados de que S. Magestade é rei e senhor, sem esperar que lhe venha de Allemanha, nem de outras partes, d'onde trazem este salitre com tanta despeza e trabalho, do que se deve de fazer muita conta.

CAPITULO CXCIII.

Em que se declara o ferro, aço e cobre que tem a Bahia.

Bem por culpa de quem a tem não ha na Bahia muitos engenhos de ferro, pois o ella está mostrando com o dedo em tantas partes, para o que Luiz de Brito levou aparelhos para fazer um engenho de ferro por conta de S. A. e officiaes d'este mister; e o porque se não fez, não serve de nada dizer-se; mas não se deixou de fazer por falta de ribeiras de agua, pois a terra tem tantas e tão capazes para tudo; nem por falta de lenha e carvão, pois em qualquer parte onde se os engenhos de ferro assentarem ha disto muita abundancia. Tambem na Bahia, trinta leguas pela terra dentro, ha algumas minas descobertas sobre a terra de mais fino aço que o de Milão; o qual está em pedra sem outra nenhuma mistura de terra nem pedra; e não tem que fazer mais que lavrar-se em vergas para se poder fazer obra com elle, do que ha muita quantidade que está perdido sem haver quem ordene de o aproveitar; e d'esta pedra de aço se servem os indios para amolarem as suas ferramentas com ella á mão.

E cincoenta ou sessenta leguas pela terra dentro tem a Bahia uma serra muito grande escalvada que não tem outra cousa senão cobre, que está descoberto sobre a terra em pedaços, feito em concavidades, crespo que não parece senão que foi já fundido, ou ao menos que andou fogo por esta serra, com que se fez este lavor no cobre, do que ha tanta quantidade que senão acabará nunca. E nesta serra estiveram por vezes alguns indios Tupinambás e muitos mamelucos, e outros homens que vinham do resgate, os quaes trouxeram mostras d'este cobre em pedaços, que se não foram tantas as pessoas que viram esta serra se não podia crer senão que o derreteram no caminho de algum pedaço de caldeira que levavam; mas todos afirmaram estar este cobre daquella maneira descoberto na serra.

CAPITULO CXCIV.

Em que se trata das pedras verdes e azues que se acham no sertão da Bahia.

Deve-se tambem notar que se acham tambem no sertão da Bahia umas pedras azues escuras muito duras e de grande fineza, de que os indios fazem pedras que mettem nos beiços, e fazem-nas muito roliças e de grande lustro, roçando-as com outras pedras, das quaes se podem fazer peças de muita estima e grande valor, as quaes se acham muito grandes; e entre ellas ha algumas que tem umas veias alconadas que lhe dão muita graça.

No mesmo sertão ha muitas pedreiras de pedras verdes coalhadas muito rijas, de que o gentio tambem faz pedras para trazer nos beiços roliças e compridas, as quaes lavram como as de cima, com o que ficam muito lustrosas; do que se podem lavrar peças muito ricas e para se estimarem entre principes e grandes senhores, por terem a côr muito formosa; e podem-se tirar da pedreira pedaços de sete e oito palmos, e estas pedras tem grande virtude contra a dòr de colica.

Em muitas outras partes da Bahia, nos cavoucos que fazem as invernadas na terra, se acham pedaços de finissimo cristal e de mistura algumas pontas oitavadas como diamante, lavradas pela natureza, que tem muita formosura e resplandor. E não ha duvida senão que entrando bem pelo sertão d'esta terra ha serras de cristal finissimo, que se enxerga o resplandor d'ellas de muito longe, e afirmaram alguns Portuguezes que as viram que parecem de longe as serras de Hespanha quando estão cobertas de neve, os quaes e muitos mamelucos e indios que viram estas serras dizem que está tão bem criado e formoso este cristal em grandeza, que se podem tirar pedaços inteiros de dez, doze palmos de comprido, e de grande largura e fornimento, do qual cristal póde vir á Hespanha muita quantidade para poderem fazer d'elle obras mui notaveis.

CAPITULO CXCV.

Em que se delara o nascimento das esmeraldas e safiras.

Em algumas partes do sertão da Bahia se acham esmeraldas mui limpas e de honesto tamanho, as quaes nascem dentro em cristal, e como ellas crescem muito, arrebenta o cristal; e os indios quando as acham dentro n'elle, põem-lhe o fogo para o fazerem arrebentar, de maneira que lhe possam tirar as esmeraldas de dentro, com o que ellas perdem a côr e muita parte do seu lustro, das quaes esmeraldas se servem os indios nos beiços, mas não as podem lavrar como as pedras ordinarias que trazem nos beiços de que já fallamos. E entende-se que assim como estas esmeraldas que se acham sobre a terra são finas, que o seram muito as que se buscarem debaixo d'ella, e de muito preço, porque a terra despede de si, deve de ser escoria das boas que ficam debaixo, as quaes se não buscaram até agora por quem lhe fizesse todas as diligencias, nem chegaram a ellas mais que mamelucos e indios, que se contentavam de trazerem as que acharam sobre a terra, e em uma das partes onde se acham estas esmeraldas, que é ao pé de uma serra, onde é de notar muito o seu nascimento; porque ao pé d'esta serra da banda do nascente se acham muitas esmeraldas dentro no cristal solto onde ellas nascem; d'onde trouxeram uns indios amostras, cousa muito para ver; porque, como o cristal é mui transparente, trespassam as esmeraldas com seu resplandor da outra banda, ás quaes lhe ficam as pontas da banda de fóra que parece que as metteram á mão pelo cristal. E ao pé da mesma serra da banda do poente se acham outras pedras muito escuras que tambem nascem no cristal, as quaes mostram um roxo côr de purpura muito fino, e tem-se grande presumpção d'estas pedras poderem ser muito finas e de muita estima. E perto d'esta serra está outra de quem o gentio conta que cria umas pedras muito vermelhas, pequenas e de grande resplandor.

Afirmam os indios Tupinambás, os Tupinaês, Tamoios e Tapuias e os indios que com elles tratam, n'este sertão da Bahia e no da capitania de S. Vicente, que debaixo da terra se cria uma pedra do tamanho e redondeza de uma bola, a qual arrebenta debaixo da terra; e que dá tamanho estouro como uma espingarda, ao que acodem os indios e cavam a terra, onde toou este estouro, onde acham aquella bola arrebentada em quartos como romã, e que lhe sahem de dentro muitos pontas cristalinas do tamanho de cerejas, as quaes são de uma banda oitavadas e lavradas mui sutilmente em ponta como diamante, e da outra banda onde pegavam da bola tinham uma cabeça tosca, das quaes trouxeram do sertão amostras d'ellas ao governador Luiz de Brito, que quando as viu teve pensamento que seriam diamantes; mas um diamante de um anel entrava por ellas, e a casca da bola era de pedra não muito alva e ruivaça por fóra.

CAPITULO CXCVI.

Em que se declara a muita quantidade de ouro e prata que ha na comarca da Bahia.

Dos metaes de que o mundo faz mais conta, que é o ouro e prata, fazemos aqui tão pouca, que os guardamos para o remate e fim d'esta historia, havendo-se de dizer d'elles primeiro, pois esta terra da Bahia tem d'elle tanta parte quanto se póde imaginar; do que póde vir á Hespanha cada anno maiores carregações do que nunca vieram das Indias occidentaes, se S. Magestade for d'isso servido, o que se póde fazer sem se metter n'esta empreza muito cabedal de sua fazenda, do que não tratamos miudamente por não haver para que, nem fazer ao caso da tenção d'estas lembranças, cujo fundamento é mostrar as grandes qualidades do estado do Brazil, para se haver de fazer muita conta d'elle, fortificando-lhe os portos principaes, pois tem tanto commodo para isso como no que toca á Bahia está declarado; o que se devia pôr em effeito com muita instancia, pondo os olhos

no perigo em que está de chegar á noticia dos Lutteranos parte do conteúdo n'este tratado, para fazerem suas armadas, e se irem povoar esta provincia, onde com pouca força que levem de gente bem armada se podem senhorear dos portos principaes, porque não hão de achar nenhuma resistencia n'elles, pois não tem nenhum modo de fortificação, d'onde os moradores se possam defender nem offender a quem os quizer entrar. Se Deus o permittir por nossos peccados, que seja isto, acharão todos os commodos que temos declarado e muita mais para se fortificarem, porque hão de fazer trabalhar os moradores nas suas fortificações com as suas pessoas, com seus escravos, barcos, bois, carros e tudo o mais necessario, e com todos os mantimentos que tiverem por suas fazendas, o que lhe ha de ser forçado fazer para com isso resgatarem as vidas; e com a força da gente da terra se poderão apoderar e fortificar de maneira que não haja poder humano com que se possam tirar do Brazil estes inimigos, d'onde podem fazer grandes damnos a seu salvo em todas as terras maritimas da corôa de Portugal e Castella, o que Deus não permittirá; de cuja bondade confiamos, que deixará estar estes inimigos da nossa santa fé catholica com a cegueira que até agora tiveram de não chegar á sua noticia o conteúdo n'este tratado, para que lhe não façam tantas offensas estes infieis, como lhe ficarão fazendo se se senhorearem d'esta terra, que Deus deixe crescer em seu santo serviço; com que o seu santo nome seja exalçado, para que Sua Magestade a possa possuir por muitos e felices annos com grandes contentamentos.

BREVES COMMENTARIOS

Á

PRECEDENTE OBRA DE GABRIEL SOARES.

INTRODUCÇÃO.

Quando em principios de Março d'este anno escreviamos em Madrid, a dedicatoria que precede a presente edição da obra de Gabriel Soares, e lhe serve como de prefacio, não podiamos imaginar que tão cedo veriamos em execução a nossa proposta, e menos podiamos adevinhar que concorreriamos até para a realisar, sendo, ao chegar á côrte, chamados a desempenhar as funcções do cargo de primeiro secretario do nosso Instituto Historico, cargo a que, pelos novos estatutos, anda annexa a direcção dos annaes que ha quatorze annos publica esta corporação.

Animados pelo voto da maior parte de nossos consocios, entregamos ao prelo o manuscripto da obra sobre que tanto tinhamos trabalhado, e seguimos com igual voto sua impressão, sem desfeiteal-a com interrupções. E dando-nos por incompetentes para a revisão das provas de um livro que quasi sabemos de côr, tivemos a fortuna de alcançar nessa parte a coadjuvação do nosso amigo e consocio o Sr. Dr. Silva, que se prestou a esse enfadonho trabalho com o amor do estudo que o distingue. Ainda assim tal era a difficuldade da empreza que nos escaparam na edição algumas ligeiras irregularidades e imperfeições que se levantaráõ na folha das erratas, ou se advirtirão nestes commentarios que ora redigimos, com maior extensão do que os que haviamos escripto em Madrid, e que mencionamos na

dedicatoria. É mais difficl do que parece a empreza de restaurar um codice antigo do qual existem, em vez do original, uma infinidade de copias mais ou menos erradas em virtude de leituras erradas feitas por quem não entendia do que lia.

O tempo fará ainda descobrir algumas correcções mais que necessitar esta obra, já pelo que diz respeito a nomes de locaes que hoje só poderão pelos habitantes d'elles ser bem averiguados, já por alguns nomes de passaros, insectos, e principalmente de peixes não descriptos nos livros, e só conhecidos dos caçadores, roceiros e pescadores.

Nos presentes commentarios, não repetiremos quanto dissemos nas *Reflexões criticas* escriptas ainda nos bancos das aulas com o tempo que forravamos depois de estudar a lição.

Além de havermos em alguns pontos melhorado nossas opiniões, evitaremos aqui de consignar citações que podessem julgar-se nascidas do desejo de ostentar erudição; desejo que se existiu em nós alguma vez, quando principiantes, por certo que já hoje nos não apoquenta.

Alguem quereria talvez que aproveitassemos para esta edição muitas noticias que, por ventura deslocadas, se encontram nas *Reflexões criticas*. De proposito porém não quizemos sobrecarregar mais estes commentarios: alem de que as noticias uteis que excluimos serão unicamente algumas bibliographicas de obras ineditas, cuja existencia queriamos accusar aos litteratos, e esse serviço já está feito. Muitos dos nossos actuaes commentos versarão sobre as variantes dos textos, e sobre as differenças principaes que houver entre a nossa edição e a da academia das sciencias de Lisboa (Tom. 3.° das Memorias Ultramarinas.)

Não faltará talvez quem censure o não havermos dado melhor methodo ao escripto de Soares acompanhando-o de notas que facilitassem mais a sua leitura. Repetimos que não ousamos ingerir nossa mesquinha penna em meio d'essas paginas venerandas sobre que já pesam quasi tres seculos. Nem se quer n'ellas ousamos introduzir o titulo — TRATADO DESCRIPTIVO DO BRAZIL — que adoptámos no rosto para melhor dar a conhecer o conteúdo da obra: pelo contrario conservamos effectivamente em toda esta o titulo com que

já ella é conhecida e citada de —ROTEIRO GERAL— que aliás só compete á primeira parte. O que sim fizemos a beneficio dos leitores foi redigir um indice laconico e claro, introduzindo nelle, por meio de vinte titulos, a divisão philosophica da segunda parte, sem em nada alterar a ordem e numeração dos capitulos. Cremos com este indice que será publicado em seguida destes commentarios, ter feito ao livro de Soares um novo serviço.

O publico sabe já como este livro corria anonymo; sendo que Cazal, Martius e outros o iam quasi fazendo passar por obra de um tal Francisco da Cunha, quando as *Reflexões criticas* para accusar delle o autor, idade e titulo chamaram a attenção dos litteratos sobre o que haviam consignado; 1.° a *Bibliotheca Lusitana* (Tom. 2.° p. 321); 2.° a obra de Nicoláo Antonio (Tom. 1.° p. 509 e Tom. 2.° pag. 399); 3.° a do addicionador do Americano Pinelo, o Hespanhol Barcia (Tom. 2.° col. 680 e Tom. 3.° col. 1710) e 4.° o proprio autor que consignou o seu nome na sua obra (Parte 1.ª cap. 40 e Part. 2.ª caps. 29, 30, 127 e 177).

Como sobre cada um dos capitulos de Soares temos alguma reflexão a fazer, para não introduzirmos nova numeração e adaptarmos melhor os commentarios á obra a que se destinam, os numeraremos successivamente segundo os capitulos: assim desde o 1.° até o 74 serão elles referentes aos respectivos capitulos da 1.ª parte; os 75, 76, 77 &c. pertencerão aos 1.°, 2.°, 3.°, &c. da 2.ª parte; de modo que a numeração do capitulo d'esta ultima a que se refere o commentario será conhecida logo que ao numero que tiver este se abater o mesmo 74. E vice-versa: addicionando-se 74 ao numero do capitulo da 2.ª parte se terá o do commentario respectivo. Assim o indice da obra, com os seus titulos etc., poderá tambem consultar-se como indice destes

COMMENTARIOS.

1. O principio desta obra contém na parte historica muitos erros, nascidos de escrever o autor, só talvez por tradição, tantos annos

depois dos successos que narra. A costa do Brazil foi avistada por Cabral aos 22 de Abril, e não aos 24. A missa de posse teve lugar no dia 1.º de Maio, e a 3 já a frota ia pelo mar fóra. Coelho voltou á Europa logo depois, e não quando já reinava D. João 3.º, o que equivalia a dizer uns vinte annos mais tarde. Christovam Jaques foi mandado por este ultimo rei como capitão mór da costa; mas não foi o descobridor da Bahia, que estava ella descuberta mais de vinte annos antes. Pero Lopes passou a primeira vez ao Brazil com seu irmão Martim Affonso em 1530, e por conseguinte depois de Jaques, a respeito de quem se póde consultar a memoria que escrevemos intitulada: *As primeiras negociações diplomaticas respectivas ao Brazil.*

2. O texto da Academia de Lisboa nomêa erradamente Clemente VII como autor da bula em favor dos reis catholicos; o que deve ter procedido de nota marginal, de algum ignorante possuidor de codice, que o copista aproveitasse.

3. Ácerca das informações que dá o autor dos terrenos ao norte do Amazonas, cumpre advertir que essa parte da costa era então pouco frequentada pelos nossos; e por tanto n'este capitulo, como no que diz respeito á doutrina do 1.º, o nosso A. não póde servir para nada de authoridade.

4. O descobrimento do Amazonas por Orellana foi em 1541; a sua vinda de Hespanha em meado de 1545; e a expedição de Luiz de Mello por 1554. A ida deste cavalheiro á India em 1557 e seu naufragio em 1573 — Consulte-se Diogo de Couto, Dec. 7.ª Liv. 5.º Cap. 2.º e Dec. 9 Cap. 27 — e Antonio Pinto Pereira, Parte 2.ª pag. 7 e 58.

5. Á vista da posição em que se indicam os baixos, deduz-se que o A. se refere á bahia de S. José; e por tanto a ilha em que naufragou Ayres da Cunha deve ser a de Santa Anna, que terá a extensão que lhe dá Soares, quando a do *Medo* ou do *Boqueirão* não tem uma legua.

Macaréo é o termo verdadeiramente portuguez para o que nós chamamos, como na lingua dos indigenas, *Pororoca*. É o phenomeno chamado *Hyger* e *Bore* no Severn e Parret. Em França tambem o

tem a Gironda com o nome cremos que de *Mascaret*. — A do Amazonas é descripta por Condamine, e tambem nos Jornaes de Coimbra n.os 30 e 87.

6. Este Rio Grande é o actual Parnayba.

7. O Monte de Li, talvez assim chamado porque se parecia ao de igual nome na Asia, será o de Aracaty. Os Atlas de Lazaro Luiz e Fernam Vaz Dourado e outros antigos manuscriptos trazem aquelle nome.

8. Este nome de Cabo Corso aqui repetido, vem em muitas cartas antigas e modernas; o que se não dá a respeito do outro do commento 3.

9. Neste capitulo se contém a historia do castelhano feito botocudo que se embarcou para França, e deu talvez origem a unir-se este facto ao nome de Diogo Alvares, o Caramurú. Veja a nossa dissertação sobre este assumpto que o Instituto se dignou premiar.

10 É hoje sabido, pelos documentos que encontramos na Torre do Tombo, como esta capitania de Barros era mixta, sendo elle donatario ao mesmo tempo que Fernam Alvares d'Andrade e Ayres da Cunha de 225 leguas de costa e não de cincoenta separadas só para elle. A expedição teve logar por Outubro de 1535.

11. Baerl, vulgarmente chamado Barleus, chama á Bahia da traição *Tebiracajutiba*, o que corresponde talvez ao nosso *Acajutibiro*, que Cazal leu (Tom. 1° p. 197.) *Acejutibiró*.

12. A respeito da colonisação da Parahiba deve consultar-se a obra especial mandada escrever pelo P. Cristovam de Gouvêa: d'ella temos por autor o P. Jeronymo Machado.

13. *Pitagoares* diz aqui o nosso autor. Outros escrevem *Pitaguáras*; o que quereria dizer que esses indios se sustentavam de camarões. *Tabajaras* significa os habitantes das aldeas, e era nome que se dava a todos os indigenas que viviam aldeados.

14. *Aramama* deve ser o mesmo rio *Guiramame* mencionado na *Razão do Estado do Brazil*, obra citada por Moraes no Diccionario, e que hoje temos certeza de haver sido escripta pelo proprio governador D. Diogo de Menezes. *Abionabiajá* ha de ser a lagôa *Aviyajá* citada na conhecida *Jornada do Maranhão*.

15. Rio de *Igaruçú* ou de *Igara-uçú* quer dizer rio da Canoa grande, ou rio da Náo. Este nome denuncía que o sitio era frequentado por navios européos.

16. A doação de Duarte Coelho era de 60 leguas de costa e não de 50.

17. Ponta de *Pero Cavarim*. P. Lopes (Diario pag. 11) disse: *Percaauri*. Pimentel escreveu (p. 215) *Pero Cabarigo;* a mesma orthographia seguiu Antonio Mariz Carneiro. O nome era naturalmente de objecto indigeno, e degenerou em outro que se poderia crer de algum piloto europeu.

18. As notas que o texto academico admittiu a este capitulo que trata do litoral da actual provincia das Alagôas são evidentemente estranhas a elle; pois uma até refere um facto de 1632. — Aqui as daremos correctas para evitar ao leitor o trabalho de as ir ler onde estão:

« N'este rio Formoso, por elle acima quatro leguas, está o lugar de Serenhem. Foi sondal-o Andrés Marim, tenente de artilharia, com pilotos o anno de 1632. A melhor entrada da barra é pela banda do sul, pela qual entra por sete, seis braças, e pela banda do norte entra por cinco e quatro: e não se ha de entrar pelo meio; porque tem de fundo braça e meia. O porto está do banda do sul.

« Tamanduaré é uma enseada oito leguas ao sul do cabo de Santo Agostinho, e uma legua ao sul do rio Formoso, e duas ao norte do rio Una; desemboca n'ella o rio das Ilhotas ou Mambucaba; está cercada da banda do mar com arrecifes, e uma barra de sete braças de fundo na boca, em baixamar de aguas vivas; e logo mais dentro seis, na maior parte d'ella cinco; e bem junto a terra quatro: tem bom fundo; cabem n'esta enseada cem navios e mais. »

19. A serra d'*Aquetiba* será talvez a que hoje se diz da *Tiuba*.

20. São curiosas as informações que Soares, só por noções dos indigenas, nos transmitte dos gentios d'além do rio de S. Francisco que se ataviavam com joias de ouro. Trata-se dos habitantes do Perú.

21. A correcção da palavra indigena—*manhana*—para significar —espia—se collige do Diccionario Brazilico, que na palavra—vigia —traz o significado— *manhane*.

22. Do nome —Rio do Pereira—se faz menção no famoso Atlas de Vaz Dourado, do qual existe na bibliotheca publica de Madrid um exemplar mais aprimorado ainda do que o que se guarda com tanto recato no archivo chamado da *Torre do Tombo* de Lisboa. O nome de Torre de Tombo, para que de uma vez satisfaçamos em assumpto sobre que algumas pessoas nos tem por vezes pedido informações, veio de que o tombo e archivos da corôa portugueza se guardavam antigamente em uma torre do Castello de Lisboa (onde estavam tambem os paços d'Alcaçova), e por isso os papeis se diziam guardados na *Torre de Tombo*. O terremoto de 1755 destruiu a tal torre, e o archivo passou para as abobadas do (hoje extincto) mosteiro de S. Bento, onde ainda está, com o antigo nome, pelo habito.

23. No logar onde se lê: — Até onde chega o salgado, expressão esta mui frequente no nosso autor para designar o mar, diz o texto academico, quanto a nós menos correctamente, a *salgada*.

24. O rio *Itapocurú* diz-se hoje *Tapicurú*.—Vej. Tab. Perpet. Astron. p. 217; Paganino pag. 21; mappa de José Teixeira (de 1764), etc. Parece ter sido o que nos mappas de Ruysch (1508), de Lazaro Luiz e Vaz Dourado se chamou de *S. Jeronymo*.

25. O texto da academia não mencionava o nome *Real* onde na lin. 8ª se diz:—porque toda esta costa do rio Real, etc.

26. *Jacoipe* se lê nos codices que vimos: temos porém por melhor orthographia o escrever *Jacuhipe* ou *Jacuhype*, com a Corographia Brazilica, porque o nome quer dizer o esteiro ou igarapé do jacú.

27. Pimentel, Paganino e as Taboas Perpetuas astronomicas escreveram *Tapoã*; Mariz Carneiro *Tapoam*; porém mais conforme á etymologia fôra dizer-se e escrever-se *Itapuam; Ita*, pedra; *puam*, redonda.

28. No final d'este capitulo 28 se encontra a noticia que melhor se desenvolve no capitulo 2.º da 2.ª parte (com. 76), á cêrca do facto que deu logar a ser Diogo Alvares apellidado de Caramurú. Consulte-se a dissertação que citamos (com. 9), impressa no Tom. 3.º da 2.ª serie da *Revista* do Instituto pag. 129.

29. *Boipeba*, como escreve Soares, é nome mais correcto do que

o de *Boypeda* usado por Pimentel e seguido nos roteiros inglezes. *Boi-peba* significa cobra achatada.

30. Confirmamos não haver alteração na palavra *Amemoão* ao lermos *Memoam* na viagem de Luiz Thomaz de Navarro (1808), e *Mamoam* no mappa de Balthazar da Silva Lisboa.

31. Deixámos o nome *Romeiro* aportuguezado, por assim o acharmos nos melhores codices; mas o homem chamava-se *Romero*, que é ainda hoje nome de familias castelhanas.

32. Os *Aimorés* são talvez os *Purís* de hoje, raça esta que, pelas palavras que se conhecem de sua lingua, ainda não podemos classificar entre as d'esta America Antartica.—Os antigos pronunciavam ás vezes *gaimurés*, e quando faltavam com o acento na ultima syllaba, o nome se apresentava como muito differente de que é, lendo-se *Gaimúres*.

33. *Patipe* quer dizer—esteiro do coqueiro (paty).—Assim melhor se escreverá, como faz Cazal (Tom. 2.° p. 101) *Patype*. O amanuense do exemplar que serviu á edição anterior escreveu na ultima syllaba um f em vez de p.— Cremos piamente que sem má intenção arranjou a palavra que d'ahi resultou.

34. *Sernambitibi* ou *Sernambi-tiba*, segundo a etymologia, é o verdadeiro nome do rio que de tantos modos se tem escripto, segundo dizemos nas *Reflexões criticas* (n. 26, p. 22). — Cazal (ou o escripto que o guiou) chegou a adulterar este nome, não só em *Simão de Tyba* (II, p. 71), como logo depois (II. p. 78) em *João de Tyba*! — Estas e outras hão de chegar a convencer os nossos governos de que o conhecimento de um pouco da lingua indigena é para nós pelo menos tão importante para não escrevermos disparates, como o de um pouco de grego e latim.— A lingua guarani já está reduzida a escripta, e salva de perecer de todo, graças sobre tudo ao *Thesouro* e á *Arte* e *Vocabulario* de Montoya. E se não tratamos de reimprimir estes livros e de os estudar, um dia os vindouros o farão; e nos chamarão a juizo por muitos erros em que houvermos cahido por nossa ignorancia; e por ventura por um pouco de filaucia em termos por linguas sabias e aristocraticas unicamente o grego

e o latim.—Veja-se a nossa dissertação *sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas* no Tom. 3.° da *Revista* pag. 53.

35. Novo exemplo dos inconvenientes de ignorar inteiramente a lingua indigena nos dá o nome de um rio do fim d'este capitulo 35, que foi interpretado *Insuacoma* em vez de *Juhuacema*, que Luiz Thomaz Navarro, escreveu *Juassema.* O principe Maximiliano de Neuwied em sua viagem (Tom. 1°, pag. 295) diz Jaússema; e o Dr. Pontes na sua carta geographica poz *Juacein. Juacê* quer dizer sede, e *eyme*, sem; de modo que o nome do rio significa talvez—Rio que não tem sede;—nome que está muito no gosto dos que davam os indigenas, que no sertão chamam a outro—o *Igarey*—rio da sede, ou sem agua.

36. D'este capitulo aproveitou Cazal no Tom. 2.° p. 70 e 72. A mulher do donatario chamava-se Ignez Fernandes, e seu filho Fernão do Campo.

37. Por *Jucurú* se nomêa o rio que no mappa 3.° da *Razão do Estado* se diz *Jocoruco*, e n'uma grande carta do *Deposito Hidrografico* de Madrid *Jucurucu.*

38. *Maruipe* é quanto a nós um erro que se repetiu nos codices. Deve ler-se *Mocuripe* com Pimentel (pag. 239) e com Laet, n'uma das cartas do *Novus Orbis* impresso em 1633. Laet nesta obra, que depois se publicou em francez, consultou sobre o Brazil os escriptos do paulista Manoel de Moraes. Esta edição latina foi a 3.ª; sendo as primeiras hollandezas, de 1625 e 1630, de Leyden. — O rio mencionado diz-se hoje *Mucury;* e Neuwied (I, 236) escreveu *Mucury.*

39. *Tupiniquim* ou *Tupin-iki* quer dizer simplesmente o *Tupî do lado* ou—*visinho lateral*:—*Tupinaê* significa— Tupi maú.—

40. Este capitulo 40 foi o que Vasconcellos transcreveu quasi na integra nas suas *Noticias* (51 a 55); e que nos serviu para confirmar que elle tivera conhecimento da obra de Soares. *Acecî* hade ser o — *Guasisi*—da *Razão do Estado*, *Acecí* de Brito Freire.

41. A doação da Ilha a Duarte de Lemos teve logar em Lisboa, aos 20 de Agosto de 1540, pelos serviços que o mesmo Lemos prestára

ao Donatario, na defensa da capitania. A confirmação regia é datada de Almeirim aos 8 de Janeiro de 1549. (Chanc. de D. J. III. fol. 108 v.)

42. Neste capitulo faltam no texto academico umas cinco linhas, aliás importantes, que no nosso se encontram no fim do 2.° § e principio do 3.°

43. Deve ler-se accentuado *Goarapari*, que Vasconcellos na *Vida de Anchieta* (pag. 338) escreve *Goaraparim*, e a *Razão do Estado Guaraparig*. O texto academico dizia *Goarapira*. *Leritibe* é adulteração de *Leritiba* que em guarani significa — A ostreira.—

44. Tivemos occasião de consultar e de conservar em nossas mãos uma carta authographa de Pero de Goes para Martim Ferreira, de quem se faz menção neste capitulo 44; e por ella conhecemos que é de lettra sua o texto do codice do Diario de Pero Lopes existente na Ajuda, que démos a luz; e isso se confirma com o asseverar aqui Soares que Goes acompanhara sempre o mesmo Pero Lopes, e com elle se perdera no Rio da Prata; isto é, na ilha de Gorriti do porto de Montevideo, segundo sabemos. As emendas feitas nas primeiras paginas do dito texto do Diario são de lettra de Martim Affonso, que hoje distinguimos perfeitamente. Fiquem estas advertencias aqui consignadas, em quanto não temos para ellas melhor lugar.

45. O texto d'Academia diz *Tapanazes* em vez de *Papanazes*. Este nome ou alcunha derivou, quanto a nós, da *Zygaena* chamada pelos indigenas *Papaná*, e pelos nossos antigos — peixe martello.—

46. Ainda que o author no capitulo precedente havia dito que o gentio guaitacá tem linguagem differente dos seus visinhos Tupiniquins, não podemos entender essa afirmativa muito em absoluto, á vista do que assevera agora—de que os Papanazes se fazem entender dos mesmos gentio guaitacá e do tupininquim. Isto vai conforme com á idéa sabida de que os invasores que dominavam o Brazil na época da colonisação eram geralmente da mesma raça, havendo que exceptuar os Aimorés que depois appareceram acoçados talvez do oeste. Remettemos a tal respeito o leitor para o que dizemos em um

escripto impresso no Tomo 5.º da 2.ª Serie da Revista do Instituto pag. 373 e seg.

47. O texto da Academia dá 22º 3/4 ou 22º 45' S. á latitude da Ilha de Santa que em outros codigos achamos 22 1/3 ou 22º 20', o que mais se aproxima da de 22º 25' S. que hoje se lhe calcula.

48. O *Cabo-Frio* jaz segundo Roussin em 23º 1' 18'' S., e segundo Livingston (1824) em 23º 1' 2'' S. do que não se estava longe no tempo do nosso author, que o arruma em 23.º—

49. *Saquarema* se diz hoje, e não *Sacorema.*

50. Conservamos a palavra *Viragalhão* dos codices, pois seria adulteral-os o substituil-a pela mais correcta *Villegagnon* que aliás é menos euphonica para nós. O ilheo de *Jeribatuba*, que quer dizer do Coqueiral (de Jeribás) — é o que hoje se diz — I. dos Coqueiros.—

51. Por este capitulo se confirma que a primeira fundação de uma colonia nesta bahia de Janeiro teve lugar na Praia Vermelha; e que o saco do Botafogo se chamava de Francisco Velho, por pertencerem essas terras ao talvez tronco primitivo da familia—Velho—no Brazil.—

As palavras—que se chama da Carioca—não se lêem no texto da Academia, mas sim no importante codice mais antigo de Evora, e em outros.

52. Porto de Martim Affonso era o esteiro que vai ter ao Aterrado. Chamou-se d'aquelle nome, não, quanto a nós, por via do celebre capitão de igual nome; mas sim da aldêa do principal Ararigboia, que no baptismo se chamou Martrm Affonso.

A descripção da enseada desta nossa bahia não poder estar mais exacta. Os nomes *Unhauma*, *Sururuy*, *Baxindiba e Macucú*, são hoje quasi os mesmos. A ilha da *Madeira* é a das Cobras.

53. Mem de Sá foi nomeado por provisão de 23 de Julho de 1556. Partiu da Bahia para a conquista do forte de Villegagnon em 16 de Janeiro de 1560.—Chegou ao Rio a 21 de Fevereiro: rendeu o inimigo a 15 de Março.

54. Salvador Corrêa governou tanto tempo o Rio de Janeiro que a sua ilha se ficou chamando até hoje do *Governador.* Antes tinha-se

denominado *Parnapicú*, *do Gato*, *dos Maracaiás e dos Engenhos.*

55. A pezar de todas as diligencias ainda até hoje nos não foi possivel encontrar o manuscripto de Antonio Salema sobre a *Conquista do Cabo Frio.*

56. Do texto da Academia consta que Salvador Corrêa foi nomeado governador por provisão de 10 de Setembro de 1557. — Isto parece verdade; mas não cremos que fosse escripta. Nos melhores codices não se encontra essa clausula.

57. O primeiro sesmeiro da Ilha Grande foi o Dr. Viceute da Fonseca por carta de 24 de Janeiro de 1569.

A' ilha de S. Sebastião chamavam os indigenas, segundo Hans Staden, *Meyembipe;* e á dos Alcatrazes *Uraritan.*

O morro e ponta de *Caruçu* chama-se hoje vulgarmente de *Cairuçú*, e já assim escreveram Vasconcellos (p. 286) e Fr. Gaspar da Madre de Deus (p. 17.)

58. *Tamoio* quer dizer avô, ascendente, antepassado. Era o nome com que os indigenas de S. Vicente designavam os d'esta provincia fluminense, o que comprova as nossas fortes conjecturas de que a emigração tupica marchou do norte para o sul. Os Tamoios chamavam-se a si Tupinambás, segundo Staden; e aos vizinhos do sul apellidavam os *Temiminós*, isto é seus—netos—ou descendentes.

59. A ilha da barra do porto de S. Vicente que Soares diz parece moela de gallinha, chama-se ainda hoje *da Moela.*

Os—Esquertes de Flandres—eram uma familia flamenga que se estabeleceu em S. Vicente. Um dos individuos chamava-se Erasmo Esquert, segundo Pedro Taques.

60. Martim Affonso recebeu cem leguas de costa por doação, e não cincoenta; e ainda assim a sua capitania sahiu uma das mais pequenas em braças quadradas. Esse grande capitão não voltou a S. Vicente depois de ser donatario; mandou sim providencias, logar-tenentes, etc.

61. Tão pouco nos consta que Pero Lopes voltasse mais ao Brazil depois de ser aqui donatario, e temos quasi certeza que não.

62. E' sem verdade que Soares afirma que não havia n'outro

tempo formigas em S. Paulo. Já Anchieta dá d'ellas conta. E S. Paulo é desgraçadamente terra proverbial quanta ás tanajuras, as saúbas e ás tocas de copins.

63. Em vez de *Goainá* ou antes *Guaianá* escreve Staden *Wayganna*.

64. Ilha *Branca* é talvez adulteração de I. do *Abrigo*, que é a mesma, fronteira á ponta do padrão, de que no capitulo seguinte se trata.

65. O Cabo do Padrão chama-se hoje Ponta de *Itaquaruça*. Segundo o exame que ahi fizemos pessoalmente em Janeiro de 1841 esse padrão ou padrões (pois existem tres iguaes) foram ahi postos por ordem de Martim Affonso, cuja armada (segundo P. Lopes) se dedemorou 44 dias no visinho porto da Cananéa. O leitor póde consultar o que ponderamos a tal respeito no Tom. 5° da 2ª Serie da Revista do Instituto pag. 375.

66. A bahia das *Seis Ilhas* é naturalmente a enseada formada pelo rio Tajay.

67. O nome de ilha de Santa Catharina foi dado pelos castbelhanos da armada de Loaysa. Antes chamavam-lhe *Ilha dos Patos*, e já lemos que os indigenas a denominavam *Xerimerim*.

68. Diz aqui Soares que a linguagem dos Carijós é differente da de seus vizinhos; mas isso não se deve entender mui restrictamente; por quanto no capitulo 63 assevera que com elles se entendem os Guaianás.

69. O nome de Porto de D. Rodrigo proveio de ahi ter estado o infeliz D. Rodrigo da Cunha, que tão tristes episodios passou n'esta costa.

70. Porto da *Alagôa* é o da *Laguna*. Não sabemos se a adulteração veio da penna do autor, ou se a causou algum copista que não quiz admittir em sua copia aquellas palavras hespanholadas.

71. Chama-se aqui rio de Martim Affonso ao Mampituba; mas entenda-se que não foi n'este rio, mas sim no pequeno Chuim que aquelle capitão naufragou, o que se deduz da leitura attenta do Diario de P. Lopes. — A' lagôa dos Patos chamavam alguns antigos de

Tibiquera ou — dos cemiterios — talvez em virtude de alguns dos indigenas que ainda hoje por ali se encontram, segundo nos assegura o Sr. conselheiro Baptista de Oliveira.

72. Nas ultimas linhas d'este capitulo 72 confirma Soares a geral opinião de que os indigenas de toda esta costa, ainda quando vivendo a grandes distancias uns dos outros, «são todos uns e tem quasi uma vida e costumes.» — De expressões quasi identicas se serve o seu contemporaneo Pedro de Magalhães Gandavo, o amigo de Camões.

73. Monte de Santo Ovidio é o conhecido cerro da bahia de Montevidéo, a que Pero Lopes quiz infructuosamente chamar — monte de S. Pedro.

74. O texto da academia arruma, com manifesto erro, o Cabo das Correntes em 36° de latitude S.; outros textos que seguimos dão 39°; mas cremos que houve n'este numero tambem engano, e que Soares poria com os pilotos do tempo o cabo em 38°.

75. O texto da Academia põe a sahida de Thomé de Souza de Lisboa a 1 de Fevereiro e não a 2, como os mais codices.

76. Volve Soares a occupar-se do celebre Caramurú, a cujo assumpto parece que dedicava certa predilecção. As noticias são ainda mais minuciosas que as que chamáram nossa attenção no com. 28.

77. O primeiro assento da povoação da cidade era proximo á barra, e segundo a tradição onde hoje está o bairro da Victoria.

78. Ás sabias providencias da metropole em favor da colonisação da Bahia deveu talvez Portugal a conservação de todo o Brazil segundo melhor desenvolveremos em outro logar.

79. No texto da Academia se dão mais as seguintes informações acerca do governador D. Duarte: « fidalgo muito illustre, filho de D. Alvaro da Costa, embaixador d'el-rei D. Manoel ao imperador Carlos V. » — Não as admittimos por não se acharem nos melhores codices.

80. A explicação — de Porto Seguro até o Cabo Santo Agostinho — com que conclue o 1.° § não se contém no texto academico.

81. Ao lermos esta parte da descripção da cidade, quando apor-

tamos na Bahia em principio de Maio d'este anno, quasi que acompanhavamos o autor passo a passo; tanta verdade ha em sua descripção.

82. Quasi no fim do capitulo em vez de — capellães da misericordia ou dos *engenhos* — diz incorrectamente o texto da Academia — capellães da misericordia ou dos *engeitados*. —

83. A respeito do collegio dos padres da Companhia na Bahia parece-nos que o leitor levará a bem que lhe demos aqui outra descripção; ainda quando não seja senão para lhe fazer constar a existencia de um curioso livrinho como é a obra de P. Fernão Cardim, que imprimimos em 1847. Diz este escriptor em 1585: «Os padres tem aqui collegio novo quasi acabado, é uma quadra formosa com boa capella, livraria e alguns treze cubiculos, os mais d'elles tem as janellas para o mar; o edificio é todo de pedra e cal destra, que é tão boa como a de pedra de Portugal, os cubiculos são grandes, os portaes de pedra, as portas de angelim forradas de cedro; das janellas descobrimos grande parte da Bahia, e vimos os cardumes dos peixes e baleas andar saltando n'agua, os navios estarem tão perto que quasi ficam à falla; a igreja é capaz bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela de ouro, tem uma cruz e thuribulo de prata, &c....

A cerca é mui grande, bate o mar n'ella, por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perenne de boa agua com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de arvores de espinho, &c....

84. Corrigimos *hortas* onde no fim do capitulo dizia *outras* o texto academico; e tambem segundo a lição dos melhores codices dizemos *vinte religiosos*, em vez de *doze*.

85. Tambem aqui seguimos os melhores codices, escrevendo Sua Magestade duas vezes e não Sua Alteza.

86. Este capitulo foi bastante retocado á vista das copias mais dignas de fé, como o leitor pode deduzir pela confrontação. A observação de Soares de melhorarem de sabor e aroma os vinhos fortes que passam a linha é hoje tão admittida como é verdade que da Europa se mandam vinhos a viajar através da zona torrida, só para os beneficiar.

87. Na ante-penultima linha do § 1.° do capitulo 13 dizia erradamente o primitivo texto — por civilidade —, em vez de — possibilidade — como escrevemos.

88. Chamamos a attenção do leitor sobre a relação de 1 : 2 : 3 entre as classes dos defensores da Bahia em 1587; a saber: dois mil colonos europeus, quatro mil africanos, e seis mil indios civilisados.

89. O nosso autor que tanto enthusiasmo e predilecção mostra pelo Brazil, não contente com o haver dito no proemio que este estado era « capaz para se edificar n'elle um grande imperio » — repete esta sua aspiração á nossa independencia e nacionalidade dizendo n'este capitulo que já D. João III, com mais alguns annos de vida, podéra ter aqui edificado « um dos mais notaveis reinos do mundo. »

É sabida a anecdota referida pelo autor dos *Dialogos das grandezas do Brazil*, (obra escripta no seculo de seiscentos) da profecia do astrologo, que, ao chegar a Lisboa a nova do descobrimento da terra da Vera Cruz, vaticinou que havia ella de ser abrigo e amparo da metropole. Depois da acclamação de D. João IV tratou a Hespanha de lhe ceder o Brazil, e tornar a reunir a si Portugal; o que se teria realisado se a França não se mettesse de permeio. O marquez de Pombal ideou trazer ao Pará a sede da monarchia; depois d'elle o poeta Alvarenga convocava para o Brazil a rainha Maria I. (*Florilegio da poesia brasileira*, T. 2.°, pag. 370) e o alferes Lisboa (em 1804), desejava que em Minas o principe D. João fosse estabelecer seu imperio (*Florilegio*, pag. 574). — Estes factos pelo menos são curiosos.

90. Na doação da ilha de Taparica, ou Itaparica como agora se diz, se comprehendia a de Tamarantiba. Receberam ambas foral em 1556.

91. Onde se diz — da parte do Padrão — parece-nos que houve salto de uma palavra e se deve entender — da parte da ponta do Padrão.

92. A ilha de Maré de que se faz aqui menção é a mesma que inspirou o poeta bahiano Manuel Botelho de Oliveira que tão bella-

mente a descreveu na sua *Musica do Parnaso* (Lisboa, 1705 pag. 127.) — Essa bonita composição foi reproduzida no *Florilegio*, Tom. 1.° pag. 134.

93. O texto da Academia contém depois da palavra Pirajá do 3.° § d'este capitulo, as seguintes linhas que não encontramos nos melhores codices, e devemos julgar introduzidas por curiosos: «Esta enseada tem na barra de fundo duas braças de preamar; cabem até 80 navios de força, os quaes entram descarregados e hão de sair na mesma fórma. Tem na boca duas fortificações, uma maior de uma banda, e outra mais pequena da outra.»

94. O texto a que nos temos referido trazia —Alteza—onde outra vez admittimos—Magestade.—

95. Diz o mesmo texto—*Ponta do Toque* emvez de *P. do Toque-toque*—como sabemos que se chama.

96. *Aratú* lemos n'um dos codices, e admittimos a lição, ao saber que havia por alli um engenho com tal nome; o que se não dá segundo nos asseveram varios Bahianos entendidos com o nome *Utum* do texto academico.—*Otuim* e *Utuim* se lê porém em alguns manuscriptos.—No texto mencionado lê-se tambem *Curnuibão* em vez de *Carnaibuçú* ou *Carnaybuçú* como lemos no J. de Coimbra n. 86 pag. 67.

No mesmo texto se lê ainda erradamente *Sacarecanga* e *Pitanga*. em vez de *Jacarecanga* e *Petinga*.

97. A palavra *Tayaçupina* a que puzemos um ponto de interrogação não nos foi possivel decifrar adequadamente.

98. *Caipe* ou *Cahype* quer dizer o—esteiro do mato—. Tratando do engenho de Antonio da Costa, lê-se no texto d'Academia depois da frase—que está mui bem acabado—as seguintes palavras—evidentemente anachronicas para o livro de Soares: «que depois foi de Estevão de Brito Freire, que Deus perdoe, e fez outro engenho por nome S. Tiago, bem no fim de Pernamerim, para a banda da freguezia Tamarari de agua das melhores que hoje no Brazil ha.»—De Itapitanga volve a occupar-se o autor no cap. 187.

99. Notam-se grandes variantes entre o nosso texto e o d'Aca-

demia. Além de linhas que lá faltam, leram-se errados os bem conhecidos nomes *Paraguaçú*, *Marapê*, *Acúm*, *Cajaîba* e *Tamararî*. Farreirey foi erro que escapou ainda no nosso texto: lêa-se Tareiry.

100. No mesmo texto academico lê-se Antonio Penella e Rodrigo Muniz, em vez de Antonio Peneda e Rodrigues Martins, como encontramos nos codices mais dignos de credito.

101. Aqui temos um novo rio de *Igaraçú*, o que prova que habitualmente alli chegavam, como fica dito (com. 15), as náos dos Europeus.

102. *Pujuca* é o nome que dá o nosso texto á ribeira que, entre outros, o da Academia escreveu *Puinqua*.

103. O rio *Irajuhí* é o que hoje se diz *Pirajuhia*. No texto da Academia encontra-se *Irayaha*, o que procedeu naturalmente de má leitura de copista.

104. Jiquiriçá é o nome que hoje se dá ao rio que Soares designa por Jequeirijape.

105. Conclue Soares com a sua minuciosa descripção de todos os Reconcavos da Bahia cuja extensão, sem metter os rios d'agua doce, avalia em 53 leguas; e nessa extensão conta 39 ilhas além de 16 do interior dos rios. A topographia do Reconcavo ainda até hoje não teve melhor, nem mais exacto alumno.

106. São curiosas as notas estatisticas da Bahia (em 1587), e permitta-se que as recapitulemos: 36 engenhos, que exportavam annualmente para cima de 120 mil arrobas d'assucar; 62 igrejas, entrando 16 freguezias, e 3 mosteiros e 1400 barcos de remo.

107. Algumas variações encontrará o leitor no nosso texto, graças á confrontação de tantos codices. As primeiras eguas valiam a 60$ rs. e ficaram depois a 12$; e não eram a 100$ e ficaram a 20$; os cavallos que por negocio se levavam embarcados a Pernambuco eram lá pagos a 200 e 300 cruzados, e não a 20 e a 30, o que quasi equivalia aos preços da Bahia, etc.

108. No exemplar da Academia diz-se (pag. 135) á cerca das plantas de socca—«que são as que rebentam e brotam das primeiras cortadas» — Foi por certo explicação de algum copista animado de excesso de zelo.

109. No ultimo §, tratando-se dos inhames trazidos das ilhas de Africa, vem no texto d'Academia, em vez daquelle nome, o de taiobas, que é nome indigeno, e não se encontra nos mais codices; mas sim inhames.

110. Hortaliças que já se cultivavam na Bahia em tempo de Soares, e por este apontadas no capitulo 36: — Cucumis sativus—Cucurbita pepo — C. citrullus — Sinapis nigra — Brassica napus — Raphanus sativus — Brassica oleracea crispa—B. o. murciana —Lactuca sativa — Coriandrum sativum — Anethum graveolens — A. fœniculum — Apium petroselinum — Mentha sativa — Allium cepa — Allium sativum — Solanum melongena — Plantago — Mentha pulegium — Sisymbrium nasturtium — Ocimum minimum — O. basilicum — Amaranthus blitum — Portulaca oleracea — Cichoneum endivia — Lipidium sativum — Daucus carota — Beta vulgaris — Spinacea oleracea, &c. —

111. Não respondemos pela devida exactidão na orthographia dos nomes das especies de mandioca apontados no capitulo 37. — No texto academico vem differentemente, e Marcgraf e Vasconcellos trazem outras denominações. O mesmo faz José Rodrigues de Mello, que escreveu em verso latino o melhor tratado que conhecemos á cerca desta raiz alimenticia; este tratado em dois cantos foi traduzido pelo Sr. Santos Reis, e publicado na Bahia, com outras composições analogas, em um tomo com o adequado titulo de *Georgica Brasileira.*

112. A tapioca de que Soares trata era preparada um pouco differentemente da que hoje se usa no commercio. — Este nome e o da mandioca são puros guaranîs; e foram ambos adoptados pela Europa, como tantos outros nossos indigenas, segundo iremos vendo. —

113. Não deixou Rodrigues de Mello de escrever com elegancia ácerca das propriedades venenosas do sumo da mandioca crua:

Fac procul hinc habeas armenta, omnemque volucrum
Atilium gentem, positos neque tangere succos
Permittas: namque illa quidem niveoque colore
Innataque trahit pecudes dulcedine captas
Potio: mortiferum tamen insidiosa venenum
Continet: et fibris ubi pestem hausere, furore
Huc illuc actae pecudes per prata feruntur,
Et gyros agitant crebros, &c.

114. A pronunciação *tipeti* ou aportuguesadamente *tipitim*, temo-la por mais conforme á dos indigenas do que a de *tapeti*, *tapetim*, &c. Moraes adoptou aquella primeira; mas esta ultima parece-nos mais euphonica. — *Urupéma* (segundo o Dicc. Braz., pag. 27) era qualquer crivo: a orthographia de Soares é a seguida por Moraes. — Ha porém quem escreva *gurupema* (Cunha Mattos), *gurupemba* (Mem. da Acad. de Lisboa, Tom. 7°), *goropêma* (João Daniel, P. 5.ª, p. 24) e *oropêma* (Antonil, p. 117 da 1.ª Ed.)

115. Quæ succo nocuit radxi, feret ipsa salutem
Jam prælo domita elicitoque innoxia succo

diz Rodrigues de Mello a respeito da *carimã*.

116. As palavras — algumas jornadas — no principio do capitulo faltam no texto academico.

117. É curiosa a variedade de orthographia com que se tem escripto o nome que adoptamos dos indigenas para a planta de raiz amylacea que Pohl denominou *Manihot Aypi*, seguindo para esta denominação da especie a orthographia de Lery (p. 135 da edição da Rochelle de 1578), do *Tesoro Guarani*, de Martinière (T. 1°, p. 120), que adoptaram Denis e St. Hilaire; Vasconcellos tambem uma vez assim escreve (not. 140), bem que em geral seja n'isso irregular (V. liv. 1°, not. 71, 73 e 74). — Soares com o seu contemporaneo Gandavo (fl. 16 da ed. 1576), parece ter preferido a mais aportuguesada de *aipim*, seguida por Antonil (pag. 69), por Vandelli, alferes Lisboa, Rebello (pag. 110) e os viajantes Spix e Martius (T. 2.°, pag. 526). Botelho de Oliveira escreveu *aypim*

(*Floril.* pag. 142) e Cazal (I, 115) igualmente; Marcgraf *aipii*, e assim se lê no *Coro das Musas* (T. 1.°, pag. 143), e nos diccionarios portuguezes, que tambem dão *impim*. O autor do Caramurú (C. 4.°, est. 19) escreveu *aipi*.

Esperamos que o leitor nos desculpe a digressão que fizemos sobre esta palavra, ácerca da qual desejavamos que se assentasse em uma orthographia. Apezar da preferencia que já a sciencia deu a *aypi*, nós em linguagem prefeririamos, com os classicos Gandavo e Soares, *aipim*.

118. No capitulo 44 descreve Soares varios *Convolvulus*, a *Dioscorea sativa*, o *Caladium sagittifolium* (Vent.), e talvez o *C. Poecile* de Schott.

119. Ao *Zea Mais* L. se diz no texto que chamavam os indios *ubatim*: cremos que diria Soares *abatim*; pois *abaty* e *avaty* encontramos em muitos autores.

120. Abbeville (fl. 229) refere que os indigenas do Maranhão chamavam ás favas *comandá*, e o P. Luiz Figueira na sua grammatica da lingua geral (pag. 87 da 4.ª ed.) dá o mesmo significado.

121. A' conhecida planta leguminosa *Arachis hypogœa* L. chama Soares, á portugueza, *amendoi*, como se proviesse de amendoa. O nome é degenerado do *mandubi* ou *manduí* indigena. Abbeville escreveu (fl. 226 v.) *mandouy*. Em Hespanha chamam-lhe *avellanas* (avelãs) *americanas*.

122. No capitulo 48 trata Soares das pimentas que dão varias solaneas capsicinas do Brazil, das quaes não se esqueceu de tratar Fingerhuth na sua monographia imp. em 1832. — Cremos que o nosso autor menciona successivamente o *Capsicum cerasifornme*, *cordiforme*, *baccatum*, *longum e frutescens*. — Montoya (*Arte y Bocab. p.* 141) chama á pimenta *quîyi*; o Dicc. braz. *kyynha;* Monteiro de Carvalho, com Piso, *quiya*.

Jukiray quer dizer — molho de sal — *jukyra* sal (Dicc. braz. p. 70), e *ay* molho (id. p. 52.)

No codice da Bib. Portuense ($\frac{1019}{6}$) lê-se mais no fim d'este capitulo o seguinte: —

« Ha outra casta de pimenta a que chamam *Cuiêmerim*, por ser mais pequena que todas; da qual se usa como da demais e tem as mesmas qualidades, cuja arvore é pequena. — Ha outra pimenta a que chamam *Cuiepiá*, que na feição é mais redonda e pequena da qual se usa como das mais e tem as mesmas qualidades, cuja arvore não é grande. —

« Ha outra pimenta a que chamam *Cuiepupuna* do tamanho de um gravanço muito redondo. Esta em verde é muito preta e depois de madura faz-se vermelha, e queima a seis palmos, e dá fruta em todo o anno: todas estas pimentas são cheias por dentro de umas sementes brancas da feição da semente de mastruços, que queima mais que a casca, e d'ellas nascem as pimenteiras quando as semeam.—

E já que dissemos das pimentas que queimam, digamos agora das que o não fazem e que são muito doces, uma das quaes se chama *Saropó* que é tamanha como uma avelã, a qual como é madura se faz vermelha, e de toda a maneira é muito doce, cuja arvore é de cinco a seis palmos, e dá todo a anno novidade: estas pimentas se fazem em conserva em assucar.—

« A outra casta a que chamam *Ayo*, que é da feição de uma bolota, e do seu tamanho, a qual se faz vermelha como é madura, e sempre é muito doce, a qual se faz tambem em conserva em assucar e se faz arvore grande, que em todo o anno dá fruto.

« Não é bem que se faça pouca conta da pimenta do Brazil, porque é muito boa e não tem outro mal que queimar mais que a da India, e quem muito a tem em costume folga mais com ella, e acha-lhe mais gosto que á da India, da qual por esse respeito se gasta pouca no Brasil, onde os Francezes vão buscar a natural da terra, porque da casca vermelha se aproveitam nas tintas da mesma côr, e se quando vão resgatar a esta costa achassem muita d'ella, estima-la-iam muito mais que o páo brazil; e das sementes de dentro se aproveitam pisando-a bem e lançando por cima das pimentas da India, com o que a refinam e abatem: ainda que se faz este beneficio a esta pimenta, poderá entrar em Hespanha muita somma, se S. Magestade dera licença para isso: de tal massa é esta terra da Bahia, que se lhe lan-

çarem a semente do cravo o dará, como noz moscada, que tem o sabor d'ella, e dá outras arvores que dão canella: se fôr á terra quem a saiba beneficiar será como a de Ceilão, de que se dirá adiante. »

123. Soares dá noticia de mais especies de anacardios do que as conhecidas dos naturalistas; mas no sertão vimos nós ainda uma especie (talvez genero) mas cuja planta é rasteira. O cajú oriental é descripto pelo conhecido botanico portuguez Loureiro, na *Flora Cochinchinensis* (Ed. 1790 II, 248; e Berlim 1793 p. 304).

A palavra *catinga* no sentido de matto carrasquento ou charneca de moutas e matagaes é de origem indigena e deriva de *ca* e *tinga*, mato brancacento. Catinga no sentido de máu cheiro, se não derivou d'esta mesma accepção, deve ser voz africana.

124. D'este capitulo parece deduzir-se que já antes da introducção no Brazil das bananas da Africa e da Asia, havia na terra pelo menos duas especies de pacobas: grandes e pequenas.

125. *Mamão* (Carica Papaya L.) não é fruta indigena do Brazil: porém outro tanto não succede á papayacea *jaracatiá* a que o nosso Velloso chamou (*Flor. Flum.*) *Carica dodecaphylla.*

126. As arvores frutiferas indigenas com que se occupa Soares no capitulo 52 (*) estão hoje quasi todos conhecidos e descriptas pelos naturalistas. A *mangaba* é a *Hancornia speciosa* de Gomes; os *araçás* pertencem, bem como as guaiabas, ao genero *Psidium*; o *araticú* é uma *Anona:* vem depois o *abajerú* (Abbeville fol. 224 escreve *Ouagirou*) que parece um *Chrysobalanus*; segue talvez a rosacea *Rubus idaeus* ou *occidentalis* (Velloso V. est. 81 e 82); notamos depois entre outras a *Byrsonima Crisophylla* de Kunth; a *Vitex Tarumá* e *Ingá edulis* de Martius; a *Spondias myrobalanus* de Vellozo (Flora Flum. IV, est. 185); a *Moronobea escu-*

(*) Na presente edição deve attender-se á deslocação que por descuido typographico padeceram alguns periodos que devendo ir n'este capitulo depois do 1° § na pag. 182, passaram para as paginas 187, 188 e 189. Estes periodos perfazem quasi duas paginas e meia desde — Os araçazeiros—inclusive, até—Cambucá—exclusivamente.—N'estes commentarios não demos consideração a essa deslocação accidental. Vej. a errata.

lenta d'Arruda ou *Platonia excelsa* de Martius, o *Caryocar Pequi*, etc. Tudo isto salvo engano.—

O ambú, imbú, ombú ou umbú (que para todas as orthographias ha autoridades) é a notavel planta que o nosso Arruda (Discurso dos jardins) denominou *Spondias tuberosa*.

128. Das fructas do sertão da Bahia que Soares reune no cap. 54 ha menos conhecimento. Trata-se de um *Lecythis*, segue-se talvez uma planta rhisobolacea, outra apocynea (talvez outro cariocar), um *Genipa*, e o conhecido *oyty* de que Arruda fez o novo genero *Pleragina*. Cazal (II. 60) escreve *goyty*, Vasconcellos (II, 87) *gutti*, Abbeville *ouity*.—Este capitulo necessita mais estudo.

129. Para melhor se identificar o leitor com a synonimia das palmeiras remettemo-lo ao exame da magnifica monographia d'esta familia do celebre Martius, —precedendo a elle, se for possivel, o conhecimento pratico das mesmas.

Nas *Reflexões criticas* enganámo-nos a tal respeito em varias de nossas conjecturas, feitas sem fundamento e só quasi inspiradas, como em outros logares da secção 4ª desse escripto, pelo desejo de acertar.

130. Bem conhecida é a passiflora *maracujá-açú*, com que se começa o capitulo das hervas fructiferas: —Não nos acontece outro tanto com a planta de que se trata depois, e que nos parece alguma *solanea*. Segue um *Cactus*, com nome indigeno por nós desconhecido, logo depois um *Astrocarium* e termina o capitulo em duas plantas bem conhecidas; uma bromeliacea e um *Piper*, segundo cremos; talvez o *unguiculatum* de Ruiz e Pavon. No nosso texto se escrevem ellas *carautá* e *nhamby*. Esta ultima palavra escreve Piso e a Pharmacopea Tubalense *nhambi*. Quanto áquella, Vasconcellos (II, not. 70) diz *caragoatá*; Antonil (p. 113) *caravatá*; Piso e Brotero *caraguatá*; Bluteau *caragoatà* e tambem *caroatá*; Fr. Antonio do Rosario *carautá* e Moraes *carahuatá*; mas hoje mais geralmente em quasi todas as nossas provincias se adoptou *gravatá*.

131. O ananaz offerece exemplo de mais uma palavra indigena nossa que passou ás linguas da Europa, e á linguagem das sciencias,

depois que Thunberg formou o genero Ananassa. Vamos registando estes factos para decidir se para nós a lingua guarani é ou não digna, a par da grega, de ser cultivada como lingua sabia, necessaria para dar esclarecimentos não só na ethnographia e na botanica, como nos differentes ramos da zoologia. Só na botanica, além do mencionado genero *Annassa*, temos com nomes brazileiros os generos (não fallando nas especies) *Andira*, *Apeiba*, *Jacarandá*, *Icica e Ingá*.

132. A cabureiba está hoje designada como *Miroxylon Cabriuva*. Não sabemos qual especie de copaifera é mais geral na Bahia, á qual se referia Soares. As virtudes do seu oleo foram já em 1694 apregoadas pelo Dr. João Ferreyra na Rosa no *Tratado da Constituição Pestilencial de Pernambuco*, pag. 51 a 56.

133. *Embaiba* (ou segundo outras orthographias *embauba*, *imbaîba*, *ambaiba* e *ambayva)* é a conhecida Cecropia, arvore urticacea de cujas folhas se alimenta a preguiça (animal, se entende). Quanto ás *caraobas*, os indigenas davam este nome a varias plantas bignoniaceas, e não nos é facil acertar quaes d'ellas são as duas de que se occupa Soares, bem que imaginemos a primeira a da estampa 50 da Flora de Velloso; e em tal caso é a que Martius classificou como *Cybistax antisyphilitica*.

134. A arvore da almecega ou *icica (ygcyca* no Dicc. Braz.) é do genero que Aublet designou com o proprio nome guianense (e que tambem é nosso) de Icica.—*Corneîba* é a *Schinus aroeira*, de Velloso; *Geneûna* é uma Cassia, não nos é facil saber qual;—*cuipeûna* parece um Myrtus; seguem dous cipós leguminosos; e o conhecido *Rhizophora mangle*, L. ou mangue vermelho.

135. As plantas descriptas no capitulo 61 são todas de uso commum e por isso mui conhecidos; vem a ser: a nicociana, o ricino ou mamona, a batata de purga ou jalapa *(jeticuçú)* e a rubiacea ipecacuanha, que o nosso autor escreve *pecacuem*, e os antigos jesuitas *ipecacoaya*, donde derivou o nome *poaya*, que muitos lhe dão. Ao tabaco chama Soares *petume*; segundo Montoya (Voc. pag. 203) dizia-se em Guaraní *petyma*, ou como traz o Dicc. Braz. *pytyma*. Damião de Goes (Chron. de D. Manuel P. 1.ª cap. 56) e com elle Balthasar Telles

(Chron. da Comp. de Jesus P. 1.ª Liv. 3 cap. 3.º pag. 442), chamam-lhe *betum*. O chronista do rei D. Manuel narra como essa planta foi levada á Europa por seu irmão Luiz de Goes; que ao depois foi jesuita; e de quem nenhum botanico tem feito caso até hoje, apezar do serviço que fez, muito maior do que Nicot. As minuciosas informações sobre o como se fumava são hoje mui curiosa prolixidade, por isso mesmo que todos sabem o que é *beber fumo*, como Soares chama ao fumar.

136. *Manyú* deve entender-se o nome indigena do algodoeiro (*Gossypium vitifolium* de Lam.) — O Dicc. Braz. diz *amanyú*, o Montoya (pag. 151) *Amandiyú*:—em Abbeville (fol. 226 v.) lemos *amonyiou*.—A *Lantana Camará* é hoje conhecida por toda a parte: *ubá* ou taboca é o *Ginerium sacharoides* de Kunth: Não sabemos se ha engano na palavra *jaborandi* ou na ultima *jaborandiba*, quando nos diz o autor que o nome dado pelos indigenas ás duas plantas era o mesmo: o ultimo é evidentemente o *Piper jaborandi* de Velloso. Não afiançamos a correcção orthographica em *caapiam;* deveria talvez ler-se, com Piso, *caaopiá*, planta do genero que Vandelli denominou Vismia, em honra do seu amigo Mr. de Visme.

137. Aos fedegosos (*Cassia sericea*, Sw.) chamavam os jesuitas *tareroguy*, donde se póde ver que não haverá erro no nosso texto em *tararucú*; bem que nos inclinemos mais á desinencia em *quy*, e seriamos de opinião que a preferissemos para a nossa lingua em todos os casos identicos; pois até parece que os muitos *u u* tornam a linguagem tristonha. Para reduzir as outras plantas, apezar de terem algumas nomes conhecidos, até na botanica, encontramos contrariedades, as quaes todas só poderá aplanar algum naturalista que se ache na provincia em que o autor vivia.

138. O cedro chamado *acayacá* pelos indigenas (Dicc. Braz. p. 23) é segundo se nos assegura do genero Cedrela.

139. Não respondemos pela correcção do nome da segunda arvore que o nosso texto chama *Guaparaiva*, e menos ainda pela do da Academia *quoapaijú;* pois nem sabemos o que seja. Da *jutaipeba*

propoz-se Balthazar Lisboa a fazer um novo genero com o nome de *Jatahypeba valenciana*.

140. Tambem quiz o mesmo Balthazar crear um novo genero com o nome de *Massaranduba*, talvez sem saber se esta sapotacea, embora no Brazil scientificamente desconhecida então, não pertencia a algum velho genero.—Para se classificar de novo na botanica é necessario ter sobretudo muita erudição dos escriptos da sciencia: muitos generos se contam hoje que se hão pouco a pouco ir reduizndo a especies de outros. Quanto ás especies, principalmente na America, onde as physionomias naturaes tem tanta semelhança umas com outras, apezar das distancias, estamos persuadidos que mais de metade dellas se verão reduzidas a simples variedades, quando haja viajantes naturalistas que percorram todo este continente, e tratem de harmonisar os trabalhos dispersos de tantos, cada qual a querer-se fazer celebre e aos seus protectores. — Um classificador de plantas deve ser exclusivamente botanico.

Segundo o nosso texto chamavam os Indios *andurababapari* ao angelim, que Piso chama *Andira Ibacariba*, e Martius reduziu sob o titulo de *Andira rosea*. A palavra *andira* faz crer que alguma cousa tinham os morcegos que ver com esta arvore.

O codice academico diz *andurababajari*, e o coronel Carlos Julião (ult. num. do *Patriota* p. 98) o teria visto em manuscripto. No Dicc. Braz. (pag. 12) chama-se-lhe *Pobúra*—Arruda tinha denominado o angelim *Skolemora pernambucensis*. Lamarck havia já proposto o genero Andira, de que é synonimo o Geoffroya de Jacquin.

O gequitibá não sabemos que esteja reduzido. Ubiraem é naturalmente o burayén de Antonil (p. 57), que o Sr. Riedel classificou como *Crysophyllum Buranhem*. — Sepepira é a sicopira (assim escreve Moraes): talvez a mesma que Balthasar queria designar com o nome de *Joanesia Magestas*. —Antonil (p. 51, 56 56) escreve sapupìra, e o autor do poema Caramurú supopira. A *Bowdichia major* de Martius é uma sicopira; a *Urucurana* do Rio de Janeiro foi reduzida pelo Sr. Dr. Freire Allemão a um genero

novo a que deu o nome de *Hyeronima alchorneoides*. Não sabemos se a da Bahia é differente.

141. Antonil (p. 57) escreve *Camassari* e Cazal *camaçari*. — O autor pondera mais adiante (cap. 191) o valor d'esta arvore, da qual seria facil extrahir alcatrão. — Guanandì é talvez uma clusiacea, e poderá ser a mesma *Moronobea coccinea* que encontrou Aublet na Guiana franceza.

142. Das arvores que dão embira mencionadas no capitulo 68 é mais conhecida a que Velloso (IX est. 127) designou por *Xylopia muricata*.

143. Das madeiras de lei de que n'este commentario cabe tratar, só nos consta que estejam classificadas a do páo ferro, e a que Soares diz ubirauna, se é a braúna vulgar (*Melanoxylon Brauna* de Schott.) — *Ubira-una* significa madeira preta e *ubira-piroca* madeira cascuda ou escamosa.

144. *Tatagiba* ou antes *Tatajuba* (*juba* significa amarello) é a *Broussonetia tinctoria*, Mart.; — Sereiba a *Avicennia nitida*, L.; e a terceira arvore, cujo nome não podemos ainda justificar, é a *Laguncularia racemosa* de Gaertner.

145. Á apeîba, com este mesmo nome, deu a sciencia um genero, na ordem natural das Tiliaceas. Aqui trata-se da *jangadeira* ou arvore das jangadas, que Arruda apellidou *A. cimbalaria*. — Sobre as outras arvores não nos atrevemos a fazer reflexões sem mais conhecimento especial d'ellas: deixamos essa tarefa para os que forem botanicos de profissão; o fim principal d'estes commentarios é outro, e ainda quando estudassemos toda a vida as sciencias que abrange hoje o livro de Soares, em alguns pontos deixariamos de ser juizes competentes. O nome da arvore com que começa o capitulo deveria etymologicamente talvez ser *Catanimbúca*, isto é, páo de cinza.

Ubiragára quer dizer arvore de canôas. — Cremos que seja a figueira do mato ou gameleira (*Ficus doliaria*, Mart.) — Se soubermos algum dia a lingua tupí ou guaraní, e estudarmos bem os seus nomes de arvores, animaes, etc., acharemos que todos elles terão como este

sua explicação das propriedades e usos dos respectivos objectos; — o que já advertimos com a palavra *andira* no com. 140.

146. *Carunje* parece-nos palavra adulterada. *Inhuibatan* escreve J. André Antonil. (p. 57.) *Jacarandá* é já um genero botanico creado por Jussieu; não sabemos se a elle pertence o de Soares.—*Mocetayba* escreve o jezuita Vasconcellos (II, 80), e *messetaûba* Antonil (p. 56 e 57.)—*Ubirataya* é talvez a *ubiratahi* ou *uratahi* descripta por José Barbosa de Sá (fol. 361 v.), n'um extenso livro manuscripto do seculo passado, obra feita no sertão quasi com tantas informações filhas da propria observação do autor, como esta de Soares que ora commentamos. *Tangapemas* lemos em Vasconcellos (II, n. 18.)—Referimo-nos deste jesuita quasi sempre ás *Noticias Curiosas*, que tiveram terceira edição no Rio de Janeiro em 1824, em um volume de 183 paginas de 4.°

147. *Ubiratinga* quer dizer madeira branca.

148. *Anêma* significa—cheirar mal — (Dicc. Braz. p. 40); de modo que *ubirarema* quer dizer— madeira fedorenta — *Guararema* se lê no *Patriota* (III, 4.°, 8); outros dizem *ibirarema.*

149. A leguminosa de que primeiro se trata com o nome *comedoy* é naturalmente do genero Ormosia.—*Araticupana* (como diz o texto da Academia e vem em Moraes) é a *Anona palustris* L.—*Anhangákybába* seria mais correntemente a tradução de—pente do diabo.— Cuiê-yba, ou arvore das cuias é a conhecida *Crescentia Cujete* L. Da *jatuaiba* ou *jutuahiba* trata tambem Barbosa de Sá, fol. 365 v.

150. O timbó-cipó é a *Paullinia pinnata* de Linneo; o cipó-embé o *Philodendron Imbé* de Schott (Vell. Flora Flum. IX est. 109.)

151. Tocum, segundo é sabido, é uma especie de Astrocarium.

152. A ave que Soares designa por aguia *Caburéaçú* é, pelos indicios que nos dá, a *Trachypetes Aquilus* de Spix.—*Nhandú* ou ema é a *Struthia Rhea* de Linneo.—Abbeville (fol 242) escreveu *Yandou.* — O *Tabuiáiá*, que Baena (Corogr. p. 100) diz *Tambuiaiá*, pela etymologia se julgaria um *Anser*, pois que *aiá* quer dizer pato; mas a descripção conforma-se mais a que seja algum *Cassicus.*

153. O *Macucagoá* descripto por Soares não é o macuco vulgar: parece antes a *Perdix Capoeira* de Spix, e por conseguinte não *Tinamus*: —Abbeville escreve *macoucaoua*, e Staden *mackukawa* (P. 2.ª cap. 28.)—O *motum* de Soares é exactamente o *Crax rubrirostris* de Spix (Av. II, Tab. 67.) O *jacú* por elle descripto não nos parece nenhum dos gallinaceos classificados no genero *Penelope*; cujos nomes brazilicos para as especies *jacupema*, *jacutinga*, etc, a ornythologia já admittiu.

Tuiuiú é reconhecidamente o *Tantalus loculator* de Lin. Em Cayena chamam porém *Touyouyou* á *Micteria americana*.

154. O *Canindé* de Soares é uma variedade da *Aratinga luteus* de Spix (Av. Tom. 1° Tab. 16). Confronte-se tambem a descripção de Buffon (Hist. Nat. Tom. 7° p. 154 e 155, edic. 4ª gr.)—A *arára* e *tocanos* são bem conhecidos.—*Embagadura*, entre os indigenas, era o punho da espada, segundo melhor se explica no capitulo 173.

155. *Uratinga* (*Ouira-tin* de Abbeville fol. 241), é a *Ardea egretta* de Lin.; *Upeca*, *Vpec* de Abbeville (fol. 242), *Ipecú* do Dic. Braz. (pag. 59), é ave do genero—*Anas*.—*Aguapeaçoca* ou *Piassoca* a *Palamedea cornuta* de Lin.; *Jabacatim* a ribeirinha que Moraes (no voc. — Papapeixe —) designou por *Jaguacati*. Os *gariramas* são do genero *Tringa*. *Jacuaçú* é evidentemente a *Ardea Scolopacea* de Gmelin, para a qual Vieillot propoz o genero *Aramus*, havendo sido por Spix denominada *Rallus ardeoides*.

156. O *Nhambú* é conhecidamente o *Tinamus plumbeus* de Temnink. *Picaçú*, *parari*, *juriti* e *piquepeba* parecem as *Columbinas griseola*, *strepitans*, *caboclo* e *campetris* de Spix.

157. Papagaio é voz africana; era o nome dado em Guiné aos cinzentos, primeiros que se levaram a Portugal. O nome brazilico é *agerú* ou *ajurú* como admitte Moraes (Dicc. Port.)—Abbeville (fol. 234) escreveu *juruue*.—Assim *agerú-assú*, (que outros escrevem *juru-assú*) significa papagaio grande, e *agerú-été* papagaio verdadeiro. O primeiro, bem como *corica* parecem antes do genero Ara. Thevet (f. 93 das *Singul.*) escreveu *Aiouroub*. Tuim será um dos *Psitaculus gregarius* de Spix. — Soares escreveu com Gandavo

maracaná ; outros porém dizem *maracanã*. — Consulte-se Marcgraf (pag. 20) ; Johnston , Avi , pag. 142 ; Willugby , Ornithol. pag. 74 e Brisson, Ornithol. Tom. 4°, pag. 202.

158. O capitulo 84 occupa-se de varias aves ribeirinhas; talvez da *Ardea garzetta* de Gmelin ; da *Sterna magnirotris* de Spix ; de uma *Procellaria*; da *Micteria americana*; de algum *Ibis* , *Tringa* etc. — *Socory* deve ser *Sócóboy* ou *Ardea Cocoi* de Lath. Em vez de *margui* lemos em uns codices *margusi* , e talvez se devesse ler *majuí* que é o nome dado ás andorinhas (Dicc. braz. p. 12.) — *Pitahuãa* parece que se diz no Peregrino da America (p. 48) que era o *bemtevi* ; mas a descripção de *pitaoão* não se conforma.

159. *Urubú* é o *Vultur Jota* de C. Bonaparte: *carácará* o *Polyborus vulgaris* de Vieillot : oacauoam o *Astur cachinnans* de Spix (Tom. 1° , tab. 2ª.) —*Urubutinga* , á vista da descripção não póde deixar de ser o *Cathartes Papa* , e impropriamente chamou Linneo a uma aguia negra *Falco Urubutinga* quando esta ultima palavra quer dizer *urubú branco* : mas igual troca já se fez com a Ararauna. Difficil será reduzir a especie de *Falco* ou *Milvius* de que trata o autor com tão pouca explicação.

160. A primeira e terceira aves parecem *Strix*. A segunda cremos que será o *Trogon Curucui* de Levaillant. — Desculpe-se a Soares o occupar-se , a par d'estes , de um cheiroptero , seu companheiro de noite. — Quanto á orthographia dos nomes Souza Caldas escreveu (Canto das Aves) Jacorutú , e Abbeville em francez *Joucouroutou*.

161. *Uranhengatá* é o passarinho do Brazil que substitue no canto o canario e o pintasilgo. Gorinhatá escrevem alguns ; e Nuno Marques Pereira, no Peregrino da America (Lisboa, 1760 pag. 48), Guarinhatãa. Hoje diz-se Grunhatá (Cazal I , 84 , e Rebello , Cor. da Bahia , 1829 , pag. 56). — Parece o *Icterus citrinus* de Spix. *Sabiatinga* (que ainda hoje em algumas partes se chama *sabiá branco*) é o *Turdus Orpheus* de Spix. *Tié piranga* é o nosso mui conhecido tihé (*Tangara nigrogularis* de Spix) — *Gainambi* é o nome indigeno dos beija-flores, que hoje constituem varios generos :

e *Ayayá* o da linda colhereira que Vieillot designou como *Platalea aiaia*. Jaçanã, pelo nome, deve ser do genero *Parra;* e neste caso talvez a de que trata Soares seria encarnada por metamorphose que essa especie soffra, como acontece aos guarás (*Ibis ruber*)—Segue-se a *Tangara cœlestis* de Spix, e mais duas aves que tambem podem ser do mesmo genero, se alguma não é antes *Muscicapa* ou *Lanius*. A ultima ave é da familia psittacina.

162. Os passaros que melhor conhecemos, além do que primeiro tratou no cap. anterior, e torna a occupar-se, são: o *sabiácoca* ou *sabiá da praia* que Spix denomina *Turdus rufiventer*, e do qual diz (pag. 69 do texto) ser « cantu melodico uti philomela europæa insignis»: e o *Querejua* ou *Crejoá* que é a *Ampelis Cotinga* de Linneo.

163. *Nhapupé* é o *Tinamus rufescens* de Temnink. A *saracura* pertence ao genero *Rallus:* Spix descreve-a como *Galinula Saracura*. *Orú* é o *Trogon sulphureus* de Spix, e *Anú* (que Moraes diz *Anum*) o *Crotophaga Anî* de Linneo. Segue-se a *Ardea Maguari* de Vieill, e talvez um *Tinamus*, varios *Turdus;* e conclue-se o capitulo com um trepador picapáu (*Picus*), manifestamente o que Spix denominou *P. albirostris*, e que, segundo Cuvier julga, tem analogia com o *P. Martius* de Linneo.

164. Occupa-se o autor de dar noticia geral dos orthopteros e lepidopteros. No Dicc. Braz. (pag. 42) lemos *tucuna*, e em Abbeville (fol. 255 e 255 v.) *pananpanam* e *araraa*.

165. Seguem varios hymenopteros da familia mellifera. Da *canajuba* trata Baena (Corog. pag. 121) e da *copueruçú* Carvalho (cap. 351) e Piso (pag. 287), que tambem se occupa da *Taturama* (pag. 289).

166. Outros da familia diptoptera de Latreille—e alguns dipteros etc. Abbeville escreve (para ser lido por Francezes) *tururugoire* e *merou* ou *berou* por *terigóa* e *merú*.

167. Mais dipteros, um orthoptero e um coleoptero da familia dos longicornios de Latreille, ou cerambycios de Lamk.

168. *Tapir-été* ou simplesmente *tapir* era o nome que davam

os indigenas ao conhecido pachyderme *Tapir americanus* que Buffon descreve no tomo undecimo de sua obra (Edic. de 4.°, pag. 444).— Os Castelhanos lhe chamaram *ante* e *danta*, e os Portuguezes *anta*, porque designavam a esse tempo com tal nome (derivado do arabigo que é semelhante) o bufalo (*Bos Bubalus* de Lin.) que havia na Africa e no sul da Europa, e cujas pelles curtidas de côr amarella, que muito se empregavam nos vestuarios e armaduras no seculo 16, poderam substituir pelas do nosso tapir, com mais vantagem ao menos no preço. A resistencia das couras de anta á estocada era proverbial.

169. *Jaguareté* ou *jaguar verdadeiro* é a Felis onça de Lin.

170. Ha talvez engano em suppor um animal *Felis* habitador dos rios ou amphibio; no tamanho das presas tambem deve haver engano; pois não podem ser de um palmo.

171. Julgamos mais acertado não querer reduzir sem bastante segurança as tres especies de cervos de que se occupa Soares; se bem que uma nos pareça o *C. rufus* de Cuvier, e outra o *C. tenuicornis* de Spix.

172. Occupa-se o autor do *tamanduá-açú* ou *Myrmecophaga jubata*. Segue-se talvez uma especie *aguarachaí* ou *Canis Azaræ*; e depois o coaty, especie de *Nasua*, o maracaiá ou *Felis trigrina* e o *serigué* ou gambá, que no Rio da Prata chamam *micuré*, especie do *Didelphis* de Linneo. Gandavo (fl. 22 v.) escreveu *cerigoês* e Vasconcellos (Liv. 2.°, not. 101) *çarigué*. — Ao bolso do abdomen chamavam os indigenas *tambeó*.

173. *Jaguarecaca* (talvez antes *jaguatecaca*) diz Soares ter sido o nome do conhecido *Mephitis fœda* de Ill., que Cazal (I., 64) designou por *Jaraticaca*.

174. Os pachydermes que se descrevem todos parecem *dicotyles* e nenhum *sus*. Deixemos a reducção das especies aos que tenham á vista bons exemplares adquiridos nas immediações da Bahia. — Os nomes nos manuscriptos não soffreram adulteração; mas hoje alguns variam em *caitetú*, *tayatitú* e *teririca*.

175. Poucas palavras teráõ soffrido entre nós mais variedade na orthographia do que a da *capivára*, que assim se pronuncia e escreve

hoje quasi geralmente o nome do *Hydrochœrus Capibara* de Cuvier. —

Os outros amphibios não podemos determinar só pelos nomes: um póde ser a *Mustela lutra brasiliensis*; os outros talvez *Viverras*.

176. Chama-se *Tatú-açú* ao *Tatú-aï* ou *Dasypus Unicinctus; tatú-bola* é o *D. tricintus*; os dois ultimos parecem ambos da especie *D. novemcinctus*.

177. As pacas e cotias bem conhecidas são, assim do vulgo como dos naturalistas. —*Cotimerim* ou antes *Coatimerim* é o estimado *Caximguenguelé*, especie do genero *Sciurus*.

178. O capitulo 104 dá razão de cinco animaes da ordem dos quadrumanos, cada um de seu genero. O guigó é *Callitrix;* a guariba *Mycetes*; os saguins da Bahia, *Jacchus;* os do Rio, *Midas*; e os anhangás ou diabos são evidentemente *Nocthora*.

179. Se o autor andou tão systematico no capitulo que acabamos de commentar, não succedeu assim no immediato, onde ajuntou varios animaes mui differentes: *Saviá* (ou talvez *Sauiá*) e seus compostos *S. tinga* e *S. coca*, são especies dos generos *Mus* e do *Kerodon* de Neuwied. —*Aperiás* são os *Preás* ou *Anœma Cobaia* L.: *Tapotim* é a *Lepus brasiliensis* de Gmelin; e *Jupati* um marsupial, provavelmente a denominada marmota *(Didelphis murina.)*

180. Para não interrompermos o pouco que falta da classe dos mammiferos, não nos deteremos com largo exame no capitulo em que Soares dá noticia de alguns reptís do genero *Emys*, e talvez de mais algum da familia *chelonida*. O nome brasilico *jabuti* já está tambem consignado nos tratados da sciencia zoologica, e nos museos do Universo.

181. A preguiça (genero *Bradypus* de Lin.) é pelo jesuita Vasconcellos denominada (Liv. 2.° n.°, 100) *Aig.* — *Haût* dizia Thevet.

182. Não sabemos como entende Soares que *Jupará* ou antes *Jurupará* queira dizer noite. *Jurú* significa boca, e noite ou escuro traduz-se por *pytuna*. — Sabemos que existe ainda nas nossas

provincias do norte um animal daquelle nome, que se caça de noite, quando vem comer fruta em certas arvores, e que em algumas terras lhe chamam *jurupary*. Este nome quasi equivalia entre os indigenas ao de *anhangá*. Assim talvez o animal seja algum do genero *Nocthora* (com. 178). O *cuandu*, *cuim* e *queiroá* são especies de *Hystrix*.

183. Encceta-se uma das ordens dos reptis com a giboia mui propriamente chamada *Boa Constrictor*. Actualmente ha duas dellas vivas no nosso museu. Veja-se a dissertação sobre Ophiologia do Sr. Burlamaque na Bibliotheca Guanabarense, que publica os trabalhos da *Sociedade Vellosiana* (Agosto de 1851.)

184. São conhecidos os ophidios de que trata o capitulo. Ao ultimo chamou Abbeville *Tarchuboy*, e Baena (Cor. do Pará p. 114) *Tarahiraboia*.

185. Hoje diz-se vulgarmente jararaca (*Trigonocephalus jararaca*, Cuv.) — A *ububocá* ou *coral*, pelo nome, deve ser a *Elaps Marcgravii* de Spix.

186. O nome de *Boiciningа* cahiu em desuso e só ficou o de cascavel (*Crotalus Cascavella*). Os Chiriguanos chamavam-lhe *emboicini* o *boiquirá*; assim como, segundo J. Jolis (Saggio del Chaco p. 350), chamavam *boitiapó* á que Soares diz *Boitiapoia*, mais conhecida por *cobra de cipó*, talvez pelo uso dos indigenas de açoutarem com ella, pelas cadeiras, a suas mulheres quando lhes não davam filhos.

Ubojara é naturalmente a *Cœcilia Ibiara*; Daud, pag. 63 e 64.

187. *Trigonocephalus Surucucu* chama Cuvier ao ophidio que em vulgar designamos com este ultimo nome. — O ubiracoá parece a *Natrix punctatissima* de Spix. Os outros são talvez especies de *Xiphosoma*. *Urapiagára* ou *Guiraupiagára* quer dizer «comedora dos ovos dos passaros.»

188. Na ordem dos saurios menciona Soares um jacaré, que como se sabe é genero da familia dos crocodilos. — Sanambús e Tijús (ou Teyús) são *Iguanas*. *Anijuacanga* talvez seja adulteração de *Teju-acanga*.

189. Trata-se de alguns amphibios da familia *Ranidæ*. — O sapo é o *Pipa Cururú* de Spix. *Juî-giá*-quer dizer rã do gemido, — e por este nome é hoje conhecido em algumas provincias este batrachio.

190. Não sabemos individuar os apteros myriapodes, que Soares descreve neste capitulo, por nossa mingua de conhecimentos entomologicos, e falta de collecções que nos sirvam de guia. Piso (p. 287) escreve *Ambuá*.

191. Outro tanto dizemos acerca dos pyrilampos ou vagalumes que devem naturalmente pertencer, como os que conhecemos, á ordem dos Coleopteros. — Piso (p. 291) disse *Memoá*.

192. Da classe arachnidea trata-se no capitulo 118, bem como dos articulados do genero Scorpio, Mygala, etc.

193. Não nos foi possivel encontrar collecções contendo os Hymenopteros tratados nos quatro capitulos que seguem. Abbeville (fol. 255 v.) chama *Ussa-ouuc* á formiga saúba ou tocanteira.

194. A palavra *goajugoajú* parece-nos não ter soffrido adulteração: é uma *Formica destructrix*.

195. O Diccionario de Moraes anda falta de um accento na segunda syllaba da palavra *Içás*.

196. *Tacyba* é em geral a palavra para dizer formiga na lingua guaraní.

197. *Copi* ou *Cupim* é o conhecido *Termes fatale* de Lin. (Cuvier T. 3.ᵉ p. 443). — Neste capitulo ha no nosso texto melhoramentos de variantes importantes.

198. Abbeville (fol 256) chama *tou* ao que Soares e o Padre Luiz Figueira (Gram. p. 48) dizem *tunga*, e *Attun* Hans Staden. É a *nigua* dos Hespanhoes, e *chique* dos Francezes (Labat, *Viag.* 1724; T. 1.ᵉ p. 52 e 53.)

199. O nome *pirapuã* dado pelos indigenas ao cetaceo baléa póde traduzir-se por peixe redondo — ou — peixe ilha.

200. Segundo nos informa o Sr. Maia não consta que o espadarte frequente hoje a nossa costa. E se nunca a frequentou é elle de opinião que o de que Soares trata seja antes o *Histiophorus*

americanus de Cuv. O peixe monstro de que se faz menção seria naturalmente algum cachalote de extraordinario tamanho.

201. A idéa de homens marinhos era familiar aos Indios. Gandavo (fol. 32) dá noticia delles, com o mesmo nome que Soares, apenas diversamente escripto, — *Hipupiára*. O P. João Daniel no Thesouro do Amazonas (P. 1.ª cap. 11) tambem se mostra em tal assumpto credulo. — Soares não poude ser superior ao que terminantemente ouvia afirmar, e ao seu seculo; pois que era idéa antiga tambem na Europa, com as serêas etc. Bem conhecida é a passagem de Dante tantas vezes citada:

> « Che sotto l'acqua ha gente che sospira,
> E fanno pullular quest' acqua al summo. »

As assaltadas de que se faz menção seriam talvez obra de tubarões ou de jacarés, uma vez que por ali não consta haver phocas.

202. Trata o cap. 128 de peixes dos generos Pristis, Squalus, etc. Romeiro é o *Echeneis Remora* de Lin. Abbeville (fol. 245 v.) escreveu *Araouaoua*, e Thevet (*Singul.* fol. 133 e *Cosmogr.* fol. 967 v.) *Houperou*, o que comprova a exactidão nos termos *Aragoagoay* e *Uperu* de Soares, attendida naquelles a orthographia franceza.

203. *Goarágua* ou *Guarabá* (Dicc. Braz. p. 60.) é o conhecido cetaceo do genero Trichechus.

204. O beijupirá, sem questão o mais estimado peixe do Brazil como assevera Soares, é o scomberoide antes denominado Centronotus, e hoje classificado como *Elacate americana* (Cuv. e Val. Hist. des Pois. 8,334) Olho de boi (que deve ser algum *Thinnus*) diz-se em guarani *Tapir-siçá*. Do *Camoropi* tratam Laet (p. 570), Lago (p. 62), Abbeville (fol. 244), Gandavo e Pitta (p. 42).

205. Ainda que sejam mui nomeados os peixes que Soares reuniu no capitulo 131, confessamos que só d'elles conhecemos a cavalla, scomberoide do genero Cybium (Cuv. e Val., *Hist. des Pois.*, om. 8.º, pag. 181.)

206. Melhor acertamos ácerca dos peixes cartilaginosos. *Panapaná* (nome que tambem nos transmittem Thevet e Abbeville) é a *Zygena malleus* de Valenciennes, genero da familia dos *Squalidæ*, bem

como os cações. Os bagres são *Siluridæ* talvez do genero Galeichthys e Pimelodus. Piso trata d'elles com nomes analogos *Curui* e *Urutú*. Caramurú é um cyclostomo, talvez Petromyzon. As raias do Brazil são de varios generos: Raia, Pastinaca e Rhinoptera: e os nossos pescadores d'esta parte da costa as distinguem com as denominações de Santa, Barboleta e Manteiga, Ticonha, Boi (a negra), Treme-treme, &c. Jabybyra é significado que se confirma no Diccionario Brazilico, pag. 66.

207. Preparemo-nos para encontrar em um capitulo peixes muito dissemilhantes entre si. — Vereis ao lado de algum Lobotes (?) um Thynnus, uma Coryphena, um Scomber, um Serranus, um Elops. Julgamos o roncador dos Scienidas, as agulhas dos Esocidas, o peixe porco dos Balistidas e este ultimo mui provavelmente Monocanthus. Quanto aos nomes indigenas temos por exactos todos os do nosso texto. — *Guaibi-coara* explica a denominação que menciona Piso (pag. 56); por quanto guaibi ou guaimim (segundo escreveu o autor do Diccionario Brazilico) quer dizer velha. *Jurucuá* é, segundo Piso, o nome das tartarugas, que Soares teve a lembrança pouco feliz de arrumar n'este capitulo.

208. De novo attende Soares a outros peixes, como se juntos tivessem sahido de um lanço de rede. Trata-se primeiro da *Mugil Albula* de Linneo, que é dos mais abundantes da nossa costa.

O peixe gallo em questão é do genero Argyreyosus ou do Blepharis, ou de algum dos outros que constituiam o Zeus de Lin, os quaes se podem comprehender na familia dos Scomberoides. *Pororé* é o nome que significa enxada; porém a enxada peixe, ou o peixe enxada é da familia chetodontida, e do genero Ephippus, quanto alcançam nossos exames. A coirimá ou coriman, pertence ao citado genero Mugil. Arobori deve ser dos Clupidas, e carapeba do genero Sciena.

209. Jaguariçá é naturalmente da familia dos Cyprinidas; — pirasaquê do genero Conger. O bodião é peixe differente, segundo os paizes. — O nome *Atucupá* verifica-se pelo de *Oatucupâ*, que dá o Dicc. Braz., (pag. 62) para a pescada.

A palavra *Goaybi-coati* tem o que quer que seja que ver com velha (com. 207.)

210. Uramaçá ou aramaçá, segundo os que seguem Marcgraf, é do genero Pleuronectes. Aimoré parece um Lophius.—O baiacú é um Tetraodon e o pira-quiroá um Diodon. Estes dous peixes da familia gymnodontida servem de confirmar a propriedade que guardavam os Guaranis em suas denominações: ao baiacú que ainda hoje serve de proverbial comparação para os que imitam a rã da fabula, designaram elles por sapo; e pira-quiroá traduzido ao pé da letra quer dizer peixe-ouriço ou peixe porco-espinho, nome dado pelos pescadores. Concluiremos o que temos a dizer sobre o cap. 136, depois de parar algum tempo admirando Soares a descrever a *Malthea Vespertilio*, que tão frequente é em nossas aguas, com o nome de morcego do mar. Foi com um exemplar preparado, que tem o nosso museo do Rio de Janeiro, e depois com outro que se acabava de pescar, á vista, que tivemos bem occasião de admirar o genio observador e talento descriptivo de Soares. *Vacupuá* é seguramente adulteração de *Baiacu-puá*.

211. Deixamos para os que venham a fazer ex-professo estudos sobre a nossa Ichtyologia, tão pouco estudada até agora, os exames que não nos é possivel ultimar á cerca da doutrina deste capitulo, além do muito que deixamos nos capitulos já commentados. O de que tratamos conclue com um crustaceo bem conhecido.

212. Seguem outros crustaceos.—Ussá é o Cancer uca de L. ou Ocypode fossor de Latr.

213. Mais crustaceos do genero Cancer, Grapsus, etc.—O uso já admittiu a pronuncia e orthographia de *Serî* com preferencia a todas as outras. O nosso autor dava-lhe novo cunho de autoridade.

214. *Lerî* é o nome generico da ostra, e ainda nos lembramos da graça que os Tamoios acharam ao francez Lery de ter um nome como o d'elles. Abbeville (fol. 204) diz Rery, e d'esta maneira de pronunciar (mais exacta visto qne segundo Soares os indigenas não tinham o l de Lei) veio Reritygba (Vasconc. not. 59.)

215. Os testaceos de que trata Soares são conhecidamente Anodon, Unio, Mytilus.

216. Descreve-se a Ampularia Gigas de Spix, alguns Bulimus, Helix, etc. Nos nomes indigenas notam-se variantes dos do texto academico que traz o *Papesi*, *Oatapesi* e *Jatetaosu* differentes.

217. Comprehende o capitulo varios Echinodermes, Parenchymatosos, Polypos, etc.

218. São-nos mui familiares os nomes e o gosto dos peixes lembrados no cap. 144, os quaes se encontram nos rios do sertão: mas sem exemplares á vista não queremos arriscar opinião sobre o logar que elles occupam na Ichtyologia, sendo mui natural que pela maior parte estejam por classificar: ainda assim conservamos lembrança da forma petromyzonida dos muçús; da cyprinida das trahiras; da silurea dos tamoatâs; da percida dos ocarîs, etc.

219. Vem de novo alguns testaceos e crustaceos: são Anodon, Helix, Unio, etc., de agua doce.

220. O texto da academia nomeava *Goachamoi* o que em outros codices lemos *Guoanhamú*: hoje dizemos *Ganhamú*.

221. Não havia, e insistimos ainda n'esta idéa, no Brazil nação Tapuia. Esta palavra quer dizer contrario, e os indigenas a applicavam até aos Francezes, contrarios dos nossos, chamando-lhes *Tapuytinga*, isto é *Tapuia* branco. (Veja-se o Dicc. Braz., Lisb.: 1795, pag. 42). Antigamente no Brazil, como actualmente ainda no Pará, chamava-se tapuia ao gentio bravo; e tapuia se iam chamando uns aos outros, os mais aos menos civilisados. Quando os Tupis invadiram o Brazil do norte para o sul (e não do sul para o norte como pretendeu Hervas e com elle Martius), chamaram *Tapuias* ás raças que elles expulsaram. — Os Tupis, que a si se chamavam Tupinambás ou Tupis abalisados, foram logo seguidos de outros de sua mesma raça, que se chamavam tambem a si Tupinambás, e deram aos vencidos, que empurraram para o sul e para o sertão, o nome de *Tupiikis* e de *Tupin-aem*, isto é Tupîs lateraes e Tupis máos, como já dissemos (com. 39).

222. O fraccionamento crescente na raça tupica, que se estendia por quasi todo o Brazil na época do descobrimento, era tal, que não exageram os que crêem que a não ter lugar a colonisação europea, a

mesma raça devia perecer assassinada por suas proprias mãos; como quasi vai succedendo n'esses mattos virgens em que temos Indios bravos, fazendo-se uns a outros crua guerra. — Sem a desunião da raça tupica nunca houvera uma nação pequena como Portugal colonisado extensão de terra tão grande como a que vai do Amazonas ao Prata. — Os primeiros colonos seguravam-se na terra á custa d'esta desunião, protegendo sempre um dos partidos, que com essa superioridade ficava vencedor, e se unia aos da nova colonia, mesclando-se com ella em interesses, e até em relações de parentesco, &c. Ás vezes chegavam a fomentar a desunião politica, o que não deve admirar quando vemos que isto ainda hoje é seguido, e que nações, aliás poderosas, não conquistariam muitas vezes nações fracas, se dentro d'estas não achassem partidos discordes em quem podesse encontrar ponto de apoio sua alavanca terrivel.

223. O nome indigena do termo da Bahia deve estar certo, porquanto os Jesuitas o repetem escrevendo-o porém *Quigrigmuré.* — Cremos ser a mesma Bahia o local a que se quiz referir Thevet (fl. 129) com o nome de Pointe de *Crouestmourou.* Não andaria porém já n'este nome a idéa da residencia do Caramurú?

224. N'este capitulo confirma Soares que o nome dos indigenas, antes de se dividirem, era o de Tupinambás: — e que fallavam geralmente a mesma lingua por toda a costa, e tinham os mesmos costumes, &c.

225. O principal ou cacique dos Tupinambás tinha (e tem ainda) entre elles o nome de *morubixaba.* No nosso museo ha o retrato de um de Mato-Grosso todo vestido de gala, e que no baptismo se chamou (como o governador) José Saturnino.

226. A respeito da condição da mulher entre os Tupinambás consulte-se o que nos diz o P. Anchieta (Tom. 1.° da 2.ª S. da Rev. do Inst., pag. 254) Esse escripto de Anchieta devemos á bondade do nosso amigo o Sr. Dr. Cunha Rivara, bibliothecario de Evora, e que tantos outros serviços tem prestado ás lettras brazileiras.

227. As axorcas usadas pelas mulheres eram denominadas como

diz o nosso autor; pois que o confirma Abbeville escrevendo (fl. 274) *Tabacourá.*

228. Os primeiros apellidos derivavam entre os Tupis, segundo Soares, 1.º de animaes, 2.º de peixes, 3.º de arvores, 4.º de mantimentos, 5.º de peças de armas, &c.

É o que succede por toda a parte com a raça humana. Nos nossos mesmos nomes não acontece isso? Vejamos: — 1.º Leões, Lobos, Coelhos, Cordeiros, Carneiros, Pacas, &c.; 2.º Sardinhas, Lamprêas, Romeiros, &c. 3.º Pinheiros, Pereiras, Titara, &c. 4.º Leites, Farinhas, Trigos, Cajús, &c. 5.º Lanças, Couraças, &c. O que dizemos dos nossos nomes póde applicar-se aos inglezes, francezes, allemães, &c.

229. *Metará* era o nome indigeno dos botoques da cara: ás vezes tinham a fórma de uma bolota grande; outras vezes eram como uma muleta em miniatura. É claro que com taes corpos estranhos na boca e nas faces, a falla dos gentios se difficultava ou antes era mais difficil entende-los, nem que tivessem a boca cheia, como diz Thevet. Quando tiravam o botoque sahia a saliva pelo buraco, e por graça deitavam elles ás vezes por ali a lingua de fóra. Temos visto botoques de marmore, de ambar e de cristal de rocha.

230. O bicho em questão de pelle peçonhenta é descripto por Soares no cap. 66, sob o nome de *Socaúna.*

231. O parentesco mais prezado d'este gentio depois do de pai a filho, era o de tio paterno a sobrinho. Pelo sangue de mãi não havia parentesco, o que tambem era admittido entre os antigos Egypcios. Os Romanos tambem faziam grande differença entre o parentesco dos tios paternos e maternos distinguindo *patruus* de *avunculus*, e sendo aquelle o segundo pai, padrinho ou preceptor nato. Assim a idéa da *fraternidade* de que o Evangelho se serviu, e se servem hoje os philantropos como prototypa dos sentimentos da piedade e caridade, não era a que grassava entre essas raças: e na verdade já desde Caim e Abel, os irmãos por via de rivalidades quotidianas, nem sempre são modelo dos sentimentos puros, caridosos e pios que o christianismo quiz symbolisar com a fraternidade. Os Tupis da-

vam preferencia ao parentesco do *patruismo*, e diziam-se por ventura uns aos outros tios, como nós hoje em communhão social nos dizemos irmãos. Em Hespanha e Portugal, e mesmo entre nós no sertão, ainda se chama *tio* a qualquer homem do campo ou do mato a quem se não sabe o nome; *irmão* diz-se só aos pobres, quando se lhes não dá esmola, e *pai* ou *paisinho* aos pretos; sobretudo quando velhos.— Temos idéa de haver lido que o uso antigo de chamar-se a gente por tios, procede do tempo dos Phenicios e dos Egypcios.—Sendo assim teriamos n'este factos mais um ponto de contacto para a possibilidade de relações de outr'ora entre o Egypto e a America, á cérca do que Lord Kingsborough apresentou tantas probabilidades. E' certo que a mesma expressão *Tupi* quer dizer tio, segundo Montoya, e póde muito bem ser que o nome que hoje damos á raça não signifique senão *tios*; assim Tupi-mbá significaria os tios boa gente; *Tupi-aem* os tios máos; *Tupi-ikis* os tios *contiguos*, etc. Os nossos africanos ainda se tratam mutuamente por tios, — e talvez que não só em virtude do uso europeo, como do dos Tupis, e quem sabe se mesmo d'elles africanos. Não faltará quem ache estas nossas opiniões demasiado metaphysicas; mas são filhas de duvidas que temos, e publicando-as não fazemos mais que leva-las ao terreiro da discussão.

232. Segundo Thevet (fl. 114 v.) para fazer o sal ferviam a agua do mar até engrossa-la e ficar ella em metade, e tinham então uma substancia com que faziam cristalisar esta calda salitrosa.

233. O *timbó e tinguî* são o trovisco do Brazil—Quanto á criação de animaes e passaros domesticos era ella anterior á colonisação; por quanto já da carta de Pero Vaz de Caminha se vê que com isso se occupavam os das aldêas vizinhas a Porto Seguro.

234. Recommendamos a leitura d'este capitulo 160 aos que sustentam o pouco prestimo do nosso gentio, que por *philantropia* estamos deixando nos matos tragando-se uns aos outros, e caçando os nossos africanos (a que chamam *macacos do chão)* só para os comer!

235. O uso de comer terra e de mascar barro é cousa ainda hoje vista entre alguns caboclos e moleques.

237. Tambem chamamos a attenção sobre este capitulo. Tal é a

magia da musica e da poesia que a apreciam até os povos sepultado na maior brutalidade.

237. Quanto aqui se relata é confirmado por Lery, Thevet, Fernão Cardim e mais viajantes antigos.— *Ereiupê* era o Salamaláh da raça túpi.

238. Cangoeira de fumo era nem mais nem menos do que um cigarro monstro, cuja capa exterior se fazia de folha de palmeira, em logar de ser de papel, ou de folha de milho ou do mesmo tabaco.

239. O uso de curar feridas com fogo debaixo de si foi advertido por Pero Lopes, quando diz que se curavam ao *fumo*.

O ultimo § d'este capitulo não se encontra no texto da Academia.

240. O apuro dos sentidos entre os indigenas é proverbial; e ainda nos tempos modernos se vê confirmado por todos os viajantes que tem visitado as cabildas errantes em nossas matas.

241. Em vez de *tajupares* escreveu o autor do Dicc. Braz. (p. 21) *tejupaba*, e Abbeville (fol. 63 v. e 121) *aiupawe*.

242. *Caiçá* era o nome do tapigo, tapume silvado ou sebe, que fazia a contracerca ou circumvalação das tranqueiras ou palancas. É palavra que se encontra tres vezes na *Relação da tomada da Parahiba* do P. Jeronymo Machado. *Cazia* diz o texto academico.

243. Como typo da eloquencia guerreira indigena eram consideradas as declamações do *celebre* principal Quoniambebe, de quem trataremos em outra occasião.

244. O appelido de nascença, de que tratámos (com. 228), só servia aos indigenas em quanto por alguma façanha não conquistavam outro mais honroso. Póde-se dizer que com este segundo nome ficavam titulares. Para memoria dos novos titulos sarjavam o corpo de riscos indeleveis; o que era honra de que só usava quem a conquistava. Eram os riscos como uma farda ou condecoração, que promoveriam o riso, quando trazidos por quem não as houvesse de direito.

245. *Mazaraca* dizia aqui, em vez de *muçurana*, o texto academico. — As relações dos prisioneiros com as gentias, que lhes davam por companheiras, poderia talvez explicar a salvação de alguns. Deste modo encaramos o assumpto do Caramurú como romance historico.

246. Era para o gentio reputado vil cobardia do prisioneiro o não afrontar a morte com arrogancia, e o não exhalar o ultimo suspiro com alguma afronta contra os vencedores. Assim os indigenas deviam fazer triste idéa dos christãos quando elles pediam a Deus misericordia na hora da morte, ou faziam alguma outra supplica. Foi por isso que a camara da Bahia, representando ao rei contra a inefficacia das ordens regias de se levarem os mesmos indigenas por meios de brandura, disse que elles não agradeciam esses meios brandos, antes se enfatuavam mais com elles, imaginando que provinham de medo. — «Se V. A. quizer tomar informações por pessoas que bem conheçam a qualidade do gentio desta terra achará que por mal e não por bem se hão de sujeitar e trazer á fé; porque tudo o que por amor lhe fazem attribuem é com medo e se danam com isso» — O mesmo assegura Thevet na sua Cosmogr. fol. 909, fallando dos antigos Tupinambás ou Tamoios do Rio de Janeiro. «Et estiment celuy là poltron, et lasche de cœur, lequel ayant le dessus de son ennemy, le laisse aller sans se venger, et sans le massacrer» É o que ainda succede com os dos nossos sertões. Os bugres recebem presentes de ferrinhos que no anno seguinte enviam contra o bemfeitor mui aguçados, nas pontas de suas frechas; ou assassinam aquelles que, depois de lhes fazer presentes, nelles confiam. Ainda temos na idéa o horror que nos causou o assassinato do sertanista Barboza, e seus dous companheiros, descripto em um numero anterior (n.° 19) da *Revista do Instituto.*

247. *Embagadura* é o nome do punho da espada tangapema; acha-se repetido neste tratado no cap. 80.

248. *Moquem* (donde derivou o nosso verbo *moquear*) é a mesma expressão que na America do Norte se converteu em *boucan,* donde veio bucaneiro.

249. Por este capitulo 175 vemos que entre os Tupinambás da Bahia só os moços iam á cova dentro de talhas pintadas (*iguaçabas* ou *camucins*): falta pois examinar se essas mumias acocoradas que se tem encontrado em talhas contém cadaveres que se possam julgar de pessoas adultas.

250. Algumas particularidades narradas por Soares tem analogia

com o que praticava a antiguidade, tanto no que respeita ao carpir os mortos, como ao desamparar ou matar os doentes em perigo.

251. O pequeno mui alvo de que dá noticia Soares, quanto a nós, é o caso de um albino na raça tupinambá. Não temos noticia de outros factos ou exames a tal respeito.

A frequencia e familiaridade com que Soares se serve já em seu tempo da palavra *mameluco* faz-nos crer que ella foi adoptada no Brazil com analogia ao que se passava na Europa. — Sem nos occuparmos da etymologia dessa palavra (que é arabe, lingua que não conhecemos), nem das accepções differentes em que foi tomada, sabemos que no seculo XV e XVI chamavam vulgarmente na Hespanha, e talvez tambem em Portugal, mamelucos os filhos de christão e moura ou de mouro e christã. O nome brasilico para mestiço era *Caribóca*, que hoje se emprega n'outra accepção.

252. *Tabuáras* dizem algumas copias em vez de Tapuras, o que pouco dista de Tapuias. Abbeville (fol. 261 v.) é de parecer que *Tabaiares* quer dizer grandes inimigos; assim será: mas não se confunda com *Tabajaras* que quer dizer *Os das Aldêas* ou *Os Aldeões*: Talvez o nome em questão se devesse antes ler *Tapurá*, e neste caso seria quasi o mesmo que *Tubirá* ou *Timbirá* que ainda hoje se dá a uma nação do sertão: *Timbirá* é nome injurioso como patife.

253. Pelo que nos revela Soares a invasão dos Tupinaéns devia ser muito numerosa; por quanto diz que elles « andavam correndo toda a costa do Brazil » antes da vinda dos Tupinambás.

254. Amoipiras quer dizer os — Parentes crueis — *Amôig* — parente (*Tesoro* de Montoya fol. 32 v.) e *Pira*, cruel fol. 297 v. Merece pois quanto a nós menos credito a etymologia de Soares de um chefe chamado Amoipira.

255. O que Soares conta da industria dos Amoipiras é applicavel em tudo ao que praticava o mais gentio antes de communicar com os Europeos.

No nosso museo da Côrte e no do Instituto Historico se guardam varios utensis em tudo primitivos. As folhas dos machados eram umas cunhas de pedra esverdeada como de syenito ou diorito, bem que pela

dureza se deviam julgar de porfido. — De pedra usavam tambem grandes bordões, como as alavancas ordinarias, que lhes serviriam de arma offensiva, e a perfeição como são feitas basta para caracterisar a paciencia dos artistas, que não usavam de metaes, nem de mós.

256. Vasconcellos (p. 146 e 148) dá noticia de outra nação de *Igbirayáras* a que os nossos chamavam bilreiros, no sul do Brazil.

Temos de novo que lastimar a credulidade do seculo: agora são mulheres de uma só teta, que pelejavam como Amazonas.

257. Soares com seu espirito penetrante, explica a verdadeira causa da victoria dos estrangeiros Tupis contra as antigas raças que habitavam o nosso territorio pela desunião d'ellas entre si: «Por onde se diminuem em poder para não poderem resistir a seus contrarios, com forças necessarias, por se fiarem muito em seu esforço e animo, não entendendo o que está tão entendido que o esforço dos poucos não póde resistir ao poder dos muitos.»

258. O nome de *Maracás* procedeu talvez, segundo muito bem nos lembra o nosso erudito amigo o Sr. Joaquim Caetano da Silva, de tremerem elles com a falla e imitarem com isso a bulha dos maracás.

259. Allude Soares, e só por informações geraes, a todo gentio que habitava as terras das hoje provincias de Goyaz, Matto Grosso e Pará.

260. Os habitantes das serras do sertão que viviam como troglodictas seriam naturalmente os Parecîs.

261. A rocha que tanta admiração causa ao autor é talvez alguma de formação secundaria ou terciaria abundante de incrustações.

262. As pedras d'alfebas são naturalmente productos zoophytos.— Com as *fôrmas* feitas de barro, sem ser louça nem telha e tijollo (se não houve erro dos copistas), queria talvez Soares designar os potes, cantaros, etc.

263. Dá uma idéa da prosperidade da Bahia em 1587 o haver ahi 240 carpinteiros e 50 tendas de ferreiros, com seus obreiros.

264. Da arvore *camaçarí* tratou sufficientemente Soares no cap. 67. — Cremos que até hoje não se tem ninguem aproveitado de sua lembrança para fabricar d'ella alcatrão e mais productos resinosos,

como a therebentina, breu e o competente acido pyrolenhoso ou agua russa.

265. A palmeira de cujas *barbas* diz Soares que se faziam amarras era a conhecida *Piassaba*, nome que em Portugal se adoptou pronunciando-o *piaçá*.

266. *Adargoeiro* é talvez a arvore africana que hoje se diz *dragoeiro* que dá o sangue de Drago; e o nome dragoeiro anda corrompido se acaso a madeira da arvore serviu alguma vez para adargas.

267. Soares levado de bons desejos acreditou na existencia de minas de aço, e imaginou por ventura que o aço se tirava em Milão da rocha, já prompto.

Quanto ao que diz do cobre nativo não tardou que os factos o confirmassem, a ponto que de junto da Caxoeira sahiu um dos maiores pedaços de cobre nativo conhecidos, qual é que se guarda na Historia Natural de Lisboa.

268. Já dá Soares noticia que no seu tempo vinham do sertão de mistura com o cristal « pontas *oitavadas* como diamantes *lavradas pela natureza* de muita formosura e resplandor. »

Não teremos aqui a primeira noticia de diamantes no sertão da Bahia? — Quando ás pedras verdes dos beiços, que que se tiravam de montanhas já d'ellas faz menção Thevet (fol. 121) em 1557. Cabral viu já dessas pedras em 1500, segundo Caminha.

269. As esmeraldas descobertas no seculo 16 seriam naturalmente as turmalinas. Thevet (France Antarctique fol. 63) diz ter visto pedras que se podiam julgar verdadeiras esmeraldas.

As rochas eram evidentemente de amethista ou quartzo hyalin violeta, cuja abundancia em nossos sertões é tal que foi causa de que baixassem de preço no mercado taes pedras.

270. Soares não contente com ter inculcado a um valido de Filippe II a grande importancia do Brazil (no livro que por vezes elle denomina francamente *Tratado*), receoso que essa côrte, onde só se attendia ás riquezas do Perú e á guerra aos hereges, não se commovesse senão por alicientes analogos, conclue sua obra com asseverar: 1.°, que das minas do Brazil poderiam quasi, sem trabalhos nem des-

pezas, tirar mais riquezas do que das Indias Occidentaes; 2.º, que se não cuidavam do Brazil e os Lutheranos viessem a saber o que por cá havia, não tardariam em se assenhorear da Bahia, e se o chegassem a effectuar muito custaria a botal-os fóra.

Estas duas verdades profeticas fariam só por si a reputação de um homem, ainda quando elle não houvesse escripto, como Soares, um Tratado verdadeiramente encyclopedico do Brazil.— Os Hollandezes vieram na America vingar-se de Filippe II e do seu Duque de Alba, e as minas de *Minas* inundaram o Universo, do seculo passado para cá, de oiro e diamantes. — Do homem superior que tinha entregue grande parte do seu tempo a observar, a meditar e a escrever nenhum caso naturalmente se fez. O seu livro esteve quasi dous seculos e meio sem publicar-se, e o autor naturalmente depois da dilacção (como elle diz) de seus requerimentos em Madrid, veio a passar vida tão obscura que nem sabido é quando, nem onde morreu. Assim aconteceu tambem, e ainda outro dia, ao homem que depois de Soares mais noticias deu a cêrca do Brazil: — ao modesto autor da Corographia Brazilica.

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1851.

F. Adolpho de Varnhagen.

INDICE

DA OBRA E DOS COMMENTARIOS DE GABRIEL SOARES

ARRANJADO PELO COMMENTADOR.

	Pag.	Com.	Pág. do Com
DEDICATORIA.	V		

PARTE PRIMEIRA.

ROTEIRO GERAL DA COSTA BRAZILICA.

Proemio	13		
CAPITULOS:			
1. Primeiros descobridores do Brazil, e como está arrumado	15	1	369
2. Repartição que fizeram os reis catholicos com El-Rei D. João II. de Portugal.	16	2	ib.
3. Donde começa a correr a costa do Brazil.	17	3	ib.
4. Do rio Amazonas.	18	4	ib.
5. Costa do Amazonas até o Maranhão.	20	5	ib.
6. Do Maranhão até o Rio Grande.	21	6	371
7. Do Rio Grande até o de Jagoarive	22	7	ib.
8. Do Jagoarive até o Cabo de S. Roque	24	8	ib.
9. Do Cabo de S. Roque até o porto dos Buzios. . .	25	9	ib.
10. Do porto dos Buzios até a bahia da Traição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania	26	10	ib.
11. Da bahia da Traição até a Parahiba.	27	11	ib.
12. Como se tornou a commetter a povoação da Parahiba	28	12	ib.
13. Vida e costumes do gentio Petigoar	30	13	ib.
14. Do rio da Parahiba até Tamaracá, quem foi o primeiro capitão	31	14	ib.
15. Do rio de Igaroçú até Pernambuco	32	15	372
16. Da villa de Olinda, e da grandeza de seu termo, e quem foi o primeiro povoador d'ella	33	16	ib.
17. Do porto de Olinda até o cabo de S. Agostinho. .	35	17	ib.
18. Do cabo e rio de Ipojuca até o Rio de S. Francisco.	36	18	ib.
19. Quem são os Caités	38	19	ib.
20. Da grandeza do rio de S. Francisco.	40	20	ib.
21. Do Rio de S. Francisco, até o de Seregipe. . . .	43	21	ib.
22. Do Rio Seregipe até o Rio Real	44	22	373
23. Do Rio Real, e de seus merecimentos.	45	23	ib.
24. Do Rio Real até o rio de Tapocuru	46	24	ib.
25. Do Itapocuru até Tatuapara	48	25	ib.
26. De Tatuapara até o rio de Joanes.	49	26	ib.
27. Do Rio de Joanes até á Bahia	50	27	ib.
28. Como Francisco Pereira Coutinho foi povoar a Bahia, e os trabalhos que n'isso teve.	51	28	ib.
29. Da ponta do Padrão até o rio Camamú.	53	29	ib.
30. Do rio de Camamú até os Ilhéos	55	30	374
31. Como se começou de povoar a capitania dos Ilheos.	56	31	ib.
32. Quem são os Aimorés.	57	32	ib.
33. Do Rio dos Ilheos até o Rio Grande.	60	33	ib.
34. Do Rio Grande até o de Santa Cruz	61	34	ib.
35. Do Rio de Santa Cruz até o de Porto Seguro. . .	62	35	375
36. Quem povoou a capitania de Porto Seguro . . .	64	36	ib.
37. De Porto Seguro até o Rio das Caravellas. . . .	66	37	ib.

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
38. Do Rio das Caravellas até o Cricaré.	67	38	ib
39. Quem são os Tupiniquins.	68	39	ib.
40. Do Cricaré até o rio Doce	69	40	ib.
41. Do rio Doce até o do Espirito Santo.	71	41	ib.
42. Capitania do Espirito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, que a foi povoar em pessoa	72	42	376
43. Do Espirito Santo até o Cabo de S. Thomé. . . .	75	43	ib.
44. Como Pedro de Goes foi povoar a sua capitania da Parahiba ou de S. Thomé	76	44	ib.
45. Quem são os Goitacazes?	77	45	ib.
46. Quem são os Papanazes?	78	46	ib.
47. Do cabo de S. Thomé até o Cabo Frio	79	47	377
48. Reconcavo do Cabo Frio	80	48	ib.
49. Do Cabo Frio até o Rio de Janeiro	81	49	ib
50. Entrada do Rio de Janeiro, e ilhas que tem defronte.	82	50	ib.
51. Bahia do Rio de Janeiro, da ponta do Pão-de-Assucar para dentro.	83	51	ib.
52. Dita da ponta da cidade para dentro	84	52	ib
53. Governador Mem de Sá no Rio de Janeiro. . .	86	53	ib.
54. Povoação d'esta cidade	88	54	378
55. Como foi governador do Rio de Janeiro, Antonio Salema	90	55	ib.
56. Conclue-se com o Rio de Janeiro com a tornada de Salvador Corrêa.	91	56	ib.
57. Costa do Rio até S. Vicente	92	57	ib.
58. Quem é o gentio Tamoio	93	58	ib.
59. Barra e povoações da capitania de S. Vicente. .	94	59	ib.
60. De quem é a capitania de S. Vicente?	95	60	ib.
61. Capitania de Santo Amaro	97	61	ib.
62. Fertilidade da terra de S. Vicente	98	62	379
63. Quem são os Goaianazes?	99	63	ib.
64. Costa do rio de Santo Amaro até á Cananéa . . .	100	64	ib.
65. Da Cananéa até o Rio de S. Francisco	101	65	ib.
66. Do Rio de S. Francisco até o de Itapocurú . . .	102	66	ib.
67. De Itapocurú até o Rio dos Patos	103	67	ib.
68. Costumes dos Carijós	103	68	ib.
69. Costa do Rio dos Patos até o da Alaguna. . . .	104	69	ib.
70. Do porto da Alaguna até o Rio de Martim Affonso .	105	70	380
71. Do Rio de Martim Affonso até o porto de S. Pedro .	106	71	ib.
72. Como corre a costa do Rio de S. Pedro até o cabo de Santa Maria.	107	72	ib.
73. Do cabo de Santa Maria até ao Rio da Prata . .	108	73	ib.
74. Ponta do Rio da Prata, da banda do Sul, até além da bahia de S. Mathias	109	74	ib.

PARTE SEGUNDA.

MEMORIAL E DECLARAÇÃO DAS GRANDEZAS DA BAHIA.

TITULO I. — Historia da Colonisação da Bahia.

1. Armada de Thomé de Souza.	111	75	ib.
2. Quem foi Thomé de Souza	111	76	ib
3. Edificação da Cidade do Salvador.	113	77	ib.
4. Nova armada em favor da colonisação.	114	78	ib.
5. Governo de Duarte da Costa	115	79	ib.

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
TITULO 2. — Descripção Topographica da Bahia.			
6. Clima da Bahia: curso dos ventos na costa, e das aguas nas monções.	117	80	ib.
7. Cidade do Salvador.	118	81	ib.
8. Sitio da cidade.	119	82	38
9. Como corre esta da Sé por diante	121	83	ib.
10. Como segue por este rumo	122	84	ib.
11. Como corre a mesma da banda da praça para a banda do Sul	ib.	85	ib.
12. Outras partes que a cidade tem para se notar . .	123	86	ib.
13. Como se tratam os moradores do Salvador e algumas qualidades suas	124	87	382
14. Como se póde defender a Bahia com mais facilidade	125	88	ib.
TITULO 3. — Da enseada da Bahia, suas ilhas, reconcavos, ribeiros e engenhos.			
15. Grandes qualidades que tem a Bahia	126	89	ib.
16. Barras que tem, e como está arrumada a ilha de Taparica	127	90	ib.
17. Como se navega para entrar na Bahia	128	91	ib.
18. Tamanho do mar da Bahia, e de algumas ilhas . .	129	92	ib.
19. Terra da Bahia da cidade até á ponta de Tapagipe, e suas ilhas.	130	93	383
20. Engenhos de assucar de Pirajá	131	94	ib.
21. Fazendas que ha da barra de Pirajá até o Rio de Matoim	132	95	ib.
22. Tamanho do Rio de Matoim e engenhos que tem .	133	96	ib.
23. Feição da terra da boca de Matoim até o esteiro de Metaripe, e mais engenhos.	135	97	ib.
24. Da terra da boca do esteiro de Mataripe até a ponta de Mairapé, e dos engenhos que em si tem .	137	98	ib.
25. Rio de Seregipe e terra d'elle á boca do Paragoaçú.	138	99	ib.
26. Grandeza do Rio Paragoaçú, e os seus engenhos .	140	100	384
27. Terra do Rio de Paragoaçú tocante á capitania de D. Alvaro.	142	101	ib.
28. Como corre a terra do rio de Paragoaçú ao longo do mar da Bahia até a boca de Jagoaripe, e por este rio acima.	143	102	ib.
29. Tamanho e formosura do rio Irajuhí, e seus reconcavos.	145	103	ib.
30. Da boca da barra de Jagoaripe, até Juquirijape, e d'ahi até o rio Una	146	104	ib.
31. Do Rio Una até Tinharé, e da ilha de Taparica, com outras ilhas.	148	105	ib.
32. Quantas igrejas, engenhos e embarcações tem a Bahia.	150	106	ib.
33. Fertilidade da Bahia, e como se n'ella dá o gado. .	151	107	ib.
TITULO 4. — Da agricultura da Bahia.			
34. Algumas arvores de Hespanha, e como se criam .	154	108	ib.
35. D'outros fructos estranhos	157	109	385
36. Das sementes de Hespanha, que se dão na Bahia .	158	110	ib.
37. Da mandioca	161	111	ib.
38. Das raizes da mandioca, e do para que servem . .	163	112	ib.
39. Quão terrivel é a agua da mandioca	164	113	ib.
40. Da farinha fresca que se faz da mandioca	165	114	389

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
41. Do muito para que prestam as raizes do carimá .	166	115	ib.
42. Da farinha de guerra, e como se faz da carimá . .	167	116	ib.
43. Dos aipins	169	117	ib.
44. Alguns mantimentos de raizes que se criam debaixo da terra.	170	118	387
45. Do milho	172	119	ib.
46. Legumes.	173	120	ib.
47. Dos amendoins (mandobins)	175	121	ib.
48. Quantas castas de pimenta ha	176	122	ib.
49. Dos cajús e cajuins.	177	123	389
50. Das Pacobeiras e Bananeiras.	179	124	ib.
51. Dos mamões e jacarateas	181	125	ib.
TITULO 5. — Das arvores e plantas indigenas que dão fructo que se come.			
52. De algumas arvores que dão fructos.	182	126	ib.
53. Da arvore dos ambús	183	127	390
54. De algumas arvores de fructo afastadas do mar, sapucaia, piquia, macugé, genipapo etc.. . . .	184	128	ib.
55. Em que se contém muitas castas de palmeiras, que dão fructo	189	129	ib.
56. Hervas que dão fructo	192	130	ib.
57. Dos ananazes	193	131	ib.
TITULO 6. — Das arvores medicinaes.			
58. Das arvores de virtude	195	132	391
59. Da embaiba e caraobuçú, e caraoba merim. . .	196	133	ib.
60. Da arvore da almecega, e de outras arvores de virtude	198	134	ib.
TITULO 7. — Das hervas medicinaes.			
61. Das hervas de virtude, tabaco, etc.	209	135	ib.
62. Como se cria o algodão, e de sua virtude, e de outros arbustos	201	136	392
63. Virtudes de outras hervas menores	204	137	ib.
TITULO 8. — Das arvores reaes e paus de lei.			
64. Do vinhatico e cedro	206	138	ib.
65. Do Pequihi, e de outras madeiras reaes	207	139	ib.
66. Em que se acaba a informação das arvores reaes .	209	140	393
TITULO 9. — Das arvores means com differentes propriedades, dos cipós e folhas uteis.			
67. Da camacari e guanandi	211	141	394
68. Das arvores que dão a envira	212	142	ib.
69. De algumas arvores muito duras	213	143	ib.
70. Arvores que se dão ao longo do mar	214	144	ib.
71. De algumas arvores moles	215	145	ib.
72. Algumas arvores de cheiro	217	146	395
73. Arvores de que se fazem remos, e hastes de lanças .	218	147	ib.
74. Algumas arvores que tem ruim cheiro	219	148	ib.
75. Arvores que dão fructos silvestres, que se não comem	220	149	ib.
76. Dos cipós, e para o que servem	221	150	ib.
77. Folhas proveitosas que se criam no mato	222	151	ib.
TITULO 10. — Das aves.			
78. Da aguia, emas etc	223	152	ib.
79. Do macucaguá, mutum, gallinhas do mato, etc . .	224	153	396

	Pag.	Com.	Pag. de Com.
80. Dos canindés, araras e tucanos	225	154	ib.
81. Das aves que se criam nos rios, e lagoas da agua doce	227	155	ib.
82. Das aves que se parecem com perdizes, rolas e pombas	228	156	ib.
83. Diversidades de papagaios que ha	229	157	ib.
84. Algumas aves da agua salgada	230	158	397
85. Aves de rapina	231	159	ib.
86. Algumas aves nocturnas	233	160	ib.
87. Alguns passaros de diversas côres e costumes	234	161	ib.
88. De alguns passarinhos que cantam	235	162	398
89. De outros passaros diversos	236	163	ib.

TITULO 11. — Da entomologia brazilica.

90. Alguns insectos com azas	238	164	ib.
91. Das abelhas	239	165	ib.
92. Das vespas e moscas	240	166	ib.
93. Dos mosquitos, grillos, bizouros e broca	241	167	ib.

TITULO 12. — Dos mammiferos terrestres e amphibios.

94. Das antas	243	168	ib.
95. Do jaguareté	244	169	399
96. Tigres e alimarias daninhas	245	170	ib.
97. Dos veados	246	171	ib.
98. Alimarias que se mantém de rapina	247	172	ib.
99. Entranheza do jaguaretacua	248	173	ib.
100. Dos porcos do mato	249	174	ib.
101. Dos porcos e outros bichos que se criam na agua doce	250	175	ib.
102. Dos tatús	251	176	400
103. Das pacas e cutias	253	177	ib.
104. Dos bogios	254	178	ib.
105. Diversidade dos ratos que se comem	255	179	ib.
106. Dos Kágados	256	180	ib.
107. Bicho que se chama preguiça	257	181	ib.
108. De outros animaes diversos	258	182	ib.

TITULO 13.—Da herpetographia e dos batrachios e varios outros.

109. Da cobra giboia	259	183	401
110. Cobras grandes que se criam nos rios	261	184	ib.
111. Das cobras de coral e das gereracas	262	185	ib.
112. Que cobras são as de cascavel, e as dos formigueiros	263	186	ib.
113. Cobras diversas	264	187	ib.
114. Dos lagartos e camelliões	265	188	ib.
115. Diversidade das rãns e sapos	266	189	402
116. Das lagartas	268	190	ib.
117. Das lucernas e de outro bicho estranho	269	191	ib.
118. Das aranhas e lacráos	270	192	ib

TITULO 14. — De varios hymenopteros etc.

119. Das formigas que mais damno fazem	271	193	ib.
120. Das formigas de passagem	272	194	ib.
121. De certas formigas grandes	273	195	ib.
122. Diversas castas de formigas	274	196	ib.
123. Do copim e dos carrapatos	275	197	ib.
124. De varios insectos sevandijas	276	198	ib.

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
TITULO 15. — Dos mammiferos marinhos e dos peixes do mar, camarões etc.			
125. Das balêas	278	199	ib.
126. Do espadarte, e de outro peixe não conhecido que deu á costa	279	200	ib.
127. Do que o autor julgava homens marinhos	280	201	403
128. Do peixe serra, tubarões, tuninhas e lixas	281	202	ib.
129. Do peixe-boi	282	203	ib.
130. Dos peixes prezados e grandes	283	204	ib.
131. Dos meros, cavallas, pescadas e xaréos	284	205	ib.
132. Dos peixes de couro	286	206	ib.
133. Das albacóras, bonitos, douradas, curvinas etc.	287	207	404
134. Peixes que se tomam em redes	288	208	ib.
135. Algumas castas de peixe medicinal	290	209	ib.
136. D'alguns peixes que se criam na lama, e andam sempre no fundo	291	210	405
137. Da qualidade de alguns peixinhos, e dos camarões	292	211	ib.
TITULO 16.—Dos crustaceos, molluscos, zoophytos, echinodernes etc. e dos peixes d'agua doce.			
138. Dos lagostins, e ucas	293	212	ib.
139. Diversas castas de caranguejos	295	213	ib.
140. Das ostras	296	214	ib.
141. De outros mariscos	297	215	ib.
142. Da diversidade de buzios	298	216	406
143. Estranhezas que o mar cria na Bahia	299	217	ib.
144. Dos peixes d'agua doce	301	218	ib.
145. Do marisco que se cria n'agua doce	302	219	ib.
146. Dos caranguejos do mato	304	220	ib.
TITULO 17. — Noticia ethnographica do gentio Tupinambá que povoava a Bahia.			
147. Que trata de quaes foram os primeiros povoadores da Bahia	305	221	ib.
148 Proporção e feição dos Tupinambás, e como se dividiram logo	306	222	ib.
149. Como se dividiram os Tupinambás	307	223	407
150. Linguagem dos Tupinambás	308	224	ib.
151. Das aldêas e seus principaes	309	225	ib.
152. Maneira dos casamentos dos Tupinambás e seus amores	311	226	ib.
153. Dos enfeites d'este gentio	312	227	ib.
154. Da creação que os Tupinambás dão aos filhos, e o que fazem quando lhes nascem	313	228	408
155. O com que os Tupinambás se fazem bizarros	314	229	ib.
156. Da luxuria d'estes barbaros	315	230	ib.
157. Das ceremonias que usam os Tupinambás nos seus parentescos	316	231	ib.
158. Do modo de comer e beber dos Tupinambás	317	232	409
159. Modo da grangearia dos Tupinambas, e de suas habilidades	319	233	ib.
160. De algumas habilidades e costumes dos Tupinambás.	329	234	ib.
161. Dos feiticeiros e dos que comem terra para se matarem	322	235	ib.
162. Das saudades dos Tupinambás, e como choram e cantam	323	286	ib.
163. Como os Tupinambás agazalham os hospedes	324	237	ib.
164. Do uso que os Tupinambás têem em seus conselhos, e das ceremonias que n'estes usam	325	238	ib.

	Pag.	Com.	Pag. do Com.
165. De como se este gentio cura em suas enfermidades.	326	239	ib.
166. Do grande conhecimento que os Tupinambás tem da terra	328	240	ib.
167. Como os Tupinambás se apercebem para irem á guerra	329	241	ib.
168. Como os Tupinambás dão a seus contrarios	330	242	ib.
169. Como os contrarios dos Tupinambás dão sobre elles, quando se recolhem	331	243	ib.
170. Como o Tupinamba que matou o contrario toma logo nome, e as ceremonias que n'isto fazem	333	244	ib.
171. Do tratamento que os Tupinambás fazem aos que captivam, e a mulher que lhe dão	334	245	ib.
172. Da festa e apparato que os Tupinambás fazem para matarem em terreiro a seus contrarios.	335	246	ib.
173. De como se enfeita e apparata o matador.	336	247	ib.
174. O que os Tupinambás fazem do contrario que mataram.	338	248	ib.
175. Das ceremonias que os Tupinambás fazem quando morre algum, e como o enterram.	339	249	ib.
176. Successor ao principal que morreu, e das ceremonias que faz sua mulher, e as que se fazem por morte d'ella tambem.	340	250	ib.
177. De como entre os Tupinambás ha muitos mamelucos que descendem dos Francezes, e de um Indio que se achou muito alvo.	341	251	ib.

TITULO 18. — Informações ethnographicas ácerca de outras nações visinhas da Bahia, como Tupinaé, Aimorés, Amoipira, Ubirajara, etc.

178. Dos Tupinaés.	343	252	ib.
179. Costumes, e trages dos Tupinaés	344	253	ib.
180. Quem são os Aimorés, e onde vivem.	345	254	ib.
181. Vida e costumes dos Amoipiras	346	255	ib.
182. Da vivenda dos Ubirajaras, e seus costumes.	347	256	ib.
183. Da terra que os Tapuias possuiram.	349	257	ib.
184. De quem são os Maracás.	350	258	ib.
185. Sitio em que vivem outras gentes, e parte de seus costumes	351	259	ib.
186. Alguns outros costumes	352	260	ib.

TITULO 19. — Recursos da Bahia para defender-se.

187. Pedra para fortificações	354	261	ib.
188. Commodo para se poder fazer cal, e como se faz	355	262	ib.
189. Dos aparelhos, para se fazerem grandes armadas.	356	263	ib.
190. Mais aparelhos para se fazerem armadas.	357	264	ib.
191. Aparelhos que faltam para as embarcações	358	265	ib.
192. Dito para se fazer polvora, picaria, e armas.	359	266	ib.

TITULO 20. — Metaes e pedras preciosas.

193. Do ferro, aço, e cobre	361	267	ib.
194. Das pedras verdes e azues do sertão.	362	268	ib.
195. Das esmeraldas e outras pedras	363	269	ib.
196. Da quantidade de ouro e prata.	364	270	ib.

ERRATAS.

Pag.	Lin.	Erro	Emenda
26	13	Itacoatajara	Itacoatigara.
30	3, 14, e 16	Pitagoar	Pitiguar.
31	28	idem	idem.
ib.	25	Tamaraquá	Tamaracá.
32	2	Tamaraquá.... Iagororu	Tamaracá.... Igaruçú.
33	ultima	Tamaraquá	Tamaracá.
41	10	genito	gentio.
67	16, 18, 22 e 24	Maruipe	Mocuripe.
115	3	em casamento	em dote de casamento.
ib.	12	moços orphãos.	moças orphãs.
126	19	pesados	pejados.
130	24	Alto	Altero.
139	2	Farreiry	Tareiry.
149	9	vaccas, e d'aqui até.... .... leguas da costa	vaccas. E d'aqui até..., ... leguas de costa.
150	penultima	S. A.	S. M.
ib.	ultima	Pagan.	pagam.
160	3	roca	rota.
164	4	tapitim.	tapetí
167	8	aipis	aipins.
171	penultima	roça	rota.
182	Entre a linha 14 e 20 deve seguir o que se encontra desde a 4. linha de pag. 187 até a linha 20 inclusive da pagina 189.		
215	26	copaubuçú	copanibuca.
220	9	Araticurana	Araticupana.
231	ultima	sajos aboixo.	sujos.... abaixo.
241	12	coura as	couras.
257	2	jabutemirim.	jabutîmerim.
283	14	pesados	presados.
305	10	araticurana.	araticupana.
367	6	Madrid,	Madrid.
368	6	de locaes	locaes.
371	10	commento	capitulo.
377	25	poder	poderia
378	8	escripta	escripto por Soares, senao erudição de algum copista
379	19	Loaysa	Gabto em 1526.
386	17	radxi.	radix
402	19	falta	falto

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

3.ª SERIE. — N.º 4. — 4.º TRIMESTRE DE 1851.

NOTICIA

DA DESCOBERTA DO CAMPO DE PALMAS

Na comarca de Coritiba, provincia de S. Paulo, de sua povoação, e de alguns successos que ali tem tido logar até o presente mez de Dezembro de 1850, escripta e offerecida ao Instituto Historico pelo Sr. Joaquim José Pinto Bandeira, natural de Coritiba.

Algum tempo depois que a expedição commandada pelo tenente coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, no dia 17 de Julho de 1810 acampou em Guarapuava, começou a correr a noticia da existencia de uns campos, a que davam o nome das Palmas, de cuja situação porém nada se dizia, sendo que demoravam contiguos aos mesmos de Guarapuava, com o intervallo de um sertão, de pouco mais de tres leguas, pelo qual corre o Rio Iguaçú, cuja vizinhança se desconhecia. O nome de Campos de *Palmas* veio talvez da abundancia dos coqueiros *butiás* por elles espalhados.

Durante a dita expedição de Guarapuava, pelos annos de 1814 a 1819, mandou o commandante d'ella alguns homens, sob o mando do major Atanagildo Pinto Martins, em demanda das Missões Portuguezas na provincia de S. Pedro do Sul, e de uma vereda que com ellas communicasse, devendo ser guiada esta expedição por um Indio chamado *Jongong*. Este Indio, conhecendo o perigo a que todos se

expunham si varasse em direitura ao ponto que lhe foi designado, pela multidão de selvagens que occupavam esse sertão, guiou-os um pouco mais ao Oriente, e passando pela ponta occidental dos campos de Palmas, sahiu nos da Vaccaria.

Não satisfeito o major com a descoberta do caminho, por não sahir no ponto a que se destinava, mandou oito homens, guiados pelo mesmo Indio, a Guarapuava: hesitou o Indio; e oppoz ao cumprimento da ordem as razões da sua recusa: foi constrangido a cumpril-a; seguiu com seus companheiros; mas nunca mais appareceram. D'aqui data a primitiva idéa da existencia do campo de Palmas, idéa, que pouco a pouco se foi apagando, tendo os selvagens toda a cautela em concorrer para isso, afim de terem ali um asylo seguro, quando algum desvario provocasse contra elles as iras do commandante de Guarapuava.

No dia 23 de Julho de 1832 nas Missões de S. Pedro do Sul, atacaram os selvagens ao tropeiro (negociante de animaes) capitão José de Sá Soutto-maior, matando toda a comitiva. Os cadaveres foram encontrados, menos o do dito capitão, pelo que se vulgarisou a noticia que os mesmos selvagens o conservaram prisioneiro em suas moradas no sertão, entre as mesmas Missões e Guarapuava; foi esta noticia tomando vulto pela confirmação de alguns Indios meio domesticados que para aquellas partes hiam caçar, de sorte que se tornou crença geral, e induziu os parentes d'aquelle supposto prisioneiro a tentarem uma incursão, secundados pelos auxilios do governo da provincia.

Um dos parentes de José de Sá, o sargento mór José de Andrade Pereira, foi o escolhido para a empreza, e nos principios de Maio de 1836 entrou no sertão com gente sufficiente, avistou mais do campo de Palmas; mas viu malograda sua tentativa por não encontrar o objecto que ali o conduziu. A poucos passos vieram a Guarapuava alguns Indios mais domesticos, que se tinham dado de novo á vida errante dos bosques, e com facilidade seduziram a alguns inexpertos, com promessas de lhes mostrarem ricas minas de ouro, onde deviam fazer fortuna; seis os acompanharam, mas apenas chegados

lá, conheceram o erro que tinham commettido, e o perigo a que estavam expostos. Quando os selvagens decretaram sua morte, pôde um delles de nome Miguel (hoje casado em Guarapuava) escapar com o auxilio de um Indio seu conhecido e amigo, que o conduziu a Guarapuava, tomando diversa vereda para não ser seguido pelos outros; e n'esta fugida quando julgou conveniente tomar a verdadeira direcção, teve de passar pelo campo de Palmas, onde elle se apresenta maior. Assim foi elle quem melhores e mais amplas informações deu do referido campo.

Achando-se então Guarapuava muito opulenta, não havendo mais logar para se estenderem as fazendas, e estabelecimento de novas: deliberaram alguns individuos entrarem pelo campo de Palmas, apezar do perigo a que se expunham, de serem victimas dos selvagens ali residentes. Para o que formaram uma associação. Sendo d'esta principal cabeça José Ferreira dos Santos, dirigiu a expedição até um logar denominado—*Alagôa*—atravessando por uma picada o pequeno sertão por onde corre o Rio Iguaçú, e da *Alagôa* voltou no intuito de recolher animaes, visto que ali já era campo que fazia parte do de Palmas.

N'este tempo Pedro de Siqueira Côrtes, homem emprehendedor, solicitou admissão por socio, e como fosse repellido, organisou outra sociedade, e abrindo uma nova vereda passou o Iguaçú mais abaixo do passo já descoberto, rompeu um sertão mais extenso, sahiu no campo de Palmas na sua maior extensão, e queimando-o todo, tratou de recolher-se com sua comitiva pela direcção mais curta, qual a que levára a primeira associação; tudo isto em quanto esta lutava com a difficuldade de recolher animaes, por uma picada mal aberta, e ainda não transitada. E justamente no dia que esta devia ali chegar, encontraram-se as duas, e tiveram tal altercação sobre o direito á descoberta, que pouco faltou a que viessem ás mãos; porem afinal serenou a tormenta, e acommodaram-se, deixando a questão no mesmo pé, tratando uns e outros de recolher animaes.

Todo o anno de 1839 empregaram n'esta diligencia, a despeito das difficuldades com que tinham de lutar pela falta de estradas, viveres

habitantes e de tudo quanto lhes era mister, o que lhes tornava a situação pouco favoravel, e sua tarefa mais incommoda e penosa, tendo de permanecer reunidos para sua segurança. A questão do direito á descoberta ainda se não tinha decidido, e cada vez se tornava mais complicada, pois cada qual tratava de estabelecer sua fazenda, e levantar casa aonde melhor lhe convinha, suppondo-se com isto arrumado: mas os factos subsequentes immediatamente lhes mostravam, que era inutil aquella precipitação; por quanto os que chegavam depois, não respeitavam precedencia, e lançavam seus animaes aonde julgavam proprio, e estivesse ou não o logar occupado, deixando a decisão do negocio ao arbitrio das armas; casas houve que foram derribadas, curraes arrasados, etc. Agitados por tal anarchia, concordaram todos em se submetterem á decisão de dous arbitros. Recahiu a eleição no capitão Domingos Ignacio de Araujo, e o alferes José Caetano de Oliveira, moradores dos campos geraes de Coritiba, homens da mais reconhecida probidade.

Impossibilitados estes dous arbitros de ir pessoalmente, attenta a excessiva distancia, e seu estado de saude; recorreram ao Dr. João da Silva Carrão, e a outro individuo (*) ambos da cidade de Coritiba, para que fossem pessoalmente fazer suas vezes e dividir o campo pelos interessados. Accederam estes ao convite, e no dia 4 de abril de 1840 seguiram de Coritiba com direcção ao logar da questão na distancia de oitenta leguas; e o que passaram relativo a incommodos e trabalhos, por uma vereda mal trilhada, em um paiz novo, falto de todos os recursos, infestado do gentio, com temporaes excessivos, enchentes de rios, e mil outros embaraços, não é para ser contado: baste dizer que só ali poderam chegar no dia 28 de Maio seguinte.

Passando por Guarapuava, tiveram elles a fortuna de ahi encontrar o Indio *Condá*, chefe da principal horda de selvagens, que

(*) Temos lembrança de que este era o mesmo autor d'esta relação que por modestia cála seu nome.

A Redacção.

occupava Palmas, e mais dous Indios com suas familias, em numero de onze pessoas, entre as quaes eram *Chanêrê* mulher do cacique, e duas criadas *Macãa* e *Vangre*. Um dos Indios sabia ler e escrever, por ter-se criado na aldêa de Guarapuava, d'onde fugiu para o sertão; e ainda fallava suffrivelmente a nossa lingua, o que serviu á communicação franca, até mesmo com o cacique, que tambem balbuciava algumas frazes portuguezas, e os entretiveram com agrados, dadivas e caricias, afim de os ganharem para sua segurança, e de todos quantos estavam em Palmas: assim os foram conduzindo até lá, aonde se conservaram juntos o espaço de dous mezes, no fim dos quaes seguiram para o seu alojamento, distante duas leguas, promettendo o principal de conduzir sua gente a reunir-se com a nossa; facto este que realisado, devia ser um dos maiores serviços prestados pelos commissarios, o que logo depois se realisou.

A' chegada dos dous commissarios, acharam os socios reunidos em um só ponto, receiosos de alguma tentativa dos Indios, cuja suspeita minorou com a presença ali do principal, e deram principio á sua tarefa da divisão do campo, o que com difficuldade conseguiram, conciliando os animos até então em extremo agitados. Para o realisar foi mister começar por separar as duas sociedades, por um lageado intitulado as *Caldeiras*, ficando a de Pedro de Siqueira para o Poente e a de José Ferreira para o Nascente.

Como o numero dos socios se tornava excessivo para a capacidade do campo, chegando a sessenta, venderam alguns a sua parte, e se estabeleceram sómente trinta e sete fazendas, que contém hoje proximamente trinta e seis mil animaes de ventre.

Antes da partilha, e emquanto se esperavam os commissarios, conheceram em fins de Novembro de 1839 que não tinham meios de suprir com o genero de primeira necessidade — o sal — (sem o qual veem os fazendeiros os animaes definharem e morrerem) visto que a unica via de transito conhecida era por Guarapuava, viagem demasiado extensa e penosa; e como entre elles havia algumas pessoas, que dous annos antes tinham acompanhado o Reverendo Ponciano José de Araujo, em uma exploração desde os campos geraes de Coritiba pelo

Iguaçú abaixo, lembrou-se um dos socios Francisco de Paula da Silva Gomes d'entrar no sertão com alguns d'aquelles conhecedores do rio, a procural-o em qualquer ponto de sua extensão navegavel, para por esta via terem segura e mais prompta communicação com a cidade de Coritiba. Obtendo com difficuldade o assentimento de mais alguns socios, receiosos dos Indios (receio que conseguiu diminuir pelo seu exemplo) entraram no sertão, e depois de alguns dias encontraram os vestigios da anterior exploração do rio.

Vencida esta difficuldade, restava descobrir os meios de abrir a estrada até o logar que houvesse de servir de porto de embarque; porém faltavam-lhes todos os recursos; nem tinham trabalhadores, nem jornaleiros, nem uma guarda que os abrigasse de algum ataque imprevisto dos Indios; como porém a Assembléa Provincial, pela lei de 16 de Março de 1837, tinha criado uma companhia de Municipaes Permanentes, para com ella fazer-se por parte do governo a descoberta d'estes campos, mandou o governo que fosse ali destacada para proteger aos fazendeiros. De muito serviu ella para a abertura do caminho, recebendo cada praça uma gratificação diaria de cento e sessenta réis, além do seu pret.

Durante o espaço de dous mezes e meio, que tanto foi preciso para a divisão do Campo, varias explorações tiveram logar nas immediações, e por informações dos Indios por ali se descobriram mais outros campos e faxinaes, a que elles davam o nome de—Campo Erê —ao sudoeste do de Palmas; dos quaes adiante trataremos. N'esta digressão encontrou o alojamento dos selvagens, commandados pelo segundo chefe indio Viri, que suppondo terem os socios morto ao seu primeiro chefe Condá, tomaram uma attitude hostil; e só a presença de um dos exploradores, conhecido na infancia de um dos Indios, tambem evadido de Guarapuava, e que fallava a sua lingua, pôde desarma-los, e obstar algum acontecimento desagradavel, assegurando-lhes a existencia de Condá, e a boa harmonia que reinava entre elles e os nossos.

DESCRIPÇÃO DO CAMPO DE PALMAS.

O Campo de Palmas é de uma configuração irregular; terá vinte leguas na sua maior extensão, e deseseis ou desoito de largura: jaz ao sul de Guarapuava, e o centro d'elle ficará na latitude sul de 26.º O seu solo é bastante alto, e desde ahi manam varios rios, que correm em todos os sentidos. Não tem este campo um grão de arêa, como succede em Guarapuava, sendo necessario, aos que d'ella precisam, procural-a no rio Iguaçú, ou embaixo da Serra da Esperança. Tem mui bons pastos para a criação do gado cavallar, muar, ovelhum, e melhor para o vaccum: e mais de uma vez se viu o phenomeno de uma bezerra nascida no principio de um verão, dar cria no fim do seguinte.

Frequentes pesquizas tem descoberto por ali pelas immediações alguns faxinaes, os quaes sendo queimados duas ou tres vezes, tornam-se campos limpos, e servem para o estabelecimento de fazendas de criar. Entre outros citaremos o mencionado Campo Erê, que já contém cinco fazendas, e demora ao sudoeste de Palmas, na distancia de sete leguas.

Finda a partilha do Campo, regressou o commissario Carrão, em meado de Agosto do mesmo anno, pelo caminho por onde tinha ido. O outro commissario se dispoz porém a regressar pela vereda recem aberta para o Iguaçú, e inteirar-se d'esta via de communicação. Assim no fim do mesmo mez de Agosto, se poz em viagem e em quatro dias chegou ao porto do embarque, aonde encontrou o commandante da companhia de permanentes, Hermogenes Carneiro Lobo, que pelo rio tinha descido com mais alguns homens. No primeiro de Setembro se embarcou, e no dia deseseis ao meio dia chegou ao primeiro porto que encontrou nos campos geraes, denominado do —Freitas— oito leguas abaixo do Caiacanga. Não teve a menor difficuldade ou embaraço em todo este espaço que navegou, e julgou ter feito a viagem em dobrado tempo do necessario por causa da grande enchente que encontrou. Observou que o Rio de Iguaçú do

porto do Caiacanga para baixo tem seu curso no rumo em geral — Sudoeste :— e que navegando-se a extensão de quarenta leguas mais ou menos, se encontra o Rio Negro com uma embocadura de trinta e tres braças, que desagua pelo lado meridional: e a vinte leguas pelo mesmo lado, outro que chamam Canoinhas, com perto de cincoenta braças de foz; mas que subindo por elle logo se reconhece não ter cabedal de agua sufficiente para apresentar tal largura na confluencia: uma legua abaixo da barra do Rio Negro, desemboca pelo lado septentrional um rio com vinte e cinco braças, a que chamam — Putinga.

Talvez sejam alguma cousa exageradas as medidas mencionadas, por serem feitas em occasião de muito grande enchente. Da barra do rio Canoinhas para baixo toma o Iguaçú a direcção Noroeste quinze leguas, até a testa da primeira cachoeira; onde tocava o caminho, que já dissemos fôra aberto para a conducção do sal, e onde embarcou o commissario. D'aqui começa uma serie de cachoeiras, saltos e arrecifes, até completar a volta pelos fundo do campo de Guarapuava, em cuja extensão n'elle afluem, pelo lado meridional, os rios da Espingarda, Jangada, Iratim, Cóvózinho e outros; e pelo septentrional os da Arêa, Jordão e Cavernoso, tendo os dous ultimos sua origem nos campos de Guarapuava. D'estes em diante se suppõe o Iguaçú navegavel, até o salto proximo á confluencia com o Paranãa, e a falta d'uma simples exploração nos entretem n'esta duvida, sendo aliás muito conveniente conhecer-se esta parte do Iguaçú. (*)

Logo depois que se tornou transitavel aquella picada para o porto do Iguaçú, e que os fazendeiros faziam d'ella uso, foi um dos primeiros cuidados do capitão Hermogenes Carneiro Lobo, marcar o logar em que se devia estabelecer a povoação, e foram preferidos os lageados das caldeiras e cachoeira, para onde com boas maneiras pôde transferir a tribu de selvagens, de que já fallamos, commandada por

(*) A parte visinha ao Salto foi visitada pelos commissarios para a demarcação do Tratado de 1750 nos mezes de Agosto e seguintes de 1759. — No Tom. 1.º p. 232 a 254 das Mem. Ultram. de Lisboa, e na Argentina de Rui Dias ha noticias d'este rio. *A Redacção.*

—Condá—a qual tantos receios causava, por estar até então estabelecida em uma campina chamada *Iranin*, a duas leguas no sertão.

Firmada assim a confiança d'estes Indios, foram tomando incremento as novas fazendas, conservando-se sempre ali um pequeno destacamento de permanentes, por causa de outros selvagens que ameaçavam a nova colonia, ainda que como tambem era reconhecida sua inimizade com os novos convertidos, tinham os fazendeiros n'estes um poderoso apoio contra aquelles. Assim se viu na noite de quatro de Março de 1843 que em numero consideravel, quando Condá estava ausente, vieram os taes selvagens atacar a nova e pequena povoação: divididos em dous grupos, primeiramente atacaram os Indios já aldeados que se defenderam corajosamente com o favor da superioridade das armas, matando-lhes oito, além de se fazerem algumas Indias prisioneiros, e perdendo sómente dous dos seus. E como este conflicto despertasse a pouca gente da povoação que se pôz em attitude de defesa, fugiram os que a cercavam, ficando n'este sómente a empresa: este facto seguramente se não daria, se mais tino e menos desconfiança presidissem ás primeiras entrevistas com estes barbaros.

Sendo reconhecida a necessidade de uma estrada por terra, em direitura dos campos geraes de Coritiba, foi encarregado de abril-a o novo commandante dos permanentes o capitão Pedro de Siqueira Côrtes, successor de Hermogenes. Passando este o Iguaçú em um váu, oito leguas acima do porto do embarque, partiu a doze de Abril de 1842 com sete pessoas, e seguindo a rumo Nordeste chegou á freguezia da Palmeira nos referidos campos geraes, no dia sete de Maio de 1842, varando vinte leguas de sertão desde o referido rio, em cuja diligencia encontrou differentes vestigios de selvagens.

Como até então o caminho de Palmas ao porto do embarque como já se disse na testa da primeira cachoeira, (onde começam as difficuldades do Rio) era, além de muito extenso, pessimo quanto ao seu local, deliberaram os fazendeiros no mez de Março de 1846 fazer outra exploração a expensas suas, que partindo de Palmas mais ao sul, fosse encontrar o Iguaçú n'aquelle passo do váo: no que foram igualmente felizes, achando melhor e mais curta vereda, com a

distancia sómente de perto de onze leguas, de sorte que aquelle váo no Iguaçú, ao passo que serve para passagem de animaes de carga ou sem ella, serve igualmente de porto de embarque, e desembarque aos que preferem o transito fluvial para a conducção de suas cargas, e por isso o denominam porto da União. A assembléa provincial, que desde os principios da descoberta, tinha mostrado o maior interesse no cultivo e aproveitamento do campo de Palmas, aplanando difficuldades, votou por differentes vezes supprimentos para a abertura d'esta tão necessaria estrada, e pelos desvelos e patriotismo do capitão Domingos Ignacio de Araujo, a quem foi commettido este negocio, ella se acha dando transito ás tropas, não ainda tão franco quanto é mister e exige o commercio; mas o compativel com os fundos applicados para uma estrada n'um sertão tão extenso.

Em fins de 1845 ou principios de 1846 o Exm. presidente da provincia o Sr. Manoel da Fonseca Lima, tentou de novo aquella exploração feita em curto tempo pelo major Atanagildo Pinto Martins ás Missões Brazileiras, afim de abrir uma nova communicação com a provincia de S. Pedro do Sul, na esperança de a tornar mais facil e breve; e o acaso permittiu que commettesse este negocio ao alferes Francisco Ferreira Rocha Loires, morador em Guarapuava, homem de prestimo e capaz, que o desempenhou maravilhosamente com muito pouca despeza, andando sempre exposto aos maiores perigos, por ter de passar pelos campos de Nonohây, n'aquella provincia de S. Pedro, até então desconhecidos e exclusivamente habitados por diversas hordas de selvagens, desde tempo immemorial ali concentrados, e de onde dirigiam suas correrias a diversos pontos do caminho geral da mata, atacando, matando e roubando aos negociantes, cujo numero de victimas chegou a algumas centenas, sem que os governos todos empenhados na cessação d'estes desastres pudessem obstal-os.

Era o Sr. Rocha Loires o homem mais proprio para esta empresa; porquanto habitando na sua infancia em Guarapuava, em companhia de seu pai o capitão Antonio da Rocha Loires, effectivo commandante d'aquelle presidio, teve ali conhecimento com o Indio Condá, tambem menino, que depois retrahindo-se aos bosques, se

tornou formidavel e temido entre os seus; e aquella amizade da infancia fez com que o Indio se offerecesse a acompanhal-o na exploração, cujo perigo elle previa, e a segurança do Indio lhe fazia desprezar: ahi se reconheceu o imperio que o Indio exercia sobre os mais chefes, que apresentando-se em atitude hostil nos campos de Nonoháy, sua voz a bem de seu amigo, foi bastante para os desarmar, e franquearem-lhe a passagem; a isto e a um pouco de conhecimento que tem o Sr. Rocha da lingua dos Indios, se deve o estarem hoje esses selvagens menos ferozes e mais socegados; menor parte não teve n'este negocio o Exm. Sr. Conde de Caxias, então presidente da provincia do Rio Grande, que apenas ouviu a relação do Sr. Rocha, não poupou meios nem fadigas afim de aproveitar o ensejo, que se lhe apresentava, de mandar por elle mesmo distribuir pelos Indios, roupa e ferramenta propria a seus usos, além de outras muitas e acertadas providencias, de sorte que hoje se acham acommodados, e entregues á direcção de dous Missionarios; e por isso tem cessado aquelles horrorosos factos, tão frequentes, que enchiam de terror aos commerciantes de animaes.

Vendo alguns habitantes de Palmas o valor excessivo a que eram levados os campos, em razão de sua boa qualidade, entraram em tentativas de novas descobertas pelo sertão, em differentes direcções, e no anno de 1848 encontraram outro campo ao Sul do rio Iguaçú, acima do porto da União, e não muito distante d'elle, ao qual denominaram *Campos de S. João.* E como o primeiro beneficio, em taes descobertas, é pôr-lhes fogo, assim o fizeram, e guiados pelo fumo, a elle concorreram oito individuos da villa de Lages, com pretenções tambem á nova descoberta; ahi tiveram suas altercações; e porque as decisões no sertão são de ordinario mais peremptorias, alguns encaminhando prudentemente o negocio, não duvidaram ceder uma parte do seu direito, no que foram imitados pelos outros, e convencionaram uma divisa por certo ribeirão, e já ali se estão estabelecendo varias fazendas de criar.

Hoje se acha o campo de Palmas coberto de animaes; e ha fazendas de mais ou menos consideração; marcando annualmente as menores

duzentas crias, e as outras proporcionalmente mais, até mil, e por isso já exporta numero avultado de cavallos, bestas e gado vaccum.

No tempo em que foram os Indios de Palmas atacados pelos outros selvagens, como fica dito, achava-se ausente para S. Paulo o chefe — Condá — onde o tinham levado; e na sua volta achou parte da sua gente sublevada, em favor do seu segundo — Viri — pelo que tiveram os dous uma luta pessoal, cujo desfecho foi favoravel a ambos, pela intervenção de alguns fazendeiros, presentes á desavença, que obstaram o infallivel sinistro que se esperava, o que motivou dividir-se a horda em duas parcialidades, seguindo cada uma seu commandante, indo — Condá — com a sua habitar no campo do Chópi á distancia de oito leguas, e ficando o — Viri — com a sua na mesma povoação.

Conservando-se assim separados, e em hostilidade alguns mezes, pouco e pouco se foram congraçando, começando esta harmonia por convites reciprocos para seus bailes selvagens, a que todos assistiam com certas ceremonias, estranhas a nossos costumes. Conhecida a importancia que gozava Condá, entre os mais chefes do campo de Nonohây, foi pelo governo d'aquella provincia convidado para, mediante certa gratificação, ir coadjuvar a catechese d'aquella gente, em cuja diligencia se acha actualmente empregado, ficando firme em Palmas Viri com a sua gente, em numero de uns oitenta de todas as idades, e sexos, sem autoridade que os domine, nem sacerdote que os baptize, e lhes explique os primeiros rudimentos da religião: da nossa sociedade só tomam os vicios, vivem da caça, e pouca plantação, e em um estado de barbaria, que se não fôra a cega obediencia que tributam a Viri, homem sincero e fiel á amizade (attributo muito raro n'esta qualidade de gente) já teriam sem duvida commettido os maiores attentados e crimes, para o que tem natural inclinação. A assembléa provincial por differentes vezes tem votado dinheiros para vestuario, e mais precisões d'estes Indios, e o director geral d'elles, o Exm. Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, tem-se esforçado para que estas quantias sejam applicadas; porém talvez pelos apuros da Thesouraria, pouco lhes tem aproveitado as liberalidades

da assembléa, e por isso ahi se veem grande numero de crianças de ambos os sexos, sem outra educação mais, do que o exercicio diario de atirarem ao alvo com suas pequenas flechas, afim de se aperfeiçoarem no manejo d'esta arma; casando-se os adultos a seu modo, e conservando entre si o uso da poligamia, pratica que trouxeram do mato, e ainda não abandonaram. Marcou mais a mesma assembléa a quantia de oitocentos mil réis para um capellão; mas até o presente não tem apparecido um só que queira aceitar esta offerta, estando por isso aquelles Indios sem a menor educação religiosa, e os fazendeiros, e mais moradores igualmente sem este recurso, nascendo e morrendo, sem terem quem lhes ministre sacramentos. Já houve plano de se mudarem os Indios e de aldeal-os em Guarapuava, cujos campos eram habitados por bugres d'esta mesma nação; mas nem elles quizeram acceder a isto, e nem convinha aos fazendeiros de ambos os logares; porquanto os de Palmas, ficariam sem aquelle auxilio para sua segurança contra os outros selvagens; e os de Guarapuava ficavam expostos a contarem com mais estes inimigos, que sendo constrangidos, entrariam para o sertão, d'onde os poderiam impunemente hostilisar, acobertados com o nome de outros selvagens, para obterem objectos de que já tem creado necessidade.

Tal é o estado em que actualmente se acha o territorio de Palmas, descoberto ha tão pouco tempo, e que já merece juntamente com o de Guarapuava ter jurisdicção, como providenciava a lei provincial de 1849, que ultimamente se revogou com tão pouca vantagem para esse longinquo territorio, que não póde mais ficar dependendo da jurisdicção da villa de Castro, distante do campo *Eré* umas noventa leguas.

ADDITAMENTO.

Julgamos importante addicionar á memoria do Sr. Bandeira, um vocabulario da lingua mais conhecida aos selvagens de Palmas e Guarapuava, a qual nada tem da Guarani invasora do territorio do Brazil. Esta lingua mais depressa tem afinidade com a Kiriri, a moxa e a dos Chiquitos, que entram talvez no numero das nações represen-

tantes das antigas tapuias (no genuino sentido d'esta palavra) que habitavam o territorio brazileiro antes da invasão dos Tupis ou Guaranis. — Por falta de espaço n'este numero, irá o dito vocabulario na Revista seguinte.

ITINERARIO

Feito pelo tenente-coronel Vicente Ayres da Silva, morador na villa do Porto Imperial, pelo rio do Somno acima, desde a sua confluencia no Tocantins.

Dia 17 de Agosto de 1850. Sahi da villa do Porto Imperial para a aldêa de Pedro Affonso, levando tres Igarités, uma grande, e duas mais pequenas, que conduziam a munição de boca e mais objectos da viagem, e por terra 23 pessoas, e 18 animaes: gastei 7 dias de viagem, sem encontrar por terra embaraço, que obstasse a marcha, antes achámos fertilidade de caça, e muitas aves das quaes nos serviamos.

Dia 26. Sahi da aldêa de Pedro Affonso, e entrei pelo rio do Somno: n'esse dia encontrei correntezas muito fortes, dormi em um lagedo na margem direita, logar este que segundo Frei Raphael era até onde os da aldêa davam noticia. Logo por baixo do lagedo entra um ribeirão com bastante agua, mandei proval-o, e achou-se ouro; e pela informação que se colheu vê-se que o ouro é corrido de cima.

Dia 27. Segui viagem; toma o rio a sua direcção ao Sul: n'esse dia foi-me mais favoravel a viagem, por encontrar menos correntezas, pois corre a agua entre paredões de pedra, por cima dos quaes tem uma ilha no meio, e dá navegação de um e outro lado, e acima da ilha pela margem esquerda entra um ribeirão grande, cujas aguas se despenham da altura de 3 braças entre paredões de pedra; adiante, á direita do rio avistei um morro, no qual subindo-se divulgou-se

a campanha semeada de pequenos montes; ahi dormi em uma volta grande que faz o rio.

Dia 28. Pouca viagem fiz, por trazer por terra parte da gente com 18 animaes; pelo lado direito entra um ribeirão com bastante agua, provei; mostrou melhor pinta de ouro, d'onde supponho que é corrido das cabeceiras; ahi atravessei os animaes para a parte direita do rio, por encontrar pela esquerda grandes matas, e itabocaes difficultosos de se romper: ahi dormi.

Dia 29. Segui viagem, trazendo a tropa de terra pelo lado direito, logo acima avistei um morrote do mesmo lado, aonde encontrei uma ponta forte, que me foi preciso atravessar para a esquerda, e no encostar á beira deparei com um monstruoso socurí, de 30 palmos de comprido, e com 3 capivaras no ventre; levou 13 tiros para morrer, e foi preciso 10 homens para o arrastar: adiante ao lado direito tem barreiras altas, e o campo encosta ao rio; logar muito bonito e plano, adiante no lado esquerdo tem uma intaipaba, que faz muito forte correnteza que se custou a passar, por não segurarem as vasas: n'esta intaipaba mandei provar, e deu ouro grosso: adiante entram dous pequenos corregos, um á direita, outro á esquerda, o da esquerda é maior, e faz cachoeira na barra; o da direita é encanado entre paredões, e em toda a extensão do mesmo tem correnteza forte: subindo duas voltas do rio, encontrei um gurgulho muito forte, que atravessa de um lado a outro, e faz uma pequena corôa no meio, que para poder passal-o foi á cirga: logo adiante encontrei uma cachoeira que tambem atravessa o rio, e tem pancada muito forte, porém passou-se á corda, e não foi preciso descarregar; e por cima logo tem uma linda praia, aonde dormi.

Dia 30. Continuei a viajar; depois de ter navegado uma volta, avistei ao lado direito um morro, adiante do mesmo entra um corrego pequeno, o qual deu mostras de ouro: acima uma volta do rio tem corredeira forte, e pelo lado direito entra um ribeirão, por cima d'este tem um travessão, e uma ilha no meio; a corredeira aqui é forte, foi necessario recorrer-se á corda para se passar as canôas: o rio n'esta altura vai procurando o nascente. No fim da volta entra

pela direita um rio não pequeno, ao qual dá o nome de — Rio do Somno pequeno —, ahi dormi: mandei reconhecer o rio, encarregando esta commissão ao tenente Sebastião José de Almeida, que por elle subiu mais de uma legua, e achou-o navegavel.

Dia 31. Segui viagem pelo rio do Somno; encontrei logo uma cachoeira, e correnteza, com extensão de uma legua: passando duas voltas, faz o rio um bonito estirão, e encostado a elle algus morros: ahi dormi.

Dia 1.º de Setembro. Segui; encontrei muita correnteza que obstava o emprego das varas, porém consegui passar sem muito incommodo. O rio d'aqui vai entre paredões da altura de 6 braças, e por isso torna-se soturno. A tropa de terra tem encontrado seus embaraços pelas muitas matas que de fóra encostam ao rio, que tem estreitado neste logar: por todo este dia, até aqui passei uma continua correnteza com 3 pontas muito fortes, as quaes foi-me preciso passar á corda: neste mesmo dia encontrei uma aldêa do gentio Cherente, que sentindo-nos, retirou-se para uma mata vizinha; entrei na aldêa, e nada encontrei: fui pouzar adiante.

Dia 2. Segui; e logo acima do pouzo, do lado esquerdo encontrei a barra de um grande ribeirão; e por cima da mesma, a pouca distancia, um travessão que passa o rio de um lado a outro: passando-se duas voltas, pelo lado direito entra um ribeirão o mais notavel dos que tinhamos passado, pelo volume de suas aguas, o qual entra no rio sobre lagedos, onde as varas não seguram: dormi em uma praia.

Dia 3. Sahi; neste logar encosta o campo ao rio: á esquerda tem um bonito cascalho; mandei provar, e achei ouro que fazia conta: logo acima encontrei tres pontas fortes, e muitas correntezas; entrei em um canal; e aqui estreita-se o rio, e corre entre paredões de pedra, porém fundo: ahi pernoitei.

Dia 4. Continuei a viagem já tarde, por não ter a tropa de terra pouzado com as canôas, e ter-me sido preciso esperar que chegasse, e receei ter algum ataque do gentio adiante, por encontrar frequentes vestigios do mesmo. A tropa de terra encontrou n'esse dia outra

aldêa maior que a do dia 1.°, com 28 casas grandes; calculou-se habitarem nesta aldêa para mais de 800 Indios; e tendo elles sentido as canôas, retiraram-se com tanta celeridade que não poderam carregar muitos objectos de sua serventia: em nada se boliu, antes deixámos provas de amizade. Na margem do rio viram-se 13 grandes roças, e todas muito bem tratadas, além de outras que se suppõe haver para o centro, por se verem largas e frequentes estradas de um e outro lado; calculou-se serem as roças de 4 a 5 alqueires de planta de milho.

Pela esquerda logo acima entra um grande ribeirão, e por cima deste um travessão muito forte, que nos obrigou a passar as canôas á corda: entramos em um canal, que occupava um grande esteirão arrebatadissimo de rebojos: dormi por cima d'elle.

Dia 5. Segui viagem; encontrei 3 travessões fortissimos, que se passaram á corda, e logo acima pela esquerda entra o rio das Balças; na barra passei a tropa de terra para o lado esquerdo do mesmo rio das Balças: calculei d'ahi á aldêa de Pedro Affonso 40 leguas. Logo que entrei pelo rio das Balças, deixando o do Somno á minha esquerda, encontrei 3 travessões muito fortes, que me foi necessario tirar as cargas em um d'elles para poder passar: dormi em um apertado que faz o rio.

Dia 6. Segui viagem; e n'esse dia foi laboriosissima, por encontrar uma continuada correnteza, e por isso pouco andei, vindo sempre a tropa de terra á falla com as canôas, receiando algum insulto do gentio: encontrei logo um estreito que faz o rio, da largura de tres braças, com muita profundidade; passaram-se as canôas á corda sem encommodo; apezar da altura dos paredões dormi pouco acima.

Dia 7. Sahindo logo encontrei uma continuada correnteza, e quatro pontes fortes, que occupam quatro voltas do rio e todas se passaram á corda: e para cima pouca distancia, encontrei mais duas pontes que tambem se passaram á corda.

A força de terra tem encontrado uma campanha muito espinhosa e por isso torna-se a sua marcha vagarosa. Depois de ter com muito custo passado as canôas á corda, em uma cachoeira por cima da

mesma, dei com um grande pôço, e ahi se pescou; e foi tanta a abundancia de peixe que se fartaram 43 pessoas, de que se compunha a comitiva; e foi preciso ahi pernoitarmos para se poder tratar do pescado, em quantidade tal que sobrecarregaram-se as canôas: as qualidades que mais se pescaram foram jaús, caranhas e piabanhas.

Dia 8. Segui viagem: encontrei o rio mais favoravel; as suas aguas correm entre paredões da altura de cinco braças, e bonitos esteirões: dormi em um logar mais abaixo.

Dia 9. Continuei a viagem; encontrei com mais altura os paredões, com correnteza forte; e logo por cima descobriu-se uma ilha formada de grandes rochedos; aqui divide-se o rio em dous canaes ambos navegaveis entre paredões, porém de favoravel transito. A força de terra tem tido seus embaraços por encontrar uma extensa mata que com difficuldade rompeu: dormi em uma pequena praia.

Dia 10. Segui viagem; pelos embaraços que tem encontrado a tropa de terra, e por estar adoentado o capitão Fulgencio Ferreira da Cruz, que a vinha commandando, passou a commandal-a o tenente Sebastião José de Almeida, que desempenhou como devia. O rio tem tomado um aspecto lindissimo, corre entre paredões, que formam na sua altura e alinhamento uma rua de edificios de quatro andares: pelo lado esquerdo entra um corrego, que traz muita agua, e cahe da altura de cinco braças, podendo tocar tres rodas de qualquer natureza que sejam: continua o rio a correr entre paredões e com rapidez: dormi em uma pequena praia.

Dia 11. Continuei a viagem com o rio na mesma postura: pela direita entra um corrego com abundancia de agua, e esta cahe da altura de quatro braças: o rio continúa na mesma; dormi entre paredões, bem contra minha vontade, por ser logar critico, e como podia mais a noite que o dia, não tive remedio se não fazel-o.

Dia 12. Viajei alguma cousa mais favoravelmente, por serem mais diminutas as correntezas; pescou-se muito peixe, e me vi obrigado a suspender a pesca, porque não tinhamos necessidade de tanto e por isso muito se perdeu.

O rio vai favorecendo melhor a navegação; até aqui podem nadar

canôas de mil arrobas, e apezar de ser muita a corrente, tudo se consegue com pouco trabalho; dormi em uma volta grande que faz o rio; e n'este dia a tropa de terra não me alcançou, o que bem cuidado me causou.

Dia 13. Segui viagem. Pelo meio dia alcancei um grande ribeirão onde já estava a tropa de terra abarracada, e como já desde tres dias, havia uma montaria ligeira pelo rio acima, a fim de explorar; n'esse logar chegaram de volta os montariantes, e me disseram que o rio ia alargando mais, e que offerecia muito boa navegação, apezar de terem encontrado quinze pontes com alguma correnteza; e que do logar de onde voltaram até este ponto em que nos encontramos, as canôas de carga levariam seguramente cinco dias, e que subindo elles em um morro avistaram uma grande serra ao Norte, cuja serra suppunha-se a cordilheira da Mangabeira; e como os animaes estavam um tanto aniquilados pela grande viagem, e a gente que vinha por terra não menos, resolvi a mandar as canôas para Pedro Affonso, o que teve logar no dia 14 pelas 9 horas, e eu segui por terra com 30 pessoas, gastando 3 dias ao arraial do Carmo: e as canôas chegaram a esta Villa a 28 do mesmo mez de Setembro de 1850.

Vicente Ayres da Silva.

PARECER

DA COMMISSÃO DE HISTORIA SOBRE O OPUSCULO:

Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550 *suivie d'un fragment du XVI siècle roulant sur la Théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Christovam Valente par Ferdinand Denis. Paris*, 1 *vol. in* 8.° 1851.

Citar o nome de Mr. Ferdinand Denis sobre as cousas do Brasil é citar uma autoridade. Suas publicações pela maior parte escoimadas das inexactidões, que avultam nas composições de seus compatriotas

sobre o nosso paiz, são baseadas em documentos que o illustre litterato póde folhear na lingua de Camões e Caldas, e, apenas rôto o grilhão que nos prendia ao jugo da velha Luzitana, solto o grito de liberdade, que foi applaudido pelas nações livres de ambos os hemispherios, Mr. Ferdinand Denis patenteava á face da Europa essa litteratura nascente, que se eleva sem arrimo, que prospera sem protecção, sem um nucleo para o qual não poderiam convergir tantos e tão esperançosos talentos, e que ainda assim mostramos com orgulho aos povos da America, porque, como diz Mr. Eugène de Monglave, os Basilios da Gama e Santa Rita Durões precederam ao F. Cooper e W. Irvings. E pois uma nova publicação de Mr. Ferdinand Denis veio provar que elle ainda prosegue, e com ardor, nas pesquizas e indagações sobre as cousas d'esta terra, que tanto ama como si fôra sua patria, e o estudo que agora patentêa da lingua dos Tupis é uma prova de seu interesse pela acquisição de perfeito conhecimento sobre a historia do Brazil, o erudito Francez no desenvolvimento de sua nova obra compraz-se em citar esses nomes que representam na actualidade a nossa litteratura: assim os nomes dos Srs. Magalhães, Porto Alegre, Varnhagen, Machado de Oliveira, Bayena, Accioli e tantos outros não podiam ser esquecidos.

Versa o interessante opusculo de Mr. Ferdinand Denis sobre uma festa brazileira celebrada em Rouen, no anno de 1550, seguida de um fragmento do 16.º seculo ácêrca da theogonia dos antigos povos do Brazil, e de poesias escriptas na lingua túpica por Christovam Valente.

Havia Lyon, n'esse seculo celebre pelas suas cavalhadas, torneios e entradas, recebido a Henrique II e sua nova esposa Catherina de Medicis com todas as pompas e magnificencias, de maneira que a joven rainha se não recordasse com saudade de sua bella Florença, e Rouen por seu turno quiz supplantar a pompa e o luxo das festas de Lyon, e, para mais variar a magnificencia de sua festividade appellou para todos os artistas e aos simples habitantes de nossas florestas pediu a coadjuvação; então as margens do Sena a despeito da impropriedade da estação ostentaram essas scenas pittorescas, passagens encantado-

ras da natureza virgem, luxuriante e portentosa de nosso solo, que os navegantes franceezes jámais se fartaram de contemplar. E, como nota Mr. F. Denis, a vida guerreira dos Indios, suas alternativas de alegria e terror, os incidentes do commercio do páo brazil, os estratagemas empregados na caça, as danças que succediam ao trabalho, tudo emfim, devia ser ingenuamente apresentado ao natural, e tão ao natural, que os intrepidos maritimos de Rouen, Dieppe e Havre não quizeram alterar em cousa alguma o costume primitivo dos Tabajaras e Tupinambás, e os Indios se mostraram, seguindo a bella e sublime expressão do magnanimo Christovam Colombo: « Nús, mas vestidos de pura innocencia. »

O conhecimento d'este facto, que não deixa de ser interessante para a nossa historia, não está consignado nas nossas velhas chronicas, e todavia não é elle devido a uma tradição verbal transmittida de uma geração a outra, mas sim colhido de um documento arrancado ao olvido e trazido á luz da imprensa. Tal é pelo menos o opusculo impresso em Rouen em 1551, sob o extenso titulo de *Cest la deduction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiques theatres dresses et exhibes par les citoiens de Rouen ville Metropolitaine du pays de Normandie, A la sacre maiesté de Treschristian Roy de France, Henry second leur souuerain Seigneur, et à tresillustre dame, maDame Katharine de Medicis, la Royne son espouze, lors de leur triumphant ioyeulx et nouvel aduenement en icelle ville, qui fut es jours de mercredy et ieudy premier et second jours d'octobre, mil cinq cens cinquante, Et pour plus expresse intelligence de ce tanta excellent triumphe, les figures et pourtraicts des principalx oarnementz d'iceluy y sont apposez chascun en son lieu comme l'on pourra veoir par le discours de l'histoire.*

O autor d'este opusculo, que se suppõe ser Maurice Sève, refere em seu ingenuo estylo e com todas as particularidades de um fiel observador um tam curioso episodio do reinado de Henrique II a que deu o titulo de *esbatement americain*, que os eruditos de seu tempo denominaram *schiomachie des sauvages*, que o Mr. F. Denis julgou

melhor chamar *fête brésilienne*, e que em substancia não é mais do que o seguinte:

N'uma praça ou prado á margem do Sena, de mais de duzentos passos de comprido e 35 de largo e pela maior parte naturalmente plantado de salgueiros se formou um como bosque, enchendo-se os espaços vazios de outras muitas arvores e arbustos revestidos de folhas, adornados de flores e enriquecidos de frutos levados das florestas do Brazil ou imitados do natural, e povoados pela maior parte de aves e animaes do novo mundo. Viam-se nos extremos d'esse improvisado bosque cabanas construidas de troncos de arvores, cobertas de cannas e fortificadas como as habitações de nossos indigenas. Vagavam pelo meio de suas arvores e arbustos cerca de trezentos homens, todos nús, a maneira de nossos selvagens, entre os quaes haviam realmente cincoenta transportados de proximo pelos navios mercantes de Rouen, entretidos no commercio do páo brazil em despeito dos zelos e ciumes dos Portuguezes, e traziam os labios e orelhas furadas, adornadas a seu modo. A maior parte dos Francezes que figuravam de Indios, dados ao commercio com estes, fallavam tão bem a sua lingua, imitavam tão perfeitamente seus gestos como se entre elles tivessem nascido. Muitos d'elles manejavam a setta e o arco tal como o faziam Gregos e Troyanos, emquanto que outros se embalavam doce e brandamente em suas redes. Uns corriam atraz dos animaes tão velozes como elles, emquanto que outros cortavam o lenho tão cubiçado dos tintureiros e o transportavam para um vizinho forte construido para isso á margem do rio, tal como se praticava então nas nossas costas onde iam permutal-o com os marinheiros por mercadorias da Europa, depois do que era levado em bateis a um navio, no qual tremulava o pavilhão da soberba França. Assim se entretinham n'estes e outros usos e costumes da vida dos selvagens nas suas proprias florestas quando soou o grito da guerra. Era a hora aprasada para simularem seus combates e de subito os Tupinambás (*Toupinambaulx*) foram atacados pelos Tabajaras (*Tabagerres*) que tinham á sua frente o seu ou chefe Morbichá. A luta foi renhida e pelejaram a arco e setta, a golpes de massas, e com outras armas de

que faziam fatal uso em suas batalhas mortiferas, que o caso pareceu ser mais verdadeiro do que ficticio. A victoria coube aos Tupinambás que redobrando de coragem pozeram os seus contrarios em desordem, e incendiaram suas choupanas. O rei, a rainha e toda a côrte se mostraram satisfeitos com este espectaculo que o autor do opusculo intitula o simulacro da verdade, e que sendo ainda renovado no segundo dia attrahiu de novo a attenção de Catharina de Medicis e suas damas, as quaes sem malicia se deleitavam com similhantes scenas.

Mr. Ferdinand Denis que enriqueceu este episodio de Maurice Sève de tão judiciosas notas cheias de erudição, traz á memoria e com razão essa legenda ou antes anecdota brasilica que deu motivo á brilhante epopéa de Santa Rita Durão, e lastimando que a ida de Carumurú e Paraguaçú á França não seja real, recorda-se de ter estado sentado á sombra da arvore a que Diogo Alvares Corrêa se abrigou, lido o epitaphio de Paraguaçú na igreja onde ella repousa; e conclue corroborando a opinião emittida por um nosso consocio, cujo trabalho foi premiado pelo nosso Instituto. Com effeito, diz elle, se é provavel por autoridades irrecusaveis que Diogo Alvares Corrêa se achava em 1549 na Bahia de todos os Santos, já na idade, por assim dizer, de um patriarcha, se a sua ulterior cooperação para a civilisação dos Tupinambás está mais do que comprovada, parece assaz difficil que os dous esposos assistissem ante Catharina de Médicis, á sumptuosa entrada em Rouen.

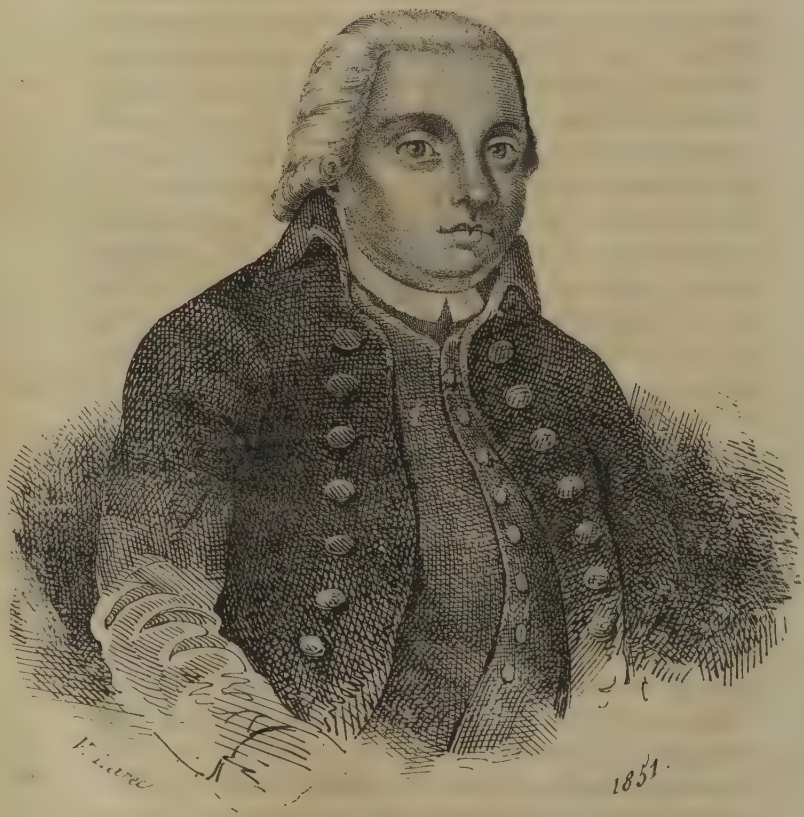
Este facto que F. Farin traz na sua *Histoire de la Ville de Rouen*, nenhuma menção mereceu a Theodore e Denis Godefroy, que estendendo-se minuciosamente na relação de outras particularidados sobre *Entradas*, omittiram este episodio, e entretanto Mr. Ferdinand Denis prova com o testemunho da historia que semelhante innovação tornou-se usual nos tempos do renascimento, como na entrada de Carlos IX em Bordeos no qual 300 guerreiros conduziam doze nações captivas, entre as quaes fizeram o favor de apresentar os miseros selvagens brasilienses, que por certo não sabiam que papel representavam, e portanto mais dignos de lastima que da exprobração ironica de Montaigne quando disse: « Bem mise-

raveis se mostravam em se deixar engordar pelo appetite da novidade, desamparando os doçuras de seu céo para virem ver o nosso! » Dos vestigios dos Indios em Rouen resta ainda hoje em seu museu de antiguidades um baixo relevo que outr'ora pertenceu a um hôtel situado na rua Malpalu n. 17, denominado *Ile du Brésil*, assim como a cidade de Dieppe possue ainda na igreja de Saint Jacques iguaes obras, que recordam as frequentes expedições de seus maritimos ao Brazil.

A commissão na falta de documentos respectivos deixa de entrar em quaesquer considerações; aceita a authenticidade da obra, mas não póde deixar passar sem reparo a asserção de Mr. Ferdinand Denis. Pensa elle que haveria alguma difficuldade em reunir sobre a margem do Sena esses homens pertencentes ás duas tribus, que sobre as margens do Iguaraçú se votavam odio de morte, e que sem duvida elles pertenceriam sem excepção á confederação dos Tupinambás ou dos Tamoyos, cujas tribus dominavam a costa á chegada de Pedro Alvares Cabral. Ora nenhuma duvida resta que nem outra cousa se deprehende do trecho que transcreve de Maurice Séve, e o triumpho dos Tupinambás bem patentêa que esses homens pertenciam a uma só tribu, e quando muito alguns Francezes figurariam como seus inimigos n'esse simulado combate, afim de que não passasse á realidade.

Quanto ao *Fragment d'une théogonie brésilienne recueilli au XVI siècle* que Mr. F. Denis apresenta aos seus leitores para complemento de suas idéas, ácerca do desenvolvimento intellectual de povos, que já não existem, mas de que pensa subsistem algumas tribus, que conservam em seus desertos a tradição de suas principaes crenças, não é elle mais do que um extracto de uma obra do celebre André Thevet a que o proprio autor deu o titulo de *Légère croyance des sauvages auxtraux*, que em vez de achar-se nas *Singularités de la France antarctique* figura na sua *Cosmographie universelle*, e existe tambem nos seus manuscriptos depositados na Bibliotheca nacional de Paris, como affirma Mr. F. Denis.

As poesias reduzem-se a cinco hymnos compostos na lingua dos



Lith. de V. Larré — Rua Direita, 44.

O BENEFICIADO.

DOMINGOS CALDAS BARBOZA

(LERENO SELINUNTINO.)

Falleceu em 1800.

Tupis e transcriptos do *Cathecismo brasilico* dos padres da companhia de Jesus, que de nenhum proveito são áquelles que ignoram a lingua geral do Brasil, como lhe chamavam os Jesuitas, pois que Mr. F. Denis não dá a sua traducção.

A commissão é pois de parecer que a interessante obra de Mr Ferdinand Denis a quem o Instituto elevou á cathegoria de socio honorario, e com toda justiça, e a quem ella vota toda a consideração e estima pela sua decidida dedicação á historia de nossa patria, pela importancia que dá á nossa litteratura, e pelo affecto que consagra aos Brasileiros, seja archivado na Bibliotheca do Instituto para ser consultada pelos estudiosos de nossas cousas.

Sala das sessões do Instituto Historico no Paço Imperial, em 18 de Julho de 1851. — (Assignados) *Dr. J. M. Pereira da Silva.* — *Joaquim Norberto de Souza Silva*, relator. — *Joaquim Manoel de Macedo.*

BIOGRAPHIAS

De Brazileiros distinctos ou de individuos illustres que bem servissem o Brazil, etc.

DOMINGOS CALDAS BARBOZA.

Pouco antes da suppressão dos Jesuitas frequentava as aulas d'elles, no Rio de Janeiro, certo pardinho travesso, que se distinguia entre seus collegas pela grande facilidade que tinha de rimar. Esse joven, vendo-se applaudido em seus primeiros ensaios, começava a desmandar-se em invectivas de máo gosto, quando, por correcção, lhe sentaram praça de soldado, e o destacaram para a colonia do Sacramento, n'esse tempo a Ceuta ou Gibraltar da America.

Se bem que não fossem as armas a vocação do bisonho militar, tão pouco encontraria n'ellas grande castigo; por quanto seu genio social e prazenteiro prompto lhe grangearia amigos entre os novos camaradas, com quem passar vida alegre e folgada. Entretanto voltando ao Rio

quando a Colonia foi occupada pelos Hespanhóes em 1762, aproveitou a occasião para sollicitar sua baixa de serviço; e, apenas a conseguiu, resolveu, com auxilio de seu pai, passar-se ao Reino, onde veio a adquirir certa celebridade, que até agora tem sido, quanto a nós, ou exagerada, ou, talvez innocentemente calumniada.

Tratamos de Domingos Barboza Caldas, que convém não confundir com o sublime e biblico poeta Souza Caldas, tambem Brazileiro, de quem a Revista se occupa em outro logar.

O pai de Caldas Barboza, segundo este nos dá a entender, era de Portugal:

Filho de honrado colono
Q'em soberba e curva quilha
Dos ventos ao desabono
Foi ao novo mundo e ilha
Soffrer o perpétuo somno.

N'outra occasião reffere-se o mesmo Caldas á sua triste e longa historia e á lealdade de seu pai que contada, diz elle, faria a gloria d'ambos: e accrescenta:

Herdei-lhe a infelicidade,
Mas honro a sua memoria.

Sua mãi era uma negra escrava do pai: esta circumstancia do nascimento, que elle apregoava no rosto, parece que o affligia por extremo; se bem que alguma vez tratasse de atenuar:

D'esde o triste nascimento
Fundára minhas razões
Se fôra aqui meu intento
Ir desculpar gerações:
E tenho em conhecimento
Que não houve dois Adões.

Rara vez encontraremos Caldas Barboza em suas composições, repassado de melancolia, sem que nos falle do seu berço; o que nos faz crer que antes era a lembrança do mesmo berço que lhe inspirava esses versos sombrios. Citaremos em primeiro lugar as quadras:

Rodeou feia tristeza
Meu berço logo ao nascer;
Bafejou-me a triste vida,
Serei triste até morrer.

Ao abrir dos frouxos olhos
Vi o dia escurecer,
Foi preságio da tristeza,
Serei triste até morrer.

Bem como aquella:

Desgraçado desde o berço
Serei té a sepultura,
Pois assim o quiz meu fado
Chóro a minha desventura.

Faremos ainda menção dos sonetos, principalmente do que diz

Negro vapor da terra aos céos alçado.
Veio empecer-lhe a alegre louçania:

dos sentidos improvisos

Ao som da lyra a chorar:

e das tristissimas quadras

A' mortal melancolia.

Caldas Barboza achava-se em Vianna do Minho quando recebeu a noticia fatal da morte de seu pai, que equivalia para elle ao annuncio de immediata indigencia:

Assim de remoto clima
Deixei do sul o cruzeiro,
Vi do norte a estrella em cima
De muito maior luzeiro;
Nas margens do claro Lima
Eu me vi orfão primeiro,
E então da fortuna otima
Vi o dia derradeiro.

Durante essa residencia em Vianna foi que elle compoz á *Fempestade* aquella ode:

O torno inverno sobre pardas nuvens
Caminha á foz do socegado Lima.

Por occasião da inauguração da estátua esquestre d'El-Rei D. José em 1775, foi Caldas Barboza um dos que appareceram a festejar essa solemnidade com suas composições poeticas.

Ao mesmo rei D. José dedicou Caldas a *Lebreida*, frouxa composição em 59 oitavas rimadas, que nem merece o nome de poema, e cujo assumpto foi uma real caçada de lebres, presenciada pelo autor, que á custa d'ella ia ganhar talvez a protecção do monarcha, se não fallecesse este logo depois:

..... Quem diria
Quando o grande rei me honrou
E da facil poesia
Agradar-se assim mostrou;
Que de noite, que de dia
Gratamente me escutou;
E a real protecção pia
Franquear-me começou
Que tão pouco viviria!!

Felizmente para o desventurado orfão ao faltar-lhe tal Augusto encontrou um Mecenas, que foi seu arrimo e amparo.

O Regedor das Justiças José de Vasconcellos e Souza (irmão do Vice-Rei do Brazil), ao depois Conde de Pombeiro, foi o novo protector que appareceu a Caldas Barboza, a quem amparou por toda a vida; e tão grato este lhe ficou que, apezar da prohibição que recebeu de elogial-o ou aos de sua familia, a maior parte das suas composições, fóra as cantigas, tem por objecto perpetuar as virtudes, acções, anniversarios natalicios, etc., do mesmo Conde Regedor e dos seus.

Essa protecção do Regedor das Justiças não se limitou a dar-lhe cama e mesa primeiro no palacio de seu irmão o marquez de Castello Melhor, e depois de casar-se, nos seus aposentos da Bemposta; senão que o fez ordenar, arranjou-lhe um beneficio, e o logar de capellão na Casa da Supplicação.

Além d'isso introduziu-o em toda a boa sociedade da côrte, cuja

estima o protegido depois soube captar, já pela facilidade de seus improvisos cantados ao som da viola, á semelhança de um lyrico grego ou de um trovador da idade media, já por sua alma affectuosa e inoffensiva, que não creava inimigos, nem era accessivel a intrigas. Este acolhimento foi tal que a presença do Caldas tornou-se quasi uma necessidade de todas as festas, sobre tudo das partidas de campo. Nas aristocraticas reuniões das Caldas, nos cansados banhos do mar, nos pitorescos passeios de Cintra, em Bellas, em Queluz, em Bemfica, sociedade onde não se achava o fulo Caldas com sua viola, não se julgava completa.

Todos os sitios mencionados ficaram em seus versos commemorados; sendo para lastimar que o autor figura n'elles geralmente mais como truão do que como poeta, v. g. no seguinte estribilho:

> Ai céo
> Ella é minha yáyá,
> O seu *moleque* sou eu.

Mas em abono do nosso trovador cumpre dizer que essa abnegação devia de ser calculada. Caldas Barboza conheceu por ventura que na sociedade a paixão mais prejudicial e n'ella mais commum, é a do amor proprio: tinha a consciencia do pouco valimento de sua côr n'um paiz onde ella era um máu preconceito: preferiu pois passar por bobo, ser o primeiro a escarnecer de si, ainda á custa de sua dignidade, mas ir vivendo descançado; como fez depois o bom Tolentino, que a elle no caracter e no estilo ás vezes se assemelha.

Além de que a mesma falta premeditada de amor proprio era qualidade a favor dos improvisos de Caldas. N'elles olhava este só ao effeito do momento, não á rima e perfeição; surprehendia os motes e glosava-os segundo se lhe apresentavam; a tal ponto que alguns por incompletos parecem absurdos, porque não se deram á imprensa as circumstancias que os acompanharam. Encontrareis ahi muitos desalinhos e faltas d'arte, mas atravez dessa irregularidade e pobreza de vestuarios descobrireis muitas vezes inspirações originaes.

Podiam, quanto a nós, comparar-se as inspirações do nosso improvisador aos caprichos do pintor Goya. Este a rir reduzia a quadros, que depois se copiavam em razes, as murmurações da côrte do Pardo e do Escurial; mostra genio; mas é na execução incompleto e ás vezes grosseiro. Caldas tambem não quer saber de correcções: nos seus estribilhos admitte trivialidades, e até disparates semsabores; v. g.

Meu bem está mal com eu
Gentes de bem pegou n'elle
Tape, tape, tipe, ti,

e quejandas, que fizeram com que alguem o nomeasse por autor de cantiguinhas com seus ai lé lé.

Andam por quasi duzentas as taes cantigas que nos deixou. A maior parte correm publicadas em dois volumes, impressos em Lisboa em 1806 e 1807, e reimpressos na Bahia em 1813. Muita gente se admira de que essas cantigas tivessem tão grande acolhimento, e por ventura chegam a condemnar o gosto poetico da sociedade que as apreciava, sem se lembrar de dar desconto ao trovador, que se via muita vez obrigado só por comprazer a glosar sem inspiração; e aos ouvintes que não applaudiam só a poesia, mas tambem a melodia do acompanhamento da voz e da viola e a docilidade d'aquelle que não se mostrava jámais esquivo em fazer-se agradavel.

Mas Caldas Barboza não deve ser só avaliado pelas suas cantigas: nem são ellas que lhe dão a corôa de poeta. Quintilhas nos deixou que tem muito da natural graça e singeleza das de Sá de Miranda; compoz muitos sonetos, e póde dizer-se que se ensaiou em todo o genero de poesia. No didactico possuimos d'elle, em rimas emparelhadas, uma recopilação da historia sagrada, cuja 1.ª edição foi feita em 1776, e a 2.ª em 1793. D'esta se conservam quasi todos os exemplares na livraria da Casa de Castello Melhor em Lisboa, e é obra que ainda hoje podia servir nas escolas para os meninos reterem na memoria o mais importante da Escriptura. Compoz tambem Caldas n'este genero duas epistolas a Arminda ácerca da metrificação, cujos preceitos expõe com clareza, mas demasiado

pobremente. Além d'isso faremos menção de um poema em 4 cantos que intitulou *A Doença*, e se imprimiu posthumo em 1801 (em Lisboa); do canto em verso solto, *O Jardim*; da canção

Qual enxame de abelhas sussurrando,

da traducção da ode 1.ª de Horacio, e da carta de M.me Deshoulieres á Sra. que queria ser poetisa, etc. As suas poesias lhe mereceram entrada na arcadia de Roma com o nome de Lereno Selinuntino.

Caldas Barboza era para com os seus collegas superior a todo o sentimento de inveja ou de rivalidade. Procurava quanto podia o trato dos poetas, aos quaes rendia muitos serviços, fazendo valer suas relações cortezãs. E longe de os recommendar humilhando-os ao seu valimento, procurava occasião favoravel para o fazer com dignidade, e de modo que cada qual se apresentasse logo a pedir com o direito adquirido por seu comprovado merecimento. Foi assim que uma vez se aproveitou de certo anniversario para recommendar ao seu Mecenas entre outros poetas a Elmiro (José Agostinho de Macedo), que na ode encomiastica ao conde de Pombeiro consagra as seguintes expressões ao seu amigo Caldas:

Eia, sublime, sonoroso Caldas,
Improviso cantor, eu pulso a Lyra,
Que Apollo enasta de frondosa rama;
O fogo que respira
Nos versos teus com rutilante chamma,
Com que a voluvel fantasia escaldas,
Eu sigo: e o vôo rapido qu' ergueste
Do ninho americano, onde nasceste.
Eia, anima o meu canto, ao céo sagrado
Eu me sinto levar; toco co' a frente
O convexo d'abobada azulada
Do astro refulgente,
Já vejo o disco, e face illuminada,
Vejo o plano estensissimo encrespado,
Que sobre um lenho intrepido sulcaste,
Quando o cruzeiro lucido encaraste.

Lá vejo a praia, lá descubro a arêa,
Na qual eleva a torreada frente,
A quem Neptuno cede o sceptro undoso;
Lá vão pelo horizonte
As amêas do muro magestoso,
Que em torno cinge a inclita Ulyssea,
Côrte famosa, que avistando honraste,
Quando as arêas humidas beijaste.
Ah! tu não trazes o metal luzente,
Os accesos rubins, os diamantes,
Nem esses lenhos nos sertões cortados,
Nem aromas fumantes,
Que ponhas nos altares consagrados,
Que offerta o rico lucido Oriente;
Mas versos urdes de immortal belleza.
Ah! tu de Vasconcellos hoje o dia
Natal na lyra que te dera Apollo,
Aos astros leva, donde mora Astrêa,
E de um a outro polo,
Leva a gloria da inclita Ulyssea
Na improvisa, na doce melodia,
Sôe o seu repentino, altivo canto,
Q'a mim, ao mundo possa encher d'espanto.
Eu confundido, qual mesquinho ganço,
Entre bandos de cysnes sonorosos,
Que nas ismeneas ondas se mergulham,
E bebem dos undosos
Rios, que no Parnaso inda borbulham,
Tão remontados vôos não alcanço,
Que versos possa urdir alti-sonantes,
Mais sublimes qu' o oiro, qu' os diamantes.
Já a par de um bisavô, qu' o vacillante
Reino susteve nos nervosos hombros
Pela Patria infeliz sacrificado,
Entre pasmos, e assombros,
Lá lhe levantam busto consagrado,
Fundido do metal puro e brilhante,
Outros já pulem os penhascos broncos,
E já dos bosques desarreigam troncos.
A empreza é grande, porém tu sobejas,

Cinge-te a ella, sonoroso Caldas,
Desprega as aureas magestosas pennas,
Pois do Parnaso as faldas
Deixas, e sobes ás mansões serenas;
Mas se outros vates inclitos desejas,
Que rouca tornem esta lyra minha,
Tens os cysnes qu' o fulvo Téjo aninha.
Elles louvem comtigo o natal dia,
Que tantas vezes seja repetido,
Q' Apollo gaste o coche e gaste as rodas;
Louvado e applaudido
Seja dos povos e das gentes todas,
Que cheios de prazer e de alegria
Lhe augurem para sempre dilatados
Seculos pelos céos abençoados.

E' verdade que n'esta ode, cujo estylo elevado não condiz com o assumpto, parece que Elmiro (*) tinha mais em vista inculcar seus vôos que dizer o que sentia.

Mais sinceros, se bem que menos estrondosos, são os elogios que lhe fazem Belmiro Transtagano (Belchior Curvo Semedo), Corydon Neptunino, e sobre todos Eurindo Nonacriense, cujo seguinte trecho não podemos deixar de transcrever; pois nos revela o amavel caracter de Lereno:

. . . . . Unicamente
As virtudes pacificas me aprazem:

(*) Não perdoou Bocage a José Agostinho esta circumstancia na grande satyra com que o zurziu:

Chamaste grande, harmonico ao Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Transformaste depois, havendo impado,
Com tavernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orang-otango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.

Note-se porém que papagaio se chamava Lereno a si proprio:

Não é do Tamise um cysne
Que vai soltar doce canto:
Brazileiro papagaio
D'arremêdo a voz levanto

Tu ris, Lereno amado? E c'o meneio
Dos prespicazes olhos do semblante
Como que approvas o pensar d'Eurindo?
. . . . . .
Sei que o mal te aborrece, o bem te enleia,
Que um coração te ha dado o Ser Supremo
Onde mil dotes candidos se acolhem.
. . . . . .
Mas vejo, amavel Caldas, que te enojas
De tão comprida arenga, e que a sonora
Lyra tomando, que te afina Apollo,
Vás nella eternisar do grão Pombeiro,
Da illustre esposa virtuosa e bella,
Os claros nomes, meritos sublimes,
Da fresca Bellas, os amorosos troncos
Mover (que assombro!) vejo ao som divino.

Porém Caldas Barboza, apezar de sempre leal e consequente com seus amigos, teve por vezes o dissabor de não se ver correspondido. Chegou a ser intimo de Bocage; mas este poeta sacrificava os seus amigos ao prazer de exercitar sua innata maledicencia. Bem conhecido é o epigrama que compoz quando certo intrigante lhe foi dizer que se queixára Lereno d'essa sua pessima qualidade:

Dizem que Fabio Beltrão
Em Bocage ferra o dente,
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

Além de ingratidões similhantes, que são duras de soffrer a uma alma candida e ingenua, como a de Lereno, viu-se este ainda em vida hostilisado e enxovalhado por invejosos da reputação exagerada que o pubico lhe créara. Este resentimento de varios arcades contemporaneos ainda dominava Filinto quando no desterro se incommodava de que applaudissem em Portugal

Os versinhos anões a anãs Nerinas
Do cantarino Caldas a quem parvos
Poem a alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo

Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cysne.

Este juizo parece-nos apaixonado, e em parte contradictorio. O que é sem duvida é que muitas composições de Lereno são sem merecimento; o que por força devia succeder a quem tanta vez compunha só por obsequio, e sem inspiração. Mas algumas poesias ha suas que são bastantes para que os litteratos o tratem com mais consideração, embora se deva confessar que profundava pouco, sabia menos, não estudava e tudo devia á natureza; pois como elle diz singelamente:

Versos me viram fazer
Por innato e doce tom.

Domingos Caldas Barboza terminou seus dias quasi ao mesmo tempo que o precedente seculo. Falleceu a 9 de Novembro de 1800 de uma rapida enfermidade que apenas lhe permittiu prover-se dos sacramentos. Depois de ser depositado seu corpo n'uma capella que tem os Condes de Pombeiro dentro de um bosque no seu palacete da Bemposta, foi enterrado na igreja parochial dos Anjos, em cujo liv. a fl. 277 está lavrado o seu assento de obito, do qual devemos uma certidão á bondade da Exma. Sra. V. d'A. quando creança mui valida do nosso poeta, que a posteridade avaliará no justo termo que lhe cabe.

Segundo informações que obtivera o defunto conego Januario, Caldas Barboza nascêra no mar, vindo sua mãi d'Africa para o Rio de Janeiro. Esta informação cahiria só por si diante das pessoas da familia de seu protector e do de J. Agostinho, que affirmam que elle era filho do Brazil. Mas o proprio Caldas diz que, quando nasceu,

Por cima da infeliz *choça*
Gralha agoureira se ouviu:

o que dá a entender que nascêra em terra. Mais: continuamente está elle a confessar que é Brazileiro, chamando-se até papagaio, e pelo seu genio nem se lhe importaria de apropriar-se o epiteto de orang-otang, que lhe dá o seu amigo Bocage. Descrevendo a Albano

em versos soltos certas festas de Queluz, diz tratando do Principe do Brazil:

E' mais meu do que teu. . . .
Do throno portuguez, é inda herdeiro,
Mas é principe já da patria minha.

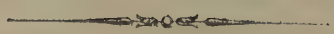
E quem não conhece aquelles seus versos:

Nós lá no Brazil
A nossa ternura,
A assucar nos sabe,
Tem muita doçura?

E os chulos lunduns da *Nhánhásinha* e do *Charapim* em que se lembra da *cuia*, do *angú*, do *quingonbó*, da *malagueta*, do *mel do tanque*, etc., etc.

Não abandonemos pois ao oceano cosmopolita a nacionalidade do bom fulo Caldas, que tanto se occupou do Brazil.

F. A. de Varnhagen.



INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO.

Actas redigidas pelo Sr. Segundo Secretario.

226.ª SESSÃO DO DIA 9 DE MAIO DE 1851.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. conselheiro Candido José de Araujo Vianna, Manoel de Araujo Porto-Alegre, Drs. Capanema, Silva Maia, Macedo, Azeredo Coutinho, Borges, Souza Rio, Norberto, Castro, Ferreira Lagos, Joaquim Caetano da Silva e Paula Menezes; abre-se a sessão. Lida e approvada a acta da antecedente, o 1.º secretario dando conta do expediente, lê:

1.º Um officio do socio, o Sr. Duarte da Ponte Ribeiro, participando a sua ausencia temporaria do paiz, e a impossibilidade de apresentar por agora a memoria, que lhe foi incumbida por S. M.; ficou o Instituto inteirado.

2.º Outro do Sr. Marcos Antonio de Araujo, da legação brasileira nas cidades anseaticas, e datado de Hamburgo, remettendo com o recibo assignado pelo capitão do brigue Hansa, um pacote enviado ao Instituto pela Academia Imperial de S. Petersburgo, contendo a collecção de suas actas e trabalhos.

3.º Do Sr. Sergio Teixeira de Macedo, datado de Washington remettendo da parte da Bibliotheca de New-Yorck, os dois ultimos volumes publicados da historia natural d'aquelle estado, e pedindo que o Sr. 1.º secretario o habilite convenientemente a responder ao 1.º secretario da dita Bibliotheca, acerca de não ter ainda elle recebido accusação alguma de haver o Instituto sido entregue dos 13

volumes anteriormente enviados ao Paço, que eram impressos; e que pedia o dito secretario a justa reciprocidade do Instituto enviando-lhe tambem as suas publicações; ficou inteirado.

4.° Uma carta do Sr. Manoel Rodrigues de Oliveira, da Bahia, remettendo um machado e uma fouce, instrumentos agriculas achados por suas diligencias no logar em que presume-se ter existido a povoação ou cidade abandonada; sentindo elle o não lhe terem mandado os vidros, cujos vasos por excellencia são dignos do maior apreço, por serem dourados no interior da massa vitrea; e enviando igualmente 16 numeros differentes do periodico em que estampára o occorrido, desde que tentára elle o nacionalismo provincial para a auxiliar naquellas indagações até a sua correspondencia, em resposta ao brigadeiro José de Sá Bitancourt; — ficou-se inteirado.

5.° Carta do Sr. José Dias da Cruz Lima enviando para a Bibliotheca do Instituto 16 differentes manuscriptos sobre cousas do paiz, sendo uns originaes e outros copias, pedindo que o Instituto os receba como prova de seu interesse por esta associação; recebido com especial agrado.

6.° Outra do Sr. Henrique Marques Lisboa offerecendo para a nossa bibliotheca o relatorio da viagem do missionario capuchinho ao Pará: recebido com especial agrado. O Sr. secretario communica que recebera de um particular um numero do jornal o *Ipyranga*.

Terminado o expediente o Sr. secretario noticia, que acaba de chegar o 1.° volume da obra do conde de Castelnau; e como contenha ella muitas inexactidões, propunha, que o Instituto a mandasse examinar por uma commissão de seus membros. Sendo approvada a proposta foi nomeado para esse trabalho o Sr. Dr. Macedo.

Ordem do dia.

É lido o parecer da commissão de fundos approvando as contas apresentadas pelo Sr. thesoureiro, e louvando-lhe a exactidão e zelo empregado no desempenho de seu cargo; posto a votos foi approvado.

Compareceu o socio o Sr. Varnhagen, recem-chegado da Europa, e tomou assento.

Entra em discussão a redacção dos artigos reformados dos Estatutos; e tendo sido approvada, foram os ditos artigos reenviados á mesma commissão, que os redigira para os incorporar aos Estatutos.

O Sr. secretario requer que, tendo-se approvado os artigos reformados dos Estatutos, se marque o dia para proceder-se á competente eleição dos novos funccionarios da mesa e commissões, em conformidade com que dispõe a dita reforma. O Sr. Dr. Macedo impugnando o requerimento propoz que procedesse á eleição, em uma sessão publica, no que se andaria de accordo com o que determinavam os Estatutos. Submettendo-se á consideração do Instituto o requerimento do Sr. secretario e a proposta do Sr. Dr. Macedo, depois de uma breve discussão, foi approvado o requerimento do Sr. secretario, e marcou-se o dia 23 do corrente para as ditas eleições.

Entrando em discussão o parecer dado pelo Sr. Dr. Bivar ácerca do indice chronologico do Dr. Perdigão Malheiros, addiado das sessões antecedentes, o Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva pediu licença para apresentar um trabalho seu, como apendice ao d'aquelle Sr., em o qual offerece 48 duvidas ás asserções escriptas pelo autor do parecer; depois de lido o trabalho, ficou sobre a mesa na fórma do estylo.

O Sr. Varnhagen offereceu para a bibliotheca do Instituto os dois volumes da sua obra, ultimamente publicada — *Florilegio da Poezia Brasileira*; — foi recebida a offerta com muito agrado.

2.ª *Parte da ordem do dia.*

O Dr. Paula Menezes continuou a leitura de sua memoria. — Estando a hora bastante adiantada, levanta-se a sessão, marcando-se para ordem do dia — 23 do corrente — 1.º Eleições da mesa e commissões — 2.º Objectos addiados.

227.ª SESSÃO DA ASSEMBLEA GERAL NO DIA 23 DE MAIO DE 1851.

(Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

A's 5 horas e 25 minutos da tarde, achando-se presentes os socios, os Srs.: Candido José de Araujo Vianna, Candido Baptista de Oliveira, Aureliano de Souza Coutinho, Manoel Ferreira Lagos, Manoel de Araujo Porto-Alegre, Athayde Moncorvo, Souza Rio, Norberto de Souza, Francisco José Borges, Dr. Freire, Dr. Silva, Maria Lisboa, Dr. Capanema, Alves Branco, Souza Fontes, Magalhães Calvet, Macedo, Lino Antonio Rabello, Antonio Manoel de Mello, Varnhagen, Marques de Carvalho, Ferreira Lapa, Coutinho, e Paula Menezes; abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. Presidente declara qual o objecto da reunião da assembléa geral, e mandando ler os artigos da reforma dos estatutos, que tinha relação com o fim d'aquella sessão, procedeu-se á eleição dos membros da mesa e das commissões, em conformidade com o disposto pelos Estatutos, tendo precedentemente nomeado escrutinadores os Srs. Porto-Alegre e Athayde. Observadas todas as formalidades de costume, correndo o escrutinio para cada um dos logares, e votando-se em cedulas separadas para Presidente, Vice-Presidentes, Secretarios, Orador e Thesoureiro, e em uma mesma cedula os dois Secretarios supplentes, e bem assim os membros das differentes commissões, verificando-se em cada apuração o numero de cedulas colhidas pelo escrutinio e o dos votantes, deu-se começo á eleição, e obtiveram votos: — Para Presidente o Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna, 23 votos. — Para 1.º Vice-Presidente e Director da Commissão de Trabalhos Historicos, o Sr. Conselheiro Aureliano de Souza Coutinho, 23 votos. — Para 2.º Vice-Presidente e Director da Commissão de Trabalhos Geographicos, o Sr. Conselheiro Candido Baptista, 23 votos. Tendo comparecido

então os socios Dr. Miranda e Castro, e Capitão Gama. — Para 3.° Vice-Presidente e Director da Commissão de Archeologia, o Sr. Manoel Ferreira Lagos, 24 votos; e o Sr. Porto Alegre, 1; Dr. Freire, 1. — Para 1.° Secretario obteve o Sr. Varnhagen 24 votos; o Sr. Porto Alegre igualmente 1 e Paula Menezes 1. — Para 2.° Secretario obtiveram o Dr. Paula Menezes, 23 votos; o Sr. Dr. Macedo, 2, e o Sr. Norberto e Souza, 1. — Para Secretarios Supplentes tiveram votos os Srs. Norberto e Souza, 25; Macedo, 23; Dr. Capanema, 1; Dr. Fontes, 1; Gonçalves Dias, 1; Ferreira Lapa, 1. Para Orador foi eleito o Sr. Porto Alegre com 25 votos, obtendo o Sr. Dr. Bivar 1 voto.

Comparece o Sr. Mariz, e eleva-se o numero de votantes a 27.

Para Thesoureiro produz o escrutinio 24 votos para o Sr. Souza Rio, 2 para o Sr. Dr. Emilio Maia, e 1 para o Sr. Bivar.

Terminada a eleição da mesa, passou-se á das differentes commissões, e alcançaram votos: — Para a Commissão de Fundos e Orçamento os Srs. Emiliano Faustino Lins, 27; Dr. Azeredo Coutinho, 26; Mariz Sarmento, 26; Lino Antonio Rabello, 2; Barão de Cayrú, 1. Comparece o Sr. Dr. Sigaud, e procedendo-se á eleição da Commissão de Estatutos e Redacção da Revista, colhe o escrutinio 28 cedulas, cuja apuração dá ao Sr. Barão de Cayrú 28 votos; ao Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, 28; aos Srs.: Dr. Lapa, 26; Norberto e Souza, 1; Francisco José Borges, 1. — Para a Commissão de Revisão e correcção de manuscriptos obtiveram votos os Srs.: Dr. Paranhos, 27; Dr. Assiz Alves Branco, 25; Francisco José Borges, 26; Dr. Felix Martins, 1; Dr. Fontes, 1; Antonio Manoel de Mello, 1.

Commissão de Trabalhos Historicos: colhe o escrutinio 26 cedulas sómente, pela retirada de dous votantes, e obtiveram os Srs. João Manoel Pereira da Silva, 26 votos; Norberto e Souza, 25; Dr. Macedo, 25; Paula Menezes, 1; Dr. Capanema, 1. — Para a Subsidiaria de Trabalhos Historicos são votados os Srs.: Dr. João Antonio de Miranda, 26; Lino Antonio Rabello, 25; Thomaz José Pinto de Cerqueira, 22; Dr. Fontes, 1; Miguel de Frias e Vas-

concellos, 1; Dr. Joaquim Caetano da Silva, 1; Dr. Lapa, 1; Dr. Maia, 1.

Para a Commissão de Trabalhos Geographicos tiveram votos os Srs: Jeronymo Francisco Coelho, 24; Ricardo Gomes Jardim, 23; Pimenta Bueno, 23; Porto Alegre, 1; Firmino Herculano de Moraes Ancora, 2; Dr. Freire, 2; Miguel Maria Lisboa, 1; Miguel de Frias e Vasconcellos, 1; General Andréa, 1; Assiz Alves Branco, 1.

Para a Subsidiaria de Trabalhos Geographicos os Srs.: Moraes Ancora, 21 votos; Miguel Maria Lisboa, 22; General Andréa, 21; Dr. Capanema, 2; Dr. Fontes, 2; Joaquim Caetano da Silva, 1; Fr. Rodrigo de S. José, 1; Porto Alegre, 1; Miguel de Frias e Vasconcellos, 1; Jeronymo Francisco Coelho, 1; Jardim, 1; Bueno, 1.

Seguindo-se a eleição da Commissão de Archeologia, tiveram os Srs: Antonio Manoel de Mello, 25 votos; Dr. Freire, 24; Porto Alegre, 23; o Capitão Fernandes Gama, 2; Bivar, 1; Magalhães Calvet, 1; Josino do Nascimento e Silva, 1; Capanema, 1.

Para a de Admissão de Socios, obtiverão os seguintes votos os Srs.: Dr. Joaquim Caetano da Silva. 22; Fr. Rodrigo de S. José, 22; Dr. Guilherme Schüch de Capanema, 22; Nascimento e Silva, 2; Moraes Ancora, 1; General Andréa, 1; Miguel Lisboa, 1; Bivar, 1; Calvet, 1; Moncorvo, 1; Dr. Freire, 1.

Passou-se finalmente a eleger a Commissão de Pesquizas de manuscriptos, e obtiveram os Srs: Magalhães Calvet, 23 votos; Nascimento e Silva, 23; Athayde, 22; Dr. Caetano da Silva, 1; Fr. Rodrigo, 1; Dr. Capanema, 1; Pimenta Bueno, 1; Jardim, 1; Coelho, 1; Souza Franco, 1.

Terminadas as eleições, cuja apuração geral abaixo se transcreve, o Sr. Presidente encerrou a sessão declarando, que os socios eleitos consideravam-se desde o momento da eleição empossados dos differentes logares para que haviam sido escolhidos; e marcou para ordem do dia da proxima reunião: pareceres adiados, e leitura de memorias.

RESULTADO GERAL DA ELEIÇÃO DOS MEMBROS DA MESA E DAS DIFFERENTES COMMISSÕES.

Os Srs. : Presidente, Conselheiro Candido José de Araujo Vianna. — 1.° Vice-Presidente, Conselheiro Aureliano de Souza Coutinho. — 2.° dito, Conselheiro Candido Baptista de Oliveira. — 3.° dito, Manoel Ferreira Lagos. — 1.° Secretario F. Adolpho de Varnhagen. — 2.° dito Dr. Francisco de Paula Menezes. — Secretarios Supplentes: Joaquim Norberto de Souza. — Dr. Joaquim Manoel de Macedo. — Orador Manoel de Araujo Porto Alegre — Thesoureiro J. José de Souza Silva Rio.

Commissão de Fundos e Orçamento.

Os Srs.: Emiliano Faustino Lins. — Dr. Candido de Azeredo Coutinho. — Alexandre Maria de Mariz Sarmento.

Commissão de Estatutos e Redacção da Revista.

Os Srs. : Barão de Cayrú. — Dr. Thomaz Gomes dos Santos. — Dr. Ludgero José Ferreira Lapa.

Commissão de Trabalhos Historicos.

Os Srs. : João Manoel Pereira da Silva. — Joaquim Norberto de Souza e Silva. — Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Commissão Subsidiaria de Trabalhos Historicos.

Os Srs. : João Antonio de Miranda. — Lino Antonio Rabello. — Thomaz José Pinto de Cerqueira.

Commissão de Trabalhos Geographicos.

Os Srs : Jeronymo Francisco Coelho. — Ricardo Gomes Jardim. — Pimenta Bueno.

Commissão Subsidiaria de Trabalhos Geographicos.

Os Srs. : Miguel Maria Lisboa. — Firmino Herculano de Moraes Ancora. — Tenente General Andréa.

Commissão de Archeologia e Ethnographia.

Os Srs. : Antonio Manoel de Mello. — Dr. Francisco Freire Allemão. — Manoel de Araujo Porto Alegre.

Commissão de Admissão de Socios.

Os Srs. : Dr. Joaquim Caetano da Silva. — Fr. Rodrigo de S. José. — Dr. Capanema.

Commissão de Revisão e correcção de manuscriptos.

Os Srs. : Paranhos. — José de Assiz Alves Branco. — Francisco José Borges.

Commissão de Pesquizas de manuscriptos.

Os Srs. : José de Paiva Magalhães Calvet. — Josino do Nascimento Silva. — Athayde Moncorvo.

228.ª SESSÃO DO DIA 6 DE JUNHO DE 1851.

Honrada com a Augusta presença de S. M. o Imperador.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

Ás 5 1/2 da tarde achando-se presentes os Srs. Candido José de Araujo Vianna, Candido Baptista de Oliveira, Aureliano de Souza Coutinho, Varnhagen, Francisco José Borges, Drs. Maia, Caetano da Silva, Porto-Alegre, Vieira, Fernandes Gama, Souza Rio, Macedo, Souza Fontes, Pereira da Silva, Norberto de Souza, Castro, Dr. Capanema, Azeredo Coutinho, Athayde, Dr. Gomes dos Santos, Freire, Ferreira Lagos, Paula Menezes; abre-se a sessão. Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.º secretario dando conta do expediente, lê: Um officio do Sr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, offerecendo para a bibliotheca do Instituto alguns exemplares das obras de seu pai; o Instituto resolveu que se respondesse agradecendo a offerta: do Sr. Joaquim Norberto de

Souza, accusando a recepção do officio do Sr. 1.º secretario em que lhe communicava o ter elle sido eleito 2.º secretario supplente e membro da commissão de trabalhos historicos: do Sr. Joaquim José Pinto Bandeira enviando uma memoria sobre o descobrimento dos campos de Palmas; remettida á commissão de trabalhos historicos. O 1.º secretario participa que o socio o Sr. José Maria Velho da Silva offertára para a bibliotheca do Instituto a obra de Mr. Ferdinand Denis sobre uma festa brasileira celebrada em Rouen em 1550, seguida de um fragmento do seculo 16.º versando sobre a theogonia dos antigos povos do Brasil e das poesias de Christovão Valente, em lingua tupica; foi recebida com especial agrado e remettida á commissão acima mencionada para interpôr o seu juizo. Terminado o expediente, e não havendo objecto para a primeira parte da ordem do dia, passou-se a tratar de pareceres de commissões e trabalhos adiados. O 1.º secretario lê o parecer da commissão especial incumbida de dar sua opinião a respeito do extracto do capitulo XI da obra de Augusto Granville sobre a vida politica de Mr. Canning; fica sobre a mesa, segundo o estylo, e bem assim o parecer sobre a viagem do padre capuchinho Fr. Egydio de Garessio, pelo Pará, dado pelo Sr. Norberto de Souza e Silva. O Sr. Varnhagen faz a leitura de algumas folhas do seu trabalho sobre a *Historia do Brasil* pedindo desculpa das interrupções e imperfeição da dita leitura por achar-se o trabalho ainda em borrão e incorrecto; depois do que o 2.º secretario Paula Menezes continua a ler a sua memoria. Estando a hora bastante adiantada, levantou-se a sessão, e marcou-se para ordem do dia da proxima: 1.º, propostas e pareceres de commissões: 2.º, leitura de memorias.

229.ª SESSÃO DO DIA 19 DE JUNHO DE 1851.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Candido José de Araujo Vianna, Candido Baptista de Oliveira, Varnhagen, Borges, Dr. Joaquim Caetano da Silva, Souza Rio, Lopes Gama, Azeredo Coutinho, Dr. Macêdo, Lagos e Paula Menezes abre-se a sessão. Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.º Secretario dá conta do expediente seguinte:

Uma carta do Sr. José Barboza Canaes de Figueredo Castello Branco offerecendo ao Instituto uma memoria com o titulo de Apontamentos historicos relativos ao Seculo 12 de nossa era: foi decidido, que se agradecesse a offerta.

Não havendo mais objectos de expediente, passou-se á ordem do dia.

O Sr. Conselheiro Baptista de Oliveira procede á leitura de uma nota sua á cêrca do trecho do parecer do Sr. Dr. Bivar, relativo á estatistica, parecer que déra aquelle socio sobre o Indice chronologico do Sr. Dr. Perdigão Malheiros; resolveu-se, que fosse a nota annexada ao mencionado parecer, conjunctamente com o appendice do Sr. Dr. Silva.

Comparecem os Srs. Porto-Alegre e Capanema.

Entrando em deliberação si não tendo sido discutido nem approvado o parecer do Sr. Bivar podia se tratar da admissão do Sr. Dr. Perdigão Malheiros a socio do Instituto; depois de um pequeno debate, o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo manda á mesa o seguinte requerimento, que foi approvado. Requeiro, que o parecer do Sr. Bivar, com os aditamentos apresentados, sejão remettidos á comissão de admissão de socios com a proposta que apresenta o Sr. Perdigão Malheiros para membro do Instituto, afim de que ella offereça um parecer definitivo.

O Sr. Ferreira Lagos propõe, que se incumba a algum dos socios do Instituto do exame da *Revista dos dois mundos* de 15 de Março, em cujas paginas se acham escriptas algumas idéas sobre o nosso paiz afim de interpôr o seu juizo á cerca d'este artigo. Foi approvada e nomeado para o dito trabalho o Sr. Conselheiro Lopes Gama.

O Sr. 1.° Secretario faz a leitura da memoria do Sr. Pinto Bandeira sobre o descobrimento dos Campos das Palmas, finda a qual o Dr. Paula Menezes lê as ultimas paginas de sua Memoria sobre o programma dado por Sua Magestade.

Não havendo mais que tratar-se, levantou-se a sessão ás 7 1/2 da noite.

230.ª SESSÃO DO DIA 4 DE JULHO DE 1851.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. conselheiros Candido José de Araujo Vianna, Candido Baptista de Oliveira, Aurelianno de Souza Coutinho, Ferreira Lagos, Varnhagen, barão de Cayrú, Athayde Moncorvo, Castro, Souza Rio, Norberto de Souza, Dr. Macedo, Capanema, João José de Carvalho, Dr. Caetano da Silva, Helnuveichen, Maria Lisboa, Porto-Alegre, Dr. Freire e Paula Menezes, abre-se a sessão. É lida e approvada a acta da antecedente.

EXPEDIENTE.

1.° Um officio do Sr. José Bento da Cunha Figueiredo, enviando dous exemplares da falla que dirigiu á assembléa provincial; o Instituto resolveu que se agradecesse. 2.° Outro do Sr. Souza Rio, thesoureiro do Instituto, remettendo o balancete da receita e despeza do cofre, do primeiro semestre do anno corrente; ficou sobre a mesa

para ser examinado pelos socios. 3.° Os redactores do jornal litterario o *Guanabara* offerecem para a bibliotheca do Instituto o numero 7 d'aquella publicação; recebida com agrado. 4.° Uma carta do Sr. André Lamas, offerecendo para a mesma bibliotheca os seguintes escriptos—: Ractificação de factos calumniosos attribuidos á defensa de Montevidéo, por Mr. Pacheco e Obes:—Argyropolis ou a capital dos Estados confederados do Rio da Prata, por D. Fr. Sarmiento, traduzido do hespanhol por Mr. Lenoir:—Estudos dos interesses reciprocos da Europa e da America—A França e a America do Sul, por Benjamin Poucel:—Do Prata e dos interesses commerciaes e politicos da França n'este paiz, por Mr. Noblet:—Buenos-Ayres, por Mr. Chauvêt-Charolais:—Carta do general Santa Cruz ao dictador de Buenos-Ayres D. João Manoel de Rozas:—A Contribuição e Arrecadação, por Santiago Arcos:—Sud-America politica e commercial, por D. Domingos Sarmiento (os seis primeiros numeros d'esta Revista). 5.° Outra carta do mesmo senhor, offerecendo igualmente o primeiro tomo da sua collecção de memorias e documentos para a historia e geographia dos povos do Rio da Prata, e a primeira parte de uma collecção de documentos estadisticos sobre o seu paiz, que se acha em francez com o titulo de—*Notice sur la République Orientale de l'Uruguay*, &c.; foi a offerta recebida com especial agrado.

Ordem do dia.

É lido o parecer da commissão de admissão de socios sobre os candidatos os Srs. commendador Antonio de Padua Fleury, bacharel Antonio Manoel de Torres Bandeira e J. Nunes de Andrade para correspondentes, e o Dr. Perdigão Malheiros para effectivo; fica sobre a mesa, segundo os estatutos, para ser discutido na proxima sessão.

O Sr. secretario lê o parecer da commissão especial encarregada de dar o seu juizo ácerca do capitulo da obra de Augusto Granville sobre a vida politica de Mr. Canning;— entrando em discussão o Sr. barão de Cayrú manda á mesa a seguinte emenda:— Proponho que

o Instituto ordene que seja publicada na Revista o capitulo 11.° da obra de Mr. Granville Steepleton, pela traducção do Sr. Miguel Maria Lisboa. Como porém, se encontram algumas incorrecções n'aquella interessante obra, relativamente ao Brazil, determine mais o Instituto que a traducção seja acompanhada de notas, officiando-se ao governo imperial para permittir á commissão o exame dos documentos que devem existir na secretaria de estado dos negocios estrangeiros, ácerca das negociações que tiveram lugar para o reconhecimento da independencia do Imperio — : foi approvada, sendo regeitado o parecer da commissão; e ficou o mesmo Sr. barão encarregado do trabalho das notas de que trata a emenda.

Terminada a primeira parte da ordem do dia, o Sr. Varnhagen pede permissão para proceder á leitura de uma carta que escrevêra de Sevilha ao 1.° secretario o Sr. conego Januario, com data do 1.° de Abril de 1846, como additamento ao seu juizo ácerca de um compendio da historia do Brazil, publicado no numero 21 da Revista do Instituto, carta, que já imprimiu em outro logar; porém cujo original parece-lhe haver se perdido pela morte do mesmo Sr. conego. — Finda a leitura, o Instituto decidiu que fosse a carta publicada na Revista. — O Sr. Luiz Antonio de Castro faz a leitura de uma parte do seu parecer sobre a obra do padre Kidder. Achando-se a hora adiantada levantou-se a sessão, marcando-se para ordem do dia — da primeira reunião — 1.° A discussão do parecer da commissão de admissão de socios, que se tinha acabado de ler. — 2.° A leitura de memorias, se as houvesse. — 3.° A continuação da leitura do parecer do Sr. Castro.

231.ª SESSÃO DO DIA 18 DE JULHO DE 1851.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Candido José de Araujo Vianna, Baptista de Oliveira, Ferreira Lagos, Varnhagen,

Borges, Dr. Caetano da Silva, Barão de Cayrú, Maria Lisboa, Porto-Alegre, Souza Rio, Azeredo Coutinho, Capanema, Marques de Carvalho, Fernandes Gama, Castro, Norberto de Souza, Claudio Luiz da Costa, Paula Menezes; abre-se a sessão. É lida e approvada a acta da antecedente.

EXPEDIENTE.

Um officio do Sr. Secretario da Sociedade Ensaio Philosophico Paulistano remettendo o 1.° n.° de sua Revista; recebido com agrado. Uma carta do Sr. Dr. Macedo participando não poder comparecer á sessão por doente Da sociedade dos Antiquarios do Norte um extracto da sessão de sua assembléa geral celebrada a 16 de Fevereiro de 1850; recebido com especial agrado.

O Sr. Norberto de Souza offereceu um trabalho sobre o recenceamento da população da provincia do Rio de Janeiro em 1850, pelo Sr. Angelo Thomaz do Amaral, pedindo que fosse remettido á commissão de admissão de socios, para satisfazer a condição imposta pelo parecer da antiga commissão de historia, adiando a admissão do dito Sr. até apresentação de algum trabalho seu. O 1.° Secretario apresentou o 1.° e 2.° tomo do *Repertorio ou Indice alphabetico das Leis do Imperio* publicados pelo Sr. Dr. Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, e offerecidos pelo mesmo á bibliotheca do Instituto; recebido com especial agrado.

Ordem do dia.

O 1.° Secretario leu a biographia de Fr. Gaspar da Madre de Deos; foi enviada á redacção.

O Sr. Conselheiro Candido Baptista de Oliveira fez a leitura de uma parte do seu trabalho intitulado: *Apontamentos sobre alguns factos mais importantes da conquista dos Hespanhóes.*

Entra em discussão um parecer da commissão de socios; e o Sr. barão de Cayrú tomando parte no debate fez a leitura de algumas das notas, que como ministro da Corôa enviára ao ministro plenipotenciario dos Estados-Unidos, afim de mostrar, que o epitheto de fraco, que dera um dos candidatos ao seu procedimen to na questão do tenente

da marinha americana, fôra menos justo, assegurando que de nenhum modo porém se oppunha á sua admissão para socio do Instituto.

DOCUMENTOS LIDOS PELO SR. BARÃO DE CAYRU'.

Legação dos Estados-Unidos da America, 2 de Novembro de 1846, ás 7 horas da manhã.

O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario dos Estados-Unidos da America, sente summamente ser obrigado a remetter á S. Ex. os papeis inclusos, que recebeu na semana passada do commodore L. Rousseau, que commanda a esquadra dos Estados-Unidos n'esta estação. Elles manifestam o grosseiro insulto, que se fez aos officiaes e marinheiros dos Estados-Unidos, de um modo mui offensivo e insupportavel, sendo perpetrado por soldados e officiaes subalternos na guarda do paço da cidade, perto das 5 horas da tarde, no sabbado 31 do mez passado. O caso é tão flagrante, que o abaixo assignado está certo, que basta ser mencionado, para merecer do governo imperial uma reparação ampla e prompta. A corveta dos Estados-Unidos *Saratoga*, chegou ultimamente a este porto com avaria, e atè havia recebido ordem para sahir para os Estados-Unidos no dia 2 do corrente. As lanchas tinham vindo para terra, sabbado de tarde, a buscar os mantimentos, segundo o costume.

A. B. Davis, benemerito official pelo seu excellente comportamento, tinha ha pouco desembarcado junto do armazem dos Srs. J. H. Brewer & C.ª, junto do cáes, quando lhe deram a noticia de uma desordem entre marinheiros Americanos, que estavam então de serviço, por estarem em terra, não com licença, mas por ordem dos officiaes que commandavam os escaleres.

O tenente Davis, cumprindo com o seu dever, estava enviando um dos marinheiros para o escaler, com intenção de levar os outros que se tinham mal comportado, para serem devidamente castigados á bordo da corveta; e no entretanto uma patrulha de soldados agarrou o marinheiro no acto de obedecer as ordens do seu official, e o prendeu. O tenente Davis, cuidando que a guarda tinha vindo

em seu auxilio certificou aos soldados, que d'elles não precisava; esforçando-se por conseguir que elles permittissem que o preso obedecesse á ordem que lhe dera de ir para o escaler; ordem esta que fez com que o marinheiro não quizesse ir com os soldados, os quaes então começaram a espancal-o do modo o mais cruel, ferindo-o até que ficou ensanguentado, ficando o seu official manchado de sangue. N'este momento o tenente Davis estava desarmado. Voltou pois para a casa de Brewer & C.ª, aonde tinha deixado o boldrié com a espada. Entretanto os soldados arrastaram o marinheiro Americano até o palacio. O tenente Davis seguia para cuidar do marinheiro, ver o official da guarda, &c, e saber aonde o homem ficaria recluso, se não podesse obter a soltura com as explicações que désse. Approximando-se do palacio uma patrulha de soldados, calou sobre elle as baionetas. Então puchou pela espada em sua defesa, e immediatamente a embainhou quando se retiraram os aggressores. Chegou até os degráos do palacio, aonde foi encontrado por um official da guarda, *o qual o convidou a entrar*, e tomando isto por um acto de polidez da parte do official, que queria remediar a brutalidade dos soldados, o tenente Davis, sem suspeitar que houvesse traição, entrou, e immediatamente foi atacado, desarmado e preso.

Diversos marinheiros foram injustamente detidos espancados e presos. Um official ancião, que era um espectador silencioso e inoffensivo, foi brutalmente espancado por um dos bravos officiaes da guarda. Esta breve exposição dos factos está plenamente provada pelas informações officiaes do proprio tenente A. B. Davis, datadas do quartel dos Permanentes, e do capellão Lambert, tenente Stark, da fragata *Columbia*, e do capitão J. Shubrick ao commodore Rousseau; e tambem pelos depoimentos de Samuel Macoduck, Wm. M. Lennan, Benjamin Watlington, e João Holliday, tomados com juramento perante o Sr. G. Parks, consul dos Estados-Unidos n'esta côrte.

O abaixo assignado não duvida um só momento, de que o governo imperial desapprovará inteiramente este ultrage em todas as suas

partes; que ordenará a immediata soltura do tenente Davis, e dos Americanos aprehendidos e presos com elle, e que fará com que os soldados da guarda, que tiraram os marinheiros do commando do tenente Davis, e especialmente o official, que commandava então a guarda, sejam devidamente punidos pela illegalidade, crueldade barbara, cobardia e traição com que se portaram.

A *Saratoga* está prestes a partir a toda a hora, e espera-se hoje a soltura do seu official e marinheiros.

O abaixo assignado, &c. — (Assignado) *H. A. Wise.*—A S. Ex. o barão de Cayrú, &c.

Officio do commodore Rousseau ao Sr. Wise

Fragata *Columbia* dos Estados-Unidos. — Rio de Janeiro 1.° de de Novembro de 1846.

Senhor. Tenho a honra de remetter para vossa informação, relativamente ao ultraje commettido hontem na pessoa do tenente A. B. Davis, da corveta dos Estados-Unidos *Saratoga*, copias tanto das exposições do proprio tenente Davis, do reverendo Mr. Lambert, capellão da marinha dos Estados-Unidos, de W. E. Stark, do tenente Condy, da brigada dos Estados-Unidos; como dos depoimentos de J. Mawduck, W. M. Lennan e Benjamin Watlingon, tomadas no consulado dos Estados-Unidos perante o consul, o Sr. G. Parks.

As circumstancias, pelo modo com que se referem n'estes diversos papeis, exigem, na minha opinião, a reparação mais plena e ampla. E como a vós pertence dar os passos necessarios n'este negocio, peço-vos respeitosamente que useis de toda a possivel brevidade, para se decidir este caso, ou ao menos para se obter a soltura do tenente Davis, para que possa partir na *Saratoga* a 3 do corrente.

E' mui importante que esta embarcação não se demore por mais tempo.

Espero que as amigaveis relações, que até agora tem existido entre o nosso governo e o do Brazil, farão com que consigais isto sem difficuldade.

Tenho a honra de ser com todo o respeito vosso obediente criado. —*L. Rousseau*, commodore da esquadra dos Estados-Uuidos na estação do Brazil. — A S. Ex. o Sr. Henrique Wise, ministro plenipotenciario, &c. Rio de Janeiro.

Depois de fechar estes recebi o depoimento dado por João Holyday inglez de nação, cuja copia remetto. — *Rousseau*.

Nota do barão de Cayrú em resposta á do Sr. Wise de 2 de Novembro de 1846.

Rio de Janeiro. Ministerio dos negocios estrangeiros, em 2 de Novembro de 1846.

O abaixo assignado, do conselho de S. M. o Imperador, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, accusa a recepção da nota, que o Sr. Henry A. Wise, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario dos Estados-Unidos da America, lhe dirigiu com data de hoje, tratando da prisão do tenente Alonzo B. Davis pela força militar encarregada de manter a tranquillidade e segurança publica d'esta capital.

O abaixo assignado, tendo levado ao conhecimento de S. M. o Imperador a referida nota e as copias que incluia, teve ordem para significar ao Sr. Wise, que sua exposição relativa á captura do tenente Davis não está conforme com as participações officiaes das autoridades civis e militares, que de varias guardas acudiram para apaziguar o escandaloso tumulto promovido por aquelle official; porém que, á vista das razões que allega o commodore L. Rousseau, quer o governo imperial dar ao dos Estados-Unidos mais uma prova de especial consideração, mandando entregar áquelle commodore o dito tenente Davis; certo de que lhe applicará o castigo, a que der lugar o processo, que está em andamento, e será opportunamente enviado ao mesmo governo.

Quanto á soltura dos marinheiros, tambem sollicitada pelo Sr. Wise, não a considerando o governo imperial de igual importancia á do tenente Davis, para que a corveta *Saratoga* regresse aos Estados-

Unidos, devem elles conservar-se presos até ulteriores esclarecimentos.

O abaixo assignado antecipando esta resolução do governo imperial pelos motivos referidos, reserva para depois responder circumstanciadamente ao contexcto da sua nota; declarando comtudo desde já que julga improcedentes todos os argumentos tendentes a pretender-se que a acção das leis do paiz seja um insulto, e que os individuos de qualquer cathegoria se considerem com direito a desobedecer e atropellar as respectivas autoridades.

Com este motivo, o abaixo assignado reitera ao Sr. H. A. Wise as expressões da sua distincta consideração. — *Barão de Cayrú.*

Nota do Sr. Wise, respondendo á do barão de Cayrú de 2 Novembro de 1846.

Legação dos Estados-Unidos, 2 de Novembro de 1846.

O abaixo assignado enviado, &c., accusa a recepção da nota de S. Ex. de hoje ás 3 horas da tarde, em resposta á sua do mesmo dia.

Sente dizer que com todo o respeito se julga obrigado a deixar de receber a soltura do tenente Davis, segundo os termos e condições propostas pelo governo de S. M.; e renova o que exigiu na sua nota do mesmo dia, isto é, que se soltem immediatamente o dito tenente e os marinheiros, pertencentes á esquadra dos Estados-Unidos, que foram com elle presos.

O abaixo assignado renova, &c. — (Assignado) *H. A. Wise.* — A' S. Ex. o Sr. barão de Cayrú.

Resposta do barão de Cayrú á nota do Sr. Wise de 3 de Novembro de 1846.

O abaixo assignado, &c., accusa o recebimento da nota, que o Sr. H. Wise, &c. lhe dirigiu em data de hontem, declarando que deixa de admittir a entrega do tenente Davis nos termos e condições constantes da nota, a que responde, e insistindo em que elle seja *immediatamente* solto com os marinheiros pertencentes á esquadra dos Estados-Unidos, que se acham tambem presos.

O abaixo assignado principiará a sua resposta á referida nota, cumprindo o penoso dever de manifestar, que, quando o governo imperial attendendo ás razões allegadas pelo commodore Rousseau na exposição incluida pelo tenente Davis, estava mui distante de esperar que esta prova de consideração, com que o governo de S. M. o Imperador destingue o dos Estados-Unidos, não seria admittida pelo Sr. Wise, mas ainda assim se compraz de haver realisado aquella sua resolução, e não duvida que será melhor avaliada pelo governo da União.

Para que o Sr. Wise deixasse de admittir a entrega do tenente Davis nos termos em que foi feita, e poder insistir na *immediata* soltura d'este e dos marinheiros, seria necessario mostrar que esse official não commetteu, em pleno dia, o publico e escandaloso attentado que elle mesmo confessa, de atacar a patrulha da policia, para tirar-lhe os marinheiros que ella levava presos, por estarem brigando com facas, — que não perseguiu com a espada desembainhada a dita patrulha no meio de um tumulto popular até o corpo da guarda dentro do palacio imperial, — e que não foi preso ahi n'essa attitude offensiva.

Todas as informações apresentadas pelo Sr. Wise poderão, quando muito, attenuar a gravidade de algumas circumstancias d'este facto; mas nunca negar que o tenente Davis pretendeu tirar á força das mãos da justiça os marinheiros presos por ella em flagrante, e que, perseguindo-a, entrou no corpo da guarda com espada desembainhada e atropelando as sentinellas.

Um acontecimento tão extraordinario, que causou tal sensação na cidade que foi preciso vir de outros pontos força armada para conter o povo amotinado, deve ter chegado á noticia do Sr. Wise até pelo consul dos Estados-Unidos Mr. G. Parks, que se introduziu no corpo da guarda a fazer irregulares protestos, em vez de praticar os officios de interprete, dando a conhecer ao seu concidadão que tinha offendido as leis do paiz, que lhe cumpre respeitar.

O governo imperial deve dar credito ás participações officiaes das diversas autoridades civis e militares, umas que presenciaram os

factos, outras que acudiram ao tumulto, e d'elles se informaram; ainda assim mandou remetter á autoridade encarregada de proceder á summario, uma copia das declarações, que o Sr. Wise incluiu em sua nota, afim de que sejão tomadas na consideração que merecerem.

Relativamente á detenção dos marinheiros, que deu origem ao desagradavel successo de que se trata, proceder-se-ha a seu respeito, conforme fôr de justiça.

Com este motivo o abaixo assignado reitera ao Sr. H. Wise as expressões da sua distincta consideração.—*Barão de Cayrú.*

Nota do Sr. Wise de 15 *de Fevereiro de* 1847.

Legação dos Estados-Unidos.—Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1847.

O abaixo assignado, etc., faz os seus mais respeitosos cumprimentos ao Sr. ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros; e participa-lhe que ultimamente recebeu uma carta sellada do presidente dos Estados-Unidos, dirigida a S. M. o Imperador do Brazil, dando-lhe os parabens pelo fausto motivo do nascimento de S. A. a Princeza Imperial. Recebeu instrucções para communicar a copia inclusa aberta d'essa carta; pedindo uma audiencia para entregar o original ao Imperador em pessoa.

Teria ha mais tempo tido a honra de fazer esta requisição, logo que recebeu as suas instrucções, senão fosse a epidemia reinante, que o atacou, assim como á sua familia; mas agora tem grande prazer, em cumprir com este dever, logo que o permittiu o estado de sua saude.

Ainda que o abaixo assignado não haja sido informado, quer official quer não officialmente, de razão alguma que obstasse aquella requisição, comtudo não póde ser insensivel ao facto de que algumas objecções ou obstaculos se opponham á audiencia, originada dos ultimos successos mui lamentaveis. E aproveita-se d'esta primeira opportunidade, depois que tiveram logar esses successos, para desviar todas as impressões erroneas; protestando, que nenhuma das autoridades dos Estados-Unidos, por aquillo que praticasse ou deixasse

de praticar na occasião acima referida, teve intenção de fazer a menor descortezia ou insulto ao governo imperial, e muito menos a S. M. Imperial ou á Familia Imperial.

Se se deixou de fazer em qualquer occasião a troca das civilidades do estylo, póde S. Ex. ficar certo de que não houve intenção de se *fazer* insulto ou descortezia alguma. Foi meramente para dar a conhecer o ressentimento profundo e deploravel do insulto e injuria *soffrida;* mas não para manifestar que se quiz fazer insulto ou descortezia. As autoridades dos Estados-Unidos nunca poderiam olhar, nem mesmo agora, para o negocio de qualquer modo *pessoal*; mas o submetteram ao seu governo como de um interesse puramente nacional.

Com estas explicações, o abaixo assignado confia que se não complicarão os passados successos por alguns novos erros ou equivocos, que este acto de cortezia e polidez acompanhado d'esta declaração; e será recebido como um meio de curar todas as feridas de más disposições, e de remediar os males de errada interpretação e intelligencia.

O abaixo assignado renova, etc., etc.—*H. A. Wise.*—A S. Ex. o Barão de Cayrú.

Resposta do Barão de Cayrú, de 25 *de Fevereiro de* 1847.

Rio de Janeiro.—Ministerio dos negocios estrangeiros, em 25 de Fevereiro de 1847.

O abaixo assignado, etc., tem a honra de accusar a recepção da nota que lhe dirigiu em data de 15 do corrente mez o Sr. H. Wise, etc., com o fim de obter uma audiencia para entregar a S. M. o Imperador a carta, em que o illustre presidente dos Estados-Unidos o congratula pelo fausto acontecimento do nascimento de S. A. a Senhora Princeza D. Izabel.

O abaixo assignado, tendo levado á presença de S. M. o Imperador a nota do Sr. Wise, recebeu ordem para participar-lhe que o mesmo Augusto Senhor professando a maior estima, e a mais subida consideração pelo illustre presidente dos Estados-Unidos da America, teria desde logo marcado dia e hora para receber das mãos do Sr. Wise a

mencionada carta, como é de estylo, mas os actos praticados n'esta côrte pelo Sr. Wise, olhados pelos Brazileiros e pelo seu governo como offensivos não só do respeito devido a S. M. o Imperador, mas da dignidade da nação, foram communicados ao illustrado gabinete de Washington; e em quanto não se receber o resultado d'este lamentavel negocio, não poderá o Sr. Wise ser admittido á audiencia que sollicita.

O abaixo assignado está entretanto prompto para receber da legação dos Estados-Unidos a sobredita carta de gabinete, e fazel-a chegar ao seu alto destino; aproveitando-se da occasião para reiterar ao Sr. Wise as expressões da sua perfeita estima e distincta consideração. — *Barão de Cayrú.*

Nota do Sr. Wise, de 2 de Abril de 1847.

Legação dos Estados-Unidos.—Rio de Janeiro, 21 de abril de 1847.

O abaixo assignado, &c., participa a S. Ex. que recebeu ultimamente a decisão do seu governo, relativamente ao lamentavel negocio do tenente Davis, e dos tres marinheiros que foram presos pelas autoridades da policia do Rio de Janeiro, em outubro passado.

Com quanto o abaixo assignado não possa deixar de estar mui satisfeito por ver que o que praticou não só foi approvado, mas até recebeu parabens do presidente dos Estados-Unidos, todavia sente ao mesmo tempo ainda mais motivo de satisfação por causa do bem publico de ambos os paizes, á vista do feliz resultado que houve de se acabar a questão entre os dous paizes, pelas explicações dadas pelo governo brazileiro por intermedio do seu ministro em Washington, as quaes foram completamente satisfactorias ao governo dos Estados-Unidos.

O presidente, por intermedio do secretario de estado, participa ao Sr. Lisboa, que toda a occurrencia, tanto quanto dizia respeito aos Estados-Unidos, seria desde então sepultada em esquecimento; e disse ao abaixo assignado que nutria a confiança de que tendo o Brazil dado a devida satisfação *(amende honorable)*, o abaixo assignado manifestasse ás autoridades brazileiras o desejo de restabelecer a har-

monia, e promover amizade entre os dous paizes, cujos mutuos interesses estão profundamente identificados uns com outros.

O abaixo assignado, certamente fará tudo que estiver ao seu alcance para não frustrar esta justa e lisongeira confiança do presidente, e desde já offerece ao governo imperial toda a disposição para conformar-se cordialmente com estas amigaveis instrucções, e entrar em nova troca de polidez e civilidade. Sente que houvesse algum motivo de desintelligencia; e tendo em vista afastar todas as causas de más disposições para o futuro, lembra a S. Ex., que ha muitos assumptos de negociação e de etiqueta actualmente pendentes entre a côrte do Brazil e esta legação. Pediu ha mezes, antes de outubro passado, licença para retirar-se: é provavel que seja deferida a sua pretenção; e no entretanto o abaixo assignado recebeu ordem especial para conseguir o pagamento das indemnidades devidas aos cidadãos dos Estados-Unidos da America, que pendem ha tanto tempo: portanto leva outra vez á séria consideração de S. Ex. estas reclamações.

O abaixo assignado, &c. — Henrique A. Wise. — A S. Ex. o Sr. barão de Cayrú, ministro, &c.

Nota do Barão de Cayrú, de 4 de Maio de 1847, respondendo á nota do Sr. Wise, de 21 de abril de 1847.

O abaixo assignado, &c., tendo levado ao conhecimento do seu augusto soberano a nota do Sr. H. A. Wise, &c., datada de 21 de abril passado, tem de participar-lhe em resposta á dita nota, que S. M. o Imperador, tendo desapprovado o acto do seu ministro, a que se refere o Sr. Wise, considera ainda pendente entre o governo imperial e o dos Estados-Unidos, o modo porque as deploraveis circumstancias, que tiveram logar em 31 de Outubro, 15 de Novembro, e 2 de Dezembro, se devem sepultar em esquecimento; e entretanto continuará a interrupção das suas relações com o Sr. Wise, enviado, &c.

O abaixo assignado reitera, &c. — (Assignado) *Barão de Cayrú.*

Extracto de um officio do Sr. ministro americano Wise em data de 27 de Junho de 1847, dirigido ao secretario de estado Mr. Buchanan.

Depois de participar a demissão do ministro Barão de Cayrú, e de que o novo ministro Saturnino de Souza e Oliveira não lhe enviara a Circular da sua nomeação, diz o seguinte:

Ha 10 dias fulano de tal veio ter comigo, e tratou das minhas relações com o Imperador, dizendo quanto prazer tem em poder contribuir para restabelecer a harmonia. Elle via que isto era uma questão do Brazil, e não do ministro dos Estados Unidos nesta côrte: via que o meu governo me havia sustentado, e que este governo estava collocado em um dilemma; e que só tinha uma unica sahida do negocio; mas que lhe era impossivel agora evitar consequencias desagradaveis, tentando fazer que este assumpto fosse unicamente pessoal comigo. Elle pediu-me que o informasse qual seria o conhecimento que eu esperava se tomaria da minha nota de 12 do corrente (1); e no caso de se me dar uma resposta satisfactoria, que resposta daria eu, a fim de habilitar o governo pela sua parte a convidar-me para a côrte, e terminar-se assim a principal difficuldade.

Não duvidei que o Sr. fulano de tal viesse da parte do Sr. Saturnino (2), e não hesitei em dar-lhe um memorandum, dizendo que eu esperava que o governo accusasse a minha nota de pezames; que dissesse que o mesmo governo folgava com as expressões do Sr. ministro chefe da Legação Americana; que caracterizasse esse acto de pezames da maneira que lhe parecesse mais conveniente; e a fim de dar-me um pretexto para dar uma resposta, que o governo accrescentasse alguma expressão, declarada que elle se persuadia que a minha intenção era tributar um sincero e devido respeito ás Suas Magestades, e sua familia, &c., que á tal nota responderia eu, dizendo quanto eu plenamente appreciara esta benigna demonstração de Sua

(1) Esta nota foi escripta por Mr. Wise, dando os pesames pela morte do Principe Imperial.

(2) Assim se acha escripto no Original Inglez.

Magestade, e declarando que os meus sentimentos, como ministro dos Estados Unidos para com Sua Magestade e familia Imperial nunca foram outros, senão os que agora se manifestavam : que em verdade houve um completo engano em suppôr-se que os sentimentos de qualquer das authoridades Americanas no Brazil fossem jámais outros, que não fossem regulados pelo mais profundo respeito para com Sua Magestade e Imperial familia, e pela mais cordial amisade para com o governo e nação Brasileira.

O Sr. fulano de tal informou disto ao ministro dos negocios estrangeiros ; e duas tardes depois voltou com o que chamava um memorandum do proprio senhor Saturnino em portuguez. Tinha por fim dar o projecto de tres notas; uma accusando a minha de 12, uma resposta minha contendo uma mais forte declaração do que propuz, com total negativa de intenção de offender ; uma resposta final acceitando as minhas humildes satisfacções « de gratiâ », e permittindo ir ao cortejo, na intelligencia porém de que o governo dos Estados Unidos nunca mais justificaria outra vez um official em caso igual ao do tenente Davis, e que o Governo Imperial tinha o direito de prender marinheiros americanos nas mesmas circumstancias e na mesma maneira, como forão presos os da *Saratoga*.

Em uma palavra, o ponto essencial era que me reconhecesse a mim e ao meu governo, que approvou os meus actos, como tendo obrado mal, e que prostrasse a minha missão, e a mim proprio, perante o throno de S. M. I., e que permittisse que para o futuro se perpetuasse o insulto e ultraje contra a nossa bandeira e legação, com impunidade, e que então se me concederia o glorioso privilegio de fazer tres cortezias para diante e tres cortezias para trás !

Agradeci ao Sr. fulano os seus bons officios, mas neguei-lhe que informasse ao Sr. Saturnino, que eu considerava a offerta de taes proposições como o peior insulto jámais feito aos Estados-Unidos ; que antes quereria a minha mão direita cortada e pregada em uma parte para indicar o caminho da forca, do que permittiria que o meu dedo pollegar e index pegasse na penna para assignar o papel de notas tão degradantes ! que o Brazil ganhasse mais se eu não tivesse

dado taes pezames, e que agora o governo imperial devia receber as consequencias que tinha assim estupidamente provocado. O Sr. fulano respondeu que S. M. havia declarado que elle não me era infenso, e que, pelo que lhe dizia respeito, depois que se recebesse estas provas de sympathia da minha parte, admittir-me-ia á côrte, e terminaria de uma vez toda a controversia, mas que havia-se feito tal impressão na imprensa, na côrte e nos Brazileiros em geral, que os ministros seriam summamente censurados se eu fosse por S. M. recebido sem alguma apparente desculpa ou satisfação. Em resposta disse, que havia obrado bem, e que o meu governo approvára o que tinha praticado, e que elle antes pediria, do que daria satisfação. Não tinha que fazer submissão, e que não acceitaria uma audiencia de S. M. Terminou assim o negocio, e eu estou esperando a Mr. Tod.

« Este memorandum e conferencias são confidenciaes, e devem por consequencia ser tratados como taes.... Para se fazer bem idéa d'este passo do Sr. Saturnino convém declarar que ao Sr. Wise estava prohibido a entrada no paço desde que elle, sendo convidado para o baptismo de S. A. a princeza D. Isabel, não apparecêra alli por acinte; e que, quando elle participou em nota de 21 de Abril de 1847 que o seu governo havia approvado os seus actos, tanto relativamente á prisão do tenente Davis, como sobre o não comparecimento no baptismo da princeza, o barão de Cayrú lhe dirigiu a nota de 4 de Maio de 1847 do theor seguinte:

« O abaixo assignado, &c., tendo levado ao conhecimento do seu augusto soberano, a nota do Sr. H. A. Wise, enviado, &c., datada de 21 de Abril passado, tem de informa-lo em resposta á dita nota, que S. M. o Imperador tendo desapprovado o acto do Sr. ministro, a que refere o Sr. Wise, considera ainda pendente entre o governo imperial e o dos Estados-Unidos, o accordo do modo porque se devêra pôr em esquecimento as deploraveis circumstancias, que tiveram lugar em 31 de Outubro, 15 de Novembro e 2 de Dezembro; e entretanto continuará a intercepção das relações com o Sr. Wise, enviado, &c. »

O 1.º Secretario ponderou, que sendo muito provavel que estivesse

completo o numero de socios effectivos, parecia-lhe mais proprio que o Sr. Dr. Perdigão fosse declarado unicamente socio correspondente; tanto mais que havia varios socios correspondentes antigos e com bons serviços, que por equidade mereceriam ser tambem lembrados para effectivos no caso de vaga. Expôz o Sr. relator da commissão que a mente do parecer era que o Sr. Dr. Perdigão fosse effectivo, si houvesse logar vago; que não havendo toda a segurança de se achar completo o numero de socios effectivos, entendia que o mais certo seria esperar-se pela organisação da respectiva tabella; e que si por ella se demonstrasse haver vaga, fosse n'ella encartado o Sr. Perdigão, sem entrarem em competencia com elle os honrados socios correspondentes, a que alludira o Sr. 1.° Secretario, pois não constava que houvessem pedido o mesmo titulo que o dito Sr. Perdigão; porém que para não demorar ainda mais a admissão do candidato, propunha elle que fosse declarado desde já socio correspondente, ficando-lhe reservado o primeiro logar de socio effectivo, que pela tabella se demonstrasse existir. Tendo-se porém observado que esta providencia trazia o inconveniente de introduzir no Instituto o pernicioso systema das expectativas; o dito Sr. Relator limitou-se, em vista d'aquella razão a requerer, que na conclusão do parecer fosse o Sr. Dr. Perdigão contemplado para socio correspondente. Sendo assim alterada a conclusão do parecer, foi approvada; e correndo o escrutinio sobre cada um dos tres candidatos, os Srs. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros, commendador Antonio de Padua Fleury e Torres Bandeira, forão admittidos para socios correspondentes por maioria absoluta de votos.

Estando a hora adiantada levantou-se a sessão, marcando-se para ordem do dia da proxima reunião:

1° A leitura do parecer da commissão de historia sobre o opusculo de Mr. Ferdinand Denis. 2.° continuação da leitura dos *Apontamentos sobre alguns factos mais importantes da conquista do Rio do Prata pelos Hespanhoes*, pelo Sr. conselheiro Baptista de Oliveira. 3.° Leitura do juizo critico sobre a obra do Padre Kidder, pelo Sr. Luiz Antonio de Castro.

232.ª SESSÃO DO DIA 1.° DE AGOSTO DE 1851.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Candido José de Araujo Vianna, Candido Baptista de Oliveira, Varnhagen, Moncorvo, Dr. Caetano da Silva, Souza Rio, Jardim, Ferreira Lagos, Dr. Freire, Luiz de Castro, Fernandes Gama, Norberto de Souza, Claudio Luiz da Costa, Capanema, Azeredo Coutinho, Porto-Alegre, Dr. Fontes, Perdigão Malheiros, e Paula Menezes; abre-se a sessão. É lida e approvada a acta da antecedente.

EXPEDIENTE.

Um officio do Sr. ministro dos negocios estrangeiros, participando ter expedido ordem para serem franqueados ao Sr. Barão de Cayrú todos os documentos existentes na secretaria, que lhe possam servir no desempenho da commissão de que foi pelo Instituto encarregado; foi communicado ao mesmo Sr. Barão para sua intelligencia.

Uma carta de Mr. Palmer, enviando para a Bibliotheca do Instituto o relatorio do commercio e navegação dos Estados-Unidos; foi recebida com agrado.

Outra do Sr. Dr. Macedo, participando não poder comparecer á sessão por incommodos de saude de sua mulher; ficou o Instituto inteirado.

O 1.° Secretario deu conta por parte do Sr. Goes, deputado pela Bahia, de um jornal da mesma cidade, em que vem reimpressa uma carta do Padre Vieira (a 40 do Tom. 3.°), acompanhada de considerações tendentes a provar que pelo theor da mesma carta o Padre Vieira nascera na Bahia; ficou o Instituto inteirado.

Ordem do dia.

O Sr. Conselheiro Candido Baptista de Oliveira continuou a

leitura dos seus apontamentos sobre alguns factos occorridos na expedição de Gaboto e conquista do Rio da Prata.

Tendo dado a hora, levantou-se a sessão, marcando-se para ordem do dia da 1.ª reunião: 1.° Discussão do parecer da Commissão de Historia, sobre o opusculo de Mr. Ferdinand Denis. — 2.° Propostas e pareceres de commissões. — 3.° Leitura do juizo critico do Sr. Castro, sobre a obra do Padre Kidder.

233.ª SESSÃO DO DIA 22 DE AGOSTO DE 1851.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

A's 5 horas da tarde achando-se presentes os Srs. Candido José de Araujo Vianna, Baptista de Oliveira, Aurelianno de Souza Coutinho, Ferreira Lagos, Norberto de Souza, Rio, Varnhagen, Dr. Caetano da Silva, Moncorvo, Jardim, Azeredo Coutinho, Perdigão Malheiros, Garcez e Gralha, Porto-Alegre, Capanema, Claudio Luiz da Costa, Serra, Paula Menezes; abre-se a sessão. E' lida e approvada a acta da antecedente. O 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do Ex.mo Sr. ministro do Imperio accusando a recepção de um exemplar dos novos estatutos e a lista dos socios eleitos para os cargos de commissões do Instituto: ficou o Instituto inteirado.

Foram recebidas as seguintes offertas: — Do Sr. Ferreira Lagos, Investigações sobre os ventos e correntes do mar, pelo tenente Maurî, impressas em Washington. — Do Observatorio nacional do Washington o 2.° volume de suas observações astronomicas, feitas durante o anno de 1846. — Do Sr. Jeronimo Martiniano Figueira de Mello deputado por Pernambuco, a sua chronica sobre a rebellião praieira em 1848 a 1849. — Do Sr. Frederico José Corrêa, um

volume das suas poesias, intitulado — Inspirações poeticas e a duqueza de Bragança, impresso no Maranhão. — De um anonimo, uma obra intitulada: Viagens ao interior do Brasil, por João Mawe, inglez. — Do Sr. Candido Mendes deputado pelo Maranhão, um folheto com o titulo: Os serviços relevantes de Manoel Telles da Silva Lobo, na provincia do Maranhão. — Do Ensaio Philosofico Paulistano, o 2.° numero de sua Revista. — Do Sr. Ricardo Gumbleton, a *Nobiliarquia Paulistana* de Pedro Taques: foram todas as offertas recebidas com agrado.

O 1.° secretario propõe alguns senhores para socios correspondentes.

O Sr. Norberto mandou á mesa a seguinte proposta. — Tendo o redactor do *Constitucional*, folha official que se publica na cidade de Maceyó, extractado em seus numeros 25 e 26 de 16 e 23 de Julho d'este anno, o que disse Sebastião da Rocha Pitta ácerca dos negros de Palmares na sua Historia da America Portugueza, offerecendo em seguida um resumo chronologico e tres noticias tradiccionaes que são de interesse, e podem lançar alguma luz sobre pontos duvidosos relativos a este episodio de nossa historia, porém que deixam ainda muito que desejar aos que se occupam com as cousas da patria; proponho que o Instituto peça ao Sr. ministro do Imperio uma copia da carta de sismaria do Urucú, pois consta do mesmo jornal que o presidente da provincia das Alagôas acaba de obter o original do presidente de Pernambuco: outrosim, que se nomêe uma commissão composta de socios ali residentes, a que se incumba o exame dos vestigios das habitações dos antigos negros de Palmares, que ainda em 1837 foram vistas na Serra do Barriga. Foi approvada a proposta deliberando-se que o Sr. 1.° secretario se entendesse a tal respeito com o Exm. Presidente da provincia das Alagoas.

E' apresentada outra tal, assignada pelos Srs. João José de Souza Rio, Ferreira Lagos e Joaquim Norberto, concebida n'estes termos: — Propomos que o Instituto em testemunho do apreço em que tem os valiosos serviços, que lhe tem prestado o seu actual presidente o Ex.mo Sr. conselheiro Candido José de Araujo Vianna, e

tendo em vista o disposto no artigo 4.° dos estatutos o eleve á cathegoria dos socios honorarios — sendo apoiada, o 1.° secretario propoz que fossem proclamados socios honorarios igualmente os Srs.: Fr. Custodio Alves Serrão — Augusto Saint-Hilaire e o Sr. Prescott. O Sr. Ferreira Lagos ponderando, que ainda havia alguns outros nomes dignos d'aquella honra, propoz o adiamento que, sendo posto a votos, foi approvado.

E' lido e fica sobre a mesa o parecer de commissão ácerca da memoria do Sr. Joaquim Pinto Bandeira sobre a descoberta do Campo de Palmas.

O Sr Norberto lê o parecer da commissão de historia sobre o opusculo de Mr. Ferdinand Denis; foi approvado.

O Sr. Porto Alegre participou, que, como orador da commissão encarregada de acompanhar a seu ultimo repouso o nosso finado socio o conselheiro F. de Paula e Souza, cumprira o seu dever recitando um discurso, que tem sido impresso nas folhas diarias; ficou o Instituto inteirado.

O Sr. conselheiro Baptista de Oliveira fez a leitura de uma nota sua a respeito de um artigo escripto na Illustração Franceza sobre a rotação da terra demonstrada pelo desvio das oscillações do pendulo; foi ouvida com attenção.

Achando-se a hora adiantada levantou-se a sessão, marcando-se para ordem do dia da primeira reunião:

1.° Discussão de pareceres de commissões adiados. 2.° Leitura dos trabalhos que se apresentarem.

234.ª SESSÃO DO DIA 5 DE SETEMBRO DE 1851.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

A's 5 horas da tarde achando-se presentes os Srs. conselheiros Candido José de Araujo Vianna, Baptista de Oliveira, Ferreira Lagos,

Porto Alegre, Norberto de Souza, Rio, Castro, Maria Lisboa, Moncorvo, Dr. Silva, Capanema, Claudio Luiz da Costa, Coruja, Haelmreichem, Pettrich, Azerêdo Coutinho, Paula Menezes; abre-se a sessão. E' lida e approvada a acta da antecedente. O 1.º secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Uma carta do Sr. Candido Mendes de Almeida remettendo ao Instituto um documento ácêrca do barão de Humboldt.

Outra do mesmo Sr. offerecendo um folheto com o titulo de Turi-Assú ou a Incorporação d'este territorio á provincia do Maranhão, acompanhada de um mappa hydrographico, recebido com agrado.

Outra do Sr. Pereira da Silva participando não poder comparecer á sessão por achar-se doente, e offerecendo ao Instituto seus serviços na Europa para onde em breve partia; fica o Instituto inteirado, bem como de outra do Sr. Dr. Perdigão Malheiros, em que participa não comparecer á sessão por doente.

Findo o expediente, é lido um parecer da antiga commissão de historia ácêrca das Memorias de Pernambuco escriptas pelo Sr. capitão Fernandes Gama.

Entra em discussão e é approvado o parecer da commissão de historia sobre a Memoria do Sr. Joaquim Pinto Bandeira, intitulada— Noticia da descoberta do campo de Palmas na comarca da Coritiba.

E' igualmente lido e approvado outro parecer da mesma commissão sobre o manuscripto de Fr. Egidio Garresio, intitulado— Relatorio da Viagem do *Rio Preto*.

Foram approvados por acclamação socios honorarios os Srs. Custodio Alves Serrão, Augusto Saint Hilaire, Candido José de Araujo Vianna e Presco.

O Sr. Varnhagen procede á leitura de um antigo manuscripto que se acha na bibliotheca do Instituto sobre a Revolta dos mascates em Pernambuco.

Dada a hora, levanta-se a sessão, marcando-se para ordem do dia da proxima reunião:

A leitura da Memoria sobre os limites do Brazil com a Guyana Franceza conforme o sentido expresso do Tratado de Utrecht.

235.ª SESSÃO DO DIA 26 DE SETEMBRO DE 1851.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Candido José de Araujo Vianna, Aureliano de Souza Coutinho, Ferreira Lagos, Porto-Alegre, Capanema, Jardim, Gralha, Dr. Freire, Macedo, Norberto de Souza, Rio, Dr. Caetano da Silva, Dr. Teixeira de Macedo, Sergio Teixeira, Perdigão Malheiros, Coruja, Borges, Azeredo Coutinho, e Paula Menezes; abre-se a sessão. É lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. Secretario, dando conta do expediente, lê o seguinte:

Uma carta do Sr. Dr. Sigaud, remettendo uma medalha e uma carta de Mr. Roux, Secretario da Sociedade de Estatistica de Marselha, enviando dous volumes dos trabalhos do Congresso Scientifico de França, 14.ª sessão celebrada em Marselha; e participando o dito Sr. Sigaud, que ficavam a bordo ainda 11 volumes dos trabalhos d'aquella sociedade; recebida com especial agrado.

Outra do Sr. Antonio de Padua Fleury, enviando um exemplar do relatorio apresentado pelo presidente da provincia á assembléa provincial, e um roteiro feito o anno passado pelo tenente-coronel Vicente Ayres da Silva, da exploração por elle feita pelo Rio do Somno acima; recebido com agrado.

Outra do Sr. Conselheiro Baptista de Oliveira, participando não comparecer á sessão por se achar doente.

Foram offerecidas ao Instituto, as seguintes obras:

Pelo Sr. João Manoel Pereira da Silva, a Historia de Portugal restaurado por D. Luiz de Menezes, Conde da Eryceira, em 2 volumes in-folio.

Pelo Sr. Dr. Jardim, o original e a continuação ainda não impressa * de uma Memoria ácerca do Mato Grosso, pelo Sr. Ricardo Franco de Almeida Serra, e um diario do Rio Madeira.

Pelo Sr. Jorge Figanière; a Bibliographia Historica Portugueza, obra publicada pelo mesmo senhor.

Pelo Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, uma carta de Gomes Freire de Andrada a seu irmão, dando-lhe instrucções quando aquelle governador partia para o Sul.

Pelo Sr. Coruja, um trabalho seu intitulado — Collecção de vocabulos e phrases usadas na provincia do Rio Grande do Sul.

Pelo Sr. Varnhagen: 1.° Compendio narrativo do Peregrino da America, por Nuno Marques Pereira. 2.° Resposta de Grimaldi ácerca dos limites das possessões Hespanholas e Portuguezas na America Meridional, impressa em Madrid. 3.° Extracto do diario da viagem de Condamine, em Hespanhol. 4.° Relação de uma viagem á America do Norte, pelo Padre Luiz Hennepin, traduzida do Hespanhol 5.° Catalogo de manuscriptos respectivos á America, que possuia Mr. Rich.

Foram todas as offertas recebidas com especial agrado.

Sua Magestade dignou-se fazer a distribuição dos seguintes trabalhos:

Ao Sr. Machado de Oliveira, a formar um glossario dos termos indigenas introduzidos no uso vulgar (dentro de um anno).

Ao Sr. Miguel Maria Lisboa, o exame dos escriptos de Alexandre de Gusmão, que possue o Instituto, para ver os que ainda d'elles estão ineditos (dentro de um mez).

Ao Sr. Dr. Perdigão Malheiros, o exame dos escriptos de Balthazar da Silva Lisboa, que o Instituto possue, e dizer qual d'elles se deve primeiro aproveitar com mais vantagem na integra, dando extracto quando assim o julgar conveniente.

Ao Sr. Norberto, dar um extracto do que haja de importante

* Já foi publicada no numero 19 da Revista para ficar na mesma serie em que estava o começo [illegible]me de seus autores ou pela p[illegible]

no Ensaio Politico de Fr. Manoel Joaquim da Mãi dos Homens (na 2.ª sessão seguinte).

Ao Sr. Dr. Bivar, o ler o livro do Padre Francisco de Menezes, e dar sobre elle sua opinião, resumindo os factos mais importantes e dignos de conceito que contenha.

Ao Sr. José Ventura Boscoli, o addicionar e melhorar até 1850 o Supplemento á Bibliotheca de Barboza, intitulado — Diccionario Bibliographico de 1750 a 1830, que possue o Instituto.

Ao Sr. Felippe José Pereira Leal, a dar um resumo do conteudo na Memoria dos acontecimentos do Pará em 1822 a 23.

Ao Sr. Dr. José Ildefonso de Souza Ramos, a dar um parecer ou extracto da Memoria Politica e considerações sobre a Monarchia portugueza de 1807 até 1822.

Ao Sr. Dr. José de Assiz Alves Branco, a dar um extracto do conteudo no manuscripto — Plano sobre a civilisação dos Indios, por Domingos Alves Branco Muniz Barreto.

Ao Sr. Dr. Claudio Luiz da Costa, dar um extracto sobre uma Memoria *que se diz* offerecida a J. Bonifacio, sobre assumptos economicos e organicos do Brazil.

Ao Sr. Dr. Silva, o examinar o volume n.° 196, sobre limites, e aproveitar d'elles o que lhe convier, dando porém n'uma sessão seguinte noticia sobre seu conteudo.

O Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, faz a leitura da primeira parte da sua *Memoria sobre os limites do Brazil com a Guyana Franceza, segundo o sentido exacto do Tratado de Utrecht.*

Sua Magestade Dignou-se communicar ao Instituto o officio do Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias, datado do Maranhão, em o qual, em desempenho da commissão de que se acha encarregado, faz um relatorio do estado dos cartorios e bibliothecas d'aquella provincia.

Dada a hora, e não havendo mais que tratar-se, levantou-se a sessão; marcando-se para ordem do dia da primeira reunião: a leitura da segunda parte da Memoria do Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, e pareceres de commissões.

INDICE GERAL ALPHABETICO

das Memorias e Biographias publicadas nos anteriores quatorze (*) tomos d'esta Revista do Instituto Historico.

Abreu (capitão Manoel Joaquim de). — Diario Roteiro do arraial do Pesqueiro de Arauary até ao Rio Oyapoko. Tomo 12, pagina 96.

Acauã (Dr. Benedicto Marques da Silva). — Relatorio dirigido ao governo imperial, em 15 de Abril de 1847, sendo inspector geral dos terrenos diamantinos da provincia da Bahia. T. 9, p. 227.

Actas das sessões do Instituto Historico (Extracto das). — T. 1, p. 48, 131, 235, 342. — T. 2, p. 137, 259, 391, 514. — T. 3, p. 119, 227, 347, 436. — T. 4, p. 95, 213, 379, 519. — T. 5, p. 88, 239, 355, 499. T. 6, p. 123, 253, 372, 498. — T. 7, p. 116, 263, 415, 259. — T. 8, p. 144, 284, 402, 547. — T. 9, p. 127, 265, 409, 560. — T. 10, p. 120, 246, 390, 547. T. 11, p. 5 e 85 — T. 12, p. 277, 413, 550. — T. 13, p. 128, 406, e 518. — T. 14, p. 461.

Almeida (Gabriel Ribeiro de). — Memoria da tomada dos sete povos de Missões Brazileiras. T. 5, p. 3.

Almeida (Hermenegildo Antonio Barboza de). — Viagem ás villas de Caravellas, Viçosa, Porto Alegre, de Mucury, e aos rios Mucury e Peruhipe. T. 9. p. 425.

Anchieta (padre José de). — Carta escripta de S. Vicente ao padre mestre Diogo Laynes, em 16 de Abril de 1563. T. 2, p. 538. — Informações dos casamentos dos Indios do Brazil, manuscripto offerecido ao Instituto por F. A. de Varnhagen. T. 9, p. 254.

Andrada (Martim Francisco Ribeiro de). — Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805. T. 9, p. 527.

Azambuja (Conde de—, D. Antonio Rolim de Moura). — Relação da viagem que fez da cidade de S. Paulo para a villa de Cuyabá em 1751, remettida por F. A. de Varnhagen. T. 7, p. 469.

(*) Não se comprehende no Indice a parte do Tom. 11.º (4.º da 2.ª serie), que ainda não foi até agora (fim de 1851) impressa. — Citamos os volumes seguidos sem attender á separação das series: assim quando dissermos Tom. 8.º ou 9.º, entende-se 1.º ou 2.º da 2.ª serie, &c. — As biographias vão juntas no fim por ordem alphabetica dos nomes; as memorias devem ser buscadas pelo nome de seus autores ou pela primeira palavra de seus titulos. — *F. A. de V.*

Baena (Antonio Ladisláo Monteiro). — Conta que deu da instauração do obelisco da estrada de Nazareth ao Ex.mo Sr. Dr. Miranda, presidente provincia do Pará. T. 3, p. 204.
— Correspondencia acompanhando tres documentos officiaes sobre a provincia do Pará. T. 7, p 329.
— Memoria sobre o intento que tem os Inglezes de Demerare de usurpar as terras ao oeste do rio Repunuri, adiacentes á face central da cordilheira do rio Branco para amplificar a sua colonia. T. 3, p. 322.
— Observações ou notas illustrativas dos primeiros tres capitulos da parte 2.ª do Thesouro descoberto no rio Amazonas. T. 5, p. 253.
— Resposta dada em 1847 ao Ex.mo presidente da provincia do Pará, sobre a communicação mercantil entre a dita provincia e a de Goyaz. T. 10, p 80.
Barata (Francisco José Rodrigues). — *Vide* Diario.
Barboza (Francisco de Oliveira). — Noticias da capitania de S. Paulo, escriptas no anno de 1792. T. 5, p. 22.
Barboza (Conego Januario da Cunha). — Discurso recitado no acto de estatuir-se o Instituto. T. 6, p. 9.
— Qual seria hoje o melhor systema de colonizar os Indios entranhados em nossos sertões, &c. T. 2, p. 3.
— Se a introducção dos escravos Africanos no Brazil embaraça a civilização dos nossos indigenas, &c. T. 1, p. 145.
— Relatorio dos trabalhos do Instituto no 1.º anno academico. T. 1, p. 259.
— Relatorio dos trabalhos do Instituto no 2.º anno academico. T. 2, p. 13 (supplemento).
— Relatorio dos trabalhos do Instituto durante o 3.º anno. T. 3, p. 7 (supplemento).
— Relatorio dos trabalhos do Instituto durante o 4.º anno social. T. 4, p. 4 (supplemento).
— Relatorio dos trabalhos academicos do Instituto no 5.º anno social. T. 5, p. 4.
Bastos (Manoel José de Oliveira). — Roteiro das capitanias do Pará, Maranhão, Piauhy, Pernambuco e Bahia, pelos seus caminhos e rios centraes. T. 9. p. 527.
Beaurepaire Rohan (Henrique de). — Viagem de Cuyabá ao Rio de Janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Rio Grande do Sul e Santa Catharina, em 1846. T. 9, p. 376.
Bellegarde (Pedro de Alcantara). — Elogio historico do fallecido socio correspondente o major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde. T. 1, p. 278.
— Elogio historico do fallecido Vice-presidente marechal Raymundo José da Cunha Mattos. T. 1, p. 271.

Bellegarde (Pedro de Alcantara). — Elogio historico do fallecido membro honorario o conselheiro Balthazar da Silva Lisboa. T. 2, p. 34 (supplemento).

Biographias. — Vejam-se por ordem alphabetica dos nomes no fim deste *Indice geral.*

Bivar (Dr. Diogo Soares da Silva de). — Appendice á Chronica do anno de 1842. T. 5, p. 385.

Blasques (padre Antonio). — Carta de algumas cousas que iam em a náo que se perdeu, do bispo, para nosso padre Ignacio. T. 5. p. 214.

Braun (João Vasco Manoel e). — Roteiro corographico da viagem que o governador e capitão general do estado do Brazil Martinho de Souza e Albuquerque, determinou fazer ao rio das Amazonas. T. 12, p. 289.

Braz (Affonso). — Carta mandada do porto do Espirito Santo, do anno de 1551. T. 6, p. 441.

Bueno (João Ferreira de Oliveira). — Simples narração da viagem que fez ao rio Paraná o thesoureiro mór da Sé de S. Paulo, em 1810. T. 1, p. 165.

Bueno (Dr. José Antonio Pimenta).—Extracto do seu discurso sendo presidente de Matto Grosso, na abertura da assembléa provincial em o 1.° de Março de 1837. T. 2, p. 168.

Caldas (Cartas do padre Antonio Pereira de Souza). — T. 13, p. 95 e 216.

Camello (João Antonio Cabral). — Noticias praticas das minas do Cuyabá. T. 4, p. 487.

Carneiro (coronel Ignacio Pereira Duarte). — Copia do officio de 7 de Janeiro de 1831, sobre a estrada da cidade da Victoria para a provincia de Minas Geraes. T. 6, p. 466.

Carneiro de Campos (Frederico). — V. Catalogo &c.

Carta Regia de 10 de Maio de 1753, a qual depois de relatar os serviços de Pedro Dias Paes Leme, e alguns de seu pai, ainda não remunerados, lhe concedeu a pensão annual de cinco mil cruzados, &c. T. 6, p 224.

— de 12 de Maio de 1798, a D. Francisco de Souza Coutinho, governador e capitão general do Estado do Pará, encarregando-o da direcção de todas as disposições que julgar convenientes para conseguir a navegação d'essa capitania para a de Matto Grosso. T. 4, p. 232.

— de 12 de Julho de 1799, ordenando ao governador e capitão general da capitania da Bahia D. Fernando José de Portugal que nomeie um magistrado e um official de artilheria para examinarem todos os terrenos de minas e mattas que pretende Francisco Agostinho Gomes, que se propunha a estabelecer uma com-

panhia para escavação das minas de cobre e ferro. T. 4, p. 403.
Carta Regia sobre o córte de madeiras, a Fernando Delgado Freire de Castilho. T. 6, p. 447.
Carta Regia e plano sobre os córtes das madeiras de construcção. T. 6, p. 452.
Carta Regia de 10 de Agosto de 1810, sobre a estrada para Minas pelo rio Doce. T. 6, p. 343.
Carta Regia sobre o trabalho que se deve emprehender a respeito da estatistica do Brazil. T. 6, p. 448.
Carta escripta ao padre Dr. Torres, a 10 de Junho de 1562. T. 2, p. 418.
Carvalho (conego Francisco Freire de). — Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação Brazileira a gloria da invenção das machinas aerostaticas. T. 12, p. 336.
Carvalho (1.º tenente José Carlos de). — Informação sobre as mattas de Jacuhipe. T. 13, p. 336.
— (tenente-coronel José Simões de). — Noticia sobre a ilha de Joannes. T. 12, p. 326.
Castelnau. — Relatorio dirigido ao ministro da instrucção publica pelo dito Sr., encarregado de uma commissão na America Meridional. T. 7, p. 196.
Catalogo dos capitães móres, governadores, capitães generaes e vice-reis, que tem governado a capitania do Rio de Janeiro, desde sua primeira fundação em 1565 até o anno de 1811. T. 1, p. 293.—T. 2, p. 49.
— dos governadores e presidentes da provincia da Parahyba do Norte, organisado pelo Sr. tenente-coronel Frederico Carneiro de Campos, presidente da mesma provincia. T. 8, p. 81.
— das obras do padre Velloso. T. 2, p. 53 (supplemento).
Celebração da 1.ª sessão publica anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no dia 3 de Novembro de 1838. T. 1, p. 253.
— da 2.ª sessão anniversaria, no dia 27 de Novembro de 1840. T. 2, p. 1 (supplemento).
— da 3.ª sessão anniversaria. T. 3, p. 1 (supplemento).
— da 4.ª sessão anniversaria. T. 4, p. 1 (supplemento).
Cerqueira e Silva (Ignacio Accioli de). — Dissertação historica, ethnographica e politica sobre as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia ao tempo em que o Brazil foi conquistado: sobre as suas mattas, madeiras e animaes que a povoavam, &c. T. 12, p. 143.
Coelho (Felippe José Nogueira). — Memorias chronologicas da capitania de Matto Grosso, principalmente da provedoria da fazenda real e intendencia do ouro. T. 13, p. 137.

Collecção das Memorias archivadas pela camara da villa do Sabará, compiladas por Manoel José Pires da Silva Pontes. T. 6, p. 269.
Collecção das Memorias archivadas pela camara de Pitanguy. T. 6, p. 284.
Cometa (o) de 1843. T. 5, p. 379.
Compendio das épocas da capitania de Minas Geraes, desde o anno de 1694 até o de 1780. T. 8, p. 53.
Correspondencia. — T. 7, p. 219.
Costa (conselheiro Antonio Rodrigues da). — Consulta do conselho ultramarino a S. M. no anno de 1732, offerecida ao Instituto pelo Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. T. 7, p. 498.
Costa (Miguel Pereira da). — Relatorio apresentado ao vice-rei Vasco Fernandes Cezar, quando voltou da commissão em que fôra ao districto das minas do rio de Contas. T. 5, p. 36.
Coutinho (Aureliano de Souza e Oliveira). — Discurso da abertura da 2.ª sessão publica anniversaria do Instituto. T. 2, p. 4 (supplemento).
Cunha (conego Benigno José de Carvalho e). — Memoria sobre a situação da antiga cidade abandonada, que se diz descoberta nos sertões do Brazil por aventureiros em 1753. T. 3, p. 197.
— Carta escrita ao 1.° secretario perpetuo do Instituto da Bahia. T. 4, p. 399.
— Correspondencia, quando occupado nos sertões da Bahia em descobrimento da cidade abandonada. T. 6, p. 318.
— Breve noticia sobre as minas ha pouco descobertas no Assuruá, na provincia da Bahia. T. 12, p. 524.
— Officio ao Ex.mo presidente da Bahia, o Sr. tenente general Andréa, sobre a cidade abandonada, que ha tres annos procura nos sertões d'essa provincia. T. 7, p. 102.
Cunha (Francisco Manoel da). — Informação que deu sobre a provincia, então capitania do Espirito Santo, ao ministro de estado Antonio de Araujo e Azevedo. T. 4, p. 240.
— Officio dirigido em 1811 ao conde de Linhares, sobre a capitania, hoje provincia do Espirito Santo. T. 12, p. 511.
Diario da viagem que fez á colonia hollandeza de Surinam, o porta-bandeira da 7.ª companhia do regimento da cidade do Pará, Francisco José Rodrigues Barata, pelos sertões e rios deste Estado, em diligencia do real serviço. T. 8, p. 1 e 157.
Dias (Henrique). — Carta (extrahida do *Valeroso Lucideno*). T. 3, p. 258.
Digressão feita por João Caetano da Silva, em 1817, para descobrir a nova navegação entre a capitania de Goyaz e a de S. Paulo. T. 2, p. 312.
Documento official datado de Barcellos, em 19 de Julho de 1781,

no qual dão conta da commissão de que foram encarregados Ricardo Franco de Almeida Serra e Dr. Antonio Pires da Silva Pontes, de saber o rio Branco, ou Parime, entrando nos rios Mahú, Tacutú, e Pirará, examinando as communicações que por aquella parte poderiamos ter com a colonia Hollandeza de Surinam, como tambem que serras poderiam haver, ou outras marcas naturaes que pudessem para sempre servir de raia entre os dominios Portuguezes e os da sobredita colonia, &c. T. 6, p. 84.

Documentos officiaes ineditos, relativos ao Alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu no Brazil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho, lã, &c. T. 10, p. 213.

Documentos officiaes: — 1.° Representação sobre as providencias necessarias para promover o commercio da cidade do Pará para as minas de Mato Grosso, datada em 9 de Setembro de 1797. — 2.° Carta Regia de 12 de Maio de 1798, mandando pôr em pratica o plano da communicação entre a cidade do Pará e as minas de Matto Grosso e outras providencias. T. 5, p. 76.

Documentos officiaes: — 1.° Informação que dá o capitão mór da conquista, do sertão que medêa das Minas para a do Cuyabá, de 1 de Setembro de 1761. — 2.° Exposição da commissão de estatistica da camara dos deputados, concernente á antiga e mui debatida questão de limites entre as provincias do Maranhão e Goyaz, datada de 28 de Março de 1845. — 3.° Parecer apresentado ao Ex.mo Sr. Candido José de Araujo Vianna, ministro dos negocios do Imperio, pelo Sr. José Joaquim Machado de Oliveira, em o 1.° de dezembro de 1841, ácerca do plano de colonização a beneficio dos Indios Botocudos, que andam errantes no territorio entre o rio Doce, e o de S. Matheus, apresentado por Porfirio dos Santos Lisboa. — 4.° Officio do Sr. José Joaquim Machado de Oliveira, de 26 de Julho de 1844, apresentando ao Governo imperial o plano de uma colonia militar no Brazil. T. 7, p. 221.

Documentos officiaes. — Declarações feitas pelo sargento Norberto Rodrigues de Medeiros, sobre a abertura da picada para o Cuieté, mandada fazer e contractada pelo presidente da provincia do Espirito Santo. T. 10, p. 408.

Documentos a que se referem as instrucções dadas ao visconde de Barbacena, publicadas em o n.° 21 da *Revista*. T. 6, p. 197.

Documentos interessantes e ineditos relativos á demissão do marquez de Pombal. T. 8, p. 65.

Documentos pertencentes á memoria sobre a campanha de 1816, publicada em o n.° 26. T. 7, p. 273. *Vide* Lara.

Documentos sobre o rio Doce, offerecidos pelo Sr. coronel José Joaquim Machado de Oliveira. T. 7, p. 351.

Elliot (João Henrique). — Itinerario das viagens exploradoras, emprehendidas pelo Sr. barão de Antonina, para descobrir uma via de communicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso: feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista Joaquim José Lopes. T. 10, p. 153.

Excerpto de uma memoria manuscripta sobre a historia do Rio de Janeiro, durante o governo de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que se acha na bibliotheca publica d'esta côrte. T. 3, p. 3.

Excerptos de varias listas de condemnados pela inquisição de Lisboa, desde o anno de 1711 ao de 1767, comprehendendo só os Brazileiros, ou colonos estabelecidos no Brazil, por Varnhagen. T. 7, p. 54.

Extracto dos estatutos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. T. 1, p. 18.

Extractos das Actas, &c. — *Vide* Actas (Extracto das).

Extractos dos livros de ordens regias da Bahia, offerecidos pelo Sr. coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva. T. 7, p. 383.

Ferreira (Dr. Alexandre Rodrigues). — Descripção da gruta do Inferno, feita em Cuyabá T. 4, p. 363.

— Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte, pela corôa de Portugal. Memoria escripta no Pará em 1792. T. 3, p. 339.

— Viagem á gruta das onças. T. 12, p. 87.

Fonseca (alferes José Pinto da). — Copia da carta que escreveu ao Ex.mo general de Goyaz, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de Indios. T. 8, p. 376.

Fonseca e Silva (Thomé Maria da). — Breve noticia sobre a colonia de Suissos fundada em Nova Friburgo. T. 12, p. 137.

Fragmentos de uma memoria sobre as sesmarias da Bahia. T. 3, p. 375.

Fragmentos, que existem na Torre do Tombo, das instrucções dadas por El-Rei D. Manoel a Pedr'Alvares Cabral, quando chefe da armada, que indo á India descobriu casualmente o Brazil. Copiados por Varnhagen. T. 8, p. 99.

Gandavo (Pedro de Magalhães). — Introducção ao tratado da terra do Brazil. T. 2, p. 423.

Goes (Pero). — Carta para El-Rei. Da villa da Rainha (Campos). Copia da Torre do Tombo por Varnhagen. T. 5, p. 443.

Guimarães (conego José da Silva). — Memoria sobre usos, costumes, e linguagem dos Apiacás, e descobrimento de novas minas na provincia de Mato Grosso. T. 6, p. 297.

Gusmão (Alexandre de). — Extracto da resposta que deu, como

secretario do conselho ultramarino, ao brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, sobre o negocio da praça da Colonia. T. 1, p. 322.

Informação do Brazil e de suas capitanias. 1584. Manuscripto offerecido ao Instituto por Varnhagen. T. 6, p. 404.

Informação sobre o modo por que se effectua a navegação do Pará para Matto Grosso, &c., T. 2, p. 281.

Instrucção para D. Antonio de Noronha, governador e capitão general da capitania de Minas Geraes. T. 6, p. 215.

Instrucção militar para Martim Lopes Lobo de Saldanha, governador e capitão general da capitania de S. Paulo. T. 4, p. 350.

Instrucção para o visconde de Barbacena, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, governador e capitão general da capitania de Minas Geraes. T. 6, p. 3.

Instrucções do governo para Francisco Delgado Freire de Castilho, governador da Parahyba. T. 6, p. 436.

Jardim (Ricardo José Gomes). — Creação da directoria dos Indios na provincia de Mato Grosso. Officio dirigido ao governo imperial em 1846 pelo Sr. coronel presidente da mesma provincia.—T. 9, p. 548.

— Descripção da costa de Pernambuco até os baixos de S. Roque. T. 6, p. 335.

Jefferson (Thomaz). — Extractos da correspondencia do mesmo senhor. T. 3, p. 208.

João (Mestre). — Carta do mesmo Sr. physico d'El-Rei, para o Sr. de Vera Cruz, ao 1.° de Maio de 1500, encontrada na Torre do Tombo por Varnhagen. T. 5, p. 342.

Jomard (M.) — Noticia sobre os Botocudos, acompanhada de um vocabulario de seu idioma, e de algumas observações. T. 9, p. 107.

Joseph (padre). — Copia de uma sua carta escripta da Bahia de Todos os Santos, em Julho de 1565, ao Dr. Jacome Martins, provincial da companhia de Jesus. T. 3, p. 248.

S. José — (bispo D. Fr. João de). — Viagem e visita do sertão em o bispado do Grão-Pará, em 1762 e 1763. T. 9, p. 43, 179 e 476.

Juizo sobre os annaes da provincia de S. Pedro, publicados por José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo (2.ª edição). T. 1, p. 315.

Juizo da commissão de Historia sobre a obra—Compendio das eras da provincia do Pará—por Ladisláo Monteiro Baena. T. 2, p. 235.

Juizo sobre a obra intitulada — Examen critique de l'histoire de la Géographie du Nouveau Continent, par Alexendre de Humboldt. T. 2, p. 105.

Juizo sobre a obra intitulada — Histoire des relations commerciales entre la France et le Brésil, par Horace Say. Publicada em Pariz em 1839. T. 1, p. 308.

Juizo sobre a Historia do Brazil, publicada em Pariz pelo Dr. Francisco Solano Constancio. T. 1, p. 91.

Juizo sobre a obra — Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul — por Nicoláo Dreys. T. 2. p. 49.

Lacerda e Almeida (Dr. Francisco José de). — Memoria a respeito dos rios Baurès, Branco, da Conceição, de S. Joaquim, Itonamas e Maxupo; e das tres missões da Magdalena, da Conceição e de S. Joaquim. T. 12, p. 106.

Lagos (Manoel Ferreira). — Elogio historico do padre mestre Fr. José Mariano da Conceição Velloso. T. 2, p. 40 (supplemento).

— Relatorio dos trabalhos do Instituto, no 6.º anno academico. T. 6, p. 4 (supplemento).

— Relatorio dos trabalhos do Instituto, na 7.ª sessão anniversaria. T. 11, p. 89.

Lara (Diogo Arouche de Moraes). — Memoria da campanha de 1816, com a exposição dos acontecimentos militares das fronteiras de Missões e Rio Pardo, da capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul. T. 7, p. 125 e 273.

Lavradio (Marquez de). — Relatorio a Luiz de Vasconcellos e Souza, seu successor no vice-reinado do Rio de Janeiro. T. 4, p. 409.

Leite (Diogo). — Carta do mesmo para El-Rei, em 30 de Abril de 1528, encontrada e copiada na Torre do Tombo por Varnhagen. T. 6, p. 222.

Leite (Maximiano Antonio da Silva). — Memoria sobre o eclipse do sol, de 15 de Março de 1839. T. 1, p. 57.

— Memoria sobre o cometa visto em Março de 1843 no Rio de Janeiro. T. 5 p. 207.

Lembrança do que devem procurar nas provincias os socios do Instituto, para remetterem ao Rio de Janeiro. T. 1, p. 128.

Leme (Pedro Taques de Almeida Paes). — Historia da capitania de S. Vicente, escripta pelo mesmo senhor em 1772, desde a sua fundação por Martim Affonso de Souza em 1531. T. 9, p. 137, 293 e 445.

— Noticia historica da expulsão dos Jesuitas do collegio de S. Paulo. T. 12, p. 5.

Leonardo (padre). — Copia de uma carta do mesmo, escripta de S. Vicente a 23 de Junho de 1565. T. 4, p. 224.

Leopoldo (visconde de S.) — Discurso de abertura na sessão publica anniversaria do Instituto, em 3 de Novembro de 1838. T. 1, p. 255.

Leopoldo (visconde de S.) — Discurso de abertura da 3.ª sessão anniversaria. T. 3, p. 3 (supplemento).
— Discurso de abertura da 4.ª sessão anniversaria. T. 4, p. 1 (supplemento).
— Programma historico. — O Instituto Historico Geographico Brazileiro é o representante das idéas de illustração, que em differentes épocas se manifestaram em o nosso continente. T. 1, p. 66.
Levantamento em Minas Geraes, no anno de 1708. (Extracto da vida do padre Belchior de Pontes, escripta pelo padre Manoel da Fonseca, Jesuitas naturaes de S. Paulo). T. 3, p. 261.
Lima (padre Francisco das Chagas). — Memoria sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava. T. 4, p. 43.
Lisboa (conselheiro Balthazar da Silva). — Extracto dos annaes do Rio de Janeiro. — Das pessoas distinctas que ajudaram á fundação e edificação do Rio de Janeiro. T. 4, p. 248 e 318.
— Extracto dos Annaes do Rio de Janeiro. T. 5, p. 403.
— Recordação memoravel das pessoas illustres que serviram á gloria d'este paiz, até a época de 1710. T. 5, p. 420.
Lisboa (Miguel Maria). — *Memorandum* sobre limites do Brazil. T. 9, p. 436.
Lista dos membros do Instituto, em 1839. T. 1, p, 142, 252 e 367.
Lopes (Joaquim Francisco). — Itinerario da digressão que fez no exame de uma communicação de carro para o Paraguay. T. 13, p. 315.
Lund (Doutor). — Carta escripta da Lagôa Santa (Minas Geraes) ao Sr. 1.º secretario do Instituto. T. 4, p. 80.
— Correspondencia do mesmo senhor, da Lagôa Santa, sobre novas descobertas de ossos e craneos achados em suas escavações. T. 6, p. 326.
Madre de Deos (Fr. Gaspar da). — Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil, e das entradas das Religiões, e suas fundações, &c., copiada de um manuscripto do mosteiro de S. Bento de S. Paulo. T. 2, p. 425.
Magalhães (Dr. Domingos José Gonçalves de). — Memoria historica e documentada da revolução da provincia do Maranhão, desde 1839 até 1840. T. 10, p. 263.
Maia (Dr. Emilio Joaquim da Silva). — Elogio historico do Dr. José Pinto de Azeredo. T. 2, p. 59 (supplemento).
Mappa das tres principaes batalhas da campanha de 1816, pertencente ao appendice da memoria respectiva. *Vide* Lara. T. 7, p. 328.
Martins (Francisco de Souza). — Progresso do jornalismo do Brazil. T. 8, p. 362.

Martius (Dr. Carlos Frederico Ph. de). — Como se deve escrever a Historia do Brazil. — Dissertação offerecida ao Instituto pelo mesmo senhor. (O original acha-se nos MS. sob n.º 56). T. 6, p. 381.

Mascarenhas (D. Francisco de Assis). — Carta escripta pelo mesmo senhor no dia em que deu posse do governo da capitania de Goyaz a Fernando Delgado Freire de Castilho, nomeado seu successor. T. 5, p. 58.

Mascarenhas (José Freire de Montenegro). — Os Orizes conquistados, ou noticia da conversão dos indomitos Orizes Procazes, povos habitantes e guerreiros do sertão do Brazil; na qual se descreve tambem a aspereza do sitio da sua habitação, a cegueira de sua idolatria e barbaridade de seus ritos. T. 8, p. 494.

Medição, direcção, e observações da nova estrada que da cachoeira do rio Santa Maria, termo da villa da Victoria, segue pelo sertão intermedio á Villa Rica, &c. T. 6, p. 463.

Mello (Sebastião José de Carvalho e). — Officio que o ministro Portuguez em Londres escreveu para a côrte de Lisboa em 8 de Julho de 1741. T. 4, p. 505.

Memoria da fundação da igreja de S. Sebastião, com um catalogo dos prelados administradores da jurisdicção ecclesiastica, e dos reverendos bispos que tem havido até o presente. T. 2, p. 173.

Menezes (José Pedro Cezar de). — Roteiro para seguir a melhor estrada do Maranhão para a côrte do Rio de Janeiro, feito em 1810. T. 3, p. 464.

Montenegro (general Caetano Pinto de Miranda). — Resposta ao parecer sobre o aldeamento dos Indios Uaicurús e Guanás, do coronel Ricardo Franco de Almeida Serra. T. 7, p. 213.

Moreno (coronel José Ignacio do Couto). — Extracto de uma memoria enviada ao governo da provincia, com data de 27 de Novembro de 1843. T. 6, p. 443.

Museu de antiguidades americanas, fundado em Copenhagen pela Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, sob proposta de seu secretario o Sr. C. C. Rafn. T. 7, p. 94.

Navarro (desembargador Luiz Thomaz de). — Itinerario da viagem que fez por terra da Bahia ao Rio de Janeiro, por ordem do Principe Regente, em 1808. Manuscripto offerecido ao Instituto pelo Sr. F. A. de Varnhagen. T. 7, p. 443.

Nobrega (padre Manoel da). — Copia de uma carta que escreveu ao Ill.mo cardeal de S. Vicente; 1.º de Junho de 1560. T. 5, p. 328.

— Carta que escreveu ao padre mestre Simão, em o anno de 1549. — Idem idem para o padre mestre Simão, em 1549. T. 5, p. 429, 433 e 435.

Nobrega (padre Manoel da.) Carta mandada da capitania de Pernambuco, em o anno de 1551. T. 6, p. 104.
— Carta copiada do Real archivo de Lisboa. T. 2, p. 277.
— Informação das terras do Brazil, mandada pelo mesmo T. 6, p. 91.
Nogueira (capitão tenente da armada nacional e imperial José Maria). — Viagem feita pelo commandante do vapor de guerra *Guapiassú*, primeiro que subiu o Amazonas. T. 6, p. 378.
Notas lidas pelo barão de Cayrú sobre a questão Wise. T. 14, p. 475.
Noticia (Breve). — Sobre a creação do Instituto. T. 1, p. 3.
Noticia sobre o thesouro descoberto no maximo rio Amazonas, escripta por F. A. de Varnhagen. T. 2, p. 319.
Noticia sobre os Indios Tupinambás, seus costumes, &c. *Vide* Soares de Souza (Gabriel).
Noticia sobre a obra publicada em Copenhagen pela Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, com o titulo — Antiquitates Americanæ, &c. T. 2, p. 202.
Noticia da fundação e principios da aldêa de S. João de Queluz, provincia de S. Paulo. T. 5, p. 69.
Noticia da sessão publica anniversaria do Instituto, celebrada no dia 14 de Dezembro de 1844. T. 6, p. 1 (supplemento).
Noticias e reflexões sobre as minas de Cantagallo, na provincia do Rio de Janeiro, escriptas em 1805. T. 12, p. 518.
Nunes (Antonio Duarte), — Memoria do descobrimento e fundação da cidade do Rio de Janeiro, no anno de 1779. T. 1, p. 110 e 218.
Nunes (Diogo). — escripta a D. João III, encontrada e copiada na Torre do Tombo por Varnhagen. T. 2, p. 364.
Officio do coronel commandante das forças do Sul da provincia de S. Paulo, e outros documentos relativos á descoberta que acaba de effectuar na mesma provincia, dos campos denominados do — Paiqueré. — Copias remettidas ao Instituto por aviso do ministerio da guerra. T. 4, p. 519 (acta de 6 de Outubro de 1842).
Officio e relatorio que ao ministerio da guerra dirigiu o coronel commandante superior João da Silva Machado, a respeito das explorações feitas nos campos denominados do — Paiqueré. — Copias remettidas ao Instituto por aviso do ministerio da guerra. T. 4, p. 99 (acta de 9 de Fevereiro de 1843).
Officio do governador, participando ao ministerio, não só conter riqueza de ouro os corregos da estrada de Minas, como de haver tres familias de Indios Puris procurado aldearem-se junto ao quartel da villa do Principe. — Resposta ao officio supra,

e descripção da estrada para a provincia de Minas Geraes pelo rio Santa Maria. T. 6, p. 460 e 461.

Oliveira (coronel José Joaquim Machado de). — A celebração da Paixão de Jesus Christo entre os Guaranis. T. 4, p. 331.

— Descripção do convento da Penha na provincia do Espirito Santo. T. 5, p. 113.

— Noticia sobre as aldêas dos Indios da provincia de S. Paulo, desde seu começo até a actualidade. T. 8, p. 204.

— Plano de uma colonia militar no Brazil. T. 7, p. 240.

— Programma: — « Se todos os indigenas do Brazil, conhecidos até hoje, tinham idéa de uma unica divindade, &c. » Desenvolvido pelo mesmo senhor. T. 6, p. 133.

— Programma. « Qual era a condição social do sexo feminino entre os indigenas do Brazil. » — Desenvolvido pelo mesmo senhor.— T. 4, p. 168.

Oliveira (major Manoel Rodrigues de). — Novos indicios da existencia de uma antiga povoação abandonada no interior da provincia da Bahia. Noticia communicada ao Instituto pelo mesmo Sr. — T. 10, p. 363.

Paim (Roque Monteiro). — Copia da resposta que o secretario de Estado deu a Mr. de Rouillé, embaixador de França em Lisboa, sobre a sua replica offerecida para mostrar que pertencem á corôa de França as terras do Cabo do Norte. T. 8, p. 453.

Paiva (Joaquim Gomes de Oliveira e). — Memoria historica sobre a colonia allemãa de S. Pedro de Alcantara, estabelecida na provincia de Santa Catharina. T. 10, p. 504.

Parecer sobre a 2.ª parte da chronica dos frades menores da provincia de Santo Antonio do Brazil, por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão. T. 2, p. 369.

Parecer da commissão de geographia sobre os mappas seguintes: 1.° — Mappa ou planta topographica planispherica da imperial provincia de S. Paulo, levantada pelo tenente coronel de engenheiros José Antonio Teixeira Cabral. — 2.° Mappa da comarca do Sabará, levantado em 1817 por Bernardo José da Gama. T. 2, p. 113.

Parecer da commissão especial, encarregada de examinar os ossos fosseis, remettidos de Cantagallo ao Instituto por M. Jacob von Erven. T. 7, p. 519.

Parecer da commissão ácêrca da creação de uma arca de sigillo no gremio do Instituto. T. 13, p. 133. (Acta de 16 de Fevereiro de 1850.)

Parecer da commissão de historia ácêrca da obra intitulada: Reflexões criticas, sobre o escripto do seculo 16.° impresso com o

titulo de Noticia do Brazil, por Francisco Adolpho de Varnhagen. T. 2, p. 109.

Parecer sobre o 1.° e 2.° vol. da obra—Voyage pittoresque au Brésil, par J. B. Debret. T. 3, p. 95.

Parecer da commissão especial encarregada pelo Instituto de ajuizar do merito das duas memorias que se offereceram ao concurso do premio proposto sobre o melhor plano de se escrever a historia antiga e moderna do Brazil. T. 9, p. 273 (Acta de 20 de Maio de 1847.)

Parecer da commissão de historia sobre o escripto de Mr. F. Denis. — Une fête brésilienne à Rouen, &. T. 14, p. 443.

O Senhor D. Pedro II (S. M. I.) Veja-se *Resposta.*

Pinto Bandeira (Joaquim José).—Noticia da descoberta do Campo de Palmas. T. 14, p. 423.

Pires (Padre Antonio).—Carta que escreveu do Brazil, da capitania de Pernambuco, aos irmãos da Companhia, de 2 de Agosto de 1551. T. 6, p. 95.

Pizarro (Monsenhor).—Extracto das memorias sobre o Rio de Janeiro. T. 6, cap. 7.—Do assento primeiro da igreja cathedral, da sua mudança para outros lugares. T 5, p. 443.

Plano economico e provincial para o estabelecimento do Correio d'esta côrte para a cidade da Bahia. T. 7, p. 464.

Pontes (Manoel José Pires da Silva).—Extracto de uma viagem feita á provincia do Espirite Santo pelo mesmo senhor. T. 1, p. 333.

Pontes (R. de S. da Silva).—Programma: « Onde apprenderam, e quem foram os artistas que fizeram levantar os templos dos Jesuitas em missões, e fabricaram as estatuas que alli se acharam collocadas?—Desenvolvida pelo mesmo senhor ». T. 4, p. 65.

—Programma « Quaes os meios de que se deve lançar mão para obter o maior numero possivel de documentos relativos á Historia e Geographia do Brazil. Desenvolvido por—. T. 4, p. 149.

Porto-Alegre (Manoel de Araujo).—Discurso recitado no acto de baixar á sepultura o corpo do Secretario Perpetuo o Conego Januario da Cunha Barboza. T. 8, p. 145. (Acta de 8 de Março de 1846).

—Elogio dos Socios finados no 6.° anno Academico. T. 6, p. 36 (supplemento.)

—Memoria sobre a antiga Escola de Pintura fluminense. T. 3, p. 33, (supplemento).

Prado (Francisco Rodrigues do).—Historia dos Indios Cavalleiros, ou da Nação Guaycurú, escripta no Real Presidio de Coimbra. T. 1, (Reimpressão da que publicou o *Patriota*) p. 21.

Prazeres Maranhão (Fr. Francisco dos). — Collecção de etymologias brazileiras. T. 1, p. 69.
Privilegios (Translado dos) que Sua Magestade concedeu aos cidadãos da Bahia de Todos os Santos. T. 8, p. 512.
Projecto de uma estrada da Bahia ao Rio de Janeiro. T. 5, p. 251.
Projecto de uma estrada da cidade do Desterro ás Missões do Uruguay, e de outras providencias que devem servir de ensaio ao melhoramento da provincia de Santa Catharina. T. 7, p. 534.
Provisão Regia do anno de 1752, para se construir uma fortaleza no Rio Branco. T. 4, p. 501.
Przewodowski (André). — Communicação entre a cidade da Bahia e a villa do Joazeiro. T. 10, p. 374.
Rafn (C. C.).—Memoria sobre o descobrimento da America no seculo decimo. T. 2, p. 208.
Rebello (José Silvestre).—Discurso sobre a palavra *Brazil*. T. 1, p. 286.
—Discurso sobre a palavra *Brazil*, para servir de supplemento á Memoria lida na 1.ª sessão publica anniversaria. T. 2, p. 66 (supplemento).
— Programma « Se a introducção dos escravos Africanos no Brazil embaraça a civilisação dos nossos indigenas, &c., desenvolvido por—T. 1, p. 153.
Rebello e Silva (Thomaz da Costa Correia).—Memoria sobre a provincia de Missões; copiada de um MS. offerecido ao Instituto. T. 2, p. 153.
Registo do regimento de S. A. Real, que trouxe Roque da Costa Barreto, do conselho de S. A., general do Estado do Brazil, a cujo cargo está o governo d'elle. T. 5, p. 288.
Reinault (Pedro Victor). — Relatorio da exposição dos rios Mucury e Todos os Santos, feita por ordem do Ex.mo Governo de Minas Geraes, tendente a procurar um ponto para degredo. T. 8, p. 356,
Reis (coronel Manoel Martins do Couto).—Memoria sobre a fazenda de Santa Cruz. T. 5, p. 143.
Relação da acclamação que se fez na capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brazil, e nas mais do Sul, ao Sr. Rei D. João IV, por verdadeiro Rei e Senhor do seu Reino de Portugal. T. 5, p. 319.
Relação abreviada da Republica, que os religiosos Jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios Ultramarinos das duas Monarchias, e da guerra que n'elles tem movido e sustentado contra os exercitos hespanhoes e portuguezes. T. 4, p. 265.
Relação Historica de uma occulta e grande povoação antiquissima

sem moradores, que se descubriu no anno de 1753, nos sertões do Brazil: copiada de um MS. da Bibliotheca P. do Rio de Janeiro. T. 1, p. 181.

Relação do levantamento que houve nas Minas Geraes no anno de 1720, governando o conde de Assumar D. Pedro de Almeida. T. 3, p. 275.

Relação dos manuscriptos a respeito do Brazil existentes no Archivo da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros. T. 4, p. 394.

Relação das mattas das Alagôas, que tem principio no Lago do Pescoço, e de todas as que ficam ao Norte d'estas até ao Rio da Ipojuca, distante 10 leguas de Pernambuco. T. 7, p. 507.

Relação das mattas da capitania da Parahyba; offerecida pelo Sr. Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça. T. 6, p. 351.

Relação verdadeira de tudo o succedido na Restauração da Bahia de Todos os Santos, desde o dia em que partiram as armadas de S. M., até o em que na dita cidade foram arvorados seus estandartes, &c. (Reimpressão da avulsa pub. em 1625). T. 5, p. 476.

Relação de uma viagem á serra dos Orgãos. T. 3, p. 76.

Relatorio sobre a inscripção da Gavia, mandada examinar pelo Instituto T. 1, p. 86.

Rendon (José Arouche de Toledo). — Memoria sobre as aldêas de Indios da provincia de S. Paulo, segundo as observações feitas no anno de 1798. T. 4, p. 295.

Representação dirigida em 1707 a El-Rei D. João V, pelos Portuguezes residentes no Rio de Janeiro, ácerca do procedimento que contra elles tinham os filhos da terra nas eleições do senado da camara. T. 10, p. 108.

Requerimento (copia do) que fez o bispo de Marianna com data de 13 de Abril de 1752. T. 6, p. 202.

Resposta que S. M. I. se dignou dar ao discurso do Ex.mo Presidente do Instituto, no acto de assistir o mesmo Augusto Senhor á sessão do Instituto. T. 12, p. 551.

— Fac-simile da mesma resposta, toda escripta do punho imperial, entregue por S. M. No fim do mesmo volume.

Resumo do itinerario de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Parapanema, e seus affluentes, pelo Paraná, Irahy e sertões adjacentes, emprehendida por ordem do Ex.mo Sr. barão de Antonina. T. 9, p. 17.

Ribeiro (major Francisco de Paula). — Descripção do territorio de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão, propriedades dos seus terrenos, suas producções, caracter de seus habitantes, colonos, e estado actual de seus estabelecimentos. T. 12, p. 41.

Ribeiro (major Francisco de Paula). — Roteiro da viagem que fez ás fronteiras da capitania do Maranhão e da de Goyaz, no anno de 1815. T. 10, p. 5.

— Memoria sobre as nações gentias que habitam o continente do Maranhão. T. 3, p. 184.

Rivara (Joaquim Heliodoro da Cunha). — Artigo ácerca dos indigenas da costa do Brazil (extrahido do Panorama). T. 7, p. 524.

Roteiro da viagem do desembargador Henrique da Silva, e do major de engenheiros Manoel Cardozo Saldanha, á serra dos Montes Altos, para o estabelecimento da fabrica de salitre, &c. T. 5, p. 447.

Sá (Manoel José Maria da Costa e). — Relatorio sobre as obras do Dr. Ferreira, apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa. T. 2, p. 510.

Saldanha (José de). — Diario resumido do reconhecimento dos campos de novo descobertos sobre a serra geral nas cabeceiras do rio Pardo. T. 3, p. 64.

Sampaio (bacharel Francisco Xavier Ribeiro de). — Relação geographica historica do rio Branco da America Portugueza, composta pelo mesmo, sendo ouvidor da capitania de S. José do Rio Negro. T. 13, p. 200.

— Extracto da viagem, que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o mesmo bacharel, como ouvidor e intendente geral, nos annos de 1774 e 1775. T. 1, p. 97.

Santarém (visconde de). — Carta ácerca de um *Memorandum* publicado no 2.° vol. da 2.ª serie, p. 436, sobre questões de limites do Brazil. T. 12, p. 414.

Saraiva (Matheus). — Carta do mesmo ao abbade Diogo Barboza Machado, em 1742. Manuscripto offerecido ao Instituto pelo conego J. da Cunha Barboza. T. 6, p. 357.

Segurado (Dr. Rufino Theotonio). — Viagem de Goyaz ao Pará, em 1846 e 1847. T. 10, p. 178.

Sentença proferida contra os réos implicados na conspiração de Minas Geraes, em 1788. T. 8, p. 311.

Serqueira (Thomaz José Pinto). — Elogio historico dos membros fallecidos no 3.° anno social. T. 3, p. 24 (supplemento).

Sequeira (Joaquim da Costa). — Compendio historico chronologico das noticias do Cuyabá, repartição da capitania de Matto Grosso, desde o principio do anno de 1778 até o fim do anno de 1817. T. 13, p. 5.

Serra (Ricardo Franco de Almeida). — Reflexões sobre a capitania de Matto Grosso, offerecidas ao governador e capitão general

da mesma capitania João de Albuquerque de Mello Pereira Caceres. T. 12, p. 377.
Serra (Ricardo Franco de Almeida.— Extracto da descripção geographica da provincia de Matto Grosso, feita em 1797. T. 6, p. 156.
—Memoria, ou Informação dada ao governo sobre a capitania de Matto-Grosso em 31 de Janeiro de 1800. T. 2, p. 19.
—Navegação do Rio Tapajós para o Pará: escripta em 1799, sendo governador Caetano Pinto de Miranda Monte Negro. T. 9. p. 1.
—Parecer sobre o aldeamento dos Indios Uaicurús e Guanás, com a descripção de seus usos, religião, estabilidade e costumes. — T. 7, p. 204 e T. 13, p. 348.
Silva (João Caetano da).—Digressão feita por,—em 1817, para descobrir a nova navegação entre a capitania de Goyaz e a de S. Paulo, &c. T. 2, p. 312.
Silva (Dr. Joaquim Caetano da). —Memoria sobre os limites do Brazil com a Guyana Franceza, conforme o sentido exacto do art. 8.° do Tratado de Utrecht. T. 13, p. 421.
Silva (Manoel de Campos). —Descripção do Rio Paraná. T. 2, p. 304.
Silva (o tenente-coronel Vicente Ayres da). — Itinerario pelo rio do Somno acima. T. 13, p. 438.
Soares de Souza (Gabriel).—Tratado descriptivo do Brazil em 1587, commentado por F. A. de Varnhagen T. 14, p. 1 a 422.
—Noticia dos Tupinambás. — É um resumo dos cap. 147 e segg. da 2.ª parte da obra mencionada. T. 1, p. 190.
Southey (Roberto).—Conspiração em Minas Geraes no anno de 1788 para a Independencia do Brazil. Artigo traduzido da Historia do Brazil de—, e illustrado de notas pelo conselheiro José de Rezende Costa. T. 8, p. 297.
Souza (conego André Fernandes de). —Noticias Geographicas da capitania do Rio Negro no grande rio Amazonas, exornadas com varias noticias historicas do paiz, do seu governo civil e politico, e de outras cousas dignas de attenção. T. 10, p. 411.
Souza (padre Luiz Antonio da Silva).—Memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goyaz. É reimpressão da que se publicou na 3.ª subscripção do *Patriota* do Rio de Janeiro, « Julho e Agosto de 1814. T. 12, p. 429.
Souza (Luiz de Vasconcellos e). — Officio do mesmo Vice-Rei, com a copia da relação instructiva e circumstanciada para ser entregue ao seu successor. T. 4, p. 2 e 129.
Teixeira (Bento). — Relação do naufragio da náo *Santo Antonio*. T. 13, p. 279.

Teixeira (Fr. Domingos). — Extracto da vida de Gomes Freire de Andrade, capitão general do Maranhão, Pará e rio das Amazonas no Estado do Brazil. T. 3, p. 410.
Teixeira (Dr. José João). — Extracto da memoria manuscripta do mesmo, pelo Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes. T. 6, p. 284.
Thesouro descoberto no rio Amazonas (principio da 2.ª parte), copiado de um manuscripto da bibliotheca publica do Rio de Janeiro. T. 2, p. 328 e 445. T. 3, p. 158, 282 e 372.
Tovar (Manoel Vieira de Albuquerque). — Informação do mesmo sobre a navegação do rio Doce. T. 1, p. 159.
Van-Lede (Carlos). — Geologia da provincia de Santa Catharina. — Artigo extrahido da Memoria historica, estatistica e commercial, do mesmo senhor sobre a provincia de Santa Catharina. T. 7, p. 87 e 178.
Variedades. — T. 5, p. 383.
Varnhagen (F. Adolpho). — Varias biographias. *Vide*, no fim do Indice, nas biographias.
— Commentarios á obra de Gabriel Soares. T. 14, p. 367.
— O *Caramarú perante a historia.* — Dissertação apresentada em concurso aberto pelo Instituto e premiada; sendo o premio renunciado pelo autor. T. 10, p. 129.
— Juizo submettido ao Instituto ácerca do Compendio da Historia do Brazil pelo Sr. J. Ignacio de Abreu Lima. T. 6, p. 60.
— Carta em additamento ao dito juizo, escripta em Sevilha em 1846. T. 13, p. 396.
— Correspondencia ácerca dos habitantes do Brazil condemnados pelo Santo Officio em Lisboa, desde o anno de 1711 até 1767. T. 6, p. 322.
— Additamento. *Vide* Excerptos. T. 7, p. 54 e 427.
— Carta sobre ethnographia indigena, linguas, emigrações e archeologia, padrões de marmore dos primeiros descobridores, &c. T. 12, p. 366.
— Sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas no Brazil. T. 3, p. 53.
Vianna (Candido José de Araujo). — Discurso do Ex.mo Sr. Vice-Presidente do Instituto, na abertura da 5.ª sessão publica anniversaria do Instituto. T. 5, p. 2.
— Discurso do mesmo Ex.mo Sr. Vice-Presidente do Instituto, na sessão anniversaria de 14 de Dezembro de 1844. T. 6, p. 2 (supplemento).
— Discurso dirigido a S. M. o Imperador, na occasião de assistir o mesmo Augusto Senhor á sessão do Instituto. T. 12, p. 550.
— Idem na 7.ª sessão publica, como Presidente do Instituto. T. 11, p. 87.

Vianna (Dr. João Antonio de Sampaio).—Breve noticia da primeira planta de café que houve na comarca de Caravellas ao Sul da provincia da Bahia, escripta em 1842. T. 5, p. 73.
Vieira (padre Antonio).—Annua da missão dos mares verdes,—do anno de 1624—1625, mandada a Roma pelo—.
—Annua da missão da capitania do Espirito Santo, do anno de 1624—1625. T. 5, p. 335 a 339.
— Copia de uma carta para El-Rei Nosso Senhor, sobre as missões do Ceará, do Maranhão, do Pará, e do grande Rio das Amazonas. P. 4, p. 111.
—Villegagnon (Nicol).—Carta (traducção da) que Nicolau Villegagnon escreveu da America (Rio de Janeiro) a Calvino. T. 2, p. 198.
Warden.—Investigações sobre as povoações primitivas da America &c. T. 5, p. 187.

Biografias de Brazileiros illustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brazil ou ao Brazil.

D. Affonso (S. A. o Principe Imperial).—Composições de differentes socios em prosa e verso por occasião de sua morte; no T. 11 (4.º da 2.ª Serie), p. 8 a 84..
Alexandre Rodrigues Ferreira, por R. de S. da Silva Pontes. T. 2, p. 499.
Noticia dos escriptos do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. T. 2, p. 503.
Antonio José da Silva—por Varnhagen. T. 9, p. 114.
Dr. padre Antonio Tereira de Souza Caldas. T. 2, p. 126.
Padre Antonio Vieira.—Epitome da vida do—, pelo Sr. Roquete. T. 6, p. 229.
Ararigboya (depois Martim Affonso), pelo conego J. da Cunha Barboza. T. 4, p. 207.
Conselheiro Balthazar da Silva Lisboa, pelo Ex.mo Sr. Bento da Silva Lisboa (barão de Cayrú). T. 2, p. 383.
Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, pelo conego J. da Cunha Barboza. T. 2, p. 255.
Bento Teixeira—(Pinto?).—T. 13, p. 274 e 402.
Bernardo Vieira Ravasco.—T. 4, p. 377.
Caravellas.—*Vide* marquez de—.
Cayrú.—*Vide* José da Silva Lisboa.
Christovão Colombo.—Traduzida pelo Ex.mo Bispo do Pará D. José Affonso de Moraes. T. 7, p. 3.

Fr. Christovão da Madre de Deos Luz, pelo abbade Barboza. T. 13, p. 125.
D. Clara Felippa Camarão, pelo Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva. T. 10, p. 387.
Claudio Manoel da Costa, pelo Sr. J. M. Pereira da Silva. T. 12, p. 529.
Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Mello, pelo conego J. da C. Barboza. T. 4, p. 88.
Diogo Arouche de Moraes Lara, pelo Sr. J. J. Machado de Oliveira. T. 7, p. 256.
Beneficiado Domingos Caldas Barboza, pelo conego J. da Cunha Barboza. T. 4, p. 210.
— Outra biographia (com o retrato), por F. A. de Varnhagen. T. 14, p. 449.
Euzebio de Mattos, por F. A. de Varnhagen. T. 8, p. 540.
Francisco Agostinho Gomes, pelo Sr. Bivar. T. 4, p. 28 (supplemento).
Francisco de Brito Freire, por Diogo Barboza Machado. T. 6, p. 369.
D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, por F. A. de Varnhagen. T. 2, p. 377.
Dr. Francisco de Mello Franco. T. 5, p. 345.
Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio. (Do *Ostensor Brasileiro*). T. 7, p. 266.
Fr. Francisco de S. Carlos, pelo Sr. J. M. Pereira da Silva. T. 10, p. 524.
Padre Francisco de Souza, pelo abbade Barboza. T. 10, p. 244.
Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. — Copiada de um MS. do Porto. T. 7, p. 404.
Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza, por Diogo Barboza. T. 5, p. 80.
Dr. Gaspar Gonçalves de Araujo. T. 5, p. 349.
Conego Gaspar Ribeiro Pereira. (Das Memorias de Pizarro.) T. 5, p. 494.
Gregorio de Mattos, pelo conego J. da C. Barboza. T. 3, p. 333.
O conselheiro Henrique de Walenstein, pelo conego J. da Cunha Barboza. T. 6, p. 111.
Brigadeiro Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, pelo conego J. C. Barboza. T. 5, p. 227.
Ignacio José de Alvarenga Peixoto. — 1.ª T. 12, p. 400. — 2.ª T. 13, p. 513.
Fr. Ignacio Ramos, pelo abbade Barboza. T. 13, p. 126.
João Baptista Vieira Godinho. — Copiada da *Minerva* n.º 14, T. 6, p. 492.
João de Brito e Lima, por F. A. de Varnhagen. T. 10, p. 116.

João Fernandes Vieira (o Castrioto Lusitano): escripta para o *Panorama* por F. A. de Varnhagen. T. 5, p. 82.
João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, pelo conego J. da Cunha Barboza. T. 2. p. 118.
Joaquim Francisco do Livramento, pelo Sr. Joaquim Gomes de Oliveira Paiva, T. 8, p. 391.
Jorge de Albuquerque Coelho, pelo abbade Barboza. T. 5, p. 79.
O Jesuita José de Anchieta, pelo Sr. Accioli. T. 7, p. 551.
Tenente general José Arouche de Toledo Rendon, pelo Sr. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. T. 5, p. 491.
José Bazilio da Gama. T. 1, p. 139.
José Bonifacio de Andrada e Silva.—Elogio Historico, pelo Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia. T. 8, p. 116.
José Borges de Barros, pelo abbade Barboza. T. 7, p. 557.
José Eloy Pessoa, pelo Sr. Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva. T. 4, p. 91.
D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. T. 1, p. 337.—7, p. 106.
D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco. (Das Memorias de M. Pizarro.) T. 4, p. 368.
José Monteiro de Noronha, pelo conego J. da C. Barboza. T. 2, p. 252.
José de Sá Bittancourt Accioli, pelo Sr. J. Accioli de Cerqueira e Silva. T. 6, p. 107.
Fr. José de de Santa Rita Durão, por F. A. de Varnhagen. T. 8, p. 276.
José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú.—Escripta por seu filho o conselheiro Bento da Silva Lisboa (barão de Cayrú.) T. 1, p. 227.
Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. T. 1, p. 340.
Conego José de Souza Marmelo.—Copiada das Memorias de Pizarro. T. 6, p. 495.
Luiz de Niemeyer Bellegarde (artigo necrologico). T. 1, p. 125.
Manoel Botelho de Oliveira, por F. A. de Varnhagen. T. 9, p. 124.
Brigadeiro Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, pelo Sr. Antonio Joaquim Damasio. T. 6, p. 362.
Dr. Manoel Ferreira da Camara Bitancourt e Sá, pelo Sr. Dr. J. F. Sigaud. T. 4, p. 515.
Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, pelo conego J. da Cunha Barboza. T. 3, p. 338.
O Jesuita Manoel da Nobrega, pelo Sr. Accioli. T. 7, p. 406.
Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, por F. A. de Varnhagen. T. 10, p. 240.

D. Maria Ursula de Abreu Lencastre, pelo Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva. T. 3, p. 225.
Marquez de Caravellas, José Joaquim Carneiro de Campos, pelo conego J. da Cunha Barboza. T. 3, p. 431.
Marquez de Paranaguá, pelo Sr. Conselheiro Candido Baptista de Oliveira. T. 9, p. 398.
Martim Affonso de Souza, por F. A. de Varnhagen. T. 5, p. 232. T. 6, p. 118.
Paranaguá. — *Vide* marquez de —.
Pedr'Alvares Cabral. T. 5, p. 496.
Pelotas. — *Vide* visconde de —.
Pero Lopes de Souza, por F. A. de Varnhagen. T. 5, p. 352. T. 6, p. 118.
D. Romualdo de Souza Coelho, bispo do Pará, por A. L. Monteiro Baena. T. 3, p. 423.
D. Rosa Maria de Siqueira, pelo Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva. T. 3, p. 222.
Salvador Corrêa de Sá Benavides, por F. A. de Varnhagen. T. 3, p. 100.
Complemento. — T. 5, p. 224.
Sebastião da Rocha Pita, pelo Sr. J. M. Pereira da Silva. T. 12, p. 258.
Thomaz Antonio Gonzaga, por F. A. de Varnhagen. T. 12, p. 120. T. 13, p. 405.
Vicente Coelho de Seabra, por F. A. de Varnhagen. T. 9, p. 261.
Visconde de Cayrú. — *Vide* José da Silva Lisboa.
Visconde de Pelotas (Patricio José Corrêa da Camara). T. 9, p. 555.

Rio de Janeiro. 1851. Typ. Universal de LAEMMERT, r. dos Inv., 61 B.